

Joseph Goebbels

Diário Últimas Anotações 1945



O DIÁRIO DE GOEBBELS

De que modo se justificaria a edição, hoje, de uma obra como esta? Por que dar a público, num autêntico trabalho de exumação, as últimas anotações diárias, cobrindo um período que vai da quarta-feira 28 de fevereiro à terça 10 de abril de 1945, daquele que foi talvez o mais fiel, o mais dedicado, o mais apaixonado colaborador e seguidor de Adolf Hitler? Em que tais anotações, e os fatos e as reflexões sobre eles que aí se fazem, poderão ser úteis, convenientes à formação de uma possível posição crítica no leitor de hoje — tanto aquele que viveu, mesmo de longe, o vasto e dilacerante drama da segunda guerra mundial, quanto aquele nascido após seu término — em relação ao nazismo e a todas as suas articulações em nível político, econômico, social, psicológico, cultural?

Ora, o que se extrai, de saída, dessas anotações é o perfil de uma personalidade “excepcional”: qualquer estudante da mais elementar psicologia ficaria talvez fascinado em constatar que, se Joseph Goebbels fosse um pouco menos baixo do que na realidade era, se não tivesse um defeito no pé que verdadeiramente o horrorizava, se tivesse uma voz um pouco mais bem modulada, menos gritante, e “ar” mais provido de um charme que ele, por não tê-lo, imaginava “especificamente” masculino, ou melhor, másculo, não se teria entregue, de corpo e, por incrível que pareça, alma àquilo que, a partir de 1924, lhe pareceu ser a missão de *todo* e *qualquer* ser humano: *salvar* o mundo através da vertiginosa, violenta, irreversível, fanática, ditatorial implantação do nazismo.

Note-se, a título de, pelo menos, uma outra curiosidade, que o Dr. Goebbels começou por achar que havia encontrado seu caminho na vida, em 1919, quando “descobriu” para si a obra de Marx e Engels, e se deixara inebriar pela figura de Lênin. Acrescente-se, ainda, que em janeiro de 1926, já nazista, com sua carreira

de militante em ascensão, ele escrevia: “Nada é possível sem a Rússia. A Rússia é o alfa e o ômega de toda a política exterior consequente”. Posição, aliás, que está na base do célebre pacto germano-soviético, e de que ele não recuou até seus últimos dias de vida no *bunker* de Berlim.

Mas, tais complexos, tais frustrações, tais oscilações e desequilíbrios ideológicos, que poderiam ter-se confinado numa existência apagada, comum, consumida em si e por si mesma, ou num divã psicanalítico ou na poeira das excelentes bibliotecas alemãs, devem ser vistos, hoje, a partir também destas anotações, e não só da “história” oficial estabelecida, como uma das mais autênticas cristalizações, como, por assim dizer, verdadeira metáfora do que foi e, infelizmente sempre poderá ser, um regime ditatorial — abertamente nazista ou não.

Para além ou aquém da análise, cada vez mais necessária, das causas históricas que possibilitaram a ascensão do nazismo — e para isso este livro também é útil, por mais que nos repugne saber que certas opiniões de Goebbels sobre os Aliados e suas dissensões e suas ambições e seus planos de partilha do mundo, talvez desde Versailles, sejam corretas —, o leitor de hoje deverá ler aqui uma advertência. Aquela que, de imediato, despertará nele o horror por todo e qualquer regime totalitário, por todo e qualquer regime que se sustente nas fixações ideológicas, sempre inevitavelmente fanáticas, de um só ou de um reduzido grupo de homens. Advertência, por exemplo, que não faria mal ao homem comum dos regimes que hoje se dizem comunistas, pelo menos alguns da Europa oriental; e, infeliz e ironicamente, ao homem comum de um regime, como este, brasileiro, que se quer nos antípodas daqueles outros.

É assim que a Nova Fronteira, com publicar este *Diário*, oferece ao leitor brasileiro a oportunidade de, senão responder, ao menos manter vivas as questões aqui suscitadas.

Quanto ao mais: para bom entendedor, meia palavra basta. . .





Diário
Últimas Anotações
1945



Joseph Goebbels

Diário
Últimas Anotações
1945

Tradução de
LYA LUFT



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Título original em alemão:
TAGEBÜCHER 1945

© Hoffmann und Campe Verlag, Hamburgo 1977

Direitos adquiridos para a língua portuguesa, no Brasil, pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Maria Angélica, 168 — Lagoa — CEP 22.461 — Tel.: 266-7474
Endereço telegráfico: NEOFRONT
Rio de Janeiro — RJ

Capa:
ROLF GUNTHER BRAUN

Diagramação:
CELSO NASCIMENTO

Revisão:
REVISART: ASSESSORIA EDITORIAL

FICHA CATALOGRÁFICA
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Goebbels, Joseph.
G538d Diário / Joseph Goebbels; tradução [de] Lya Luft. — Rio de Janeiro: Nova
Fronteira, 1978.

Tradução de: Tagebücher 1945
Bibliografia

1. Goebbels, Joseph, 1897-1945 I. Título

78-0436

B
CDD — 923.243
CDU — 92Goebbels, Joseph

SUMÁRIO

<i>Comentário</i>	11
<i>Nota da Editora</i>	13

NOTAS DE UM DIÁRIO

<i>28 de fevereiro de 1945, quarta-feira</i>	17
Diálogo com Hitler na Chancelaria do Reich. Crítica a Göring. Elogio a Dönitz.	
<i>1.º de março de 1945, quinta-feira</i>	19
O General Vlassov visita Goebbels. O caráter de Stalin. Perigosa propaganda bolchevista. Goebbels escuta sua própria fala no rádio. Comparação do presente com a Guerra Púnica e com a Guerra dos Sete Anos.	
<i>2 de março de 1945, sexta-feira</i>	25
Reflexos da imprensa internacional sobre a Conferência de Ialta. Franco é um "galo de briga". "A todo este sofrimento acrescenta-se agora a fome." Um novo exército constituído das unidades de reserva. "A guerra aérea festeja as mais loucas orgias." "O Reich paulatinamente se transforma num deserto."	
<i>3 de março de 1945, sábado</i>	30
Sepp Dietrich critica as medidas de Hitler. "A guerra aérea, tema doloroso." Goebbels a favor da cessação das licenças. Speer é o homem certo no lugar certo. A reforma financeira do Conde Schwerin von Krosigk. Falta de energia torna-se cada vez pior em Berlim. Cerca de 6.000.000 de moradias no Reich totalmente destruídas. Goebbels lê escritos de Gneisenau e Scharnhorst sobre a preparação da guerra popular do ano de 1808.	
<i>4 de março de 1945, domingo</i>	36
Greves nos Estados Unidos e na Inglaterra. Nada mais de evacuações no oeste. Hitler visita o <i>front</i> no leste. Apelo radiofônico do Gauleiter Hanke, da sitiada Breslau.	
<i>5 de março de 1945, segunda-feira</i>	42
"Um problema difícil": o comportamento receptivo da população nos territórios ocupados do oeste. Prolongada conferência com Hitler: ele concorda com a formação de batalhões femininos em Berlim. Hitler considera possível um entendimento com Stalin. Göring, bode expiatório. Ribbentrop, "o mau espírito do Führer".	

- 6 de março de 1945, terça-feira 51
Bandeiras brancas na cidade natal de Goebbels, Rheydt. Aviões rápidos alemães sobre Londres: reinstala-se ali o *black-out*. Fome na Europa Ocidental desperta esperanças. Goebbels exige balanço semanal da defesa de Berlim. Speer agora controla também as ferrovias. Dinamitam-se as pontes do Reno.
- 7 de março de 1945, quarta-feira 56
Elogio dos especialistas militares ocidentais para as retaguardas alemãs. Esperança na guerra submarina. No momento, não há chances políticas para a Alemanha. Memoriais sobre a reforma do serviço diplomático. Tito, líder popular de alta envergadura. Defesa de uma simplificação radical do sistema de mobilização.
- 8 de março de 1945, quinta-feira 65
Churchill visita as tropas britânicas no Reno. Compaixão de Goebbels pelo "mundo burguês em decadência". 110 trens para evacuação do Comando Supremo da Wehrmacht. Comando Supremo do Exército, de Berlim. Visita ao enfermo Himmler em Hohenlyncchen. Queixas sobre o moral baixo das tropas. Hitler favorável à evacuação dos postos superiores de comando de Berlim.
- 9 de março de 1945, sexta-feira 72
Churchill espera o fim da guerra para dentro de dois meses. Detalhes da propaganda inimiga. "O povo italiano não é digno do seu Duce". O Dr. Ley, "um jornalista como nenhum deveria ser". Viagem a Görlitz e Lauban. Encontro com o General Schörner. Visita ao *front* avançado. Regresso noturno, ao longo do *front*.
- 10 de março de 1945, sábado 79
Cabeça-de-ponte americana sobre o Reno, em Remagen. Goebbels recebe "uma grande delegação de trabalhadores estrangeiros que atuam no Reich" e espera deles um ótimo efeito de propaganda. Göring permanece nos seus cargos: "sinal de uma crise de governo latente". Sucesso militar é tão necessário como o pão de cada dia.
- 11 de março de 1945, domingo 85
Aborrecimentos por causa da atitude da população em Rheydt: prepara-se uma ação contra o prefeito. Correspondentes ocidentais escrevem sobre prisioneiros alemães: "Estão cheios duma fé mística em Hitler". "A Luftwaffe não vale nada". A classe de 1928 é chamada ao *front*. Berlim tem provisões para 8 semanas.
- 12 de março de 1945, segunda-feira 90
Stalin se deixará arrastar para a aventura do Pacífico? Goebbels visita Hitler: Frederico o Grande é o modelo mais importante. Severas críticas a Himmler. Intervenção de grupos terroristas atrás das linhas inimigas. A não-dinamitação da ponte de Remagen terá sido sabotagem? Por que não se formou, em torno do Führer, um círculo de Gneisenaus e Scharnhorsts?
- 13 de março de 1945, terça-feira 99
Terror aéreo ininterrupto deixa o povo totalmente desanimado. Tensões entre povo e tropas. Os Estados Unidos declararão o imperador japonês criminoso de guerra? O Ministério do Exterior resiste a uma inspeção para uma mobilização total. Há três semanas, todas as tardes Mosquitos sobre Berlim.
- 14 de março de 1945, quarta-feira 105
As trezentas ordens do dia de Stalin: "Uma corrente de sofrimentos". A máquina militar alemã está quase toda destruída. Sapadores preparam dinamitações em Berlim. O Führer ainda pretende evacuar no oeste: "Praticamente impossível de realizar". Speer invoca *Minha Luta* de Hitler, na sua crítica às medidas do Führer. O Ministério da Propaganda torna-se vítima dos bombardeios.

15 de março de 1945, quinta-feira	113
Bispos ingleses previnem contra a bolchevização da Europa. Stalin festeja marechais soviéticos como se fossem estrelas de cinema. Estudos do Dr. Ley sobre a reorganização da Wehrmacht. Speer declara a guerra perdida do ponto de vista econômico. Nem Speer nem Ley têm visão de homens de Estado. "A vitória da nossa causa" é indubitável. Falsos métodos de liderança são culpados das derrotas alemãs: "O Führer faria melhor se..."	
16 de março de 1945, sexta-feira	120
Impera a fome nos territórios ocupados pelo inimigo. A liderança militar da União Soviética é superior à alemã quanto às suas origens. Nova propaganda sistemática das tropas para os fronts leste e oeste. Rosenberg não quer desfazer seu Ministério do Oeste: "pura besteira". Hitler quer reformar a Wehrmacht "de tal modo que ela saia da guerra com uma atitude fundamentalmente nacional-socialista".	
17 de março de 1945, sábado	126
Churchill insiste na capitulação incondicional. Boatos sobre cessar-fogo. Ribbentrop procura em Estocolmo um contato com os ingleses. Grande recepção à imprensa na casa de Goebbels. 20.000 homens para um programa de caças a jato, ou para proteção de transportes ferroviários? Profunda letargia em todo o povo alemão. Conferências de imprensa deverão ser mais frequentes no futuro.	
18 de março de 1945, domingo	133
"Sondagens de paz do Sr. Ribbentrop fracassaram totalmente." "O desejo de aniquilamento do inimigo provoca hoje os mais estranhos frutos." Churchill, o Eróstrato da Europa. Benesch em Moscou. Série de sabotagens e atentados na Noruega. Imbecilidade das chamadas personalidades proeminentes.	
19 de março de 1945, segunda-feira	138
"Única notícia satisfatória": a ponte do Reno em Remagen ruiu. Assustadora situação do front, tanto no oeste quanto no leste. Grave ataque aéreo a Berlim. Conversa telefônica com Hitler. Queda de Kolberg não deve ser mencionada no relatório do Comando Supremo da Wehrmacht porque os cinemas estão levando o filme de propaganda Kolberg.	
20 de março de 1945, terça-feira	143
O território do Saar está perdido. Churchill "insere-se no nosso século como algo completamente defasado". As reviravoltas na Polônia, Bulgária, Hungria e Romênia. O Núncio Orsenigo dá de ombros. Luxo pessoal e material da Luftwaffe. Superburocratização do Ministério de Assuntos Exteriores. A situação se torna cada vez mais crítica em Dantzig e na Prússia Oriental. O Führer recebe rapazes da Juventude Hitlerista, agraciados com a Cruz de Ferro.	
21 de março de 1945, quarta-feira	150
A crise de alimentação assume por toda parte formas intoleráveis. "Como agiriam os soviéticos com o povo alemão, se este lhes caísse nas mãos?" A Suíça rompe todas as relações econômicas com o Reich. Göring mata bisões a tiros para os refugiados. A Luftwaffe deve demitir três quartos do seu pessoal. Os soviéticos antes do assédio a Berlim.	
22 de março de 1945, quinta-feira	156
"Quanto pior a nossa situação militar, tanto antes os povos do continente reconhecerão que só sob a liderança alemã será possível uma reorganização da Europa." Até agora 353.000 vítimas da guerra aérea na Alemanha. Com Hitler na Chancelaria do Reich: um emissário russo em Estocolmo? A maior esperança de Hitler: os novos aviões a jato.	
CADERNO DE FOTOS (encarte entre pp. 160 e 161)	
23 de março de 1945, sexta-feira	167
"Pode-se entender que o inimigo anglo-americano esteja no apogeu do seu triunfo." "Minha propaganda de guerra está agora sendo abertamente elogiada em Londres." "O Conde Schwerin von Krosigk é favorável a uma política mais positiva em relação à Rússia. Hitler quer evacuar de qualquer maneira os territórios ocidentais ameaçados.	

- 24 de março de 1945, sábado 172
 Bombardeiros ingleses e americanos já decolam de aeroportos alemães. Até agora, cerca de 19.000.000 de refugiados. Duras críticas à ferrovia do Reich. A descentralização da indústria armamentista tem muitas desvantagens. A propaganda inimiga assume proporções enormes. Difícil situação da propaganda alemã. As críticas a Adolf Hitler crescem constantemente.
- 25 de março de 1945, domingo 178
 Tropas britânicas atravessam o Reno num largo *front*: Churchill presente. Gauleiter Koch relata a situação desesperada da Prússia Oriental. Busca de desertores nos trens de soldados em licença. A organização nacional-socialista recebe nova direção. O Conde Schwerin von Krosigk propõe Carl J. Burckhardt e Salazar como mediador entre Ocidente e Alemanha.
- 26 de março de 1945, segunda-feira 184
 A vitória dos anglo-americanos será uma vitória de Pirro. Início da primavera em Berlim com tempo belíssimo e alarme antiaéreo. "Onde conseguiremos firmar nossa posição?" O Secretário de Estado Naumann relata a atmosfera reinante na Alemanha do Sul. Hitler transmite a Goebbels plenos poderes para simplificar a organização da Luftwaffe.
- 27 de março de 1945, terça-feira 188
 "Somos gente pobre e só podemos enfrentar os inimigos com meios limitados." Forte declínio da autoridade do Führer. A Operação Werwolf. O eixo leste-oeste em Berlim torna-se pista de aterrissagem e decolagem. O novo documentário semanal "causa profundos sofrimentos". Tropas de Berlim para o *front* do leste. Hitler deverá falar pelo rádio: "Isso hoje valeria por uma batalha vencida".
- 28 de março de 1945, quarta-feira 194
 "Propaganda de atrocidades contra os bolchevistas, realizada pela Alemanha" fixa o *front* no oeste. Propaganda antianglo-americana carregada" deve melhorar o moral no Oeste. O Dr. Ley quer organizar um corpo de voluntários. A reforma dos impostos do Ministro das Finanças é anti-social. Demorada conferência com Hitler. Himmler, por ordens de Hitler, deve retirar as braçadeiras de membros da SS na Hungria. Um ambiente de hora final reina em torno do Führer. Hitler critica Speer.
- 29 de março de 1945, quinta-feira 207
 A política de notícias inimiga é "extraordinariamente hábil". Dificuldades de provisão dos Aliados ocidentais. "Guerrilheiros alemães" matam a tiros o Prefeito de Aachen. Insatisfação com a Organização Wehrwolf. Walter Lippmann critica o plano Morgenthau. Retomada da guerra submarina. Cerca de 4.000.000 de refugiados nas estradas. "Só um discurso do Führer poderá devolver o ânimo ao povo".
- 30 de março de 1945, sexta-feira 213
 "Embriaguez de alegria" no lado inimigo. Alta de títulos alemães na Bolsa. O ensaio de Churchill sobre Hitler, do ano de 1935. Derrotismo entre os japoneses em Berlim. "De todas as partes, notícias de fome e pestilência." O fascismo totalmente impotente na Itália. Exigem-se discursos revolucionários para a Operação Wehrwolf. Trinta oradores do partido enviados ao oeste. "Parasitária existência irreal das personalidades artísticas."
- 31 de março de 1945, sábado 220
 O Ministro do Exterior Belga, Spaak, é contra o estilhaçamento do Reich. "Uma sexta-feira santa sinistra." Apesar de acusações de Hitler, Speer consegue um abrandamento do decreto do Führer para destruição das bases econômicas. O auxiliar de Speer, Saur, sobe nas graças do Führer. Licenciamento do chefe de imprensa do Reich. Julius Streicher deve participar da Wehrwolf. A "timidez totalmente incompreensível do Führer diante do microfone".

<i>1.º de abril de 1945, domingo</i>	228
Esperança na guerrilha alemã. Tentativas de pacificação de Ribbentrop acabam em fracasso diplomático. Gerhart Hauptmann descreve os ataques aéreos a Dresden. O povo considera a guerra perdida. Haverá traição no oeste? Reforma "fundamental" do rádio e radicalização dos serviços noticiosos. Dramática discussão entre Hitler e Göring.	
<i>2 de abril de 1945, segunda-feira</i>	235
Elementos políticos deverão auxiliar contra a desesperada situação militar. Ribbentrop "não é parceiro diplomático de categoria" para o inimigo. "A Páscoa mais triste da minha vida." Acusação de derrotismo contra o oficial de ligação do Comando Supremo da Wehrmacht.	
<i>3 de abril de 1945, terça-feira</i>	239
A constituição de um governo alemão de oposição pelos americanos "daria muito trabalho". Culto de ação de graças dos americanos nos escombros da Catedral de Colônia. Acordos secretos de Ialta causam indignação entre os americanos. Más previsões para a Conferência de São Francisco. Os americanos em Eisenach.	
<i>4 de abril de 1945, quarta-feira</i>	242
Redução da confiança do povo por causa do comportamento de altos membros do partido no oeste. "Eisenhower quer bancar o novo Kaiser da Alemanha." Uma nítida política de notícias deverá reerguer o moral da guerra. As notas sêxtuplas de Goebbels à imprensa alemã. "Bormann transformou a chancelaria do partido numa chancelaria do papel".	
<i>8 de abril de 1945, domingo</i>	250
Um artigo sensacional no <i>Schwarze Korps</i> . Ribbentrop visita trincheiras no <i>front</i> do Rio Oder. O Marechal de Campo Smuts previne contra a terceira guerra mundial. Consequências desastrosas da punição das divisões da SS no território austro-húngaro. Primeira intervenção dos aviões tipo "ariete", suicidas. Assaltadas padarias em Berlim: Goebbels exige corte marcial. Esperança de que o Führer ainda "dominará a situação".	
<i>9 de abril de 1945, segunda-feira</i>	256
Mudança de estado de espírito em Londres. Correspondentes de guerra ocidentais enviam sombrios relatos da Alemanha. As reservas de ouro alemãs nas salinas da Turingia são tomadas pelos americanos. "Falta o pulso de ferro". Novo governo no Japão. Briga dos Aliados pela Polônia. Intervenção dos aviões tipo "ariete" decepçiona. Duras batalhas pelo centro da cidade de Viena. Violentas ofensivas a Königsberg.	
<i>10 de abril de 1945, terça-feira</i>	261
Situação militar.	

APÊNDICE

<i>Documentos</i>	267
Apelo de Adolf Hitler à população de Berlim, em 22 de abril de 1945. Carta do Dr. Joseph Goebbels a Harald Quandt, em 28 de abril de 1945. Carta de Magda Goebbels a Harald Quandt, de 28 de abril de 1945. Testamento político de Adolf Hitler, de 29 de abril de 1945. Apêndice ao testamento de Adolf Hitler, pelo Dr. Joseph Goebbels, em 29 de abril de 1945. Anúncio oficial da morte de Adolf Hitler, em 1º de maio de 1945. Fala radiofônica do Almirante Dönitz ao povo alemão, em 1º de maio de 1945. Apelo do Marechal de Campo Schörner aos soldados do Exército, em 5 de maio de 1945. Texto do anúncio da capitulação, em 8 de maio de 1945.	
<i>Cronologia</i>	277
<i>MAPAS</i>	283

COMENTÁRIO

Não me foi fácil dar permissão para se publicarem esses diários. Nos últimos anos da guerra, o Dr. Goebbels ditava rapidamente ao estenógrafo, na pressa do trabalho diário, as impressões do momento, não as corrigiu nem revisou, nem mesmo as releu. Os diários nunca foram imaginados para publicidade, mas como coleta de material. Pouco antes de sua morte, ordenou que fossem destruídos.

Desobedeço à última disposição do autor porque acho que mesmo esse Goebbels “não burilado” representa do modo mais impressionante o último ato da tragédia de um povo e de um herói. Minha consciência histórica não me permitiu outra escolha.

Esse documento, na verdade, é um diário no sentido literal, talvez o único verdadeiro *diário*, ao contrário dos outros documentos assim chamados, que são repetidamente revisados e corrigidos por seus autores, com o objetivo de se justificarem aos olhos do futuro.

Por que o diário de 1945 consta apenas de 38 dias? A situação em Berlim depois de 1º de maio de 1945 pode explicar isso. O fato de que esse documento ficou 28 anos sabe Deus onde e em que mãos, pode ter sua importância. De qualquer modo, estou certo de que o que se está publicando aqui é autêntico.

FRANÇOIS GENOUD
Detentor dos direitos de utilização
das obras do Dr. Joseph Goebbels

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

NOTA DA EDITORA

Hesitamos entre o título “Diários”, correspondente ao alemão original, e o seu singular, uma vez que se trata aqui de um só compêndio. O termo “diários” deve-se talvez ao fato de que Goebbels tenha escrito diversos durante sua vida, em inúmeros cadernos, manuscritos muitos, outros, os últimos, estenografados, datilografados e microfilmados. Grande parte desse imenso material está perdido, ou em mãos ignoradas, ou em vias de editar. Alguma coisa já foi editada aqui e ali. Mas, no presente livro, referimo-nos apenas ao diário das últimas semanas de vida de Goebbels, ditado na Chancelaria do Reich, sob constantes bombardeios, e, não importa se em um ou mais cadernos ou pastas, forma uma obra só. Por isso preferimos o título singular: *Diário*. Na tradução, não conservamos todos os erros gramaticais ou lapsos do autor ou do estenógrafo, pois seriam ou desinteressantes ou difíceis de reproduzir em português. Mas procuramos a maior fidelidade possível ao “estilo” de Goebbels nesse período, telegráfico, sincopado, descuidado na forma, não procurando evitar repetições. Mantivemos, tanto quanto possível, até certos “cacoetes” de Goebbels, como, por exemplo, entre outros, o emprego constante do advérbio “extraordinariamente”, dando ao leitor mais viva impressão do original.

NOTAS DE UM DIÁRIO

28 de fevereiro de 1945, quarta-feira

Devemos ser como Frederico o Grande, e também portar-nos como ele. O Führer concorda plenamente quando lhe digo que devemos cuidar zelosamente de que, quando dentro de 150 anos na Alemanha se desencadear uma crise tão grande como esta de agora, nossos netos possam referir-se a nós como heróicos exemplos de firmeza. Também a estóica atitude filosófica que o Führer hoje assume em relação a pessoas e fatos, me lembra muito Frederico o Grande. O Führer me diz, por exemplo, que precisa trabalhar pelo seu povo, mas que também isso nunca poderá ser mais do que uma limitada obra humana. Quem sabe quando se dará de novo um choque com a lua e todo este planeta acabará em fogo e cinzas. E, ainda assim, diz ele, temos de cumprir nosso dever até o fim. Nessas coisas o Führer também é um estóico, um verdadeiro discípulo de Frederico o Grande, a quem procura imitar, consciente ou inconscientemente. Isso deve ser modelo e exemplo para nós também. Como gostaríamos de imitá-lo de todo o coração! Se ao menos Göring não estivesse tão completamente fora do quadro! Ele não é um nacional-socialista, mas um sibarita, e muito menos é discípulo de Frederico o Grande. E, comparado a Göring, que grande figura nobre é Dönitz. O Führer me declarou que este é o melhor homem das suas Forças Armadas. O Führer sempre teve com a Marinha as melhores experiências. E me diz ainda que Raeder também é um homem de grande personalidade; de qualquer maneira, revelou uma fidelidade cega e sempre educou seus comandados de tal maneira que hoje são capazes de vingar plenamente a Marinha alemã, nesta guerra mundial. Pena que não seja um homem assim que represente o nosso partido, mas Göring, que se interessa tanto pelo partido quanto uma vaca se interessa por pesquisas espaciais. Mas, conforme eu já disse, esse problema tem de ser resolvido. Não adianta mais ignorar coisas nas nossas conversas, e também não adianta nada ao Führer poupá-lo pelo silêncio.

O diálogo que tive com o Führer sobre minha opinião quanto ao problema fundamental em torno do nosso modo de conduzir a guerra, transcorreu muito dramática e tempestuosamente. Mas o Führer me deu razão em todos os pontos. Sinto até que ele se amargura um pouco porque as coisas chegaram a tal ponto, mas não porque eu as diga tão brusca e francamente. Ao contrário, elogia-me muito por isso, declara-se aberta e inteiramente do meu lado, e alegra-se porque ao menos não esconde minha opinião. Conto-lhe que nos últimos dias andei

lendo o livro de Carlyle sobre Frederico o Grande. O Führer conhece bem a obra. Conto-lhe alguns capítulos, que o comovem profundamente. É assim que devemos ser, é assim que seremos. Se alguém, como Göring, absolutamente não acompanha nosso ritmo, tem de ser chamado à razão. Idiotas cobertos de medalhas e almofadinhas vaidosos e perfumados não servem para dirigir uma guerra. Ou se modificam ou terão de ser eliminados. Não terei descanso enquanto o Führer não tiver resolvido esse assunto. Precisa modificar Göring externa e internamente, ou pô-lo na rua. É, por exemplo, grosseira falta de tato que, na situação atual, o primeiro oficial do Reich ande por aí num uniforme cinza-prata. Que comportamento mais efeminado diante dos acontecimentos! Espero que o Führer consiga transformá-lo novamente num homem. O Führer alegra-se porque a mulher de Göring mudou-se para Obersalzberg, pois exercia péssima influência sobre o marido. Aliás, todo o grupo que o rodeia não vale nada. Apenas acentuaram sua tendência para a moleza e a busca de prazeres, em vez de a reduzirem. Em contrapartida, o Führer elogia muito a simplicidade e a clareza na vida da minha família. E é só assim mesmo que podemos fazer justiça aos tempos atuais.

Estou absolutamente convicto de que esse encontro com o Führer teve bom resultado. Era necessário e inteiramente oportuno. O diálogo realizou-se em tão alta voz que os ajudantes do lado de fora da porta puderam escutar tudo. E alegraram-se muito com isso. Esses bravos rapazes têm apenas um interesse, o de que o partido seja reconduzido ao seu verdadeiro cerne e essência, porque só assim haverá possibilidade de mudar o curso da guerra. Todos esses jovens estão do meu lado, vêem em mim seu porta-voz, que diz sem rodeios ao Führer aquilo que tem de ser dito. No jantar na Chancelaria do Reich havia um cansado grupo de oficiais em torno da mesa. Mal os cumprimentei. Essas pessoas me são tão estranhas como ninguém mais poderia ser.

Em casa, tenho uma montanha de trabalho para fazer. Mas isso agora se adianta rápida e vigorosamente, pois, conversando com o Führer, tirei um peso do coração.

A tardinha, tivemos novo ataque de Mosquitos sobre Berlim.

A situação no oeste me causa as maiores preocupações. Que acontecerá se o inimigo pretende realmente invadir por ali? Mas não queremos imaginar logo o pior. Foi decisivo que eu conseguisse ao menos esclarecer a questão fundamental da nossa estratégia de guerra.

Também de noite os malditos ingleses voltaram com seus Mosquitos sobre Berlim, roubando-nos as poucas horas de sono que hoje necessitamos mais do que nunca.

1.º de março de 1945, quinta-feira

Ontem:

Situação militar:

Nenhum fato especial na Hungria. No território eslovaco foram repelidos vários ataques fortes do inimigo em Altsohl. Em todo o território da Silésia até a região a sul de Breslau, nenhuma batalha de importância. Em Scharzwasser, um avanço do *front* inimigo foi afastado durante um ataque nosso. Diversos ataques inimigos entre Strehlen e Görlitz repelidos, exceto uma brecha em Lauban. Muito violentos foram também os ataques a Goldberg, mas todos inúteis. As batalhas de rua na periferia ao sul de Breslau continuam. Ataques locais dos soviéticos em Forst e Guben fracassaram. No setor do Oder, os bolchevistas conseguiram alargar um pouco uma cabeça-de-ponte em Debus, com um ataque local. A sul de Pyritz repeliu-se um forte ataque inimigo. No território entre Rummelsburg e Neustettin os bolchevistas conseguiram aprofundar sua invasão. Tomaram Neustettin e avançaram alguns quilômetros na via férrea de Neustettin-Kolberg e Neustettin-Falkenburg, em direção do oeste. A tentativa inimiga de avançar na direção de Köslin através de Bublitz foi impedida. O inimigo passou por Pollnow em direção de Schlawe, até Latzig. Nesse setor, a unidade de alarme destruiu uma base aérea de Stolp, instalada em Pollnow; com 15 armas anti-tanque destruiu 11 tanques inimigos, perdendo apenas um homem. No setor a norte de Konitz até Vístula repeliram-se vários ataques locais dos inimigos, especialmente em Heiderode; apenas a norte de Konitz o inimigo conseguiu invadir. Na Prússia Oriental, de modo geral as batalhas não foram tão movimentadas como nos dias anteriores. Particularmente violentos foram os ataques a norte de Zinten. Nossas defensivas conseguiram ontem novamente completo sucesso. Também em Kurland repeliram-se de novo violentos ataques do inimigo.

No *front* ocidental, apesar de violentos ataques a sul de Goch, os ingleses e canadenses conseguiram apenas reduzidos ganhos de terrenos locais. A maior parte dos ataques foi repelida. Num ataque maciço, os americanos empregaram todas as suas reservas operacionais em tanques, e tentam agora avançar mais para o leste. Até agora em nenhum lugar lograram liberdade de movimento operacional, nem atingiram uma brecha, mas conseguiram conquistar razoável quantidade de território. Por sobre Erkelenz avançaram ao longo da ferrovia em direção de Rheydt, igualmente na estrada de Erkelenz para Munique-Gladbach. As batalhas se desenrolaram ali mais ou menos de 3 a 5 km a oeste e a sudoeste dos subúrbios de Rheydt. As unidades alemãs fazem por toda parte

violenta oposição, causando grandes perdas ao inimigo. Além disso, realizam incessantes contra-ataques. No setor nordeste e leste de Jülich, o inimigo conseguiu igualmente conquistar mais terreno. Está agora com suas pontas de ataque no setor do Erft, na margem oeste do Erft. Com isso, chegou a meio caminho entre Jülich e Colônia. Ao sul chegou à estrada Düren-Colônia, até a região de Blatzheim. Também no *front* de Eifel continuam duras batalhas. O inimigo empregou ali nova divisão, que saiu de Hagenau e foi substituída por uma divisão francesa. Obviamente tentam avançar na depressão de Bitburg até Wittlich. A norte de Bitburg, avançaram mais sobre o rio Kyll. Do sul conseguiram entrar em Bitburg. A norte de Welschbillig o adversário atravessou a estrada de Bitburg-Trier. A sul de Trier, onde os americanos haviam avançado até Zerf, aprofundaram essa invasão até perto do setor do Ruwer. Segundo a evolução das operações inimigas, pode-se presumir que entrarão com suas forças laterais de Bitburg pelo sul, e de Zerf pelo norte, para tomar Trier.

Não se anunciaram batalhas especiais no *front* italiano.

A atividade aérea do inimigo no leste foi bastante movimentada. Ao todo, do lado soviético empregaram-se 1.200 aviões, centralizando-se na região de invasão da Pomerânia. Também nossa própria atividade aérea foi bastante forte e bem-sucedida. Aniquilaram-se novamente inúmeros tanques e canhões de assalto inimigos, combatendo várias colunas. Em Polangen, nossos aviões de caça afundaram um barco "vedeta" inimigo.

No oeste a atividade dos aviões rasantes inimigos e bombardeiros bimotores foi um pouco mais fraca do que normalmente, devido ao mau tempo.

No território do Reich entraram 1.100 quadrimotores americanos com forte proteção dos caças, para ataques a instalações de meios de transportes em Halle e Lúpsia. À tarde 150 bombardeiros britânicos, sob a proteção de caças, atacaram meios de comunicação em Dortmund, Castrop-Rauxel e Recklingshausen. Cerca de 300 bombardeiros britânicos realizaram um ataque a Mainz. Da Itália, entraram 600 quadrimotores americanos, atacando objetivos industriais e de comunicação na região de Augsburg. Cerca de 80 aviões dessa unidade realizaram um ataque parcial a Salzburgo. Até aqui registraram-se 20 aparelhos destruídos. Durante a noite deu-se duas vezes um ataque de 70 Mosquitos, a cada vez, contra Berlim.

Os ingleses e os americanos espalham de momento notícias alarmantes sobre a situação no oeste. Afirmam que conseguiram uma invasão em toda a linha e que, como acentua especialmente Montgomery, agora são obrigados a instaurar uma proibição de notícias para não nos permitir receber informações que nos possam ser úteis. Particularmente os americanos jactam-se de que já estariam a 15km de Colônia, e que atingir o Reno é apenas uma ninharia. Contudo, essa opinião, já no transcurso do dia, foi bastante modificada. A resistência realizada pelas nossas tropas é tão enorme que até o inimigo tem de admitir que, por enquanto, nem de longe se pode falar numa derrocada do *front* alemão.

Ao anoitecer tornaram-se de novo bastante humildes. O quartel-general britânico afirma categoricamente que não se pode nem falar numa invasão. Obviamente adiantaram-se demais, tomaram as primeiras linhas da nossa defesa pelo *front* e só então depararam com a nossa imensa resistência, que agora tanto trabalho está dando às suas divisões de ataque. As perdas do inimigo são enormes. Os americanos têm de assinalar montanhas de mortos, coisa que já nem

escondem à sua imprensa. Acrescem ainda as extraordinárias perdas que sofreram na ilha de Iwojima. Em resumo, estamos de momento numa fase da guerra em que, através das perdas causadas ao inimigo, ganhamos mais respeito. Isso, evidentemente, também causa a mais profunda impressão na opinião pública anglo-americana.

À tardinha, afirmaram de repente em Londres que Rundstedt mudara sua tática, que não mais se colocava para lutar nas primeiras linhas, mas tenta interceptar as ofensivas inglesas e americanas nas linhas da retaguarda, o que poderia ter efeito destruidor para as tropas inimigas.

Na Câmara dos Comuns realiza-se o debate sobre a Conferência da Criméia. Uma série de deputados *tories*,* dissidentes da oposição, apresentou uma moção adicional ao acordo de confiança aprovado pelo governo, moção essa que é bastante insidiosa para as relações entre a Inglaterra e seus Aliados. Agora, brigam por essa moção adicional. O governo de Churchill defende-se com unhas e dentes contra a aceitação dessa moção adicional, e a oposição naturalmente não ousa forçar a situação a ponto de despertar a desconfiança pública. O líder, e seu vice-presidente do Partido Trabalhista, Greenwood, ataca violentamente o tratamento dado aos poloneses na Conferência da Criméia, e também por parte do Partido Conservador escutam-se discursos de oposição extraordinariamente duros. Mas é fora de dúvida que Churchill sairá incólume desses debates. A Inglaterra é fraca demais para poder, nessa fase da guerra, dar-se o luxo de uma crise no próprio governo. Ela seguiu os demais, será prisioneira com os demais, será enforcada com os demais. A Inglaterra iniciou sua derrocada, e terá de continuar nesse dilema.

A crítica feita às decisões de Ialta origina-se principalmente nos círculos *tories*. O grupo *tory* que forma o Inner Circle, do Partido Trabalhista, há muito está agindo para levar Churchill de volta ao caminho certo, ou derrubá-lo de uma vez por todas. Nesses meios, quando se diz "Polônia", está-se querendo significar "Alemanha". Mas, de momento, essa oposição é para nós de importância insignificante. Não consegue entrar em ação por causa das razões há pouco citadas.

Muito alarmante foi o efeito da observação de Churchill sobre a situação da Marinha. Um representante do governo esclarece, ainda por cima na Câmara dos Lordes, que os Aliados jamais teriam tido tantos navios como agora, mas tampouco nunca reinara tão grande falta de navios. Se, além disso, acrescentarmos a nossa nova operação submarina, haverá conseqüências fatais para a guerra do lado anglo-americano.

Eden deu a conhecer, num círculo interno da Câmara dos Comuns, que Churchill, ao contrário do que se presumira, não fechara acordos secretos em Ialta. Essa questão é de importância fundamental para a condução dos debates na Câmara dos Comuns.

Através de fontes americanas ficamos sabendo que Pétain já em novembro de 1940 fez um acordo secreto com a Inglaterra, segundo o qual a França, em momento favorável, reingressaria na guerra contra a Alemanha. Esse acordo teria sido feito por trás das costas de Laval. Julgo isso inteiramente possível. Pétain nos enganou e provavelmente Laval sabia disso. Não foi por nada que ambos

* *Tories*, plural de *tory*, termo inglês que designa os membros do Partido Conservador. (N. da T.)

expressaram desejo de permanecer em Paris se a invasão anglo-americana progredisse. Acho que não receavam uma corte marcial.

Nos Estados Unidos apareceram agora movimentos grevistas mais intensos, especialmente no setor da indústria armamentista. Tais fenômenos formam a ordem do dia nos Estados Unidos e na Inglaterra. Mostram sintomaticamente a profunda crise política que impera nos países ocidentais inimigos.

O conhecido jornalista americano von Wiegandt escreve um artigo sobre o perigo mundial do bolchevismo, conforme exatamente a mesma orientação do seu último artigo intitulado "O Ano 2000". Esse artigo de Wiegandt, publicado em todos os jornais da cadeia Hearst, é uma verdadeira sensação. Nossas teses são ali aceitas em medida surpreendente. Os jornais da cadeia Hearst sempre tiveram posição antibolchevista; mas que osem ir tão longe na atual situação da guerra, parece-me bastante significativo. De qualquer modo, de agora em diante, também Roosevelt sofrerá forte oposição na opinião pública americana.

Na Romênia, a luta pelo gabinete Radescu continua. Os bolchevistas parecem pretender fazer *tabula rasa*. Exigem a renúncia de Radescu e a instauração de um governo popular democrático, como dizem, em outras palavras: de um soviete bolchevista. O conhecido exterminador bolchevista de massas, Wychinski, chegou a Budapeste. Certamente dará muito o que fazer.

As atrocidades bolchevistas são agora incontáveis entre nós. São de um realismo terrível, e não podem ser superadas. Pretendo dar a conhecer os relatos dessas atrocidades à opinião pública internacional. Farei isso numa conferência de imprensa nacional e estrangeira em Berlim, na qual o General Guderian deverá relatar a ordem de Schukov às tropas soviéticas, antes do ataque à cabeça-de-ponte Baranov. Foi essa ordem que, até certo ponto, orientou as atrocidades bolchevistas. Mesmo que não acredite que isso cause efeito político imediato, a longo prazo se poderá sentir algum resultado.

Ao meio-dia sustentei detalhado debate com o General Vlassov. É um comandante russo muito inteligente e enérgico, que me causou muito boa impressão. Falamos primeiro sobre a situação geral entre o povo russo e o alemão. Ele acha que a Rússia só poderia ser salva se pudesse ser libertada da ideologia bolchevista e se assumisse uma ideologia semelhante à do povo alemão no nacional-socialismo. Descreveu-me Stalin como homem extraordinariamente astuto, realmente jesuítico, de quem não se deve acreditar uma só palavra. Disse também que, até o irromper da guerra, o bolchevismo teve, entre o povo russo, apenas adeptos pouco conscientes e fanáticos. Mas que, com o nosso avanço nos territórios soviéticos, Stalin conseguiu transformar a guerra contra nós numa causa patriótica sagrada, o que foi de importância decisiva. Vlassov descreveu-me os dias em Moscou durante a ameaça de sítio, no fim do outono de 1940. Naquela época, todo o governo soviético perdera a cabeça; só Stalin continuava obstinado na resistência, embora já bastante abalado. A situação naquela fase foi mais ou menos a mesma que vivemos agora. Também entre nós o Führer é aquele que constantemente proclama a resistência a qualquer preço, com isso conseguindo arrebatar novamente os demais.

O encontro com o General Vlassov foi-me bastante animador. Através dele fiquei sabendo que a União Soviética teve de sofrer exatamente as mesmas crises pelas quais passamos agora, e que, quando se decide permanecer firme, sempre há uma saída para tais situações.

Combinamos juntos o método da nossa propaganda antibolchevista. Vlassov acentua — corretamente, na minha opinião — que o bolchevismo realiza uma

propaganda hábil e perigosa. Aliás, a propaganda seria o lado mais forte da sua eficácia política. É assim que se explica também que a propaganda alemã seja tão fortemente atacada no seu regime. Vlassov disse que, depois do Führer, sou eu aquele que sofre as mais fortes críticas e a maior rejeição. Nossa propaganda com relação aos povos russos — e nisso concordo com Vlassov — deve movimentar-se mais ou menos nas linhas que Vlassov esboçou na sua conhecida proclamação. Teríamos conseguido muita coisa em nossa política ocidental, se já em 1941 e 1942 tivéssemos agido conforme os fundamentos que ele defendeu. Mas nossas omissões nesse terreno dificilmente serão ressarcidas.

Já sublinhei que Vlassov me parece ser uma inteligência destacada. Sua sabedoria em relação à prática e à ideologia bolchevista pode ser muito valiosa para nós. Na sua companhia está o General Schilencov, que a seu tempo desempenhou papel decisivo no partido bolchevista em Moscou. Na próxima semana, receberei de novo o General Vlassov para discutirmos algumas questões práticas em torno da nossa propaganda. São especialmente interessantes as exposições dele sobre problemas internos da hierarquia bolchevista. Praticamente, na Rússia Stalin governa com poderes ditatoriais absolutos. Tenta explorar os judeus a seu próprio favor, enquanto, por sua vez, estes tentam usá-lo. Não se deve confiar nem mesmo numa palavra de honra de Stalin. Segundo Vlassov, trata-se de um camponês extremamente manhoso e astuto, que age segundo o princípio de que o fim consagra qualquer meio. Que lamentável figura é diante dele, por exemplo, o Duce. Este agora manda dizer, através dos seus jornais, que o fascismo pretende voltar ao sistema de dois partidos. Mais um truque da intelectualidade fascista completamente desorientada, que, nessa fase da guerra, abandona além de tudo até seus próprios princípios.

Discuto com o Conselho de Defesa de Berlim questões da defesa da capital do Reich. Nesse assunto posso apoiar-me nas revelações que me fez o General Vlassov. O General von Hauenschildt terá a maior parte de seus contingentes retirados da capital, especialmente as escolas e os cadetes. Conseqüentemente lhe faltarão soldados. Temos, portanto, de mobilizar a segunda leva do Volkssturm* e, eventualmente, até organizar batalhões femininos. Proponho reunir unidades severamente comandadas, com elementos retirados de prisões e campos de concentração, que se encontrem sob penas leves. Conforme me disse o General Vlassov, isso teve excelentes resultados na defesa de Moscou. Naquela ocasião, Stalin lhe perguntara se estava disposto a organizar uma divisão de prisioneiros. Ele a organizara sob a condição de que obteria anistia para os casos de atos de bravura. A divisão de prisioneiros lutara de modo excelente. Por que isso não poderia ser realizado entre nós na atual emergência?

Mais uma vez, o dia todo, abateu-se sobre o território ocidental do Reich uma série de ataques aéreos dos mais violentos. Praticamente não é mais possível registrá-los isoladamente. Estamos indefesos diante dessa fúria da guerra aérea inimiga.

De momento, trabalho num novo sistema de mobilização na Wehrmacht. Os métodos usados até agora são impraticáveis na atual fase da guerra. O correio não funciona, a maioria dos fichários está destruída, em resumo, temos de agir sumariamente, para que as unidades aptas ao serviço armado, colocadas à disposi-

* Volkssturm: forças populares, incluindo velhos, mulheres, crianças, organizadas como emergência nos últimos tempos da guerra. (N. da T.)

ção da Wehrmacht, já não precisam esperar quatro ou cinco semanas antes de serem transferidas para suas casernas. Também o Ministro das Finanças, Conde Krosigk, escreveu-me nesse sentido uma carta muito instrutiva. Constatou no seu setor de serviço que a mobilização de pessoal disponível por vezes demora mais de um mês.

Além disso, estou submetendo as tropas de construção da Wehrmacht a um exame minucioso. De momento contamos ainda com 250.000 homens nessas tropas, que pelo menos em sua metade são supérfluas. O *front* da Organização Todt pode assumir também as suas tarefas; com isso as tropas de construção ficarão disponíveis.

Muito me alegra que o jornal *Front und Heimat* (*Front e Pátria*) esteja novamente sendo entregue em grandes quantidades às tropas da frente. As dificuldades de transporte, que até agora eram grandes, conseguiram ser em boa parte resolvidas. Alguém me sugere que o jornal apareça três vezes por semana. Também julgo isso necessário, mas infelizmente será impossível devido à falta de papel. A recuperação da força moral de resistência das nossas tropas é agora de importância decisiva.

As sete horas da noite será transmitido no rádio o meu discurso. Eu próprio o escutei mais uma vez. Exposição e estilo estão excelentes, e espero ao menos algum efeito, embora não tenha podido apresentar resultados positivos como melhor argumento. Mas o povo já se satisfaz quando hoje em dia ao menos se fala com ele encorajadoramente por uma hora. Só nos próximos dias saberei mais detalhes sobre o efeito desse discurso no país. Graças a Deus, o discurso transcorre sem graves perturbações pelos bombardeios, embora exatamente no fim tenha ocorrido um ataque de Mosquitos a Berlim. Apesar disso, pude concluir perfeitamente.

À tardinha, anunciam que nossas tropas no oeste conseguiram novamente fazer parar o avanço anglo-americano. Conservaram suas posições o dia todo, embora com imensos esforços. O inimigo não avançou em lugar nenhum. Não se pode sequer falar em invasão. Neste dia conseguimos, pois, imenso sucesso defensivo. Registramos forte perda de tanques de guerra.

Em compensação, foi desagradável a situação no território de Bitburg. Mas estão-se processando medidas de contra-ataque, que provavelmente nos trarão algum alívio.

Também, a leste, o inimigo não conseguiu avançar na Pomerânia. Atacamos pelos flancos suas pontas ofensivas por ambos os lados, de modo que tiveram de parar para não terem sua retaguarda cortada. Esperamos que seja melhorada a situação um tanto crítica naquele ponto. Fortes ataques realizaram-se no setor militar da Vístula. Mas graças a Deus foram rechaçados. De resto, não há acontecimentos mais graves a registrar, exceto que os combates em Breslau se aproximam lentamente do centro e são mais encarniçados.

O Führer me deu ordem para publicar na imprensa alemã artigos longos sobre a Guerra Púnica. Esta é, depois da Guerra dos Sete Anos, o maior exemplo que hoje podemos seguir, e que temos de seguir. Na verdade, a Guerra Púnica nos serve ainda melhor do que a dos Sete Anos, pois na Guerra Púnica tratava-se mais de uma decisão da história mundial, com efeitos durante vários séculos. Além disso, também a contenda entre Roma e Cartago, exatamente como a querela atual pela Europa, não se decidiu numa guerra. E dependeu da bravura do povo romano e de seus líderes que o mundo antigo depois disso fosse dirigido por Roma ou por Cartago.

2 de março de 1945, sexta-feira

Ontem:

Situação militar:

No *front* do leste, o centro dos combates esteve na Prússia Oriental, onde os soviets novamente atacaram com o máximo de suas forças, mas sem sucesso.

No território eslovaco, os ataques a Altsohl reduziram sua intensidade. No *front* silesiano, o inimigo está-se reagrupando. Efetuou diversos ataques frustrados, em efetivos de batalhões, entre Strehlen e Görlitz. Especialmente fortes foram as lutas em Lauban. Na margem sul de Breslau continuam as pesadas batalhas em casas e ruas. No *front* do Neisse, nenhuma atividade especial, exceto ataques a Guben, onde se luta nas margens norte e leste da cidade. Na seção do Oder repelimos novamente uma invasão inimiga em Göritz. No território pomerano, os soviets atacaram entre Arnswalde e Kallies com maiores forças, em direção do norte. Simultaneamente atacaram de novo em Pyritz, onde foram repelidos. Entre Arnswalde e Kallies conseguiram abrir brechas insignificantes. Talvez ali se trate de um ataque de maior importância para conseguirem uma grande brecha, mas possivelmente a intenção de prender nossas forças serve para impedir a dizimação no território de Neustettin-Rummelsburg. Essa brecha foi neutralizada através de barreiras a leste e a oeste, e o inimigo também não pôde avançar para o norte. Ainda não tenho informações mais detidas sobre o transcurso de nossas operações. Entre Heiderode e Vístula, ficaram frustrados os ataques inimigos locais. Em Kurland, a atividade dos atacantes diminuiu.

No *front* ocidental, mais uma vez o inimigo não teve sucesso na região a sul de Goch. Algumas brechas foram neutralizadas por contra-ataques nossos.

O ataque maciço dos americanos entre Aachen e Colônia está em seu auge. O inimigo mobilizou ali todas as forças disponíveis. Nossa própria tropa luta de modo exemplar: não apenas se defende obstinadamente, mas em diversos pontos conseguiu, através de contra-ataques bem-sucedidos, neutralizar brechas. Ontem, o inimigo conquistou pouco terreno. As lutas se desenrolam a uns 12km a oeste de Munique-Gladbach, a 3km a sudoeste de Grevenbroich. Entre Rheydt e Grevenbroich, estão-se efetuando contra-ataques. No Erft, todos os ataques inimigos fracassam, com grandes baixas para eles. Também ali, em inúmeros pontos, realizamos contra-ataques. Na seção a leste de Düren, o inimigo está junto ao riacho Steffel, e a sul de Düren mais ou menos a 6km a noroeste e 9km a oeste de Zülpich. Ontem foram dizimados ao todo 200 tanques de guerra americanos na zona da grande ofensiva. No setor de ambos os lados de Prüm recrudesciu a luta

local. Inúmeros ataques foram repelidos; estamos efetuando contra-ataques. Ao sul de Prüm, o inimigo conseguiu atravessar o Prüm em alguns lugares. Na região de Bitburg, o inimigo conseguiu avançar um pouco, somente em alguns lugares entre Bitburg e Welschbillig, em direção do Kyll. Também ali as brechas foram sustadas através de duras lutas e parcialmente repelidas por contra-ataques. O centro de gravidade dos ataques transferiu-se ali para o sul. Na seção entre Saar e Ruwer o inimigo se voltou para o norte, de modo que se esboçou mais claramente a intenção de tomarem Trier. Na estrada de Zerf a Trier o inimigo chegou até Pellingen.

Na Itália, as batalhas locais nas montanhas pararam a sudeste de Bolonha.

No leste, outra vez viva atividade aérea inimiga sobre a Prússia Oriental. Nossa própria atividade aérea teve sucesso no território de Breslau e na brecha de Rummelsburg.

No setor de combate ocidental, reinou movimentada atividade de bombardeiros em vôo rasante e de caças-bombardeiros, tendo como centro a região de Münster e Renânia-Vestfália. Nossa defesa contra os bombardeiros rasantes conseguiu abater dez aviões inimigos.

1.100 bombardeiros quadrimotores atacaram Kassel e o território vestfaliano. Uma reduzida formação de bombardeiros ingleses atacou a zona do Ruhr, visando também a região de Gelsenkirchen e Essen. Ainda não se anunciou a derrubada de aviões inimigos ali.

Ataques noturnos de 70 Mosquitos contra Berlim. Cerca de 10 Mosquitos sobre Nuremberg e na área de Munique.

Em fevereiro também foram afundados, com forças de combate da Marinha de Guerra, especialmente submarinos, 41 navios com tonelage bruta de 200.480t e, além disso, 5 contratorpedeiros e 6 patrulheiros. Foram torpedeados 13 navios com tonelage bruta de 75.900t e 3 navios-vigias. Pela Marinha de Guerra foram evacuados para o Reich, em fevereiro, 651.000 refugiados.

O lado inimigo agora avalia com maior ceticismo as possibilidades e chances da ofensiva ocidental anglo-americana. Estão antes de tudo extraordinariamente admirados e espantados com a dura resistência que nossas tropas oferecem ao avanço dos americanos em Munique-Gladbach-Rheydt. Fala-se em lutadores fanáticos, que superam uns aos outros em bravura e decisão. Também o General Montgomery agora está muito mais cauteloso em seus pareceres. Há alguns dias, conforme é seu hábito, andou fanfarroneando mais uma vez; agora tem de dar um penoso passo atrás.

Na Câmara dos Comuns ainda se debate com grande excitação em torno da Conferência da Criméia. Churchill obteve considerável oposição, embora esta de momento não se possa tornar politicamente ativa. O medo de que o bolchevismo tome conta está amplamente espalhado na opinião pública inglesa. Mas não se ousa falar nisso abertamente, para não ofender Stalin e o Kremlin. Conseqüentemente, também a moção adicional que alguns *tories* propuseram à moção de confiança em Churchill, e que se refere de modo crítico às questões sobre a Polônia, foi negada por 396 votos contra 25. Isso quer dizer, em outras palavras, que mais de 200 deputados se abstiveram, provavelmente também pertencentes à mencionada oposição, mas de momento não se atrevem a se manifestar abertamente. A Câmara dos Comuns faz de novo uma genuflexão diante dos Aliados, tanto americanos como soviéticos. Ouvem-se apenas isoladamente vozes como

a de um deputado conservador importante, que declarou em público que Churchill causara, na Conferência da Criméia, um "Dunquerque" político, e que a Europa se estava precipitando diretamente para a tutela do bolchevismo. Infelizmente, como eu disse, essas vozes por enquanto são isoladas e não podem agir. Um deputado conservador renuncia a seu mandato na Câmara dos Comuns porque não quer mais participar da política de Churchill, nem pode encobri-la. Mas, como eu disse, de momento ainda não temos motivos para colocarmos quaisquer esperanças nesse desenrolar dos fatos.

Eden tenta combater a indignada oposição através de uma explicação do discurso de Churchill. Sua explicação, contudo, foi muito tímida. Gagueja uma desculpa através da outra, especialmente quanto à questão polonesa. Afirma que a Inglaterra quer conservar sua posição em relação ao Comitê de Lublin e aguardar suas ações. A explicação de Eden não passa de lamentável conversa-fiada e mostra a impotência da Inglaterra na atual fase da guerra, que se deve unicamente à errada liderança e à política bélica de Churchill. Apesar disso, este recebe uma moção de confiança com 403 votos unânimes. Mas eu ainda tenho a impressão de que procura uma vitória de Pirro, pois há 200 vozes na Câmara dos Comuns que silenciam, e a crítica contra as decisões de Ialta foi tão forte na opinião pública inglesa, especialmente na Câmara dos Comuns, que se pode presumir que muitos deputados só votaram a favor de Churchill para evitar um desastre na política de guerra inglesa.

Não só em Londres, também em Washington cresce a oposição acima descrita. O Congresso norte-americano manifesta, através de deputados isolados, sua má vontade contra as decisões de Ialta. É preciso sublinhar de novo que, se só fala na questão polonesa, na verdade se quer significar de um lado o bolchevismo e do outro a Alemanha. Já agora se lembra Roosevelt de que também Wilson realizou uma política de guerra semelhante, que engajava a América e que mais tarde foi insolentemente anulada pelo Congresso. Roosevelt teve de reconhecer humildemente, em entrevista à imprensa, que nem se falou sobre o Japão na Conferência de Ialta. Julgo isso bem possível. Stalin deve ter-se recusado a se deixar arrastar para dentro do conflito do Extremo Oriente. Nessa entrevista de Roosevelt, aliás, aparecem algumas ocultas amabilidades em relação a nós, mas acredito que são antes efeito propagandístico do que fruto de motivos reais.

Entrementes, no caso da Romênia o Kremlin ignora as decisões de Ialta e procura criar fatos consumados. Depois que o gabinete Radescu se demitiu, os bolchevistas, conforme declaram em sua imprensa, querem ajeitar as coisas na Romênia o mais rapidamente possível e com métodos severos. A demissão de Radescu foi inevitável após a pressão soviética, e é de esperar que o rei com sua corte se comportem direito no tratamento futuro do conflito romeno. De qualquer modo, a retirada de Radescu causou a pior sensação no povo anglo-americano. Mesmo o *Times* agora se torna um tanto impaciente e julga com dureza a política do Kremlin. Acho que o *Times* ainda terá seguidamente oportunidade de se queixar das arbitrariedades do Kremlin.

Tenho à minha frente uma ordem do Marechal Koniev às tropas soviéticas. O Marechal Koniev, nessa ordem, combate os saques crescentes que os soldados soviéticos fazem nos territórios da Alemanha Oriental. Mencionam-se aí casos isolados que correspondem exatamente aos casos que nos foram informados do nosso lado. Os soldados soviéticos apoderam-se, nos territórios da Alemanha Oriental, principalmente das provisões de aguardente, embebedam-se até à inconsciência, vestem trajes civis, colocam chapéu ou cartola, e seguem de bicicleta

para o leste. Koniev exige aos comandantes que ajam da maneira mais severa contra essa corrupção das tropas soviéticas. Ordena também que incêndios e saques só poderão ser realizados quando comandados. A sua caracterização dos fatos é bastante elucidativa. Pode-se deduzir que realmente os soldados soviéticos são a ralé das estepes. Temos relatórios correspondentes de atrocidades no leste. São realmente assustadores. Nem podem ser reproduzidos na íntegra. Especialmente da parte superior da Silésia, chegou um material chocante. Em algumas aldeias e cidades todas as mulheres entre 10 e 70 anos foram violentadas incontáveis vezes. Isso parece dever-se a uma ordem superior, pois o comportamento da soldadesca soviética obedece a uma rígida sistemática.

Agora iniciaremos uma grande campanha contra isso, no país e no exterior. O General Guderian declarou-se pronto a ler a mencionada ordem do Marechal Schukov diante da imprensa nacional e estrangeira, e depois mandar interrogar publicamente uma série de oficiais que voltaram de postos nas nossas linhas e que dizem ter visto incontáveis vezes com seus próprios olhos as devastações e atrocidades cometidas.

Na Espanha estão promovendo o falangismo. Enterraram-se alguns falangistas assassinados por comunistas. A imprensa espanhola usa isso para iniciar uma aberta campanha antibolchevista. Mas por trás disso naturalmente não há seriedade política. Franco é o perfeito galo de briga. Havendo oportunidade, mostra-se incrivelmente emproado; mas, uma vez passada a ocasião, torna-se novamente tímido e covarde.

O Obergруппenführer Steiner recebeu de Himmler a tarefa de estacionar todos os corpos de tropas que estão na pátria, no *front* da retaguarda do leste e do oeste. Além disso, deverá organizar, com as unidades da reserva que foram escolhidas a dedo por mim, um novo IX Exército. Trata-se de projeto grandioso a que pretendo dar meu mais fervoroso apoio. É um disparate que ainda hoje haja em Nuremberg ou em Bayreuth unidades da Wehrmacht para aperfeiçoamento de soldados. O correto é colocá-los no *front* da retaguarda, em Brandenburgo ou na Pomerânia, para que, quando alguma vez os soviets abrirem uma brecha, estejam prontos a intervir. Eu bem gostaria de evacuar parcial ou totalmente a população civil desses territórios, pois certamente nossas mulheres preferirão deixar suas aldeias e cidades a serem vítimas dos soldados soviéticos, caso haja ocupação inimiga. Steiner, aliás, causa-me excelente impressão. É enérgico, sabe o que quer, e cumpre sua tarefa com grande entusiasmo.

De resto, queremos encher não apenas os territórios atrás do *front* no leste, mas também no oeste, com nossas unidades ainda em aperfeiçoamento. Assim ao menos, em caso de necessidade, teremos algo à nossa disposição.

A guerra aérea continua nas mais loucas orgias. Estamos inteiramente indefesos. O Reich aos poucos se transforma num deserto absoluto. A responsabilidade disso é de Göring com a sua Luftwaffe. Ela não tem mais condições mínimas de aparecer, nem mesmo em posição de defesa.

Já estamos sendo forçados — e em breve seremos mais ainda — a reduzir grandemente nossas rações de alimentos. A perda dos territórios do leste faz-se notar agora da maneira mais dolorosa. Backe absolutamente já não consegue ao menos apresentar um balanço claro da alimentação, pois sequer sabe o que de momento tem à disposição ou o que terá no futuro. Muito em breve seremos obrigados a reduzir as rações de alimentos de 35 a 50% nos produtos essenciais, como banha e pão. Com isso baixarão aquém do mínimo das necessidades vitais. Parte dessas reduções terão de ser executadas imediatamente; com a outra parte

teremos tempo até 9 de abril. Pode-se imaginar o efeito disso na opinião do povo. Mesmo com a reconquista dos nossos territórios orientais, não poderemos escapar a fortes reduções. A todo o sofrimento que nosso povo já tem de suportar, vai-se acrescentar ainda o da fome. Mas não se conhece outra possibilidade de tentar continuar a resistir bravamente nessa luta.

Os efeitos do meu discurso no rádio estão divididos. Naturalmente, o povo esperara algo mais positivo, quer dizer, que eu fosse capaz de dar-lhe esperanças mais reais, e não apenas dizer que permaneçam valentes. Infelizmente, porém, não posso. Quando, por exemplo, se critica que só me manifestei vagamente sobre a guerra aérea, não é minha culpa, mas de Göring. Eu teria gostado de dizer algo mais positivo sobre a Luftwaffe, se ela estivesse realizando algo mais positivo. De resto, acredito que o discurso só nos próximos tempos terá seu efeito mais profundo. Os argumentos ali apresentados dirigem-se aos corações fortes do país. Assim que tivermos reconquistado esses corações para um prosseguimento na luta, arrastarão consigo as grandes massas do povo.

A situação ao anoitecer está de novo mais crítica. O inimigo atacou fortemente no oeste. É verdade que aplicou nessa luta todas as suas reservas, mas por outro lado conseguiu consideráveis progressos. Está agora na minha cidade natal, Rheydt, e na margem de Munique-Gladbach. Seus tanques de guerra agem com terrível força. Também já alcançaram a margem de Grevenbroich e formaram algumas cabeças-de-ponte sobre o Erft, que tínhamos imaginado como nossa nova linha de defesa. O inimigo teve fortes perdas, mas tais lhe serão suportáveis, se conseguir avançar. Também na região de Prüm e Trier conseguiu progressos. Está agora a 6km de Trier. A cidade provavelmente estará em perigo nas próximas 24 horas. Ao menos me alegra no meio de tantas notícias deprimentes esta de que em lugar algum o inimigo conseguiu uma brecha. E isso é o mais importante.

No leste, formaram-se dois novos pontos de ataque decisivos, nos territórios de Zobten e Pomerânia. Quanto ao *front* pomerano, o inimigo obteve na região de Arnswald algumas brechas mais profundas. Parece que se confirma a tese do Führer, que também aceitei, de que os soviets não pretendem atacar logo Berlim, mas tentarão dividir e separar a Pomerânia. Também em Neustettin o inimigo avançou mais para o norte. Tentamos atacar-lhe os flancos, mas com forças não muito intensas. Em Breslau realizam-se as mais violentas lutas de rua. Queremos intervir ali com tropas aerotransportadas. Na Prússia Oriental nossos soldados conseguiram novamente um nítido sucesso de repressão.

Mais fortes ataques aéreos sobre o Reich inteiro, especialmente em Viena, Ulm e Augsburg. Quanto à questão da guerra aérea, é melhor nem dizer mais nada. Aqui só se pode dizer com Hamlet: O resto é silêncio!

3 de março de 1945, sábado

Ontem:

Situação militar:

O ponto central das batalhas no leste foi novamente a região de Neustettin-Rummelsburg, onde pontas de tanques inimigos avançaram ao longo da estrada de Bublitz-Köslin, e da estrada de Bublitz-Schlawe para noroeste e norte, até o sul de Köslin e Schlawe. Nossos ataques da região de Rummelsburg para cortar os territórios conquistados pelas forças inimigas não tiveram inteiro sucesso. Para perturbar nossos contra-ataques o inimigo atacou a norte de Schlochau e avançou alguns quilômetros na direção da estrada Rummelsburg-Bütow.

O segundo centro de gravidade estava na Prússia Oriental, onde ofensivas soviéticas foram novamente repelidas. As tropas alemãs, ali combatendo dias a fio sob as mais duras circunstâncias, realizaram uma tarefa excelente.

No resto do *front*, são notáveis duas invasões inimigas de até 10km de profundidade, entre Reetz e Kallies. De resto, nenhuma mudança na situação.

No *front* ocidental, o inimigo avançou mais alguns quilômetros no território canadense-inglês em direção do sul e foi detido ali, numa linha Sonsbeck-Kevelaer. No setor da ofensiva americana, o ponto central está na região de Gladbach-Rheydt, onde o inimigo tenta avançar em direção nordeste. Entre Venlo e Dülken, foi ocupada toda uma das nossas linhas de defesa dos flancos do lado norte. Os americanos entraram em Munique-Gladbach e Rheydt, e estão agora entre Rheydt e Neuss, em luta contra as forças alemãs que intervieram para o contra-ataque. Neuss e Düsseldorf estão sob fogo da artilharia inimiga. Na seção do Erft, o inimigo teve apenas sucessos locais. A leste de Düren, os americanos conseguiram conquistar mais chão na direção da seção do Erft. Colônia está igualmente sob fogo de artilharia.

Na região de Bitburg, os americanos tiveram apenas insignificantes sucessos locais. No território a sul de Trier conseguiram alcançar a margem leste da cidade de Trier, num avanço para o norte.

No território do Reich, entraram cerca de 1.200 bombardeiros americanos, realizando ataques contra objetivos na Alemanha do sul e do sudoeste. Uma forte unidade tática britânica atacou cidades da Alemanha Ocidental, Mannheim, Ludwigshafen e o território de Dortmund. O dia inteiro imperou movimentada atividade de bombardeiros inimigos no Médio Reno e na zona industrial do Reno e da Vestfália.

Da Itália entrou uma incursão de cerca de 800 bombardeiros americanos quadrimotores, para ataques a Moosbierbaum; um ataque secundário dirigiu-se a Marburgo. À noite, ataques contra Berlim e Erfurt. Ainda não há notícias de aviões inimigos derrubados.

A situação no oeste torna-se mais ameaçadora. O lado inimigo novamente triunfa de modo extraordinário. Por outro lado, Stinson, Ministro da Guerra americano, foi forçado a reconhecer perdas extraordinariamente grandes do seu lado. Menciona o selvagem fanatismo com que nossos soldados lutam e diz que por enquanto não se pode nem falar em redução da resistência alemã. Seria terrível se no oeste não conseguíssemos ao menos manter-nos no Reno. Um avanço maior dos americanos derrubaria também em grande parte nossa tese política de guerra. Vivemos agora uma fase dessa gigantesca luta em que tudo está em jogo; o destino do Reich por vezes pende de um fio de seda.

O debate da Câmara dos Comuns enfim terminou. Numa palavra final, Eden dirigiu novamente um apelo ao chamado "povo austríaco" para que se separe do Reich alemão, e depois ficou pisando em ovos ao falar na questão polonesa. Declarou de modo estupidamente impertinente que o Comitê de Lublin não foi reconhecido pelos ingleses, e inclusive que os representantes desse Comitê, que recentemente fizeram uma visita a Londres, teriam causado uma impressão extraordinariamente favorável. Em Ialta, aparentemente, também se havia sido contrário a esse comitê lublinense. Contudo, não fala em Stalin. Em Londres, estão furiosos porque o Comitê de Lublin agora prende insolentemente membros das famílias dos exilados poloneses londrinos, por exemplo, a esposa do Primeiro-Ministro polonês exilado, Arciszewski. Eden declara que a Inglaterra deseja debater com os Estados Unidos sobre que atitude tomar. Naturalmente não tomarão atitude alguma, pois a Inglaterra não está em situação de fazer nada. Não se trata mais do que a Inglaterra quer, mas do que a Inglaterra pode fazer, e ela não pode mais coisa alguma. De qualquer maneira, o debate na Câmara dos Comuns transcorreu de tal modo que, ao sair de lá, Churchill recebeu da parte de alguns deputados palmadinhas nos ombros. E manda anunciar isso para o mundo inteiro de modo grandiloquente através da Agência Reuters. Provavelmente precisa disso, pois sua situação, apesar daquela moção de confiança que lhe foi dirigida, é muito precária.

Também na Câmara dos Lordes criticou-se duramente a Conferência de Ialta. O caso polonês é, por assim dizer, um exemplo primário da credibilidade da Inglaterra no mundo. Agora se afirma a Churchill que a moção de confiança por ele recebida não foi um cheque em branco por sua política de submissão ao Kremlin. Mas parece-me que tudo isso é apenas conversa-fiada em torno do verdadeiro problema. De momento, nada se pode esperar politicamente da Inglaterra, menos ainda dos Estados Unidos.

Roosevelt apresenta-se ao Congresso. Seu discurso é uma mixórdia de frases e repetições de seus velhos refrões, sem que se possa deduzir nada sobre os acordos de Ialta. Fala na paz iminente, na Carta do Atlântico, na qual insiste agora como antes, dizendo que é tarefa das potências inimigas primeiro aniquilar o Reich, depois preocupar-se com outros problemas, e que esse golpe de nocaute deve ser realizado com poucas baixas, que para isso é preciso haver maior unidade do lado inimigo, que em Ialta se conseguira claramente uma coordenação das operações militares e que os Estados Unidos, como sempre, se firmavam no

ponto de vista de uma capitulação incondicional. Que o lado inimigo não deseje causar mal algum ao povo alemão; mas que, com o nazismo e o militarismo eliminados, até a Alemanha teria direito a uma boa vida com os demais povos da terra. Em suma, temos aqui uma reprodução das frases sedutoras que Roosevelt sempre emite quando procura sucessos políticos. É realmente desavergonhado o modo como Roosevelt afirma ter visto as destruições em Sebastopol. E que delas deduziu não ser possível uma convivência entre a decência cristã e o nazismo. Naturalmente, nada fala sobre as terríveis destruições diariamente causadas pela força aérea americana em cidades alemãs indefesas. Em suma, não vale a pena sequer mencionar esse discurso de Roosevelt. É demasiado mentiroso e imbecilmente insolente para que se possa iniciar uma polêmica em torno dele. Aliás, agora sou da opinião de que nos devemos ocupar menos com os discursos dos estadistas estrangeiros. Despejam diariamente sobre o mundo suas novas explicações e, se nos pusermos a polemizar, ainda estaremos fazendo propaganda indireta a seu favor. O interessante na explicação de Roosevelt foi apenas que fala numa longa guerra contra o Japão. Logo, está preparando a opinião pública americana para novos sacrifícios à sua megalomania.

O Rei Miguel, da Romênia, encarregou agora o Príncipe Stirbey de formar um novo gabinete. O Príncipe Stirbey é aquele que, outrora, negociou com os anglo-americanos a retirada da Romênia da nossa coalizão. Evidentemente, a corte romena, no seu desespero, quer apoiar-se agora nos anglo-americanos, conseguindo proteção contra os soviéticos.

Numa conversa que tive com Sepp Dietrich, este me deu esclarecimentos sobre as próximas tarefas que o Führer lhe confiou. Espera já em talvez seis dias poder começar as operações no território húngaro, várias vezes anunciadas. Se tudo correr bem, pode-se esperar enorme sucesso. Mas acredita depois disso estar em 14 dias à disposição para novas operações no território alemão do leste. Até agora foi possível camuflar também aos olhos do inimigo a concentração do VI Exército de tanques no território húngaro; pelo menos, por enquanto não se perceberam medidas de reação. Logo, no total podemos contar com a possibilidade de operações maiores também no território oriental da Alemanha. Até lá, porém, ainda teremos de atravessar um período bastante duro.

Dietrich, em seu relato, faz uma crítica bastante aberta às medidas do Führer. Queixa-se de que ele dá pouca liberdade aos colaboradores militares, tendo isso chegado a tal ponto que o Führer agora determina até mesmo o engajamento de cada companhia isolada. Mas Dietrich não consegue avaliar a situação. O Führer não está em condições de confiar em seus conselheiros militares. Eles lhe mentiram e o enganaram tantas vezes, que agora tem de se interessar pessoalmente pelos mínimos detalhes. Graças a Deus ele faz isso, pois, se não fizesse, a situação estaria pior do que de um modo ou de outro já está.

De um relatório minucioso sobre a situação na Silésia, deduzo que Schörner conseguiu reorganizar razoavelmente linhas de defesa firmes. Mas, em diversos pontos, constata-se novamente que nossas forças estão fracas demais para fazerem contra-operações. Os soviéticos empregam sua velha tática de formar centros de gravidade e com isso sempre reaparece o perigo de invasão.

De resto, a situação dos soviéticos pode ser descrita da seguinte maneira: os armamentos de suas tropas são extraordinariamente bons; mas sofrem cada vez mais a falta de pessoal. Sua infantaria ofensiva consta agora na maior parte de trabalhadores aprisionados no nosso território oriental e de poloneses. Sua alimentação é descrita como razoavelmente suficiente. Os poloneses mostraram-se

bastante reservados em relação aos soviéticos no governo geral. Sabem muito bem o que os espera quando os soviéticos tiverem um dia liberdade total de ação. A grosso modo, pode-se falar de uma boa disciplina entre as forças blindadas soviéticas. Em contrapartida, dizem que o bando da infantaria encontra-se em estado desolador. O soldado russo está cansado da guerra. Agora só pode ser mantido com a esperança de que em breve chegue a Berlim e a guerra termine.

Da Romênia vem a informação de que toda a opinião pública romena pensa com saudade nos tempos em que os alemães ocupavam seu país. Mas infelizmente esse reconhecimento chega tarde. A Guarda de Ferro entretimentos começou sua obra. A evolução dos fatos na Romênia mostra, por si, que os soviéticos estão de olho firme neles.

A guerra aérea continua sendo o grande sofrimento na situação atual. Os anglo-americanos realizaram outros ataques muito fortes ao oeste e sudoeste do Reich, com prejuízos que não é possível descrever detalhadamente. A situação torna-se dia a dia mais intolerável, e não temos qualquer possibilidade de nos defendermos.

A evacuação decorre apenas razoavelmente. Existe a questão de saber se realmente podemos, conforme o desejo do Führer, evacuar multidões maiores de alemães para a Dinamarca. Não se sabe como as coisas evoluirão nesse caso nos próximos tempos.

Além disso, passaremos realmente a descongestionar um pouco Berlim. Em surgindo uma situação precária na capital do Reich, ao menos teremos tirado da cidade uma parte da população.

Pela guerra, especialmente a aérea, foram até hoje destruídas cerca de 6.000.000 de moradias. Isso representa, num total de 23.000.000 de moradias que havia no Reich em 1939, uma porcentagem assustadora. Ao todo, pode-se falar atualmente numa carência de 9.000.000 de moradias. Portanto, depois da guerra, teremos uma tarefa monumental nesse terreno. Estimo, porém, que, com modernos métodos de construção, conseguiremos muita coisa. Se calcularmos que, antes da guerra, um operário de construções erguia uma casa por ano, teria de ser possível, por uma racionalização desse processo, duplicar essa cifra. Quer dizer que, se tivéssemos de erguer 9.000.000 de moradias e empregássemos nisso 1.000.000 de operários, seria possível resolver inteiramente o problema habitacional em quatro ou cinco anos.

Stuckart participou-me que o Comando Supremo da Wehrmacht e o Comando Supremo do Exército encomendaram na Turíngia aquartelamento suficiente para cerca de 54.000 homens. Como se pode sequer comandar um aparelho militar que disponha de tal quantidade de homens? O peso dessa quantidade inibe de tal modo que não se podem fazer mais nem trabalhos de improvisação.

Quanto à situação do *front* alemão, no interior do país, podem-se registrar as seguintes observações: o povo ainda se encontra relativamente intacto. Contudo, há demasiadas queixas contra os oficiais. Procuram culpá-los por todas as derrotas, o que naturalmente causa nas tropas uma forte redução do senso de autoridade. É banal demais atribuir à sabotagem de oficiais as derrotas dos dois últimos anos. As coisas não são tão simples. Por isso decidi, na próxima oportunidade — talvez numa visita ao *front* — falar francamente com o povo sobre isso, pois não se admite que nessa condição tão crítica comecemos a brigar para ver quem tem a culpa de tudo. Já no relaxamento da disciplina fundamental vê-se como tais debates a longo prazo só fazem desmoralizar as tropas. Também as deserções aumentaram significativamente. Presume-se que nas grandes cidades

do Reich há dezenas de milhares de soldados supostamente desaparecidos em bombardeios, na verdade fugidos do serviço do *front*. Por isso, também me bato energicamente para que se suspendam agora as licenças para toda a Wehrmacht. Neste momento grave nenhum soldado tem de tirar férias, todos têm o dever de lutar.

Nas cartas que recebo faz-se muita crítica à nossa orientação de guerra de modo geral, e agora até pessoalmente contra o Führer. O povo não vê mais saída do dilema que enfrentamos. E receia especialmente que, depois da perda das nossas províncias orientais, muito em breve se farão necessários racionamentos muito pesados no setor da alimentação, coisa que de fato já acontece. É talvez aqui que devemos esperar as maiores dificuldades.

Constantemente recebo montanhas de cartas em que se tecem os maiores elogios à minha atividade de jornalista e de orador. Meu último discurso alcançou, de modo geral, um bom efeito. Naturalmente não pôde ser excelente, porque não pude anunciar vitórias, senão apenas derrotas. De um lado, elogia-se particularmente a calma com que consegui fazer o meu discurso; de outro lado, de vez em quando, exige-se que eu fale com mais entusiasmo. Acredito, porém, que a maior parte do povo se deixará convencer atualmente mais pela calma do que pela histeria.

Speer, de momento, trabalha para libertar de novo a rede de transportes. Para conserto das nossas estações férreas de triagem, mobilizou 800.000 operários, especialmente no oeste. Se conseguirmos de novo libertar nossas estações de triagem, também os transportes voltarão a funcionar, e nossos inúmeros trens estacionados poderão movimentar-se novamente. Aliás, aqui está o cerne do problema dos nossos tão emperrados meios de transporte. Speer é, nesse assunto, o homem certo no lugar certo. Sabe agarrar pela raiz uma dificuldade muito grande. De resto, concordou cem por cento com a reforma financeira sugerida por von Krosigk, o que é bastante acertado. Temos de adquirir novamente mais firmeza na questão econômica.

Leio memoriais de Gneisenau e Scharnhorst sobre a preparação da guerra popular em 1808. Então como hoje foi exatamente a mesma coisa, temos de nos defender contra o inimigo exatamente com os mesmos meios, como aconteceu antes das guerras de libertação.

Em Berlim registramos extraordinárias dificuldades pela falta de energia. Nossas usinas na capital, mas também nossas linhas para fornecimento à distância, estão tão prejudicadas que na capital observamos grande desemprego, mesmo nos mais importantes setores armamentistas. Também para nosso sistema de alarme antiaéreo os efeitos disso são péssimos. De momento, sequer estamos em condições de pôr em atividade esse sistema.

O combustível para a capital do Reich está mais reduzido ainda. Agora, conforme Schach observou corretamente, mal conseguimos suprir nossos isqueiros.

Tive uma longa conversa com o Gauleiter Eggeling, que me apresentou suas preocupações quanto à liderança do Reich. Conheço bem tudo o que ele tem a criticar. Não há nada de novo que possa acrescentar. Ele se volta contra Göring, exprimindo seu espanto pelo fato de o Führer ainda não tê-lo jogado no ferro-velho. Os Gauleiters estão desesperados com a indecisão do Führer nas questões mais importantes relacionadas com o pessoal, e pedem — como agora faz Eggeling — insistentemente que não me canse de lutar junto ao Führer para

que ao menos faça uma modificação no comando da Luftwaffe e na política externa alemã.

Tive grande aborrecimento com o jornal *Das Reich*. Apareceu de novo um artigo de Schwarz van Berk, o qual contradiz diretamente todas as nossas teses. Aliás, o *Reich* se destaca por desempenhar uma espécie de papel marginal. Tomarei as mais enérgicas medidas quanto a isso. O *Reich* tem na verdade a tarefa de defender, do modo mais inteligente, veemente e excelente possível, todas as nossas teses, e não seguir seus próprios caminhos.

A situação ao entardecer não é nada satisfatória. O inimigo penetrou em Krefeld. Está diante de Neuss; conseguiu, portanto, consideráveis sucessos territoriais em uma região que é para nós de importância quase vital. A seção do Erft graças a Deus foi inteiramente conservada. Ainda não se pode falar numa invasão. Mas a situação tornou-se muito precária. Provavelmente na região de Venlo teremos de retirar nossas tropas, que correriam o perigo de terem seu caminho cortado. A cidade de Trier está sitiada. Bem pesadas as coisas, as previsões para os próximos dias são sombrias.

Também no leste nossas medidas não deram o resultado que esperávamos, especialmente aquelas que introduzimos na Pomerânia para cortar o caminho das pontas de tanques soviéticos avançadas. Até agora nada deu resultado. O inimigo continua avançando, e não se importa absolutamente com nossos contra-ataques. Em Arnswald o inimigo conseguiu entrar mais profundamente. Em compensação, seus avanços em Zobten foram repelidos.

Recebo uma triste notícia. Meu velho amigo e colaborador Eugen Hadamovsky tombou à frente da sua companhia. Recebeu um tiro no coração e morreu instantaneamente. Com ele perco um dos companheiros de jornada que desde muitos anos, contra tudo e contra todos, permaneceram incansavelmente fiéis a mim. Terei dele uma memória muito honrosa. Quanto sangue precioso sacrificado nesta guerra! Mas, quando se encara com raciocínio calmo a crise mundial que atualmente atravessamos, podemos pensar que Hadamovsky deveria até ser invejado pelo destino que teve — e que escolheu.

4 de março de 1945, domingo

Ontem:

Situação militar:

No leste o centro dos combates está, como antes, no território pomerano, onde o inimigo procura com forças maciças abrir nosso flanco norte e entrar. Entre Köslin e Schlawe, forças inimigas atravessam a estrada Köslin-Stolp, no riacho Grabow. O contra-ataque alemão da região de Rummelsburg para o sudoeste, através do qual reconquistamos Rummelsburg, avançou mais uns 10km a sul de Rummelsburg, mas deparou com fortíssima oposição inimiga, e não conseguiu avançar mais. Nossa linha transcorre agora a mais ou menos 10km a noroeste e oeste de Rummelsburg, e depois em direção leste sobre Heiderode até Vístula. O flanco esquerdo do território invadido de Neustettin-Bublitz-Köslin transcorre cerca de 20km a oeste de Neustettin para o norte. Também aqui nossos contra-ataques não conseguiram progredir, após uma primeira conquista de terreno. A pressão inimiga para o oeste, a fim de aumentar o espaço da invasão, parou sem poder ganhar mais terreno. Um segundo centro de gravidade está no território invadido a norte de Reetz. Ali o inimigo atacou com forças de tanques de guerra em direção norte, avançando com pontas de tanques na estrada e na ferrovia Stargard-Köslin até ao sul de Labes. Outras forças dirigiram-se a norte de Reetz em direção de Stargard para oeste. Ao mesmo tempo os soviéticos atacaram do território de Arnswalde para o norte e atravessaram, em Zachan, a ferrovia Stargard-Reetz. Também em Pyritz e a oeste entre Pyritz e Bahn o inimigo atacou em direção de Stettin conseguindo brechas de 6 a 8km de profundidade. Pyritz caiu nas mãos do inimigo.

No território eslovaco o inimigo continuou seus fortes ataques locais ao sul de Chemnitz e a leste de Altsohl. O *front* próximo até Breslau não apresentou nada de importante. Os ataques contra a nossa posição em Zobten reduziram algo da sua intensidade ontem, e foram todos repelidos. Entre Löwenberg e Lauban, e entre Lauban e o território a nordeste de Görlitz, alguns ataques para norte e noroeste conseguiram ganhar até 8km de terreno. No *front* do Neisse e do Oder nenhum fato importante. Apenas a sul de Küstrin o inimigo conseguiu expandir sua cabeça-de-ponte a oeste de Göritz em cerca de 100m até as partes mais altas. Os fortes ataques dos soviéticos contra a Prússia Oriental fracassaram novamente, diante da inabalável resistência da nossa defesa. Só em Zinten o inimigo conseguiu uma insignificante invasão local. Em Kurland, tudo esteve mais calmo.

No oeste, o centro de gravidade da grande ofensiva americana está na região entre Neuss, Krefeld e Venlo. Depois que o inimigo chegara, na véspera, à margem de Neuss, ontem atravessou Neuss até as pontes do Reno. Ao norte, avançou ao longo da estrada Neuss-Moers mais uns 10km. A sul de Krefeld chegou até a estação ferroviária situada na margem sul da cidade. Ali realizam-se violentas lutas nas casas. Da região de Venlo, o inimigo atingiu o Niers, a sudoeste de Kempen. Simultaneamente, ingleses e canadenses continuam seus ataques da região de Goch para o sul, sem alcançarem grandes sucessos. A pressão principal dirigiu-se contra Xanten. As tentativas do inimigo, de invadir nossa nova linha de Sonsbeck a Kevelaer, fracassaram. As batalhas mais importantes se realizam na floresta situada a cerca de 10km a oeste de Xanten. Na seção do Erft, e na zona ao sul de Düren, o inimigo prosseguiu seus ataques extraordinariamente fortes, sem que a situação se modificasse muito. Entre Neuss e Grevenbroich, na estrada de Jülich a Neuss, forças nossas atacaram o flanco do inimigo. Em Grevenbroich, o inimigo conseguiu entrar, e também ao sul de lá conquistou algum terreno. Na seção do Erft, seus ataques foram repelidos, e algumas invasões neutralizadas pelo nosso contra-ataque. A norte de Zülrich o inimigo pôde avançar um pouco mais na direção de Bonn. Ali nossas tropas ainda estão fixadas a oeste de Erft. No Eifel houve novamente violentos ataques inimigos dos dois lados de Prüm, com pequenas invasões locais. No território de Trier, o inimigo fortaleceu sua pressão do norte para o sul; foi detido numa linha a cerca de 4 a 5km a norte e noroeste da cidade. De Trier pôde avançar até a ponte sul do Mosela. Na seção de Zerf a pressão inimiga se deteve; todos os seus ataques foram repelidos.

Da Itália não chegaram notícias de batalhas importantes.

No território próximo ao *front* oeste reinou ontem violenta atividade aérea do inimigo. O centro de gravidade do ataque dos caças-bombardeiros e unidades de bimotores foram Munster, a região do Reno-Meno, a Renânia e a Vestfália.

No território do Reich voaram cerca de 1.250 bombardeiros quadrimotores americanos, com forte acompanhamento de caças, em ataques a Dresden, Schwarzeide, Böhlen, Espenheim, Chemnitz e Magdeburgo. 350 bombardeiros quadrimotores britânicos, com proteção de caças, atacaram Colônia e objetivos próximos ao *front*. Em Colônia, a Catedral foi duramente atingida. Cerca de 150 bombardeiros, com proteção de caças, fizeram ataques a meios de transporte na região de Koblença-Neuwied. Caças e nossa defesa antiaérea, conforme relatos até agora recebidos, abateram 35 aparelhos inimigos.

Da Itália cerca de 350 bombardeiros quadrimotores americanos atacaram Linz. Bombardeios isolados sobre Villach e Graz.

A noite, uma unidade de combate inglesa minou Skagerrak. Ataques contra Berlim e Kasse. Três Mosquitos derrubados.

De momento, estamos suportando um assalto extraordinariamente duro no oeste. A evolução dos fatos ali nos causa sérias preocupações, e talvez seja necessário que nos retiremos para o Reno, se antes disso não for possível nos mantermos no setor de Erft. Na verdade, não tínhamos imaginado que as coisas ocorressem dessa maneira, embora não se possa ignorar que, naturalmente, o Reno é para nós uma linha de defesa muito boa. Perderemos pouco em potencial armamentista nesse território, se lembrarmos que o material antes ali existente foi na maior parte destruído pelos ataques aéreos. Essa circunstância é um tanto desoladora; mas de que adianta nos lamentarmos? Precisamos tentar manter algum

ponto de apoio, não interessa onde, para aguardar o desenrolar político da situação. Esse é que nos dá motivo de maiores esperanças.

Também nos Estados Unidos agora reina um verdadeiro espírito de guerra, o que obviamente não é do gosto dos americanos. Segundo nos informaram homens de confiança, também nos Estados Unidos a guerra se tornou um fato cotidiano. É verdade que o povo americano não a enfrenta com a mesma tenacidade que o povo alemão ou o russo. Uma greve depois da outra, e dessa vez trabalhadores de minas.

Também na Inglaterra a febre grevista recrudesceu. Os estivadores e os portuários em geral param de trabalhar pelos motivos mais insignificantes. Por trás dessas greves, descobre-se sem necessidade de muita perspicácia que há motivos políticos. O Kremlin tem ali o seu grão de influência.

Uma afirmação simplesmente sensacional fez o *Daily Mail*, esclarecendo que fui eu quem, sozinho, há dois anos, caracterizei corretamente o caso polonês, e profetizei com acerto a complacência inglesa em relação ao Kremlin. Churchill é duramente criticado nesse artigo. O *Daily Mail* de modo geral assume o nosso ponto de vista quanto ao problema polonês, e censura Churchill por apenas repetir monotonamente "Matem os hunos!", enquanto a Inglaterra aos poucos decai na maior miséria.

Alegro-me com um julgamento extraordinariamente bom que me faz tanto a imprensa neutra quanto, até, a inimiga. Jornais neutros, por exemplo os social-democratas de Estocolmo, elogiam exageradamente meu mais recente discurso no rádio, louvando-me como um mágico da psicologia política e como o mais hábil propagandista do mundo atual. Na verdade, é mesmo assim, precisa-se de imensa capacidade de adaptação para, no atual estado da guerra, falar a seu próprio povo e ao mundo de um modo que, por um lado, se diga a verdade, mas por outro, não se quebre a fé alemã numa vitória.

De Gaulle apresentou, em sua última fala ante a Assembléia Nacional Francesa, uma verdadeira choradeira. Acusa os Aliados pelo estado desolador em que a França se encontra. A França não pode viver nem morrer, diz ele. E que entre o povo francês impera um desemprego como jamais se observou na história do país.

O mesmo, aliás, acontece na Bélgica. O país está passando fome. Também o governo belga se entrega às mais duras queixas contra os Aliados ocidentais, que não estão em situação de oferecer, para provisionamento dos povos da Europa Ocidental, nem o mais insignificante número de navios.

A evolução dos fatos na Romênia segue inteiramente os desejos do Kremlin. Nomear o Príncipe Stirbey para Primeiro-Ministro foi uma desesperada tentativa de salvar a casa real. Com isso, quiseram um apoio mais forte dos anglo-americanos, mas o Kremlin lhes cortou os naipes fazendo com que Wychinsky, o representante de Stalin na Romênia, recusasse cabalmente a candidatura do Príncipe Stirbey, abrindo caminho para Petru Groza ocupar o posto. Petru Groza é nitidamente intelectual radical da esquerda. Já nem se pode falar num Kerenski, mas num pequeno Lênin. Não tardará muito, e a traidora corte romena com seu rei infante, Miguel, será deposta, e a própria Romênia integrada à União Soviética como nova república soviética.

Os americanos bem gostariam de fazer Primeiro-Ministro um cardeal polonês. Acho que vão morrer de rir por causa disso no Kremlin, pois certamente Stalin não pensou nem por um segundo em reformar ou deixar de lado o Comitê

de Lublin. Isso foi um presentinho para a Conferência de Ialta, o qual, no entanto, passada a conferência, será silenciosamente retomado pelo seu doador.

Os soviéticos nos deixaram outra vez em situação crítica, com seu avanço na Pomerânia. Não esperávamos por isso, mas era de se esperar, pois estamos fracos demais em todas as partes do *front*. Os soviéticos têm a maior facilidade de simplesmente formarem um centro de gravidade em qualquer lugar, depois invadir, e nós temos de mandar nossas unidades, como as de bombeiros, aos pontos em que o *front* está em chamas, para consertar, mal e mal, e com grandes baixas, a coisa toda.

Através da Suécia recebemos notícias alarmantes sobre a Finlândia. Conforme tais notícias, os soviéticos agora fecharam todo e qualquer contato de Helsinqui com o exterior, sinal de que tencionam repetir na Finlândia o exemplo da Romênia. A situação ali tornou-se extraordinariamente crítica, o que causou a maior indignação em Londres. Surgiu na Finlândia um estado de coisas que talvez leve a uma explosão. Em Estocolmo estão consternados com o caso; na verdade, os suecos não têm motivo para bancarem os surpreendidos, pois foram eles que, repetidamente, aconselharam os finlandeses a seguirem o funesto caminho de uma ligação com a União Soviética.

Ao meio-dia tive longa conversa com Stuckart sobre o problema da evacuação. Stuckart relata-me as medidas até agora tomadas nesse terreno, as já preparadas e as ainda por realizar. Ao todo para o território do Reich, foram evacuados cerca de 17.000.000 de pessoas. Essa porcentagem é assustadora. Há distritos com uma superpopulação de 400%. Pode-se imaginar que condições reinam ali. Somos favorecidos, é verdade, pelo nível bastante luxuoso das nossas moradias de antes da guerra. Stuckart foi obrigado a, de um momento para o outro, evacuar também grandes partes da Pomerânia. Nisso movimentaram-se de novo cerca de 800.000 pessoas. Em sua maioria tiveram de ser levadas de barco, pois os soviéticos já tinham atravessado as estradas do país. O Reich tornou-se bastante pequeno. Por conseguinte, decidimos não evacuar mais ninguém do este. Ali, mesmo no caso de um avanço anglo-americano, é preciso deixar tudo como está. Se esvaziarmos o oeste completamente de habitantes, teremos uma tal superpopulação no centro do Reich que praticamente não haverá mais onde colocar as pessoas.

Combino com Stuckart também um descongestionamento provisório e talvez, eventualmente, numa emergência a evacuação de mulheres e crianças para fora de Berlim. Stuckart já tomou as providências necessárias, de modo que temos à disposição aquartelamento para 1.500.000 pessoas. Seria bom se eu jamais tivesse de recorrer a esse expediente; mas é igualmente bom que estejamos preparados para o pior: tanto mais força faremos para que o melhor esteja garantido.

De resto, Stuckart participou-me oficialmente que, caso Berlim seja atacada ou sitiada, tem o firme propósito de permanecer aqui, o que também já me foi dito por bom número de outros ministros e secretários de Estado. Todos sabem perfeitamente que uma luta por Berlim traria também a decisão sobre o destino do nosso povo.

Tive uma discussão muito séria com Sparing, redator-chefe do *Reich* sobre os mais recentes disparates que esse jornal se permitiu. Estes serão agora rigorosamente proibidos. Não tenho a menor vontade de permitir que o *Reich* se transforme paulatinamente num órgão derrotista. O *Reich* precisa honrar seu nome. Especialmente, precisa ostentar nos tempos atuais uma face belicosa e desfraldar a bandeira da nossa resistência. O *Reich* deve preencher hoje, na luta do nosso

povo pela liberdade e igualdade de direitos, o mesmo papel que o *Angriff* teve na luta pelo poder interno. Portanto, não se admite que o *Reich* acabe sempre em tagarelices intelectuais. Deve é apresentar as teses alemãs de guerra da forma mais inteligente, radical, genial e enérgica possível.

O Capitão Klaas expôs-me suas medidas para a distribuição do *Front und Heimat* no *front*. Por um lado, é mais fácil agora entregar o jornal aos soldados, mas, por outro, é mais difícil. Mais fácil porque os caminhos para o *front* estão mais curtos; mais difícil porque tais caminhos se complicaram extraordinariamente em razão das comunicações interrompidas. Apesar disso, temos de fazer tudo para que os soldados recebam duas, se possível até três vezes por semana um bom jornal político. Mas nesse assunto encontro pouco apoio, especialmente por parte da seção de propaganda do Comando Supremo da Wehrmacht. Esse departamento agora foi inspecionado por uma comissão para controle da mobilização total na guerra. Constatou-se que cerca de 550 oficiais e homens das tropas podem ser colocados à disposição em outros locais. Tenho a intenção de organizar toda a propaganda da Wehrmacht num novo departamento no Ministério da Propaganda, deixando apenas uma pequena seção para o Comando Supremo da Wehrmacht, que teria a tarefa de concretizar técnica e organizadamente as linhas de direção políticas e propagandistas planejadas pelo departamento de propaganda da Wehrmacht no Ministério da Propaganda. Com isso mato dois coelhos de uma cajadada só, de um lado consigo consideravelmente mais homens para as tropas no *front*, e de outro, finalmente, consigo uma coordenação da propaganda política e militar, urgentemente necessária, e na verdade já necessária no começo da guerra.

Mais uma vez o terror aéreo inimigo se desencadeou furiosamente sobre o território alemão. Dresden, Chemnitz, Magdeburgo e Linz foram atacadas. Temos a registrar até 70 aviões inimigos derrubados. Isso naturalmente não basta, não basta nem de longe para diminuir o ingresso de aviões inimigos no território do Reich; mas é sempre melhor que nada. Nos últimos dias tivemos poucas derrubadas de aviões inimigos.

Debato com meus colaboradores, no terreno da mobilização total, um programa que no momento é de importância decisiva para a provisão de pessoal na Wehrmacht. Em todo o Reich as pessoas se queixam de que os soldados andam aos milhares de trem, em parte com ordens, em parte sem elas. Esses soldados formam considerável contingente da nossa Wehrmacht e sequer podem ser contados, dentro das nossas possibilidades atuais. Mas isso deverá acontecer. No *front* haverá apenas um general-comandante, com direito de fornecer a um soldado o passe para dentro do país. De resto, queremos prender imediatamente, nas estações ferroviárias, soldados que não tragam consigo essa licença, e organizar com eles novas divisões. Acredito que será espantoso ver quantas tropas conseguiremos reunir dessa maneira. De resto, sou inteiramente de opinião de que, não só nesse terreno, mas em uma série de outros, devemos empregar rigorosas medidas para conseguirmos novas divisões de tropas. A atual organização da Wehrmacht alemã ainda vem dos bons velhos tempos, em que podíamos nos dar a luxos na mobilização de material humano. Mas esses tempos passaram em definitivo, e também a Wehrmacht está obrigada a adaptar-se às novas circunstâncias.

À tarde, ocupo-me corrigindo os originais do meu novo livro, *A Lei da Guerra*, que será editado com grande tiragem, em formato manuseável. Esse livro não contém artigos atuais, mas artigos fundamentais sobre a guerra, sua filosofia

e suas teses básicas, que publiquei ano passado, no *Reich* ou no *Völkischer Beobachter* (*Observador Popular*). O prefácio escrito por Model é excelente, muito elogioso para com a minha pessoa.

À tardinha, as notícias que chegam do oeste são muito poucas. A pressão na ofensiva americana aumentou consideravelmente. Tentamos abrandá-las um pouco através de algumas contramedidas. Até meia-noite, ainda não sabemos qual a situação quanto ao terreno.

Na Pomerânia Oriental a situação piorou mais. Os soviéticos entraram em ambos os flancos e obviamente planejam formar ali um caldeirão. Tentamos colocar nesse território ameaçado algum reforço para desfazer o plano soviético. Schivelbein foi perdida. Nossas tropas lutam de modo excelente. Nem de longe se pode atribuir a crise atual à sua desmoralização.

No *front* do Oder, não houve mudanças. No Zobten, repeliram-se todos os ataques soviéticos, e em Görlitz até conseguimos sucessos, embora modestos.

O Führer fez uma visita ao 1º Exército, no *front* oriental. A visita dirigiu-se especialmente às divisões "Döberitz" e "Berlim". O efeito da visita do Führer ao *front* foi imenso nos oficiais e nas tropas. Julguei correto que o Führer agora se dirigisse mais seguidamente ao *front*, para que enfim se acabem os repugnantes boatos de que ele não se interessa bastante pelo *front*. Interessa-se, mas não da maneira como o entendem primitivos cérebros de soldados. Apesar disso, por razões psicológicas, seria necessário que o Führer também se mostrasse ao *front* pessoalmente, e humanamente, como na verdade é.

À tardinha publica-se no rádio um discurso do Gauleiter Hanke, da cercada fortaleza de Breslau. É de uma comovente força persuasiva e respira uma dignidade, uma nobreza de moral política, dignas de admiração. Se todos os nossos Gauleiters do leste fossem e trabalhassem como Hanke, nossa situação estaria bem melhor do que realmente está. Hanke é a figura destacada dos nossos Gauleiters do oeste. Nota-se que é de formação berlinense.

À tardinha tivemos de novo os ataques regulares de Mosquitos sobre Berlim. A população da capital do Reich lentamente se habituou a ter de passar todas as tardes uma ou duas horas nos abrigos subterrâneos.

5 de março de 1945, segunda-feira

Ontem:

Situação militar:

No *front* pomerano continuam as duras batalhas contra os soviéticos que avançam para o norte. Do setor de invasão entre Dramburg e Labes o inimigo entrou até bem perto do sul de Regenwalde e Schivelbein. A leste de Schivelbein atravessou a ferrovia Schivelbein-Bad Polzin. Pontas inimigas estão a cerca de 20km a sudeste de Naugard. Do território de Arnswald em direção de Stargard, o inimigo empurrou nossa linha até o limite leste e sul de Stargard. Entre Pyritz e Bahn os bolchevistas avançaram até à região a 15km a leste de Greifenhagen. Do território da brecha Bublitz-Remmelsburg, onde nossos contra-ataques não surtiram efeito, o inimigo pôde avançar mais para oeste. Agora está a cerca de 10km a sudeste e nordeste de Belgard, bem como entre Köslin e Schlawe. Também na direção leste o inimigo conquistou alguns quilômetros de terreno na estrada para Bütow. Dali começa novamente um *front* nosso, que vai até Newe, mais ou menos a 20km ao sul de Bütow, geralmente em direção sudeste. Em violentas batalhas o inimigo conseguiu entrar mais profundamente em Graudenz, que deixou em chamas. Na Prússia Oriental prosseguiu seus ataques sem sucesso, particularmente a norte de Zinten. Também os violentos ataques contra Königsberg, vindos do norte, foram repelidos. Em Samland alguns ataques locais produziram nova conquista de terreno. Em Preekuln neutralizaram-se diversos ataques do regimento inimigo, e deve-se contar com a retomada da grande ofensiva inimiga nos próximos dias. No *front* do Oder e do Neisse nenhum fato especial. As cabeças-de-ponte inimigas, a norte de Fürstenberg e a sul de Guben, foram mais reduzidas através dos nossos ataques. Entre Görlitz e Löwenberg conseguimos conquistar terreno em ataques locais. Fortes ofensivas inimigas de Goldberg para o sul e contra o Zobten foram repelidas, e bases inimigas no Zobten destruídas pelo fogo de artilharia. Fortes ataques soviéticos do norte e sul contra Breslau fracassaram. A sul de Oppeln reduziu-se uma cabeça-de-ponte inimiga. A leste de Schwarzwasser observam-se agrupamentos de tropas inimigas.

Na Eslováquia o inimigo conseguiu empurrar para trás nossas linhas a sul de Chemnitz e leste de Altsohl.

No oeste, as divisões inglesas e canadenses prosseguem, sem sucesso, seus ataques entre Maas e o Reno. A sudoeste de Xanten foram afastadas por nossos contra-ataques. Entre Krefeld e Geldern, os americanos avançaram. Estão cerca de 5km a leste de Geldern. A leste de Kempem conseguiram atravessar a estrada

Krefeld-Geldern. No território entre Krefeld e Moers realizam-se lutas violentas. Na margem oeste do Reno permaneceu diante de Düsseldorf, em Oberkassel, uma das nossas cabeças-de-ponte. No ataque frontal contra a região de Colônia, o inimigo foi detido na estrada Grevenbroich-Colônia, a cerca de 6km a sudeste de Colônia. Dos dois lados da estrada Jülich-Colônia os americanos atravessaram a seção do Erft em direção de Colônia. Ali estão a mais ou menos 20km a noroeste e sudoeste da cidade, em duros embates com nossas tropas. Entre Düren e Euskirchen, o inimigo tomou Zulpich. No Eifel continuaram as batalhas locais de ambos os lados de Prüm, sem grande mudança na situação. A leste de Bitburg o inimigo atravessou o Kyll em dois lugares. A norte de Trier tanques inimigos entraram até Ehrang junto ao Kyll. Na parte oriental de Trier realizam-se lutas em casas. Na área de Forbach houve apenas combates locais.

Não houve anúncio de incidentes especiais no *front* italiano.

No *front* do leste reinou grande atividade aérea inimiga no território pomerano e na seção do Oder. O centro de gravidade de nossa própria intervenção localizou-se no território silesiano.

No território do *front* do oeste realizou-se o dia todo animada atividade aérea inimiga, com bombardeiros bimotores, caças-bombardeiros e aviões de vôo rasante, tendo como centro dos ataques o médio Reno, Münsterland e o território industrial renano-vestfaliano. Ataques contra a região de Stuttgart e Wiesbaden.

Cerca de 1.100 bombardeiros quadrimotores americanos, com forte proteção de caças, efetuaram ataques ao centro, oeste e noroeste da Alemanha, e também contra Chemnitz, Magdeburgo, Hanover, Braunschweig, Bielefeld, Hildesheim, Schwarzheide, Gütersloh, Erfurt, Plauen, Nienburg, Peine e Nienhagen. Caças e canhões de defesa antiaérea nossos derrubaram, conforme relatórios recebidos até agora, 20 aviões inimigos. À noite, cerca de 500 bombardeiros quadrimotores ingleses atacaram Dortmund e o canal Dortmund-Ems. Ataques inquietantes sobre Berlim, Würzburg e Emden. Até agora, 14 aviões inimigos derubados.

Um grave problema nos advém do fato de que, nos territórios ocidentais conquistados pelos anglo-americanos, nosso povo se comporta muito favoravelmente em relação a eles. Eu, na verdade, não esperava por isso; especialmente acreditara que o Volkssturm combateria muito melhor do que o fez. Mas é preciso considerar que essa população sofreu tanto com a guerra aérea que está totalmente esmagada. Pode-se portanto pressupor que, quando estiverem algo recuperadas, essas forças recuperarão também sua antiga postura. De qualquer modo, os anglo-americanos fazem enorme propaganda com essa receptividade que o nosso povo lhes oferece. Mas sabem muito bem que essa amizade é uma espécie de amizade de felino, que a qualquer momento pode pôr as garras de fora.

No lado inimigo ocidental observa-se ainda uma crítica extraordinariamente forte contra as decisões de Ialta. E ela cresce constantemente na Inglaterra como nos Estados Unidos. A desconfiança contra o Kremlin permanece e se alimenta mais ainda com a evolução dos fatos na Romênia e na Finlândia. Uma série de senadores norte-americanos expressaram-se maciçamente contra a política de Roosevelt. Começa-se a abrir os olhos, mas posso apenas repetir que esses sintomas, no momento, não apresentam qualquer consequência política.

Mais importante são as greves de trabalhadores que, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, voltam a ocorrer a todo momento. E nos deixam de-

duzir uma considerável diminuição do moral, em particular na classe operária, em ambos os países ocidentais inimigos. As greves surgem geralmente por causas insignificantes, prova de que atrás de tudo anda a mão do Kremlin.

Também a situação na Sérvia é descrita pelos correspondentes anglo-americanos como extraordinariamente sombria. Tito está diligentemente tratando de colocar todo o território sérvio sob a influência do Kremlin. A fome reinante na Sérvia oferece os melhores pressupostos para que isso aconteça.

Notável é uma declaração do Ministério do Exterior americano, segundo a qual os Estados Unidos ainda reconhecem os Estados bálticos e concedem aos representantes diplomáticos desses países direitos extraterritoriais. Mal se pode compreender essa declaração dos Estados Unidos. Toda a situação política da guerra está beirando a loucura. Debate-se em paradoxos histéricos, que um observador de fora já não pode entender.

Mas, entretimentos, Stalin continua criando fatos militares que lhe dão vantagens sobre Churchill e Roosevelt. Na Pomerânia temos uma situação verdadeiramente desoladora. A evolução do quadro dá motivos para os piores receios. Nosso *front* naquela região está totalmente dilacerado, e de momento não se consegue ver um modo de voltarmos a organizar linhas de defesa firmes. Uma série das nossas mais valiosas unidades está com seu caminho cortado, ou inteiramente cercada. Naturalmente, tentamos levar, do *front* diante de Berlim até lá, tudo o que aqui não é absolutamente indispensável; mas isso acaba por ser um convite para que Stalin se atreva a avançar sobre Berlim o mais depressa possível.

Na Finlândia a situação chegou a tal ponto que o governo finlandês declarou guerra à Alemanha. Imagine-se o seguinte: Mannerheim capitulou, para conduzir a Finlândia à paz. Com isso, a camada liderante nacional é lentamente estrangulada. Então Stalin fecha o contato da Finlândia com o mundo exterior, e assim esse país tem de reingressar na guerra de maneira oposta. Eis o resultado da política de Mannerheim, eis com que perspicácia age um marechal quando se encontra no terreno escorregadio da política.

Também o caminho da Romênia está levando diretamente ao caos, e acredito que a Finlândia não quererá ficar por muito tempo atrás da Romênia. Os soviéticos agora afastam os líderes restantes da antiga resistência finlandesa; entre outros, estão tratando de eliminar Ryti.

No Reich impera um tempo pavoroso: neve, chuva, frio e vento gelado. Aproveito o domingo para descansar um pouco. Mas o trabalho naturalmente não deve ser interrompido.

Infelizmente nas últimas 24 horas realizaram-se novamente os mais violentos ataques aéreos contra o Reich alemão. Sequer podem ser registrados na sua totalidade. Os americanos voam sobre o território alemão do Reich praticamente sem oposição alguma, destruindo uma cidade após a outra e causando a nosso potencial armamentista prejuízos irreparáveis.

Consigo ocupar-me um pouco com leitura ao meio-dia. No momento fascina-me particularmente a obra de Carlyle sobre Frederico o Grande. Que exemplo para nós e que consolo e que apoio moral nesses dias terríveis! Esse livro nos ajuda a reerguermos nosso coração. Houve épocas na história germano-prussiana em que o destino do país e do povo esteve ainda mais ameaçado do que hoje. Naquele tempo foram alguns grandes homens que salvaram o povo e o Estado, e agora terá de acontecer a mesma coisa.

Contudo, a situação militar é de tal ordem, que às vezes parece que apenas nos restam reduzidas esperanças de realizarmos algo de aproveitável nesse campo.

No oeste o inimigo alcançou o Reno em vários pontos, no decorrer do domingo. Nesses lugares mandamos explodir as pontes sobre o rio. A cabeça-de-ponte que queríamos organizar em torno de Neuss já parece fortemente prejudicada. O inimigo ainda se encontra a 8km de Colônia. É verdade que desde o começo de sua ofensiva perdeu 960 tanques de guerra; mas que lhe importa isso, diante da sua imensa superioridade em material! Ele sempre está em situação de poder substituir seu material perdido. Só podemos abalá-los com as perdas de vidas humanas.

Pior ainda é a situação no leste. Especialmente no território pomerano, agravou-se de modo extraordinário. As brechas, ou melhor, a invasão que o inimigo operou ali foi extraordinariamente funesta. Os tanques soviéticos já estão diante de Kolberg. Nossa posição na Pomerânia pode ser considerada totalmente dilacerada. O inimigo conseguiu reunir suas duas pontas de cunha; dentro delas permanecem forças alemãs muito importantes, e o inimigo está formando ao redor delas três bolsões fatais. É uma situação simplesmente esmagadora. Além disso, o inimigo realizou fortíssimos ataques a Breslau; agora, chegou ao centro da cidade. No território de Lauban infelizmente também nossa própria ofensiva teve de parar. E ainda por cima contamos com uma iminente contra-ofensiva dos soviéticos sobre a região de Morávia-Ostrau. Ali, na verdade, devíamos estar em condições de enfrentar com sucesso o ataque inimigo; pois, se perdemos também o setor industrial da Morávia-Ostrau, não poderemos nem mesmo calcular como nos defender com o mínimo da nossa capacidade armamentista.

À tardinha tenho uma longa conversa com o Führer. Acho que em comparação com a última vez ele está um tanto deprimido, o que se explica, aliás, pela evolução dos fatos militares. Também está um tanto atacado de saúde; seu tremor nervoso na mão esquerda aumentou muito, o que percebi com horror. Sua visita ao *front* no domingo passado transcorreu muito bem. O Führer ficou fortemente impressionado. Os generais se mostraram em sua melhor forma, os soldados deram vivas ao Führer. Mas infelizmente ele se nega a noticiar essa visita à imprensa. E no momento essa notícia seria tão necessária quanto o pão de cada dia.

Quanto à situação no leste, o Führer espera poder ainda ajeitar as coisas na Pomerânia. Colocou em marcha fortes contingentes, que deverão resolver os problemas nos pontos mais críticos. Receio, porém, que essas unidades de combate não serão suficientes para enfrentar bem sucedidamente o ataque soviético. É extraordinariamente difícil reorganizar um *front* dilacerado. Acresce que Himmler está de cama, com uma doença infecciosa; é verdade que continua comandando seu exército da cama, mas sabe-se quantas dificuldades isso causa.

O Führer menciona de novo que, ao contrário dos generais, esperou o ataque soviético primeiro para a Pomerânia e não para Berlim. Logo, mais uma vez o Führer teve razão em seu prognóstico. Apesar disso, os generais empregaram erradamente nossas forças, colocando-as em massa no setor do Oder diante de Berlim. Himmler também pensou que o ataque se daria primeiro sobre Berlim. O Führer acha que se deixou enganar pelo falatório dos seus generais. Mas agora é tarde para consertar o erro. Temos de conseguir tapar mal e mal os buracos abertos. Não posso entender como o Führer, quando tem um ponto de vista tão claro, não o consegue impor aos generais; pois afinal ele é o Führer, é quem dá as ordens. De certo ele tem razão ao dizer que devíamos encarar a situação no leste como algo relativo e compará-la com a situação que registra-

mos há cerca de quatro semanas. Tem razão na medida em que acrescenta que, apesar de tudo, hoje podemos constatar um certo alívio nas nossas condições. Há quatro semanas a situação era tal que a maioria dos especialistas militares consideravam nossas chances absolutamente perdidas. Como o Führer observou com muita razão, em espírito já estávamos fazendo as malas e dando Berlim como perdida. Se naquela ocasião o próprio Führer não tivesse vindo pessoalmente a Berlim e tomado as rédeas nas mãos, talvez hoje já estivéssemos junto ao Elba.

Relato detalhadamente ao Führer meu encontro com o General Vlassov, especialmente sobre os meios que ele empregou, por ordens de Stalin, para salvar Moscou em fins do outono de 1941. A União Soviética encontrava-se exatamente na mesma situação em que estamos hoje. Mas naquela vez tomou medidas das mais decisivas, para as quais hoje faltam, aos nossos diversos líderes, nervos e energia. Apresento ao Führer meu plano de reunir os soldados que se encontram dispersos e reorganizá-los em novos regimentos. O Führer aprova. Também concorda em que organizemos em Berlim batalhões femininos. Há incontáveis mulheres que se oferecem agora para serviço no *front* e o Führer também acha que, vindo voluntariamente, lutarão sem dúvida com verdadeiro fanatismo. Deveríamos colocá-las na segunda linha; então os homens perderiam um pouco a vontade de fugir da primeira.

Quanto ao *front* da Silésia, o Führer considera-o por enquanto estabilizado. Está muito satisfeito com o trabalho apresentado por Schörner. Também a atividade de Hanke mereceu seus maiores elogios. Escutou o discurso de Hanke no rádio e ele lhe agradou muito.

O Führer tem certa preocupação com a zona industrial da Morávia-Ostrau. Nesse território os soviéticos concentraram-se intensamente, e devemos esperar seu ataque para dentro de alguns dias. O Führer está decidido a resistir ali sob quaisquer circunstâncias, quer dizer, se nossas forças forem suficientes. A 6 de março, isto é, na próxima terça-feira, deverá começar nosso ataque à Hungria. O Führer receia que o inimigo já saiba da nossa concentração nesse território, e esteja preparado para a ofensiva. Apesar disso, espera que nossas medidas levem a um sucesso completo. Temos ali, prontas para atacar, nossas tropas de melhor qualidade, sob o comando de Sepp Dietrich.

Os generais reconhecem a necessidade do nosso ataque à Hungria. Até agora objetaram, de todos os modos, a que nos tornássemos ativos em primeiro lugar naquela região. Mas reconheceram, pela questão da provisão de gasolina especialmente, que temos de conquistar a Hungria a qualquer preço, se não quisermos que nossa guerra motorizada se paralise de todo. O Führer tem razão ao dizer que Stalin dispõe de uma série de excelentes líderes de guerra, mas nenhum estrategista genial; pois, se tivesse um, o ataque soviético não teria sido contra a cabeça-de-ponte Baranov, mas contra o território húngaro. Se nos tivessem roubado o petróleo húngaro e vienense, absolutamente não teríamos mais sido capazes de uma contra-ofensiva como a que planejamos para o território do leste.

Naturalmente, causa grande preocupação ao Führer a situação no oeste. Também ali podemos considerar o *front* dilacerado em grande extensão. Apesar disso, o Führer acha que teríamos de conseguir conservar o Reno, uma vez que esse lugar constitui excelente barreira defensiva. Deu ordens para, sob quaisquer circunstâncias, operar de modo que ainda consigamos sustentar sobre o Reno

em direção oeste algumas cabeças-de-ponte. No oeste faltam mais armas do que soldados. Ainda assim, o Führer acha que devemos trazer para as casernas e aperfeiçoar tantos soldados quantos forem possíveis; pois a falta de armas naturalmente não nos tira o dever de mantermos preparados para eventuais emergências os necessários contingentes de tropas.

Model perdeu parte do controle no oeste. Mas não podemos culpá-lo por isso. O oeste simplesmente tinha muito poucas forças de ocupação. Se realmente não conseguirmos mais mantê-lo, então, como afirmei insistentemente ao Führer, ruirá por terra, com ele, nossa última tese política de guerra, pois os anglo-americanos entrarão até o centro da Alemanha, e não sentirão a menor necessidade de sequer entrar em negociações conosco.

Nossa missão tem de ser permanecer de pé a qualquer preço. A crise no lado inimigo cresce consideravelmente, mas ainda resta a dúvida sobre se chegará a explodir enquanto ainda nos mantivermos razoavelmente na defesa. Essa é a condição de um final vitorioso desta guerra: que a crise entre o inimigo venha a explodir antes que nos tenham derrubado totalmente.

O Führer ataca de novo severamente o estado-maior. Mas pergunto-lhe qual é o proveito disso afinal. Ele que mande o estado-maior para o diabo, se os generais lhe causam tantas dificuldades. O Führer então citou Bismarck, que certa vez teria dito que conseguira dominar dinamarqueses, austríacos e franceses, mas não a burocracia do Reich. Apesar disso, Bismarck não teve tanto poder nas mãos quanto o Führer hoje. É correto quando o Führer esclarece que também a reforma no Exército na França não se deu no decorrer da Revolução Francesa, mas só durante as guerras napoleônicas. Stalin, contudo, realizou a tempo a sua reforma no Exército, por isso tem hoje essa vantagem. E se essa reforma nos for imposta pela derrota, está chegando bastante tarde para nos levar a um sucesso decisivo. Contudo, o Führer continua sustentando a opinião de que devemos conseguir nos fixar tanto no leste como no oeste. Mas nem ele, no momento, sabe ao certo como se fará isso.

O Führer opõe-se energicamente a que introduzamos medidas de ajuda aos prisioneiros de guerra anglo-americanos, agora transportados do leste para perto de Berlim. Trata-se de mais ou menos 78.000 homens, que não podem mais ser devidamente atendidos, estão cheios de piolhos e na sua quase totalidade sofrendo de disenteria. Nas condições atuais praticamente não podemos mais auxiliá-los. Talvez seja possível empregar a Cruz Vermelha de Genebra, para lhes devolver mais ou menos uma base humana de sobrevivência.

Quanto ao quadro político, o Führer alimenta grandes esperanças. Também comenta com satisfação que a crise política aumenta no lado inimigo. Mas objeto que essa intensificação é lenta demais para as nossas necessidades. Pergunta-se se poderemos aguardar que essa crise amadureça de vez. O Führer tem razão explicando que a Inglaterra está muito cansada desta guerra. Também lhe chamou atenção a declaração de Washington de que os Estados Unidos continuam reconhecendo os Estados bálticos. Parece realmente que por trás dos bastidores está acontecendo uma bela briga entre anglo-americanos e soviéticos. Mas essa briga, conforme devo acentuar sempre, não é bastante decisiva para nos propiciar algum alívio.

O Führer está convencido de que, se uma potência inimiga quiser conversações conosco, será certamente a União Soviética. Stalin tem as maiores dificuldades com os anglo-americanos, e pertence aos países que desejam levar para

casa despojos de guerra, exatamente como nós também desejamos. Conseqüentemente, um dia chegará a hora em que a eterna briga com os anglo-americanos o aborrecerá, e ele procurará novas possibilidades. O Führer acentua que a tática de Stalin na Romênia e na Finlândia é simplesmente alarmante para os anglo-americanos, sem falar na questão polonesa. O Führer prevê um fiasco bastante grande para São Francisco. Mas a condição prévia para chegarmos a conversações com um ou outro lado é que tenhamos um sucesso militar. E também Stalin deve primeiro sofrer um pouco, antes de querer manter qualquer contato conosco.

É correto quando o Führer sublinha que Stalin está mais bem colocado para realizar uma mudança na política da guerra, pois não precisa temer a opinião pública de seu país. Na Inglaterra é diferente. É completamente secundário se Churchill quiser praticar outra política de guerra, pois, se quisesse, não conseguiria. Depende demais de forças políticas internas, que em parte já assumiram características bolchevistas, isso sem falar em Roosevelt, a quem não se pode atribuir a mínima intenção nesse terreno.

O Führer deseja encontrar uma possibilidade de entendimento com a União Soviética, e depois continuar com a mais brutal energia na luta contra a Inglaterra. Pois esta foi sempre a grande perturbadora da paz na Europa. Se a Inglaterra fosse definitivamente varrida da Europa, teríamos paz ao menos por algum tempo.

As atrocidades soviéticas são naturalmente terríveis, e na opinião do Führer formam um forte *handicap*. Mas também os mongóis, como fazem hoje os soviéticos, devastaram incrivelmente a Europa, sem que tenha surgido nenhum *handicap* para a evolução política das lutas daquele tempo. As tempestades do leste vêm e desaparecem, e a Europa tem de ajeitar-se com elas.

Apresento ao Führer meu programa de propaganda para publicação das atrocidades soviéticas, e meu propósito de utilizar Guderian nisso. O Führer concorda plenamente com o plano. Aprova que os nacional-socialistas declarados permaneçam um tanto reservados na publicação das atrocidades soviéticas, pois assim nossas notícias obterão maior credibilidade internacional. De qualquer modo, é preciso colocar tudo absolutamente às claras com relação ao bolchevismo. As atrocidades são tão pavorosas que o povo tem de ser informado delas. O coração se congela no peito quando lemos os relatórios a respeito de tudo. Mas de que adianta nos lamentarmos! De algum modo temos de tentar sair do dilema, que agora assumiu dimensões verdadeiramente assustadoras.

Menciono também o tema Luftwaffe. O Führer se entrega a desenfreadas críticas a Göring e à Luftwaffe. Vê em Göring o verdadeiro bode expiatório para a decadência da Luftwaffe. Mas eu lhe pergunto por que então não faz reformas na direção da Luftwaffe. O Führer acha que não há nenhum substituto adequado. Os especialistas da indústria seriam muito superiores aos da Luftwaffe. Da própria Luftwaffe não se destacou figura alguma. Agora, pela primeira vez empregaram-se Me 262 como aviões de caça, e obtiveram resultados consideráveis. O Führer hesita um pouco a respeito do uso desses Me 262 em grande quantidade para defesa aérea. Alimenta algumas esperanças nesse terreno. De resto, não vê na Luftwaffe senão um imenso fracasso. Mas já sabíamos disso há muito tempo, e não nos cansamos de mostrá-lo ao Führer; no entanto, nada se modificou na direção da Luftwaffe, e a isso se atribui a sua derrocada.

Participo ao Führer que Hadamovsky tombou no *front* oriental, o que o deixa muito abalado. Ele me pede para tratar de que o Dr. Naumann de modo algum seja mandado ao *front*. Diz que agora temos de preservar nossa camada liderante o mais possível, pois nesta crise precisamos muito dela.

Consigo acrescentar ainda alguns detalhes sobre a catástrofe de Dresden. O Führer me conta que a Sra. Raubal lhe escreveu uma carta furiosa e indignada. Portou-se com extraordinária bravura na catástrofe de Dresden.

Aproveito o assunto para dizer ao Führer também que, mesmo se Berlim for atacada e sitiada, Magda pretende, sob quaisquer circunstâncias, permanecer ao meu lado junto com as crianças. O Führer concorda, depois de alguma hesitação.

Apresento ao Führer o caso Fromm. Por se ter portado covardemente diante do inimigo, isto é, diante dos golpistas de 20 de julho, Fromm indubitavelmente mereceu a morte. Mas com a atual direção do tribunal popular não se pode esperar que receba pena de morte. O Führer volta a pensar na possibilidade de nomear Frank para presidente do tribunal popular. Não se trata de uma figura ideal, mas é um juiz político. Não temos ninguém mais à disposição, e não posso indicar ao Führer nenhum outro candidato possível.

De modo geral o Führer me impressiona de novo fortemente. Permanece totalmente imperturbável, mesmo diante dos terríveis golpes que agora estamos recebendo. É admirável na sua tenacidade. Se há alguém que domina a situação atual, é ele. Não se encontra em lugar algum uma pessoa que lhe chegue aos pés.

De qualquer maneira, temos de seguir agora um princípio fundamental: queremos dominar esta guerra a todo custo; mas, se isso não for possível, ao menos sairmos dela com honra. É bom contarmos com todas as possibilidades e queimarmos as pontes atrás de nós. É a maneira mais rápida de conduzirmos nossa bandeira à vitória.

Depois mantive ainda um breve contato com o Embaixador Hewel. Este me conta que Ribbentrop está intensamente ocupado em tecer fios para os países ocidentais, mas que no momento não tem qualquer chance de obter sucesso. Nem do lado inglês nem do americano se observa a mínima receptividade. Churchill e Roosevelt portam-se com absoluta reserva. Percebemos isso com toda a clareza, tanto através de nossas ligações com Estocolmo, quanto através das do Vaticano. É claro também que nada se pode fazer do ponto de vista político, se não podemos mostrar êxitos militares. É o caso de exclaimar: Meu reino por um êxito! Quanto às possibilidades políticas de pôr fim à guerra, por um lado é muito cedo, por outro é tarde demais. A situação atual não oferece oportunidade alguma. Hewel também acha que nossos êxitos na guerra submarina não têm mais nenhuma repercussão junto ao inimigo; chegaram tarde demais. Tanto os ingleses quanto os americanos perseguem o objetivo de primeiro nos aniquilar para depois ver o que acontece. Hewel relatou-me que em 1941-42 Ribbentrop diversas vezes propôs ao Führer fazer a paz com Moscou, pois no mais tardar dentro de um ano o potencial armamentista americano apareceria no palco da guerra; o Führer, porém, recusara terminantemente. Não acredito que isso corresponda aos fatos. De qualquer modo, nesse caso também Ribbentrop teria cometido um grave erro, não assegurando para seu plano fortes aliados entre os colaboradores do Führer. Tratou um assunto de política externa como algo secreto, do qual só ele tinha conhecimento e fracassou nas suas próprias teses. Hewel acha nossas chances de sucesso político totalmente inviáveis. Minha opinião continua sendo

de que a culpa principal é de Ribbentrop. O fato de Hewel dizer-me que Ribbentrop está totalmente desanimado no momento, sequer me comove. Ribbentrop merece um castigo bem maior do que apenas desânimo e depressão. Ele foi o mau espírito do Führer, foi a pessoa que o levou de um excesso a outro.

Na Chancelaria do Reich reina ambiente bastante desolado. Prefiro nem ir mais lá, porque esse estado de espírito me contagia. O estado-maior entrega os pontos e só o Führer domina a situação.

Volto para casa tarde da noite e mergulho no trabalho. Este é sempre o melhor remédio.

6 de março de 1945, terça-feira

Ontem:

Situação militar:

Na Eslováquia Oriental todos os ataques do inimigo fracassaram na região de Chemnitz, Altsohl e Nikolas, exceto por algumas invasões. Em todo o *front* do Oder até a região de Goldberg não houve batalhas de maior monta. Na área de Breslau procede-se a reorganizações de tropas inimigas. Nosso ataque em Lauban obteve novas conquistas de terreno, com baixas insignificantes; na seção do Oder houve apenas combates locais nas cabeças-de-ponte, sem alteração da situação.

No território pomerano reina uma guerra de movimentação. Com pormenores, os soviéticos ganharam terreno a norte de Pyritz e entraram em Stargard vindos do nordeste, mas foram repelidos na linha Plathe-Raugard. Kolberg está cercada. Em Köslin ocorrem batalhas de rua. Nossas tropas entre Belgard e Kolberg recuam sob comando para o território de Greifenberg. O ataque para o norte no território central da Pomerânia foi detido a sudoeste de Bütoz, em Schlawe e a oeste dali. Fortes concentrações de tropas soviéticas no território de Heiderode. Maciços ataques de um exército soviético a oeste de Grosswollental foram detidos e repelidos no fundo do campo de batalha principal. Os mais duros combates realizam-se em torno da fortaleza de Graudenz. Na Prússia Oriental repeliram-se em todo o *front* ataques de batalhões. Igualmente em Kurland fracassaram fortes ataques dos soviéticos em Preekuln e na zona a sudeste de Frauenburg, com bem-sucedidos contra-ataques.

No oeste, prosseguindo em seus ataques maciços, os ingleses entraram até a linha da estrada de ferro de Geldern a Wesel. As forças que há dias atacam a partir de Venlo estão com suas pontas de ataque mais ou menos a 6km a oeste da estrada Xanten-Moers, na área a noroeste de Moers. No Reno repeliram-se ataques contra as cabeças-de-ponte em Homnerg e a norte de Düsseldorf. As pontes sobre o Reno em Duisberg, Krefeld e Düsseldorf foram dinamitadas. No setor entre Düsseldorf e Colônia, grandes forças inimigas, apesar da tenaz oposição das nossas tropas, conseguiram alcançar, com pontas de ataque, a ferrovia Neuss-Colônia. Diretamente a oeste de Colônia realizam-se combates com resultados alternados. Intensas forças inimigas atacam da região de Zülpich em direção de Euskirchen. Na barreira do vale do Urittel os inimigos tomaram Gemünd. Ao sul, bem como na zona de Euskirchen, e a oeste de Colônia, estamos contra-atacando. Na seção de Prüm, os ataques americanos conquistaram mais terreno

e repeliram nossas linhas alguns quilômetros para trás. Sobre o setor Kyll o inimigo conseguiu formar pequenas cabeças-de-ponte. Em Trier luta-se ainda violentamente. Na região de Zerf, em Forbach e Reipertswiler, apenas combates locais.

Na Itália os combates continuam em torno de cada montanha. No Senio e em Faenza repeliram-se ataques inimigos. A atividade aérea nos *fronts* foi um tanto menos intensa do que nos dias anteriores, devido ao mau tempo.

No território do Reich voaram de dia cerca de 900 bombardeiros quadrimotores americanos, com forte proteção de caças, em ataques a objetivos industriais e de transportes, e a bases aéreas, no sudoeste e sul da Alemanha. Uma unidade de combate britânica mais fraca atacou objetivos industriais e de transportes na região de Gelsenkirchen. Do sul entrou uma forte unidade americana de bombardeiros quadrimotores, na Marca Oriental, com ataques a objetivos industriais e de transportes no território Viena-Neustadt. À noite minou-se a Baía Alemã. Além disso, houve ataques de aviões de combate rápidos sobre Berlim e Bremen.

Mais uma vez os relatórios diários do Comando Supremo da Wehrmacht oferecem, nos últimos dias, um quadro desolador. Com respeito à situação da Pomerânia e do oeste, não temos no momento notícias favoráveis a comunicar. Muito ao contrário. Pode-se imaginar o efeito disso no povo alemão, já tão deprimido pelos golpes das últimas semanas. Seria urgente que ao menos em algum ponto tivéssemos novamente sucessos a comprovar. Espero que nos próximos dias isso aconteça no território húngaro. Mas isso não interessa tanto ao povo alemão, embora nos seja importante na decisão da guerra. Até que ponto, não se pode explicar bem ao povo, por causa do segredo mantido em relação aos países estrangeiros inimigos. De resto, porém, praticamente todos os relatórios do Comando Supremo da Wehrmacht causam um choque enorme ao povo. Se em grande parte já nos resignamos com o fato de que temos de suportar golpes fortíssimos, isso não demonstra fanatismo, mas uma espécie de fatalismo, o que, porém, graças a Deus, não faz com que as pessoas esqueçam seu dever cotidiano nos combates ou no trabalho.

Os países inimigos ocidentais estão naturalmente na crista da onda. Rejubiliam-se porque Eisenhower conseguiu afastar nosso *front* até o Reno. Para mim são envergonhadoras as notícias de que a cidade de Rheydt recebeu os americanos com bandeiras brancas. Não posso imaginar isso, quer dizer, que uma dessas bandeiras brancas se tenha desfraldado sobre a casa em que nasci. Mas no momento nem ao menos sei quem vive nessa casa, e posso calcular que refugiados ou desabrigados pelos bombardeios tenham feito tal loucura. Para os americanos naturalmente isso foi uma sensação tão magnífica quanto para mim é vergonhosa e humilhante. Mas, quando algum dia voltarmos a reconquistar Rheydt, tratarei de esclarecer tudo isso.

De resto, porém, os inimigos ocidentais estão sabendo muito bem que nossa retirada sobre o Reno transcorre absolutamente em ordem, e que Eisenhower não conseguiu abalar seriamente nosso *front* ou arrasar nossos exércitos. Vê-se no Reno uma barreira defensiva extraordinariamente difícil de conquistar, e muito perigosa, especialmente se conseguirmos tempo bastante para organizarmos uma boa defesa. De qualquer modo todos sabem que a resistência alemã no oeste nem por um segundo pode ser considerada alquebrada.

Eisenhower diverte-se impondo condições de rendição às cidades do território ocidental do Reno que ainda estão em nosso poder. Essas condições naturalmente serão repelidas com sarcasmo.

Significativa é uma comunicação da Agência Radiofônica Reuters, dizendo que nossa situação não é absolutamente catastrófica, como se presumia em Londres. Que ainda podemos produzir armas suficientes e que nosso potencial humano não está de modo algum esgotado. Que o coração alemão não foi atingido pelos últimos golpes que sofremos. A Agência Reuters só vê para nós grandes dificuldades no setor de alimentação, o que é verdade. É nesse setor que provavelmente deveremos esperar nos próximos três ou quatro meses a mais violenta crise.

Hoje, pela segunda vez, rápidos aviões de combate alemães estiveram sobre Londres à noite, o que impressionou muito o povo inglês. Não julgavam possível que ainda estivéssemos em condições de fazer isso. O Ministro do Interior inglês teve de impor novamente o *black-out* para Londres, o que evidentemente não colaborará para reanimar o povo britânico.

Tenho grandes esperanças na situação desolada que reina no interior anglo-americano. A fome na França e na Bélgica, por exemplo, assume formas grotescas. A falta de alimentos na Inglaterra e nos Estados Unidos já se faz sentir, tanto que não estão mais em condições de oferecer aos povos ocidentais senão alguns navios com alimentos. Portanto, se com nossos submarinos pudermos reduzir fortemente a tonelagem de barcos inimigos, podemos alterar consideravelmente as condições da guerra no Ocidente. Mais uma vez um relatório do Comando Supremo da Wehrmacht anunciou que 44.000t de barcos ingleses e americanos foram afundadas.

O curso da guerra nos países ocupados pelos soviéticos transcorre exatamente conforme o programa previsto, tanto na Sérvia como na Finlândia e na Romênia. No que diz respeito à Sérvia, os soviéticos procuram primeiramente fazer amadurecer o povo para a idéia bolchevista através da fome. Na Romênia já chegaram mais longe. Lá, através da atividade do *Front* de Ferro, impõe-se terror e provocação, e os soviéticos pretendem com isso fazer *tabula rasa* da Romênia. Fala-se da insolência fascista, acusando disso especialmente, nessa gíria soviética, os políticos romenos que pretendem unir-se a americanos ou ingleses. Mas não obtêm resposta, especialmente por parte de Londres. Os ingleses estão hoje em dia muito intimidados e impotentes para poderem enfrentar abertamente os soviéticos.

Quanto à situação da própria União Soviética, também lá impera um forte cansaço da guerra. Já depois do sucesso da ofensiva Baranov, quiseram pôr fim à guerra, mas a histeria da vitória — conforme consta em relatórios secretos — domina Stalin inteiramente. Dizem que mantém o Comitê Seydlitz preparado para eventualmente colocá-lo como governo alemão provisório, caso se ofereça uma possibilidade psicológica e ele se atreva a provocar tão abertamente os ingleses e os americanos.

No Japão, espera-se que continue a neutralidade soviética no conflito do Pacífico. Os soviéticos, argumentam os japoneses, teriam sido forçados a retirar tantas tropas do *front* da Mandchúria, que nem podem se atrever a ingressar no conflito do Pacífico.

Em Tóquio alguns políticos importantes estão trabalhando para depor o atual gabinete Koiso, impondo uma atitude mais engajada. Mas no momento não têm chance de sucesso.

Nos países ocidentais cresce o medo dos soviéticos, especialmente entre a liderança ocidental da guerra. Eisenhower, por exemplo, recentemente disse a um homem de confiança que, se americanos e ingleses não conseguissem invadir definitivamente a Alemanha pelo oeste, a guerra estaria politicamente perdida para eles na Europa.

Naturalmente a situação na Pomerânia causa os piores receios, embora Guderian ainda seja de opinião de que através de contra-ataques será possível regularizar tudo. O mapa oferece uma imagem sinistra. Mas não se pode julgar uma situação pelos mapas.

Nosso ex-governador em Varsóvia, Dr. Fischer, caiu prisioneiro nas mãos dos soviéticos. Certamente o destino que o aguarda será terrível. Eu não esperava que no último momento tivesse bastante força de caráter para fugir, através do suicídio, ao que agora o ameaça.

O ex-Chefe do Estado-Maior Italiano, Roatta, fugiu da prisão militar em Roma. Há um prêmio de um milhão de liras pela sua recuperação. Agora, esse traidor está sendo atacado pelos dois lados. A traição trouxe-lhe maus resultados.

Terror aéreo sem igual! Já nem é possível registrar isoladamente seus efeitos. A eterna pergunta é: onde estão nossos aviões de caça? E essa pergunta se repete tanto na camada liderante quanto no povo, cada vez com mais premência. *[Lacuna no texto: toda a página 19 do original foi obviamente tapada por outra folha, na cópia, por distração.]*... no interior de reunir-se em grupos e em caso de controle afirmar simplesmente que os oficiais os tinham abandonado. Tentam com isso conseguir um álibi para sua própria covardia.

Na reunião do Conselho de Defesa de Berlim, deu-se um grave incidente com o General Schönfeld que, como representante do General Hauenschild, que está enfermo, fez uma inqualificável crítica à construção dos dispositivos de defesa, realizada sob a orientação da Wehrmacht. Sempre foi moda, na Wehrmacht, atribuir aos cargos políticos tudo o que vai mal. Também neste caso. Mas opus-me à sua maneira grosseira e insolente, com muita energia e argumentos arrasadores. De qualquer modo agora exijo que semanalmente me apresentem em Berlim um balanço das atividades de defesa, com clara resposta à pergunta sobre quantos víveres, quanta gasolina, quantas armas, quanta munição e quantos soldados ativos temos a cada momento à disposição para defesa da capital do Reich. Vejo-me obrigado a exigir semanalmente tal relatório, porque naturalmente nesses dados elementares nota-se uma forte flutuação na capital, e por isso mesmo, dentro dessa flutuação, diante de uma eventual ameaça, preciso, e quero, interferir severamente. A Wehrmacht só muito a contragosto me fornece esses dados, porque assim tem de apresentar cálculos precisos. Mas não escapará a essa exigência minha.

Agora, depois que tomou sob seu controle as ferrovias, Speer nega-se a entregar mais forças aptas da ferrovia, e até exige da Wehrmacht que lhe forneça tais forças. Eu bem esperava por essa dificuldade; mas, apesar disso, as comissões encarregadas do controle das ferrovias continuarão fazendo seu trabalho.

Ainda não progredimos na questão do controle dos incontáveis soldados que por toda parte estão inativos. É muito difícil encontrar uma solução simples e efetiva.

O dia de hoje traz-me enorme quantidade de trabalho.

No relatório da tarde não se nota, quanto ao *front* oeste, nenhuma alteração importante, exceto que o inimigo já chegou ao Reno em largas faixas. Mas, gra-

ças a Deus, ainda conseguimos, nos casos de ameaça direta, dinamitar a tempo as pontes do Reno. Também em todo o oeste a situação da luta não é nada animadora; mas ainda podemos entregar-nos à esperança de conseguirmos conservar o Reno como barreira fixa de defesa, sem que americanos e ingleses consigam formar cabeças-de-ponte sobre o rio. Ao contrário, nós próprios queremos conservá-las do lado esquerdo do Reno.

Quanto à situação do leste, nosso ataque a Lauban progride bem. Não conseguimos consideráveis ganhos de terreno, mas os soviéticos sofrem grandes perdas. Talvez consigamos um pequeno cerco, embora de dimensões reduzidas. Os soviéticos agora retiram do território de Fürstenberg tropas e material, aparentemente transportando-os para a parte superior da Silésia. O ataque contra Morávia-Ostrau, previsto pelo Führer, parece iminente. Portanto, no momento, Berlim não está diretamente em perigo. A situação em Breslau não se modificou muito. Em contrapartida, a evolução na Pomerânia continua dramática e insatisfatória. O inimigo tomou Belgard e Köslin. O comandante de Kolberg — se é que lhe podemos dar esse título — pediu ao Führer que entregasse Kolberg sem luta ao inimigo. O Führer demitiu-o imediatamente, substituindo-o por um oficial mais jovem. Será que esses generais decadentes não têm nenhuma consciência histórica, ou nenhum senso de responsabilidade, e um comandante de Kolberg ambiciona muito mais seguir o exemplo de um Lucadou do que o de um Gneisenau?

Atualmente estamos preparando contramedidas em grande estilo para o território pomerano. Espero que em breve possam ser concretizadas. Para terça-feira aguarda-se nosso ataque ao território húngaro. Se essas duas ações derem resultado, sairemos muito bem dessa situação. Mas provavelmente ambas as esperanças são grandes demais para poderem concretizar-se. Na Prússia Oriental a situação piorou um pouco, pois os soviéticos conseguiram algumas entradas mais profundas. Mas esperamos conseguir neutralizá-las.

A tardinha ficamos de novo horas a fio no subsolo. Berlim atacada pelos Mosquitos. Entrementes, severos ataques de terrorismo contra cidades da Saxônia. Provavelmente é a vez de Chemnitz. Espero que ali não se dê uma catástrofe como há algum tempo em Dresden.

7 de março de 1945, quarta-feira

Ontem:

Situação militar:

Não houve ações militares especiais na Hungria. Na Eslováquia o inimigo continuou seus ataques no setor de Chemnitz e Altsohl.

Na seção a leste de Morávia-Ostrau até a região de Oppeln, bem como entre Oppeln e Lauban, o inimigo continua com seus preparativos de ataque, de modo que se deve contar com uma tentativa dos soviéticos de abrir uma brecha nesse *front*. Do lado alemão continuam os ataques na região de Görlitz, Lauban e Löwenberg, para assim inquietar o inimigo em diversos pontos, perturbar suas concentrações de tropas e evitar um ataque tão cerrado como aquele contra a Pomerânia. Nos nossos ataques de ontem na região de Görlitz conseguimos mais sucessos locais. Também em Guben as tropas alemãs puderam melhorar sua posição. Em Lebus repeliu-se um ataque de regimento inteiro do inimigo, exceto por uma entrada muito insignificante de 100m de profundidade.

Ontem o centro de gravidade dos combates esteve novamente no território pomerano, onde o inimigo conseguiu, pela concentração de suas forças, abrir nosso *front* estendido ao longo de Oder a Königsberg, e aumentar sensivelmente sua invasão. Passando a norte de Naugard o inimigo conseguiu chegar até a região de Wollin e a Cammin. Nesse amplo território invadido ainda se encontram por todo lado forças alemãs, em parte — como em Kolberg e Belgard — isoladas e cercadas, mas também algumas forças de combate bastante grandes, e unidades cercadas que lutam muito bem, que sem dúvida se tornarão da maior importância quando fizermos uma movimentação intensa de neutralização. Essas forças estão na zona entre Bad Polzin e Dramburg. Forças mais importantes, como, por exemplo, a divisão blindada “silésia”, estão-se aproximando. Os ataques soviéticos contra Kolberg e Belgard foram repelidos. A linha fronteira oeste do território de invasão inimiga agora decorre um tanto a leste de Wollin até a norte de Naugard, passando a leste de Naugard até o extremo oeste de Stargard, dali atingindo o Oder na região de Schwedt. A linha leste de fronteira decorre mais ou menos de Regenwalde a Schlawe, que está em nossas mãos, entre Rummelsburg e Bütow, e em Heiderode atinge de novo a barreira entre Heiderode e Vístula. Para o oriente, o inimigo, portanto, não conseguiu aumentar muito seu território de invasão; todos os ataques entre Rummelsburg, Heiderode e Hade foram repelidos.

Os ataques dos soviéticos na Prússia Oriental foram menos fortes em consequência das pesadas perdas sofridas nos dias anteriores. Não houve modificação no quadro. Também em Königsberg não se realizaram ações de combate especiais. Em Kurland os ataques inimigos a Preekuln foram mais fracos. Em contrapartida, o inimigo entrou com mais força a sul de Frauenburg, com apoio de aviões de combate, mas obteve apenas algumas brechas locais, imediatamente consertadas. Todos os demais ataques fracassaram.

No oeste as unidades de ataque anglo-americanas conseguiram rechaçar nossas linhas de defesa entre Colônia e Xanten até o Reno. Mas ainda persistem algumas cabeças-de-ponte na margem esquerda do Reno, como, por exemplo, num raio de 15km em torno de Wesel, compreendendo Xanten, nas curvas do rio em Rheinberg, em Orsoy e diante de Hamborn, Duisburg e Düsseldorf. Por toda parte o inimigo saiu das renhidas batalhas com fortes perdas materiais e humanas, até que finalmente, com sua superioridade de forças, conseguiu empurrar-nos até o Reno. Também as perdas do nosso lado foram pesadas. Em Colônia o inimigo agora está nas margens norte, noroeste e oeste dos limites externos da cidade. Ao sul os combates transcorrem na direção da linha da margem oeste mais afastada de Colônia, a oeste de Brühl e da estrada Brühl-Euskirchen. Euskirchen caiu nas mãos do inimigo. De Euskirchen o inimigo só conseguiu avançar 3km em direção a Bonn, e de 6 a 7km em direção a Münster-Eifel. O eixo sul da ofensiva anglo-americana está na zona entre Gemünd e Schleiden; dali para o sul permanece o velho *front* do Eifel. Mas acredita-se que também este não poderá ser mantido para sempre. Através de um avanço inimigo a noroeste de Prüm, agora surgiu novamente uma considerável reentrância no nosso *front* para o oeste. Aqui o inimigo avançou até a região a 10km a noroeste de Gerolstein. O adversário obteve outra entrada muito desagradável na região a noroeste de Bitburg, onde cerca de 60 tanques avançaram ao longo da estrada de Bitburg-Daun para nordeste, chegando a Heidenbach, cerca de 12km a sudoeste de Daun. Até agora não conseguimos deter os tanques inimigos. Também a leste de Bitburg o inimigo avançou em direção de Wittlich, cerca de 5 a 6km, e está agora a 15km a oeste de Wittlich. A norte de Trier foram repelidos vários ataques inimigos; a leste de Trier os americanos atingiram alguns pontos da seção Ruwer e atravessaram a estrada de Ruwer para Hermeskeil.

Na região de Forbach continuam fortes lutas em casamatas. Mas a situação permanece a mesma.

Na Itália os combates recrudescem. Ainda não se pode falar numa grande ofensiva, mas por toda parte ocorrem ataques especialmente a norte de Porreta em Vergatto, onde o inimigo conseguiu alargar sua zona ofensiva, contra forte resistência alemã. Mas só obteve pequenas brechas locais.

A atividade aérea muito forte no leste dirigiu-se especialmente contra Breslau, bombardeada por cerca de 1.200 aviões soviéticos em ataques ininterruptos. No centro da cidade surgiram inúmeros incêndios. Em Kurland reinou forte atividade de aviões inimigos. A nossa atividade aérea no leste foi regular, dirigindo-se principalmente contra o território pomerano.

No território do *front* oeste estiveram ativos o dia inteiro inúmeros bombardeiros bimotores inimigos e caças, com centro de ação em Münsterland, Renânia, Vestfália e região do médio Reno. No território do Reich voaram de dia cerca de 800 bombardeiros quadrimotores americanos, com proteção de caças de quase igual força, para ataques contra a Alemanha do noroeste e centro, bem como contra o protetorado. Os ataques dirigiram-se entre outros contra Harburg-

Wilhelmsburg, Chemnitz, Plauen, território de Pilsen, Hanover e Nuremberg. Foram atacados principalmente objetivos industriais e de transportes. Uma unidade mais fraca de quadrimotores ingleses, de cerca de 120 bombardeiros, atacou, na zona do Ruhr, objetivos industriais, e de transportes na área de Gelsenkirchen. Até agora anunciaram-se 11 aviões inimigos derrubados.

À noite ocorreu uma invasão aérea de 600 bombardeiros, constando de unidades britânicas de quadrimotores sob liderança de Mosquitos, em companhia de caças, para atacar Chemnitz. Ataques de Mosquitos contra Berlim, Hanover, Braunschweig e Wiesbaden. Vinda do sul, uma unidade mais fraca de combate realizou um ataque a Graz. Do leste constantes revoadas de aviões soviéticos sobre a região de Stettin.

Cinquenta e nove dos nossos caças noturnos derrubaram 20 inimigos.

Os especialistas militares anglo-americanos estão muito infelizes porque, como dizem, os exércitos alemães fugiram sobre o Reno e, como acrescentam textualmente, estão intactos. Por isso esclarecem que seria necessária uma nova invasão, pois o Reno aos poucos representa para as operações militares um obstáculo como outrora o Canal. Logo, sabe-se que não atingiram uma vitória plena na ofensiva no oeste. O objetivo de Eisenhower, isto é, aniquilar o exército alemão, não pôde ser realizado. Fala-se num número de prisioneiros em torno de 45.000; mas nem isso basta ao inimigo para alcançar um próximo fim da guerra.

Especiais louvores obtiveram dos especialistas militares anglo-americanos nossas retaguardas, que, com efeito, combatem com fantástica valentia. É especialmente a elas que agradecemos a cobertura de nossa retirada sobre o Reno.

Presume-se que no oeste haja mais um período de espera, pois ingleses e americanos sabidamente não fazem empreendimentos ousados demais, por isso não farão a travessia do Reno sem antes terem assegurado suas linhas de substituição e sem terem preparado essa travessia conforme planejamento. Apesar disso, o tempo urge como nunca do lado inimigo. Teme-se que a guerra submarina abra lacunas ainda maiores na tonelagem de embarcações inimigas e que, com isso, a miséria aumente nos territórios ocidentais ocupados, sem falar nas dificuldades de provisionamento para as divisões anglo-americanas na *front*. É característico que os jornais ingleses constatem abertamente que Churchill e eu tivemos razão em nossas afirmações na última semana, quando acentuamos que o problema da tonelagem marítima nos próximos meses seria decisivo para o lado inimigo ocidental. Aí reside uma considerável esperança para nós. Nossos submarinos terão de agir diligentemente; de modo particular devemos esperar que agora se empregue um novo tipo que, segundo dizem, obterá resultados muito melhores do que nossos velhos submarinos, que já estarão equipados doravante com um *Schnorchel*.*

Rundstedt obteve de novo excelente nota na imprensa inimiga. Atribuem-lhe especialmente que nossas tropas de modo geral tenham conseguido escapar sãs e salvas sobre o Reno. Todos têm um medo peculiar do Reno. Ingleses e americanos naturalmente sabem muito bem que não poderão realizar no centro da Ale-

* *Schnorchel*: determinado sistema de respiradouro para submarinos e mergulhadores. (N. da T.)

manha uma invasão como no verão passado. Para isso existem não poucos obstáculos.

Naturalmente, Churchill faz nova visita às tropas em solo alemão. Refestela-se ao sol da sua glória. Esteve em visita a Eisenhower e Montgomery. De certo Montgomery apresentou-lhe algumas das ciameirinhas que são a ordem do dia entre ele e Eisenhower.

O Ministro da Aeronáutica britânico, Sinclair, julga muito graves nossos novos ataques aéreos sobre a pátria britânica. Não se consideram esses ataques muito tragicamente do ponto de vista militar; mas aparentemente oprimem o espírito inglês, em particular porque, depois de longo tempo, tiveram de impor novamente o *black-out* no sul da Inglaterra e em Londres. Parece também que nossas armas V continuam causando grandes prejuízos na capital britânica, ao menos bastante graves para que o ânimo dos ingleses seja influenciado eficazmente por eles.

As greves na Inglaterra aparecem de novo como cogumelos em solo úmido. Evidentemente os operários britânicos acham que a guerra está ganha, e que chegou a sua vez de fazer valer exigências sociais. Só de portuários há 10.000 fazendo greve em Londres. Foi preciso empregar soldados para garantir o transporte do material essencial à guerra.

De um relatório da situação política estrangeira que Bohle me apresentou, sintetizando notícias de seus representantes no exterior, posso deduzir mais ou menos o seguinte:

Reforça-se cada vez mais a concepção geral do povo inglês de que todas as dificuldades da política interna e externa, o problema econômico e toda a miséria do atual inverno na Inglaterra, atribuem-se unicamente ao fato de que a guerra não pôde ser terminada no outono de 1944, e o governo não preparou outra alternativa no âmbito de seus planos. A batalha de inverno nas Ardenas, com a intensificação dos bombardeios de represália sobre Londres, as discussões públicas com os Estados Unidos e o medo da política de Moscou, que já não se deixa mais controlar, de tal modo ampliaram a crise até meados de janeiro, que se generalizou a exigência de um fim imediato da guerra. Naturalmente, isso acontece na mais firme certeza de que está de todo eliminado o perigo de uma vitória alemã, e de que é a habilidade política que deve, através de rápidas negociações com a Alemanha, pôr fim à guerra com a vitória. Daí a crítica política tão severa contra a insensatez do governo, feita por todos aqueles que continuam propagando abertamente uma capitulação incondicional. Também o derramamento de sangue dos americanos na França provocou um susto considerável nos ingleses, pois mostrou o que uma continuação da guerra poderia trazer ao exército britânico, depois que a Inglaterra conseguiu evitar em todos esses anos para si própria maiores perdas humanas. Além desse estado de espírito e além dessa concepção popular, há graves fatos que o governo tem de enfrentar: primeiro, a Inglaterra, e importantes posições do Império, bem como a França, estão praticamente ocupadas por exércitos americanos; segundo, o Acordo da Casablanca quanto a uma capitulação incondicional não conseguiu abrandamento algum junto a Roosevelt, nem com o avanço soviético nos Bálcãs, tendo por isso de ser mantido pela Inglaterra com grandes sacrifícios próprios; terceiro, as operações militares da Rússia soviética são ainda mais independentes e autônomas do que as dos americanos o são da Inglaterra; por isso um rompimento dos laços combinados tornará apenas mais problemáticos os objetivos da Inglaterra na Europa. O reforço bastante forte da propaganda de atrocidades sobre o povo alemão, juntamente com a

descoberta do prosseguimento da mais brutal guerra de extermínio visando à capitulação incondicional, provam a vontade férrea do governo de firmar-se contra todos os desejos da população. A cessação de uma oposição legítima no Parlamento, tal como ainda existia em 1940 e 1941, a retirada ou opressão de todos os elementos e movimentos revolucionários, e sobretudo a liderança praticamente insubstituível de Churchill, tornam fácil ao governo a superação de todas as críticas. Entrementes, a concepção de Churchill e de seus seguidores sobre a guerra e os objetivos de paz cristalizou-se nitidamente. A Inglaterra deveria participar numa vitória absoluta sobre a Alemanha, e só então poderia sair, com Estados Unidos e Rússia soviética, do conflito europeu. O inesperadamente amplo avanço das ofensivas russas tornou ainda mais urgente a permanência nas próprias operações, e a entrada rápida num acordo com Stalin em torno do problema de como a Alemanha, até a Europa Central inteira, deveria ser ocupada e administrada no caso de uma derrocada alemã. Moscou deu a entender com clareza que é absolutamente escusado que um território ocupado pela Rússia soviética admita introdução de comissões internacionais ou uma participação anglo-saxônica na ocupação militar e na administração civil. A principal preocupação da Inglaterra é que Moscou estabelecerá um governo soviético, ao menos naquela parte da Alemanha por ela ocupada (alusão ao governo Seydlitz), e com isso poderia surgir uma Alemanha comunista, aliada a Moscou, que não só formaria a ponte política para a França e a Bélgica comunistas, mas determinaria a direção política e filosófica de toda a Europa. Por mais que a Inglaterra tenha deixado de lado seu entusiasmo pela União Soviética, e por mais que, na capital e em amplos círculos da alta classe média, se note uma tendência declaradamente anti-russa, na prática a Inglaterra não pode desistir, ao menos por enquanto, custe o que custar, da amizade e do acordo com a Rússia soviética, tanto mais que, em nenhum setor, a América se decidiu a amparar a Inglaterra numa posição firme contra Moscou. Ao contrário, em todas as oportunidades, Roosevelt provou que pensa, às custas da Inglaterra, melhorar e intensificar as relações da América com a Rússia soviética. Nesse sentido os políticos japoneses obviamente acham que a América só mudará sua posição em relação à Rússia quando a guerra contra o Japão tiver terminado vitoriosamente, isto é, não dependendo mais da benevolência soviética, ou de sua eventual participação. Também há muitos sinais de que o governo de Moscou dá grande valor à amizade com a América e está pronto a usá-la contra a Inglaterra. Nas negociações com Stalin a Inglaterra precisa resolver uma questão fundamental: Stalin tem de ser forçado a responder se a Rússia soviética continua considerando o território europeu por ela ocupado como esfera de influência soviética, quanto à qual os demais Aliados nada têm a dizer, seja Polônia, Romênia, Iugoslávia, ou a parte até agora ocupada da Alemanha. Se uma regulamentação interaliada for recusada por Moscou, a Inglaterra, com ou sem ajuda da América, exigirá o mesmo para si no que diz respeito ao oeste da Europa, Itália, por exemplo, e eventualmente uma reconquista da Noruega e da Dinamarca. Há diversos sinais de que, após o fim da guerra na Europa, ou até antes disso, a América pretende retirar o grosso de suas tropas combatentes da Europa. Estaria bem conforme a atual orientação da política americana, escapar a uma briga entre a Inglaterra ou, melhor, a Europa Ocidental, e a Rússia soviética. Na verdade, o destino da Europa absolutamente não interessa à América, a não ser para mantê-la num estado de impotência mundial econômica e militar. Conforme a interpretação de importantes especialistas londrinos em política econômica, é a seguinte a situação da Inglaterra:

1. Só se a Alemanha for incondicionalmente vencida, a Inglaterra pode assumir a herança da direção e da exploração econômica, ao menos dos países da Europa Central e Ocidental.

2. Isso só pode acontecer com o bom entendimento e a clara separação dos territórios de influência soviética.

3. No fundo, os americanos não são capazes, nem estão interessados, de se importar com os países ou Estados europeus, ou mesmo de governá-los.

4. Todos os países que não tiverem caído na dependência direta da Rússia se ligarão à Inglaterra, quer por necessidade econômica, quer por medo político da Rússia soviética. É isso que se espera de uma Alemanha derrotada, caso ela caia nas garras da Rússia soviética, e caso a guerra siga o curso final imaginado pela Inglaterra.

De modo geral, em Londres estão agora convencidos de que, através de um acordo de política externa com Moscou, se possa impedir uma revolução comunista na Europa Ocidental, e depois com a ajuda do sistema democrático-parlamentar os comunistas possam ser mantidos na minoria, pressupondo que se possam impor os limites agora desejados a todas as medidas de influência soviética. A não ser assim, a Inglaterra parece decidida a manter sua influência, até bem depois do fim da guerra, através de ocupações militares.

Esse relatório foi redigido nos dias da Conferência de Ialta; mas de modo geral me parece uma caracterização correta da situação política inimiga. Dele pode-se deduzir que no momento não temos chances políticas. Isso, porém, pode mudar de um dia para outro, especialmente se a evolução nos territórios ocupados pelos soviéticos continuar tão rápida como nos últimos dias.

Bohle me apresenta ainda um escrito sobre a reforma do nosso serviço diplomático, que pretende remeter ao Führer. Esse memorial contém muitas idéias aproveitáveis; só que, atualmente, entre nós, não se dá muita importância a idéias aproveitáveis. Nosso serviço diplomático deveria ter sido reformado há anos. E hoje temos de pagar caro por essa omissão. Mas, de outro lado, não temos mais tempo para essa e outras questões, ou para nos entregarmos a demoradas reformas. Vivemos, como se diz, da mão para a boca.

Outra exposição que Bohle apresentou ao Führer, sobre política de guerra em geral, corresponde às idéias que o Führer e eu já trocamos várias vezes quanto ao mesmo tema. Logo, Bohle não disse nada de novo ao Führer. Característico foi apenas que Bohle no futuro não pretende mais imiscuir-se em problemas de política externa; portanto, não apresentará mais tais relatórios ao Führer; Ribbentrop, no entanto, no momento, seria tão favorável a tais idéias que se poderia apresentá-las diretamente. Acho isso bastante inútil. Pois Ribbentrop está tão mal cotado do lado inimigo, que sem dúvida não está apto a manter contatos com Londres ou Washington.

Quanto aos territórios ocidentais ocupados pelo inimigo, constata-se um lento mas permanente crescimento da crise. Os países de trás do *front* anglo-americano, que estão passando fome, são nossa grande esperança. Ali se vai formando uma oposição política que parece desembocar diretamente no bolchevismo, o que ficará mal para os ingleses, especialmente no oeste do nosso continente. Demonstrações de fome são dia a dia mais constatáveis, e isso em quase toda a Europa. Churchill e Roosevelt já conseguiram lançar essa parte da terra num caos terrível. Recebemos relatórios sobre a situação das provisões de víveres, especialmente nos territórios ocupados do oeste, que são de estarrecer. Se não se pode acreditar que os ingleses tenham consideração por motivos humanitários,

pelo menos serão obrigados a reagir se essa situação lhes causar prejuízos militares, o que presumivelmente acontecerá nos próximos tempos.

É realmente ingênuo da parte do governo inglês esclarecer que deseja servir de mediador na Romênia agora. Querer é uma coisa, poder é outra. Os soviéticos não permitirão qualquer intromissão nesses acontecimentos.

Conforme um relatório que me foi apresentado, reina na Croácia uma confusão atroz. Os opressores impõem um regime de terror indescritível. Tito é, nessa situação toda, aquele que tira proveito. Revela-se efetivamente excelente líder popular. Diante dele, Poglavnik faz uma triste figura, sustentado apenas pela força militar alemã. Além disso, tenho a impressão de que, no setor sudeste, nossos soldados nada mais fazem senão defender o caos. As condições aí estão de tal modo confusas que já não se sabe o que pensar.

De Helsínqui chega uma notícia sensacional. Mannerheim estaria doente e passou o cargo ao Primeiro-Ministro Paasikivi. Sua enfermidade é abertamente descrita como de causas diplomáticas. Ele simplesmente não estaria mais conseguindo cumprir suas tarefas. Em outras palavras, os bolchevistas cansaram-se de palavrórios na Finlândia e querem ver fatos. Na Suécia, a notícia da doença de Mannerheim causou verdadeiro choque. Os jornais de Estocolmo agem como se tivessem previsto tal evolução dos fatos. Na verdade foram eles que há meses convenceram os finlandeses a fazer com os soviéticos um arranjo e assim sair da guerra. Agora realizaram-se todas as profecias; todas as que nós fizemos sobre o curso dos acontecimentos.

A situação militar na Pomerânia continua extraordinariamente ameaçadora. Parece que nossas providências chegaram tarde. Em parte também os soviéticos intervieram nelas, de modo que não se pode mais falar no avanço combinado. Ultimamente tem sido sempre assim, não somos capazes de uma ação militar decisiva e grandiosa. Na operação Sakharov, na região de Küstrin, as tropas do General Vlassov combateram de modo excelente. É, na verdade, vergonhoso que no relatório dos oficiais dessas tropas se constate que tiveram a impressão de que os soldados alemães estão cansados e esgotados de lutar, e já não querem agir contra o inimigo. Teriam perguntado constantemente aos oficiais russos, e especialmente aos prisioneiros soviéticos, a mesma coisa: "Como são tratados os prisioneiros alemães entre os soviéticos?" Obviamente, portanto, muitos acalentam a idéia de se entregar à prisão soviética. Daí também pode-se deduzir que, quanto ao *front*, quisemos dar um passo maior que as pernas. Não temos mais forças militares para uma vitória decisiva num lugar decisivo. O próprio Vlassov acha que os soviéticos dispõem de armas e soldados bastantes, mas que têm problemas quase insolúveis quanto aos provisionamentos. No setor do Oder possuem uma enormidade de tanques de guerra, mas falta-lhes gasolina. Se pudessemos perturbar esses preparativos, poderíamos certamente esperar um grande sucesso operacional. Mas eis a questão: se pudessemos! Também a diferença na disjunção dos trilhos das ferrovias traz problemas aos nossos territórios orientais ocupados. O contrário seria naturalmente mais simples. Vlassov é de opinião que os soviéticos não pretendem avançar diretamente sobre Berlim, mas primeiro contra Dresden, pressupondo que não nos adiantemos a eles no ataque. Também os soldados soviéticos estariam terrivelmente cansados de lutar; mas cheios de um ódio diabólico para com os alemães, devido a uma sofisticada propaganda bolchevista. Se Vlassov diz que Stalin é o homem mais odiado da Rússia, isso é naturalmente dito apenas *pro domo sua*. Mas é correta sua afirmação de que os soviéticos sofrem de grande falta de material humano. Ocuparam com mulheres

todas as retaguardas, e a isso, apenas, se atribui o fato de ainda disporem de tão espantosos contingentes de infantaria.

O discurso de Hanke, em Breslau, provocou tremendo efeito na opinião pública alemã. Finalmente um Gauleiter nacional-socialista teve uma palavra máscula, partindo de uma fortaleza sitiada, a qual ele defende, muito ao contrário de Greiser, que fugiu antecipadamente de uma cidade ainda nem cercada.

O meu último discurso no rádio também agora lentamente mostra seus efeitos. Recebo diversos comunicados por rádio, do *front* solidarizando-se com minhas afirmações.

Chemnitz nas últimas 24 horas foi três vezes severamente atacada. Mal podemos manter contato com essa cidade. Parece que ali se passa algo semelhante com a recente catástrofe de Dresden. As cidades da Saxônia estão pagando caro, agora, pela outrora feliz circunstância de não serem atacadas pelas forças aéreas inimigas.

Os mais diversos cargos do partido, Wehrmacht e governo, fornecem agora, em número considerável, forças aptas para serviço no *front*. Aos poucos espalhou-se a gravidade da situação no *front* e a urgência em colocar soldados à disposição. Correios, serviço de águas e florestas e a administração oferecem-me voluntariamente seus contingentes.

Ao meio-dia mantenho uma conversa sobre simplificação radical em nosso processo de mobilização, com os responsáveis pelas reservas do Exército. Os oficiais me dão impressão de serem absolutamente incapazes, cansados e senis. E tipos como estes dominaram a mobilização durante toda a guerra. Pode-se imaginar como tudo foi invadido pela burocracia e que profundas intervenções são necessárias para agora adaptar tudo à situação militar atual. De qualquer modo, estou decidido a interferir aí com meios radicais.

A tardinha anunciam-me que os americanos já chegaram em Colônia, até a estação férrea do oeste. A sudeste de Neuss abriram nossa cabeça-de-ponte e reduziram-na consideravelmente. Em Krefeld tentaram achar uma passagem sobre o Reno. Mas foram repelidos. A situação no território de Euskirchen no momento parece algo mais estável, e também no Schnee-Eifel nossas tropas de modo geral se mantiveram. Em Trier ocorrem contramedidas alemãs, que ao menos nos prometem uma normalização temporária ou local.

Nosso grande ataque com o exército de Sepp Dietrich na Hungria começou. Por enquanto não se podem fazer prognósticos. As primeiras notícias não indicam praticamente nada, exceto que nossas tropas encontraram resistência muito dura, e por isso no primeiro dia não avançaram muito no terreno. O inimigo já toma contramedidas, especialmente pelo emprego de fortes ataques aéreos. No campo de batalha de Lauban também registramos insignificantes ganhos de terreno. A operação ali deve prosseguir, para obrigar os bolchevistas a retirarem forças, especialmente da região Morávia-Ostrau. As duas pontas que avançaram em Lauban ainda não conseguiram unir-se, mas Schörner espera que isso aconteça.

Poderíamos então contar com alguns despojos. Até aqui derrubamos nesse território 136 tanques inimigos. O inimigo atacou violentamente nossa cabeça-de-ponte em Schwedt. Evidentemente, no próximo avanço — seja em que direção for — não quer mais ser ameaçado pelos flancos. No território pomerano, conseguiu ampliar suas operações. Continuamos numa crise muito séria, enquanto na Prússia Oriental e em Kurland tudo está na mesma.

A tardinha, o Gruppenführer Alvensleben, o mais alto chefe da SS e da polícia de Dresden, veio visitar-me. Descreve a catástrofe de Dresden em todas as suas crueldades. Realmente ali transcorreu uma tragédia como raramente acontece na história da humanidade, e talvez nunca no decorrer desta guerra. Devagar, a vida recomeça nas ruínas de Dresden. Alvensleben visitou Himmler, que está doente em Hohen-Lynchen. Debateu com ele toda a situação militar e política da guerra, e lançou fortes ataques a Göring e Ribbentrop. Himmler expressou o desejo de falar comigo assim que possível. A tardinha ainda me comunico com ele, e combinamos que lhe farei uma visita amanhã, quarta-feira. Quero comentar com ele não só a situação da guerra, mas especialmente todo o pessoal da liderança política e militar do Reich. Parece-me que chegou a hora de termos clareza sobre certas medidas decisivas em todos os terrenos. Não temos mais muito tempo a perder.

8 de março de 1945, quinta-feira

Ontem:

Situação militar:

No território húngaro alguns ataques locais mais fortes entre Plattensee e Drau tiveram bons resultados, e avançaram na região de Kaposvar cerca de 6 a 8km em direção de Osien. Ao mesmo tempo, no sul também ganhamos terreno de uns 6 a 8km, do território de Virovitzsar, sobre o Drau, para o norte. Também nos ataques da ponta oriental do Plattensee, no território ao sul de Stuhlweissenburg, para o sul e para o leste, conseguimos bons resultados iniciais.

No território eslovaco o inimigo continuou fortes ataques a Chemnitz e Altsohl. No *front* próximo, até a região de Morávia-Ostrau, nenhuma atividade de combate especial. As concentrações inimigas de tropas em direção de Morávia-Ostrau e na região de Oppels continuam-se reforçando. Nada de novo em Breslau. Ataques inimigos de forças de batalhões foram repelidos, contra Goldberg e Zobten, enquanto um ataque local nosso entre Görlitz e Bunzlau trouxe novos bons resultados. Pequenas forças soviéticas foram cercadas e parcialmente aniquiladas. A norte de Guben obtivemos melhoras nas posições. Na seção do Oder os combates recrudesceram um pouco. Ataques mais fortes do inimigo em Lebus bem como no norte, sul e leste, contra Küstrin, e ataques de regimentos contra nossa cabeça-de-ponte de Zehden foram inúteis.

O centro de gravidade dos combates situou-se novamente no território pomerano. No território de Stettin nossa posição transcorre mais ou menos da cabeça-de-ponte de Schwedt até a oeste de Dtargard, e daí para o norte de Gollnow, até Siepenitz. O inimigo atacou essa posição em diversos lugares, conseguindo, a leste de Friedrichswakde e a norte de Gollnow, brechas de 5 a 6km de profundidade; todos os demais ataques foram repelidos. A norte de Cammin os bolchevistas atingiram a costa em Bad Dievenov. Nossas próprias unidades continuam lutando em retirada, e estão agora a oeste de Belgard em Greifenberg e a sul de Regenwalde. No flanco oriental da brecha, onde, de Schlawe até o sul de Büтов existe um *front* de defesa alemão, o inimigo atacou mais fracamente. Muito fortes foram, em contrapartida, seus ataques ao *front* a norte de Heiderode até Vístula. Aí conseguiu brechas profundas até a região 20km ao sul de Behrent, até a ferrovia Behrent-Schönek e até Stargard.

Na Prússia Oriental os ataques inimigos foram mais fracos e todos repelidos. Também em Kurlan, renovados e fortes ataques a sul de Frauenburg não obtiveram resultado.

No *front* do oeste os anglo-americanos concentraram suas forças especialmente no rompimento de pequenas e grandes cabeças-de-ponte alemãs na margem esquerda do Reno, entre Colônia e Xanten. A norte de Xanten o inimigo atacou e foi repellido, e também a cabeça-de-ponte em torno de Wesel foi reduzida de modo insignificante. Em contrapartida, o inimigo conseguiu romper nossa cabeça-de-ponte em Rheinsberg, bem como as outras, ao sul de Rheinsberg até Colônia. Com isso, Rheinsberg caiu nas mãos do inimigo. No setor de combates de Colônia o inimigo fortaleceu sua pressão. As lutas se realizam a uns 100m a oeste da Catedral. Também na estrada do Reno, de Colônia a Bonn, realizam-se fortes combates. Entre Colônia e Bonn o inimigo avançou para o oeste e está cerca de 12km a noroeste e sudoeste de Bonn. Do território de Euskirchen também avançou para a estrada de Bonn e para Neuenahr. Rheinbach está perdida. Nossa linha de defesa dobra ao sul de Rheinbach para o oeste e decorre cerca de 3km a norte de Münstereifel até a zona de Schleiden.

No território do Eifel a situação piorou. Aproveitando-se da fragilidade da ocupação alemã, o inimigo avançou na parte superior do Kyll até o território de Birgel, cerca de 25km a nordeste de Prüm, e na floresta ao sul de Gerolstein. Forças de reconhecimento blindadas avançaram bastante na estrada Bitburg-Daun-Cochem para o leste, atravessaram a estrada Cochem-Adenu, e estão agora cerca de 10km a noroeste de Cochem. Nas florestas ao norte de Trier, entre Bitburg e Wittlich, realizam-se violentos combates; igualmente, ao sul de Trier entre o Ruwer e Zerf. Em Forbach houve apenas combates locais. O inimigo, contudo, fortalece-se ali, de modo que devemos contar com a retomada de ataques mais violentos.

Não se anunciaram grandes atividades de combate na Itália. Foi aniquilada uma pequena tentativa de desembarque inimigo atrás de nossas linhas de combate no setor adriático.

No leste foram abatidos num ataque aéreo 21 aviões soviéticos.

No *front* leste, ontem, devido ao mau tempo, foi mais fraca a atividade dos bombardeiros e caças-bombardeiros, com centro de gravidade em Münsterland, Renânia e Vestfália.

Na Itália a atividade dos caças-bombardeiros em todo o território do *front* foi bem movimentada. No território do Reich entraram cerca de 150 bombardeiros britânicos, que atacaram a região de Rheine. À noite, cerca de 100 bombardeiros britânicos atacaram Sassnitz. Unidades de bombardeiros ingleses menores fizeram novo ataque a Berlim.

Embora o lado inimigo ocidental ainda se mostre impressionado com o fantástico espírito de luta de nossas tropas no oeste, pode-se constatar, do nosso lado, que o moral de nossos soldados decai lentamente. Isso é compreensível depois de ficarem semanas e meses em combate praticamente ininterrupto. Em algum ponto a resistência física cede. Isso também vale, em parte, para a população da Alemanha Ocidental. Ficaram cerca de três milhões de pessoas nas regiões que ingleses e americanos ocuparam. Simplesmente não estavam em condições de serem evacuadas, e não fizemos muita pressão para isso, uma vez que no Reich já não temos mais lugar para abrigar tais massas de gente.

Eisenhower age com ordens severas contra essa população. Eles não devem deixar suas casas e são maltratados de todas as maneiras. Mas parecem contentes com o término da guerra aérea. Por toda parte em nossa direção da guerra pode-

se constatar que o mal básico, que em todos os *fronts* causou essa situação desoladora, foi a falta de defesa antiaérea. Foi por aí que começaram nossas derrotas.

Churchill pela primeira vez observou pessoalmente os bons resultados de sua guerra aérea. Esteve em Jülich e, como relata a Agência Reuters, olhou com cara satisfeita as ruínas desde Jülich até Aachen. Uma imagem de Nero, o qual, enquanto a cidade Eterna ardia em chamas, ficou sentado num lugar elevado, tocando sua lira. Dificilmente se encontrará melhor símbolo para a caótica decadência em que a política anglo-americana lançou a Europa.

Em sua viagem pelos territórios ocupados, Churchill fez um discurso às tropas aliadas. Um discurso respingado daquelas velhas e monótonas explosões de ódio contra os hunos. Esse senhor não tem nada de novo a apresentar no momento atual da guerra, ele a quem se pode chamar na verdade o coveiro da Europa. Deveria ocupar-se um pouco mais com a Inglaterra, onde as greves surgem a todo momento como uma onda sobre as Ilhas Britânicas.

A situação em Colônia tornou-se bastante desesperançada. A resistência de nossos batalhões de Volkssturm não agüentou, como era de se esperar. Aí os americanos e ingleses verão pela primeira vez uma grande cidade inteiramente em ruínas, o que os impressionará profundamente. Mas não acredito que por causa disso parem com a guerra aérea; ao contrário, vão intensificá-la mais, pois certamente acreditarão que desse modo levarão mais rapidamente a guerra a um final.

Também em Colônia, os chefes da ocupação tomam as mais duras medidas contra a população. Isso nos será favorável, pois reforçará o moral do nosso povo, um tanto baixo agora. Essa gente merece nossa compreensão. Estão tão exaustos e tão desgastados de combater, que recebem com cáldio agradecimento uma única noite de sono. Mas, quando tiverem dormido o bastante, estarão de novo a postos.

Não posso entender que mal se tenha feito resistência em Colônia. A cidade fora tão bem fortificada por Grohé, que seria de presumir que ofereceria grande resistência aos americanos e lhes causaria enormes perdas materiais e humanas. Mas, ao que parece, não foi esse o caso. São mesmo humilhantes, as notícias de que o inimigo encontrou ali quase somente homens ainda capazes de se defender. Se esses homens tivessem sido colocados a tempo no *front*, nossa situação seria agora bem melhor.

O quadro no oeste naturalmente causa ainda, e cada vez mais, as maiores preocupações, de modo especial porque os Aliados têm em suas mãos massas de milhões de pessoas do povo alemão. Tentam, de qualquer modo, administrar e governar essa gente. E é característico que, no maior cinismo, noticiem que para isso vão empregar especialmente os padres. Estes se colocaram à disposição das tropas aliadas de todos os modos. Eu próprio jamais esperei outra coisa. Só a juventude se mostrou extraordinariamente renitente, e com ela não se pode fazer nada. Um rapaz da Juventude Hitlerista, levado a um hospital por estar doente, queixou-se por não ter sido levado a uma prisão.

As pesadas destruições causadas pelas forças aéreas inimigas nas cidades alemãs levam o governo inglês a repetidamente mencionar a destruição de Londres. Com isso descobrimos fatos extraordinariamente interessantes, como, por exemplo, que a capital britânica está com sua terça parte totalmente destruída.

Eden abordou de novo, na Câmara dos Comuns, o tema "crimes de guerra". E nos acusou, a Ribbentrop e a mim, de sermos os primeiros e maiores criminosos de guerra alemães. Isso é uma grande honra para mim, e suporte muito bem

tal caracterização. De resto, Eden só fornece desculpas esfarrapadas para o fato de que os ingleses concordaram, na Conferência de Ialta, com a entrega da Prússia Oriental à Polónia.

O congresso socialista europeu teve lugar em Londres. Apresentou um programa bastante mais suave como condição da capitulação alemã.

O Partido Trabalhista inglês ultimamente sofreu certa transformação, mostrando não querer mais seguir a linha intransigente que Churchill dá à guerra. Esse partido certamente se tornou um tanto mais desconfiado por causa da onda de radicalismo que agora também se nota na Inglaterra, e teme que as massas lhe escapem das mãos.

As notícias veiculadas pelo relatório da situação política estrangeira obedecem ao mesmo tom fundamental, isto é: os Aliados de modo algum pretendem qualquer boa vontade para conosco; agem inteiramente de comum acordo com a União Soviética no campo militar; por exemplo, agora fazem atravessar grandes transportes de víveres pelos Dardanelos, a fim de ajudarem os soviéticos em sua precária situação de provisionamento. Do Japão noticia-se que surgiu um forte conflito entre as lideranças de guerra moderadas e radicais, exatamente como acontece entre nós. As lideranças moderadas apóiam-se sobretudo na Marinha, e as radicais no Exército, que desde sempre foi bastante intransigente no Japão.

A crise finlandesa continua a crescer. Provoca enorme sensação nos países estrangeiros inimigos, e especialmente nos neutros. A imprensa sueca aparenta extraordinário espanto; mas, pelos motivos já tantas vezes aqui expostos, não tem razões para isso.

A fuga do general traidor Roatta causou na Itália uma séria crise governamental. Em Roma ergue-se uma rebelião vermelha de dimensões consideráveis. Os comunistas fizeram enormes passeatas e hastearam a bandeira vermelha no Capitólio. Bonomi está em grandes dificuldades. A rebelião tem caráter claramente comunista, coisa que os ingleses apontam de modo especial. Mas não acredito que tirem qualquer consequência desse fato.

A explicação de Guderian quanto às atrocidades bolchevistas diante da imprensa nacional e estrangeira em Berlim não teve o resultado que eu na verdade esperava. Guderian falou de modo um tanto patético e floreado demais, e também as testemunhas interrogadas estavam talvez demasiado prejudicadas pelas confissões anteriores em tantos lugares, para poderem fazer relatórios espontâneos e livres. Isso é também um motivo pelo qual esse empreendimento não surtiu na imprensa neutra o efeito que eu no fundo esperara. Em Estocolmo as declarações são objeto de sarcasmo ou pura zombaria. Só se pode ter compaixão por esse mundo burguês decadente, cujos representantes fazem parte dos conhecidos carneiros maiores que, segundo o provérbio, escolhem eles mesmos seus carneiros.

Quanto à guerra aérea, mal vale a pena falar. Dia e noite, ininterruptamente, somos bombardeados e sofremos os maiores prejuízos em nosso potencial de moradias e armamentos. Diante dos esquadrões aéreos inimigos não podemos apresentar nada que sequer mereça ser mencionado. Na noite passada foi a vez de Sassnitz. Ali fizeram-se grandes estragos no resto da nossa flotilha de guerra. Um relatório de Chemnitz conta que a situação é mais ou menos desesperadora. Temos de mobilizar forças de socorro do Reich, para ajudar essa cidade a sair da situação mais difícil.

O General Gottberg, por ordens de Himmler, começou agora a grande ação para reunir os soldados que andam viajando por aí, apanhando-os nas estações ferroviárias. Por enquanto os resultados são consideráveis. Mas naturalmente a ação não pode continuar para sempre, pois com isso uma série de importantes viagens de serviço são prejudicadas. De resto, o Comando Supremo da Wehrmacht deveria procurar em seus cargos mais elevados soldados capazes de serem aproveitados no *front*. Contam-me que Keitel já mandou preparar 110 trens para evacuação do Comando Supremo da Wehrmacht e do Comando Supremo do Exército em Berlim. Esses covardes nunca se tornarão inteligentes. Gostaria de saber quando finalmente vão assumir a decisão de, custe o que custar, permanecerem onde estão e defenderem o seu posto.

Para Berlim aparecem constantemente novos e mais difíceis problemas e preocupações. A capital do Reich está no momento numa situação extraordinariamente tensa por todos os lados, e eu ainda tenho de cuidar de mantê-la permanentemente preparada para uma defesa iminente. Pode-se imaginar que trabalho isso representa. À tarde visitei Himmler e mantive uma longa conversa com ele. A travessia de Berlim chocou-me bastante. Depois de longo tempo revi o campo de ruínas em que a capital do Reich se transformou. Mas por toda parte podem-se notar barricadas brotando como cogumelos do solo. Se tivéssemos soldados e armas suficientes, poderíamos defender Berlim enquanto quiséssemos. A caminho encontramos colunas e mais colunas de fugitivos, especialmente alemães da zona do Mar Negro. Não é nada agradável ver o que entra no Reich, em torrentes, sob o rótulo de "alemão". Acho que, no oeste, há mais germanos que entram à força no Reich do que aqueles que, no leste, aí entram pacificamente.

A travessia de Mecklenburg é como um refrigerio. A região está totalmente intacta e respira profunda paz. Olhando superficialmente nem se perceberia que existe guerra.

Himmler está em Hohenlynden para curar-se um pouco. Sofreu uma grave angina, que está cedendo agora. Parece-me um tanto abalado. Apesar disso, conseguimos conversar detalhadamente sobre todas as questões necessárias. De modo geral Himmler se mantém muito bem. É uma das nossas personalidades mais fortes. Em nosso encontro de duas horas, posso constatar que concordamos inteiramente no julgamento da situação geral, de modo que pouca coisa tive a lhe informar. Ele ataca severamente Göring e Ribbentrop, indicando-os como fontes de todos os erros da nossa atitude nessa guerra, no que tem toda a razão. Contudo, também não sabe como se poderia convencer o Führer a separar-se desses dois e substituí-los por personalidades novas e fortes. Conto-lhe a respeito do meu último encontro com o Führer, no qual chamei sua atenção para o fato de que manter especialmente Göring poderia levar a uma crise no governo, se é que isso já não aconteceu. Himmler pergunta insistentemente qual o efeito dessas afirmações no Führer. Este ficou muito impressionado, mas até agora não tirou nenhuma consequência.

Quanto aos *fronts*, Himmler preocupa-se muito com a evolução na Pomerânia e no oeste. Mas no momento preocupa-o mais ainda o problema da alimentação, que para os próximos meses assumirá formas desoladoras. O moral das tropas está sem dúvida atacado. Himmler observou isso de modo particular no grupo "Vístula". Acresce que nem no setor militar nem no civil dispomos de uma liderança central forte, pois tudo tem de ser realizado através do Führer,

e coisa que só se consegue fazer em escala diminuta. Por toda parte Göring e Ribbentrop atrapalham uma condução bem-sucedida desta guerra. Mas que se pode fazer? Afinal, não podemos forçar o Führer a separar-se desses dois. Himmler resume muito bem a situação, afirmando que a razão lhe diz que temos poucas esperanças de ganhar a guerra militarmente; mas o instinto lhe diz que, cedo ou tarde, aparecerá uma possibilidade política para dirigir tudo a nosso favor. Ele acha que isso virá mais do oeste do que do leste. Acredita que a Inglaterra vai despertar, coisa de que duvido. Himmler, conforme se vê pelas suas afirmações, está totalmente orientado para o oeste; não espera mais nada do leste, ao passo que eu acho que seria mais fácil conseguir algo do leste, pois Stalin me parece mais realista do que os endoidecidos anglo-americanos. Mas naturalmente temos de ver bem claro que, se conseguíssemos alcançar a paz, ela seria pequena e modesta. A condição para isso é que resistamos num lugar qualquer, pois se formos levados totalmente abaixo, não poderemos negociar com o inimigo. Logo, temos de concentrar toda a força do Reich nesse objetivo único.

Himmler concorda em colocarmos as unidades de tropas das casernas, que aí estão para aperfeiçoamento, como reforço no *front* do leste e no do oeste. Jüttner até agora resistiu a isso com todas as suas forças. Por isso Himmler quer mandar chamá-lo e dizer-lhe umas verdades. O General Kleiner, o mais próximo colaborador de Jüttner, também é sua eminência parda, e continua velejando inteiramente no curso do General Fromm.

Também sobre Fromm converso detidamente com Himmler. Kaltenbrunner ainda nessa manhã tratou de que o processo contra Fromm seja dirigido com mais energia. Na primeira fase desse processo Fromm assumiu totalmente a direção dos debates.

Em torno de Himmler reina uma atmosfera bastante agradável, sóbria e absolutamente nacional-socialista, o que tem efeito extraordinariamente benéfico. Só me pode alegrar que ao menos em Himmler ainda impere o velho espírito nacional-socialista.

No regresso a casa tenho oportunidade de refletir profundamente sobre tudo quanto falamos. A viagem através de uma região que vai caindo em penumbra e sombra é impressionante. Sempre e sempre as colunas de refugiados, que parecem quase um símbolo desta guerra gigantesca.

Mal chegado em Berlim tenho de me lançar de novo ao trabalho, que, nas poucas horas em que me afastei, cresceu como uma montanha.

Quanto à situação ao entardecer, noticia-se da Hungria que nossas tropas encontram resistência duríssima. Por isso ainda não puderam obter maiores ganhos de terreno. Na Pomerânia o quadro piorou novamente, e também na Prússia Ocidental, onde existe o perigo de que nossas tropas sejam de novo divididas. Nosso ataque em Lauban teve algum resultado.

O Gauleiter Stöhr me chama e se queixa amargamente do moral baixo da tropa, o que infelizmente é verdade. A população em parte se contagia com isso, e Stöhr gostaria de dirigir-se ao povo pelo rádio no seu distrito, para tentar reerguer um pouco os ânimos.

O inimigo avançou para Coblença, através de Bonn. O mapa ali está totalmente confuso. Tentaremos erguer nova linha de defesa a oeste do Mosela; resta, porém, a pergunta: isso será possível?

O Dr. Naumann esteve com o Führer, a meu mandado, para apresentar o problema da evacuação dos cargos de liderança do Reich e da Wehrmacht para

fora de Berlim. O Führer acha que, pelo menos, se deviam fazer os preparativos. Eu, na verdade, me alegraria se esses altos funcionários sumissem de Berlim o mais depressa possível, pois não representam nenhum reforço no espírito de luta da capital. Portanto — e também nisso o Führer tem toda a razão — devíamos deixá-los escapar devagarinho, sem chamar a atenção da opinião pública.

Naumann ficou impressionado com o encontro com o Führer, que se mostrou em sua melhor forma. Embora a situação se apresente extraordinariamente grave e ameaçadora, ele representa o pólo seguro na torrente dos acontecimentos. Enquanto estiver à frente do Reich, não precisamos arriar a bandeira.

9 de março de 1945, sexta-feira

Ontem:

Situação militar:

No ataque sobre o Drau formaram-se, apesar da forte resistência inimiga, duas cabeças-de-ponte. Entre o Drau e Plattensee nosso ataque prosseguiu, apesar de violentos contra-ataques inimigos. Igualmente os ataques entre Plattensee e o Danúbio, a sudeste e a sul de Stuhlweissenburg, obtiveram novos e consideráveis ganhos de terreno. Duas cidades húngaras reconquistadas. No centro da Eslováquia todos os ataques inimigos fracassaram, exceto por pequenas invasões locais. Em todo o *front* até Lauban ocorreram apenas combates de importância local. Na fortaleza de Breslau continuam as lutas na parte sul. Nossa própria ofensiva de Lauban terminou. Com isso a 3ª divisão blindada soviética ficou tão atingida, que não poderá recompor-se em pouco tempo. No *front* do Oder até Küstrin, nenhuma alteração. Küstrin foi novamente atacada, severamente mas sem resultado, do sudeste e do noroeste.

No território pomerano fortes ofensivas blindadas fracassaram a sul de Stettin, enquanto os soviéticos conseguiram avançar a norte de Stargard até Altdamm. Com isso surgiu o perigo da divisão da cabeça-de-ponte de Stettin. Após duros combates o inimigo conseguiu entrar em Gollnow. Conseguiu também arrombar a cabeça-de-ponte de Wollin. Kolberg repeliu ataques na margem da cidade. A ampliação do território de invasão soviético para nordeste foi obtida pelo inimigo através da tomada de Schlawe e Zitzewitz. Os ataques soviéticos do território de Heiderode resultaram em mais ganhos de terreno. Em Neukrug sustaram-se ataques no anel defensivo de Dantzig. Entre Marienburg e Elbing os soviéticos realizaram fortíssimos ataques com as novas forças trazidas do território prussiano oriental, conseguindo com isso uma entrada mais profunda até a estrada de Marienburg-Tiegenhof.

No setor de combates da Prússia Oriental as lutas apresentaram menos intensidade.

No território de Kurland, a sudeste de Frauenburg, fracassou, devido a nossos bem-sucedidos contra-ataques, a ofensiva de 14 divisões soviéticas, após sucessos iniciais.

Enquanto no *front* do oeste, na cabeça-de-ponte Wesel, se obteve um total sucesso na defesa, em Colônia e de ambos os lados de Brühl o inimigo conseguiu rechazar nossas forças. A leste de Euskirchen o inimigo avançou com grandes forças blindadas no Vale do Ahr, atingindo Neuenahr. A norte de

Cochem o inimigo ganhou mais terreno em direção de Coblença. Suas tentativas de alargar a entrada para o sul fracassaram. Entre Kyllburg e Ehrang, bem como a nordeste de Trier, continuam as batalhas violentas, com o inimigo atacando para o leste. No Ruwer realizam-se combates alternados. As demais atividades de luta no *front* do oeste são apenas de significação local.

A atividade inimiga aérea foi bastante movimentada nos centros de gravidade do *front* do leste. Nossos aviões de combate antitanque foram empregados especialmente no território pomerano. Nos combates aéreos derrubamos nove aviões soviéticos.

No oeste a atividade aérea foi reduzida por causa do mau tempo.

No território do Reich, durante o dia, ocorreram ataques aéreos de bombardeiros americanos sobre objetivos de comunicação e de indústria no território vestfaliano e do centro da Alemanha. À noite, uma forte unidade ofensiva britânica dirigida por aviões de interceptação atacou especialmente Hamburgo, Hemmingstedt, Dessau e Leipzig. A capital do Reich foi atacada duas vezes por aviões de combate rápidos. Caças noturnos conseguiram atingir com certeza 41, e provavelmente dois outros, bombardeiros. Ainda não chegaram notícias sobre resultados dos canhões de defesa antiaérea.

O lado inimigo ocidental afirma que nossas tropas resistem heróica e tenazmente, e que o caminho da vitória anglo-americana terá de ser adubado com sangue; por outro lado, contudo, dizem que nossa população recebe o inimigo muito cordialmente e que se tornou um fenômeno regular o hasteamento de bandeiras brancas sobre as casas. Acho que essas notícias são em parte verdadeiras, em parte falsas. De qualquer modo, é certo que grupos maiores em nossas tropas de jeito algum capitularam, mas — até onde lhes permitem suas possibilidades e suas armas — resistem a qualquer preço. E também o inimigo sabe muito bem disso. Ainda assim, prevê-se um iminente fim da guerra. O *Exchange Telegraph*, por exemplo, noticia que em círculos ingleses oficiais existe a certeza de que em breve a guerra chegará ao fim, que não se precisa mais ter consideração por essas últimas batalhas na Alemanha, que o fim da guerra poderia simplesmente ser anunciado através de uma proclamação do rei inglês. Não se dá mais muita importância a uma resistência nossa, que, segundo os ingleses, seria ilegal. Acreditam que o povo alemão já está tão esmagado que não tem mais forças para resistir. Obviamente, diante da disposição interna na Inglaterra, Churchill viu-se obrigado a precisar mais claramente o fim da guerra. Agora fala em dois meses. Diz que não tem intenção de nem ao menos reconhecer qualquer governo alemão. Que o povo alemão seria totalmente governado por forças de ocupação. Como se esboça o mundo futuro no cérebro de um plutocrata inglês! Em Londres, certamente, nem ao menos podem mais imaginar que um povo de 80 milhões nunca se submeteria a uma tal solução e que preferiria deixar a Europa afundar-se em chamas e fumaça a dobrar-se a uma tal proposta.

À tardinha chega do quartel-general de Eisenhower a alarmante notícia de que os americanos conseguiram formar uma pequena cabeça-de-ponte na margem direita do Reno. Não posso controlar muito bem a divulgação dessa notícia, uma vez que as comunicações com o oeste não funcionam mais direito. Mas considero essa notícia bastante improvável. Combates de rua desenrolam-se em Bonn e Godesberg. Os ingleses e os americanos ficaram profundamente impressionados com a destruição encontrada em Colônia. Aqui viram pela primeira

vez que efeitos aniquiladores causam os contínuos bombardeios, e receio que isso apenas os animará a prosseguir com essa bárbara maneira de guerrear, e até mesmo a intensificá-la ainda mais.

Quanto à atitude do nosso povo em relação ao inimigo, é descrita de modo contraditório. De um lado se diz que não se pode fazer absolutamente nada com essa gente, pois no fundo permanecem nazistas; mas de outro lado afirma-se também que essa mesma população recebe o inimigo numa atitude de verdadeira devoção. Ainda não se pode esclarecer bem esse problema. É preciso aguardar as primeiras confusões de uma ação militar, ficar observando, até que as coisas estejam novamente assentadas. Depois o inimigo sentirá como há de reagir a Alemanha nacional-socialista diante de tantas brutalidades.

No momento nos resta uma única grande esperança, a guerra submarina, que causa forte preocupação ao lado inimigo ocidental. Não esperavam que nossos submarinos voltassem à ativa. Mas, por outro lado, estão extraordinariamente chocados, pois o problema da tonelagem tornou-se crítico para ingleses e americanos, especialmente por causa da ampliação do conflito no Pacífico, de modo que não podem dispensar um só navio. Por isso é compreensível que, principalmente de Washington, repetidamente se esclareça que os Estados Unidos têm grande interesse em terminar o mais depressa possível a guerra na Europa. Nós, ao contrário, temos o maior interesse em prolongá-la o máximo possível e fazer malograr ao máximo as intenções do Ministro da Guerra americano, que expressou tais desejos.

Pela série de notícias falsas mandadas ao mundo principalmente a partir de Londres, nota-se que o inimigo tenciona atacar mais fortemente no campo psicológico. Fala-se de sérias inquietações em Munique, de uma revolta dos cineastas pretensamente realizada em Babelsberg contra o governo, na qual eu teria desempenhado um papel altamente ingrato. Divulgou-se um discurso falsificado que o Führer teria apresentado diante dos Gauleiters a 24 de fevereiro, tão repleto de imbecilidades que nem vale a pena repeti-las aqui. Dirigiram uma conclamação à população de Berlim para que capitulasse antes do iminente ataque soviético. Em resumo, a bruxa está de novo solta, e o inimigo emprega todos os recursos para perturbar a paz interior do nosso povo, nesta época tão terrivelmente crítica. Contudo, acredito que não é preciso reagir na nossa propaganda interna. Qualquer alemão hoje sabe muito bem o que tem a fazer, pois está certo do que o ameaçaria se o inimigo alcançasse seus objetivos. Quanto ao estrangeiro, simplesmente corto essas notícias falsas através de um breve e categórico desmentido.

Em toda essa confusão, é satisfatório saber que cresce a crise política do lado inimigo. Ela ainda se alimenta do comunicado de Ialta. Os jornais americanos manifestam-se mais abertamente. Criticam os chamados Três Grandes por terem tentado fazer retroceder o relógio da história, pois isso, como sempre, trará os piores resultados.

Os japoneses também começam paulatinamente a reconhecer a gravidade da situação. Os jornais de Tóquio escrevem sobre a possibilidade de uma invasão americana à pátria japonesa e dizem que a nação japonesa se erguerá contra isso como um só homem. É muito bom que os japoneses sejam arrastados para a linha direta de tiro; terão assim de empregar esforços bem maiores contra o inimigo do que infelizmente o fizeram até agora.

Na Romênia os legionários trabalham ativamente para causar dificuldades aos soviéticos. Por nosso lado, estamos organizando uma grande formação de

guerrilheiros nos territórios orientais alemães ocupados. É verdade que leva bastante tempo até que esses grupos guerrilheiros possam entrar em ação; mas ao menos podemos esperar algum resultado.

Moscou nos ameaça com um movimento de tenaz contra Berlim. Receio que tenham mesmo essa intenção, depois que os soviéticos, com o avanço na Pomerânia, têm seus flancos mais profundos em grande parte defendidos. As preparações na parte do *front* do Oder diante de Berlim não nos deixam concluir que estejam planejando operações militares imediatas contra a capital do Reich. Também acho que para isso suas forças não são suficientes. Teriam de empregar dois exércitos inteiros para uma ofensiva a Berlim. E no presente não dispõem de tais forças.

Na Prússia Oriental finalmente Rendulic impôs ordem. Deduzo de seus relatórios que, ao assumir seu grupo de exército, contou 16.000 soldados dispersados. Em pouco tempo reduziu seu número para 400, com métodos bastante brutais. Nesse ponto, trabalha como Schörner e Model. Parece que Rendulic ambiciona entrar para o quadro dos nossos mais modernos chefes de exército.

O Duce fez um discurso extraordinariamente firme. Esse discurso teve uma nota fundamental: a Alemanha não pode ser derrotada. Se o povo italiano pensasse ou tivesse pensado como o Duce, a guerra teria tido outro curso. Mas os italianos não merecem o seu Duce, e não valem grande coisa mesmo.

A guerra aérea foi mais uma vez devastadora sobre o Reich nas últimas 24 horas. Magdeburgo e Dessau foram dessa vez as atingidas. Em Dessau desencadearam-se extensos incêndios, boa parte da cidade foi destruída. Mais uma cidade alemã cuja maior extensão foi nivelada ao solo. Acrescem ainda notícias de nos deixar de cabelos brancos, sobre outras cidades recentemente atacadas, especialmente Chemnitz. É terrível que não tenhamos contra essa guerra aérea nenhuma defesa digna de ser sequer mencionada.

A chancelaria do partido planeja uma operação especial para levantar o moral das tropas. Cada distrito receberá cinco líderes politicamente escolhidos, com patente de oficiais, para tentar soerguer o ânimo caído dessas tropas. As manifestações desmoralizantes se constatarem agora também no oeste, provando ser falso o que me lançaram na cara quando propus sairmos da Convenção de Genebra, isto é, que o moral das tropas no oeste era bom porque o soldado se defrontava com um inimigo leal. As deserções assumem proporções notáveis. A população, especialmente no oeste, as favorece até certo ponto. Mas que se podia esperar dela, se até recebe o inimigo com bandeira branca?

Na cabeça-de-ponte de Neuss, por exemplo, no decorrer de uma noite, consideráveis quantidades de soldados se esgueiraram para fora do campo de batalha. Também assim se prova que superestimamos toda a nossa maneira de conduzir esta guerra, e que isso agora ameaça cair sobre a cabeça do povo. Sempre se põe a culpa nos bombardeios inimigos. Pode-se entender que, quando anos a fio um povo é submetido ao efeito das armas estrangeiras contra as quais não tem meios de defesa, lentamente sua coragem decai.

Todos fervem de raiva contra o último artigo do Dr. Ley, onde este afirmou que a guerra aérea nos tornou tão pobres, que sentimos certo alívio com ela, e que a população alemã recebeu com visível novo alento os últimos bombardeios sobre Dresden. Nos artigos do Dr. Ley sempre se pode facilmente constatar o que pretende dizer; infelizmente isso vem expresso em frases tão desajeitadas, que provoca a maior repulsa no povo. Esse é exatamente um jornalista como não se deve ser.

A tarde visito Görlitz. O dia está claro e gélido. Sobre a paisagem paira um sol magnífico. Depois de deixarmos atrás de nós o monte de ruínas que é Berlim, chega-se a uma região aparentemente intocada pela guerra. Sentimo-nos realmente felizes por de novo respirarmos ar livre numa terra livre. Não só em Berlim, também a caminho ergueram-se por toda parte barricadas contra um avanço blindado soviético. O povo naquelas terras planas ainda vive uma existência bastante calma. É digno de inveja por isso. A viagem passa à margem de Dresden, por Bautzen, que jaz na mais profunda paz. Bautzen está absolutamente intacta, por isso oferece uma visão reconfortante. Mas, então, chega-se diretamente ao território do *front*. Por longo tempo viajamos bem perto dele. Ao longe vêem-se, aqui e ali, relampejarem tiros de canhão inimigos ou alemães. Pouco antes de Görlitz temos de fazer uma parada. Do nosso carro aproxima-se um grupo de mulheres que me saúda com imensa alegria. Portanto, pode-se ver que ainda temos entre o povo uma boa provisão de confiança e indiscutível autoridade. Apenas precisamos saber utilizá-las. Isso quer dizer que, se o nacional-socialismo de novo aparecesse entre o povo como pura idéia, livre de toda a corrupção e dos fenômenos desta época, seria a grande e vitoriosa idéia do século.

Pelas duas da tarde chegamos a Görlitz. A cidade oferece uma visão singular. Quase não há mulheres; há muito foram evacuadas com seus filhos. Görlitz tornou-se uma cidade de homens.

O chefe do distrito, Malitz, antigo líder de grupo local em Berlim, recebe-me em Görlitz. Organizou fabulosamente a defesa da cidade e está firmemente decidido a mantê-la a qualquer custo, junto com a Wehrmacht. O General Schörner veio pessoalmente do seu quartel-general para participar da minha visita a Görlitz. Apresenta-me seus oficiais, que me causam uma impressão fabulosa. Vê-se que Schörner realizou com eles uma grandiosa obra de formação. De qualquer modo, ali não se sente o mínimo derrotismo.

Faço logo, com Schörner, uma visita a Lauban, que só nessa manhã foi liberta dos inimigos pelas nossas tropas. A caminho Schörner me relata coisas sobre a situação do seu grupo de exército. Atacou o setor de Lauban para movimentar o inimigo, o que conseguiu. Nessa ação destruiu a maior parte dos tanques inimigos, sem que nossas tropas sofressem maiores perdas. É de opinião que, se atacarmos corretamente, os bolchevistas poderão ser derrotados sob quaisquer circunstâncias. Pois a infantaria deles se encontraria num estado desolador; apóiam sua luta unicamente na superioridade material, especialmente em tanques de guerra. Quanto a Breslau, Schörner acha que em algumas semanas conseguirá libertar a cidade. Já na ação sobre Lauban previa isso; infelizmente teve de colocar suas divisões de ofensiva à disposição para nossa defesa na Pomerânia; por isso não pôde prosseguir na operação Lauban.

Schörner está muito preocupado com a evolução no território Morávia-Ostrau. Ali aguarda o próximo grande ataque soviético; por isso precisa prevenir-se. Acaba de iniciar uma nova ofensiva no território de Ratibor, que começou esta manhã e da qual espera algum resultado. Na verdade, seu princípio básico agora é inquietar o inimigo, causar-lhe dificuldades, para obrigá-lo a se movimentar, desfazendo lentamente a solidez dos seus *fronts*.

Schörner é uma verdadeira personalidade de líder. O que me relata detalhadamente sobre seus métodos para elevação do moral das tropas é grandioso e não apenas testemunha seu talento de comandante mas sua visão política superior. Age com métodos novos, modernos. Não é um general de escrivainhas e mapas; passa a maior parte do dia com as tropas em combate, com as quais

mantém relações severas mas ainda assim familiares. Especialmente dirige seus cuidados para os chamados “dispersos treinados”. Com essa denominação entende aqueles soldados que conseguem sempre afastar-se das tropas nas situações críticas e, sob qualquer pretexto, sumir na retaguarda. Com tais sujeitos age de modo bastante brutal, manda enforcá-los na árvore mais próxima e amarrar-lhes um cartaz em que se lê: “Sou um desertor e me neguei a defender mulheres e crianças alemãs”. Isso naturalmente assusta muito os outros desertores ou os que pretendam sê-lo.

Para Schörner é de grande ajuda o meu colaborador Todenhöfer, por quem tem grande consideração. Todenhöfer também veio a Görlitz e alegra-se enormemente ao me rever. Schörner me conta que Todenhöfer lhe presta os mais valiosos serviços, particularmente na formulação política de suas conclamações e ordens às tropas.

Entrementes chegamos a Lauban. A cidade está bastante abalada pelos combates passados. Naturalmente um único ataque aéreo anglo-americano sobre uma cidade é muito mais destruidor do que um duelo de artilharia que durasse dias a fio. Mesmo assim uma cidade tão destruída é um tanto desanimadora numa região como o território silesiano, que de resto permanece bastante livre dos efeitos da guerra.

Na praça do mercado da cidade, totalmente destruída, instalaram-se os pára-quedistas que participaram gloriosamente da operação Lauban. Schörner fala com as tropas e nesse discurso me faz os maiores elogios, a mim e ao meu trabalho. Louva de modo particular minha constante e incansável batalha por uma guerra total e deseja-me sorte nessa luta. Diz que sou um dos poucos homens inteiramente compreendidos no *front*. Respondo a isso com um forte apelo ao moral da tropa, especialmente mencionando a missão histórica que esses soldados têm hoje. Na verdade, o colorido local se presta às melhores pressuposições. Nesse território quase não há cidade ou aldeia em que Frederico o Grande não tenha conseguido uma de suas vitórias ou sofrido uma de suas derrotas.

Entre os soldados reunidos encontro como tenente meu velho colaborador Haegert, que se apresentou novamente ao *front* nas unidades da Grande Alemanha. Comove-se muito ao me rever. Na ponta da tropa reunida está um rapaz da Juventude Hitlerista, de 16 anos, que acaba de receber a Cruz de Ferro.

Tanto a praça do mercado de Lauban como o caminho de entrada e de saída estão cobertos de tanques inimigos destruídos. Ali nossas tropas de defesa fizeram realmente um trabalho e tanto. Sente-se um secreto horror ao ver esses monstros, esses colossos de aço semelhantes a robôs, com os quais Stalin pretende conquistar a Alemanha.

Schörner tem de voltar ao seu quartel-general porque precisa dirigir a nova operação em Ratibor. Nossa despedida é extraordinariamente cordial. Fiquei realmente ligado a ele.

Depois nos dirigimos diretamente ao *front*. De um posto de observação posso ver a movimentação soviética do lado inimigo. Nesse distrito transcorreu a batalha por Lauban. Os oficiais que me acompanham contam do ânimo de luta do inimigo. Não é muito bom. Esses oficiais defendem o ponto de vista de que, se o atacarmos fortemente, o inimigo se porá a correr em breve. Ao menos, porém, é preciso poder enfrentá-lo com certa quantidade de material de guerra. Suas perdas na batalha por Lauban foram imensas. Nossos soldados não conhecem mais complacência, depois de terem visto com os próprios olhos as atrocidades dos soviéticos. Matam-nos com pás ou coronhas de fuzil. As cruel-

dades de que os soviéticos se tornaram culpados são indescritíveis. Em todos os recantos do caminho encontram-se exemplos que são as mais terríveis testemunhas desses fatos.

Depois fazemos uma rápida visita a um posto da artilharia, que me honra com uma renhida salva de canhões contra os soviéticos. Oficiais e soldados são do melhor material humano. É reconfortante conversar com eles. Mas não se deve esquecer que vêm das unidades de elite da corporação da Grande Alemanha, que sempre escolheu cuidadosamente seus homens. Minha visita às tropas da frente lhes causa grande alegria. Vê-se no rosto dos homens como estão satisfeitos e felizes por me verem assim na frente de batalha. O inimigo no momento está quieto. Parece lamber as feridas sofridas na batalha por Lauban. Só de vez em quando nos saúda com salvas de artilharia para o nosso lado.

Depois voltamos a Görlitz. No hotel, que dá uma impressão absolutamente pacífica, mantenho infindáveis debates com dirigentes políticos e oficiais, que naturalmente querem saber coisas mais detalhadas sobre a guerra. Isso, porém, não significa que estejam deprimidos. Bem ao contrário, reina um espírito de luta como nos bons velhos tempos. O General Graeser, que perdeu uma perna na guerra, é realmente um tipo da velha escola. Mas porta-se magnificamente. Excelente é o jovem General Mäder, chefe da divisão de granadeiros "Führer", principal batalhadora no combate de Lauban. Com 35 anos já recebeu suas insígnias de general. O estado de espírito nesse círculo é simplesmente contagiante. Nenhum sinal de derrotismo. Percebo isso também quando na grande sala do centro comunitário, superlotada, falo aos soldados e homens do Volkssturm. Encontro um público totalmente aberto às minhas afirmações. Meu discurso se dirige inteiramente para a luta e a persistência. Mostro aos homens a situação atual e reforço isso com exemplos históricos que, especialmente nesse ambiente, são bastante convincentes. Pode-se imaginar que efeitos tal discurso alcança diante de tal público. Sinto-me feliz e aliviado, e fico contente por enfim ter escapado à atmosfera de Berlim.

No hotel servem-nos uma refeição em que nada falta. Em alimentos ainda é boa a situação de Görlitz, pois foram trazidas de volta dos territórios ocupados pelos soviéticos grandes provisões de carne e gordura, que agora precisam ser consumidas. Constatamos que entre esses homens reina firme confiança na vitória e no Führer. Os oficiais desse setor de combate portam-se magnificamente em relação a mim. Nota-se que meu trabalho de tantos anos lhes despertou a maior confiança. Fico até tarde com eles. São belas horas, que surtem em mim um efeito muito reconfortante.

Depois voltamos a Berlim. Por 40km temos de viajar diretamente atrás do *front* soviético. Por cima dele vêm-se subindo projéteis luminosos e de vez em quando relampeja uma salva de artilharia. Naturalmente é difícil encontrar o caminho, pois o *front* segue uma linha muito irregular e faz as mais ousadas voltas. Mas conseguimos enfim sair dessa confusão e chegarmos à estrada em Cottbus. Depois seguimos rapidamente para Berlim. Estou contente por voltar à minha velha amada capital do Reich. Em casa encontro uma montanha de trabalho. Magda está de novo com sua nevralgia no rosto e sofre muito. Péssima coisa num momento como este. Estou morto de cansaço e só consigo dormir algumas horas.

10 de março de 1945, sábado

Ontem:

Situação militar:

Em todo o território húngaro nossa ofensiva progride. São especialmente consideráveis os bons resultados no Canal Malom, bem como a sudoeste de Stuhlweissenburg.

Na Eslováquia do sul a pressão inimiga de ambos os lados de Chemnitz continua bastante forte. Depois de algumas entradas, o inimigo foi detido no fundo do campo de batalha principal. Em Altsohl e Mikolas suas ofensivas foram rechaçadas. No setor ao norte de Ratibor unidades alemãs entraram de surpresa do oeste e noroeste em direção do sudeste para dentro dos movimentos de concentração inimigos, causando bastante confusão nos preparativos soviéticos. No sul de Breslau alguns quarteirões de casas foram recuperados em contra-ataques. A operação Lauban está terminada; as tropas alemãs passam novamente à defensiva. Lá um exército inimigo foi consideravelmente prejudicado e conseguimos libertar a linha ferroviária Görlitz-Greifenberg-Hirschberg. Em Guben o inimigo, que entrara na parte leste, foi novamente rechaçado. Também na cabeça-de-ponte Lebus os soviéticos, que atacavam violentamente, foram repelidos num contra-ataque e nossa posição melhorou. Fortes ataques do inimigo, vindos do sul, sudoeste e norte, contra Küstrin. Enquanto as ofensivas do sul e do sudoeste puderam ser repelidas, os bolchevistas conseguiram entrar na cidade pelo norte e tomar uma série de ruas.

Na Pomerânia a situação tornou-se mais grave por um rompimento maior da nossa cabeça-de-ponte em torno de Stettin. A nova linha agora decorre a norte de Pölitz até Altdamm, que ainda está em nossas mãos, e dali a Greifenhagen. Em Altdamm e Greifenhagen o inimigo atacou violentamente, mas foi detido e, em parte, até repellido. A tentativa dos bolchevistas de alcançarem a Ilha Wollin fracassou. O inimigo chegou de Treptow até Bad Horst, na costa. Em Kolberg a situação permanece a mesma. Uma tropa mais reforçada ainda está no território de Greifenberg. Tentou primeiro abrir caminho para o oeste e, entretanto, não conseguindo passar por ali, dirigiu-se para noroeste. No flanco oriental da brecha, na região de Stolp e Bütow, nenhuma alteração. Em contrapartida, os soviéticos conseguiram avançar da brecha a norte de Heiderode até o cinturão fortificado no exterior de Dantzig. As partes mais avançadas foram repelidas em Zuckau. O avanço dos soviéticos entre Marienburg e Elbing foi detido com nosso contra-ataque.

Na Prússia Oriental o inimigo está-se reagrupando, de modo que temos de contar brevemente com um recrudescimento da ofensiva.

No oeste o inimigo atacou dos dois lados de Xanten e ao sul com muita violência. Essas ofensivas foram parcialmente rechaçadas; mas em parte o inimigo conseguiu brechas mais profundas na cabeça-de-ponte. As batalhas ali estão sendo extraordinariamente difíceis. Na parte sul da cabeça-de-ponte de Colônia o inimigo obteve uma entrada até a ferrovia Colônia-Bonn. Em Bonn realizam-se violentos combates de rua, da mesma forma em Bad Godesberg. Forças blindadas da região de Ahrweiler chegaram em parte sobre a ponte de Remagen à margem oriental do Reno. Trata-se de uma divisão blindada e três batalhões de infantaria. O avanço foi cercado e detido em Linz. Contramedidas foram imediatamente empregadas. À noite, a ponte foi atacada e danificada por aviões Stuka; mas é possível que ainda possa ser utilizada. A sul de Remagen o inimigo avançou na margem ocidental do Reno em direção a Niederbreisig. No setor da brecha do Eifel, pontas blindadas inimigas chegaram até 4km a oeste de Coblença. Fortes ofensivas contra os *fronts* de defesa no norte e no sul da zona da invasão foram repelidas. Mas é considerável um avanço blindado inimigo saindo de Euskirchen para o sul, obviamente com a missão de derrubar partes do *front* alemão que ainda se mantêm ali, de modo que nossas unidades, que estavam na seção do Kyll, tiveram de regredir lutando alguns 4 ou 5km a leste, assumindo ali nova posição. O inimigo, que se aproximava perigosamente, foi repellido nessa nova linha. Igualmente nossas forças no território de Hillesheim se esquivaram de um cerco ameaçador para a região do cinturão de Nürburg e terras a oeste dali. Nas novas posições repeliram-se ataques inimigos. No setor de combate de Trier o inimigo tentou ampliar sua brecha em direção do leste para o Mosela. Atravessou o Ruwer em direção de Kent, mas foi detido ali. Ao sul de Trier continuam cercadas as forças americanas; os combates continuam.

No resto do *front* do oeste não se realizaram combates de maior importância.

Nenhuma notícia especial do *front* italiano.

No leste, a atividade aérea inimiga foi bastante violenta ontem. Dirigiu-se principalmente contra as localidades vizinhas do *front* e contra os nossos transportes de provisionamento. Só na seção central constataram-se 1.400 sobrevôos. Também nossa defesa aérea foi bastante considerável. Nessa seção central empregaram-se 365 aviões de caça alemães. Ao todo derrubamos 16 aparelhos inimigos.

No *front* do oeste houve pouca atividade aérea inimiga por causa do mau tempo.

No território do Reich, três divisões de bombardeiros americanos atacaram Siegen, Frankfurt, Bad Homburg, Giessen, Dortmund, Recklinghausen, Essen Bochum e Wuppertal. Do sul, uma forte unidade americana aérea atacou Marburgo e Kapfenberg. Não houve emprego de caças nossos. Ainda não chegaram notícias sobre os resultados dos nossos canhões antiaéreos. Por volta das 21 horas cerca de 300 bombardeiros britânicos atacaram Kassel. Uma esquadrilha de cerca de 200 Mosquitos realizou uma ofensiva sobre Hamburgo. 60 Mosquitos dirigiram-se para Berlim, outros 20 para Osnabrück. Bombardeios isolados sobre Bremen.

Jornais ingleses anunciam que, numa visita a Aachen, Churchill revelou uma sarcástica alegria. Mostrou-se extraordinariamente satisfeito com os prejuí-

zos ali causados pelo seu terror aéreo. Atitude bem própria de Churchill. É um desvairado. Mas não somos só nós que nos ressentimos da sua obra. Também o povo inglês sente esses efeitos, depois de, num momento desesperado da sua política, ter-se lançado nos braços desse homem. Agora os ingleses publicam na imprensa que cinco milhões de alemães provavelmente morrerão de fome depois da guerra, porque eles nem pensam em conseguir-nos alimentos. Estão totalmente cegos de ódio e no fim serão eles mesmos vítimas desse sentimento. É também muito característico desse povo, agora, admitir a qualidade de terror da sua atividade aérea contra nós. Já nem temem a opinião pública mundial. Mas, a longo prazo, isso nos será vantajoso, porque o mundo não tem ainda sua opinião tão embotada a ponto de aceitar silenciosamente atitudes tão cínicas.

Lendo as notícias dos anglo-americanos sobre as devastações em Colônia, parece que nós é que transformamos aquela bela cidade hanseática num montão de escombros. Os americanos, especialmente, nos acusam de termos provocado tais prejuízos porque insistimos em prosseguir com a guerra. É todo um universo de contradições, de mentiras, de hipocrisias, que nem a mais imaginosa fantasia poderia inventar. Mas acho que, de todos esses terríveis enganos, ainda nascerá um mundo mais belo e melhor.

Londres mostra exagerado otimismo quanto à paz. Conforme as mais recentes declarações do seu governo, a Inglaterra acredita que a guerra acabará a qualquer momento. É verdade que o inimigo tem muita pressa, pois, particularmente os ingleses, aos poucos vão reconhecendo que quanto mais tempo durar a guerra, tanto mais eles se eclipsam diante de seus aliados mais poderosos, em particular os soviéticos. Naturalmente nossa situação não é das melhores. De modo particular no oeste, decaiu fortemente o moral de guerra, mas não devemos superestimar esses sinais. Em ações militares com tão abundantes perdas, sempre se observou que parte dos nossos soldados e parte da população civil perdem o controle. Mas é exagerado afirmar que nossa população impede os soldados de atirar. Pode ser que, aqui e ali, algum doido tenha feito isso, mas não como regra geral. A psicose de fim de guerra instala-se em alguns pontos e na verdade está-se espalhando pelo mundo todo. As massas populares preferiam terminar a guerra hoje, não amanhã. A questão é: quem lhe irá pôr fim.

A evolução no oeste naturalmente causa as maiores preocupações militares. E levaram o Führer a mandar chamar Kesselring a Berlim. Eventualmente, depois de uma conversa, ele o colocará no lugar de Rundstedt. Rundstedt está velho demais e prende-se excessivamente aos conceitos da Primeira Guerra Mundial, para poder dominar uma situação como a que se instalou no oeste. Teve um efeito catastrófico o fato de que os americanos tenham conseguido conquistar a ponte de Remagen intacta e formado uma cabeça-de-ponte do lado direito do Reno. Contra isso devemos agora tomar medidas muito importantes, porque todo mundo sabe o que significa para nós, como ameaça, a instalação de uma cabeça-de-ponte na margem direita do Reno. À noite já se empregaram *Jus* para destruir uma parte da ponte; mas ainda não sabemos se com isso ela se tornou inutilizável para os americanos. O inimigo está feliz com essa notícia. Parece até que já conquistou toda a margem direita do Reno. Na verdade, foi uma grande porcaria que não se tivesse dinamitado a tempo a ponte de Remagen. Os americanos a tomaram sem sequer terem de combater.

Os soviéticos não mostram qualquer interesse, na sua imprensa, pela guerra no oeste. Resolvem tudo com algumas linhas sem maior significado e dedicam boa parte do seu noticiário aos incidentes políticos na Romênia, que são real-

mente de grande importância. Os anglo-americanos têm de tolerar um tratamento simplesmente irritante da parte de Moscou. Mas não têm força bastante para se defenderem. Quando muito, podem de vez em quando reagir na imprensa contra essas insolências soviéticas.

Os resultados de Ialta continuam a ser severamente criticados, tanto entre ingleses como entre americanos. Todos pensam em especial no problema da Polônia; na verdade, porém, querem referir-se ao problema alemão, pois é aí que está o x da questão. Mas toda essa crítica é bastante moderada e o medo de Moscou ainda supera todos os demais motivos anglo-americanos.

Os soviéticos prosseguem suas atrocidades sanguinárias no território da antiga Polônia, sem se importarem com as reclamações anglo-americanas. Não têm a mínima consideração para com Churchill ou Roosevelt. Espalha-se no país uma nova onda de prisões, em particular contra os nacionalistas poloneses.

Na Romênia as coisas transcorrem conforme o planejado, isto é, conforme os desejos do Kremlin. Como caso pitoresco houve a fuga do antigo Primeiro-Ministro, Radescu, para a embaixada inglesa, enquanto Moscou fingia um espanto grotesco.

O Primeiro-Ministro japonês, Koiso, mostra num discurso a gravidade da situação, o que realmente ameaça em grande parte os japoneses. Ele pede uma mobilização de todas as forças japonesas para fins bélicos. O Japão passa por uma fase má, como nós há dois anos. Espero que aprendam melhor do que nós sua lição. O exemplo alemão deveria mostrar até onde leva um atraso nos preparativos para uma guerra.

Os soviéticos queixam-se muito das sabotagens cada vez mais freqüentes atrás do seu *front*. Eles em absoluto não têm aquele território dominado, uma vez que só dispõem de poucas tropas para colocar ali. E continuam expondo-nos abertamente seus preparativos para a próxima ofensiva.

Podem ser observadas agora, nos países neutros, as conseqüências políticas dos sucessos militares. Os suecos se desmancham em cordialidades para com os russos. Se pensam que com isso vão angariar as simpatias do Kremlin, estão completamente enganados. O Kremlin não dá nenhum valor a nada que não seja declaradamente bolchevista. E as tentativas de aproximação em geral são por ele respondidas com um belo soco no nariz.

Terboven teve outra grave briga com o governo sueco por causa da movimentação nas fronteiras. Os suecos estão sempre querendo desentendimentos conosco, por causa da questão norueguesa, para conquistar os aplausos anglo-americanos. Terboven endereçou ao Führer uma proposta sobre o Comando Supremo na Noruega em caso de emergência, e propôs tornar-se ele próprio o comandante, depois de Böhme, a fim de garantir atitudes corretas no campo político, em caso de emergência. Não creio que o Führer aceite essa proposta.

É simplesmente grotesco que os noruegueses agora esperem que os russos os libertem do domínio alemão. E muito vão admirar-se caso essa libertação se torne realidade.

Os tchecos andam renitentes, o que se observa pelo recrudescimento das sabotagens. Estas são atribuídas ao fato de que ninguém no povo tcheco acredita numa vitória alemã, e os elementos da oposição querem criar um alibi para o futuro.

As medidas que agora vão sendo tomadas na Hungria, para se organizar um serviço de trabalho segundo o modelo alemão, chegaram com excessivo atraso. Praticamente não há mais maneira de ajudar os húngaros. Perderam sua

oportunidade, e agora as grandes potências em guerra apenas os encaram como pivô para continuarem a sua guerra.

Recebo ao meio-dia uma grande delegação de operários estrangeiros que operam no Reich e me apresentam sua disposição de colaborar. Respondo com um discurso bastante decidido, no qual apresento nosso próximo programa europeu, baseado numa reorganização socialista do continente. Espero bons efeitos desse discurso, quando for publicado na imprensa dos operários estrangeiros. Estes foram em grande parte atraídos para o nosso lado pelas condições no Reich. Se depois da guerra retornarem a seus países, serão certamente nossos melhores propagandistas.

A guerra aérea continua a série de pesados ataques contra nossas grandes cidades. Dessa vez atingiram Kassel, Hamburgo e Bad Homburg. É por puro terrorismo que os americanos atacam Bad Homburg. As notícias sobre Dessau são simplesmente horríveis. A cidade foi quase toda arrasada.

Na correspondência que recebo pode-se observar a mais profunda queda no moral da guerra. Os autores dessas cartas queixam-se da atitude derrotista em grandes partes do *front*, mas também de violentas baixas do ânimo entre a população civil. Mesmo os otimistas começam a fraquejar, sinal de que estamos no auge da crise. O marechal do Reich é designado em quase todas as cartas como bode expiatório a quem se atribuem as derrotas alemãs em todos os *fronts*. O fato de que ele ainda continue no seu posto é, para muitos autores dessas cartas, sinal de que estamos numa latente crise governamental.

O Comando Supremo do Exército e o Comando Supremo da Wehrmacht querem evacuar 50.000 homens de Berlim. Tão grandiosos são, portanto, nossos serviços administrativos militares! Pode-se imaginar que disso tudo não resultará nada de produtivo e de importante.

O emprego de uma cobertura defensiva atrás dos *fronts* do leste e do oeste chegou a nova fase. Jüttner opôs-se energeticamente ao meu plano e conseguiu torpedeá-lo parcialmente. Agora serão colocadas nos territórios atrás dos *fronts* só as unidades de reserva de quatro regiões militares: ao todo, 40.000 homens, o que naturalmente é pouco para os fins desejados; mas é sempre melhor que nada. Continuarei a agir no sentido que pretendo e no fim hei-de alcançar minha meta.

O Major-General Fromm foi condenado à morte pelo inimigo por causa de sua covardia. E mereceu inteiramente a sentença. Não puderam provar que participou do 20 de julho; mas também não tomou as medidas que deveria tomar para impedir os fatos.

Tive uma longa conversa com Marrenbach sobre o artigo de fundo do Dr. Ley. Sob o título "Sem Bagagens" este se permitiu algumas escapadas intolleráveis. Assim escreve, por exemplo, sobre a aniquilação de Dresden, dizendo que foi recebida com alívio pelo povo alemão, pois perdemos nosso último centro cultural. Se eu quisesse reconhecer essas afirmativas como corretas, teria de deduzir que seria melhor simplesmente entregarmos o Reich ao inimigo, pois então não teríamos nem o mínimo de bagagem a carregar.

À tardinha, infelizmente, se anuncia do oeste que ainda não conseguiram destruir a cabeça-de-ponte de Remagen. Tomaram-se contramedidas improvisadas, que não surtiram efeito. No setor de combate de Coblença para o norte, alguns grupos ainda abrem caminho de volta até o Reno.

O encontro entre o Führer e Kesselring decorreu favoravelmente. É provável que Kesselring assuma o *front* oeste em lugar de Rundstedt.

Da Hungria chegaram boas novas. O 6º Exército blindado conseguiu profundas brechas nos postos defensivos inimigos. Agora, tenta-se atingir a retaguarda inimiga para aniquilar suas forças de combate, e acredita-se derrubar com isso considerável parte do seu *front*. Os soviéticos defendem-se com unhas e dentes; mas esperamos que Sepp Dietrich consiga levar a cabo o plano do Führer. Os combates em Ratibor transcorreram bem, embora sejam de caráter local. Avançamos até Steinau e cercamos os ocupantes soviéticos do lugar. O inimigo entrou na parte nordeste de Küstrin. A cabeça-de-ponte de Altdamm foi de novo objeto de ataque muito intenso, e o inimigo conseguiu mais uma vez entrar profundamente e apertar ainda mais a cabeça-de-ponte. Na Prússia Ocidental a situação é particularmente ruim. Ali o inimigo avança em direção de Zoppot. Para Porster, em Dantzig instaurou-se com isso uma situação bastante precária. Nada mudou na Prússia Ocidental. O quadro no *front* tornou-se então novamente diluído, mas graças a Deus não só a nosso desfavor, como também, em linhas modestas, para nosso benefício. Esperemos que essa tendência positiva continue. Precisamos agora tanto de um bom resultado militar como do pão de cada dia.

11 de março de 1945, domingo

Ontem:

Situação militar:

Na Hungria, a ofensiva alemã conseguiu também ontem novos progressos locais. Transcorre particularmente satisfatória a situação no território entre o Plattensee e o Danúbio, onde nossa ofensiva ao longo do Canal Malom prossegue de novo num *front* amplo. Contra-ataques muito fortes contra nossos flancos foram repelidos.

Na Eslováquia fracassaram todos os ataques inimigos a Chemnitz, Altsohl, Briesen e Mikolas. Na região de Schwarzwasser reina movimentada ação de reconhecimento. A norte de Ratibor realizaram-se fortes contra-ataques contra nosso avanço na cabeça-de-ponte inimiga, mas fracassaram. Em Breslau o inimigo atacou em vão na parte norte, enquanto no sul ainda se luta encarniçadamente. Em Striegau uma ofensiva local nossa está progredindo bem. Também em Guben as tropas alemãs prosseguem seus ataques, tendo obtido melhoria de posições. Ao norte de Forts foi destruída uma pequena cabeça-de-ponte soviética sobre o Neisse. Prosseguindo suas fortes ofensivas contra Küstrin, o inimigo conseguiu entrar um pouco mais na cidade, do norte e do leste, de modo que agora, na parte sudoeste da cidade, nos resta ainda uma cabeça-de-ponte sobre o Oder. Da cabeça-de-ponte alemã, em Zehden, nosso *front* avançou um pouco mais através de uma ofensiva local.

No setor de combate de Stettin a situação não mudou muito. A pressão inimiga continua intensa, especialmente logo a oeste de Stargard, onde pontas inimigas conseguiram avançar até a rodovia do Reich. Os ataques inimigos contra a seção Wellin fracassaram. As forças alemãs do território de Greifenberg abriram caminho mais para o noroeste e encontram-se em Dievenow, depois de obterem mais reforços, pela Marinha de Guerra, através do oceano. Fortes ofensivas de todos os lados sobre Kolberg foram repelidas, embora com grandes perdas humanas. Na região de Stolp a situação permanece a mesma. A nova linha do *front* decorre agora de Bütow até a margem norte de Berend, dobra de Zuckau em direção sudeste até bem a norte de Dirschau, alcança a seção Nogat e desemboca sobre Neuteich e Tiegenhof, na costa. Ofensivas contra a nova linha do *front* foram todas rechaçadas. Marienburg ainda está pela metade em nosso poder.

Na Prússia Oriental os combates foram reduzidos.

No *front* de Kurland, as ofensivas a sudeste de Frauenburg foram novamente bastante intensas. Exceto por insignificantes brechas, porém, todos esses ataques foram repelidos.

No *front* do Oeste as batalhas na cabeça-de-ponte Wesel continuaram com maior exasperação. Apesar da atividade de artilharia, de extensão até agora nunca vista, os canadenses conseguiram apenas entradas insignificantes, não mais que o ganho de um terreno de 1.500 m. Ao sul da cabeça-de-ponte as ofensivas foram parcialmente rechaçadas, com graves perdas para o inimigo. Mais ao sul, até a área de Colônia, não houve lutas especiais. Ao sul de Colônia foi reduzida ainda mais a cabeça-de-ponte alemã, que ainda persiste. Em Bonn continuam pesados combates. A cabeça-de-ponte inimiga em Remagen está cercada, mas até agora ainda não foi destruída. O inimigo conseguiu ampliá-la um pouco, mais para o norte e o sul. Sua pressão da região de Ahrweiler para o sul continua. De modo geral, as forças inimigas que avançam foram detidas na linha Adenau-Nürburgring-Kemoenich. Em todo o resto do *front* destinado a bloquear a brecha para o sul, fracassaram mais uma vez, ontem, todos os ataques. Também as ofensivas a oeste de Wittlich foram detidas, e algumas vezes afastadas, numa nova posição 3km para trás. Na região de Trier, e ao sul dali, a situação permanece a mesma.

Não há notícias especiais do *front* italiano.

No *front* do leste a atividade aérea inimiga foi especialmente intensa no território da Prússia Oriental, Stettin e Küstrin, bem como em Kurland. Só na seção central contaram-se 2.100 vôos inimigos. Ataques aéreos de particular violência foram dirigidos pelo inimigo contra Königsberg e Breslau. Nossos caças no território húngaro, e nos pontos mais quentes do setor central do *front* do leste, obtiveram de novo bons resultados.

No oeste, a atividade aérea foi menor por causa do mau tempo, mas no *front* italiano foi bastante movimentada. No território do Reich voaram fortes esquadrilhas de bombardeiros quadrimotores americanos com proteção de caças atacando objetivos industriais e de transportes, na Alemanha Ocidental. Foram atingidas em especial Kassel, Frankfurt, Münster, Osnabrück e Rheine.

Além disso, reinou forte atividade de bombardeiros bimotores com centro de gravidade no território do médio Reno. Do sul, 500 bombardeiros quadrimotores americanos, com proteção de caças, atacaram Graz. Um ataque secundário dirigiu-se contra Klagenfurt. Não ocorreu intervenção dos nossos caças. Os canhões antiaéreos anunciaram até agora seis aviões inimigos derrubados. 60 a 80 aviões de combate rápidos atacaram ao anoitecer a capital do Reich.

Unidades da Marinha de Guerra realizaram uma ofensiva na costa francesa ocidental contra Granville. Causaram-se grandes perdas humanas ao inimigo; além disso, prisioneiros alemães foram libertados e trazidos de volta. 5 navios com tonelagem bruta de 4.800t, 14 batelões, 5 locomotivas e vagões, 10 caminhões, 1 abrigo de submarinos e 1 depósito de combustível foram aniquilados. A eclusa foi novamente destruída. O vapor Esquout foi perdido. A cidade de Granville está em chamas.

O relatório de Churchill e Roosevelt, sobre os submarinos, desta vez é um pouco mais sombrio. Esses dois criminosos de guerra falam numa grande quantidade de navios inimigos afundados; ainda assim, percebe-se nessa de-

claração a preocupação crescente do inimigo de que nossos submarinos agora continuem ativos e a tonelagem inimiga, já precária, seja destruída.

Mas, de resto, a Inglaterra e os Estados Unidos estão atacados de uma verdadeira embriaguez de vitória. Acredita-se sobretudo que, por terem conquistado a ponte de Remagen, a guerra terminará depressa. Em Londres afirma-se até que a ponte de Remagen caiu na mão do inimigo através de traição. Que foi preparada para ser dinamitada; mas o oficial responsável não realizou essa operação. Posso imaginar que isso seja mesmo verdade.

Em Londres espalharam-se boatos de que o Führer teria o propósito de capitular na noite de sexta-feira, pontualmente à meia-noite. Essa esperança precipitada já foi por água abaixo. Não se nota na Alemanha o mínimo sinal de uma capitulação, embora, naturalmente, tenhamos hoje dificuldades imensas a sobrepujar.

O moral das nossas tropas e da população no oeste sofreu terrivelmente. O Führer mandou para lá o General Hübner, dando-lhe carta branca para agir. Agora só se pode conseguir alguma coisa no oeste com medidas brutais, senão não dominaremos mais a situação. O *front* do oeste encontra-se numa situação parecida com a do *front* do leste há sete ou oito semanas. É preciso agir com pulso de ferro. Tanto no que diz respeito aos civis quanto às tropas, a atitude moral sofreu muito com os ataques aéreos inimigos. Mas esperamos que o General Hübner consiga reorganizar as coisas rapidamente com sua chegada.

O que mais me aborrece é o comportamento da população em minha cidade natal, Rheydt. Os americanos fazem sobre isso uma gritaria triunfal. O Sr. Vogelsang, que conheço de antigamente como um perfeito pequeno-burguês nacional-socialista, ofereceu-se aos ocupadores americanos como prefeito. Disse-lhes que só por pressão e força minha entrara no partido, mas nada mais tinha a ver comigo. Ainda terei uma conversinha com esse senhor. Estou preparando uma operação para derrubá-lo na primeira oportunidade. Essa operação deverá ser efetivada por camaradas do partido em Berlim, treinados para tais finalidades. Combino todos os detalhes com Schach. Não quero precipitar as coisas, mas preparar tudo cuidadosamente, para que não deixe de obter bom resultado. Acredito que, tanto com as forças de ocupação inimigas como entre a população da margem esquerda do Reno, não falharemos no nosso objetivo.

Naturalmente, como era de esperar, os americanos publicaram em Rheydt, como primeira cidade ocupada, um chamado "jornal alemão livre". Com isso procuram aborrecer-me, acentuando o fato de que, como uma ironia na história universal, logo em Rheydt aparece tal jornal. Mas o triunfo que hoje ostentam aos quatro ventos me parece prematuro. Ainda encontrarei meios de reinstaurar a ordem, ao menos em Rheydt.

Jornais ingleses e americanos relatam o comportamento de alemães prisioneiros no oeste, que designam como excelente. Conforme esses relatos dos correspondentes, os prisioneiros continuam no ponto de vista de que a Alemanha simplesmente tem de ganhar a guerra. Um berlinense respondeu às perguntas um tanto indiscretas de um correspondente americano de modo que nem eu faria melhor. Todos os prisioneiros, dizem essas notícias, estão cheios de uma fé mística em Hitler. E é realmente essa a base da nossa persistência na luta.

O *Daily Mail* faz-se porta-voz de uma grande oposição inglesa, ao afirmar que o voto de confiança que Churchill obteve na Câmara dos Comuns é apenas

uma ilusão. Na verdade, a crítica contra Churchill e sua política é um mal muito espalhado na Inglaterra. Não se deve acreditar, diz ainda o jornal, que a votação da Câmara dos Comuns represente a verdadeira opinião do povo inglês. Isso corresponde inteiramente às nossas suposições.

Toda uma série de outros jornais ingleses entrega-se a fortes ataques contra a política-de-mangas-de-camisa e a diplomacia do Kremlin. Mas, como já precisei várias vezes, tais beliscões nunca ultrapassam certa medida, e não podem ser encarados como promissores para nossas chances atuais na guerra.

Notícia-se que Roosevelt teria concordado com a deportação de milhões de alemães para a União Soviética. A União Soviética quereria pedir da Alemanha de 800 a 1.000 bilhões de rublos de ouro como indenização de guerra. Essa soma astronômica seria paga em força de trabalho. Já se conhece o jogo. Os soviéticos fazem política com amplo planejamento; mas exageram tanto nas suas exigências, que por fim ainda vão acabar caindo de cara no chão.

A França conta hoje com mais desempregados do que antes da guerra. Assim, no regime de De Gaulle, apesar de tanto trabalho à espera por toda parte, não se conseguiu resolver o mais elementar problema da vida de um povo.

Os japoneses anunciam que se tornaram independentes na Indochina francesa. As autoridades francesas lhes causaram ali tão grandes dificuldades, que tomaram medidas para se assegurarem contra uma traição que se estava evidentemente preparando.

Os americanos atacaram severamente Tóquio com bombas incendiárias. Fazem uma grande propaganda em torno disso: mas parece verdade que em Tóquio surgiram incêndios de grandes proporções. Os japoneses também aprendem a conhecer a guerra aérea sob um aspecto que nos é familiar há longa data.

Notícias do Báltico afirmam que aquela população deseja ardentemente o retorno dos alemães. Esse desejo, porém, chega atrasado; os povos bálticos deveriam tê-lo exprimido nos anos de 1941 e 42 e 43, através de uma participação ativa na guerra contra a União Soviética. Os governos burgueses sempre tomam suas decisões tarde demais e o bolchevismo tira vantagens disso. Nos países bálticos, a atividade guerrilheira anti-soviética está largamente disseminada. E afirma-se que os reforços dos soviéticos estão cada vez mais ameaçados.

A Suíça suspendeu o trânsito entre seu país e a Alemanha por pressão dos anglo-americanos. A Suíça faz uma lamentável figura como país, que só mantém sua soberania em artigos de jornal.

A guerra aérea sobre o território do Reich continua violenta. Notícias a respeito disso já são quase monótonas, mas contêm tanto sofrimento e miséria, que a gente nem se atreve a pensar detidamente. O Führer finalmente decidiu que a classe de 1928 deve ser radicalmente retirada do Volkssturm. Isso significa alguma coisa para nós em Berlim, pois temos 5.000 rapazes da Juventude Hitlerista da classe de 1928 em nossas posições defensivas. E temos de colocá-los à disposição para as novas divisões que estão sendo organizadas. Mas elas são uma das nossas grandes esperanças para o futuro, de modo que não podemos evitar colaborar.

É significativo que nos debates sobre uma guerra total agora se proponha simplesmente acabar com toda a Luftwaffe e passar o pouco que dela sobrou para outras seções da Wehrmacht. Isso seria realmente a solução mais sensata, pois a Luftwaffe, na situação atual, não vale coisa alguma. Não passa de uma grande fábrica de corrupção.

Pela primeira vez me apresentam o balanço semanal da defesa do Reich que eu havia pedido. De modo geral é bem satisfatório. Conforme os dados que me foram fornecidos poder-se-ia até presumir que, mesmo sitiada, Berlim poderia manter-se durante umas oito semanas com o que tem atualmente de soldados, armas, víveres e carvão. É um longo tempo e em oito semanas muita coisa pode acontecer. De qualquer modo, fizemos excelentes preparativos e, antes de mais nada, temos a considerar que, se chegasse para Berlim a hora da emergência absoluta, ainda entraria na cidade uma imensidão de soldados e armas que poderíamos empregar para uma forte defesa.

A tardinha chega a notícia de que ainda não se conseguiu eliminar a cabeça-de-ponte de Remagen. Ao contrário, os americanos a reforçaram mais e tentam ampliá-la. Isso nos causa uma situação desagradável. Participam-me que o Comandante-em-Chefe West deverá realizar grandes contramedidas para a tarde e a noite; mas até agora sempre constatamos que tais medidas só em raros casos têm sucesso. E neste caso precisamos obter resultados positivos, pois, se os americanos se mantiverem na margem direita do Reno, terão uma base para novos avanços e, desse pequeno início de uma cabeça-de-ponte agora registrado, surgirá — como tantas vezes — um abscesso cujo conteúdo de pus logo se derramará sobre os órgãos vitais do Reich.

De resto, não houve modificações importantes no oeste. Nossa cabeça-de-ponte em Xanten foi mais estreitada ainda. No leste, por enquanto, os fatos na Hungria transcorrem favoráveis. Nossa brecha ampliou-se para o oeste. Já se pode falar numa verdadeira invasão. Rompemos o *front* inimigo numa largura de 25km e numa profundidade de igualmente 25km. O setor de entrada no Plattensee também foi ampliado, de modo que se pode dizer que obtivemos um considerável sucesso inicial. Na Eslováquia os combates continuam com resultados alternados. A grande ofensiva soviética em Schwarzwasser não transcorreu com a intensidade que receávamos. Até agora Schörner conseguiu defender-se bem. Em Breslau, os piores combates de rua. O inimigo tentou reconquistar Striegau, mas foi repellido. Em Frankfurt e Küstrin, os soviéticos conseguiram novas e desagradáveis brechas. No território de Stettin nada de novo. A guarnição de Kolberg rechaçou todos os ataques inimigos com grandes perdas para estes. Em Dantzig a crise nas nossas tropas recrudescceu, ali estabelecendo-se um ponto nevrálgico para a situação no leste.

Há semanas temos todas as noites um ataque de Mosquitos sobre a capital do Reich. Os últimos ataques foram um pouco mais pesados do que os anteriores. Parece que o inimigo lança armas mais violentas de explosão e de incêndio. De qualquer modo, as ofensivas de Mosquitos não podem mais ser encaradas com levandade. Naturalmente, não se comparam aos ataques de terror realizados sobre as cidades do oeste. Quanto à guerra aérea de modo geral, aqui em Berlim ainda podemos estar bem satisfeitos, embora grandes partes da cidade já sejam montes de ruínas.

12 de março de 1945, segunda-feira

As potências ocidentais no momento só nos tratam com sarcasmo e zombaria. Sentem-se no domínio da situação e agem como se já tivessem vencido a guerra. Julgam nosso moral seriamente atingido e não nos dão qualquer esperança de vitória. O Volkssturm, segundo as declarações dos estrangeiros, não passa de uma tropa de velhos fatigados. Dizem que a população dos territórios ocupados já se despediu do regime e do governo nacional-socialista; dizem que essa população oferece aos ocupadores uma submissão devota que chega a ser comovente. E que não se pode mais falar num governo alemão organizado, nem nos territórios ocupados nem nos demais. Mas que isso não tem importância, uma vez que o inimigo não tenciona instalar governo nenhum na Alemanha. Em resumo: o Reich é tratado como uma colônia de negros na África. Além disso, afirmam os estrangeiros que ingleses e americanos pretendem atacar-nos do noroeste; e que Schukov até planeja invadir pela Pomerânia, para dar as mãos aos anglo-americanos em algum lugar nas terras baixas do noroeste da Alemanha.

É mais ou menos isso que se diz sobre a evolução da guerra em Londres, mas em Washington não é bem assim. Lá são mais realistas. É fácil de prever o que os ingleses pretendem com tais notícias. Querem animar o seu povo exausto. Depois que soviéticos e americanos conseguem sucessos militares para os ingleses, estes fanfarroneiam. Consideram generosamente que Berlim ainda não lhes tenha caído nas mãos porque os soviéticos não pretendem tomar diretamente a capital do Reich, mas, ao contrário, perseguem objetivos militares mais importantes. Em suma, tudo o que agora o lado inimigo ocidental espalha, quer minar a nossa resistência moral. Mas, se acreditam que nos intimidam, estão totalmente enganados. De resto, o que os ingleses agora pensam e dizem nos deixa indiferentes. Essas notícias, que pretendem instalar o pânico, nunca dão resultado se não são seguidas diretamente de sucessos. E disso não se pode falar. Presumo que Londres em poucos dias voltará ao seu velho estado de apatia.

Já evacuamos a cabeça-de-ponte Wesel, sob a mais violenta pressão inglesa e canadense. A cabeça-de-ponte em Remagen continua. Ali prossegue a eterna alternância nos combates. Apesar de imensos esforços, ainda não conseguimos evacuá-la, nem sei se o conseguiremos.

Do lado inimigo menciona-se novamente o problema de os soviéticos declararem ou não guerra aos japoneses. O Kremlin terá de se decidir em breve, pois no próximo mês o pacto nipo-soviético de não-agressão será tacitamente prolongado ou terá de ser desfeito. Do lado ocidental estão certos de que os soviéticos querem atacar os japoneses. Mas acho que Stalin de modo algum se deixará arrastar para a aventura do Pacífico, só para agradar os ingleses e, especialmente, os americanos.

O perigo bolchevista também é claramente reconhecido na Inglaterra. Os jornais nem pensam mais em fingir. Mas já não importa o que os ingleses pensam ou sentem, e sim o que são capazes de fazer. E isso é o mesmo que nada. As vozes da imprensa britânica contra a invasão da Europa pelo bolchevismo são apenas gritos de aflição da alma oprimida do povo, que não vê mais saída. Na verdade, essas vozes nem são mais de pessoas isoladas, mas representam provavelmente a opinião de toda a camada liderante inglesa, que não pode manifestar-se.

Afirma-se que o Papa tenciona agir na questão polonesa e tentar uma mediação. Terá de enfrentar Stalin. E Stalin decidiu — o que é bem compreensível — não negociar mais com ninguém sobre a questão polonesa. E o quanto já impôs essa vontade, pode-se ver pelo fato de que também o ex-ministro polonês no exílio, Mikolajczyk pretende submeter-se ao Kremlin. Sob protesto, é verdade; mas de que valem hoje esses protestos? De resto, os poloneses só podem escolher entre o extermínio total pela violência ou a submissão ao Kremlin. Aos olhos de seus líderes se apresenta o mau exemplo da Bulgária, onde até agora 1.200 líderes foram sentenciados. Um caso muito bem conduzido, do qual o Kremlin pode orgulhar-se.

No leste a guerra evolui um pouco mais favoravelmente para nós. Nossa ofensiva na Hungria promete muito. Na verdade, os resultados quanto a ganho de território ainda não são bastante grandes para que estejamos dominando a situação. Temos de esperar mais alguns dias para podermos fazer um julgamento definitivo sobre essa ofensiva. Schörner conseguiu repelir os ataques fortíssimos em Schwarzwasser, sem grandes perdas.

Em Roma ocorreram novamente graves agitações comunistas. A ocupação anglo-americana está impotente, porque essas agitações são patrocinadas pelo Kremlin. O governo Bonomi dá a impressão de um grupo de velhotes refugiados num telhado, sem saber o que fazer. Pensam que ainda dominarão as agitações com o emprego de leis severamente antifascistas. Mas isso não adiantará nada. Ao contrário, participa-se de todos os lados que o fascismo começa a reviver na Itália ocupada pelo inimigo.

O domingo é algo mais calmo do que os outros dias. Posso ler um pouco e dedicar-me aos trabalhos acumulados durante a semana.

Na guerra aérea, a mesma ladainha de sempre. As cidades próximas ao *front* no oeste foram atacadas. Mas não há mais muito que destruir por ali.

Devemos considerar o moral de nossas tropas e dos civis no oeste como algo abalado. As coisas ali transcorrem mais ou menos como há sete semanas no leste. Temos de fazer tudo para recuperar o ânimo firme das nossas tropas e da população civil no oeste.

No dia em que celebramos a memória dos heróis, Göring coloca uma coroa de flores no destruído Monumento ao Herói. Além disso, o Führer faz uma conclamação aos soldados. Nessa conclamação repete nossas velhas teses

de guerra. A conclamação está carregada de máscula decisão, extraordinariamente convincente.

Para a tardinha preparamos uma emissão radiofônica sobre a Silésia, contendo notícias sobre minha visita a Lauban e partes do meu discurso em Görlitz. Essa emissão tem efeito extraordinariamente positivo, pois transpira um forte espírito de luta. Meu discurso em Görlitz também foi apresentado com destaque na imprensa. Acho que tais transmissões não podem deixar de dar resultado. Precisamos fazer o povo voltar constantemente às teses fundamentais da nossa orientação na guerra e deixar-lhe bem claro que ele não tem escolha senão lutar ou morrer.

A tardinha anunciam-me que a cabeça-de-ponte em Remagen ainda permanece. Nossos esforços não conseguiram evacuá-la. Os americanos estão de posse de uma ponte de ferrovia e, além disso, lançaram ainda dois pontilhões sobre o Reno. É verdade que não conseguiram ampliar mais a cabeça-de-ponte, que está sob nosso controle. As tropas americanas instaladas nessa cabeça-de-ponte são severamente atacadas pela nossa artilharia. A maior parte das nossas unidades chegou à parte baixa do Mosela. De resto, não houve mudanças sensacionais no oeste no decorrer do dia.

Nossa ofensiva na Hungria faz progressos lentos mas seguros. No total pode-se considerar o quadro satisfatório. Nosso setor de entrada aumentou muito. Também avançamos no lago Velencze, de modo que podemos realmente falar numa grande ofensiva.

Schörner rechaçou novamente todos os ataques em Schwarzwasser, embora os soviéticos tenham chegado com uma grande ofensiva de primeira categoria. Também na área de Ratibor, onde o inimigo tudo faz para recuperar o terreno perdido, repelimos todos os ataques. Em Striegau, Schörner ainda não deu conta da guarnição soviética sitiada; mas espera ajeitar tudo até segunda-feira, pois queremos mandar à cidade uma delegação de imprensa alemã e neutra, para observar as atrocidades ali cometidas pelas forças de ocupação. Em Guben registram-se poucas melhorias na nossa posição. Na região de Stettin a situação não piorou. Mas na Prússia Ocidental as coisas se tornaram extraordinariamente críticas. Ali está, no momento, o ponto nevrálgico do *front* oriental.

A tardinha visito o Führer por várias horas. O Führer me causa uma impressão extraordinariamente segura e firme e também me parece na melhor forma quanto à saúde. Entrego-lhe um exemplar da obra de Carlyle, *Frederico o Grande*, o que lhe causa grande alegria. Ele comenta que é nos grandes exemplos que hoje nos devemos apoiar, e que Frederico o Grande é, entre eles todos, a personalidade mais excepcional. Devemos querer ser também um exemplo em nossos dias, para que mais tarde gerações futuras, em crises e dificuldades semelhantes às atuais, possam lembrar-se de nós como hoje fazemos em relação aos heróis da história do passado.

Depois relato detalhadamente ao Führer minha visita a Lauban. O Führer acha também que Schörner é um dos nossos comandantes mais destacados. Pretende promovê-lo a marechal-de-campo nos próximos tempos. Schörner conseguiu estabilizar consideravelmente o *front* em seu território. Deve-se atribuir a ele que o moral daquelas tropas se tenha reerguido tanto.

Relato ao Führer os métodos radicais que Schörner emprega para atingir seus objetivos. Não tem misericórdia para com desertores. São enforcados na árvore mais próxima, com um cartaz pendurado ao pescoço, onde se lê: "Sou

um desertor, e neguei-me a proteger mulheres e crianças alemãs, por isso fui enforcado". Tais métodos naturalmente são eficazes. O soldado sob jurisdição de Schörner sabe que na frente *poderá* morrer, mas que na retaguarda *terá* de morrer. É uma lição muito boa, que certamente todos levarão a sério.

O rechaçamento dos ataques soviéticos em Schwarzwasser e a manutenção de Ratibor asseguraram até agora nosso território Morávia-Ostrau, tão extraordinariamente importante para nosso potencial militar. O Führer de novo acentua sua opinião de que os soviéticos não pretendem avançar diretamente sobre Berlim, e há tempos vem declarando o mesmo a seus generais, que não quiseram dar-lhe ouvidos. Se o tivessem feito, não teria acontecido a tragédia da Pomerânia. As tropas disponíveis foram maciçamente instaladas para defesa de Berlim, em lugar de se dirigirem ao território pomerano e defenderem-no do avanço soviético. O Führer atribui grande parte da culpa diretamente a Himmler. Diz que lhe sugeriu inúmeras vezes que mandasse essas tropas para a Pomerânia, mas Himmler se deixava levar pelas argumentações do Departamento de Exército Estrangeiro, acreditando no ataque a Berlim e usando das tropas conforme essa crença. Pergunto ao Führer por que, nessas questões importantes, simplesmente não dá ordens. Ele responde que não adianta muito, pois, quando ordena claramente, essas ordens acabam sendo prejudicadas por sabotagens. Censura severamente Himmler. Disse ter ordenado que se erguessem no território pomerano fortes barricadas de canhões antitanques; mas que os canhões necessários chegaram tarde, ou não tiveram ocasião de intervir. Logo, parece que já no início da carreira de general, Himmler caiu vítima do seu estado-maior. O Führer o acusa de desobediência e pretende na primeira ocasião dizer-lhe isso, fazendo-o ver que, se tal se repetir, haverá um rompimento entre eles. Himmler tem de aprender a lição e eu mesmo lhe falarei sobre isso. Aliás, sempre achei errado entregar-lhe o comando de um grupo de exército. Na presente situação não pode assumir tal tarefa, em especial havendo perigo de um rompimento entre o Führer e ele. E com todas essas coisas Himmler perdeu sua chance de subir ao Comando Supremo do Exército. O Führer está extremamente descontente com ele. Está convencido de que teríamos mantido a Pomerânia, se tivessem seguido ao pé da letra as suas ordens. Agora, centenas de milhares de pomeranos caíram vítimas do furor da soldadesca bolchevista. Também nisso o Führer acha que Himmler tem culpa. Pretende tomar providências contra a crescente desobediência dos generais, organizando rápidas cortes marciais sob orientação do General Hübner, com a missão de examinar imediatamente qualquer renitência na liderança da Wehrmacht, julgá-la e mandar fuzilar os culpados. Não é possível deixar cada um fazer o que bem entende nessa fase tão crítica da guerra. Mas acho que o Führer ainda não está agarrando o problema pela raiz. Teria de limpar imediatamente a direção da Wehrmacht, pois se esta não funciona direito, não é de admirar que órgãos inferiores façam o que bem entendem. O Führer me responde que não dispõe de nenhum homem que pudesse ser, por exemplo, comandante supremo do Exército. E tem razão quando explica que, se tivesse colocado Himmler nesse posto, agora a catástrofe seria ainda maior. O Führer pretende elevar ao posto de oficiais jovens soldados do *front*, sem se importar com o pormenor de saberem ou não portar-se elegantemente à mesa. Portadores da Cruz de Ferro serão retirados de combate e preparados para serem oficiais. O Führer espera muito dessa geração. Apóia-se na experiência da primeira guerra mundial, em que não teria sido possível

elevar um soldado ao posto de oficial, por mais renomado que fosse, se não tivesse boa formação social. Mas o que significa nesta época tão crítica de agora a formação social? Temos de fazer de tudo para colocarmos verdadeiros líderes no *front*, sem nos interessarmos pelo fato de conhecerem ou não etiquetas sociais. Essas medidas são todas muito boas e certamente eficazes. Mas infelizmente estão chegando tarde, talvez tarde demais.

Relato detalhadamente ao Führer as impressões que colhi na visita a Lauban. Descrevo minuciosamente as atrocidades que vimos. O Führer acha que agora deveríamos desenvolver uma propaganda de vingança contra os soviéticos. Temos de voltar nossa ofensiva contra o leste. Lá é que será a decisão de tudo. Os soviéticos terão de perder muito e muito sangue; então, eventualmente, haverá possibilidade de que o Kremlin caia em si. Para nossas tropas o mais importante é manter as posições e sobrepujar o terror bolchevista. A evolução dos fatos na Hungria, que o Führer julga muito promissores, vem comprovar que, se atacarmos realmente de modo maciço, teremos bons resultados. Espero que tudo continue evoluindo dessa maneira.

De qualquer modo, o Führer acha que a propaganda sobre as atrocidades inimigas, que estou desenvolvendo, é muito correta e deve prosseguir.

Quanto ao oeste, o Führer inclina-se para a minha opinião de que se trata de um fracasso consumado. Rundstedt certamente também não está à altura de dirigir a luta no oeste. É velho demais e vem de uma escola que não se adapta à guerra moderna. Por isso o Führer o substituiu, e pôs Kesselring em seu lugar. Logo à tardinha receberá Rundstedt para lhe participar isso. Rundstedt é um oficial decente, que nos prestou grandes serviços, especialmente na eliminação do 20 de julho. Por isso, também, o Führer quer — e eu lhe proponho isso insistentemente — que a substituição de Rundstedt ocorra da forma mais honrosa possível.

Com Model, o Führer está bastante satisfeito. Mas ele não conseguiu trabalhar muito bem sob as ordens de Rundstedt. Se tivéssemos entregado todo o oeste a Model, seu grupo do exército não estaria nas atuais condições.

Quanto ao moral no oeste, temos de tentar reerguê-lo, em parte com métodos violentos. A população em breve estará de novo em forma, também nos territórios ocupados pelo inimigo. É compreensível que, depois de meses de pesados ataques aéreos as pessoas percam um pouco o controle. Mas isso, conforme já se comprovou outras vezes, mudará rapidamente assim que os ataques aéreos forem detidos e a fome se faça sentir. O fato de aqui e ali as cidades terem içado bandeiras brancas à chegada dos anglo-americanos não deve ser encarado tão tragicamente. De qualquer modo, o Führer tem a firme convicção de que nas próximas semanas a população estará novamente do nosso lado. Relato minuciosamente a situação na minha cidade natal, Rheydt, e também lhe digo que pretendo eliminar o Prefeito Vogelsang (nomeado pelos anglo-americanos) através de um grupo terrorista berlinense que organizei. O Führer concorda. Aliás, agora começaremos a pôr em ação o movimento guerrilheiro nos territórios ocupados pelo inimigo. E poderei fazer um belo começo em Rheydt. Especialmente os padres puseram-se à disposição dos anglo-americanos. Aí teremos um amplo campo de exercício para nossos grupos terroristas. De resto, o Führer pretende submeter esses padres à corte marcial quando o território for por nós reconquistado, com sentenças que ficarão gravadas para sempre na memória dessa gente.

A cabeça-de-ponte de Remagen suscita graves preocupações ao Führer. Mas, por outro lado, ele é de opinião de que também representa certa vantagem para nós. Se os americanos não se tivessem deparado com uma parte fraca pela qual pudessem ter avançado sobre o Reno, provavelmente se teriam dirigido diretamente ao Mosela, e nossas linhas de interceptação no Mosela na época ainda não estavam organizadas, de modo que haveria o perigo de que o rio fosse atravessado num amplo *front*, coisa que agora o Führer julga fora de cogitação. Mas é preciso ter em vista a possibilidade de que a não-dinamitação da ponte de Remagen pode ser atribuída a sabotagem ou, pelo menos, a grave negligência. O Führer ordenou uma investigação a respeito, e os culpados serão condenados à morte. Quanto à cabeça-de-ponte, o Führer a considera uma verdadeira fistula dos americanos. Mandou rodear o lugar com tropas fortemente armadas, que têm a missão de causar as maiores perdas humanas possíveis às forças americanas ali concentradas. Logo, possivelmente, essa cabeça-de-ponte não será pura alegria para os americanos. O Führer acha que temos de conseguir manter a linha Reno-Mosela. Assim a situação ainda seria tolerável, mesmo se, por enquanto, tivermos de desistir de um importante território alemão. O fato de que, em Trier, as casamatas da linha Siegfried foram entregues ao inimigo praticamente sem luta, causou a maior preocupação ao Führer. Conte-me que ficou fora de si quando o informaram do fato. Mas que se há de fazer? Acontece que há tipos de oficiais que simplesmente não estão mais à altura das exigências que a guerra nos faz, especialmente no terreno moral. Também nesse aspecto é que perdemos muitos alemães, que ficaram sob dependência do inimigo. Será nossa tarefa continuar a instruí-los politicamente pelo rádio e certamente conseguiremos um rápido sucesso.

Quanto ao oeste, o Führer acha que devemos ficar relativamente satisfeitos com a evolução dos fatos, mesmo sofrendo perdas extraordinariamente graves. Também aqui temos de manter as nossas posições a qualquer custo e deter o inimigo em firmes linhas de interceptação.

Empregaram-se todas as forças para destruir a ponte ferroviária em Remagen e os dois pontilhões inimigos construídos ao lado, e tanto a Luftwaffe como armas menores da nossa Marinha de Guerra intervirão nisso. De resto, o inimigo está, nessa margem direita do Reno, em terreno muito desfavorável para ele, em que é difícil desenvolver operações de grande extensão.

Sobre a guerra aérea, na verdade, não há nada de novo a registrar. Relato ao Führer que os últimos ataques de Mosquitos sobre Berlim foram bastante sérios. O Führer previra isso também. Os ataques de Mosquitos certamente representarão um pesado ônus para nós na próxima primavera e no verão, uma vez que esses aviões são difíceis, quando não impossíveis, de abater. Quanto ao terror aéreo efetuado pelo inimigo, é melhor nem falar. O Führer discutiu de novo duramente com Göring, mas sem resultado. Göring está pessoalmente decadente, mergulhado em letargia. O Führer me diz isso claramente. Mas é impossível convencê-lo a fazer qualquer modificação dentro da Luftwaffe, ou pelo menos impor a Göring no Ministério da Aeronáutica um secretário-de-Estado competente, conforme torno a sugerir ao Führer. Mas ele não espera muito dessa inovação; além disso, afirma não ter ninguém a quem entregar essa tarefa. Objeto que esse secretário-de-Estado pelo menos poderia colocar alguma ordem no caos atual da Luftwaffe; o Führer, porém, acha que, se quisesse tentar essa medida, Göring imediatamente inibiria a ação de tal pessoa,

uma vez que não suporta a seu redor personalidades de destaque, embora não tenha nada a temer, pois o Führer sempre lhe dá apoio. Que tragédia a nossa Luftwaffe! Está totalmente decadente e não vejo possibilidade de recuperá-la. Simplesmente perdeu o chão debaixo dos pés.

Minha crítica à pessoa de Göring e à Luftwaffe está-se tornando muito intensa diante do Führer. Apresento-lhe a pergunta bem clara: afinal o povo alemão deve mesmo sucumbir diante do fracasso da nossa Luftwaffe, pois todas as nossas derrotas em última análise se atribuem a esse fracasso? O Führer concorda com tudo, mas, como eu já disse, não se deixa levar a fazer nenhuma modificação dentro da Luftwaffe. Peço então que, pelo menos, elimine a corrupção crescente dentro da força aérea. Acha que isso não se pode fazer de um golpe só, mas que devemos agir devagar e tentar paulatinamente tirar os poderes de Göring, transformando-o em mera figura decorativa. Assim, por exemplo, o Führer encarregou o chefe de tropas da SS, Kammler, de organizar o transporte seguro de nossos aviões de caça a seus aeroportos de ataque. Nem para isso a Luftwaffe não é mais capaz! Que vergonha para ela e para a sua honra militar! Mas que se há de fazer, senão tentar corrigir os males por todos os lados. Já não escondo ao Führer que o fracasso da Luftwaffe aos poucos também surte os piores efeitos para ele próprio. O povo acusa o Führer de não tomar nenhuma decisão nesse dilema da guerra, pois todo mundo sabe que esse dilema se deve a Göring. Na sua presente aflição, o povo não se deixa convencer com o argumento que o Führer sempre apresenta, de que precisa manter, com relação a Göring, a lealdade germânica. Isso de nada ajuda, pois não podemos deixar que tal princípio nos leve à derrocada final.

Forneço ao Führer alguns detalhes sobre a Luftwaffe que só apareceram na investigação sobre as medidas para uma guerra total. O Führer os conhece em grande parte e nem ao menos ficou nervoso; apenas vê confirmada a imagem que tem de Göring e da Luftwaffe. Apesar disso, acho que preciso continuar martelando no mesmo sentido, segundo o ditado: água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Quanto à situação política da guerra, tenho a impressão de que o Führer começa a alimentar novos conceitos nesse terreno. Já os comentou com Ribbentrop e estão ambos de pleno acordo. Aconselho insistentemente ao Führer que dê uma ordem para cessarem os boatos políticos sobre a guerra, entre as figuras proeminentes do governo e do partido. Isso só enfraquece a nossa decisão e nosso espírito de luta. Apenas alguns poucos devem poder falar abertamente, entre si, sobre os bastidores políticos da guerra. O Führer também pensa assim. E me conta, por exemplo, que recentemente Göring esteve com ele exigindo que se criasse uma nova atmosfera política em relação ao inimigo. O Führer mandou que se ocupasse preferentemente em criar nova atmosfera nos ares, o que aliás é absolutamente certo.

Quanto à situação dos nossos inimigos, o Führer continua convencido de que a coalizão adversária se romperá. Mas já não acredita que esse rompimento partirá da Inglaterra, pois se a Inglaterra adquiriu uma visão mais clara das coisas, isso já não tem a menor importância. Agora não se trata do que a Inglaterra quer, mas do que ela pode, e simplesmente já não pode nada. Diz ainda o Führer que a oposição contra as idéias de Churchill sobre o curso da guerra é insignificante, e quando não o é, não tem possibilidade de se manifestar. Churchill é o louco que meteu na cabeça o objetivo insano de aniquilar a

Alemanha, não importando se com isso também acabará com a Inglaterra. Logo, não resta senão procurarmos outras possibilidades. E talvez seja bom, diz o Führer, pois se pudéssemos fazer um acordo com o leste, teríamos a oportunidade de dar o golpe final na Inglaterra, e com isso a guerra assumiria o seu verdadeiro sentido.

Quanto aos Estados Unidos, pretendem eliminar a Europa como concorrente, por isso não têm nenhum interesse na manutenção do que chamamos "Ocidente". Além disso, teriam a intenção de arrastar os soviéticos à guerra do Pacífico, e para tanto fariam qualquer sacrifício na Europa. Uma modificação política da guerra nos Estados Unidos e na Inglaterra também é muito improvável, ou até impossível, porque tanto Roosevelt como especialmente Churchill precisam ter muito cuidado com a opinião pública. Isso não acontece com o Kremlin, e Stalin está em condições de, numa só noite, mudar a sua orientação política nesta guerra em 180 graus. Logo, devíamos tentar rechaçar os soviéticos de volta ao leste, causando-lhes o máximo de perdas humanas e materiais. Então eventualmente o Kremlin se mostraria mais submisso em relação a nós. Uma paz privada com ele mudaria radicalmente a situação da guerra. Essa paz não preencheria nossos objetivos de 1941; mas o Führer espera conseguir ainda uma divisão da Polônia, incluir a Hungria e a Croácia sob a soberania alemã e conquistar liberdade de operação contra o oeste. Afastar a guerra no leste e nos tornarmos operantes no oeste: que bela idéia! Por isso, o Führer acha que devemos apregoar vingança contra o leste e ódio contra o oeste. Pois foi este que afinal causou a guerra e levou-a a uma terrível extensão. É ao oeste que devemos nossas cidades destruídas, nossos monumentos culturais reduzidos a escombros e cinzas. Se conseguíssemos, pois, repelir os anglo-americanos com uma boa cobertura das nossas retaguardas no leste, sem maior dificuldade atingiríamos o objetivo de eliminarmos para todo o sempre a Inglaterra como eterna perturbadora da paz na Europa.

O programa que o Führer me apresenta é generoso e convincente. Mas, por enquanto, sua falha é que não há possibilidade de realizá-lo. E essa possibilidade nos tem de ser criada pelos nossos soldados no leste. Precisamos primeiro de algumas vitórias respeitáveis; e na situação atual, podemos presumir que serão alcançadas. Faremos tudo para isso. Para isso temos de trabalhar, para isso temos de lutar, para isso temos de recuperar o estado de ânimo do nosso povo.

Relato ao Führer detalhes da minha visita a Lauban, especialmente na viagem para trás do *front* bolchevista, à tardinha. O Führer ficou muito chocado porque viajei por tanto tempo atrás do *front*; seria inimaginável se naquele momento eu caísse em mãos do inimigo. De resto, participa da minha opinião de que agora temos de empregar, diante do terror bolchevista, um contraterror nosso, bem organizado. Temos de vencer a qualquer preço os horrores do bolchevismo e havemos de consegui-lo.

A entrevista que mantenho com o Führer nesse entardecer de domingo se desenrola da forma mais franca possível. O Führer não guarda mais qualquer reserva em relação a mim. É verdade que também desta vez não obtive sucesso prático junto a ele nas questões mais importantes da guerra. Mas acho que, como já sublinhei, também aqui as gotas insistentes de água acabarão por perfurar a pedra. Estou muito feliz porque o Führer está física, moral e espiritualmente numa forma extraordinariamente repousada e resistente.

Na sala de espera do Führer seus generais aguardam. Um grupo esgotado, dando uma impressão deprimente. É uma vergonha que o Führer tenha encontrado colaboradores militares tão pouco respeitáveis. Nesse meio, ele é a única personalidade destacada. Mas por que não se formou em torno dele um círculo de Gneisenaus e Scharnhorsts!* Consideraria a minha mais bela missão procurar um grupo desses e colocá-lo à disposição do Führer. É lamentável observar numa conversa com esse tipo de generais, que o General Jodl fique todo estufado por causa de uma insignificante questão sobre direito de visitas às casamatas, como se se tratasse de um fato histórico. De tão reduzido tamanho são quase todos os conselheiros militares do Führer!

Em casa encontro uma enormidade de trabalho. Novamente ataques de Mosquitos. Já não encaro essas ofensivas com tanta naturalidade, pois nos causam danos consideráveis. À tardinha apresenta-se na tela o noticioso semanal. Mostram-se cenas de Lauban e Görlitz, realmente comoventes. Também se mostra a visita do Führer no *front*. Em resumo, esse noticioso semanal é uma fita que podemos utilizar novamente com efeitos propagandísticos. Infelizmente ele só pode ser apresentado agora de maneira muito irregular, pois nos falta a matéria-prima essencial e as possibilidades de expedição que garantissem uma projeção regular. Tanto mais temos de nos esforçar para que esse noticioso, aparecendo irregularmente, seja o mais eficaz possível.

Este foi um domingo cheio de acontecimentos. Acho muito bom visitar o Führer regularmente nas noites de domingo, para poder conversar detalhadamente com ele e, em compensação, desistir das visitas nos outros dias. Uma conversa com o Führer por semana, com tanta minúcia e insistência, tem do meu ponto de vista mais eficácia do que um encontro breve e estéril todas as noites.

* Gneisenau e Scharnhorst foram heróis alemães do séc. XVIII. (N. da T.)

13 de março de 1945, terça-feira

Ontem:

Situação militar:

No setor húngaro nossas ofensivas conseguiram progressos insignificantes. Os soviéticos se fortalecem acrescentando, às suas, unidades búlgaras e romenas. Na Eslováquia foram repelidos todos os ataques do inimigo com centro de gravidade em Chemnitz e Altsohl, no centro do campo de batalha principal. Na região de Schwarzwasser, onde o inimigo atacou o dia todo violentamente, obtivemos também ontem um sucesso completo na defesa, da mesma forma na cabeça-de-ponte de Ratibor, em que se rechaçaram fortes ataques soviéticos. A guarnição da fortaleza de Breslau repeliu fracos ataques do norte e reconquistou alguns quarteirões na ofensiva à parte sul da cidade. As forças soviéticas cercadas em Striegau foram divididas em quatro grupos de combate, dos quais dois já estão dizimados e os outros dois estão na iminência do aniquilamento. No *front* do Neisse, nenhuma atividade especial. Entre Frankfurt e Küstrin, bem como em Lebus e Göritz, repeliu-se o inimigo durante todo o dia, com bons resultados, através de cinco divisões de artilharia. Em Küstrin reconquistamos, em contra-ataques, terrenos perdidos no dia anterior. Na área de Stettin conseguimos repelir ataques soviéticos a sul de Stettin, na nossa cabeça-de-ponte. As forças alemãs que lutam em retirada para fora do território de Greifenberg foram recolhidas por nossas próprias forças em Dievenow. Na Prússia Ocidental nossas tropas continuam lutando numa cabeça-de-ponte em torno de Gotehafen e Dantzig. Repeliram ali todos os ataques inimigos. Na Prússia Oriental ofensivas inimigas de regimentos foram rechaçadas em Zinten. De resto, predomina em todo o *front* uma animada atividade soviética de reconhecimento de modo que devemos contar nos próximos dias com um recrudescimento de fortes combates.

No *front* de Kurland conseguimos novamente inteiro sucesso na defensiva no território de Frauenburg.

No *front* ao oeste houve forte fogo de artilharia no território de Nimwegen-Emmerich. Além disso, desde ontem realiza-se uma agitada atividade de reconhecimento inimiga; devemos, portanto, contar com novas atividades ofensivas iminentes também nesse território. Em todo o *front* do Reno até Remagen, exceto por combates isolados de artilharia, nada de acontecimentos especiais. Na cabeça-de-ponte inimiga de Remagen, fortes contra-ataques nossos. O inimigo

foi expulso de Honnef e terrenos altos a nordeste da cidade. Realizamos contra-ataques a ofensivas inimigas para o leste. Também de Hönningen o inimigo foi novamente rechaçado. A sul de Linz realizam-se contra-ataques na estrada do Reno. Entre Ahr e o Mosela, nossas cabeças-de-ponte em Neuwied e Engers foram retomadas, enquanto as de Niederbreisig e Niederbrohl foram mantidas. Do mesmo modo mantêm-se algumas cabeças-de-ponte sobre o Mosela em Gondorf e Moselken. Entre Voreifel e o *front* do Mosela, o inimigo continua avançando em direção do Mosela. Pontas inimigas estão a oeste da grande curva do Mosela em Trabe-Trarbach.

Nas demais seções do *front* do oeste só combates locais e operações de grupos de choque.

Na Itália nada de combates especiais.

No *front* do leste houve ontem de ambos os lados animada atividade aérea nos setores mais importantes. Nosso ataque foi especialmente forte na Hungria e zona central do *front* do leste. Caças conseguiram derrubar ao todo 65 aparelhos. A ponte em Göritz foi atingida e destruída por caças.

No *front* do oeste a atividade aérea foi pequena.

No território do Reich voaram durante o dia fortes unidades de bombardeiros quadrimotores americanos com proteção de caças, para ofensivas a portos de Hamburgo, Kiel e Bremen. À tarde, 500 aviões de combate britânicos, com proteção de caças, atacaram Essen e outros locais da região do Ruhr. Fortes unidades de bombardeiros bimotores operaram no território Reno-Meno, em Münsterland, e na zona industrial. À noite aviões rápidos de combate realizaram ataques a Berlim e Magdeburgo.

O estado de espírito do povo alemão, na pátria bem como no *front*, decai cada vez mais. Os setores de propaganda do Reich reclamam extraordinariamente contra isso em seus relatórios. Dizem que o povo acredita estar diante da mais absoluta impossibilidade de uma solução. Em sua crítica contra a nossa estratégia da guerra agora também acusam o Führer. Especialmente o censuram por não tomar decisões nas questões decisivas, antes de tudo naquelas de caráter pessoal. Aí se ataca principalmente com severidade o caso Göring. O Führer há muito deveria ter providenciado mudanças no pessoal da Luftwaffe. O fato de que isso não acontece, é para o povo ou um sinal de que o Führer não sabe qual a verdadeira situação, o que seria terrível, ou de que sabe e não consegue modificar as coisas, o que seria mais terrível ainda. De qualquer modo, sempre se afirma que o estado de ânimo atual não deve ser confundido com derrotismo. O povo cumpre seu dever, e também o soldado no *front* se defende enquanto ainda pode. Mas tais possibilidades de ação se tornam cada vez mais insignificantes, em especial por causa da superioridade aérea do inimigo. O terror aéreo, que impera sem tréguas sobre os céus da Alemanha, deixa o povo totalmente desencorajado. Sente-se que esse povo está de tal modo impotente diante do inimigo, que ninguém mais enxerga saída para o dilema. Em particular, a total paralisação dos transportes na Alemanha Ocidental contribui para que aumente o pessimismo do povo alemão.

Quanto ao *front* do leste, nota-se certa estabilização, mas ainda se aguarda para os próximos dias um avanço soviético sobre Berlim e Dresden, e acredita-se

que é aí que se decidirá a saída da guerra. Mas espera-se que ainda tenhamos à disposição suficientes reservas para enfrentarmos tal ataque.

A última proclamação do Führer, em 24 de fevereiro, teve efeito extraordinariamente positivo, principalmente porque o Führer caracterizou a situação geral da guerra de modo tão firme e seguro, e deu ao povo alemão uma esperança, acentuando que a virada decisiva da guerra se daria ainda este ano.

Para a guerra no leste manifesta-se agora um intenso sentimento de vingança. As atrocidades que os bolchevistas cometeram estão sendo acreditadas por todos os nossos compatriotas. Não há mais ninguém que ignore nossos avisos. Mas também se sabe que, pelos avanços soviéticos, nossa situação quanto aos alimentos se tornou bastante precária, e duvida-se que consigamos superar tais dificuldades.

Mas no geral pode-se dizer que, levando em conta a seriedade da situação, o povo ainda apresenta uma postura bastante boa, embora aqui e ali naturalmente se percebam brechas profundas. Contudo, elas parecem, até certo ponto, erupções de pele no rosto de uma pessoa enferma, que vêm e somem de novo.

Também o inimigo confirma que no oeste de modo geral nossas tropas mostram inquebrantável espírito de luta. Quase todos os prisioneiros estariam firmemente convencidos da vitória alemã. Hitler representaria para eles uma espécie de mito nacional, e os correspondentes receiam que, mesmo se a Alemanha pudesse ser vencida, depois da derrota o Führer representaria o sonho alemão ainda mais do que agora.

Do lado inimigo ainda não se sabe nada sobre a mudança de pessoal liderante no oeste, e continuam fanfarroneando que Rundstedt tem na mão alguns trunfos que pretende aplicar agora.

O inimigo impõe leis bastante duras às cidades e às aldeias que ocupou. Isso é muito bom, pois no oeste firmou-se a opinião de que, com americanos e ingleses, tudo seria mais fácil do que com os soviéticos. A população só pode andar nas ruas duas horas por dia; no resto do tempo são prisioneiros em suas próprias casas. Se tivéssemos outrora aplicado tais métodos nos territórios que ocupávamos, como, por exemplo, durante nossa ocupação na França, a situação não se teria tornado tão grotesca.

A travessia do Reno em Remagen causou, na Bolsa de Nova York, uma queda de um bilhão de dólares. A Bolsa inimiga reage extraordinariamente mal diante de acontecimentos favoráveis da guerra, prova de que os judeus, postados por trás disso tudo, têm um único interesse: prolongar a guerra o máximo possível.

Os birôs de informação inimigos, contudo, são de outra opinião. Acreditam que a guerra terminaria em 10, 12 dias, e que é iminente uma capitulação alemã. Mas vão ter uma amarga decepção, pois faremos coisa muito diferente do que capitular.

Os correspondentes de guerra alemães noticiam que na cabeça-de-ponte de Remagen se desencadeiam os piores combates. Os americanos sofrem grandes perdas, e é esse, afinal, o objetivo dessa manobra. Temem especialmente que agora empreguem medidas mais ambiciosas e que o inimigo não conseguirá manter a ponte por mais tempo.

À tarde me chama o Gauleiter Simon, que também me apresenta sua preocupação quanto a essa ponte. Diz que a população não entende por que a ponte de Remagen não foi dinamitada em tempo. Que houve certo desentendi-

mento entre a população e a Wehrmacht. A população acusa a Wehrmacht de não lhe dar a necessária proteção. É verdade que no Eifel os camponeses querem manter seus povoados tão intactos quanto possível, e não têm muito interesse em combates no seu torrão natal.

No oeste causam de novo enormes preocupações os chamados "soldados isolados". Aparecem cada vez que o inimigo consegue uma brecha no nosso *front*. Então esses desertores ficam vagabundeando por aí, fingem-se isolados de sua própria tropa, aproveitam-se da comiseração do povo, e pescam em águas turvas. Simon também me chama seriamente a atenção para o extraordinário cansaço dessa população do oeste em relação à guerra. Isso era inevitável, diante dos pesados bombardeios aéreos que tiveram de suportar meses ou anos a fio. Simon espera que eu dirija a palavra a essa gente da Alemanha Ocidental. Seu pedido é um tanto ingênuo, pois quer que eu faça promessas reais sobre como a guerra decorrerá nos próximos meses. Seria bem bonito se por exemplo Göring, que nos bons tempos tantas vezes discursou com voz estentórica, se manifestasse agora publicamente sobre essa questão, pois é ele o principal responsável pelo atual quadro da guerra.

Balzer voltou de sua viagem ao oeste. Também me faz um relatório bastante deprimente, contando a respeito dos graves incidentes entre população e tropas, mas sublinha que as derrotas no oeste se devem particularmente a que nossas linhas estavam fracamente ocupadas, e as tropas tinham ordens de defender a qualquer custo cada metro de terreno. E que, uma vez obtida a brecha pelo inimigo, não havia mais possibilidade de se manter a posição. Model está deprimido com esse revés, mas de resto continua a mesma personalidade dinâmica de sempre, como todos o conhecemos. Receia que, se não conseguirmos evacuar a cabeça-de-ponte em Remagen, os anglo-americanos se dirigirão a Frankfurt ou para o norte, na região de Ruhr. Por isso, Model exige uma série de divisões, para poder ao menos assegurar em parte o *front* do Reno.

Os anglo-americanos não colocam seus objetivos tão longe assim. Ao contrário, afirmam que teria de haver uma trégua por causa das pesadas perdas que sofreram. Estão cheios de admiração pelo espírito nazista, que se destaca constantemente também nas batalhas do oeste. E sabem muito bem que a liderança nacional-socialista do Reich continuará lutando sob quaisquer condições, e que não se pode de modo algum falar em capitulação.

Na França a situação ainda é bastante instável, causada especialmente pelo problema de alimentação. Os franceses passam fome e frio. Os anglo-americanos não se importam absolutamente com a situação interna de seus aliados, em particular com os italianos. No território italiano ocupado pelo inimigo surgiram agora epidemias em grande escala. Uma sífilis generalizada atacou a população de Roma, causando sérias preocupações.

Acresce a isso a crítica sempre mais feroz contra as decisões de Ialta. Tais críticas atingiram um alto grau em Londres e Washington. Em Washington apenas se abafam um pouco porque os americanos esperam que Stalin ingresse na guerra do Pacífico. Nesse dia, ou terá de ser desfeito o pacto de não-agressão sino-soviético, ou ele se prolongará automaticamente por mais cinco anos.

Recebo uma notícia sensacional, vinda dos países neutros, sobre a morte de Chamberlain. Dizem que pedira, depois da campanha da Polônia, que se tentasse um compromisso de paz com a Alemanha. Dissera que o verdadeiro inimigo da Europa e do poderio inglês no mundo não era o Reich, e sim a

União Soviética. Se a guerra continuasse, acabaria tornando-se uma guerra de desgaste. E nessa guerra de desgaste talvez a Alemanha sucumbisse; mas que a Inglaterra sucumbiria com certeza. Essa profecia de Chamberlain teria sido naquela época repelida pelo grupo de Churchill, como conversa mole de um velho senil e cansado. Mas provou espantosamente sua veracidade. Os ingleses até supõem que Chamberlain tenha sido envenenado pelo Serviço Secreto por ordens de Churchill. Não acredito nisso, mas a morte de Chamberlain não deve ter deixado Churchill bastante deprimido.

Os japoneses estão arrasando a Indochina francesa. Depõem os comandantes militares franceses e assumem todo o poder.

Ficamos sabendo, por fontes americanas, que Roosevelt pretende colocar também o Tenno* na lista de criminosos de guerra. Isso é ótimo. O Tenno goza, no Japão, do respeito concedido a um ser divino. Se o colocam na lista dos criminosos de guerra, também os políticos japoneses desejosos de compromissos não ousarão deixar de lutar contra os Estados Unidos.

Na Inglaterra mostra-se um crescente interesse pelos fatos na Romênia. Radescu encontra-se ainda na embaixada inglesa, e os soviéticos não conseguem arrancá-lo de lá. Os jornais ingleses acusam o governo pela sua política de silêncio. Exigem notícias claras sobre a Romênia, coisa que naturalmente o governo Churchill não pode fornecer.

Para inquietar a opinião pública, os soviéticos espalham a notícia de que Mannerheim voltou ao seu posto. Aparentemente isso deve dar um ar oficial à campanha pelas eleições, ora em seu começo. O *Pravda* afirma decididamente que as eleições finlandesas são um problema interno da Finlândia. Em outras palavras, os soviéticos pretendem intrometer-se ali com muita arte.

Ao meio-dia recebo a visita dos chefes distritais de Berlim e lhes dou uma hora e meia de explicações sobre a situação atual da guerra, e sobre as tarefas que a administração da capital agora exige. Diante desse círculo de homens sempre se pode falar com liberdade e franqueza. Gosto de fazer isso, porque me sinto entre companheiros de ideais.

O problema de evacuação tornou-se de novo crucial, por causa dos fatos na Pomerânia. Na Pomerânia, de 300.000 a 400.000 pessoas caíram nas mãos dos soviéticos. Os fatos militares se tornaram tão vertiginosos que não foi mais possível retirar toda aquela gente a tempo do território ameaçado. Muito dura é também a situação dos evacuados do território de Dantzig e Prússia Ocidental. Forster está diante de centenas de milhares de pessoas da Prússia Oriental que não pode mais retirar.

Duro foi o ataque de ontem a Hamburgo. Evidentemente o inimigo quer atingir nossos estaleiros de construção de submarinos, pois estes são uma importante oportunidade para nós, no transcurso da guerra. Os últimos ataques de Mosquitos a Berlim têm sido cada vez mais fortes. Registramos particularmente prejuízos consideráveis em nossos meios de transporte e comunicação. Os ingleses atacaram a capital do Reich durante 21 dias seguidos com seus repulsivos Mosquitos, todas as tardes. E praticamente não temos meios de defesa.

A inspeção do Ministério do Exterior pelos meus colaboradores quanto a uma guerra total traz as maiores dificuldades. Os senhores do ministério tratam

* "Tenno", o imperador do Japão. (N. da T.)

o caso como uma grande operação diplomática. Quando se lêem os relatórios, dá vontade de rir. O Ministério do Exterior é formado por um grupo de funcionários inteiramente estéréis, que só agem seguindo formalidades, mas não demonstram mais nenhuma vida saudável e natural.

O General Hauenschild estará doente por umas três semanas. Isso é uma grave perda para nós. Em seu lugar entrou o General Reymann, a quem ainda não conheço. No futuro os cargos de comandante da defesa de Berlim e de um general em comando deverão ser separados, e Hauenschild ficará como general em comando, enquanto Reymann assumirá as funções de comandante da defesa da capital. Vou tratar pessoalmente desse assunto, pois preciso para essa tarefa de um homem de primeira categoria, uma vez que ela é de importância vital. Infelizmente também o comandante da cidade de Berlim, General Hofmeister está no momento gravemente enfermo, de modo que até em matéria de líderes militares Berlim vai muito mal. Agirei o mais depressa possível, pois um avanço soviético em direção à capital do Reich pode ser aguardado para qualquer dia, apesar de todos os sinais em contrário.

À tarde escrevo um artigo de fundo sobre o tema "Ao Trabalho e às Armas!" Nesse artigo dou uma série de orientações incisivas e severas para o prosseguimento da luta.

A situação ao entardecer não traz grandes mudanças para o oeste. Também na cabeça-de-ponte de Remagen ficou tudo na mesma. Estamos mandando para lá bons reforços. No território de Emmerich, o inimigo lança nevoeiro artificial sobre o *front*, e manda sobre ele sua artilharia. É ali, portanto, que devemos aguardar o próximo ataque.

Quanto ao leste, os fatos na Hungria desenrolam-se de modo bastante satisfatório. Passamos por cima do Rio Sio, e formamos do outro lado duas cabeças-de-ponte. Notícia tranquilizadora. Agora devemos tentar pôr o inimigo definitivamente em fuga. Também no lado superior conseguimos uma brecha, de modo que provavelmente poderemos prosseguir por ali. Mas a situação na região de Schwarzwasser é mais desagradável, pois o inimigo conseguiu uma invasão de 7km de profundidade. Oxalá Schörner possa dar conta do recado, pois trata-se da região carbonífera e industrial de Morávia-Ostrau, de vital importância para nós. Em Ratibor, os ataques inimigos ficaram sem resultado, apesar de sua intensidade. Em Striegau aniquilamos os últimos grupos inimigos. Nossos correspondentes internos e estrangeiros podem agora visitar a cidade. Na área de Dantzig as coisas se apresentam também desfavoráveis. O inimigo alcançou o mar em alguns pontos. A evolução no *front* continua instável. Em parte nos favorece, mas em parte é muito perigosa. Precisamos conseguir um resultado verdadeiramente definitivo na Hungria. Se isso acontecesse, nossas chances na guerra melhorariam consideravelmente e talvez estivéssemos diante de um novo começo.

14 de março de 1945, quarta-feira

Ontem:

Situação militar:

No território húngaro nossa ofensiva a sudeste do Plattensee fez bons progressos. Sobre o Rio Sio formamos duas cabeças-de-ponte. Também a sudeste do Plattensee ganhamos terreno em Aba. A leste de Stuhlweissenburg nossa ofensiva de tanques blindados, dirigida por "Tigers", avançou cerca de 8km para o leste.

No território eslovaco realizaram-se encarniçados combates em Altsohl, onde o inimigo conseguiu algumas brechas a mais. Também conseguiu entrar no passo de Jablonka. Mas fizemos um contra-ataque que o deteve e em parte o repeliu. Os pesados ataques soviéticos contra a região em redor de Morávia-Ostrau foram de novo aniquilados exceto por uma brecha de cerca de 3km de profundidade. Striegau foi reconquistada por um brilhante ataque nosso. Ofensivas inimigas contra Breslau e a sul de Cosel fracassaram. No *front* do Neisse nenhum fato novo. No *front* do Oder, entre Frankfurt e Küstrin, continuaram os intensos ataques soviéticos, especialmente em Küstrin, sem que o inimigo conseguisse coisa alguma. Nesse setor de combates dispararam-se ontem no espaço de uma hora e meia ao todo 11.000 tiros de 100 canhões, prova de que a nossa munição entrementes melhorou bastante. Esse fogo de artilharia destruiu incontáveis concentrações inimigas. Ataques inimigos a leste de Stettin fracassaram. Dievenow caiu nas mãos dos soviéticos. Ataques contra Kolberg foram repelidos. Na Prússia Ocidental o inimigo atacou especialmente a sul e norte de Neustadt. A sul de Neustadt conseguiu algumas invasões; no contra-ataque, o inimigo foi, contudo, expulso de volta a seus pontos de partida. Mais a norte, Putzig caiu em mãos inimigas. O acesso ao litoral, contudo, ainda está sob nosso domínio. Na Prússia Oriental, os combates se reduziram.

A sul de Frauenburg, em Kurland, destruímos novamente pesadas ofensivas inimigas.

No *front* do oeste, de ambos os lados, animada atividade de artilharia. Em especial Leverkusen e seu *hinterland* estiveram sob intenso fogo inimigo. A sul de Düsseldorf avançamos nossas posições até Zons. Violentos combates se realizam na cabeça-de-ponte de Linz. O inimigo conseguiu, contra violenta defensiva nossa, algum ganho de terreno a norte de Honnef e a leste de Linz. Está agora a norte de Honnef e a cerca de 4km e meio a leste de Linz. No Mo-

sela, entre Coblença e Cochem, e no território da brecha de Trier, houve apenas combates locais. A sul de Saarburg derrubamos diversos tanques. Em Saarlautern e entre Saarbrücken e Saargemünd repelimos avanços inimigos. No território de Hagenau houve de ambos os lados viva atividade de reconhecimento.

Não houve combates especiais na Itália.

No oeste, intensa atividade de caças-bombardeiros e aviões de vôo rasante. Além disso, entradas intensas de unidades de bombardeiros bimotores. Com o nosso ataque as pontes ferroviárias e pontilhões em Remagen foram algumas vezes atingidos.

Cerca de 1.100 bombardeiros quadrimotores americanos atacaram instalações portuárias e de transportes em Swinemünde. Além disso, foram atacadas Marburgo, Lahn, Friedberg, Wetzlar e Frankfurt. 600 bombardeiros quadrimotores britânicos atacaram objetivos em Dortmund e na região Bochum-Gelsenkirchen. Da Itália chegou sobre Viena uma ofensiva de cerca de 550 bombardeiros quadrimotores americanos. Esquadrilhas bombardearam Graz e Bruck-an-der-Mur. À noite, dirigiu-se novamente um ataque contra Berlim. Dez Mosquitos jogaram bombas sobre Magdeburgo.

No lado inimigo ocidental ainda não estão seguros quanto ao *front*. Especialmente os ingleses receiam que, com um ganho de tempo, conseguíssemos reconstruir um *front* do lado de cá do Reno, coisa que temem grandemente. Do jeito que as coisas estão no oeste, pode-se deduzir que os ingleses negam acesso ao *front* aos correspondentes de guerra soviéticos. Isso pode ter sido imaginado como resposta à negativa de acesso de correspondentes anglo-americanos ao *front* oriental, o que até hoje os soviéticos sempre haviam feito. Ingleses e americanos no passado se aborreceram muito com isso e agora procuram vingar-se.

Troca animada de telegramas de felicitações entre Eisenhower e Harris, sobre a destruição das cidades alemãs do oeste. Essa troca de telegramas é um documento cultural do tipo mais vergonhoso. Acredito que em 50 anos a população européia se afastará repugnada de tal cinismo. Os dois gângsters principais agem como se a destruição de uma cidade cultural alemã do oeste fosse uma façanha. Fanfarroneiam suas crueldades e brutalidades, e com isso apenas provam que, no auge do triunfo, não sabem assimilar os sucessos que conquistaram, mas não mereceram. Mas também no quartel-general de Eisenhower sabe-se muito bem que ainda resta pela frente uma luta titânica no oeste. Declaram que haverá uma guerra impiedosa de ambos os lados e que não se pode esperar que a Wehrmacht alemã ceda. O que mais impressiona ao quartel-general de Eisenhower é que todos os soldados alemães aprisionados acreditam na vitória e também — como dizem —, com fanatismo quase místico, em Hitler.

A batalha pela cabeça-de-ponte tornou-se extraordinariamente encarniçada. E nos traz enormes sacrifícios; mas também para o lado inimigo. Vê-se o quanto a situação na cabeça-de-ponte se tornou dura para os americanos, porque de repente afirmam que essa posição não lhes é de maior importância. Evidentemente, as uvas estão um tanto verdes. Apesar disso, é ali que está o ponto nevrálgico do *front* do oeste.

Das notícias americanas pode-se deduzir que, presentemente, a situação em Bonn é desoladora. A população passa fome e frio. Depois que o partido e as autoridades se retiraram, ela não tem mais apoio. Um mísero oficial americano procura governar essa gente. Pode-se imaginar de que forma.

As notícias anglo-americanas sempre voltam a indicar que a população do oeste permanece em profunda apatia. Isso é absolutamente compreensível, depois dos terríveis bombardeios aéreos das últimas semanas e meses. Mas será corrigido rapidamente, conforme nossa experiência. De qualquer modo, podemos ficar certos de que os americanos terão muitas dificuldades em administrar aquele território tão complicado. As coisas não serão tão simples como imaginam.

Os judeus estão-se manifestando de novo. Seu líder é o conhecido e famigerado Leopold Schwarzschild, que agora pede, na imprensa americana, que a Alemanha de modo algum receba tratamento brando. Quando tivermos poder para tanto, devemos mesmo matar esses judeus como se matam ratos a pauladas. Na Alemanha, graças a Deus, já conseguimos isso. Espero que o mundo todo tire um exemplo dessa nossa atitude.

Quanto à situação política da guerra, também na Inglaterra se multiplicam diariamente as vozes contra a crescente influência soviética. Ao coro dos críticos reúne-se agora o *Manchester Guardian*, que se queixa particularmente de que os soviéticos isolaram de tal modo a Romênia do mundo exterior, que não se obtêm mais notícias exatas sobre a situação política interna. Essa é uma velha tática do Kremlin, a de, no momento em que ocupam um país, baixarem sobre ele uma cortina de ferro para poderem, por trás dela, exercer sua terrível atividade sanguinária.

A luta por um chamado governo polonês desencadeou-se agora em Moscou. Ingleses e americanos procuram levar Molotov a receber ao menos Mikolajczyk no Comitê de Lublin. Mas os soviéticos não se deixarão convencer. Ao contrário, querem mandar sozinhos na Polônia, e para isso servem-se exclusivamente do Comitê de Lublin, que é conhecidamente puro disfarce bolchevista.

Também na Finlândia os bolchevistas tentam agora por todos os meios influenciar as próximas eleições. Na Inglaterra receiam que elas se tornem "eleições bálticas", isto é, que os bolchevistas façam tal terrorismo com as eleições como outrora nos Estados bálticos, onde obtiveram até mais que 100% dos votos.

Agora, com a suposta tomada de Küstrin, Stalin emitiu a 300ª ordem do dia da vitória. Essas 300 ordens representam para nós uma escala de sofrimento. Na verdade, deveríamos ter parado com a terceira; mas deixamos passar a 30ª sem extrairmos as conseqüências e agora temos de aceitar a 300ª como uma sombria fatalidade. Não é inteiramente falso o que consta na ordem do dia soviética, de que nessas 300 etapas da vitória bolchevista a máquina militar alemã ficou em grande parte destruída.

O Duce conseguiu novamente obter algum eco na classe operária italiana, através da socialização da indústria-chave da Itália do Norte. Mas essa socialização não é uma medida improvisada. Ao contrário, segundo as mais recentes notícias, foi muito bem planejada e, em especial, de considerável efeito psicológico.

À tarde mantenho demorada conversa com o Conselho de Defesa de Berlim. O General Reymann, que, com a doença do General Hauenschild, assumirá as tarefas da defesa e provavelmente será o substituto dele, me visita ao assumir o cargo. Ele não me desperta grande impressão. Trata-se de um daqueles generais tipicamente burgueses, que cumprem seu dever fiel e bravamente, mas dos quais não se devem esperar atos extraordinários. No balanço geral da defesa de Berlim aparecem várias lacunas. Estamos muito mal, especialmente no setor de munições. Vou dedicar particular atenção a esse problema.

Numa inspeção nas estações ferroviárias de Berlim constatou-se que uma enormidade de material em armas, também munição, foi deixado de lado em trilhos secundários. Vou confiscar esse material, tanto quanto me for possível, para a defesa de Berlim.

Os sapadores prepararam dinamitações em Berlim, muito além do necessário. A organização dessa defesa indica que os sapadores obviamente partem do pressuposto de estarem em terras inimigas. Por exemplo, em caso de emergência deverão dinamitar todas as pontes que levam a Berlim. Se realmente se tomassem tais medidas, a capital do Reich morreria de fome. Também nesse assunto trato de ajeitar as coisas e cuido para que os sapadores não encarem sua tarefa de dinamitação puramente do ponto de vista profissional.

Por enquanto ainda não formamos cortes marciais em Berlim, embora sejamos agora uma cidade próxima ao *front*. Enquanto permanecer em Berlim o tribunal popular, acho que posso ajeitar-me apenas com ele.

O General von Knobelsdorf, juntamente com o Prefeito Binding, examinou o serviço dos efetivos do Exército e encontrou tudo no melhor estado. Essa é a melhor organização da Wehrmacht, absolutamente em ordem e da qual nada se tem a reclamar. Vê-se, pois, que o General Burgdorf fez ótimo trabalho.

O Gauleiter substituto von Körber me faz seu relatório sobre as investigações na Luftwaffe, onde se vê o contrário do que na Wehrmacht. A Luftwaffe é um monte de corrupção e pode-se entender que Körber sugira pura e simplesmente dissolvê-la ou limitá-la ao mais necessário, pois de qualquer modo ela não consegue mais cumprir sua tarefa. Quando me convenço de que a quantidade de gasolina posta à disposição da Luftwaffe decaiu de 193.000t para 8.000t, sei o que se pode ou não esperar dela. De que adiantam todas as produções em massa de novos caças, se não dispomos nem de combustível nem de homens para colocá-los em ação?

Meu colaborador Liese está ocupado com investigações na Wehrmacht nos Países Baixos. Também encontra condições "encantadoras". Nos Países Baixos estão vários estados-maiores que simplesmente escaparam da França e da Bélgica, levando agora uma existência pacífica nas aldeias holandesas. Vou lhes dar um fim muito em breve.

A guerra aérea continua terrível. Desta vez foram atacadas Dortmund e especialmente Swinemünde. Ali as bombas inimigas atingiram nossas massas em evacuação. Em Swinemünde foram afundados vários navios no porto, entre eles um vapor com refugiados, cerca de 2.000 pessoas. Uma espécie de catástrofe em massa. Além disso, chegam as notícias sobre Essen, Dessau e Chemnitz. Essas cidades são apenas montes de escombros.

O Führer decidiu que, apesar das extraordinárias dificuldades, deve-se continuar a evacuar no oeste. Isso, praticamente, não se consegue mais, porque a população se nega a deixar suas aldeias ou suas cidades. Logo, deveríamos

empregar a força e de onde tiraremos gente para empregar tal violência? Essa decisão do Führer parte de pressupostos inteiramente falsos. Vejo isso também num relatório que Speer me entrega, sobre o quadro no oeste, depois de viajar por lá. Speer estudou detidamente as condições e concluiu que praticamente não se pode mais proceder a uma evacuação. Speer se manifesta bastante contrário a essas medidas. Defende o ponto de vista de que não é tarefa da política de guerra levar um povo a uma derrocada heróica, o que o próprio Führer afirmou claramente em seu livro *Minha Luta*, pelo menos no que concerne à Primeira Guerra Mundial. E essas palavras valem em especial para a diplomacia alemã, que na situação atual ainda não encontrou uma possibilidade de tirar a Alemanha de uma guerra de dois *fronts*, que aos poucos nos vai arrasando e destruindo.

À tardinha, nenhuma modificação notável no oeste, o que quer dizer que continua tudo desfavorável para nós. Não conseguimos evacuar a cabeça-de-ponte de Remagen. Ao contrário, foi ainda mais fortalecida pelo inimigo. No momento encontram-se ali partes de cinco divisões americanas. Os ingleses, o que é extraordinariamente característico, retiraram duas divisões do território italiano, mandando uma para a Grécia e a outra para o Oriente Próximo. Essa medida tem caráter tipicamente anti-soviético. Percebe-se que as contradições se tornaram extraordinariamente fortes no campo inimigo e nos dão maiores esperanças. Na Hungria, nossas tropas conseguiram apenas pequenos avanços. Tenho a impressão de que nossa ofensiva parou, o que pode ter conseqüências funestas. Sepp Dietrich conseguiu formar uma cabeça-de-ponte sobre o Rio Sio; mas é muito duvidoso que dali possa agir operativamente. Ao menos no quartel-general, todos são de opinião de que a coisa agora deveria realmente deslanchar. Mas por enquanto não ocorreu nenhuma operação. Não queremos, porém, perder as esperanças. O inimigo atacou com extrema violência em Schwarzwasser; mas Schönnner contra-atacou, de modo que o inimigo não obteve ganho de terreno importante. Em Breslau a situação acalmou-se um pouco; mas certamente devemos contar com novos e violentos ataques nessa zona, para breve. Avanços do inimigo na região de Frankfurt-Küstrin não obtiveram sucesso. Também no setor de Stettin não houve alterações. Parece realmente que os soviéticos estão com suas forças bastante amarradas e no momento não podem realizar operações mais amplas. A situação em Dantzig tornou-se desfavorável. Registramos novas brechas inimigas e a cidade de Dantzig já está sob fogo de artilharia. Na Prússia Oriental recomeçou a grande ofensiva, levando a uma brecha de 4 km de profundidade. Mas esperamos resolver o caso. Em Kurland repelimos todos os ataques inimigos.

A situação militar está de novo suspensa. Não se pode prever a evolução das coisas.

À tardinha temos sobre Berlim o habitual ataque de Mosquitos. Tornam-se cada dia mais pesados e dolorosos. Sofremos particulares prejuízos nos nossos meios de transporte.

O ataque dos Mosquitos desta noite tornou-se muito penoso para mim, por ter atingido nosso ministério. O belo edifício da Wilhelmstrasse foi totalmente destruído por uma mina. A sala do trono, a galeria azul e o salão do teatro, que mandei reformar, são um monte de ruínas. Dirijo-me imediatamente ao ministério para olhar as devastações. Dói-me o coração ao constatar que uma obra de arte arquitetônica tão singular é totalmente arrasada num

segundo. Quanto nos esforçamos para construir a sala do teatro, para darmos à sala do trono e à galeria azul o seu velho estilo! Com que cuidado lidamos com cada pintura e cada móvel! E agora tudo destruído. Ainda por cima surgiu um incêndio nas ruínas, que representa maior perigo porque, debaixo desses escombros ardentes, estão empilhadas cerca de 500 bazucas. Emprego todos os meios para que os bombeiros atuem tão pronta e maciçamente quanto é possível, para que ao menos as bazucas não venham a explodir.

Tenho uma sensação muito dolorida ao tomar tais medidas. Faz hoje exatamente 12 anos, a 13 de março, que assumi meu cargo como ministro nesse ministério. Um péssimo augúrio para os próximos 12 anos.

Todos os meus colaboradores estão a postos — Schach, Steeg e Göhrum, e todos se esforçam ao máximo para salvar o que pode ser salvo. Mas da parte mais bela do prédio, nada mais resta. De que adiantam as lamentações e a melancolia? Temos de ser capazes de renunciar a essas coisas e nos concentrarmos somente em manter pelo menos a liberdade e a terra do nosso povo. Mas isso não impede que se fique um pouco deprimido, ao menos diante de uma perda tão grande e que nos atinge tanto.

O Führer me telefona logo após o ataque ao ministério. Também está muito triste porque agora fui eu o atingido. Até aqui sempre tivéramos sorte, mesmo nos mais duros ataques a Berlim. Mas não apenas perdemos uma propriedade, também nos livramos de um ônus. Não precisarei mais temer pelo ministério.

Todos os que presenciavam o incêndio eram unânimes em expressar desprezo e ódio por Göring. Perguntam repetidamente por que o Führer, enfim, não toma providências contra ele e a Luftwaffe.

Então o Führer me chama para uma breve visita. Em nossa conversa, vejo que ficou muito impressionado com meu relato. Descrevo-lhe as devastações causadas, especialmente a fúria crescente dos ataques de Mosquitos diariamente ao entardecer. Não posso evitar fazer uma severa crítica a Göring e à Luftwaffe. Mas é sempre a mesma história quando se aborda esse tema com o Führer. Ele nos apresenta as causas da decadência da Luftwaffe; mas não consegue decidir-se a ir às últimas conseqüências. O Führer conta-me que nos últimos encontros que tiveram, Göring se mostrara completamente alquebrado. Mas de que adianta isso? Não posso sentir pena dele. Se na última discussão com o Führer perdeu um pouco os nervos, é apenas um castigo diminuto pelos terríveis sofrimentos que causou e causa ao povo alemão.

Peço ainda uma vez ao Führer que finalmente passe a agir, pois a coisa não pode continuar como está. Afinal, não podemos permitir que o povo sucumba, porque não conseguimos decidir-nos a arrancar a raiz da nossa desgraça. O Führer conta que estão sendo construídos novos caças e bombardeiros, dos quais espera bons resultados. Mas já ouvimos isso tantas vezes, que já nem temos forças para novas esperanças. Aliás, já é tarde — para não dizer tarde demais — para ainda esperar sucessos decisivos de tais medidas.

O Führer acrescenta que, já antes da guerra, sempre exigiu que se construíssem bombardeiros rápidos, pois esperava desses aviões, em especial no estilo dos Mosquitos, excelentes resultados no bombardeio de cidades inimigas. Mas, como em muitas outras coisas, nada foi feito, e não adianta o Führer hoje dizer que na verdade quis o que era certo, mas sem ter conseguido concretizá-lo. Também nisso Göring sempre soube mais e melhor do que os outros,

tal como agora Himmler, nas operações no leste, onde contava com um avanço sobre Berlim, enquanto, segundo os prognósticos do Führer, o inimigo se dirigiria para a Pomerânia, o que efetivamente aconteceu. O Führer mostra-me protocolos estenografados dos debates sobre a situação militar realizados naqueles dias, onde se lê nitidamente que os prognósticos do Führer foram absolutamente corretos. Mas também aqui só conheço uma resposta: de que me adiantam explicações? O povo quer ações! Deseja medidas decisivas, que finalmente ponham fim a essa confusão em toda a liderança militar.

O Führer me explica que agora iniciaram as atividades de cortes marciais volantes sob cuidados do General Hübner. O primeiro condenado à morte foi o general em comando responsável pela não-dinamitação da ponte de Remagen, o qual duas horas depois foi fuzilado. Ao menos um clarão de esperança. Só com medidas desse tipo poderemos ainda salvar o Reich. Também o Major-General Fromm foi entrementes fuzilado. Peço insistentemente ao Führer que continue com medidas desse estilo, para que finalmente nossos oficiais em comando sejam forçados a obedecer. Também um general que não quis deixar agir um oficial nacional-socialista, será agora submetido à corte marcial e provavelmente condenado à morte.

No oeste tínhamos, antes da nova ofensiva dos anglo-americanos, uma força de um milhão e meio de homens. Rundstedt não conseguiu escolher entre eles tantas tropas combatentes a ponto de dispor de 60 divisões completas. Portanto, ali a guerra total foi realizada de modo muito superficial, uma verdadeira vergonha, quando nos damos conta das conseqüências.

O Dr. Ley esteve no oeste e este o deixou com a pulga atrás da orelha. Manteuffel pediu-lhe que intercedesse junto ao Führer para que os generais comandantes do oeste recebessem maiores poderes. Só que poderes não lhes faltam. Bastaria que usassem deles. Nunca o Führer censurou um general por ter assumido, na restauração da disciplina ou da ordem, poderes de que realmente não dispunha. Quando muito, censurava-o por não usar esses poderes para manter ordem e disciplina. Logo, não se trata de que os comandantes militares não disponham de bastante poder. Ao contrário, fazem o que bem entendem, negam obediência ao Führer quando isso lhes convém abertamente ou por sabotagens secretas, e agora têm de ser chamados à ordem por métodos brutais. O orgulho da Wehrmacht, que sempre procurou distanciar-se do partido e da liderança política do Estado, deve ser quebrado em todos os sentidos. O Führer tem de concretizar uma orientação severa, se ainda quiser salvar o povo. Está certo quando diz que desse modo não conseguiremos sair da guerra com uma Wehrmacht nacional-socialista. Mas isso não é o problema primário; a questão número um é: como sairemos dessa guerra.

Agora o Führer quer tentar novamente estabilizar os *fronts*. Espera alguns resultados com a guerra submarina, especialmente quando entrarem em ação nossos novos submarinos que ainda não foram usados em combate. Que diferença entre Dönitz e Göring! Ambos sofreram um duro revés nas suas armas. Göring resignou-se e sucumbiu. Dönitz superou o fracasso. Vê-se com isso que derrotas nem sempre são aniquiladoras, se soubermos tirar disso as conseqüências certas. Tudo depende dessas conseqüências.

Nossa Wehrmacht ainda é muito vulnerável no Exército e em especial na Luftwaffe. No Exército há apenas poucas organizações que correspondem às exigências modernas. Relato ao Führer sobre a investigação do pessoal dos

serviços efetivos. Ele se alegra ao saber que as coisas estão em ordem com o General Burgdorf. Em contrapartida, só lhe consigo dar relatórios desfavoráveis em relação à Luftwaffe, que é uma vergonha para o partido e para todo o país.

Novamente o encontro termina com meu pedido ao Führer para que intervenha e faça algo decisivo para trazer ordem às coisas. Mas por enquanto não se consegue nada nesse terreno.

Conversamos ainda longamente. Ver o Führer me comove cada vez mais. É emocionante ver com que firmeza interior ele assume e tenta dominar as coisas apesar das suas graves dificuldades de ordem física.

Entrementes o incêndio foi apagado; mas a bela construção está inteiramente destruída. Passamos aos trabalhos de limpeza. Queremos antes de mais nada desimpedir novamente a rua e arranjar meios para que eu possa trabalhar no ministério nos próximos dias, pois afinal o trabalho diário não pode ser interrompido pela destruição das instalações.

Em casa passo uma noite bastante triste. Lentamente começamos a entender o que essa guerra significa para todos nós. Quem teria pensado há 12 anos que esse aniversário se daria em tais circunstâncias e em tal ambiente. Toda a família participa do meu luto. Todos amávamos tanto o ministério. Agora pertence ao passado. Estou firmemente decidido a, depois da guerra, não só mandar construir um ministério monumental, como o Führer diz, mas reconstruir o antigo em toda a sua magnificência.

15 de março de 1945, quinta-feira

Ontem:

Situação militar:

A situação no *front* do leste não sofreu mudança especial ontem. O centro de gravidade dos combates esteve na região de Dantzig e na Prússia Oriental.

Os bolchevistas tentam agora com todas as forças limpar essa área. No decorrer da grande ofensiva na Prússia Oriental, obtiveram profundas brechas em Lichtenfeld e a noroeste de Zinten. Mas mantivemos as ligações do nosso *front*. A violência dos combates é percebida pelo fato de que, só nessa seção, no decorrer do dia de ontem, foram aniquilados 104 tanques soviéticos. A ligação com Königsberg está interrompida no momento. Os ataques contra Dantzig e Gotenhafen, sob proteção de blindados, foram rechaçados. A cabeça-de-ponte Dantzig-Gotenhafen foi agora unificada sob a forma de um grupo de exércitos estreitamente ligado ao campo de batalha da Prússia Oriental, e dirigido pelo General Weiss.

Em Kurland os ataques inimigos reduziram sua intensidade, como, aliás, em todo o *front* do leste; com exceção da região de Dantzig e da Prússia Oriental, abrandaram-se bastante os ataques soviéticos. Mas em Kolberg o inimigo ontem atacou com relativa intensidade. Suas ofensivas no *front* do Oder, entre Frankfurt e Küstrin, bem como os avanços contra a cabeça-de-ponte de Stettin, foram mais fracos. Na luta pela região Morávia-Ostrau, os ataques soviéticos entre Bielitz e Schwarwasser foram repelidos, e neutralizaram-se as brechas que o inimigo obtivera no dia anterior. No território silesiano não se realizaram combates especiais. Na Hungria inúmeros ataques contra nossas novas posições foram rechaçados. No território eslovaco o inimigo conseguiu aproximar-se mais de Altsohl.

No *front* do oeste, ontem, ocorreram apenas combates locais, cujo centro de gravidade esteve na seção do Ruwer, a sul de Trier. Os americanos obtiveram ali, em inúmeros ataques de batalhões e regimentos, algumas brechas de 1 a 2 km de profundidade, na parte superior do Ruwer.

No *front* do Reno realizaram-se combates importantes apenas na cabeça-de-ponte de Linz-Honnaf. Em violentas ofensivas os americanos puderam ampliar de novo mais um pouco sua brecha em direção nordeste e leste. As tentativas de ampliação em direção norte e sul foram repelidas. A profundidade maior da cabeça-de-ponte tem agora ao todo 8 km.

No *front* do Mosela o inimigo fez com que recuassem para a margem direita do rio nossos postos avançados colocados no território entre Cochem e Benrkastel, à margem direita. A ponte em Traben-Trarbach foi dinamitada.

Em Hagenau realizam-se violentos combates de rua.

No *front* italiano nenhum combate importante.

No leste a atividade aérea alemã foi particularmente movimentada no território húngaro, onde derrubamos 11 aviões soviéticos. No oeste o centro de gravidade das nossas atividades esteve no território de Linz, onde bombardeamos pontes e tropas inimigas.

Durante o dia todo reinou no *front* do oeste movimentada atividade de bombardeiros e caças inimigos, com centro de gravidade em Münsterland, territórios do Rühr e de Reno-Meno. Além disso, no oeste empregaram-se cerca de 300 aviões bimotores inimigos.

Ontem não entraram no território do Reich divisões de bombardeiros americanos. Cerca de 400 bombardeiros quadrimotores britânicos atacaram Wuppertal. Da Itália chegaram cerca de 500 bombardeiros quadrimotores americanos sob proteção de 250 caças, num ataque maciço a Regensburg. Uma esquadrilha menor lançou bombas no território de Klagenfurt e Landshut. Também no território sul e sudeste da Alemanha reinou todo o dia viva atividade de caças inimigos. À noite cerca de 200 bombardeiros quadrimotores britânicos realizaram ofensivas sobre meios de comunicação nos territórios de Recklinghausen, Gelsenkirchen e Dortmund. 80 Mosquitos sobrevoaram Berlim. Os canhões antiaéreos abateram dois Mosquitos.

São muito contraditórias as notícias confidenciais e as oficiais que recebemos do campo inimigo do oeste sobre as próximas operações planejadas. De um lado, afirma-se que as tropas aliadas precisam antes de mais nada parar um pouco e tomar fôlego; de outro, dizem que se esforçarão por conseguir o quanto antes a travessia do Reno. Esperam particularmente que essa travessia leve a um resultado sensacional, pois afirmam que não dispomos mais de quaisquer reservas. Logo, querem malhar o ferro enquanto está quente.

A tomada da ponte do Reno em Remagen pelos americanos atribui-se a sabotagem e traição. Também acredito que tais motivos são importantes, pois não se pode entender que uma ponte tão vital caia em mãos inimigas embora tão bem preparada para dinamitação.

O Ministro da Guerra inglês, Grigg, expressa-se de modo muito positivo sobre as perspectivas iminentes da guerra. Para o Reich, anuncia amavelmente uma epidemia generalizada de fome. A única coisa interessante no que diz é que a Inglaterra continua decidida a participar da guerra do Pacífico, pressupondo, é claro, que Roosevelt tolere isso. De qualquer modo, os ingleses terão de fazer grandes mobilizações, o que certamente não animará muito o povo britânico no momento atual. Afirma-se que nos próximos 25 anos os recrutas ingleses serão formados em solo alemão. Os ingleses sempre fazem planos grandiosos para o próximo quarto de século ou até meio século. Mas não são dignos de crédito, pois certamente terão muito pouco a dizer sobre o que acontecerá na Europa nos próximos 25 ou 50 anos.

O Império Britânico até agora registra 1.043.000 baixas. A princípio essa cifra parece alta; mas precisa-se levar em conta que os feridos e prisioneiros

estão incluídos nela. A Inglaterra conseguiu porém com muita esperteza fazer seus povos satélites e seus aliados sangrarem por ela.

Quanto à evolução no oeste, Londres previne-se contra um excessivo otimismo. Já não acreditam que a guerra termine hoje ou amanhã. Os americanos calcularam que agora um quinto do território do Reich de 1939 esteja ocupado, no leste e no oeste. Isso, em si, não seria o pior; mas esses territórios são tão importantes para nós na questão de alimentos e armamentos, que a perda em produção é bem superior a 20%.

Na Inglaterra os bispos voltam-se cada vez mais energicamente contra o aumento do bolchevismo na Europa e também contra as decisões de Ialta. Nossos homens de confiança, que até agora sempre nos deram notícias com bastante seriedade, relatam que a popularidade de Churchill nas últimas semanas caiu consideravelmente, e que isso se deve de modo especial ao fato de ele não haver sabido dirigir a guerra de modo organizado, e de que sua política provoca assim um completo caos na Europa. Esse caos atinge por enquanto as terras ocupadas pelos ingleses, ou ligadas quase mais a eles do que ao Reich alemão. Na França desencadeou-se uma verdadeira epidemia de fome. Os ingleses avisam insolentemente aos franceses que essa fome durará até julho, quer dizer, até que parte da nova colheita esteja à disposição. Os franceses não podem receber víveres dos estoques ingleses, e também os americanos conservam seus celeiros bem trancados.

Diz-se que na França se difunde certo retorno ao colaboracionismo. Os franceses ouvem muito as emissoras de rádio alemães, quase tanto quanto durante nossa ocupação se ouviam as rádios britânicas. Logo, ao menos em parte, as coisas estão trocadas. Embora não se possa esperar muito disso em resultados militares, essa mudança de estado de espírito nos povos da Europa Ocidental é bastante sintomática para a futura evolução dos fatos.

É quase grotesca a notícia de que os judeus palestinos realizam uma greve de 24 horas, durante as quais permanecerão em oração, como ato de compaixão pelos judeus da Europa. Os judeus fazem um jogo injurioso e leviano. Ainda não se pode dizer com exatidão quais nações ao fim da guerra estarão do lado vitorioso ou não. E é fora de dúvida que os judeus estarão entre os perdedores.

Mas resta a questão da participação soviética na guerra do Pacífico, caso muito discutido. Stalin parece agora assumir cada vez mais o ponto de vista de que a União Soviética não pode permanecer fora do assunto, porque precisa defender importantes interesses na Ásia Oriental. Mas, de outro lado, afirma-se que os americanos não dão mais tanto valor à participação dos soviéticos na guerra do Pacífico.

Notícias algo deprimentes nos vêm da Hungria. Nosso ataque parece não surtir efeito. Nossas divisões ficaram presas nas posições defensivas soviéticas e deparam-se com fortes contra-ataques. É como se lidássemos com o demônio. Nenhuma das nossas ações militares, por mais bem preparadas que estejam, conseguiu resultados positivos ultimamente. Stalin tem toda razão ao tratar como estrelas de cinema seus marechais, que têm realizado tão excelente trabalho militar. De Moscou chegam notícias que quase lembram os costumes da vida dos paxás. Göring certamente lamentará não conseguir semelhantes confortos aqui na Alemanha.

Podem-se reconhecer sinais de tempestade sobre a Finlândia. Os soviéticos, depois de terem baixado sua Cortina de Ferro diante desse país, tratam de tomar posse dele impiedosamente. Com isso a Bolsa sueca reage em baixa. Os judeus da Bolsa sueca são em grande parte os culpados desse fenômeno. Agora gostariam de aparecer como cordeiros inocentes, pois reconhecem o fim que os espera.

Na Romênia reina uma declarada guerra de poderes entre os Estados do leste e a União Soviética. Os Estados do leste procuram por meios diplomáticos entrar de novo em negociações com a Romênia, enquanto os soviéticos fazem tudo para impedir. Mas os soviéticos não podem agir com severidade excessiva porque lhes faltam contingentes de tropas para imporem sua orientação política. Conforme todos os sinais indicam, os soviéticos ostentam à vista de todos tudo aquilo de que dispõem em matéria de poder militar, bem ao contrário de nós. Quando ocupamos a Romênia, empregamos 240.000 homens, enquanto os soviéticos, conforme asseguram e se pode acreditar, se satisfazem com quatro divisões do Comissariado Popular Para Assuntos Interiores. E isso realmente basta. Nós, alemães, sempre repetimos o mesmo erro nos territórios ocupados: queremos fazer tudo nós mesmos. Gastamos com isso demasiadas forças e conquistamos a má vontade dos territórios ocupados.

O novo Primeiro-Ministro romeno Groza é um típico comunista camponês. Um instrumento submisso do Kremlin.

Também na Itália do Norte a situação modificou-se desfavoravelmente para nós. Os italianos mudam novamente, namorando agora a França. Na Itália a simpatia pela irmã latina acordou de novo. Até o fascismo acompanha essa virada. Mussolini não conseguiu conduzir a política fascista a um denominador comum.

O Gauleiter Simon mandou seu representante Neumann para relatar a situação do distrito do Mosela. Fornece-me algumas informações muito interessantes, mas não tem nada de efetivamente novo a participar. De qualquer modo já sei que o ânimo das tropas e da população caiu muito. Mas Neumann nega energicamente que a população tenha por vezes impedido as tropas de combaterem. O hasteamento de bandeiras brancas, diz ele, atribui-se unicamente ao desejo de conservarem suas casas intactas durante os combates. Mas não se registra nenhuma oposição ativa contra nossa orientação na guerra. Contudo, por outro lado, precisamos nos dar conta, diz Neumann, de que a população nos territórios ocupados ou ameaçados do oeste sofre de forte letargia e enfrenta apaticamente o desenrolar da guerra. Isso se atribuiria em particular aos bombardeios aéreos que têm durado meses a fio, ininterruptamente.

Também o Dr. Ley, que regressou de sua viagem ao oeste, não tem nada de novo a me dizer. Tudo o que relata já me é bem conhecido. Ele me apresenta três memoriais, remetidos ao Führer, sobre uma reorganização da Wehrmacht. Esses escritos não têm pé nem cabeça. Conforme o Führer já me contou, neles o Dr. Ley sugere que se dêem aos comandantes-em-chefe do Exército ou dos grupos de Exército maiores poderes para controlar os soldados da retaguarda. Eles, porém, já possuem tais poderes. Com Schörner, por exemplo, as zonas de retaguarda do Exército foram passadas por um pente fino, o que não aconteceu com Manteuffel. Mas essas coisas não dependem da quantidade de poderes, e sim dos comandantes que utilizam ou não tal força.

Ley faz um julgamento um tanto desfavorável de Model. Diz que sua liderança tornou-se nervosa e instável. Os Gauleiters no oeste parecem não apreciá-lo muito.

O que me abalou foi o relatório do Dr. Ley sobre as perdas em Colônia. Nessa cidade o comandante foi mudado três vezes numa só noite. Pode-se imaginar que, numa tal instabilidade do pessoal político, a defesa de uma cidade tão grande se torna impossível. Os habitantes de Colônia combateram muito bem, ou melhor, quiseram combater; mas tiveram poucas oportunidades para isso.

Depois de Ley, chega Speer para o seu relatório. Também retorna de uma viagem ao oeste, e suas notícias são ainda mais sombrias. Speer acha que a guerra está, por assim dizer, perdida do ponto de vista econômico. A economia alemã poderia, na situação atual, agüentar ainda quatro semanas; depois se desfaria aos poucos. Speer sente muito não conseguir arrancar nenhuma decisão do Führer nas questões mais importantes. Acha que o Führer foi muito prejudicado na sua atividade pelos problemas de ordem física. É correta a sua opinião de que precisamos manter as bases vitais do povo alemão. Volta-se energicamente contra a idéia de devastarmos as terras. Speer esclarece que, se o fio da vida do nosso povo for cortado na alimentação e na economia, não devemos ser nós a fazermos isso, e sim o inimigo. Por isso, ele também se volta contra as dinamitações de pontes e viadutos, preparadas em Berlim. Acha que, se forem concretizadas, a capital do Reich morrerá de fome em pouco tempo. Eu próprio há muito me manifestei energicamente contra essas dinamitações planejadas e ordenei aos meus colaboradores militares em Berlim que me dessem notícias mais minuciosas a respeito, para que eventualmente eu possa interferir.

Tanto os relatos do Dr. Ley como os de Speer são extremamente alarmantes. Mas presumo que ambos estão fortemente impressionados pelo que viram no oeste, e não têm mais a necessária objetividade, senão relatariam as coisas de modo diferente. Aliás, nos tempos atuais é importantíssimo observar as coisas a certa distância. Vistas de perto, naturalmente, podem parecer terríveis. Mas a guerra tem seus altos e baixos, e exatamente nos baixos é que precisamos manter a cabeça fria e não perder os nervos. Aprendo isso mais uma vez lendo sobre as Guerras Púnicas, um trabalho do Prof. Frank. Esse estudo me revela o que se deve fazer nas fases críticas de uma guerra; por longo tempo devem-se aceitar eventuais derrotas sobre derrotas, para finalmente alcançar a vitória. Não é por nada que se fala nas virtudes romanas. Apareceram na sua forma mais pura na Segunda Guerra Púnica, e ainda hoje nos servem de modelo. Como o Führer acentuou tantas vezes, devemos ter a ambição de cuidar para que a nossa era entre na história da humanidade tão famosa, tão inabalável, como a Segunda Guerra Púnica ou a Guerra dos Sete Anos. De qualquer modo, não me deixo enganar por descrições das chamadas testemunhas oculares. Nem cogito em duvidar da vitória da nossa causa, apenas por causa desses depoimentos; ao contrário, as dificuldades que aparecem diariamente e quase sempre com maior violência, é possível vencê-las quando se tem verdadeiramente força de vontade. O Dr. Ley julga os fatos mais da perspectiva de um orador do partido, e Speer do ponto de vista de um economista e um técnico. Nenhum dos dois tem a visão de homem de Estado sobre a atual fase da guerra.

O Führer decidiu que devemos continuar evacuando no oeste, decisão que pode ter conseqüências terrivelmente difíceis, pois nem sabemos onde sequer colocar, no Reich, as pessoas evacuadas do oeste. Mas o Führer continua achando que não devemos deixar nossos homens aptos caírem nas mãos do inimigo. Quanto ao que isso significa politicamente, nem podemos avaliar. Na Pomerânia, por exemplo, 400.000 pessoas, que deviam ser evacuadas, caíram nas mãos dos soviéticos. Resultou uma situação bastante desoladora, que não podemos mais dominar. As massas humanas se concentram, especialmente em Swinemünde, mas só podemos vesti-las e alimentá-las em diminuta extensão. Resumindo, o problema da evacuação não foi resolvido e retorna hoje com maior premência. Na Prússia Oriental as coisas estão um pouco melhores; em contrapartida, as concentrações humanas estão piores do que nunca em Dantzig-Gotenhafen.

É interessante que, apesar de nossa propaganda oral introduzida há semanas, as saídas de Berlim sejam insignificantes. Mas isso é apenas uma gota d'água no oceano. Aparentemente os berlinenses têm tanta confiança nas nossas forças militares, que no momento, apesar dos ataques inimigos que se repetem sem cessar, é aqui, na sua cidade, que ainda se sentem melhor e mais abrigados.

Quanto à guerra aérea, devemos empregar agora os chamados comandos da morte contra formações de bombardeiros inimigos. O Führer permitiu que cerca de 300 desses pilotos-suicidas, com 95% de certeza da própria morte, se lançassem contra esquadrilhas de bombardeiros inimigos, e sob quaisquer circunstâncias derrubassem com cada bombardeiro também um caça. Esse plano vem sendo sugerido há meses, mas infelizmente não obtinha aprovação de Göring. É desnecessário falar na Luftwaffe como organização, pois a corrupção e a desordem nessa seção da Wehrmacht clamam aos céus.

Uma imensidade de preocupações se apresenta diariamente aos nossos olhos em forma de notícias e relatórios, ou é colocada na minha mesa. Às vezes a gente se pergunta se haverá realmente uma saída para este terrível dilema da guerra. É nesse período crítico que se aprende a avaliar as pessoas. Poucas permanecem firmes e se agarram solidamente aos nossos grandes objetivos. São essas as personalidades realmente liderantes da nação. Aqui se separa o joio do trigo.

A tardinha anuncia-se que a situação na cabeça-de-ponte de Remagen piorou ainda mais. O inimigo conseguiu dilatar a cabeça-de-ponte, embora não em grande extensão. Mesmo assim, agora já não se fala em devermos ou podermos limpar o local. De resto, não houve modificação importante no oeste. Mas a calma que no momento reina ali é a calma de antes da tempestade.

Kesselring assumiu seu posto. Tenho algumas esperanças nele. É um especialista na defesa de posições aparentemente perdidas.

O Führer me enviou os estenogramas dos relatórios da situação nos dias críticos antes da invasão soviética na Pomerânia. Nesses protocolos podem-se ler verdadeiras tragédias. O Führer indicou repetidamente, nos debates sobre essa situação, que o avanço soviético seria sobre a Pomerânia e foi contrário à opinião dos especialistas, segundo a qual o avanço se daria sobre Berlim. Infelizmente, o Führer não conseguiu dar ordens claras quanto a essa idéia, que se baseava mais na intuição do que no raciocínio. Conseqüentemente, cada um fez o que bem entendeu, e também Himmler. Os protocolos são um exemplo da incapacidade da nossa liderança militar. O Führer vê o que é acertado,

transmite essas idéias aos colaboradores, mas estes não tiram as conseqüências necessárias. De que nos adiantam conhecimentos se não os transformamos em realidades? Esses conhecimentos são então geralmente superados pela sabedoria dos especialistas e perdem seu efeito. O Führer faria bem se, em vez de proferir longos discursos aos seus colaboradores militares, lhes desse ordens breves, e cuidasse, com a mais brutal energia, para que fossem cumpridas. Portanto, é a falsos métodos de mando, e não a falsos raciocínios, que se devem principalmente atribuir nossas muitas derrotas sofridas nos *fronts*. Nossos oficiais do estado-maior atribuíram aos soviéticos o mesmo erro que cometemos no fim do outono de 1941, no planejado sítio a Moscou, isto é, avançar obstinadamente, sem olhar para os lados, sobre a capital inimiga, deixando de cobrir os flancos. Naquela vez isso nos causou prejuízos terríveis. Mas o Führer sempre afirmou que os soviéticos não cometeriam o nosso erro, coisa em que seus generais não quiseram acreditar. Himmler deixou-se envolver por eles, e o Führer não está inteiramente errado quando esclarece que por isso Himmler carrega a culpa histórica de a Pomerânia e grande parte de sua população estarem hoje nas mãos dos soviéticos.

Na Hungria já se fala em pesados contra-ataques inimigos em resposta ao nosso avanço ofensivo. E, de momento, não registramos mais nenhum progresso. Os dois lados combatentes estão-se reagrupando. Mas sabemos o que isso significa. Ao contrário, são satisfatórias as notícias que chegam de Schwarzwasser. Schörner conseguiu mais uma vez repelir todos os ataques soviéticos, extraordinariamente violentos, e até ganhar parcialmente terreno em contra-ataques. Em Breslau reina paz pela primeira vez em semanas, o que é muito importante para as tropas combatentes, pois agora enfim podem dormir. Na região de Gotenhafen e na Prússia Oriental o inimigo fez ataques extraordinariamente intensos. Mas de modo geral foram repelidos.

À tardinha tivemos novo ataque de Mosquitos na capital do Reich, e estamos perto da cifra de 25 ininterruptos. Esses ataques se tornaram tão pesados que se podem comparar a pequenas ofensivas de grandes bombardeiros. De qualquer modo, dão-nos muito trabalho, especialmente no setor de transporte. Aí não temos mãos a medir a fim de manter os meios de comunicação mais ou menos em funcionamento.

16 de março de 1945, sexta-feira

Ontem:

Situação militar:

A situação no *front* do leste não conheceu ontem grandes modificações. O centro de gravidade dos combates esteve de novo no território da Prússia Oriental e Ocidental, onde os soviéticos continuaram nas suas ofensivas pesadas contra Gotenhafen e Dantzig. A oeste de Zoppot chegaram à estrada de ferro Gotenhafen-Zuckau; também mais ao norte o inimigo conseguiu um pequeno sucesso local, apertando algo mais nossa posição a norte de Putzig. Todos os demais ataques foram rechaçados. Foram particularmente intensas as tentativas inimigas para abrir uma brecha em nossa linha defensiva na Prússia Oriental. A noroeste de Zinten o inimigo conseguiu avançar mais cerca de 3km e atingir a auto-estrada de Königsberg a Elbing. Entretanto, a integridade do *front* foi mantida. Ontem destruímos ao todo, na Prússia Oriental, mais 88 tanques soviéticos. Em Kurland repelimos ataques medianamente fortes a sul de Frauenburg.

Do restante do *front* do leste anuncia-se que continuam sendo repelidas fortes ofensivas inimigas contra o território Morávia-Ostrau. De resto, apenas combates locais, com os quais obtivemos melhoria de posição em Striegau e a sul de Stettin. Também no território de Frankfurt-Küstrin a situação acalmou-se relativamente, devido a pesadas perdas do inimigo e às atividades da nossa artilharia.

Na Hungria ampliamos nosso *front* ofensivo com avanços entre Kaposvar e a ponta ocidental do Plattensee, onde conquistamos cerca de 3 a 4km de terreno num *front* de 20 a 30km de largura, em solo fortemente minado. Organizamos uma cabeça-de-ponte sobre o Rio Sio e destruímos o restante da cabeça-de-ponte inimiga.

No território eslovaco o inimigo apoderou-se de Altsohl.

No *front* do leste os americanos prosseguiram sem resultados seus fortes ataques para defesa da cabeça-de-ponte em Linz. Só em Hönningen ganharam alguns quilômetros de terreno; no resto, a situação permaneceu imutável. A ampliação da cabeça-de-ponte tem cerca de 15 a 18km de extensão e até 7km de profundidade.

O centro de gravidade da ofensiva inimiga esteve na região do Mosela. Ali os americanos atacaram entre Alken e Treis, na direção de Boppard. Conse-

guiram atravessar o Mosela em diversos pontos e avançar até cerca de 6km a oeste de Boppard. Também entre Cochem e Bernkastel realizaram-se violentos combates. Nossas forças colocadas na margem esquerda do Mosela foram em vários lugares rechaçadas sobre o rio. O inimigo também atacou com muita violência no setor do Ruwer, onde conquistou cerca de 2 a 3km de terreno. Nossa cabeça-de-ponte na margem esquerda do Saar, entre Saarbrücken e Völklingen, foi retomada. O inimigo nos persegue de perto. Também a norte de Saargemünd intensifica-se a pressão inimiga. Em Hagenau continuam violentos combates de rua.

Do *front* italiano anunciam-se apenas batalhas locais.

No *front* do leste nossa Luftwaffe esteve outra vez bem ativa sobre o território húngaro. Ao todo foram derrubados 37 aviões inimigos, entre eles 4 bombardeiros que vinham da Itália, tudo isso também por intervenção da nossa artilharia antiaérea.

Breslau e Glogau foram novamente provisionadas e retirados os feridos.

No território ocidental do *front* reinou mais uma vez animada atividade de bombardeiros inimigos. Uma esquadrilha de caças nossos foi empregada no território de Remagen para combater aparelhos de vôo rasante.

Cerca de 1.100 bombardeiros quadrimotores americanos atacaram objetivos de transporte no território de Hanover, Münster e Kassel, e as cidades de Hanover, Hildesheim, Osnabrück e Hameln. Divisões de bombardeiros realizaram um ataque a Rotterdam. Cerca de 150 quadrimotores britânicos atacaram diversos pontos na zona do Ruhr. 300 bombardeiros bimotores atacaram objetivos de transporte no território de Limburg, Giessen e Siegen. Da Itália, cerca de 500 bombardeiros quadrimotores americanos vieram atacar o território de Viener Neustadt, Graz e Klagenfurt. Ataques noturnos contra Berlim e Wiesbaden. Uma unidade de combate de cerca de 350 bombardeiros quadrimotores atacou Homburg e Zweibrücken no Saarpfalz. Cerca de 200 bombardeiros britânicos dirigiram ofensivas contra Leuna e Lützenkendorf. Caças noturnos e artilharia antiaérea derrubaram 19 aviões inimigos.

A cabeça-de-ponte em Remagen ainda permanece, e foi até ampliada pelo inimigo. É verdade que nossas tropas ali oferecem-lhe violenta resistência, conforme também se anuncia em Londres. O inimigo parece concentrar-se nessa cabeça-de-ponte e pretende obviamente tentar um ofensiva de grande força. Mas isso pode demorar ainda alguns dias. De qualquer modo, os americanos avançam de maneira extraordinariamente sistemática e não se deixam atrapalhar pela sua própria impetuosidade. Quanto à cabeça-de-ponte em si, já se conhece o processo. Tivemos casos demasiado freqüentes no leste, para permanecermos na ignorância. Quando uma cabeça-de-ponte aparece e não se tem mais força para evacuá-la, geralmente torna-se uma pústula que, sem muita demora, despeja o pus em todos os órgãos vitais. É verdade que os americanos sofreram nessa cabeça-de-ponte enormes baixas, que talvez os chamem à razão. No *front* do oeste, e também na guerra do Pacífico, registram tão grandes perdas de vidas humanas, que agora se vêem obrigados a novas mobilizações em grande escala.

Churchill se defronta mais uma vez com problemas penosos na Câmara dos Comuns. Há uma série de repugnantes hipocrisias sobre a simpatia que

a Inglaterra finge oferecer aos povos dos Países Baixos sem estar em condições de lhes dar a menor ajuda.

A situação nos territórios ocupados pelo inimigo torna-se cada vez mais ameaçadora. Temos aí a nossa grande chance. Em particular os ingleses e americanos não conseguem enviar alimentos à população dos territórios que ocuparam, diante do que se desenvolve uma epidemia de fome, indescritível em seus detalhes. Os americanos já não são capazes de sequer entregar víveres aos ingleses, pois eles próprios necessitam das provisões e estão em grandes dificuldades no seu país. A Casa Branca anuncia que nos três próximos meses terão de ser suspensos envios de alimentos à Inglaterra. Conseqüentemente, o governo inglês é obrigado a reduzir ainda mais as rações, o que surte um efeito sensacional em Londres. Vê-se que, enquanto a crise militar nos é inteiramente desfavorável, a crise política, ao menos em grande parte, desfavorece os nossos inimigos. Por essa razão, ingleses e americanos tudo fazem para levar a guerra na Europa o mais rápido possível a um fim vitorioso. Sabem que, em caso contrário, todo o hemisfério está simplesmente na iminência de morte por inanição, coisa que aliás admitem abertamente.

Parte das ações políticas do inimigo ocidental, dirigidas contra nós, se constituem de boatos alarmantes quase diários sobre a pretensa intenção de capitulação do Reich. Agora afirmam de novo que Rundstedt na semana passada ofereceu o cessar-fogo ao inimigo, e que, naturalmente, ingleses e americanos o teriam recusado generosamente. Com esses boatos alarmantes os Estados Unidos mergulham numa verdadeira embriaguez de vitória, de modo que agora as contradições internas começam a se tornar virulentas. Os sindicatos apresentam suas reivindicações ao governo. Exigem-se aumentos de ordenado ou ameaça-se com greve geral. Em suma, os governos inglês e americano notam que suas precipitadas notícias de vitória caíram em terreno muito fecundo na sua política interna e, como conseqüência, os grupos oposicionistas começam a se movimentar. A greve geral pende como uma espada de Dâmocles sobre a opinião pública anglo-americana. Na Inglaterra as coisas não vão melhor e pode-se entender que o *Daily Mail* constate, num doloroso artigo, que a guerra tem de terminar já neste verão, caso contrário a Europa inteira mergulhará no caos. Logo, temos o maior interesse em prolongar essa guerra, custe o que custar, e estamos conseguindo isso da melhor maneira.

O Partido Conservador britânico reuniu-se em Londres num congresso anual. Mas não se espera muito dessa reunião. Churchill ainda é senhor da situação.

Eden enfrenta, na Câmara dos Comuns, penosas perguntas sobre a situação interna na Romênia. Tem de admitir que os soviéticos impedem qualquer envio de notícias da Romênia, e que por medo — supostamente de seus opositores na política interna — Radescu procurou e obteve asilo na embaixada britânica. O corte de notícias com a Romênia é atribuído por Eden a razões militares, o que até parece piada. Mas a evolução dos fatos naquele país causou grande mal-estar, tanto entre ingleses como entre americanos. E essa evolução corresponde exatamente à da Polônia e à que aos poucos se instala na Finlândia. De qualquer maneira, os anglo-americanos sabem muito bem que com o Kremlin não se brinca e que Stalin tira proveito dessa hora favorável. Parece quase engraçado o modo pelo qual os jornais ingleses mostram decepção, mas acres-

centam cada vez que nada se pode fazer contra a insolência e a arrogância do Kremlin.

Pela primeira vez manifesta-se novamente o Comitê Alemanha Livre, com um apelo à população berlinense. Esse apelo não surte nenhum efeito, pois a população de Berlim não toma conhecimento dele; mas vê-se que o comitê tem tarefas exclusivamente propagandísticas, para as quais se oferecem, significativamente, generais alemães de renome.

O estado-maior apresenta-me um livro com biografias e retratos de generais e marechais soviéticos. Nesse livro aprende-se facilmente muita coisa que omitimos nos anos passados. Esses marechais e generais são na média extraordinariamente jovens, quase nenhum tem mais de 50 anos. Realizaram uma rica atividade político-revolucionária, são bolchevistas convictos, pessoas de grande dinamismo, e vê-se em seus rostos que são feitos de excelente material humano. São em geral filhos de operários, sapateiros, pequenos camponeses, etc. Em resumo, temos de assumir a triste verdade de que a liderança militar na União Soviética é superior à nossa.

As condições de trégua na Itália tornaram-se conhecidas através de uma indiscrição, segundo a qual, a Itália tem de arcar com todas as despesas da ocupação inimiga. Tem de colocar à disposição das potências inimigas, isto é, da União Soviética, dois milhões de operários, que serão deportados para trabalhos forçados. Precisa renunciar a toda a sua colônia africana, e também aceitar grandes perdas territoriais na própria pátria. Em resumo, trata-se de uma conta provisória que visa liquidar a Itália como grande potência. E deve-se levar em consideração que se trata apenas de um acordo de cessar-fogo. Nem se falou ainda no que pedirão à Itália quando chegar a hora de acertar a paz.

Realizaram-se de novo violentos ataques, desta vez em Münster, Hamm e Wuppertal. Pergunta-se todos os dias aonde isso levará. Nosso potencial armamentista e nossos meios de transporte estão sendo destruídos numa medida tal que é fácil calcular a hora em que ficaremos por assim dizer diante do nada. Estamos também tolhidos porque — segundo indica o Gauleiter Hoffmann num relatório — não temos mais absolutamente nenhuma defesa aérea. Nossos caças mal levantam vôo, nossa artilharia antiaérea está em grande parte no *front*. A essa ilimitada soberania aérea do inimigo se atribuem não apenas as nossas derrotas militares, mas também os severos prejuízos no moral do povo alemão, que não podemos mais ignorar. Hoffmann acha que é possível consertar os prejuízos nos meios de transporte a curto prazo, mas que os prejuízos morais são muito difíceis de corrigir. Especialmente o moral das tropas está fortemente abalado. E isso não se manifesta apenas em incidentes revolucionários, mas muito mais numa letargia generalizada, que atacou homens e oficiais. O mesmo se constata em certas populações civis.

Os alarmes aéreos de longa duração têm efeitos que podemos observar aqui em Berlim. Ficamos, à tarde, duas horas sentados no abrigo antiaéreo, porque Oranienburg e Zossen estão sendo atacadas. A capital do Reich, contra todas as nossas expectativas, desta vez não sofre nada.

Também da região do Mosela recebo notícias do baixo estado de espírito. Nessas notícias se comenta outra vez que não se pode falar numa oposição ativa, mas que a população precisaria de argumentos positivos sobre nossas chances, para poder acreditar numa vitória.

Simon pede-me, numa carta, que eu faça uma sistemática propaganda nas tropas. Infelizmente essa propaganda foi até agora assunto do Departamento de Propaganda da Wehrmacht; mas não posso esperar até que os gorduchos generias e coronéis desse departamento se dignem a agir. Além do mais, não entendem nada do assunto. Portanto, nomearei delegados com poderes para os dois *fronts*, diretamente subordinados a mim, que se deverão dirigir imediatamente às zonas em questão, com diretrizes para as companhias de propaganda e para os funcionários do Reich que fazem a propaganda no interior da Wehrmacht. Espero obter com isso uma melhora notável. De qualquer maneira, colocarei nesses dois postos gente altamente qualificada.

A tarde reúno comigo os colaboradores da propaganda do ministério e da direção de propaganda do Reich — especialmente Wächter, Borcke, Draeger e Krämer, para falar-lhes longamente sobre nossas novas tarefas. Dou especial valor a que agora se faça mais um trabalho minucioso, que não continuemos improvisando e que nosso trabalho seja mais sistemático quanto aos objetivos. Nossos postos de propaganda ainda se fiam demais no governo, que lhes dá suficiente dinheiro e liberdade de movimento, e por isso nosso serviço de propaganda se baseia demais em cartazes e atinge mais as massas, em vez de dirigir-se ao indivíduo. Isso tem de ser modificado o mais depressa possível. Temos de voltar a uma propaganda como nos melhores tempos da nossa luta pelo poder. Também então tínhamos pouco dinheiro e pouca gente e, apesar disso, nossa propaganda era excelente, e afinal nos levou à vitória.

A margem, deve ser anotado que o Ministro do Reich Rosenberg ainda se recusa a dissolver o Ministério do Leste. Ele já não o chama de Ministério para Territórios Orientais Ocupados, porque isso seria grotesco demais, mas apenas Ministério do Leste. E nesse ministério pretende concentrar toda a nossa política do leste. Com as mesmas razões eu poderia instalar um Ministério do Oeste ou do Sul. É uma total imbecilidade. Mas Rosenberg defende o ponto de vista do prestígio e não se deixa convencer por mim de que seu ministério há muito caducou. Será preciso interferir com uma ordem do Führer.

À tardinha não se verifica nenhuma modificação importante no oeste. Isso é péssimo, pois não avançamos nada na cabeça-de-ponte de Linz; ao contrário, os americanos conquistaram um pouco de terreno e ainda se espalham na direção da estrada para Frankfurt. Estão a 2km dela. Se a alcançarem, será muito perigoso para nós. É verdade que nesse território estamos na iminência de colocar novas unidades. No território do Mosela e Ruwer começou a grande ofensiva inimiga. Ainda não há notícias sobre os resultados. Espera-se, no quartel-general do Führer, que consigamos dar conta do recado. Mas já se sabe como é. Até hoje sempre se disse isso antes das ofensivas inimigas; e depois ficávamos a ver navios.

Na Hungria, infelizmente, só se registraram sucessos locais. Não se pode mais nem pensar num verdadeiro progresso. Ao contrário, nosso 6º Exército de ofensiva já passou à defensiva. Em Schwarzwasser o inimigo não avançou, apesar de ataques maciços, o que é sem dúvida mérito de Schörner. Na Prússia Oriental registramos novas brechas, em Breslau duros combates, que se movimentam dum lugar a outro da cidade. Em Gotenhafen conseguimos romper duas vezes o avanço inimigo, mas, conforme participa o comando local, com emprego das nossas últimas reservas.

Ao devolver o protocolo sobre o debate a respeito do caso Pomerânia ao Führer, coloquei na pasta um bilhete escrito a mão: "Nesses protocolos pode-se reconhecer como o Führer tinha razão. Mas é chocante constatar também que os conselheiros militares do Führer não apenas não o compreendem, mas sistematicamente desobedecem às suas ordens claras e categóricas. Como posso ainda confiar em conselheiros militares desse tipo? Aí está, na minha opinião, a raiz dos nossos fracassos." Por causa dessa anotação nos documentos, o Führer me telefonou ao entardecer. Falamos primeiro rapidamente sobre a guerra aérea, e depois ele passa a comentar os protocolos que me enviou. Exprimo com toda a clareza o profundo abalo que sua leitura me causou. O Führer me dá explicações detalhadas de como chegamos a esse estado de coisas e acrescenta que foi exatamente como no caso Moscou ou Stalingrado. Diz que ele enxergara o certo; mas seus colaboradores militares o haviam abandonado. Seu reconhecimento intuitivo teria sido sempre abafado pela gritaria dos *experts*, e assim se explicava a maioria das nossas derrotas. Mas agora agiria enérgica e brutalmente. Não pretendia mais tolerar tais atitudes, que haviam causado tão sinistros resultados. Assim, por exemplo, no caso da ponte de Remagen, já tinham sido pronunciadas e executadas quatro sentenças de morte. Conta-me ainda o Führer que à tarde esteve com Himmler e que lhe passou um severo sermão. Refiro-me ao que observei no livro do estado-maior sobre marechais e generais soviéticos e acrescento que tenho a impressão de que absolutamente não podemos mais concorrer com essa escolha de líderes. O Führer concorda inteiramente comigo. Os membros do nosso estado-maior são todos velhos e gastos demais, são inteiramente estranhos ao nosso pensamento e posição nacional-socialista. Grande parte dos nossos generais nem ao menos deseja a vitória do nacional-socialismo. Em compensação, o estado-maior soviético não é apenas fanaticamente convencido do ideal bolchevista, mas luta com o mesmo fanatismo pela vitória, o que lhe dá uma enorme superioridade. O Führer está decidido a reformar a Wehrmacht, ainda durante a guerra, de tal modo que ela saia desta guerra com uma fundamental atitude nacional-socialista. Acrescento que nós alemães aprendemos tudo muito tarde, mas a fundo. E que talvez isso também se aplique aqui.

O Capitão Krüger, da NSFO (Organização Nacional-Socialista de Liderança) do 9º Exército, me dá notícias sobre a visita do Führer ao *front* do Oder. Essa visita transcorreu com extraordinário brilho. O Führer mostrou-se absolutamente superior aos generais, não só em saber mas também em discernimento, tendo conquistado a maior admiração. Seu estado físico está um tanto abalado. Os generais comentaram sem rodeios que os rebeldes de 20 de julho são culpados do tremor nervoso do Führer, que deviam ser tirados de suas sepulturas e rasgados em quatro pedaços.

A tardinha temos novamente o costumeiro alarme por causa dos Mosquitos. Estes chegam agora com regularidade sistemática, todos os dias, ao entardecer. Aos poucos os milhões de habitantes da capital do Reich tornam-se um tanto nervosos e histéricos. É compreensível, pois as pessoas têm de descer a cada vez aos abrigos antiaéreos, sob circunstâncias tão primitivas de proteção. Isso é uma tortura que, a longo prazo, dilacera os nervos, em especial quando se tem a firme convicção de que tão cedo não haverá fim para esses ataques diários.

17 de março de 1945, sábado

Ontem:

Situação militar:

Os soviéticos iniciaram fortes ofensivas no leste, no território de Morávia-Ostrau, a sul de Breslau e em Stettin.

No setor Morávia-Ostrau, o *front* ofensivo está como antes entre Boelitz e Pavlovitz; também a norte de Ratibor os soviéticos estão atacando. Em direção de Oderberg o inimigo conseguiu uma brecha de 5 a 6km de profundidade. Todos os demais ataques foram repelidos, com grandes perdas do lado inimigo. No setor Morávia-Ostrau estamos tomando fortes contramedidas. A sul de Brieg o inimigo entrou no território de Grottkau em direção ao Neisse. Conseguiu obter várias brechas profundas, em encarniçadas batalhas, nas quais sofreu pesadas perdas. Também ali estamos tomando providências com importantes forças alemãs. Ao mesmo tempo, fracassaram intensas ofensivas contra Breslau, exceto por uma brecha ao sul da cidade. Também a guarnição de Glogau repeliu fortes ataques do sul.

Nos *fronts* do Neisse e do Oder realizaram-se apenas combates locais. Um pequeno ataque a Fürstenberg foi repellido e o inimigo rechaçado num contra-ataque. Também em Lebus não houve mudanças.

O inimigo atacou intensamente contra nossas posições na margem leste do Oder, diante de Stettin. Alcançou a ferrovia Greifenhagen-Stettin e avançou a sudeste de Stettin sobre a auto-estrada até o Oder Oriental. Todos os demais ataques, especialmente a leste e sudeste de Stettin, foram repelidos. Nossa defesa ali é muito forte também. Ao todo foram ontem derrubados 77 tanques soviéticos nesse setor. Uma tentativa inimiga de atravessar o Rievenov foi rechaçada; forças isoladas que avançaram sobre o rio foram repelidas num contra-ataque. Do leste o inimigo entrou em Kolberg, onde se desencadearam violentos combates de rua. Dos 50.000 refugiados reunidos em Kolberg, foram retirados até dois dias atrás 40.000.

Do grupo de tropas norte (região Dantzig-Königsberg) não surgiram notícias por causa da destruição nas linhas de comunicação.

Em Kurland apenas combates locais.

No oeste o inimigo agora também ataca, além dos pontos cruciais — a cabeça-de-ponte de Linz, o *front* de Kassel e Ruwer —, a zona entre Saarbrücken e Hagenau. O objetivo dessas operações é, sem dúvida, romper nosso *front* do Saar e conquistar toda a região a sul do Mosela e a oeste do Reno.

Na cabeça-de-ponte de Linz o inimigo conseguiu avançar suas brechas a leste de Honnef até Egidienberg, alcançando a auto-estrada. Nossa oposição ali é muito violenta e o inimigo sofreu perdas extraordinárias. Em outras partes da cabeça-de-ponte não conseguiu avançar.

No Mosela, entre Alken e Treis, onde no dia anterior o inimigo atravessara o Mosela e avançara em direção de Boppard, dirige-se agora para o sul, estando a cerca de 6km a sul do Mosela.

Na parte superior do vale do Ruwer, o inimigo fortaleceu seus ataques e conseguiu avançar cerca de 5 a 6km mais para o leste. Os combates realizam-se agora a cerca de 7 a 8km a leste do vale do Ruwer, na região de Weiskiechen e a norte dali. Entre Saarbrücken e Hagenau o inimigo ganhou diversos quilômetros de terreno, igualmente entre Saargemünd e Bitsch. Bitsch, porém, está em nossas mãos.

Nossas batalhas realizam-se no território a 5km oeste e sudoeste de Bitsch. No setor Reichshofen-Hagenau o inimigo não conseguiu mais do que insignificantes sucessos localizados.

Não há notícias especiais do *front* italiano.

Nossos caças derrubaram sobre o território leste do *front* 30 aviões soviéticos.

No território oeste do *front* reinou mais uma vez viva atividade de caças-bombardeiros inimigos e bombardeiros bimotores, com centro de gravidade no território de Reno-Meno.

No território do Reich entraram durante o dia cerca de 1.200 bombardeiros quadrimotores americanos, com forte proteção de caças (750), realizando ataques nos arredores de Berlim, principalmente em objetivos industriais e de transporte, como ferrovias. Cerca de 300 bombardeiros quadrimotores britânicos, com proteção de caças, atacaram objetivos de indústria e transportes em Dortmund. Da Itália, entraram cerca de 600 bombardeiros quadrimotores americanos, realizando ataques sobre Schwarzheide, na área de Seftenberg, Viena, Wiener-Neustadt e Moosbierbaum. Ao todo foram derrubados, por caças e artilharia antiaérea, 7 aviões inimigos.

A noite cerca de 200 bombardeiros quadrimotores britânicos atacaram Hagen e 250, Hanover. Ataques noturnos de 30 Mosquitos sobre Münster e de 60 Mosquitos sobre Berlim. 50 caças-noturnos e canhões antiaéreos derrubaram à noite 16 aparelhos inimigos.

A situação nos territórios ocupados pelo inimigo à esquerda do Reno parece desenvolver-se de maneira bastante infeliz. Por exemplo, fala-se na imprensa inimiga em circunstâncias extraordinariamente tristes em Colônia. A população teria mergulhado na mais funda apatia. A fome já estaria imperando na cidade, acompanhada de epidemias. Acredito que tais circunstâncias assumirão dimensões catastróficas, pois ingleses e americanos sequer pensam em ajudar os alemães que ficaram lá. Estes agora estão pagando caro sua desobediência às nossas ordens de evacuação.

O Primeiro-Ministro britânico Churchill encara todo esse sofrimento com absoluta indiferença. Faz, diante do congresso do Partido Conservador inglês, um discurso cujo tom sombrio dificilmente poderá ser superado. Raramente se ouviu Churchill empregar esse tom. Volta-se contra a oposição interna, que se

mostra cada vez mais forte contra a sua política, acusa-a de idéias nada nacionalistas e anuncia sua própria decisão de prosseguir a guerra na Europa, sob quaisquer circunstâncias, ainda que isso resulte num caos total. Exige do Reich uma capitulação incondicional, mesmo se tivermos de sucumbir em confusão e ruínas. Talvez tal exigência até venha ao encontro dos nossos desejos. Contudo, voltamo-nos energicamente contra o fato de que a imprensa nos designe como sendo os anarquistas que precipitam a Europa nessa terrível desgraça. É o conhecido método de fazer crer que os culpados não são os assassinos, e sim os assassinados.

De resto, Churchill está convencido de que a paz virá em breve, mas que ainda resta pela frente uma longa e difícil guerra no Japão. A precariedade dos transportes causa a maior aflição aos Aliados ocidentais. Dizem que isso provocará um reinado da fome em quase todas as partes do mundo, durante vários anos após a guerra. Mas isso em absoluto não interessa a Churchill. Ele sempre poderá comer até se saciar. Só lhe importa vencer na Europa, ou realizar aquilo que os ingleses chamam de vitória, e destruir o Reich. Pode-se imaginar o efeito desse discurso na opinião pública inglesa. O *Daily Mail* chama-o de "discurso de Dunquerque", e é isso que ele é de fato. Churchill só teve derrotas no campo da política de guerra. E teve inclusive de admitir isso abertamente, ao responder a uma pergunta na Câmara dos Comuns, dizendo que, na verdade, em Ialta se realizara uma dissensão entre nações grandes e pequenas, que as grandes nações, isto é, as nações vitoriosas — como as chama Churchill — poderiam pedir para si todos os direitos, ao passo que as nações pequenas teriam de cumprir devota e servilmente as suas obrigações. No consenso das decisões de Ialta, considerar-se-á país-agressor, no futuro, apenas um país pequeno; os países grandes são moralistas demais para realizarem agressões. Além disso, querem saciar-se de tal modo nessa guerra, que tão cedo não terão mais apetites. É simplesmente grotesco imaginar a União Soviética agredida pela Suécia ou pela Inglaterra ou pela Suíça, e depois a União Soviética, os Estados Unidos e a Inglaterra tendo de se reunir para constatar que Suécia ou Suíça foram países agressores. Essa insensatez, naturalmente, foi imaginada por Stalin. Assim, haveria um alibi para qualquer arbitrariedade contra os países pequenos. Nessa questão os Estados Unidos e a Inglaterra disseram "amém" a Stalin. E Churchill responde às queixas diante desse fato com um dar de ombros e com as palavras: "Que se pode fazer? Estamos totalmente impotentes!"

O mundo todo está cheio de boatos de cessar-fogo. Afirma-se que Rundstedt teria enviado delegados com a oferta de deposição de armas. Esse boato é uma completa loucura. Foi desmentido por Washington depois de 24 horas. Mas serviu para a Bolsa de Nova York especular diligentemente na baixa. E também causou nos Estados Unidos uma embriaguez de vitória com consideráveis efeitos na política interna.

Por outro lado, esses boatos de paz provêm da missão cumprida por Hesse, um colaborador de Ribbentrop, em Estocolmo. Essa missão tinha a finalidade de manter contatos com a oposição ocidental. E essa tomada de contato agora é sensacionalmente divulgada por Estocolmo e Londres. Pode-se imaginar como as manchetes explodirão no mundo inteiro. É simplesmente grotesco que essas notícias dêem Himmler e não o Führer como garantia de paz para a Alemanha. Dizem que um poderoso grupo alemão teria oferecido

a cabeça do Führer como penhor de paz. Naturalmente, nada disso é verdade. Foram os próprios ingleses que inventaram essa história. Mas respondem que exigem muito mais cabeças, não só a do Führer. Em Londres todos se fingem totalmente desinteressados nessa questão. O mundo neutro, porém — especialmente o mundo neutro dos negócios —, mostra-se extraordinariamente ativo, por acreditar que nisso reside uma saída para a guerra e uma fuga à ameaça do bolchevismo. Tal evolução seria possível se nossas tropas mantivessem ao menos o *front* do Reno e do Mosela. Mas, ao menos no que concerne ao Mosela, não é o caso. As pesadas perdas sofridas pelo inimigo são por enquanto nossa única chance militar. Os americanos avaliam tais perdas em 839.000 homens do seu lado. Cifra não muito considerável numa guerra como esta, embora possa significar alguma coisa para os Estados Unidos.

Os ingleses estão agora tratando de reorganizar lentamente a economia nos territórios por eles ocupados. Querem importar para a Inglaterra carvão alemão e exportar o carvão inglês para outros países. Calcularam a derrota da Alemanha de modo a obterem o maior proveito possível, e estão insatisfeitos porque os americanos e soviéticos lhes querem fazer concorrência.

Os soviéticos já não têm qualquer consideração para com a opinião pública inglesa. Efetuam prisões em massa na Polônia, atacam a Turquia na questão dos Dardanelos, para provocarem conflitos. Esse caos se manifesta em revoltas causadas pela fome, em saques públicos, num crescente tráfico ilegal, em resumo, em sintomas mórbidos que não podem mais ser ignorados. Acrescenta-se a isso a evolução na Romênia, diligentemente manipulada pelos soviéticos, que levanta a maior indignação em Londres, mas nada mais do que isso.

Ao meio-dia ofereço em minha casa uma grande recepção aos jornalistas alemães, locutores de rádio, e publicitários que trabalham em Berlim. Falo-lhes durante uma hora e meia sobre o quadro atual da guerra e as conseqüências que se podem tirar dela para uma orientação na política de noticiosos e propagandas. Acho que estive em boa forma e forneci valiosa orientação de trabalho a esses senhores. De qualquer modo, essa recepção terá efeitos bastante positivos para a imprensa e o rádio alemães.

Nas últimas 24 horas desencadearam-se novamente os mais desvairados ataques aéreos sobre o território alemão do Reich. Entre outros, o Comando Supremo do Exército em Zossen foi bastante danificado. Mas não nos devemos impressionar demais com isso. A situação em Essen é tal que agora surgiu ali uma extrema falta de pão, fato de que também se queixam muito no território do sul da Vestfália. Temos de mandar ajuda do Reich; mas nossas provisões de farinha já não permitem muito generosidade. O pior é que quase não obtemos mais notícias das cidades bombardeadas. As ligações telefônicas estão totalmente cortadas; dependemos unicamente do rádio. Mas, ainda assim, é preciso que tudo funcione.

Parte do departamento de Ellegering é agora obrigado a mudar-se para o centro da Alemanha, pois em Berlim praticamente não tem mais possibilidades de trabalhar. Contudo, o próprio Ellegering deverá por enquanto manter seu posto no Lago Wannsee.

Faço preparar um memorial sugerindo considerável redução na Luftwaffe. A Luftwaffe ainda hoje carrega um aparato pessoal e administrativo muito superior às suas atuais tarefas e possibilidades. Temos de começar do início,

reduzindo a organização e o pessoal às proporções da sua capacidade real de hoje. Numa consideração objetiva, a situação é a seguinte:

Até o fim do mês a Luftwaffe dispõe de 30.000t de gasolina. Parte disso está reservada para casos de emergência. Novos fornecimentos de gasolina são esperados apenas para o outono. Até lá, não decolarão mais aviões a gasolina, exceto para transporte de provisões. Conforme essa situação de combustível, todos os tipos de aviões utilizados até agora estão riscados do programa de armamentos, exceto os seguintes:

- 1) Me 262, caças a reação, equipados de 4 canhões (com granadas de 3cm);
- 2) He 162 (ainda não experimentados);
- 3) Ta 152, caças para um só piloto;
- 4) Arado 234;
- 5) Ju 88 como caças noturnos.

Os caças perdidos nas últimas semanas foram em 60% derrubados pelo inimigo.

O programa da aviação para os próximos meses deverá ser (mensalmente):

- 1) 1.000 aviões Me 262, com reserva de 500 aviões e cerca de 600 aparelhos no *front*;
- 2) 500 He 162 com reserva de 1.000 aparelhos;
- 3) 500 Ta 152;
- 4) 80 a 100 Arados 234;
- 5) 50 Ju 88.

O centro da produção geral é, segundo decisão do Führer, o Me 262, que tem autonomia de voo de 70 minutos e voa com uma espécie de óleo diesel do qual temos à disposição 44.000t, estoque que podemos manter nesse nível. O Ministro do Reich Speer fará o máximo para dar prioridade ao Me 262. A produção em série está tão avançada, que em dois a três meses pode começar a grande ofensiva sobre os aviões inimigos. As realizações até agora conseguidas permitem pressupor que a proporção de aviões abatidos nos é favorável em cinco a um. Só uma breve ação de 23 Me 262 recentemente abateu com certeza sete bombardeiros e provavelmente mais quatro bombardeiros e quatro caças inimigos, perdendo, de nossa parte, um único aparelho. Os Mosquitos são simplesmente destroçados pelos projéteis dos Me 262. Os bombardeiros são liquidados com quatro ataques. Depois de um mês de combate, o inimigo anglo-saxônio deverá registrar tais perdas, que sua ofensiva aérea se reduzirá.

O Ministro Speer ordenou a concentração de toda a energia — de transportes e forças de trabalho — para consecução do programa de produção dos Me 262. A indústria pode produzir sem dificuldade as peças desses aparelhos. A construção de pistas de decolagem, sem concreto, utilizando auto-estradas, já foi iniciada. Os aparelhos estão escondidos em florestas, em pistas de decolagem rodeadas de montes de terra, tapados por telhados primitivos, de tal modo que mesmo bombardeios em extensão não podem acertá-los em grande escala. Estamos cuidando severamente das possibilidades de provisão de material para o engenheiro-chefe Mahnke. A imitação do Me 262 por parte do inimigo levará dois anos.

Para a realização do programa dos Me 262 empregaram-se seis especialistas, entre eles o Dr. Degenkolb. A direção da produção dos Me 262 foi entregue aos generais mais experimentados:

- 1) General Kammhuber (caças noturnos);
- 2) General Peltz (esquadrão de caças).

O que ainda falta é a possibilidade rápida de remover os aviões escondidos para a pista de decolagem (com emprego de engrenagens, 10 minutos; com homens, 1 hora). Estamos trabalhando nesse problema. O programa Me 262 necessita como reserva de pessoal dos 20.000 alunos-aviadores formados, que terão de ser empregados como brigada de proteção de transportes ferroviários.

Com isso temos algumas boas perspectivas para os próximos tempos, mas não devemos alimentar demasiadas esperanças, pois uma reorganização da defesa aérea alemã já foi prometida tantas vezes e tal promessa tantas vezes não foi cumprida, que gostaríamos de ver primeiro fatos para depois encararmos tais promessas como realidades.

Na inspeção dos diversos departamentos da Wehrmacht, descobrimos sempre novos truques de parte dos nossos estados-maiores contra a mobilização para uma guerra total. É muito difícil levar às casernas, ou ao *front*, os homens disponíveis e indispensáveis. Empregamos métodos bastante sumários para obter resultado. Também nisso a Luftwaffe está liderando a resistência passiva. Mas igualmente nos diversos setores do Exército não se pode relaxar. O General von Gottberg agora mobiliza sob minhas ordens o pessoal disponível, sem maiores rodeios, e os envia rapidamente ao *front*, que é, afinal o seu lugar.

Pela correspondência que me chega, percebo uma funda letargia em todo o povo alemão, quase raiando à desesperança. Fazem-se as mais severas críticas à Luftwaffe, mas também a toda a nossa orientação na guerra. Somos acusados de termos sido desmedidos demais na política e na guerra, que nossa liderança relaxou especialmente na guerra aérea e que a isso se atribui especialmente a nossa desgraça. Quanto à falta de comedimento, somos acusados em particular na campanha do leste, o que não deixa de ser parcialmente verdade. Nossos oradores nas reuniões populares já não conseguem os efeitos de antes. Os argumentos, baseados só em exemplos históricos, já não convencem. Meu último discurso no rádio é julgado de formas variadas. Em parte recebe os mais altos elogios, mas em parte os ouvintes se ressentem da falta de argumentos positivos para um prosseguimento da guerra. Tenho a vaga sensação de que mesmo os melhores argumentos não surtem mais efeito algum num povo cansado e desgastado pela guerra.

Aproveito a oportunidade para mostrar minuciosamente, num artigo de fundo intitulado "A História como Mestra", a força dos exemplos históricos. Espero conseguir isso, mas sei claramente que na época atual só um real sucesso poderia ser efetivamente convincente. Todo o resto entra por um ouvido do povo e sai pelo outro.

À tardinha anuncia-se que nosso *front* na região do Saar e em Bitsch foi, de modo geral, mantido. Mas o *front* do Mosela está desmoronando lentamente. O inimigo avançou até ao norte de Saarbrücken, de modo que há o perigo de que Saarbrücken seja cercada por trás. De nossa parte, fazemos o possível para

enfrentar esse perigo. Kesselring esteve de novo com o Führer e recebeu ordens minuciosas. Esperamos dominar de novo a situação, agora tão crítica; mas estou um tanto cético. Tantas vezes assumi tais esperanças e as vi, em dois, três dias se diluírem num nada, que também neste caso prefiro aguardar fatos para depois formar um julgamento final.

Em todo o *front* do leste a atividade ofensiva dos soviéticos se desencadeou novamente. A oeste do Lago Velencz realizam fortíssimos ataques, que, de modo geral, pudemos defender. Nossa cabeça-de-ponte sobre o Sio foi ampliada. Queremos em breve retomar a ofensiva. Em Grottkau o inimigo conseguiu algumas brechas. Trata-se de uma grande ofensiva, de primeira classe; mas Schörner está convencido de que conseguirá dominar a situação. Essa grande ofensiva dirige-se contra a região das minas de carvão e de indústrias, em Morávia-Ostrau, que não podemos perder de modo algum. Também nós estamos realizando contra-ataques nessa área, mas temos de aguardar os resultados. A ligação com Küstrin foi interrompida; esperamos retomá-la em seguida. Em Kolberg realizam-se aparentemente os últimos combates. Nossos soldados não estão mais em condições de resistir ordenadamente ao inimigo. Os soviéticos tentaram avançar em Zoppot; não conseguiram. Na Prússia Oriental o inimigo conseguiu brechas profundas, mas nenhuma invasão. Por toda parte realizam-se combates extraordinariamente pesados de ataque e defensiva e mais uma vez tudo no *front* do leste está de pernas para o ar.

A tardinha reforçam-se as notícias do lado neutro e do inimigo sobre intenções de paz por parte da Alemanha. Publicam-se agora em manchetes nos jornais de quase todo o mundo. Em Londres protesta-se energicamente contra o fato de que nossos mediadores tenham sido levados a sério. Dizem que logo após a missão de Hesse ter sido conhecida, os Estados Unidos e a União Soviética foram avisados. Vê-se nisso tudo uma clara tentativa de pescar em águas turvas e destruir a coalizão inimiga. Essa tentativa é recebida com franca repulsa em Londres, enquanto os demais Aliados inimigos não emitiram sua opinião. Tal repulsa era de se esperar por parte da Inglaterra. A Agência Reuters esclarece que as sugestões alemãs foram totalmente ignoradas. E surge a difícil questão de como dizer isso ao Führer, uma vez que era muito cético em relação a essa tentativa e, mais uma vez, ele teve razão. Também acredito que ela não foi executada com muita habilidade, caso contrário teria provocado outra reação ou, ao menos, não tão ruidosa. De resto, acho que os ingleses em breve vão parar de divulgar tais notícias, pois do contrário teriam a temer que seu próprio povo começasse a interessar-se demais por elas.

Meu discurso ante os jornalistas surtiu profundo efeito. Nesse exemplo pode-se ver mais uma vez que, falando corretamente com pessoas politicamente ativas, que têm visão das coisas, encontra-se o caminho de seus corações e de suas mentes. Vou repetir mais vezes tais encontros.

A tardinha, novo ataque de Mosquitos sobre a capital do Reich, o que praticamente já se tornou rotina diária.

18 de março de 1945, domingo

Ontem:

Situação militar:

No *front* do leste, o centro de gravidade dos combates esteve na região a leste e norte de Morávia-Ostrau, onde o inimigo empregou grandes forças blindadas. No decorrer dos combates, realizados entre Bielitz e Cosel, e a norte de Neisse, foram destruídos, somente ontem, 239 tanques soviéticos. Na região entre Bielitz, Schwarzheide e Pavlovitz, foram repelidos todos os ataques e parcialmente neutralizadas pequenas brechas em contra-ataques. A sul de Cosel o inimigo conseguiu brechas menores de 3 a 4km de profundidade, que foram imediatamente trancadas. Também entre Glogau e Neisse os bolchevistas ganharam algum terreno, e avançaram até 10km a norte de Neisse. Essas entradas também foram parcialmente neutralizadas por contra-ataques nossos. Ofensivas de batalhões contra Breslau e Glogau foram todas rechaçadas. No *front* próximo, até Stettin, não ocorreram atividades especiais. Também na luta pela cabeça-de-ponte de Stettin, a fúria dos ataques inimigos abrandou-se um pouco. Em contrapartida, houve intenso fogo de artilharia contra nossas linhas, acarretando baixas consideráveis. Diversos comandantes e altos oficiais tombaram. Os ataques do inimigo, porém, não conseguiram romper nossa linha. Só em Greifenberg obtiveram uma pequena brecha local. A sudeste de Stettin os bolchevistas foram algo afastados para a retaguarda, num contra-ataque. Em Kolberg a guarnição defendeu-se no porto. Do grupo de exércitos norte (Dantzig-Kolberg) não recebemos notícias mais detalhadas, novamente por causa da interrupção nas linhas de comunicação. Na véspera o inimigo fora algo rechaçado em duros combates em Gotenhafen, enquanto apertava mais a cabeça-de-ponte na Prússia Oriental. Esses duros combates devem ter prosseguido também ontem. Em Kurland, apenas batalhas locais.

No território húngaro nossa ofensiva entre a ponta oeste do Plattensee e Kaposvar conseguiu, num largo *front*, um avanço de cerca de 2 a 3km; nos demais setores de ofensivas — especialmente na região de Stuhlweissenburg — o inimigo contra-atacou fortemente, em particular com a sua infantaria. Todos os ataques, exceto uma entrada entre Stuhlweissenburg e Felsögalla, foram repelidos.

Depois que, no *front* do oeste, conseguiram conquistar as partes altas do Mosela entre Alken e Treis, os americanos partem com fortes unidades blin-

dadas em direção ao sul, sobre Simmern, Bad-Kreuznach e Hochstetten (ao longo da estrada Kreuznach-Kaiserslautern). Essa profunda brecha em nossas linhas é atribuída, pela liderança militar, ao extremo cansaço das defesas alemãs (que não eram mesmo muito fortes) e pelo fator surpresa.

Simultaneamente, o inimigo atacou no vale superior do Ruwer, a leste do Ruwer em direção do oeste, conseguindo também ali uma brecha de cerca de 15 a 20km de profundidade, que o levou a Rheinsfeld e Hermeskeil. Ao sul dali, pontas inimigas chegaram à região a 6km sudoeste de Hermeskeil. Os ataques inimigos entre Saarbrücken e Reno foram repelidos, exceto algumas brechas insignificantes. Bitsch caiu nas mãos do inimigo. A 5 ou 6km a nordeste de Bitsch, o inimigo chegou até a antiga fronteira alemã do Reich.

Na cabeça-de-ponte de Linz o inimigo avançou de Honnef para o norte e tomou o Drachenfels. Ao sul conseguiu ampliar sua cabeça-de-ponte em cerca de 2 a 3km na direção de Waldbreitbach.

No *front* italiano não se realizaram combates especiais.

No leste a ação das forças aéreas alemãs foi bastante forte ontem. Derrubamos cerca de 31 aviões soviéticos e, além disso, grande número de tanques, canhões de assalto e colunas inimigas foram aniquiladas.

Na região ocidental do *front* houve de novo movimentada atuação dos caças-bombardeiros inimigos, com centro de gravidade no Mosela, Pfalz e região do médio Reno. Na região de Coblença-Cochem e Bingen, 122 caças alemães foram empregados para combate aos aviões de vôo rasante, e derrubaram 4 inimigos.

Não se registraram entradas de divisões de bombardeiros americanos no oeste do Reich ontem.

Da Itália cerca de 350 bombardeiros quadrimotores americanos atacaram meios de comunicação em Viena, Korneuburg, Moosbierbaum, e Wiener-Neustadt; unidades parciais atacaram Klagenfurt, Graz, Amstetten e S. Valentin. A artilharia antiaérea derrubou 13 aparelhos inimigos.

A noite uma unidade de combate inglesa mais forte, de cerca de 450 bombardeiros, atacou Nuremberg com 250 aparelhos e Würzburg com 200. Nas horas do entardecer, o costureiro ataque sobre Berlim. 42 caças-noturnos empregados contra a unidade de quadrimotores ingleses conseguiram derrubar 42 aparelhos. Cinco outros bombardeiros foram derrubados pela artilharia antiaérea.

As sondagens de paz do Sr. von Ribbentrop foram totalmente por água abaixo. Foram frontalmente repelidas pelos americanos e pelos ingleses. Também foram muito mal realizadas. Um homem como Hesse não é adequado para esclarecer o inimigo a respeito dos conceitos nacional-socialistas. Chamam-no de "alemão cervejeiro" até na imprensa neutra, que nos encara com cordialidade; dizem que nos nossos bons tempos ele fizera apologia da guerra contra a Inglaterra e que por isso a diplomacia britânica o encara como inimigo nº 1. Desse modo, não nos espanta que sua tentativa seja designada de primariamente vã, também nessa imprensa neutra. Logo, não se trata de um fracasso que não se pudesse ter previsto de antemão.

Mas, por outro lado, é significativo que os ingleses noticiem muito pouco essa operação de Hesse. Obviamente temem que, nessa fase da guerra, falar

demais em paz surta efeito desfavorável na opinião pública inglesa. O povo britânico, apesar dos sucessos militares alcançados pelos anglo-americanos, está extraordinariamente cansado da guerra, e o fato é que quando, no auge de uma guerra, se fala demais em paz, essa conversa aos poucos se torna contagiante.

Não pode haver dúvida de que a sondagem de Hesse é rechaçada de comum acordo por todo o lado inimigo. Mas os ingleses também sabem que são ilusórias as esperanças numa rebelião interna, na Alemanha, contra o nacional-socialismo ou a pessoa do Führer. Os boatos, tão divulgados na América, sobre capitulação, são considerados puras manobras da Bolsa. Portanto, os judeus em Nova York especulam, no momento, em baixa, para comprarem pelo preço mais reduzido possível as ações de guerra e armamentos.

Também Roosevelt se vê obrigado a desmentir os boatos de capitulação que se tecem em torno da pessoa de Rundstedt, por temer efeitos desagradáveis à indústria americana.

A evolução militar no oeste é das mais infelizes. Na região do Mosela surgiu um quadro desolador. O Führer acreditara que o Mosela pudesse ser conservado como linha defensiva. Mas essa pressuposição falhou. Os americanos conseguiram atravessá-lo num amplo *front* distribuindo-se agora pela região entre o Mosela e o Reno sem resistência digna de nota. Com isso, naturalmente, também nosso *front* do Saar ficou altamente ameaçado. Defendeu-se e se manteve com a maior bravura na linha Siegfried, mas devemos temer que agora nos ataquem pelas costas. Às vezes nos perguntamos, desesperados, onde afinal nossos soldados pretendem fixar-se. Essa fixação de posições não pode depender de derrotas materiais ou baixas humanas, pois nesse *front* o inimigo não é tão superior assim. No *front* do oeste, defende-se a perigosa opinião de que devemos deixar os anglo-americanos entrarem no Reich, para não cairmos em mãos soviéticas. Isso é naturalmente uma idéia nefasta, e precisamos tomar sérias medidas para eliminá-la. De outro lado, seria preciso ter algumas chances palpáveis de vitória para apresentar aos nossos soldados e à população civil. Mas que podemos dizer? No momento estamos em condições tão precárias, que todas as tentativas de apaziguá-los quanto à situação militar pouco frutificam. Também o relatório do Comando Supremo da Wehrmacht assume um tom grave e sombrio. Qualquer um que o leia atentamente pode deduzir que no oeste começou uma verdadeira derrocada, sem que, ao menos no leste possamos nos manter firmes.

Quanto ao oeste, os americanos trazem à luz notícias dramáticas sobre a vida em Colônia. Dizem que a população sofre a mais negra miséria, limitada a um terço das rações de alimentos distribuídas hoje nos Estados Unidos.

Os americanos estão diligentemente instalando um governo seu em todos os territórios do oeste que conseguiram ocupar. Até na cabeça-de-ponte de Linz já tomaram medidas a esse respeito.

À tardinha Washington participa oficialmente que mesmo uma capitulação incondicional do Reich já não bastaria ao inimigo. Pretendem, em quaisquer condições, ocupar todo o território do Reich. Por enquanto ainda não apresentam exigências além desta. Talvez ainda venham a exigir que todos nos enforcemos ou nos matemos com um tiro. A fúria aniquiladora do inimigo produz hoje os mais estranhos frutos. Os excessos de vingança evidentes na imprensa judia da Inglaterra e dos Estados Unidos são incomparáveis. Dão prova de um cinismo insuperável. Gloriam-se abertamente da destruição de cidades alemãs, sim, até

de monumentos culturais alemães, dando com isso um testemunho para os contemporâneos que nos faz tremer de vergonha. Também do último discurso de Churchill pode-se deduzir uma sombria concepção dos meios liderantes ingleses quanto ao futuro da Europa. Esse discurso, segundo dizem, devia colocar uma bomba no Partido Conservador. Churchill alimenta o plano de dividir não só o Partido Conservador, mas também o Partido Trabalhista, para organizar, com os pedaços dos dois, um novo partido. Churchill é um elemento destruidor. Certamente entrará na história da humanidade como o Eróstrato da Europa, que só conseguiu imortalizar seu nome destruindo o que muitas gerações construíram em muitos séculos.

Mantém encontros com o judeu americano Brauch, que também pretende visitar Stalin. Com esses encontros deverão combinar o saque ao Reich em todas as suas minúcias. O inimigo ocidental não é capaz de mostrar uma única atitude positiva.

O Primeiro-Ministro belga van Acker declara, em entrevista, que nós alemães, durante o período de ocupação, enviamos para a Bélgica 20 vezes mais alimentos do que os Aliados. E, apesar disso, estes bancam lá os libertadores da aflição e da miséria social.

No momento fingem-se extraordinariamente espantados com a evolução política na Romênia. Os soviéticos os escamotearam totalmente para fora do país e fazem sua própria política. A Cortina de Ferro baixou sobre o destino da Romênia. O que se desenrola por trás já não chega aos ouvidos de um mundo de resto indiferente.

Benesch age mais cautelosamente do que Radescu. Vai logo a Moscou, para deixar o Kremlin sancionar o governo que planeja para a Tchecoslováquia. E esse governo certamente terá aspecto comunista.

Os soviéticos recomeçaram a trabalhar na Alta Silésia. As minas estão em pleno funcionamento. Os operários recebem do governo soviético uma alimentação miserável, mas já não se fala em terrorismo. De certo, Stalin pretende tirar da Alta Silésia tudo o que for possível em matéria de potencial de guerra.

Na Noruega começou uma grande onda de sabotagens e atentados. Provavelmente os noruegueses não podem esperar a hora de caírem sob controle soviético. Mas está-se agindo com a maior severidade contra tais sabotagens e atentados. Terboven terá muito trabalho.

A situação interna do Reich é determinada quase exclusivamente pela guerra aérea. Aí está a nossa verdadeira fraqueza em toda a guerra. Pela primeira vez desde muito tempo tivemos consideráveis aviões inimigos derrubados a registrar, e isso porque nossos caças noturnos decolaram. As baixas inimigas foram ultimamente tão vergonhosamente poucas, que nem podiam ser mencionadas nos relatórios do Comando Supremo da Wehrmacht.

O problema da evacuação ainda causa preocupações extraordinárias. Na Pomerânia dizem que 600.000 pessoas caíram nas garras dos soviéticos. Isso se deve principalmente a que nossos líderes militares não ouviram os avisos do Führer, de que o ataque soviético se dirigiria sobre a Pomerânia. O Führer permanece firme na opinião de que também o oeste deveria ser evacuado conforme as possibilidades. Essa ordem provoca as maiores dificuldades, pois os habitantes do oeste não mostram a menor vontade de se mudar para o centro do Reich, onde imperam condições tão inseguras.

Parece quase piada, dentro da trágica situação do Reich, que Rosenberg ainda não se mostre disposto a dissolver o Ministério do Leste. Dá vontade de lhe dar umas pauladas na cabeça, pois de que adianta falar sensatamente se a burrice dos chamados homens proeminentes simplesmente não quer aceitar argumentos sensatos?

A ação do General von Gottberg, objetivando conseguir o maior número possível de soldados para o *front*, com a maior rapidez possível, está sendo concretizada com meios bastante radicais e improvisados. Mas consegue bons resultados. Gottberg age com extraordinário rigor; ao menos consegue levar ao *front* os fracos que até hoje souberam escapar desse serviço.

O balanço semanal da defesa da capital do Reich saiu extremamente bem. Conseguimos, no decurso de oito dias, aumentar extraordinariamente nossas provisões de armas e alimentos. Agora, embora em circunstâncias demasiadamente limitadas, poderíamos agüentar um sítio a Berlim de cerca de 10 a 12 semanas. Em diversos setores, especialmente na produção de tanques e canhões de assalto, registra-se forte ascensão. Só a produção de munições ainda se encontra limitada. Mas já tomei medidas adequadas para vencer esse impasse. Agora se erguerá uma linha defensiva a oeste de Stettin até Hoppegarten. Essa linha defensiva deverá ser constituída o mais depressa possível através do encaminhamento de 100.000 homens. Também Berlim oferecerá grandes contingentes para isso.

Durante o dia todo executo trabalhos exaustivos. A tardinha temos o costumeiro ataque de Mosquitos a Berlim, mas, graças a Deus, sem causar tantos prejuízos. Já aceitamos isso quase como um hábito cotidiano. Não conseguimos derrubar muitos desses Mosquitos. Têm uma vantagem de cem por cento sobre nós. Quando se imagina isso a longo prazo, dá para sentir calafrios. Mas também ao lado inimigo não faltam preocupações muito duras. Embora não estejam tanto no campo militar, são mais destacadas no terreno político. Tudo depende de quem perder pé primeiro na crise política do lado inimigo, ou a crise militar no nosso próprio lado.

19 de março de 1945, segunda-feira

Ontem:

Situação militar:

No território húngaro, nossas operações ofensivas entre Plattensee e Drau conseguiram ganhos de terreno insignificantes. Entre o Plattensee e o Canal Sarviz, foram rechaçados fortes contra-ataques soviéticos, e na nossa ofensiva conseguimos um pouco de terreno para o sul.

No território eslovaco o inimigo prosseguiu na sua ofensiva em massa contra Neusohl. Em combates na floresta obtemos pequenos ganhos de terreno.

Na região de Schwarzwasser repeliram-se fortes ataques soviéticos. Violentas ofensivas inimigas da cabeça-de-ponte a norte de [uma palavra ilegível] e na região de Neisse depararam-se com forte defensiva alemã. As fortalezas de Breslau e Glogau repeliram ataques soviéticos de diversos lados.

Em todo o *front* vizinho, até Küstrin, só se realizaram combates locais.

No território pomerano os bolchevistas prosseguem seus violentos ataques contra a cabeça-de-ponte de Stettin. Conseguiram entrar em Altdamm.

Também houve violentos combates na Prússia Ocidental, onde os soviéticos atacaram novamente, com consideráveis forças blindadas e fortíssimo apoio da força aérea, as regiões de Gotenhafen e Dantzig. De modo geral, tais ofensivas foram repelidas.

Também o bastião da Prússia Oriental repeliu fortes ataques soviéticos, fechando brechas e mantendo a ligação do *front*. Novamente derrubados inúmeros tanques inimigos.

No *front* de Kurland, além do ponto nevrálgico atual, a leste de Frauenburg, o inimigo ataca também a sudoeste da cidade, depois de fortes preparativos de artilharia. A exceção de insignificantes entradas dos soviéticos, todos os ataques de ontem puderam ser rechaçados.

No *front* do oeste, a sudoeste de Duisburg, repeliu-se uma tentativa inimiga de travessia.

No médio Reno o dia transcorreu sob o signo de encarniçados combates pela cabeça-de-ponte a leste de Remagen, que o inimigo conseguiu ampliar um pouquinho em alguns setores.

No *front* do baixo Reno, atividade de artilharia e reconhecimento de ambos os lados.

No setor de combates ao sul do Mosela as forças blindadas americanas alcançaram, num largo *front*, as proximidades de Nahe. Podem-se reconhecer

ali três direções no avanço inimigo: contra o Reno, da região Bad Kreuznach para o sul no setor do Nahe, e para oeste atrás do nosso *front* do Saar.

Fortes ataques contra a linha Siegfried, entre Saarlautern, Saargemünd e Hagenau foram repelidos através do fechamento das brechas.

Não há notícias especiais do *front* italiano.

700 bombardeiros quadrimotores americanos entraram antes do meio-dia na região da Saxônia, vindos do oeste, para ofensivas contra Bitterfeld, Plauen-no-Vogtl, Iena e Weimar. Foram atacadas também Neustadt-em-Weistrasse, Kaiserslautern e Frankenberg-no-Eder.

Ao meio-dia uma forte unidade americana de bombardeiros quadrimotores atacou Hanover e Münster. Além disso, também Recklingen foi bombardeada. À tardinha, o costumeiro ataque à capital do Reich, realizado por 55 a 60 Mosquitos. À noite, uma ofensiva de mediana intensidade contra Nuremberg. Além disso, por todo o território do Reich, permanente e movimentada ação de reconhecimento.

Uma única notícia satisfatória nos chega hoje: que, através da nossa constante ofensiva de artilharia e tentativas de dinamitação pelos mergulhadores da Marinha, a ponte de Remagen foi destruída. Os americanos dizem que isso nada significa para seus transportes até a cabeça-de-ponte em Linz, pois dispõem de suficientes pontilhões, mas na verdade aquela forte ponte ferroviária lhes fará muita falta. Seria bom se agora conseguíssemos eliminar a cabeça-de-ponte de Linz. Mas no momento os americanos ainda estão tão fortes que são eles, e não nós, que registram amplos resultados. A cabeça-de-ponte é agora uma das nossas maiores preocupações, sem falar na situação crítica que surgiu na região do Saar. Ali os americanos tentam atingir-nos pela retaguarda, abrindo por trás a linha Siegrifed, exatamente como em 1940 fizeram com a linha Maginot, na ofensiva do oeste. É claro que empregaremos todas as nossas forças para impedir essa tentativa, mas é muito duvidoso se o conseguiremos.

De resto, pronunciaram-se cinco sentenças de morte contra oficiais responsáveis pela não-dinamitação da ponte de Remagen, sentenças essas consumadas e notificadas no relatório do Comando Supremo da Wehrmacht. Isso naturalmente causou sensação. Os oficiais do Comando Supremo do Exército opuseram-se com unhas e dentes ao registro da notícia no relatório da Wehrmacht; mas o Führer não se deixou amolecer, o que foi acertado, pois a consumação de tais sentenças deve ter especialmente efeito educativo. E, se não forem conhecidas, tal não acontecerá.

A evolução política dos fatos está sendo agora cada vez mais determinada pela iminente Conferência de São Francisco. Já surgiu entre os companheiros de coalizão do lado inimigo uma forte disputa por causa dos métodos e programa de trabalho dessa conferência. Os Estados Unidos exigem que em São Francisco se tomem firmes decisões para uma futura ordem mundial e para a organização da chamada paz mundial. Mas os soviéticos opõem-se a isso com todas as forças, pois naturalmente têm todo o interesse em que depois da guerra confirme uma situação instável, a fim de que, onde encontrem oportunidade, possam realizar seus saques. Portanto, Stalin nem pensa em deixar-se amarrar por ingleses ou americanos. Os ingleses, aliás, desempenham papel secundário nisso tudo. É acertado o que o Deputado Shinwell proclama num

discurso como acusação a Churchill, dizendo que este não tem nenhum programa e por isso não pode contar com a paz entre trabalhistas e conservadores, depois da guerra. Já por essa razão Churchill tem interesse em que a guerra termine no maior caos possível. Só assim poderá aparecer como um salvador. Realizou uma política de tudo ou nada, e agora aposta seu último níquel para reconquistar a fortuna perdida na Inglaterra.

A situação inimiga está até agora sendo determinada pela crescente crise de alimentos, não apenas nos países ocupados, mas também nos que dirigem a guerra. Mesmo os Estados Unidos estão sendo atingidos. Os ingleses estão indignados porque os americanos não querem mais ajudá-los, mas estes, como afirmam, não lhes podem prestar auxílio por receio de que uma redução das rações de víveres desencadeie uma baixa no moral americano. Em entrevista à imprensa, Rossevelt tenta esquivar-se de uma decisão mais clara. Os ingleses sabem muito bem que terão de reduzir grandemente suas rações, se no fim da primavera não quiserem ver-se diante de uma catástrofe de fome.

A vida nos territórios ocupados do oeste é descrita como verdadeiro inferno. O povo francês tem de pagar caríssimo pela insensatez do seu governo, que em setembro de 1939 nos declarou guerra. Mas bem que mereceram tudo isso. Igualmente os poloneses, que, com lágrimas nos olhos, prestam contas de suas perdas à opinião mundial: até agora 10.000.000 de seres humanos por morte ou inanição, deportação ou extermínio. Eis o castigo pela altivez polonesa de agosto de 1939. Se na ocasião os poloneses tivessem concordado com nossas propostas extraordinariamente brandas, não se teriam machucado. Mas, agora, correm perigo de perder seu povo pouco a pouco, em morte lenta.

Ingleses e americanos concordam em que a questão romena chegou a uma fase na qual terão de se tornar ativos. Tentam consultar o Kremlin, que fecha os dois olhos e não quer saber dos problemas romenos mencionados pelos ingleses e americanos. A imprensa anglo-americana se lança a críticas ferozes contra a evolução dos fatos na Romênia. É claro que Stalin faz tudo para conseguir, na atual crise da guerra, o máximo possível de colheitas para o seus celeiros. De resto, os anglo-americanos sabem apenas uma partezinha do que realmente acontece na Romênia. Há muito que Stalin baixou a Cortina de Ferro e é por trás dela que se consoma a tragédia do povo romeno, coisa que o governo daquele país bem podia ter previsto, mas que na verdade tudo fez por merecer.

Este domingo foi um dia muito agitado para todos nós. Eu pretendia usá-lo para arrumar alguns papéis; mas o inimigo me roubou essa esperança. A situação no *front* é terrível, tanto no leste como no oeste. No momento, é para o oeste que se dirige nossa maior preocupação. A cabeça-de-ponte de Remagen foi mais ampliada ainda; o pior é que os americanos avançaram sobre o Mosela num amplo *front*, e não só chegaram ao *front* do Nahe, mas atravessaram-no. Parece que não conseguimos mais fazer parar os blindados inimigos naquela região, ao menos por enquanto. Também na Prússia Oriental e na região de Ratibor as coisas transcorrem de maneira bastante infeliz.

Além de tudo, ao meio-dia realiza-se forte ataque aéreo à capital do Reich, causando-nos novamente extraordinárias preocupações. Os americanos atacam com 1.300 bombardeiros, acompanhados de 700 caças, e temos ao todo apenas 28 novos Me 262 para enfrentá-los. Além do mais, nossos aparelhos só têm autonomia de voo para 30 a 45 minutos. Já nas últimas 24 horas realizaram-se

bombardeios maciços contra as mais diversas cidades do Reich e, agora, esse pesado ataque à capital. Berlim permanece sob alarme antiaéreo por duas horas. Foram atingidas especialmente as áreas leste e norte da cidade, que até agora haviam sido mais ou menos poupadas. Após essa ofensiva, a capital oferece mais uma vez o sinistro quadro costumeiro. Aqui de casa posso ver os incêndios em todo o quarteirão dos ministérios. Diante da nossa casa, arde o edifício do Palácio Blücher, que abriga o consulado suíço. Mas isso é apenas um fragmento do que ocorre nesta cidade imensa, de milhões de habitantes. Dirijo-me imediatamente ao quartel-general e peço a Schach um relatório dos prejuízos, até onde no momento se podem avaliar. E esse relatório é tudo, menos confortador.

Schaub é enviado pelo Führer para informar-se da situação. Transmito uma boa porção de críticas à Luftwaffe e a Göring.

Mas, à parte disso tudo, preciso fazer meu trabalho normal. O Führer telefona ao meio-dia para saber da situação em Berlim. Forneço-lhe uma descrição bem realista, especialmente do estado de ânimo que reina entre a população, diante de um ataque aéreo de tais dimensões, praticamente sem defensiva nossa. O Führer acredita que nossos Me 262 conseguiram algum resultado; mas ainda não se viu nada em cifras. De resto, não creio que 28 caças, por mais rápidos que sejam, consigam qualquer coisa digna de nota contra 1.300 bombardeiros inimigos, acompanhados de 700 caças para sua proteção.

O Führer está extraordinariamente ocupado com a situação militar no oeste. Na noite passada manteve conferências sobre esse tema até as 6 da manhã; naturalmente, está exausto. Não se pode mesmo suportar isso a longo prazo, dormindo noite após noite apenas duas horas.

A situação em Berlim à tardinha é mais ou menos a seguinte: os incêndios em grande parte ainda não puderam ser apagados. Em Wedding e Niederschönau os americanos realizaram pesados bombardeios em extensão, causando terríveis devastações. No momento, praticamente não há trânsito na capital. Isso se deve principalmente ao fato de que, por causa do não-funcionamento dos transformadores, não há eletricidade. Contamos mais de 60.000 desabrigados e 500 mortos. Acrescenta-se ainda uma série de escombros onde não se sabe quantas pessoas estarão soterradas. O ataque aéreo produz um efeito pelo menos tão forte quanto o último ataque de terrorismo dos americanos, a 28 de fevereiro. De modo geral, surgiu de novo uma situação bastante caótica e nos próximos dias teremos muito trabalho para fazer a capital retornar mais ou menos a uma existência precária.

Existe ainda o quadro militar que, segundo as notícias ao entardecer, é extraordinariamente inquietante. Em Remagen as coisas se mantiveram mais ou menos. O inimigo continua na auto-estrada; mas por enquanto não se atreveu a avançar mais. Em Coblênça realizam-se fortíssimos combates de rua. O Mosela não pode mais ser encarado como linha defensiva. O inimigo atravessou-o num amplo *front* e conseguiu durante o dia alargar extraordinariamente sua brecha. Move-se agora em direção a Bingen e Mainz. Também lançamos para essa região todas as forças de reserva que nos restam. Mas não se pode esperar conter o inimigo diante do Reno. O maior perigo está no *front* do Saar, que, conforme o mapa atual, não pode mais ser mantido. E pode-se calcular facilmente o que a perda das minas de carvão do Saar representa para nosso potencial de guerra.

No leste registramos pequenos avanços a sul do Plattensee; mas a grande ofensiva cessou totalmente. No território da Alta Silésia, um dia de grandes combates. Os soviéticos atacaram Ratibor e Grottkau, obtendo brechas profundas. Existe ali o perigo de formar-se um cerco inimigo, que Schörner tenta com todas as suas forças evitar. Esperemos que consiga. Se isso for possível, é Schörner o homem indicado para realizá-lo. Ainda tem de reserva algumas contramedidas, de modo que se pode encarar com certa confiança a futura evolução naquela área. Depois de cinco dias de grande ofensiva soviética, Schörner ao menos conseguiu que o inimigo não invadissem nossas linhas. Também na região de Stettin e na Prússia Oriental desenrolaram-se violentíssimos combates, que levaram a fundas brechas. O mesmo aconteceu no *front* de Kurland. Mas, graças a Deus, o inimigo não conseguiu nenhuma verdadeira invasão. Tivemos de evacuar Kolberg. A cidade, que se defendeu com tão extraordinário heroísmo, não pôde mais ser mantida. Vou cuidar para que a retirada em Kolberg não seja registrada nos relatórios do Comando Supremo da Wehrmacht. Isso poderia prejudicar-nos no momento por causa dos fortes efeitos psicológicos do filme sobre Kolberg.

À tardinha, novamente o costureiro ataque de Mosquitos a Berlim. Os aviões inimigos sobrevoam uma cidade ainda em chamas. Pode-se imaginar os triunfos que os anglo-americanos publicarão amanhã em sua imprensa.

20 de março de 1945, terça-feira

Ontem:

Situação militar:

No leste os centros de gravidade dos ataques inimigos localizaram-se no território húngaro, entre Felsögalla e Stuhlweissenburg, no território silesiano entre Cosel e Leobschütz, em Stettin, na região Dantzig-Prússia Oriental, e em Kurland.

Na Hungria o inimigo atacou entre Stuhlweissenburg e Felsögalla, na direção do oeste e noroeste, no *front* do Maciço dos Vertes, apenas fracamente ocupado por tropas húngaras, tendo obtido ali diversas entradas com 15 a 20km de profundidade. Os ataques realizados contra Mor fracassaram. Entre Mor e Stuhlweissenburg o inimigo alcançou a ferrovia Stuhlweissenburg-Komorn. Um ataque nosso a sul do Plattensee obteve ganhos de terreno em Marczali.

Nada de importante no *front* eslovaco.

Os pesados ataques inimigos entre Stelitz e Schwarwasser na direção de Morávia-Ostrau diluíram-se e mantêm agora somente o caráter de cerco. Os bolchevistas transferiram o centro de gravidade para a região entre Ratibor e Neisse. Da região de Cosel o inimigo chegou às proximidades de Leobschütz. Ao mesmo tempo alcançou, do oeste e do norte, Neustadt na Silésia. Passou por Neisse, a leste, avançando para o sul, unindo-se às forças soviéticas que atacavam na direção de Cosel, e esse encontro se deu em Neustadt na Silésia. As ofensivas a Neisse fracassaram; também nossos ataques na região a leste de Neisse contra a entrada inimiga não deram resultado. A norte de Neisse o inimigo prosseguiu suas ofensivas para leste e oeste, tentando em vão alargar a brecha entre Grottkau e Neisse, pelos flancos. Também fortes ataques a Breslau falharam.

No *front* até Stettin as coisas estiveram relativamente calmas. Violentos ataques inimigos contra o *front* de Stettin foram rechaçados, exceto por algumas brechas insignificantes.

Muito violentos foram os ataques soviéticos, sob proteção de caças, contra Dantzig-Gotenhafen e o restante da Prússia Oriental. De modo geral, as ofensivas contra Dantzig e Gotenhafen fracassaram, com grandes baixas e perdas de tanques do inimigo. A oeste de Gotenhafen o inimigo conseguiu conquistar uma elevação. As ofensivas violentas contra o resto da nossa cabeça-de-ponte na Prússia Oriental, que praticamente só abrange ainda as cidades de Brunsberg

e Heiligenbeil, foram detidas a leste de Heiligenbeil por nossa artilharia. Apesar de grande falta de munição da parte alemã, no setor de Heiligenbeil foram destruídos 102 tanques soviéticos. Em Königsberg e em Samland houve mais calma ontem.

Em Kurland foi eliminada uma brecha inimiga a sudoeste de Frauenburg, num contra-ataque nosso. As unidades soviéticas que haviam entrado ali foram cercadas e exterminadas. A noroeste de Frauenburg o inimigo conseguiu, com fortes ataques, algumas entradas menores, que o levaram até a ferrovia Libau-Mitau.

No oeste destruiu-se diante de Duisburg uma grande tentativa inimiga de atravessar em Reinhausen. De resto, em todo o *front* do Reno, até a cabeça-de-ponte de Remagen, nenhum combate especial. Na cabeça-de-ponte de Remagen, após pesadas ofensivas em direção norte e sul, o inimigo obteve insignificantes ganhos de terreno. Ao norte o inimigo agora está na região a norte de Königswinter. Ao sul da cabeça-de-ponte desenrolam-se combates entre Hönningen e Waldbreitbach. A parte mais profunda da cabeça-de-ponte é ao todo de 10km.

No setor de combates entre o Mosela e o Nahe, o inimigo avançou mais. Entrou em Kreuznach e encontra-se atacando sobre Hochstetten para o sul; a sudoeste ataca na direção de Sobernheim, onde atingiu o Nahe. Além disso, as forças inimigas progrediram do oeste e do noroeste até a linha Kirn-Idar-Oberstein-Baumholder-Kusel-St. Wendel. Do sul e para o norte as forças inimigas chegaram à região a sul de Zweibrücken. Também nos Baixos Vosges, a sul de Bitsch, especialmente entre Reichshofen e Hagenau, o inimigo atacou sem que a situação sofresse grande mudança.

Da Itália não há notícias importantes.

No *front* do leste houve movimentada atividade aérea no território húngaro e na região de Königsberg-Dantzig. Só no restante da cabeça-de-ponte da Prússia Oriental e em Königsberg foram empregados 1.200 caças soviéticos. Nossa própria atividade aérea foi também bastante intensa. Derrubamos 29 aviões inimigos.

Sobre o território do *front* do oeste fortíssima ofensiva de caças e caças-bombardeiros inimigos, ao todo 1.200, com centro de gravidade no médio Reno e no Mosela. Também na retaguarda do *front*, intensa atividade de caças e caças-bombardeiros inimigos, com centro de gravidade no território do Reno-Meno e em Münsterland.

Cerca de 1.200 bombardeiros quadrimotores americanos com 700 caças de proteção atacaram Berlim em três ondas. A ofensiva realizou-se a 6 ou 7.000 m metros de altura, com visão parcial da terra. Atingiu-se toda a cidade, com exceção dos setores Wilmersdorf, Steglitz, Spandau e Zehlendorf. O centro de gravidade esteve no meio da cidade, em especial nos bairros ao norte e nordeste. À tarde uma unidade britânica de cerca de 150 bombardeiros quadrimotores atacou objetivos de indústria e transportes em Bochum. Cerca de 300 bombardeiros bimotores bombardearam as áreas de Mannheim, Ludwigshafen, Darmstadt, Giessen, Siegen, Dortmund e Recklingshausen.

Contra a ofensiva a Berlim empregamos 38 Sturmvögel (aviões a jato), que derrubaram 15 aviões inimigos. A artilharia antiaérea derrubou mais 7 aparelhos.

À noite o costumeiro ataque a Berlim, outro sobre Nuremberg. Cerca de 150 bombardeiros quadrimotores britânicos atacaram objetivos de transportes

na região Dortmund-Bochum. 250 bombardeiros britânicos realizaram uma ofensiva sobre Hanau, com um ataque de despiste a Kassel. Caças noturnos derrubaram 5 bombardeiros quadrimotores. Ainda não há notícias dos resultados da nossa artilharia antiaérea.

A situação no oeste se complica cada vez mais. Julgando pelo mapa, devemos contar com a perda do território do Saar, porque o inimigo nos ataca pela retaguarda. Bingen já está em suas mãos. Teremos de lutar muito para simplesmente mantermos o *front* do Reno, pois também a situação na cabeça-de-ponte de Linz tornou-se extraordinariamente crítica. Os americanos empregam todas as suas forças, e nossas unidades de cerco à cabeça-de-ponte não estão à altura desse ataque maciço, de modo que o inimigo sempre consegue alargá-la mais, embora um pouco de cada vez. E todo mundo sabe que importância decisiva tem conseguirmos prendê-lo ali ou permitirmos que a pústula se rompa de novo.

Os americanos também têm muitas preocupações, embora não tanto em relação a material e pessoal. As coisas nos territórios que ocuparam não são tão fáceis de manejar como pensavam. Já começa a crise da fome. Os americanos não estão em condições de garantir o transporte de víveres nem de racionar corretamente as provisões restantes. Falta-lhes experiência administrativa nesse campo e as forças administrativas alemãs que sobraram, não são da melhor qualidade. O povo opõe agora uma crescente resistência ao inimigo, de modo que os jornais americanos já se queixam de que, a longo prazo, nos territórios alemães ocupados não se poderá evitar um caos e uma epidemia de fome de enormes dimensões. Portanto, as bolhas de sabão inimigas começam a estourar. Os anglo-americanos são extraordinariamente estéreis e desajeitados na concretização de seus objetivos militares. Não entendem nem de psicologia de guerra nem de administração em tempos de guerra. Outrora, quando ocupamos os grandes territórios de leste e oeste, zombaram tão bravamente de nós; mas está comprovado que as forças alemãs de ocupação instauraram por toda parte calma, ordem e condições de vida suportáveis, coisas que os americanos destruíram completamente. E a tudo isso chamam de libertação da miséria e do medo. Mas, como se poderia esperar que os ingleses tivessem, nos países por eles ocupados, a força e a inteligência suficientes para dar conta dos problemas extraordinariamente graves de administração e racionamento, se não conseguem fazê-lo nem em seu próprio país? Na Inglaterra irrompeu também uma declarada crise de alimentos, representando uma espécie de fenômeno mundial ao qual nem os países inimigos escapam. A ração de carne continua-se reduzindo e agora consta de apenas um terço da ração americana. O público britânico está indignado, os jornais ingleses exprimem essa indignação em tons bastante drásticos. Os americanos tiram disso péssimo efeito moral.

Paralelamente decorre a crise política, atingindo agora a vida interna da Inglaterra. Churchill tentou pôr água na fervura, com seu discurso diante do Partido Conservador; na verdade, porém, o que ele fez, foi pôr óleo na fervura. Seu discurso está sendo repellido de todos os lados; tanto conservadores como trabalhistas acusam-no de ser razoável como líder numa guerra, mas intolerável como líder na paz. Não há dúvidas, portanto, de que pouco após o término da guerra, Churchill será colocado na geladeira. É uma velha experiência essa, de que homens com poderes grandes demais são tolerados na guerra, mas têm de ser afastados na paz.

Por azar, Churchill ainda entrou em desavença com os sindicatos, irritados com seu mais recente discurso. Os sindicatos sentem-se enganados por ele. Acreditavam obter, depois da guerra, liberdade para promover agitações e agir como bem entendessem; mas Churchill não pretende fazer-lhes tais concessões. No fundo, ele é o velho e cabeçudo *tory* que nada entende de questões sociais, por isso totalmente deslocado em nosso tempo.

Também na França eclodiu uma crise ministerial, pois os comunistas ameaçam sair do Parlamento se o governo não eliminar dos cargos administrativos os chamados fascistas. É sabido que os comunistas chamam de fascista tudo o que não for comunista e, sob a bandeira dessa luta contra o fascismo, exterminam, em todos os países nos quais têm alguma influência, as forças que se opõem à bolchevização do país. Naturalmente, na Bulgária os soviéticos agem com muito mais energia, pois possuem poder absoluto. Ali executou-se mais uma vez uma série de sentenças de morte em massa, contra generais do Exército búlgaro. Depois que os políticos receberam o tiro de misericórdia, é a vez dos militares. Ninguém será poupado, por mais que tenha cortejado o bolchevismo quando ainda estávamos na Bulgária. Da mesma forma, na Romênia, os soviéticos nem pensam em dar ouvidos a ingleses ou americanos. Ao contrário, o *Pravda* ataca fortemente a imprensa inglesa por defender Radescu. Este é designado de fascista da pior espécie, mil vezes merecedor da morte. Nessa oportunidade os soviéticos também dão um grosseiro pontapé no governo polonês em exílio em Londres. Arziszewski é descrito como um patife degenerado. Os poloneses em Londres são, conforme diz o *Pravda*, um bando de latifundiários corruptos, que sofrem repulsa da parte do povo polonês. Em suma, usa-se um tom maligno que não é comum nem entre inimigos, muito menos entre aliados.

Por pressão soviética, Manu retirou-se agora do Partido Nacional Socialista. Manu foi aquele que outrora preparou e organizou a traição da Alemanha. Está recebendo castigo há muito merecido.

Na Finlândia realizaram-se as primeiras eleições num país em guerra, antes da paz. Essas eleições mostram claramente forte ascensão dos comunistas. A participação nas eleições foi fraca, principalmente nos meios burgueses. Os soviéticos exerceram forte terrorismo diante dos locais de votação. Os comunistas conseguiram 328.000 votos contra 334.000 dos social-democratas. Com isso, portanto, os comunistas disputarão a liderança finlandesa com os social-democratas, que até agora tinham sido todo-poderosos na política desse país. É claro que os comunistas lhes farão exigências muito duras. Será interessante observar como os anglo-americanos reagirão. Mas, de qualquer modo, está certo que os soviéticos não conseguirão concretizar todo o seu plano com essas novas eleições na Finlândia. Não realizaram eleições bálticas. Devem ter tido demasiado respeito pelos observadores anglo-americanos.

Em Moscou fala-se muito num iminente avanço sobre Berlim. Mas presumo que estão querendo desviar-nos para um falso objetivo. Os jornais soviéticos afirmam que com isso a guerra chegaria ao fim. É verdade que, por outro lado, devemos ficar bem atentos, pois a calma no *front* do Oder obviamente não passa de aparência. Fora de qualquer dúvida, os soviéticos enviam a esse *front* grandes quantidades de tropas e material e, um dia, poderão realmente pôr-se em marcha.

Os tchecos estão ficando cada vez mais malcriados. Sentem-se no papel de defensores da liberdade. Querem unir-se a todo o mundo inimigo que agora se levanta contra nós. É verdade que ainda não se atrevem a nos declarar abertamente a guerra; para isso, os tchecos são sabidamente comodistas e covardes.

O Papa fez um discurso diante de uma grande multidão na Praça de São Pedro. Significativamente, não pronunciou uma só palavra contra o bolchevismo; mas vocifera contra os erros do nacionalismo sobre raça e sangue. Obviamente o Papa está fechando os dois olhos diante da expansão do bolchevismo em toda a Europa. Adapta-se às circunstâncias e tenta ao menos indiretamente uma aproximação com o poderoso Kremlin.

O novo embaixador húngaro em Berlim, Meczer, faz-me uma visita de apresentação. Meczer é nacionalista declarado e fanático, que me diz conhecer Horthy há 40 anos. Descreve-o como perfeito oportunista que não entende nem de liderança de guerra nem de política, mas sabe agir magnificamente no campo da corrupção e do lucro próprio. Sua família parece ser totalmente corrompida. Diz o embaixador que a mulher de Horthy exerceu péssima influência sobre o marido. Seus filhos são beberrões e depravaram totalmente a juventude de Budapeste. O embaixador também me fala sobre o movimento húngaro, dizendo que este se esforça muito para vencer na parte oeste do país, que ainda está em suas mãos, mas no momento isso é extraordinariamente difícil. Não se pode esperar nada dos magiares. Diz o embaixador que já nascem todos mortos. Quanto às atrocidades bolchevistas nas cidades húngaras reconquistadas, conta-me histórias tão terríveis que sinto o sangue congelar-se nas minhas veias. E acrescenta que sobre esse assunto mandou um relatório ao núncio em Berlim; que o núncio apenas erguera os ombros. Parece, portanto, que o núncio de Berlim pensa como o Papa, isto é, que não se deve irritar os poderosos, e sim tentar ficar em boa paz com eles, não importa que maldades andem cometendo.

Ao meio-dia temos uma longa reunião do Conselho de Defesa de Berlim. O Prefeito Hahne, que foi o primeiro a receber a Cruz de Cavaleiro e a Cruz do Mérito de Guerra, escreveu-me uma carta sobre a instalação de nossas barreiras antitanques, de conteúdo muito instrutivo. Nessa carta Hahne faz apologia de uma simplificação de tais barreiras, que segundo sua opinião, poderiam ser construídas de modo bastante mais firme e seguro. Mandarei examinar cuidadosamente essa questão.

Dificuldades extraordinariamente graves nos traz o problema dos trabalhadores estrangeiros em Berlim. Temos de tentar conservar esses trabalhadores aqui até que a indústria berlinense esteja ao menos em condições de funcionar. Mesmo se Berlim for sitiada, queremos que ao menos a indústria armamentista continue funcionando. Mas, por outro lado, a capital do Reich conta com cerca de 100.000 operários do leste. Se estes caírem nas mãos dos soviéticos, em três ou quatro dias estarão formando a infantaria bolchevista que nos combaterá. Temos mesmo, portanto, de tentar, em caso de emergência, colocar pelo menos esses trabalhadores em segurança.

O Presidente da Câmara Municipal, Steeg, quer trazer para mais perto da cidade o gado das granjas que ficam ao leste. Mas isso trará problemas na medida em que a população do interior tirará suas conclusões, no momento obviamente indesejáveis.

Durante o último bombardeio sobre Berlim, conforme já mencionei, empregamos pela primeira vez nossos aviões a jato, em número de 30. Eles chamaram um tanto a atenção do inimigo. Esses aviões conseguiram derrubar cerca de 30 aparelhos inimigos, o que é promissor para o começo. Apesar disso, a ofensiva a Berlim é terrível. Contamos cerca de 1.000 mortos e 65.000 desabrigados. A maior parte dos transportes da capital está parada. Caravanas de pessoas andam a pé até seus escritórios ou fábricas. Mas espero conseguir fazer os transportes funcionarem rapidamente, ao menos em parte, pois essas paradas se devem em particular à falta de eletricidade. Logo, é aí que temos de começar a agir.

O último ataque aéreo a Würzburg arrasou quase todo o centro da bela cidade junto ao Meno, conforme me foi relatado. Todos os monumentos culturais tornaram-se vítimas das chamas. A última bela cidade alemã que ainda estava intacta, foi perdida. Assim nos despedimos melancolicamente do passado, que jamais retornará. Um mundo sucumbe, mas todos acreditamos firmemente que dessa derrocada nascerá um mundo novo.

De resto, o inimigo voltou a atacar Kassel, Hanau e a região do Rühr, especialmente objetivos de meios de transporte, o que sabidamente nos traz os maiores prejuízos.

Um relatório confirma que a Luftwaffe vive num luxo material e pessoal que clama aos céus. Inspeccionando casernas e cassinos de oficiais da Luftwaffe, encontram-se condições que já nem podem ser descritas. Apenas repito que ali está o verme que rói nossas bases. E é preciso iniciar imediatamente as reformas.

A proteção dos transportes de armas e munições é feita agora de diversos lados, de modo que o perigo de que quantidades desses materiais fiquem em depósitos das ferrovias reduziu-se ao mínimo.

O Secretário de Estado aposentado Mussehl manda-me um detalhado relatório sobre as investigações que realizou no Ministério do Exterior. Esse relatório prova que Ribbentrop assumiu, nesse ministério, além do seu cargo, um serviço de propaganda que conta com mais pessoal do que o próprio Ministério da Propaganda. Aí está a razão da superburocratização do Ministério do Exterior. Mas, antes de tudo, criando-se um serviço de propaganda nesse ministério, surge o perigo agudo de nossos diplomatas se ocuparem mais com propaganda, coisa de que não entendem nada, relaxando a política externa em tal medida que nossa estratégia de guerra acaba grandemente prejudicada. Usarei o relatório do Secretário Mussehl para fazer a Ribbentrop exigências absolutamente categóricas quanto à simplificação em seu ministério.

Sobre as atividades mais minuciosas de propaganda, acabo de receber uma série de sugestões bastante aproveitáveis. Esse trabalho de detalhe será feito em nossas tropas do oeste. Estas encontram-se em péssimo estado de espírito que a população, esgotada pela guerra, parcialmente alimenta. É sinistra a tese de que deveríamos realmente deixar os anglo-americanos entrarem no país, para que ao menos a maior parte do Reich não caia nas mãos dos soviéticos. Essa tese é ingênua e infantil; mas surte efeito sobre os cérebros primitivos, por isso precisamos assumir uma posição contrária. Quero iniciar uma grandiosa propaganda contra essa idéia. Mas parece ser necessário antes de mais nada eliminar as divergências existentes entre partido e Wehrmacht. É tipicamente alemão que nas grandes derrotas dos últimos tempos os oficiais da Wehrmacht atribuam a culpa de tudo ao partido, e os líderes políticos

empurrem a culpa de tudo à Wehrmacht. Um acusa o outro de relaxamento nos deveres e covardia. Em minha opinião, no entanto, não é hora de procurar bodes expiatórios, e sim de assumir mais do que nunca nossa obrigação de trabalhar unidos, não oferecendo diante do inimigo qualquer ponto fraco. A história futura dirá onde há mérito ou culpa.

À tardinha chegamos de novo péssimas notícias da cabeça-de-ponte de Linz. A luta tornou-se muito dura. Os americanos conseguiram abrir caminho até 5km além de Königswinter. Na região do Mosela e Saar reina uma confusão incrível e por enquanto não se formaram linhas fixas. Nossas tropas estão tentando opor barreiras de canhões antitanques aos numerosos tanques americanos que avançam. Ao menos no momento o inimigo será detido no seu caminho para Mainz. A leste de Merzig já chegaram a St. Wendel. Praticamente, o inimigo está na retaguarda em nosso *front* do Saar. As contramedidas possíveis por enquanto são muito modestas. Em Coblença ainda se combate. É preciso contar também com o fato de que nos próximos dias a grande ofensiva inimiga se desencadeará com toda a violência na região de Arnheim e Wesel.

Na Hungria passamos inteiramente à defensiva. A norte do lago Velencez o inimigo conquistou mais um pouco de terreno. Não se fala mais em ofensiva do nosso exército de assalto. Na Alta Silésia nossas tropas combatem para escapar do cerco formado pelos soviéticos. Schörner organizou algumas contra-ofensivas. Afirma que conseguirá abrir caminho e explica que a situação na verdade é melhor do que aparece visualmente nos mapas. Em Breslau, e na cabeça-de-ponte de Stettin os ataques inimigos foram repelidos, à exceção de pequenas invasões. Mas a situação em Dantzig e na Prússia Oriental torna-se cada vez mais crítica. Aí os grandes combates continuam com a maior violência. Não sofremos grandes perdas de terreno; mas nosso setor se estreitou de tal modo que não podemos mais permitir-nos coisa alguma.

À tardinha Forster me telefona, pois veio a Berlim para uma visita. Descreve a situação em Dantzig-Gotenhafen como extraordinariamente dramática. Não acredita que nos possamos manter ali por muito tempo. Muito difícil tornou-se o problema da evacuação, pois em Dantzig há cerca de 700.000 pessoas que ainda se consegue alimentar, mas não mais retirar da cidade. A Marinha, com seu número tão reduzido de navios, não dá conta do recado.

O Führer recebeu uma série de rapazes da Juventude Hitlerista, que obtiveram a Cruz de Ferro em combates no *front* do leste. Ele lhes fala de modo extraordinariamente simpático e animador, num discurso que publicamos num comunicado à imprensa.

O Führer está sobrecarregado de trabalho com o reerguimento de *fronts* firmes, especialmente no oeste.

À tardinha, acreditamos que os ingleses nos pouparão um ataque de Mosquitos. Em compensação aparecem às quatro da madrugada, o que naturalmente é muito mais desagradável para uma cidade de tantos milhões de habitantes. Se repetirem isso todas as noites, deixarão os três milhões de habitantes da capital do Reich consideravelmente nervosos.

21 de março de 1945, quarta-feira

Ontem:

Situação militar:

No leste o centro de gravidade dos combates esteve novamente no território silesiano, bem como na região de Dantzig e na Prússia Oriental.

Os bolchevistas que haviam entrado em Neustadt, na Silésia, avançaram mais para o oeste em direção de Ziegenhals, onde foram detidos por contra-ataques nossos. Também contra-ataques dirigidos de Leobschütz para o norte tiveram sucesso e repeliram o inimigo. Nossas unidades de tropas entre Oppeln e Cosel abrem caminho combatendo através do território ocupado pelo inimigo, e reforçam a nova linha de segurança que corre a leste de Neisse e a nordeste de Ziegenhals, a sul de Neustadt e a leste de Leobschütz. Entrementes, o inimigo ganhou nos últimos dias, na área de combates de Oppeln e Ziegenhals, uma região de 30 a 40km de largura por 50 a 60km de profundidade. Violentas ofensivas soviéticas entre Neisse e Strehlen, bem como contra Breslau, foram repelidas. Também em Schwarzwasser rechaçaram-se ataques soviéticos. O inimigo se fortalece aqui na região de Sohrau e Rybnik. Contra Glogau o inimigo realizou repetidas e intensas ofensivas, mas sem conseguir qualquer resultado. No setor entre Frankfurt e Küstrin, a atividade bélica local recrudescceu um pouco. Em pesados ataques contra nossa linha na margem leste do Oder em Stettin, o inimigo pôde obter brechas no sul e no leste, chegando assim à ferrovia de Stettin a Altdamm. Altdamm foi ocupada pelo inimigo. Também Kolberg agora caiu nas suas mãos. Os soviéticos reforçaram os ataques contra Gotenhafen e Dantzig, bem como, especialmente, contra o restante da Prússia Oriental, agindo com grande violência, empregando inúmeros tanques e forte apoio da aviação de caça. A oeste de Gotenhafen os soviéticos conseguiram aprofundar um pouco sua brecha; também a sudoeste de Dantzig conseguiram uma pequena brecha local. O inimigo obteve entradas mais profundas a oeste e noroeste de Heiligenbeil, onde, depois de ganhar de 3 a 4km de terreno nos mais duros embates, foi detido por nossos soldados e oficiais. A sua superioridade, no ar como na artilharia, é tão grande, que a resistência nessa região não poderá ser mantida por muito tempo. Em Kurland o inimigo prossegue com seus violentos ataques, mas foi repelido exceto por pequenas brechas de ambos os lados de Frauenburg.

No território húngaro nossa própria ofensiva entre o Plattensee e Drau, a sudeste de Marczali, fez alguns progressos em direção do sul. As ofensivas

inimigas contra o setor do Rio Sio fracassaram, bem como o ataque contra a cabeça-de-ponte em Aba. A cabeça-de-ponte inimiga sobre o Canal de Sarvitz foi eliminada. Fortes ofensivas soviéticas a nordeste de Stuhlweissenburg levaram à entrada na cidade. Os contínuos ataques soviéticos entre Felsögalla e Stuhlweissenburg causaram a retirada do nosso *front* para novas linhas.

No *front* do oeste os americanos atacaram de sua cabeça-de-ponte de Linz em direção norte e leste. Ao longo do Reno chegaram até bastante ao norte de Oberkassel, onde está-se realizando um contra-ataque para cortar as pontas blindadas avançadas. A leste de Honnef o inimigo ganhou terreno em diversos pontos e conquistou algumas localidades do lado leste da auto-estrada. Agora, a auto-estrada foi atravessada em 2 a 3km, numa largura de 6km.

Na região de Kreuznach o inimigo avançou mais ainda em direção de Mainz, e está com suas pontas a cerca de 15km a sudoeste de Mainz, onde atingiu a estrada Mainz-Alzey. A sul de Kreuznach os americanos só ganharam pouco terreno em direção do sul. Das áreas de Kirn e Baumholder, o inimigo avançou em direção leste até Meisenheim e Lauterecken. No setor entre Kusel, St. Wendel e Saarlautern, nenhum acontecimento especial. A leste de Saarbrücken todos os ataques inimigos foram repelidos. Na Alsácia nossas tropas ocuparam as posições da linha Siegfried entre Weissenburg e Lauterburg. Weissenburg caiu em mãos inimigas. Os ataques contra Lauterburg puderam ser rechaçados.

Não há notícias especiais do *front* italiano.

A atividade aérea inimiga no leste foi mais uma vez extremamente forte, em particular na região entre Dantzig e Braunsberg, onde 2.800 aviões soviéticos entraram em ação. Nossa Luftwaffe derrubou 34 aparelhos inimigos.

No oeste viva atividade de caças-bombardeiros inimigos e bombardeiros inimigos bimotores na área do *front* e no território à retaguarda do *front*.

Cerca de 1.300 bombardeiros quadrimotores americanos, acompanhados de cerca de 700 caças, atacaram localidades no centro e sul da Alemanha, entre outras: Iena, Zwickau, Plauen, Schwarzheide e Espenhain. Ofensivas de unidades especiais de combate britânicas dirigiram-se contra pontes e viadutos na região de Lage e Arnsberg. Cerca de 150 bombardeiros quadrimotores britânicos realizaram ataques a objetivos de transporte e indústria no território de Bochum, Dortmund e Recklinghausen. Cerca de 450 bombardeiros bimotores atacaram Münster, Unna, Bad Wildungen, Siegen, Marburgo, Giessen, Hanau, Darmstadt e Mannheim. Da Itália entraram cerca de 600 bombardeiros quadrimotores americanos bombardeando objetivos de transportes e indústrias em Mühldorf, Passau e Landshut. Cerca de 150 Mosquitos realizaram o costumeiro ataque a Berlim. 70 quadrimotores britânicos atacaram Bruck, no Mur. À noite derrubamos 11 aviões inimigos.

Quanto aos ataques a Berlim, no dia 18, foram dadas a conhecer ainda as seguintes cifras: 227 mortos, 849 feridos, 450 perdidos, 65.000 desabrigados. Foram lançadas 6.000 bombas (650 das quais de efeito retardado), 500.000 bombas incendiárias e 3.000 bombas de fósforo.

O Gauleiter Stöhr me dá por telefone uma notícia extraordinariamente trágica sobre a situação atual na região do Saar. Segundo sua descrição, e conforme eu próprio já presumira, o estado de espírito da população decaiu

consideravelmente, e mais ainda dentro da Wehrmacht. As tropas combatentes mostram pouca disposição para manter a linha de defesa, e isso surte péssimo efeito sobre o ânimo da população. Nada mais se pode fazer com os generais em comando no *front* do Saar. Diz ainda o Gauleiter que no momento o único ponto firme é representado pela liderança do partido; mas que também esta de certa forma já se deixou contagiar pelo espírito derrotista. Infelizmente não posso dar uma boa resposta à pergunta de Stöhr, sobre novos argumentos para a possibilidade de uma vitória alemã; apenas posso aconselhar que prosiga com a tendência propagandística que mantivemos até agora. Procuro animá-lo um pouco e por fim noto que fica bastante satisfeito. É preciso imaginar que a região do Saar está sob permanentes ataques aéreos inimigos, que nem rádio nem telefone funcionam e que a liderança política sequer dispõe de suficiente papel para imprimir panfletos. Pode agir apenas com meios improvisados, que são de efeitos muito limitados.

A ponte de Remagen, que nos causa tanta preocupação no terreno militar, é objeto de grandes desavenças entre os inimigos ocidentais. Admitem que a ponte não ruiu por si, mas foi destruída pela Luftwaffe alemã. Parece-me que foi realmente o caso. Tantas vezes atingida, não agüentou mais. Os americanos, porém, acentuam claramente que o desmoronamento da ponte de Remagen não trouxe obstáculo algum a suas operações militares na cabeça-de-ponte de Linz, o que pode ser também correto, pois continuam atacando sem parar, em todas as direções, partindo daquela cabeça-de-ponte.

A imprensa anglo-americana publica com franqueza espantosa tudo o que teríamos a esperar dos inimigos ingleses e americanos caso perdêssemos a guerra. O comentário de que a Alemanha se tornaria apenas uma múmia no museu da história mundial, é até brando diante dos demais. O ódio e o furor de extermínio do inimigo festejam orgias como nunca foram vistas antes. Já por esse motivo um homem de honra pode tirar apenas uma conclusão, isto é, lutar enquanto tiver alento.

10.000 cientistas ingleses estão sendo treinados para destruir toda a indústria alemã. Isso já é admitido oficialmente pelo Ministério do Trabalho inglês. Só se pode designar os ingleses, eles próprios num estado tão desolador, como filhos do caos. Destroem um mundo no qual têm parte, sim, do qual dependem diretamente para sua vida nacional e individual, e não sabem que funestas conseqüências teria se rompessem o equilíbrio desse mundo. Tais conseqüências de certa forma já despontam no seio do povo inglês. Sua situação de alimentos é extraordinariamente crítica. Os americanos, conforme eles mesmos admitem, não podem mais enviar carne à Inglaterra, pois teriam de reduzir as rações nos Estados Unidos, coisa para a qual obviamente Roosevelt não sente a menor disposição. No momento não se pode dar o luxo de baixar ainda mais o moral americano, já decadente. Com isso surgiu na Inglaterra uma verdadeira crise, comentada em tom acusador pela imprensa de Londres. O *Economist* prevê até um caos iminente e ameaçador, se o governo inglês for obrigado a reduzir as rações de carne conforme planeja. Diversos jornais ingleses chegam a indicar como principal inimigo da Inglaterra na próxima evolução da guerra, não a Alemanha, mas a ameaçadora crise de alimentos, para não dizer crise de fome. Esse problema de alimentação assume, na Inglaterra e em todos os territórios tomados pelo inimigo, proporções que a longo prazo serão intole-

ráveis. Esse fato deve ser mais um motivo para o povo alemão resistir, não importa em que lugar, ou com que meios.

Os soviéticos simplificam enormemente essa questão. Deportam da maneira mais desumana povos inteiros, de uma parte da União Soviética para outra, ou de um território ocupado para outro. Também com seu próprio povo não mostram muita consideração. Assim, dizem friamente que as pessoas residentes em territórios antes ocupados por nós, tinham de ser deportadas para a Rússia Oriental porque estavam demasiadamente influenciadas pela propaganda nacional-socialista. Como não agiriam esses soviéticos com o povo alemão, se este caísse em suas garras!

Stalin ainda segue a tática militar de colocar na frente todas as suas forças de combate, deixando o *hinterland* bastante vazio. Conforme um relatório que recebi de Bromberg, vejo que o Exército Vermelho mantém apenas contingentes de tropas reduzidos naquele local. Em contrapartida, a torrente no *front* aumenta cada vez mais.

Hanke manda de Breslau um relatório extraordinariamente dramático e instrutivo. Nota-se o quanto Hanke está à altura da sua missão. Representa hoje o mais dinâmico tipo de líder nacional-socialista. Os combates pela posse da cidade transformaram Breslau num campo de escombros; mas a defesa aproveitava-se disso, defendendo cada pedra com verdadeira fúria. Os soviéticos perdem muitas vidas nesses combates. Pela carta de Hanke percebe-se que essa defesa de Breslau é executada com grande arte de improvisação. Hanke escreve-me pessoalmente que as experiências reunidas do combate por Berlim agora lhe são muito úteis.

Os resultados da eleição finlandesa mostram que os social-democratas obtiveram 52 mandatos e os comunistas, 51. Com isso, os comunistas são praticamente o fiel da balança. Um governo de esquerda, constituído de social-democratas e comunistas, tornou-se uma possibilidade, e os soviéticos conseguiram um trampolim para a conquista de todo o poder na Finlândia. Certamente não hesitarão em fazer pressão para que esse gabinete de esquerda se constitua logo. Paasikivi já se ofereceu como chefe desse governo esquerdista. Seu discurso no dia das eleições foi tão deprimente para os meios burgueses que estes — o que é extraordinariamente característico dessa classe —, em sua maioria, se abstiveram de votar. Assim se explica a grande vitória da esquerda. Mas Paasikivi não se alegrará por muito tempo com sua intenção de ser o Kerenski* do povo finlandês. A distância já o espreita um tiro de misericórdia.

A Suíça rompeu todas as relações econômicas conosco, colocando-se inteiramente na dependência dos Estados Unidos. De qualquer modo, nossas relações econômicas com a Suíça já se haviam reduzido a um mínimo.

Tivemos de novo uma série incrível de ataques aéreos sobre o Reich, nas últimas 24 horas. Sequer podem ser registrados.

É desolador o relatório da situação em Würzburg. No último ataque de terror sobre a cidade, foram destruídos todos os monumentos culturais e 85% das habitações. E Würzburg até agora não sofrera ofensivas aéreas. Com ela, pode-se dizer que sucumbe em pó e cinzas o último centro cultural alemão.

* Kerenski, político russo derrubado pelos bolcheviques; viveu depois no exílio. (N. da T.)

Quando, um dia, tivermos saído vitoriosos desta guerra, teremos de recomençar tudo do início. Não sobrá muito do mundo antigo.

Através das nossas medidas conseguimos, pelo menos, prevenir-nos precariamente contra ataques de gás. É verdade que as máscaras contra gases produzidas até agora dão apenas para proteger cerca de 35% da população. É melhor do que nada. Além do mais, o Führer tenciona reagir com medidas drásticas, caso o inimigo instaure a guerra com gás.

Conforme se lê no jornal *Joachimsthaler*, Göring caçou um bisão para alimentar as caravanas de refugiados. Essa notícia está repleta de erros, e apresenta mais ou menos o auge da confusão moral de Göring e de seus colaboradores. Remeto a notícia ao Führer com uma anotação, dizendo que me lembra aquela Princesa de Bourbon que, quando o povo gritava por pão, precipitando-se sobre as Tulherias, fez a ingênua pergunta: "Mas por que não comem bolos?" O Führer concorda com meu comentário, censura severamente Göring na reunião de debates sobre a situação da guerra e depois disso fala com ele longamente a sós. Pode-se imaginar de que o acusará nesse encontro. Mas de que adianta! O povo não fica sabendo de nada, apenas vê a derrocada da Luftwaffe e a incapacidade de Göring e de seus colaboradores diante dessa derrocada. O Führer não nomeará novo chefe para a Luftwaffe. Muitos sugerem o nome de Dönitz; não achei a proposta tão ruim. Dönitz mostrou, especialmente na reorganização da liberdade de movimentos dos submarinos, que é capaz de também dar conta de uma grave crise técnica. É um trabalhador limpo e sólido; certamente colocaria a Luftwaffe de novo em ordem, embora em dimensões reduzidas.

De resto, no tocante a Göring, pretendo mandar ao Führer o capítulo de Carlyle em que se relata como Frederico o Grande agiu com o Príncipe da Prússia, Augusto Guilherme, quando este lhe estragou completamente o caso Zittau. Frederico mandou punir de modo exemplar seu próprio irmão e sucessor no trono. Não teve a menor consideração para com o parentesco. E quando Augusto Guilherme ameaçou retirar-se para Dresden, Frederico respondeu secamente por escrito que naquela mesma noite partiria a próxima escolta para Dresden. Como se sabe, pouco depois disso Augusto Guilherme morreu de desgosto, sem que Frederico se deixasse perturbar ou atormentar por remorsos. A isso chamo de típico ato de Frederico o Grande. Assim é que deveríamos agir em relação ao evidente fracasso no partido ou no governo, por exemplo, na Wehrmacht. De qualquer modo, essa prolongada hesitação em relação a Göring causou a maior desgraça à nação.

Envio ao Führer um memorial sobre a reforma da Luftwaffe. Seu campo de ação é hoje limitado; ainda assim, recebe o maior aparato, completamente em desacordo com suas tarefas. As possibilidades da Luftwaffe são extraordinariamente pequenas; logo, temos de adaptar o seu aparato a isso. A Luftwaffe dispõe ainda hoje de 1.500.000 pessoas. Acho que um contingente de 300 a 400.000 bastaria, uma vez que grandes partes da artilharia antiaérea estão no *front* e o restante tem pouca munição.

Mantenho longas conversações com dirigentes distritais sobre a chefia da capital do Reich, o que naturalmente na tensão atual traz graves dificuldades. O último ataque aéreo ainda não foi superado. Estamos muito mal quanto aos meios de transporte, e serão precisos os maiores esforços para reorganizar esse sistema, que é o fundamento de uma vida normal na capital do Reich.

Müller (Oslo) veio a Berlim a meu chamado, para receber instruções sobre seu novo cargo como líder da propaganda no oeste. Será enviado a Kesselring como delegado, recebendo de mim plenos poderes para esse cargo. Sua missão será reerguer o baixo moral das nossas tropas no oeste, e empregar para isso todos os meios de propaganda. Considero Müller o homem capaz de cumprir essa tarefa com energia e iniciativa.

A evolução no oeste durante o dia decorreu mais ou menos como até agora. O inimigo exerce extraordinária pressão em direção de Kaiserslautern. Conseguimos nos manter a nordeste; mas os americanos estão perto de Oppenheim. A situação na região do Saar é extremamente obscura. Nem se pode mais constatar onde estão as linhas de combate; quer dizer, a confusão é total. A linha Siegfried foi mantida de modo geral. Mas de que adiantará, se for cercada pelas costas? Ao norte da região do Saar reina violenta atividade de combates. Ainda não se delinearão *fronts* exatos. De modo geral, pode-se dizer que tudo se dirige para o Reno. A situação na cabeça-de-ponte de Remagen piorou. Fomos novamente repelidos para o norte e para o sul.

Na Hungria, nossa ofensiva fracassou de todo. Não só tivemos de passar à defensiva, como também esta se tornou muito fraca, levando a consideráveis brechas e perdas. A cidade de Suthlweissenburg passou para as mãos inimigas. Estamos fazendo contra-ataques, mas sem resultado algum. Na Alta Silésia nossas forças escaparam do cerco soviético. O *front* foi precariamente mantido. O inimigo está-se reagrupando por causa de suas pesadas baixas; também nós estamos nos reorganizando em parte. Glogau foi violentamente atacada, mas suportou o assalto. Também em Stettin ocorreram fortíssimas ofensivas. A cabeça-de-ponte de Stettin se estreita cada vez mais. O mesmo se pode dizer da Prússia Oriental e Ocidental. As brechas que o inimigo obteve não seriam grandes se dispuséssemos de mais terreno; mas, assim, estão-nos empurrando cada vez mais em direção do mar. Teríamos de empregar na Prússia Oriental e Ocidental nossas últimas reservas, para mantermos uma linha firme. Também em Kurland o inimigo passou à grande ofensiva, mas não obteve sucessos. É digno de nota que os soviéticos agora tenham retirado dois exércitos da Pomerânia e da Prússia Oriental para lançá-los no *front* do Oder contra Berlim. Logo, seria de presumir que o ataque à capital do Reich não demorará muito. Teremos de nos prevenir da melhor maneira possível, pois os soviéticos, de posse da Pomerânia, têm os flancos cobertos e certamente se atreverão a atacar Berlim.

22 de março de 1945, quinta-feira

Ontem:

Situação militar:

No *front* do leste não houve modificações importantes em relação ao dia anterior.

Na Hungria conseguimos melhoria de posições em um grande ataque local, da parte oeste do Plattensee para o sul, e cortamos linhas de *front* inimigo que avançavam de Marczali para o oeste. Fortes ataques do inimigo contra nossas posições avançadas do canto leste do Plattensee para o sul, no Canal de Malom, não obtiveram resultado. Na área da brecha inimiga entre Felsögalla e Stuhlweissenburg, a nova linha agora decorre a sul de Stuhlweissenburg na direção do oeste até as margens ocidentais da Floresta Bakony, dali para o norte passando a oeste de Hor até Kisber, dobra para o leste e vai até Tóváros, dali se volta para sudeste incluindo Felsögalla, e ali retoma a antiga linha, que entra no Gran a leste de Dorog. A entrada dos soviéticos deu-lhes, num *front* de cerca de 30km de largura, um novo ganho de terreno, de 30 a 40km. As tentativas dos bolchevistas de alargar e aprofundar mais essa brecha não obtiveram sucesso.

Na Eslováquia os bolchevistas conquistaram um pouco de terreno em Altsohl na direção de Neusohl.

No território silesiano realizaram-se também ontem violentos combates entre Leobschütz e Neisse. Nosso *front* fortaleceu-se com as unidades alemãs que, conforme comando, recuam combatendo. Todos os ataques soviéticos contra nossa nova linha foram repelidos. Igualmente rechaçados os ataques, ontem algo mais fracos, contra Breslau e Glogau. Também na região de Schwarzwasser as ofensivas inimigas foram mais brandas e puderam ser totalmente rechaçadas. No *front* próximo até Stettin, nada de importante. No *front* do Oder, diante de Stettin, permanece a pressão inimiga, de modo que nossa linha foi retomada em Stettin, na margem oeste do Oder, para poupar nossas forças.

O centro de gravidade dos combates também ontem esteve na região de Gotenhafen-Dantzig, e na parte oeste da cabeça-de-ponte da Prússia Oriental. No setor Dantzig-Gotenhafen o inimigo avançou muito pouco, com grandes baixas, em direção de Gotenhafen, mas conseguiu apertar consideravelmente a cabeça-de-ponte da Prússia Oriental, em ataques igualmente violentos. Brauns-

berg caiu nas mãos inimigas. A linha agora transcorre entre Braunsberg e Heiligenbeil para o leste, e dobra ao sul de Heiligenbeil para nordeste. A norte de Heiligenbeil o inimigo obteve uma funda brecha, que o levou quase até o Frische Haff; num contra-ataque generalizado, conseguimos reconquistar o terreno perdido. Em Kurland o inimigo realizou quase em todo o *front* ataques de batalhões e regimentos, cujo centro situou-se novamente a nordeste de Frauenburg. Num contra-ataque concêntrico, parte das pontas inimigas avançadas sobre a ferrovia Libau-Mitau foram cortadas e destruídas.

No *front* do leste os combates na cabeça-de-ponte de Remagen foram ontem mais uma vez bastante intensos. O inimigo ataca ininterruptamente com fortes contingentes, mas encontra considerável resistência alemã. Apesar disso, os americanos ganharam mais terreno ao norte e ao sul da cabeça-de-ponte. Oberkassel foi tomada pelo inimigo. A leste da cabeça-de-ponte, chegou até Oberpleis. A auto-estrada foi atravessada numa largura de 8km, em cerca de 4 a 5km. Ao sul o inimigo avançou ao longo da estrada do Reno até Rheinbrohl, onde uma das nossas tropas ficou cercada. Em Coblença continuam violentos embates nas ruas; ainda temos ali uma cabeça-de-ponte na margem esquerda do Reno, que agora está sendo atacada pelo inimigo. Niederlahnstein ficou sob intenso fogo de artilharia. A estrada de Mainz a Alzey foi, entretanto, alcançada pelo inimigo em largo *front*; depois, avançaram sobre Alzey mais para o leste. Da região de Kreuznach o inimigo dirige-se agora para o norte e atingiu as cercanias de Bingen. Três tanques inimigos que entraram em Bingen foram destruídos. De Sobernheim e Weisenheim o inimigo atingiu Kaiserslautern, onde se realizam combates. A oeste de Kaiserslautern estende-se uma estreita língua até Saarlautern e Saarbrücken, cujos limites ao sul formam a linha Siegfried. A sudeste de St. Wendel cercamos unidades inimigas. Os ataques inimigos contra o setor da linha Siegfried entre Saarbrücken, Zweibrücken, Weissenburg e Lauterburg, não obtiveram sucesso.

Os combates locais na Itália foram algo mais movimentados ontem.

No leste, o centro de gravidade da atividade aérea inimiga esteve na região Dantzig-Gotenhafen e na Prússia Oriental, onde inúmeros caças soviéticos intervieram nos combates. Derrubamos 17 aparelhos soviéticos.

Também os vôos sobre o território do Reich ontem foram intensos.

Cerca de 400 bombardeiros quadrimotores britânicos realizaram uma ofensiva à estação ferroviária de triagem em Hamnn, bem como a objetivos de indústrias e meios de transporte na região de Recklinghausen. Uma unidade especial de 30 aparelhos britânicos atacou pontes na área de Nienburg. Não se registraram ofensivas. 550 bombardeiros americanos com acompanhamento de 500 caças atacaram em massa indústrias e meios de transporte em Hemmingstedt. O dia todo reinou sobre a parte ocidental do Reich uma animada atividade de caças-bombardeiros, bombardeiros de vôo rasante e unidades de aviões de combate bimotores, com centro de gravidade em Münsterland, território do Ruhr, território de Reno-Meno, e redondezas de Stuttgart. Vindos da Itália, cerca de 600 bombardeiros quadrimotores, protegidos por 300 caças, atacaram Wels, Viena e suas cercanias. Partes de unidades aéreas atacaram meios de transporte em Amstetten, Wiener Neustadt e Klagenfurt. Nossos caças, e artilharia antiaérea derrubaram 20 aparelhos durante os vôos diurnos.

À noite 70 Mosquitos realizaram o ataque habitual a Berlim. 30 Mosquitos sobrevoaram Bremen, outros 15 Hemmingstedt. Além disso, animada

atividade de caças noturnos a distância, sobre toda a metade ocidental do Reich. Na segunda metade da noite, 400 quadrimotores britânicos atacaram indústrias em Böhlen e Espenhain; foram lançadas bombas também nas áreas de Altenburg e Halle. À noite, caças e artilharia abateram 15 aviões inimigos.

O inimigo encara agora a cidade de Colônia como modelo de suas dificuldades nos territórios alemães que ocuparam. Na verdade, parece que aí se apresentam circunstâncias muito negativas, que fazem imaginar como será a evolução das coisas daqui por diante. Assim, por exemplo, observadores ingleses autorizados já constataam que há perigo de a Alemanha tornar-se o abscesso da Europa, que não deixará essa parte do mundo ter paz durante decênios. Faremos tudo para acelerar tal evolução, pois temos aí uma considerável chance. Jamais poderemos permitir que nosso continente se consolide sob uma liderança anglo-americana. Ao contrário, quanto pior for nossa situação militar, tanto mais cedo os povos do continente reconhecerão que só sob liderança alemã será possível uma nova ordem na Europa.

Aos poucos também nos territórios ocupados pelo inimigo se desenvolve uma atitude altamente hostil, exatamente como eu previ e predisse. A população precisava primeiro descansar bastante e libertar-se do horror da guerra aérea, para voltar à razão. Mas depois de sentir a ignomínia da ocupação inimiga, depois que o racionamento da comida se reduziu a um nível abaixo do mínimo vital, torna-se aos poucos rebelde contra as forças de ocupação. Acrescenta-se a isso a total ausência de medidas sanitárias, de modo que em Colônia já irrompeu uma epidemia de tifo, fato sobre o qual os americanos triunfam em seus jornais. Unicamente por receio de que seus soldados se contagiem — assim dizem — pretendem tomar algumas medidas.

Em um ou outro lugar do *front* do leste ainda se constata extraordinária resistência por parte de nossas tropas, da qual especialmente os ingleses muito se queixam. Acreditavam poder deslizar sobre o Reno para dentro do Reich. E agora constataam que não é bem assim.

O que ingleses e americanos realmente pretendem com a Renânia, aparece em suas declarações de que teriam intenção de formar um Estado renano independente. Em outras palavras, querem acrescentar um novo erro aos de 1918, 1919 e 1920. Mas, assim como aquelas tentativas depois da Primeira Guerra Mundial fracassaram, também esta fracassará na Segunda, uma vez que o povo alemão não está sendo dirigido em Berlim por um governo democrático-republicano-judeu, mas nacional-socialista.

Chegam da América notícias inquietantes dizendo que os americanos imitaram nossa arma V2 e estão aptos a atacar o território alemão com ela a partir de 1º de abril. Era só o que nos faltava. Então também esse último esforço alemão na guerra acabará sendo um tiro pela culatra. Pode-se calcular os efeitos de um ataque com V2 contra o Reich sobre o estado de espírito do nosso povo.

Foi-me apresentado um longo trabalho sobre a disposição política atual na América. Esse estudo, que me parece conter muita coisa fidedigna, declara que de modo geral os americanos estão totalmente desinteressados pelo continente europeu; apenas não querem que se una sob um poder só, por temerem uma grande concorrência econômica. Os americanos não têm aspirações polí-

ticas na Europa. De um lado não quiseram uma Alemanha forte, de outro não querem uma União Soviética poderosa demais, e por isso, segundo tal estudo, no momento em que a União Soviética pretender apoderar-se de todo o continente europeu, os americanos tomarão enérgicas medidas em contrário. Diz-se, ainda, que os desentendimentos entre americanos e ingleses são secundários, obtendo mais eco na imprensa do que realmente merecem. Os americanos teriam metido na cabeça a idéia de conseguirem uma paz mundial com base no imperialismo econômico americano. Por isso estariam cheios de aspirações messiânicas, em especial o próprio Roosevelt, impelido nessa direção pelos seus judeus, por razões óbvias. Roosevelt teria executado sua política com extraordinária habilidade, e conseguira transformar-se de presidente da paz em presidente da guerra sem ser por isso censurado pelo seu povo. Durante a guerra o orgulho nacional americano teria crescido enormemente, em especial porque os americanos agora colocam fortes contingentes militares por todo o mundo, conseguindo notáveis resultados. O bolchevismo não seria perigo para os americanos, ao menos por enquanto; o povo o considera antiamericano, por isso o repele.

Bem diferentes são as coisas na Inglaterra. Lá o comunismo começa a movimentar-se. Não pode, é verdade, manifestar-se abertamente sob esse nome; mas tenta por outros caminhos inserir-se nas massas trabalhadoras inglesas, introduzindo-se nos sindicatos. As greves nas últimas semanas e meses seriam atribuídas à influência comunista. O discurso de Churchill diante do congresso do Partido Conservador teria acalmado os conservadores na medida em que Churchill se teria pronunciado fortemente contra todos os planos de socialização. No fundo, Churchill é realmente um típico *tory*, em particular quanto a seus conceitos sobre economia. E logo ele foi condenado pelo destino a dar entrada ao bolchevismo na Europa. Numa reunião da Câmara dos Comuns, Churchill teve de defender a atual situação dos alimentos na Inglaterra. Tenta desfazer as acusações dos americanos, mas não pôde deixar de admitir que a partir de abril a situação alimentar na Inglaterra será crítica.

Fico sabendo, do Japão, que os ataques aéreos americanos até agora efetivados já obtiveram consideráveis sucessos. Mas os japoneses teriam tornado seu potencial de guerra invulnerável, descentralizando para o interior do país suas fábricas de armamentos; ainda assim, os prejuízos dos ataques aéreos sobre bairros civis de cidades japonesas já são grandes. Assim, parece começar no Japão uma situação semelhante à que registramos aqui há cerca de dois anos. Espero que os japoneses aprendam mais cedo sua lição e tomem as medidas adequadas.

Os soviéticos continuam calmamente deportando os poloneses para o interior da Rússia. Não têm a menor consideração para com os anglo-americanos. Também as conversações em Moscou sobre reforma do governo polonês ainda não tiveram sucesso. Logo, como há muito supúnhamos, na Conferência de Ialta Stalin fez a Churchill e a Roosevelt apenas um gesto sem maiores consequências. Mas na verdade nem pensa em realizar qualquer retificação no Comitê de Lublin.

Agora em Bucareste efetuam-se sangrentos processos contra a liderança nacional, a exemplo do que aconteceu em Sófia. 250 romenos que colaboraram conosco estão diante de um tribunal especial, entre eles o Marechal Antonescu.

Espero que também seu primo Michail Antonescu esteja incluído, pois, se existe alguém que merece ser fuzilado, é ele.

Os soviéticos exigem na Finlândia uma justiça mais dura. Os chamados criminosos de guerra finlandeses até agora foram tratados com relativa brandura; mas o Kremlin parece cansado desse tom.

Chega de Moscou uma nova notícia. O Kremlin desfez seu pacto de não-agressão e de amizade com a Turquia. A razão é extraordinariamente interessante e original. O Kremlin explica que tem interesse em viver em amizade com a Turquia; mas que a guerra mudou as circunstâncias, e por isso também as relações entre União Soviética e Turquia têm de ser reformadas. Em outras palavras, Stalin julga que chegou o momento de estender suas garras para os Dardanelos. A Turquia não teve vantagens em seguir as ordens dos anglo-americanos e declarar-nos guerra, entrando no papel de potência beligerante. O Kremlin não se deixou amolecer com isso.

A situação no *front* do leste dá impressão de estar algo mais consolidada. Fiquei sabendo que Himmler quer entregar seu exército "Vístula", e deve fazê-lo. Também julguei essa a melhor solução. Himmler teve apenas a missão de tapar provisoriamente uma lacuna no exército "Vístula". Infelizmente deixou-se levar pela ambição de conquistar louros militares, no que fracassou inteiramente. Desse modo apenas estragará seu bom nome político.

Na guerra aérea registramos até agora, incluindo dezembro, 353.000 mortos. Uma cifra terrível, que é mais terrível ainda se acrescentarmos a isso os 457.000 feridos. É uma guerra paralela, que assume às vezes formas mais cruéis do que no *front*. Os desabrigados já nem podem ser contados. O Reich transformou-se num monte de ruínas com a guerra aérea. Nas últimas 24 horas registramos de novo uma incrível série de ataques, especialmente no oeste do Reich.

Tenho diante de mim o chocante relato do Gauleiter Hoffmann, da Vestfália do Sul. Descreve que praticamente não é mais possível uma vida pública em seu distrito. Os transportes estão paralisados, não se pode mais andar nas ruas. A economia está a zero. Não se fornece nem se transporta mais carvão. Também não se percebe absolutamente mais nada de defesa. Pode-se imaginar os efeitos disso sobre o moral do povo. Hoffmann tem toda a razão ao declarar que a população ficaria satisfeita se ao menos notasse um resquício de ação defensiva. Mas isso não acontece. Seu memorial é uma censura contra o Marechal-do-Reich e a Luftwaffe. Vou agora apresentá-lo ao Führer.

Tenho uma longa conversa com Müller (Oslo) sobre sua nova missão no oeste. Dou-lhe plenos poderes para a execução dessa tarefa, especialmente para fornecer instruções imediatas aos serviços de propaganda do Reich em todo o oeste. Deixo-lhe bem claro que não conte com grande ajuda da parte de Berlim. Terá de tentar ajudar a si próprio com improvisações; mas na minha opinião isso será, para a propaganda que ele tem a fazer, antes uma vantagem do que desvantagem. Aliás, através da sua atividade, Müller já tem tanta experiência nesse setor que não lhe deverá ser difícil dar conta do recado. Müller ataca sua nova tarefa com grande entusiasmo. Acho que se sairá bem.

Ao meio-dia recebo 20 meninos da Juventude Hitlerista, que receberam a Cruz de Ferro em combates no leste. Dão excelente impressão. Um povo que dispõe de uma juventude dessas, não pode sucumbir, conforme as leis da História.



Joseph Goebbels fala aos soldados alemães, a 11 de março de 1945, na cidade de Lauban, na Baixa Silésia, depois da reconquista dessa cidade.



À esquerda acima, o Marechal-de-Campo inglês Montgomery, e o General americano Ridgway inspecionam com oficiais técnicos o pontilhão sobre o Elba, em Bleckede.

À esquerda abaixo, o Comandante Supremo soviético Grigori Schukov, com seu estado-maior, num posto de observação avançado, durante os combates por Berlim (abril de 1945).

Abaixo, um dos últimos encontros no *bunker* do Führer em Berlim (meados de março de 1945); atrás de Hitler, da esquerda para a direita, estão Ribbentrop, General Koller, Göring, Keitel e Jodl.





Posição de defesa em Berlim (início de maio de 1945).



À direita, civis alemães carneiam um cavalo morto na rua (fim de março de 1945).





Acima, a família Goebbels em outubro de 1942: na frente (da esquerda para a direita) Helmut Holde, Magda Goebbels, Heide, Joseph Goebbels e Hedda; atrás (da esquerda para a direita) Hilde, Harald Quandt (filho do primeiro casamento de Magda Goebbels) e Helga.

À esquerda ao alto, aperto de mãos como reconhecimento pela "ação" em Lauban.
À esquerda embaixo, uma das últimas fotografias do *front* do Oder (fins de março de 1945).



Vice-Almirante Hans-Erich Voss, representante do Comando Supremo da Marinha, identifica no jardim da Chancelaria do Reich, diante de soldados soviéticos, os restos mortais de Joseph e Magda Goebbels.

A última estatística de filmes, apesar de todas as dificuldades, ainda decorreu bastante positiva nos mais diversos distritos. Todos se admiram que o povo alemão ainda tenha desejo de ir ao cinema. Mas ainda vai muito.

Ao entardecer vemos que praticamente perdemos a região do Saar. Nossas tropas já não podem ser mantidas; terão de ser retiradas. A perda do Saar terá as piores conseqüências para nós, do ponto de vista econômico. Perdemos com ele quase o último território intacto de minas de carvão. Pode-se calcular o que isso representa. Também a situação na cabeça-de-ponte de Linz tornou-se crítica. Os americanos não conseguiram uma invasão, mas nos pressionam de todos os lados da cabeça-de-ponte; ameaça-nos o perigo de conseguirem em algum ponto romper o *front* defensivo.

No leste continua a confusão de sempre, sem que a situação se tenha alterado muito.

À tardinha faço uma visita de algumas horas à Chancelaria do Reich, para mais uma vez conversar longamente com o Führer. Primeiro mantenho um encontro com Hewel, que me informa das tentativas atuais do Ministério do Exterior por manter contatos com qualquer lado inimigo. A tentativa de Hesse em Estocolmo fracassou totalmente. Hesse conduziu-se de modo muito desajeitado. Não negociou diretamente com os ingleses, mas só com suecos conhecidos seus, que passaram para os ingleses as suas idéias. O embaixador inglês em Estocolmo tinha a intenção de falar diretamente com Hesse, o qual não teve a necessária coragem. O interessante é que o debate sobre Hesse na Inglaterra depois de 24 horas já cessou, talvez porque no momento Churchill não se interessa por conversas sobre paz, diante da exaustão do povo inglês em relação à guerra.

No momento encontra-se em Estocolmo um importante homem da União Soviética, que expressou o desejo de manter conversações com a Alemanha. Não deveríamos repelir tal idéia. Mas o momento histórico foi mal escolhido. Ainda acho, contudo, que seria bom ao menos falar com o representante da União Soviética. O Führer, porém, não quer. Acha que seria sinal de fraqueza concordarmos com o inimigo. Eu sou de opinião de que o inimigo de qualquer maneira sabe que estamos fracos e que não precisamos provar-lhe isso através de uma disposição de negociar. Mas o Führer não se deixa convencer. Acha que uma conversa com um representante da liderança soviética apenas animaria ingleses e alemães a se unirem mais a Stalin, e as negociações terminariam em fracasso total. Pode ser que o Führer tenha razão. Nessas coisas sempre tem uma intuição excelente; pode-se confiar nela. Ainda assim, é pena que tenhamos de continuar esperando, nessa situação crítica, sem sabermos aonde nos levará a evolução militar das próximas duas ou três semanas.

Não escondo a Hewel que é principalmente culpa de Ribbentrop termos caído em tal situação. Há muito tempo ele deveria ter feito suas sugestões insistentemente ao Führer, numa hora em que ainda pudéssemos pesar na balança das negociações. Mas Ribbentrop não arredou pé da sua atitude obstinada. Entre seus colegas não procurou nenhum aliado, nem encontrou algum, e conseqüentemente não obteve resultado junto do Führer, tendo arriado a bandeira já ao primeiro fracasso.

Hewel faz extraordinárias críticas à direção da Luftwaffe. O que diz sobre o tema é conhecido; não oferece novidade. Mas está muito infeliz porque não conseguimos levar o Führer a modificar coisa alguma dentro da chefia da

Luftwaffe. Isso realmente é lamentável, pois os efeitos psicológicos de uma mudança de pessoal seriam enormes dentro desse departamento.

Depois, mantenho uma conversa de duas horas com o Führer, o qual, após as canseiras e nervosismos dos últimos dias, me dá uma impressão fatigada e desgastada. Sua postura, no entanto, ainda é excelente. Trata-se de luminoso exemplo de tenacidade para todos os seus colaboradores. Tem-se a impressão de que no fundo só a sua vontade férrea o mantém de pé. É comovente para quem lida com ele há tantos anos.

O Führer está um tanto desesperado com a evolução militar. Acreditava que no oeste não sofreríamos tamanha calamidade. Disse-me que o curso dos fatos deixara-o muito abalado. Dessa vez nem meus exemplos históricos parecem convencê-lo direito.

Quanto ao oeste, o Führer agora admite francamente que o território do Saar não pode mais ser mantido; temos de evacuá-lo. Kesselring foi colocado tarde demais na sua posição, não tendo podido alterar muito o curso dos fatos. O Führer acha que, apesar do 20 de julho, no oeste ainda age um determinado grupo de traidores. Só assim se explicaria que a região, tão extraordinariamente fortalecida de casamatas em Trier, tenha caído sem luta nas mãos do inimigo. Mas eu nego isso. Acho que o Führer simplifica demais a explicação dos acontecimentos. Acredito que tudo se deve mais ao fato de que nossas tropas e seus comandantes não querem mais combater, perderam a coragem, pois sentem depressivamente a constante superioridade inimiga no ar, não mais vendo possibilidades de vitória. O Führer acha que certos líderes militares ainda brincam com o plano de se unirem aos Aliados ocidentais contra os soviéticos, e que tentam realizar tal plano. Mas, por mais idiota e absurdo que tal plano pareça, poderia ter encontrado aceitação nos cérebros de nossos militares politicamente inexperientes.

A liderança no oeste, sob as ordens de Rundstedt, foi extraordinariamente ruim. Rundstedt é demasiado velho e parado. Aliás, o Führer já há meses quis substituí-lo por Kesselring: naquela ocasião, contudo, infelizmente este sofreu um acidente de automóvel que o deixou fora de ação por semanas. O Führer não quis colocar Model em lugar de Rundstedt, porque lhe parece algo instável e impetuoso demais, o que é verdade.

Mostro ao Führer que a atual situação militar no oeste não pode continuar de modo algum. Se, por exemplo, os americanos conseguirem dinamitar a cabeça-de-ponte de Linz, estaremos numa situação trágica. O Führer fez tudo contra essa repetida tentativa do inimigo, empregando todas as possibilidades de que dispunha. E acredita que Model conseguirá dominar a situação. Não se pode fazer mais do que se está fazendo. Mas o Führer já começa a duvidar de que a cabeça-de-ponte possa ser mantida por longo tempo. Os americanos sofreram extraordinárias perdas, mas podem dar-se esse luxo. Sinto calafrios só de pensar que a negligência de alguns oficiais nos levou a tal perigo, e por isso é tão justo que tenham sido submetidos à corte marcial e fuzilados.

Apresento insistentemente ao Führer o fato de que nossas tropas no oeste não lutam mais direito. Seu moral ficou muito abalado; não têm mais entusiasmo para resistir como seria necessário nesta hora crítica. Também o moral do povo caiu ao máximo, se é que já não chegou a zero. Obviamente se reergueria no momento em que pudéssemos registrar qualquer sucesso no oeste. O

povo quer, no sombrio horizonte do atual estado da guerra, ver ao menos um pontinho azul. Mas, no momento, não se divisa isso em lugar algum.

Nos territórios ocupados pelo inimigo percebe-se certa mudança de atitude, a partir do momento em que apareceram os fatos duros e cruéis. A fome instalou-se ali. Os americanos absolutamente não estão em condições de prosseguir com um racionamento de comida conforme o nosso modelo, pois por trás disso tem de haver sempre um sistema de administração e punição que são incapazes de cumprir. Conseqüentemente, surge o câmbio negro, num forte contraste com a ordem que antes conseguíamos manter na questão do comércio de víveres.

O Führer julga que a melhor notícia dos últimos tempos é que Roosevelt concordou com Stalin, na Conferência de Ialta, em que prisioneiros alemães fossem transportados do Ocidente para a União Soviética, para trabalho escravo. Tais notícias, e outras parecidas, colaborariam para elevar o moral de nossas tropas, pois de algum modo teremos de nos fixar em algum ponto do oeste. É intolerável que a movimentação no oeste permaneça tão instável assim. Se agora perdermos a região do Saar, nada nos restará senão termos como objetivo central o *front* do Reno; mas ali existe aquela miserável cabeça-de-ponte de Linz como obstáculo para tal meta.

Voltamos sempre ao mesmo ponto de partida da nossa entrevista. Toda a nossa aflição no campo militar se deve à superioridade aérea do inimigo. Não é mais possível uma orientação ordenada no Reich. Não dispomos de ligações nos meios de transporte ou de comunicação. Não só nossas cidades, também nossa indústria está quase totalmente destruída. A conseqüência é essa profunda queda do moral de guerra dos alemães. As pessoas das províncias do oeste já não conseguem dormir, por isso estão nervosas, histéricas, irritadiças. É fácil deduzir os efeitos disso. Em suma, a situação é insuportável; por isso, temos de empregar tudo para, ao menos no terreno da liderança militar, obtermos um sucesso, ainda que modesto, para reanimar nosso povo.

Torno a mencionar ao Führer o problema da guerra aérea. O Führer acaba de ter uma conversa com o Coronel Baumbach, pedindo um relatório sobre nossos aviões a jato. O Führer coloca extraordinárias esperanças nesses aviões como caças. Chama-os até de máquinas do destino alemão. Acredita que com tais aparelhos será possível romper, ao menos defensivamente, a superioridade aérea inimiga. Mas também acrescenta que espera que não cheguem tarde demais. Estamos perto da última hora, se é que o ponteiro já não passou por cima desse instante.

Tudo o que o Führer diz da Luftwaffe é uma única acusação a Göring. Apesar disso, não consegue tomar uma decisão contra a pessoa dele. Por isso suas acusações são absolutamente insatisfatórias, pois não levam a conseqüência alguma. E eu digo ao Führer com toda a franqueza. O povo não sabe o que o Führer pensa sobre a Luftwaffe. Por isso, as queixas do Führer contra esse departamento não têm nenhum efeito psicológico. Mas ele permanece irredutível no seu ponto de vista. Não consigo amolecê-lo nem um pouquinho. Por enquanto, conservará Göring no posto, embora o julgue pessimamente como ser humano e como profissional, num julgamento tão severo como jamais o ouvi fazer contra nenhum de seus colaboradores. Sua crítica assume as mais duras formas; mas, como eu já disse, por enquanto não se tira disso resultado algum. Lembro-lhe como Frederico o Grande agiu em tais casos, como tratou seu irmão

Augusto Guilherme quando este trouxe de volta o seu exército num estado desolador. Mas também esse exemplo não causa qualquer impressão no Führer. Diz que as condições na Guerra dos Sete Anos foram diferentes das atuais, e que na nossa fase da guerra não se pode realizar uma mudança tão profunda de pessoal. Além disso, diz que não tem ninguém que possa substituir Göring na Luftwaffe. Isso também não é verdade. Temos pelo menos uma dúzia de homens que em qualquer caso agiriam melhor do que Göring.

O Führer me fala no lamentável caso dos bisões mortos por Göring para alimentar os evacuados. Esse incidente levantou muita poeira, tendo causado grandes aborrecimentos a Göring. Mas nem isso serviu para modificar alguma coisa. Não preciso mais dizer o que o Führer pensa de Göring como pessoa. Este acaba de viajar de novo com dois trens especiais a Obersalzberg, em visita à esposa. É terrível pensar que o homem responsável pela Luftwaffe alemã encontre tempo para questões pessoais. O Führer faz também as mais severas críticas contra o conselheiro pessoal de Göring, Gritzbach, a quem nega a mínima sensibilidade psicológica, e também contra Ondarza, médico de Göring, tipo declarado de janota efeminado, que não suporta nem cinco minutos na minha presença.

Tudo o que o Führer diz é correto. Mas é preciso notar que disso não decorre efeito algum.

O encontro com o Coronel Baumbach animou bastante o Führer. Agora, coloca grandes esperanças nos novos aviões a jato. Neste mês serão produzidos 500 e no próximo mês, 1.000. Seus campos de decolagem estão sendo construídos com os maiores esforços. Também isso tem de ser ordenado pessoalmente pelo Führer, pois Göring mal se preocupa com o assunto. O pensamento do Führer gira constantemente em torno da pergunta se, caso realmente sejam eficientes, tais aviões não chegarão tarde demais. O inimigo é impiedoso em sua guerra aérea. Não teme nenhum risco, não poupa material, mas sim, em grande escala, seu pessoal. As consequências morais da guerra aérea são evidentes, não apenas entre a população civil, mas também nas tropas da Luftwaffe. As omissões de que Göring se fez culpado estão destruindo em primeiro lugar o seu próprio departamento na Wehrmacht.

Já conheço de sobra tudo o que o Führer me relata sobre esse tema. São as velhas queixas, que sempre desembocam na constatação de que Göring é absolutamente impotente e incapaz, mas de que não se encontra substituto para ele, e, se o encontrássemos, não poderia ser nomeado. Proponho que se coloque Dönitz em seu lugar; mas o Führer acha que Dönitz está tão ocupado com os submarinos, que não poderia cuidar também da Luftwaffe.

Apresento alguns exemplos do excessivo luxo na Luftwaffe. Nosso pilotos de caças estão absolutamente mimados por tais luxos. Andam muito mais pelo cassino do que nos cursos de treinamento. A boa vida os deixou inúteis e covardes. O Führer acha que os pilotos de combate são mais adequados aos aviões a jato, porque sempre estiveram mais próximos do inimigo. O fato de que gente como Baumbach, até hoje tão contrária à liderança da Luftwaffe, também coloque grandes esperanças nos novos aviões, reforçou ainda mais a opinião do Führer. Um fato positivo nos novos aparelhos a jato é que não precisam de gasolina, tão valiosa; praticamente voam com água suja. Consequentemente, poderemos resolver o problema do combustível. Seria um caso de lógica interna no progresso técnico da Luftwaffe, que os aviões a gasolina

não possam mais ser melhorados na velocidade, enquanto os novos tipos de aviões a jato iniciem já com velocidade de 200km.

O Führer ficou aborrecido porque nossos pilotos de caças agora não querem decolar nem mesmo com tempo bom. Apresentam sempre novos pretextos para não terem de se aproximar do inimigo. Isso acontece porque toda a Luftwaffe está inteiramente corrompida, e é corrompida porque seu chefe é um corrupto.

Fico interiormente furioso imaginando que, apesar de todos os bons motivos e argumentos, não é possível convencer o Führer a realizar modificações. Mas que mais posso fazer? Nada além de falar incansavelmente com o Führer, apresentando-lhe minhas críticas. Estou mergulhado num severo conflito de consciência. Sei exatamente que Göring não pode recuperar a nossa aviação militar. Também sei muito bem que a Luftwaffe levaria à derrota na guerra e ao fim do povo alemão, se permanecesse como está no momento; sei muito bem que nossos *fronts* já não podem ser mantidos se não conseguirmos limpar o espaço aéreo [11 linhas ilegíveis] também Sepp Dietrich não é de primeira categoria. É um bom chefe de tropas, mas não um estrategista.

O Führer está extraordinariamente satisfeito com a propaganda antibolchevista que estamos realizando. Até agora já deixou nossas tropas do leste mais ou menos em boa forma.

Minha sugestão de mandar colocar nossas unidades de reserva como proteção da retaguarda do *front* teve plena aceitação do Führer. Deu instruções para prover todos os territórios atrás do *front* com unidades de reserva, que já estão a caminho. Com isso uma de minhas idéias de uma guerra total se realiza.

Conto ao Führer sobre os efeitos da sua visita ao 9º Exército, e o relatório que o Capitão Krüger me fez a respeito. Esse relatório agrada muito ao Führer. Também lhe conto da visita dos rapazes da Juventude Hitlerista que receberam a Cruz de Ferro e me procuraram esta manhã. Também o Führer teve desses rapazes profunda e benéfica impressão.

Quanto à situação política, o Führer continua achando que neste ano, de um modo ou de outro, haverá uma reviravolta na guerra. A coalizão inimiga se romperá indubitavelmente; o problema é se isso vai se dar quando já estivermos derrotados, ou antes. Portanto, temos de evitar um desastre militar até esse momento.

A atitude dos soviéticos em relação à Turquia deu ao Führer novas esperanças, pois contraria grandemente o desejo dos ingleses, talvez até dos americanos.

Na Inglaterra estão todos ocupados com uma gravíssima crise de alimentos, o que indica que as condições internas britânicas estão muito piores do que supomos. Os ingleses não estão sendo logrados só pelos soviéticos, mas também pelos americanos. Assim, por exemplo, o Führer ficou sabendo que Franco pretende declarar guerra ao Japão, para agradar aos americanos. Franco já estaria vendo a situação da Inglaterra como perdida, e apostaria mais nos Estados Unidos.

Quanto à esperada ruptura da coalizão inimiga, o Führer acha que partirá antes de Stalin do que de Churchill ou Roosevelt. Stalin é um realista típico, por isso é com ele que poderemos chegar antes a um acordo. O Führer está até inclinado a acreditar que a Conferência de São Francisco sequer vai-se realizar. O conflito no lado inimigo estará tão intensificado, que não se atre-

verão a aparecer em público com tais desavenças. Eu pessoalmente julgo essa crença uma ilusão, acho que a Conferência de São Francisco vai-se realizar; contudo, é possível que termine num imenso fracasso.

Em todos esses debates sobre temas políticos, o Führer e eu voltamos sempre ao ponto de partida: temos de permanecer nos *fronts*, se possível obter, até, alguns sucessos, para podermos negociar com o inimigo. Mas é preciso primeiro que possamos limpar nosso espaço aéreo. O Führer admite isso; mas nega a última das pressuposições, isto é, que só poderemos limpar o espaço aéreo se tivermos novo chefe para a Luftwaffe.

Speer junta-se a nós no fim da conversa. Esteve no oeste, e conta coisas terríveis. Não é mais possível viajar pelas estradas de lá sem ser atingido por bombardeiros. A superioridade aérea inimiga é tal que nem mesmo de automóvel nos podemos locomover em nossas próprias estradas.

Durante a conversa com o Führer, Mosquitos ingleses atacam novamente a capital do Reich.

Quando chego em casa, ela está totalmente às escuras. Foi destruída mais uma vez alguma linha de alta tensão. Uma tarde sombria e algo melancólica. Magda foi a Dresden visitar a Sra. Von Arent. Em horas assim a gente fica realmente deprimido, especialmente quando se pensa sobre a questão: que posso fazer para realmente concretizar aquilo que reconheço como acertado? Sinto em mim um grande dever moral e nacional em relação ao povo alemão, pois sou um dos poucos que hoje ainda têm alguma influência sobre o Führer. E essa oportunidade tem de ser aproveitada em todos os sentidos. Mas é impossível fazer mais do que estou fazendo.

Hoje falei novamente com toda a franqueza com o Führer, como raras vezes fiz na minha vida. Mas, como já disse, não obtendo nenhum resultado.

23 de março de 1945, sexta-feira

Ontem:

Situação militar:

No *front* do leste o centro dos combates esteve localizado na Hungria, na região de Dantzig, em Heiligenbeil e em Kurland.

Na Hungria os bolchevistas fortaleceram suas brechas e ampliaram os setores de ofensiva. No canto leste do lago Plattensee o inimigo conseguiu atingir a ferrovia Siofok-Stuhlweissenburg. A oeste de Stuhlweissenburg, e entre Stuhlweissenburg e Hor, o inimigo ganhou cerca de 10km de terreno na Floresta Bakony. A norte de Kisber atravessou a ferrovia Kisber-Komorn, e alcançou, a norte de Tovaros, a ferrovia e a estrada de Raab a Budapeste. A sul do Danúbio os soviéticos atacaram nossas posições avançadas e tomaram Gran. A norte do Danúbio conseguiram fixar-se na margem oeste do Gran.

Na Eslováquia o inimigo obteve uma brecha de cerca de 2km de profundidade, a sul de Neusohl.

A nova linha do *front* entre Leobschütz e Neisse teve novos reforços. Foram repelidos ataques contra a nova linha, bem como contra Breslau e Glogau.

De ambos os lados de Frankfurt-sobre-o-Oder, os soviéticos realizaram avanços de reconhecimento, sem maiores resultados.

Os ataques inimigos a Dantzig-Gotenhafen e Heiligenbeil, realizados novamente com forte proteção de caças, foram também muito violentos. As perdas foram consideráveis de ambos os lados. Também ontem o inimigo conseguiu apertar ainda mais as duas cabeças-de-ponte através de brechas locais de 1 a 1,5km de profundidade.

Em Kurland o inimigo fortaleceu sua grande ofensiva contra os dois lados de Frauenburg. Empregaram-se cerca de 1.000 aviões soviéticos para proteção das tropas em terra. Ainda assim, de modo geral, os ataques foram rechaçados.

No oeste os americanos conseguiram mais uma vez alargar um pouco sua cabeça-de-ponte do Reno, para o norte, sul e leste. No norte, chegou sobre Oberkassel até a região de Siegburg. Na elevação a leste de Remagen o inimigo avançou até o Vale de Wiedbach. As unidades inimigas que avançaram sobre Wiedbach foram imediatamente repelidas. A sul da cabeça-de-ponte o inimigo obteve uma pequena brecha em direção de Neuwied; a cerca de 6km a noroeste de Neuwied, foi detido. Presume-se agora que pretende avançar da cabeça-de-ponte mais para o norte, para o território do Ruhr, e ao mesmo tempo

desembarcará suas tropas de pára-quedistas ao norte dessa região. Também julgam-se possíveis os desembarques de tropas aerotransportadas no setor do Erft.

O centro de gravidade dos combates esteve ontem na região de Hessen no Reno, onde o inimigo obteve consideráveis ganhos de terreno. Ainda se combate em Bingen. Em Mainz, o inimigo entrou nos subúrbios do oeste. Mais ao sul havia em Oppenheim ainda uma cabeça-de-ponte alemã, agora desbaratada. Nierstein caiu em mãos inimigas. Em Worms realizam-se combates nas ruas. Avançando sobre Frankenthal o inimigo entrou na fábrica de hidrogênio em Oppau. Está nos subúrbios a oeste de Ludwigshafen, onde foi detido por um cerco alemão recentemente organizado. Em Neustadt e Bad Dürkheim também se efetuam combates de uma casa à outra. Segundo notícias ainda não confirmadas, haveria fracas pontas blindadas em Annweiler. Nossa estreita ponta de *front*, que avançara bem para o oeste estendendo-se até Saarlautern e Saarbrücken, recebeu ordens de retirada.

Na Itália não se efetuaram combates importantes.

A atividade aérea do inimigo foi bastante ampla, tanto nos *fronts* como sobre o território do Reich. Cerca de 1.100 bombardeiros quadrimotores americanos atacaram Plauen e Reichenbach-em-Vogtland. Uma unidade de combate inglesa mais fraca efetuou ataques na área de Bremen e Münster. À tarde, 250 bombardeiros quadrimotores atacaram objetivos na região de Rheine. 120 bombardeiros quadrimotores americanos realizaram ofensivas contra Mülheim no Ruhr. Da Itália vieram cerca de 600 bombardeiros quadrimotores americanos para atacar Viena, Graz, Bruck-no-Mur e Villach. Outros bombardeiros na região bávara. Durante todo o dia cerca de [cifras ilegíveis] bombardeiros bimotores e caças realizaram ataques sobre toda a metade ocidental do Reich, especialmente sobre meios de transporte [quase 4 linhas ilegíveis] Mosquitos estiveram sobre Bremen. 200 bombardeiros quadrimotores britânicos atacaram Hamburgo, cerca de 150 bombardeiros britânicos atacaram a região de Witten-Langendreer. 31 Sturmvögel conseguiram derrubar 11 aviões inimigos. A artilharia antiaérea derrubou mais 20. À noite, empregaram-se 28 caças, que abateram 6 aparelhos inimigos. A artilharia antiaérea derrubou mais 4 à noite.

A situação militar, no leste como no oeste, é extraordinariamente crítica; modificou-se nas últimas 24 horas de novo grandemente em nosso desfavor. Na Hungria não só não avançamos, mas o inimigo está contra-atacando num amplo *front*, tornando em grande parte ilusórios nossos ganhos de terreno, que já anulou parcialmente. Com isso foram por água abaixo os planos do Führer, de alcançar novamente a margem do Danúbio, e agora precisamos do máximo cuidado para não perdermos ainda por cima as fontes de petróleo romenas. Isso teria as piores consequências para a Alemanha nesta guerra.

Na área de Berlim os soviéticos iniciaram um ataque extraordinariamente violento, embora local, tentando cortar nossa cabeça-de-ponte em Küstrin. Conseqüentemente, não posso realizar minha planejada visita ao 51º Corpo do Exército. O General Busse pede que eu adie a visita para as próximas semanas, pois no momento há grande perigo na zona de combate em que se realizaria minha visita, e todos os oficiais estão sendo urgentemente necessários.

Quanto ao oeste, a situação na cabeça-de-ponte tornou-se extraordinariamente ameaçadora. Apesar de nossas contramedidas iniciadas em grande estilo,

os americanos apertam-na continuamente por todos os lados. Por isso, as contramedidas não conseguem ser levadas a cabo, pois nossas linhas estão sob incessante bombardeio de caças inimigos. Mais uma vez a Luftwaffe tem culpa da terrível crise em que nos encontramos. Existe o perigo de que os americanos consigam dinamitar a cabeça-de-ponte; pode-se calcular que efeitos isso teria para nós. Todo o seu material se derramará como pus sobre as terras ao redor. Sequer estaríamos em condições de deter as pontas blindadas inimigas. Tudo depende de que os americanos, que até aqui só obtiveram sucessos táticos, também obtenham uma brecha. Naturalmente da nossa parte tudo se fará para impedir isso, mas nossas forças estão enfraquecidas que tudo está confuso, sem falar na situação na região do Reno e do Saar. Ali nossas tropas abrem caminho para a retirada combatendo desesperadamente, correndo perigo de terem seu caminho cortado. As cidades agora nomeadas nos relatórios do Comando Supremo da Wehrmacht há 14 dias não entravam nem nas nossas mais ousadas fantasias, prova de quão crítica se tornou nossa situação no oeste. É compreensível que os anglo-americanos estejam no auge do triunfo. A Agência Reuters já anuncia que chegou o fim da guerra. Mas os prussianos não [atiram] tão depressa, nem é verdade que as colunas de refugiados, que se diz estarem fugindo tanto do leste para o oeste, como vice-versa, sejam tão grande obstáculo para nossa movimentação militar que não possamos mais tomar qualquer medida bélica. Os motivos são bem outros. Em particular, os meios de transporte destruídos, mais ainda no oeste do que no leste, tornam impossível levar tropas de trem num plano de viagem razoavelmente bem executado. Se, como afirmam, os americanos serão favorecidos pelo combate em Remagen para conquistar em grande escala a margem direita do Reno, isso tudo depende, como eu já disse, de uma série de eventualidades. De qualquer modo, ali se faz sentir uma extraordinária tenacidade da nossa resistência. O próprio Model se encontra lá para dirigir as operações.

O inimigo ocidental também está certo de que não se pode ainda falar em uma derrota moral do povo alemão ou do *front* alemão.

Minha propaganda de guerra está sendo agora abertamente elogiada em Londres. Diz-se que é um exemplo em matéria de esforços estratégicos hoje em dia. E é a ela que se atribui especialmente o fato de que, embora reduzida e enfraquecida, a resistência alemã seja tão notável.

No *hinterland* do *front* americano e inglês, a situação é sinistra. Não se ouvem muitas notícias dos territórios alemães ocupados, pois o inimigo conseguiu bloquear as comunicações. Mas é fácil imaginar mais ou menos o quadro por lá, quando lemos as notícias da França. O povo francês está na iminência de morrer por inanição. Grandes desfiles se movimentam por todas as cidades, protestando contra o governo, e também contra a ocupação anglo-americana. De que adianta isso? Quando não existe pão, podem protestar quanto queiram; não poderão ser salvos das consequências da falta de pão.

Também na Inglaterra a crise de alimentos assumiu formas gravíssimas. A opinião pública inglesa está indignada por causa das iminentes reduções de rações prometidas ao povo inglês. O discurso de Churchill na Câmara dos Comuns não pôde abrandar a má vontade do povo. Ao contrário, exprime veementes críticas contra os americanos por sua falta de consideração na questão do transporte marítimo de alimentos dos Estados Unidos para a Inglaterra.

A situação política na coalizão inimiga evolui conforme nossos desejos. Eden tem de admitir, na Câmara dos Comuns, que São Francisco é a última oportunidade para essa coalizão. Se ela não for aproveitada, o mundo sucumbirá num caos. É interessante que Eden admita, nesse discurso, que a política inglesa desde sempre, e ainda hoje, persegue o objetivo de jamais deixar potência alguma dominar a Europa. Por esse motivo também a Inglaterra em 1939 declarou a guerra. Só não se pode entender como hoje tolera, sem reação, o domínio soviético em grandes partes da Europa. Eden também tem de admitir que a Grã-Bretanha não possui mais o domínio dos mares. E deve a Churchill ter perdido esse domínio, pois o aumento da superioridade americana nos oceanos se deve em última análise a essa infeliz guerra na qual Churchill lançou o Império Britânico. As conseqüências dessa guerra em todos os países, e também na Inglaterra, são apresentadas de modo drástico por Eden. Aliás, pode-se constatar que na opinião pública inglesa irrompeu uma espécie de sensação de catástrofe mundial. Não há uma verdadeira alegria pelos sucessos militares no oeste.

Numa conferência de imprensa Roosevelt nega-se a marcar uma data para a vitória. Obviamente nossa dura resistência no oeste, que agora reaparece em vários pontos, lhe deu muito que pensar.

Nos Estados Unidos registra-se um forte recrudescimento do anti-semitismo. Os judeus queixam-se disso acerbamente. Até se afirma que em determinados lugares dos Estados Unidos é indesejada uma crítica à política do Eixo. Roosevelt não tem muito a dizer. O isolacionismo reergue sua cabeça. Também o Coronel Lindbergh, segundo se diz, começa a tornar-se de novo politicamente ativo.

Os Estados Unidos e a Inglaterra parecem estar exercendo em vão uma pressão sobre o Kremlin por causa das negociações quanto ao governo polonês. O Kremlin se mostra extraordinariamente obstinado nesse assunto, e até se nega a ceder à sugestão anglo-americana, de receber Mikolajczyk no Comitê de Lublin. Stalin oferece uma dura provação a Churchill e Roosevelt; mas na atual situação da guerra, pode dar-se tal luxo.

Também na questão da ruptura do acordo da Turquia, o Kremlin, conforme se admite em Londres, agiu sem consulta prévia aos ingleses. Já não se esconde que o Kremlin tenciona, com a ruptura do acordo com a Turquia, abocanhar os Dardanelos. Logo, a Turquia não teve vantagens declarando guerra à Alemanha. Também nisso Stalin aproveita a hora favorável. Sabe que em breve essa hora já não será tão favorável assim.

Os ingleses decidiram mandar executar os assassinos de Lord Moyne. Os judeus estão indignados com isso. Sofreram uma derrota, pois acreditavam que se fortaleceria se impedissem essa execução.

Como curiosidade, é digno de anotar, à margem, que nos grandes processos sensacionais em Sófia, dois padres declararam, choramingando, que estiveram presentes na abertura dos túmulos de Katyn e que nós os obrigamos a fazer declarações favoráveis a nós e contrárias aos soviéticos. Isso é uma mentira covarde e imbecil, mas o que não faz o homem, mesmo um padre, para salvar a sua querida pele?

O Conde Krosigk me explica detalhadamente, numa carta, que teríamos de exercer uma política mais positiva e promissora com a Rússia. Nós [3 linhas ilegíveis] o Conde Krosigk é extraordinariamente ingênuo nessa questão. Se

soubesse que lutas já suporrei na política com a Rússia, e como [4 linhas ilegíveis] em Zurique se tornou uma desavença de primeira ordem. A burguesia suíça ficou muito alterada. Começa a reconhecer lentamente que já não se pode falar em uma liberdade democrática de espírito, sob a pressão do populacho.

Quase não vale mais a pena registrar diariamente a série de ataques aéreos que, hora por hora, rugem sobre o Reich. Mal se percebe uma defesa. É fácil imaginar que conseqüências isso tem na opinião pública.

O Führer deu nova ordem categórica de evacuarmos os territórios do oeste ameaçados pelo inimigo. Essa ordem é impraticável, pois essas pessoas simplesmente não querem mover-se, e não dispomos de forças que as obriguem. Não se encontra ninguém que, dentro do Ministério do Interior ou da Chancelaria do Partido, tenha a coragem de dizer isso abertamente ao Führer. E o problema se arrasta, isto é, as autoridades governamentais sofrem mais uma grande perda de prestígio.

A situação em Dantzig tornou-se bastante cruel. Diewerge me relata tudo minuciosamente. Dantzig abriga enorme massa de refugiados, e o espaço se torna cada vez mais insuficiente. Forster avisou em tempo que não se levassem tantos prussianos orientais para Dantzig; mas não tínhamos outra possibilidade de evacuar essa gente da Prússia Oriental.

Estou trabalhando com meus colaboradores numa fundamental reforma das medidas sanitárias dentro do Exército. Com a redução das nossas unidades da Wehrmacht, os médicos que caberiam a cada unidade permaneceram no mesmo número. Assim, a Wehrmacht tem excesso de médicos, enquanto a vida civil sofre grande falta deles. Por isso vamos tratar de dispensar considerável quantidade de médicos da Wehrmacht. Os médicos da própria Wehrmacht terão de ser agora, conforme sugestão do Prof. Ratschow, aperfeiçoados em cursos. São na maioria médicos assistentes ou estudantes de medicina que não têm maior prática da profissão.

Como minha visita ao *front* do Oder não pôde realizar-se devido à evolução na área de Küstrin, tenho um dia livre para resolver numerosos trabalhos em andamento, até agora interrompidos.

A tardinha me telefona o General Busse, participando-me que o primeiro dia na área de Küstrin transcorreu satisfatoriamente. Espera dominar as tentativas soviéticas de isolar essa região. Mas precisamos aguardar os próximos dias para ver o que acontecerá.

A tardinha o costumeiro ataque de Mosquitos, desta vez algo mais benigno do que nos últimos tempos.

24 de março de 1945, sábado

Ontem:

Situação militar:

No *front* do leste os centros das atividades de combate localizaram-se novamente na Hungria, na Silésia, na região Dantzig-Gotenhafen e em Heiligenbeil.

Na Hungria o inimigo conseguiu avançar entre Kisber e Veszprem até a saída da Floresta Bakony. Está agora a leste de Veszprem. Alguns contra-ataques nossos entre Kisber e Tovaros afastaram um pouco as linhas inimigas. Ataques concêntricos foram dirigidos pelos soviéticos contra a curva do *front* ao sul do Danúbio, que decorria de Tovaros a sul de Bannida e Felsögalla até a região de Gran. Tomaram Bannida e Felsögalla, e fizeram recuar aquela curva do *front* um pouco em direção do Danúbio.

Na Eslováquia o inimigo continuou seus ataques maciços e locais entre Altsohl e Neusohl. De modo geral a situação permanece a mesma.

Na Silésia os soviéticos entraram no setor Bauerwitz-Leobschütz-Neustadt-na-Silésia para grande ofensiva contra o território Morávia-Ostrau. Todos os ataques puderam ser repelidos, com extraordinárias baixas humanas e perdas materiais; só nesse setor foram destruídos 143 tanques soviéticos, de modo que no primeiro dia da grande ofensiva inimiga conseguimos total sucesso defensivo. Deve-se contar com uma ampliação dos ataques soviéticos da área de Schwarzwasser. Até agora tivemos apenas ataques de regimentos, todos rechaçados.

A noroeste e sudoeste de Küstrin os bolchevistas ontem saíram de sua cabeça-de-ponte para isolar a cidade e exterminarem a guarnição. Do lado soviético empregaram-se no combate seis divisões de artilharia (ao todo 20.000 homens) e duas brigadas de tanques (cerca de 70). 55 tanques inimigos foram destruídos. O caminho para Küstrin foi mantido.

Na região Dantzig-Gotenhafen e em Heiligenbeil, o inimigo intensificou mais seus ataques. Enquanto todos fracassaram em Heiligenbeil, entre Gotenhafen e Zoppot o inimigo atingiu a Baía de Dantzig. Além disso, obteve uma brecha até a margem oeste de Oliva. Todos os demais ataques contra a curva do *front* em redor de Dantzig-Gotenhafen foram rechaçados com sangrentas perdas para os soviéticos.

Em Samland as concentrações de tropas inimigas deixam entrever novos ataques.

Em Kurland nossas tropas obtiveram total sucesso na defesa contra os bolchevistas, que atacaram mais uma vez com todas as forças. Uma divisão soviética foi isolada e está correndo para a destruição.

No *front* do oeste os americanos prosseguem pesados ataques na cabeça-de-ponte de Remagen, mas sem poderem alargá-la. Ao norte, chegaram bem a sul de Siegsburg, e combatem na margem sul da localidade. Ao sul da cabeça-de-ponte o inimigo obteve apenas sucessos locais em Leutersdorf. Ontem não avançou mais para o leste.

Em Mainz os americanos entraram na cidade. Já têm nas mãos a margem do Reno, de Coblença até norte de Ludwigshafen foram [8 linhas ilegíveis] de modo que a maior parte da Floresta Pfälzer incluindo Pirmasens ainda está nas nossas mãos. As tropas estacionadas na região do Saar que, segundo ordens recebidas, mudaram de posição, estão entrementes em nossas próprias linhas na região da Floresta Pfälzer. A oeste de Pirmasens transcorre uma nova linha de *front*, ao longo da linha Siegfried até Lauterburg. Todos os ataques contra essa posição da linha Siegfried foram repelidos.

Ao norte do *front* do oeste, segundo várias notícias, as divisões de pára-quedistas de Montgomery estariam prestes a saltar.

Não há notícias especiais do *front* italiano.

A atividade aérea inimiga no território do *front* do leste foi novamente bastante animada. Ao todo, derrubamos 33 aviões soviéticos.

Também sobre o território oeste do *front* reinou atividade muito movimentada de vôos rasantes inimigos, caças-bombardeiros e aparelhos de combate bimotores.

No território do Reich entraram 1.200 bombardeiros quadrimotores americanos, protegidos por cerca de 700 caças, com diversas unidades de combate inglesas, ao todo cerca de 550 aparelhos quadrimotores, com 400 caças servindo de proteção, atacando Münsterland, a região do Ruhr e a de Siegen. Entre outras, foram atacadas em invasões diurnas Düsseldorf, Duisburg, Gelsenkirchen, Essen, Bochum, Hildesheim, Bremen e Oldenburg.

Da Itália entraram cerca de 600 bombardeiros quadrimotores em dois grupos. O primeiro atacou Viena com bombardeios isolados sobre Graz. O segundo grupo atacou Schwarzheide e Lauterburg. À noite, ataques contra Berlim e Paderborn. Na Baía Alemã o inimigo colocou minas. Cerca de 100 bombardeiros britânicos vindos da Itália atacaram Villach.

Durante o dia foram derrubados 15 aviões pelos nossos caças e 23 pela artilharia antiaérea. Durante a noite derrubamos um avião com nossos caças e três outros com a artilharia.

Os ingleses têm conceitos bastante ingênuos em relação à missão de Kesselring. Acreditam que recebeu do Führer a tarefa de preparar a capitulação alemã. Naturalmente, o contrário é verdade. Kesselring precisará de longo tempo, principalmente de tropas e armas, para ajeitar as circunstâncias no oeste. Do modo como as coisas estão agora, é praticamente impossível conseguir ali um *front* firme e estável.

Pode-se ver a rapidez com que o inimigo trabalha, pelo fato de que já há unidades de bombardeiros anglo-americanos decolando de aeroportos alemães. Nossa retirada também foi tão rápida que mal sobrou tempo para destruímos

alguma coisa antes de a entregarmos ao inimigo. E este ficou em condições de assumir todas as nossas instalações, também nos campos de aviação, em perfeitas condições de uso.

“Exterminem o povo alemão!” é novamente a senha vinda da Inglaterra. “O mais depressa possível, também mulheres e crianças!” Os incitadores de guerra ingleses ainda não criaram juízo. Acho que seriam capazes de incendiar o mundo inteiro para alcançar o objetivo de exterminar o povo alemão. Se com isso o Império Britânico está tremendo nos alicerces, e a curto ou longo prazo entrará em dificuldades, não interessa a esses “jingos” ingleses. O rompimento do pacto russo-turco, por exemplo, deveria na verdade ser um sinal de alarma de primeira categoria para a política inglesa; na verdade, porém, a imprensa inglesa mal se manifesta sobre o assunto. Aqui e ali, um jornal de pouca importância menciona que os Dardanelos poderão ser um novo pomo de discórdia entre soviéticos e anglo-americanos; mas Stalin não se deixará lograr por isso. Com um sorriso agridoce os ingleses admitem que nem ao menos foram previamente orientados sobre a intenção do Kremlin, de romper o pacto russo-turco. Ankara não conseguiu angariar gratidão pela sua inclusão no campo das potências inimigas. Mas sabem agora com certeza que os soviéticos, ou agora ou mais adiante, tratarão do caso dos Dardanelos; os soviéticos até publicam que pretendem desfazer ou anular todos os acordos feitos com a União Soviética até 1925. Pois não corresponderiam mais ao seu poderio atual e à situação militar.

Ribbentrop, na sua chamada “reunião das quartas-feiras”, dá um esclarecimento para a questão do rompimento do pacto russo-turco. Essa explicação é de uma insignificância tal que chega a desarmar. Contém apenas quatro ou cinco frases, que há dias se podiam ler em todos os jornais alemães. O Ministério do Exterior age como se essa declaração fosse algo sensacional, só porque Ribbentrop acrescentou, em palavras oraculares, que os turcos não devem acusar a Alemanha de agressão, ou seriam acusados da mesma atitude. Ribbentrop, hoje, se porta como se ainda fosse Ministro do Exterior da mais transcendental potência do mundo. Na verdade, ninguém dá importância à sua declaração; não encontra o mínimo eco na imprensa internacional.

Mais importantes são algumas vozes da imprensa econômica da Inglaterra. Por exemplo, o *Economist* escreve que os Dardanelos são um ponto sensível para a Inglaterra, acrescentando em outra passagem que os planos de ódio e extermínio arquitetados contra a Alemanha não têm substância. Que não é possível, por exemplo, separar a Renânia do Reich, que o Reich tem de permanecer uma unidade, se ainda se pretende consolidar a Europa.

Há que notar, de passagem, as poucas vozes na Inglaterra que declaram que a fenda entre Moscou e o Ocidente será intransponível, se Moscou não se dispuser a ceder na questão polonesa. A Conferência de São Francisco seria o último prazo para isso. Essa conferência, ou não se realizará, ou vai dar em nada. Já o fato de que 5.000 delegados se reúnem para ela, é prova suficiente de que não resultará nada que valha a pena.

Queremos começar uma propaganda mais intensa contra o Comitê Seydlitz, especialmente entre os soldados do *front* do leste. Esse comitê está-se fazendo notar de novo. Sempre aparece quando a resistência alemã no *front* se torna mais forte. Assim que os soviéticos se põem em marcha, os generais de Seydlitz são lançados fora como cascas de laranja inúteis. Esses generais

são burgueses típicos, absolutamente ignorantes em face do bolchevismo. Exatamente como o Primeiro-Ministro Paasikivi, que nega expressamente na imprensa inglesa ter sofrido pressão soviética nas eleições finlandesas. Afirma que na Finlândia reinam a paz e a prosperidade, e que o país caminha para um futuro bastante promissor. Não se pode mais ajudar tal homem. Provavelmente só começará a entender a essência do bolchevismo quando receber seu tiro na nuca.

Roosevelt mandou Flynn como delegado especial ao Papa. Obviamente, Roosevelt quer conquistar as boas graças da Igreja. Dizem que durante a Conferência de Ialta o Papa teria ficado descontente com os americanos. Mas poderia haver outras razões em jogo. Os americanos, no fundo, estão diligentemente empenhados em escamotear cada vez mais para fora do jogo internacional, não só os soviéticos, mas também os ingleses. Parece que o chefe de Estado espanhol, Franco, também percebeu isso, e agora pretende unir-se aos Estados Unidos na guerra ao Japão. Foi por isso que dirigiu a Tóquio uma nota de protesto veemente, por causa do tratamento dado a cidadãos espanhóis nas Filipinas. Franco tenta de todos os modos imagináveis imiscuir-se no grande jogo; depois de ter falhado com a Inglaterra, e esta no momento ter muito pouco poder para dar-lhe proteção, ele realiza nova tentativa com os Estados Unidos.

Outra vez os anglo-americanos fizeram ataques aéreos terríveis. A série de pavorosas ofensivas sobre o Reich não cessa mais. A bela cidade de Hildesheim tornou-se um monte de ruínas, num único ataque de terror inglês. Recebo a notícia de que a cidade tem 40.000 desabrigados. Provavelmente se desenrolou outra catástrofe.

Parbel relata-me uma viagem ao oeste, em companhia de Stuckart e Klopfer, em cujo correr teve lugar uma série de encontros com os Gauleiters do oeste. Nesses encontros, Stuckart constatou que contamos com cerca de 19.000.000 de refugiados. Esses Gauleiters negam energicamente a possibilidade de nova evacuação, e vêem-se incapazes de cumprir as ordens do Führer. Já se alegram quando conseguem tirar de lá soldados, armas e as mais essenciais provisões. Também é extraordinariamente grave o problema dos trabalhadores estrangeiros. Se os deixamos nos territórios ocupados pelo inimigo, os trabalhadores do oeste logo serão reunidos sob forma de regimentos de infantaria, e os trabalhadores do leste passarão para as indústrias armamentistas. Com isso, multiplicamos o potencial militar e econômico do inimigo, de um modo quase insuportável. A situação alimentar tornou-se extremamente crítica no oeste. Muitas cidades, há dias ou semanas, estão sem pão. Pode-se imaginar os efeitos psicológicos disso. As ferrovias do Reich recebem duras críticas por parte dos Gauleiters. Estão em situação tão desesperadora, que não podem mais transportar nem os necessários armamentos. A descentralização da nossa indústria armamentista, realizada por causa dos ataques aéreos, torna-se agora nosso calcanhar-de-aquiles, pois as ferrovias não têm mais condições de levar aos pontos necessários as peças essenciais a nossas armas. O partido dispõe-se a ajudar, e censura que Speer tenha centenas de milhares de homens desocupados no oeste, esperando os ataques inimigos, a fim de consertarem os prejuízos nos meios de transporte. O partido acha que isso poderia ser feito tão bem, ou melhor, pela população. No caso das ferrovias do Reich, pesa muito que sua chefia esteja atacada de certa resignação. Todo o aparato está

demasiado velho, pouco dinâmico, para dominar as novas e terríveis condições. Na guerra aérea está o começo e o fim no oeste. Sempre se acentua que, se pudéssemos apresentar ao inimigo uma defesa pelo menos razoável, o problema da manutenção de uma linha defensiva seria fácil de solucionar. Conforme os Gauleiters admitem abertamente, a população içou incontáveis vezes bandeiras brancas à chegada dos invasores americanos. Mas isso aconteceu porque não queriam perder o resto de suas casas e apartamentos. Contudo, ninguém no momento fala em capitulação no oeste; mas todo mundo deseja que, se o fim da guerra estiver próximo, venha de uma vez.

Os serviços de propaganda do Reich por toda parte relatam situações parecidas. A fé na vitória extinguiu-se definitivamente na maioria da população alemã. Perguntam se uma contra-ofensiva no leste ainda será possível. Não dão mais nada pela nossa defesa aérea. Constata-se, segundo dizem, um declarado ódio contra o Marechal-do-Reich. Não sobrou nada da sua antiga popularidade. Mas essas críticas infelizmente agora também se atrevem a atingir a liderança geral do Reich, e também a pessoa do Führer. O povo ainda faz tudo para ajudar os líderes no prosseguimento da guerra: ninguém falta no trabalho ou nos combates; mas praticamente não existe mais esperança num final feliz. Além disso, é significativo que os refugiados do leste tenham uma postura melhor do que os do oeste. Estes foram demasiado abalados pelos ataques aéreos para poderem conservar o moral intacto.

Em todo o povo predomina a preocupação pela comida. Esperam-se novas diminuições nas rações dentro dos próximos tempos.

A agitação inimiga começa a se fazer notar no povo alemão em forma pouco agradável. Os panfletos anglo-americanos não são mais postos de lado sem ler; pelo contrário, são cuidadosamente lidos, e também as rádios inglesas têm um público bastante elevado. Diante disso, nossa propaganda tem dificuldades em se impor.

Fico sabendo com alegria que meu discurso em Görlitz deixou profunda impressão na maioria do povo.

Continuo dirigindo nossa propaganda para o trabalho individualizado. Sobre esses objetivos falo com meus colaboradores do partido e do governo. Entre outras coisas, publicaremos uma série de predições, que no momento são muito valorizadas pelo povo. Também a propaganda através de cartazes e cartas-circulares deve ser intensificada. O que não se faz, em tempos tão críticos, para animar o povo!

Também nas cartas que recebo nota-se profunda apatia e resignação. Fala-se a toda hora numa crise no governo. Göring, Ley e Ribbentrop gozam da declarada repulsa de todos os que me escrevem tais cartas. Infelizmente agora também o Führer é cada vez mais mencionado nessas críticas. Se eu próprio não sou tão atingido, isso não deve ser superestimado. Tudo é muito relativo. Também eu acho que meu próprio trabalho hoje não é mais tão eficaz quanto antigamente. Sinistro parece-me o fato de que essa crítica não respeite mais nem a pessoa do Führer, nem a idéia nacional-socialista, nem o movimento nacional-socialista. Muitos companheiros de partido começam a fraquejar. Todas as derrotas são unanimemente atribuídas à superioridade aérea dos anglo-americanos. Poderíamos dar conta dos soviéticos, se pudéssemos ter novamente liberdade no espaço aéreo. A publicação das atrocidades soviéticas causou ódio e desejo de vingança por toda parte. O fato de que também sobre a crise política

nossa imprensa e rádio se façam ouvir no lado inimigo começa a surtir efeitos positivos. Ali ao menos o povo enxerga um pedacinho de esperança azul no seu horizonte sombrio.

Mantenho uma longa conversa com o General Von Gottberg sobre uma mobilização mais rápida das forças liberadas da Wehrmacht, indústria armamentista, ferrovia, etc. O general acredita poder superar essa calamidade com novas dispensas. Recuso energicamente. Já tivemos dispensas demais. O que nos falta são homens enérgicos, capazes de agir imediatamente. Por isso peço a Gottberg que delegue um homem do meu estado-maior para a mobilização total, que possa receber ordens diretamente de mim e, de resto, seja o homem de ligação com todos os Gauleiters, para as forças dispensadas por eles, especialmente da Wehrmacht, sejam levadas ao *front* o mais depressa possível.

O General Reymann conta-me que a concretização do reforço que sugeri para a retaguarda do *front*, numa zona de 50km, por forças mobilizadas em Berlim, teve efeito desagradável, pois as escolas de cadetes estacionadas em Berlim terão de partir para o leste com suas armas. Tentarei evitar isso dentro das minhas possibilidades, pois Berlim é uma verdadeira cidade de *front*, e se nos tirarem daqui os elementos de combate, não poderemos nem mesmo formar o Volkssturm, sem falar em que não teremos soldados nem armas para uma emergência.

Num novo artigo de fundo, apresento mais uma vez de modo apaziguador, seguro e soberano, os argumentos que ainda possam dar esperança de vitória ao povo alemão.

A tardinha temos de novo o ataque regular de Mosquitos.

Nos últimos dias li o livro de Thomas Carlyle sobre Frederico o Grande. Essa biografia é extraordinariamente instrutiva e animadora. Carlyle é um ardente admirador de Frederico o Grande, e descreve sua vida como uma epopéia heróica. Nessa descrição pode-se ver mais uma vez em que situação crítica o grande rei prussiano esteve metido em várias ocasiões, e com que soberana indiferença interior, com que admirável estoicismo, sempre dominou tudo. Também ele por vezes pensava em duvidar da sua boa estrela; como, porém, sói acontecer na história, também para ele, nas horas mais escuras, brilhava uma luz; e a Prússia foi salva quando ele praticamente desistira de todas as esperanças. Por que não deveríamos nós, agora, acreditar numa virada miraculosa do destino!

25 de março de 1945, domingo

Ontem:

Situação militar:

No leste o centro dos combates esteve localizado novamente no território húngaro, na Silésia, na região de Küstrin e nas cabeças-de-ponte da Prússia Oriental e Ocidental.

A norte do Lago Plattensee os bolchevistas avançaram mais cerca de 10km a oeste, sobre Veszprem. Os ataques contra nossa posição a sul de [palavra ilegível] fracassaram. Entre Dorog e Tovaros o inimigo apertou nossa cabeça-de-ponte na margem sul do Danúbio em fortes ataques, ao mesmo tempo que nós apertamos mais ainda a pequena cabeça-de-ponte inimiga de Gran.

Na Eslováquia, a atividade bélica recrudescceu. A oeste de Neusohl e a oeste de Briesen os bolchevistas ganharam um pouquinho de terreno.

Na Silésia, o inimigo prosseguiu suas grandes ofensivas entre Bauerwitz-Leobschütz até a região do Neisse, com fortes contingentes. Nossas unidades repeliram todos os ataques, exceto algumas brechas insignificantes, e destruíram 112 tanques. Os ataques a Breslau foram algo mais brandos; em contrapartida, o fogo de artilharia se intensificou. Surgiram diversos incêndios na cidade. No setor de combates de Küstrin, o inimigo empregou novos reforços, depois de ter sofrido fortes baixas no primeiro dia de luta. Apesar desses reforços, a fúria dos ataques abrandou-se um pouco ontem. Nesse setor, ontem e anteontem foram abatidos respectivamente 66 e 116 tanques soviéticos. Considerando o grande emprego de forças humanas e materiais, os sucessos obtidos pelo inimigo foram pequenos. Conseguiu alargar suas duas cabeças-de-ponte a noroeste e sudoeste de Küstrin apenas numa medida insignificante. Entre as duas cabeças-de-ponte, o inimigo conseguiu estabelecer uma junção numa extensão de cerca de 500m. O Comando Supremo do Exército noticia que o acesso a Küstrin foi reconstituído.

Extraordinariamente fortes foram de novo os ataques do inimigo a Dantzig e Heiligenbeil. A norte de Gotenhafen o inimigo chegou até a margem norte da cidade. Zoppot caiu em seu poder. Todos os demais ataques foram anulados com fortes perdas para o inimigo. Também todos os ataques a Heiligenbeil fracassaram.

Em Kurland os soviéticos prosseguem em vão suas tentativas de invasão em Frauenburg e no setor entre Frauenburg e Mitau. Realmente conseguiram pequenas brechas locais, em parte anuladas por nossos contra-ataques.

No oeste os anglo-americanos começaram a ofensiva geral em todo o *front*. Depois de fortíssimo fogo de artilharia, e intensos bombardeios, o inimigo atravessou o Reno, à noite, em ambos os lados de Wesel, e formou uma cabeça-de-ponte na margem direita do rio. Na cabeça-de-ponte de Linz, que agora se estende ao sul até Neuwied e ao norte até o curso inferior do Sieg, os violentos ataques persistem, ininterruptos, sem que o inimigo consiga ampliar muito a cabeça-de-ponte. O *front* do Sieg está sob fortíssimo fogo de artilharia.

Em Freiweinstein, entre Mainz e Bingen, o inimigo está-se ocultando de um nevoeiro artificial. Em Mainz continuam violentos combates de rua.

Em Oppenheim os americanos transpõem pesados tanques sobre o Reno, e avançam na região de Gross-Gerau e a oeste de Darmstadt. Gross-Gerau foi ocupada. Estamos enviando forças de reserva para intervirem.

Em Ludwigshafen o inimigo entrou no centro da cidade, avançando mais para o sul até Speyer, que caiu em suas mãos. Avançando de Landau para o sul, o inimigo chegou até a região a leste de Bergzabern, com isso ficando atrás da linha Siegfried. De nossas tropas na Floresta Pfälzer, três divisões já foram atravessadas pelas linhas inimigas e formaram um novo *front* para detê-las, limitado pela estrada a sul de Speyer-Landau, alcançando depois a linha Siegfried, de Landau para o sul. As forças alemãs que ainda se encontram na Floresta Pfälzer, provavelmente conseguirão atravessar, pois o inimigo ali ainda não é muito forte.

Não há novas notícias do *front* italiano.

Na área do *front* do leste houve intensa atividade aérea de ambos os lados. Também ontem vários veículos de combate, tanques, etc., foram destruídos do ar, e 34 aviões soviéticos derrubados.

Na região do *front* do oeste a atividade dos caças-bombardeiros inimigos, aviões de vôo rasante e unidades de combate bimotores, foi intensa, correspondendo aos combates em terra.

No território do Reich entraram 1.100 bombardeiros quadrimotores americanos com proteção de caças, bem como duas unidades mais fracas de bombardeiros atacando com centro de gravidade em Münsterland e território do Reno-Meno. 600 quadrimotores bombardeiros americanos, vindos da Itália, atacaram as regiões da Grande Viena, Schwarzheide e Ruhland. Uma unidade menor, com cerca de 50 bombardeiros, esteve sobre a região de Innsbruck. Antes do meio-dia aviões de combate e caças soviéticos chegaram à região de Bernau e Eberswalde. De dia foram derrubados 18 aviões inimigos.

À noite seguiu-se o costumeiro ataque a Berlim, quando derrubamos 3 Mosquitos. Houve também uma atividade noturna mais forte, para disfarçar o ataque de unidades de combate. Além disso, apareceram 110 caças noturnos.

Nos ataques diurnos foram atingidas, entre outras: Bremen, a região de Bocholt, Münster, Osnabruck, Rheine, Dinslaken, Hagen, e diversas localidades no território do Ruhr. Unidades especiais atacaram uma ponte na região de Nienburg e causou estragos.

A situação militar no oeste é extraordinariamente crítica, tendo chegado a uma fase que parece quase mortal. Não só porque Patton forçou nova travessia do Reno em direção de Darmstadt, mas também porque ingleses e canadenses

iniciaram uma decisiva grande ofensiva no baixo Reno, e já obtiveram um resultado positivo pelo fator surpresa. Conseguiram atravessar o Reno num amplo *front*; além disso, empregaram tropas de pára-quedistas, e tentam com essa força de combate avançar a norte do território do Ruhr. É indiscutível que isso nos causou uma situação extraordinariamente crítica. Não é verdade o que afirma o quartel-general de Patton: que suas tropas não se deparam com nenhuma resistência, do mesmo modo que canadenses e ingleses podem avançar a norte do território do Ruhr sem encontrar resistência; agora, porém, o inimigo tem três cabeças-de-ponte extraordinariamente perigosas a leste do Reno, e com certeza se esforçará para, partindo dali, especialmente da cabeça-de-ponte de Montgomery e da de Remagen, cercar o Ruhr pelos dois lados. Além disso, registramos ainda o perigoso avanço em direção de Darmstadt, que deixa essa nossa região em situação extremamente crítica. Resta saber se o Reno poderá ser mantido. Com isso a guerra no oeste atingiu sua fase decisiva. Depende da força de resistência dos nossos soldados e da rapidez das nossas ações, se essa fase decisiva no oeste pode ou não ser parcialmente vencida por nós. O combate do baixo Reno parece-me ser no momento o mais importante. Ingleses e canadenses estavam na reserva e sem dúvida acumularam uma imensidão de material. Suas divisões encontram-se no melhor estado; farão tudo para obter um sucesso decisivo.

Em Londres já se diz que a última batalha desta guerra teria iniciado. Querem pôr um fim nisso tudo em poucas semanas, pois a evolução política da guerra dá muitas dores de cabeça ao inimigo ocidental. Procuram compensar os fracassos políticos com sucessos militares. Comparam Kesselring com Groener no fim da Primeira Guerra Mundial, ou com Weygand na fase decisiva da batalha pela França em 1940. Também se admite abertamente a intenção de não tomarem o Ruhr frontalmente, mas por ambos os lados. O envio de tropas de pára-quedistas é designado como vingança por Anheim. Seria uma beleza se conseguíssemos desbaratar esse empreendimento, como fizemos com aquele de Arnheim.

Montgomery, conforme seu velho costume, dirige-se com um apelo pomposo e incrivelmente cínico às suas tropas. Em espírito já atravessou inteiramente o Reno, e avançou na depressão do norte da Alemanha. Fala numa última cartada na guerra e observa, com uma insolência insuperável, que é interessante constatar o quanto o povo alemão ainda poderá suportar os ininterruptos bombardeios aéreos. De resto, deseja às suas tropas uma boa sorte na Alemanha. Esse Montgomery não tem miolos na cabeça; mas não é só isso: também não tem o menor sentimento de humanidade no coração. Se os ingleses sempre foram tão orgulhosos da sua lealdade em combates, nesta guerra estão provando que não possuem o menor sinal disso.

À noite, os ingleses anunciam que atravessaram amplamente o Reno. As tropas de pára-quedistas teriam encontrado fraca resistência. Logo, deve-se presumir que sua operação já teve resultado. Churchill está com Montgomery. O velho criminoso não deixaria por nada deste mundo de assistir a uma operação tão importante, e fanfarronear a respeito.

Os bombardeiros britânicos atacaram nos últimos dias Den Haag, causando terríveis devastações e sacrifícios humanos. O governo britânico diz que tudo foi um engano. Quando tivemos de bombardear Rotterdam por razões expressamente políticas, os ingleses fizeram uma enorme gritaria, e usam esse bom-

bardeio como razão justa para agora dizimarem o Reich alemão. E quando, em vez disso, bombardeiam uma cidade pacífica, simplesmente dizem que foi engano.

Nos Estados Unidos nota-se um fenômeno interessante, isto é, que se pedem sempre mais condições brandas de paz para a Alemanha, acrescentando-se que Roosevelt teme que, de outro modo, o povo alemão se torne uma ferida no corpo da Europa e, até, de toda a humanidade. Roosevelt também se vê impelido a tal procedimento porque o Senado dos Estados Unidos lhe causa grandes dificuldades devido às ligações com a política exterior e mundial. Agora, nos círculos do Senado, já se diz abertamente que não haverá maioria de dois terços para as decisões políticas tomadas em Ialta.

Em Tóquio desmentem-se energicamente as atrocidades relatadas pelos espanhóis em relação a cidadãos da Espanha residentes nas Filipinas. Também acho que não é verdade. Franco apenas pegou uma oportunidade que julgou favorável para, depois de não ter conseguido nada com os ingleses, passar para o lado americano. Os japoneses também relacionam a atitude de Franco a negociações com os americanos.

Na Calábria e Apúlia irromperam graves agitações comunistas. O governo Bonomi não é capaz de dominá-las. É um dos governos mais incapazes e impotentes de toda a Europa atualmente. Mas para ingleses e americanos é sabidamente conveniente que os países por eles ocupados tenham governos os mais fracos possíveis.

Em Londres reina extraordinária consternação com a política dos Dardanelos inaugurada pelo Kremlin. Os jornais esclarecem com a maior seriedade que agora o Mediterrâneo não é mais um idílio britânico, mas que a Inglaterra deve estar preparada para concorrer com os soviéticos nesse assunto, uma vez que os italianos estão fora da jogada. Em Ankara naturalmente estão todos nervosos. Sabe-se que, quando os soviéticos se concentram num objetivo, não há nada que se possa opor a isso.

Ao meio-dia o Gauleiter Koch vem visitar-me, para fazer seus relatórios sobre a situação na Prússia Oriental. Nossas divisões combatem com bravura incomparável; só que não poderão manter-se para sempre porque lhes faltam material e víveres. A munição da artilharia tornou-se precária, a ponto de cada arma só poder disparar de três a quatro tiros por dia em casos de emergência. Em Samland, ao contrário, a situação decorre um pouco mais favorável: temos mais campo de operações à nossa disposição. Por isso, Koch pede que divisões operantes no resto da Prússia Oriental sejam transportadas para Samland e para protegerem Königsberg, pois lá poderão manter-se por muito mais tempo.

O partido iniciou amplas medidas de defesa em Königsberg, que em parte podem servir de modelo em Berlim. Por isso, mando o companheiro de partido Hartung, da direção dos distritos, para Königsberg, a fim de que estude no local essas medidas de defesa e tire o modelo para a defesa de Berlim.

Koch afirma que os soviéticos na Prússia Oriental sofrem extraordinárias perdas. Fala até de um milhão de mortos registrados. Considero essa cifra bastante exagerada; mesmo assim, deve-se presumir que Stalin terá de sofrer consideráveis prejuízos para conquistar a Prússia Oriental. Aliás, no momento, deve ser orientação básica da nossa estratégia de guerra forçar o inimigo às maiores perdas humanas possíveis.

O comandante da fortaleza de Königsberg é um tal General Lasch, de quem Koch se queixa muito. Diz que ele faz jus ao nome.* Mas Koch cuidou pessoalmente dos preparativos para a defesa; é de se presumir que, se a luta por Königsberg começar imediatamente, os soviéticos se depararão com uma resistência encarniçada.

Temos de novo uma incrível série de ataques aéreos durante as últimas 24 horas. Foram atacados de modo especial Bremen e o território do Ruhr.

Recebo uma notícia terrível de Hildesheim. Essa bela cidade antiga foi totalmente arrasada. Não se vê um fim para essa guerra aérea. Nossos novos caças chegam tarde demais, e hoje decolam em tão pequeno número, que os resultados obtidos não pesam em absoluto.

Ao meio-dia temos outro grave bombardeio sobre Berlim e também sobre Lankwitz, Marienfelde e Mariendorf. Atacam-se especialmente instalações industriais: Stock & Co., a Askania e a Siemens. Os prejuízos são muito altos, em particular sobre nossa produção de armas para Berlim. Mal sabemos onde produzir nossas armas pesadas. A estação ferroviária de Mariendorf foi arrasada. Registram-se muitos desabrigados. Também os prejuízos nos transportes, causados por esse ataque de 250 bombardeiros americanos, certamente nos darão trabalho por muito tempo. E estávamos começando a superar lentamente os danos do último domingo. O setor de transportes é no momento o que está em piores condições. Sofre também enormemente com os ataques noturnos dos Mosquitos. Sempre se destroem os trechos mais importantes das estradas; com isso, todo o transporte da capital do Reich está extraordinariamente reduzido.

Infelizmente o balanço semanal para a iminente defesa de Berlim decaiu um pouco esta semana. Na capital do Reich foram retiradas grandes tropas com suas armas. Além disso, as armas pesadas prontas, ou ainda por concluir, tiveram sua produção reduzida porque têm de ser entregues em geral no fim do mês. Mas espero que na próxima semana as coisas melhorem.

Estou cuidando para que se mobilizem mais depressa as forças disponíveis, sob as ordens do Obergruppenführer Gottberg. Também se deverá fazer uma inspeção na Organização Todt e nos serviços de trabalho do Reich. Esperamos que isso produza maiores resultados, pois essas duas organizações ainda têm fortes contingentes de homens aptos para a luta.

Fizemos em Berlim uma inspeção de dois dias nos trens de transportes de soldados em férias, para procurarmos desertores. Os resultados foram pequenos. Logo, não é verdade que na capital do Reich, como se afirmou tantas vezes, haja milhares de desertores.

A organização das lideranças nacional-socialistas será colocada agora sob um regime mais firme. O General Reinecke provou ser idoso demais e pouco dinâmico. Por isso será retirado do seu posto de líder da organização central do Partido Nacional-Socialista. Essa liderança será efetuada a partir de agora pela própria Chancelaria do Partido. Os oficiais do partido recebem maiores poderes de seus comandantes e não estão mais submetidos aos primeiros, mas em pé de igualdade com eles. Com isso, se terá alcançado um objetivo há muito desejado pela chefia do partido. Infelizmente, também isso chega muito tarde, às vezes até se pensaria que é tarde demais.

* *Lasch*: significa 'frouxo', 'lasso', 'mole'. (N. da T.)

O Conde Krosigk escreve novamente uma carta sobre a situação atual da guerra. Há meses, senão há anos, sei de cor tudo o que ele me descreve nessa carta. É bastante ingênuo da parte do conde pensar que não conheço tais fatos. Quando me diz, por exemplo, que teríamos de agir mais depressa, para termos sucesso contra o inimigo, isso já vem sendo repetido por mim há séculos! Ele vê nossa ameaça principal na guerra aérea e no leste. Acha que os mais indicados como mediadores entre o oeste e nós são o Prof. Burckhardt, da Suíça, ou o Primeiro-Ministro português Salazar. Mas, por enquanto, não se entrevê a menor possibilidade de uma negociação, e o Conde Krosigk vê as coisas com demasiada simplicidade, ao imaginar que basta expressar tal desejo e logo entrar em conversações com americanos e ingleses. No momento a situação militar é tão mais óbvia, que mal se pode falar numa evolução política. Enquanto não conseguirmos estabilizar mais ou menos os *fronts*, não podemos nem falar em mudar politicamente a direção da guerra.

Ao entardecer não quero receber as notícias costumeiras, pois as ligações para Berlim se tornaram tão precárias, que não se consegue mais um quadro claro no fim do dia. As notícias que chegam só servem para nos confundir. Basta que ao meio-dia se mande fazer um relatório amplo da situação. De resto, já pelo tom da imprensa inimiga se pode deduzir o verdadeiro estado de coisas. E no momento não é nada bom.

A tardinha, o ataque regular de Mosquitos. Aos poucos se torna um hábito. Mas um hábito que causa intenso nervosismo, para não dizer histeria, em todo o povo.

26 de março de 1945, segunda-feira

Ontem:

Situação militar:

Prosseguindo a grande ofensiva no baixo Reno, os anglo-americanos empregaram até agora uma ou duas divisões de pára-quedistas, lançados em massa sobre a região Dorsten-Dinslaken-Kirchhellen. Outras descidas deram-se na estrada de Bocholt a Wesel, em Bocholt-Dingden e ao sul dali. Para repelir tais forças colocamos em ação um grupo especial de combate e uma divisão blindada. Outra divisão está-se dirigindo para lá. Depois de intenso fogo de artilharia, o inimigo alargou sua cabeça-de-ponte de ambos os lados de Rees. Até agora, conseguiu lançar três pontilhões em Rees, Wesel e Xanten. Em contra-ataques bem-sucedidos, afastamos o inimigo dos dois lados de Wesel. Ali se efetuam combates nas ruas. O inimigo entrou em Dinslaken com seus tanques blindados.

Na cabeça-de-ponte de Remagen, a tentativa do inimigo de alargar sua cabeça-de-ponte para o leste foi impedida em combates alternados, enquanto, em ofensivas realizadas parcialmente à noite, o inimigo conseguiu alargar sua cabeça-de-ponte para o sudeste, até Engers, a leste de Neuwied.

Na cabeça-de-ponte de Oppenheim, que o adversário alargou para leste e sul, construíram-se, entretanto, quatro pontilhões, dos quais um foi danificado por contramedidas nossas. O inimigo entrou em Gross-Gerau, atacou mais para o sudeste, e está em Kesselborn. Retomamos Dornheim. Pontas blindadas do inimigo estão cercadas na estrada de Darmstadt diante de Griesheim, em Ehrenfelden, Guttiau e de lá atacando Schollbrücken.

Em Ludwigshafen continuam as encarniçadas lutas nas ruas e nas casas. Speyer foi perdida após duro combate. Germersheim está sendo concentradamente atacada pelo inimigo; igualmente nossa cabeça-de-ponte colocada diante de Karlsruhe. Prosseguindo seus ataques no território húngaro, o inimigo conseguiu ganhar terreno mais para oeste e sudoeste, e entrar mais profundamente na Floresta Bakony. Os ataques soviéticos para o norte, contra o Danúbio, na direção leste de Kommorn, não obtiveram resultado.

Na Eslováquia, a sudoeste de Neusohl, o adversário ganhou algum terreno. Prosseguindo a grande ofensiva na região de Leobschütz e Neisse, efetuou violentos ataques sobre Sohrau, que foram limitados exceto por insignificantes [palavra ilegível]. Mas o inimigo conseguiu entrar em Sohrau. Na área de com-

bates de Leobschütz e Neisse, quase todos os ataques inimigos fracassaram também ontem, com mais perdas de blindados, numa linha nossa algo afastada para a retaguarda. Com esse deslocamento do *front*, Neisse e Leobschütz caíram em mãos inimigas, após duras lutas. Breslau e Glogau repeliram violentas ofensivas.

Ataques do norte realizados contra Küstrin foram rechaçados. Concentrações de tropas inimigas no Oder, nas regiões de Königsberg e Zehden.

No território da Prússia Oriental e Ocidental, a situação se tornou mais crítica, por uma constante redução das nossas munições. O inimigo conseguiu, do sudoeste, entrar no cerco externo de defesa de Gotenhafen e tomar Oliva. Ataques a Praust foram rechaçados. No território da Prússia Oriental foram repelidos todos os ataques, exceto por um avanço concentrado com o qual os soviéticos puderam entrar em Heiligenbeil. 143 blindados soviéticos foram postos fora de combate nas duas regiões.

No *front* de Kurland todos os ataques inimigos fracassaram, exceto algumas brechas, entrementes fechadas. Ainda se efetuam contra-ataques.

Nenhuma notícia do *front* italiano.

Pela manhã 800 bombardeiros e 2.000 caças entraram no norte, oeste e sudoeste da Alemanha. Atacaram-se principalmente os meios de comunicação. Além disso, chegaram do oeste 1.100 bombardeiros americanos, atacando ao todo 11 bases aéreas. Do sul chegaram cerca de 650 bombardeiros. 40 desses aparelhos atacaram Budweis. 250 aparelhos atacaram Berlim, atingindo especialmente Marienfelde, Tempelhof, Steglitz e Mariendorf. Mais ataques a Neuburg no Danúbio, Riem perto de Munique, e Lindau. 86 bombardeiros bimotores atacaram Garmisch, Innsbruck e localidades no Brenner. 250 aviões de combate britânicos atacaram Essen, Bochum, Gelsenkirchen, Duisburg e Wesel. 300 aviões de combate britânicos atacaram objetivos de comunicação e indústria nas áreas de Bochum, Recklinghausen, Herne e Hattingen. À tarde 400 aviões americanos atacaram especialmente instalações de meios de comunicação na região de Kassel, e bases aéreas. À tardinha 80 Mosquitos efetuaram o costumeiro ataque a Berlim.

Nos combates aéreos de ontem nos *fronts* e sobre o território do Reich, foram derrubados pelo menos 65 aviões inimigos, conforme as notícias até agora recebidas.

Londres sente-se em completo domínio da situação. Acreditam que, depois de atravessarem o baixo Reno, a guerra estará próxima do fim. Churchill pessoalmente está no quartel-general de Montgomery, e os relatórios de guerra ingleses anunciam triunfantes que ele passou sobre o Reno num barco a motor. Isso é bem próprio de Churchill. Conforme noticiam jornais ingleses, ele contemplou com binóculo a destruição da área de Wesel. Provavelmente se orgulhará muito dela. Um dia entrará na história como exterminador do continente europeu.

Churchill dirige uma mensagem às tropas de Montgomery. Essa mensagem transborda de hipocrisia e basófia inglesa. Afirma que a travessia do Reno só foi possível com a ajuda de Deus, e promete paz para o povo inglês dentro de pouco tempo. Pode-se imaginar que os britânicos se encontram numa verdadeira embriaguez de vitória. Acreditam que a decisão é iminente. Também a opinião pública dos Estados Unidos concorda inteiramente com a dos ingleses

nesse ponto. Mas Montgomery despeja algumas gotas de vinagre nesse cálice de alegria. Previne os soldados ingleses contra a população alemã, que teria más intenções e em quem não se pode confiar.

Ainda que a situação no oeste seja mais do que ameaçadora, e no momento não possamos prever onde e quando nos conseguiremos firmar, não tenho dúvida de que, em algum lugar, oporemos uma barricada ao avanço anglo-americano para o leste. Talvez seja vantajoso para nós que a liderança anglo-americana estabeleça publicamente um prazo tão curto; tanto maior será a decepção, quando a guerra no oeste novamente empacar em algum ponto.

A opinião pública neutra agora, naturalmente, pende para o lado dos ingleses e dos americanos, sob a pressão dos acontecimentos militares. Pode-se ver o quanto estes se sentem seguros, pelo cinismo com que já participam ao povo alemão que, sob seu domínio, pelo menos durante um ou dois anos, morrerão diariamente 5.000 alemães de fome.

A situação no oeste por enquanto ainda está totalmente obscura. De modo especial na travessia do baixo Reno ainda há bastante confusão, e também nossas medidas não estão adiantadas o bastante para se poder formar um julgamento sobre elas, se é que vão ser postas em prática. Mas em algum lugar temos de deter o inimigo; naturalmente, é bastante desagradável aparentemente não termos podido fazer isso no Reno. E também isso se deve à catastrófica superioridade aérea do inimigo. Ele simplesmente arrasa de tal modo, com seus maciços ataques aéreos, o território que deseja conquistar, que não é mais possível qualquer forma de resistência.

É satisfatório que, ao menos, possamos registrar diariamente 40 a 50 aviões inimigos derrubados. Isso se deve aos nossos novos caças; só que são empregados em tão reduzido número, que realmente não surtem efeitos notáveis.

A desolação em que encontram o continente europeu, causa alguma preocupação aos ingleses. Em especial, observadores do Partido Trabalhista queixam-se de que, em vez de um continente florescente, lhes cai nas mãos um corpo praticamente morto. Os ingleses começam a reconhecer pouco a pouco que, mesmo se os anglo-americanos nos vencessem, seria uma vitória de Pirro.

Ergueu-se no Japão novo e forte protesto dos espanhóis. Os ingleses afirmam que estes pretendem romper suas relações diplomáticas com o Japão. De qualquer modo, a evolução dos fatos atingiu um clímax. Os ingleses não deviam alegrar-se tanto, pois os aproveitadores de tal fato não seriam eles, e sim, quando muito, os americanos.

Os resultados definitivos das eleições na Finlândia dizem que os social-democratas, juntamente com os comunistas, obtiveram 821.000 votos, e os partidos burgueses 829.000. Com isso, a tendência para a esquerda não se tornou tão forte como se presumira no início, mas, ainda assim, foi tão significativa que — sem falar na pressão da ocupação soviética — a política finlandesa não pode orientar-se contra a esquerda. É certo, para qualquer conhecedor dos fatos, que a Finlândia agora deslizará cada vez mais para o lado comunista, assumindo uma orientação do leste. De qualquer modo, parece estar totalmente perdida para as potências do oeste.

Se não houvesse guerra, neste domingo estaríamos festejando o início da primavera. Um sol maravilhosamente reconfortante brilha no firmamento; diante da situação geral, isso surte um efeito irritante, em especial porque já cedo se dá em Berlim o alarma antiaéreo. Estão novamente a caminho fortíssimas

unidades de bombardeiros, e presumia-se a princípio que atacariam Berlim. Mas desta vez poupa-se a capital do Reich.

A série de ataques aéreos das últimas 24 horas é outra vez apavorante. Desta vez os anglo-americanos pegaram como objetivo nossos campos de aviação; obviamente nossos caças a jato já lhes estão dando preocupação. Além disso, atacaram meios de transporte no oeste e no sul. Nosso movimento de ferrovias parou completamente. Há regiões em que nem um trem mais se move; e onde os trens andam, só se podem movimentar à noite, extremamente devagar.

Durante todo o dia tenho uma enormidade de trabalho a fazer, mal consigo tomar consciência de que é domingo, e um belíssimo dia de primavera. As preocupações aumentam dia a dia, em particular em relação ao *front*. A gente se indaga onde se irá um dia encontrar um ponto de fixação.

A tardinha a situação no oeste continua obscura. Os ingleses não fizeram grandes progressos nos ataques a leste do baixo Reno; mas os americanos conseguiram um avanço bastante perigoso em direção de Dinslaken. Além disso, alargaram tanto sua cabeça-de-ponte de Darmstadt, que, passando por essa cidade, quase chegaram a Aschaffenburg. Essa ofensiva foi totalmente inesperada. Olhando o mapa, sente-se quase horror. No quartel-general do Führer tentam alguma medida contra esse avanço, com o pouco que nos resta de reservas. Mas por causa das péssimas condições dos meios de transporte, certamente nossos reforços chegarão tarde demais.

Na Hungria, os soviéticos avançaram de novo sobre o Gran. A situação ali se tornou precária. Os combates na Alta Silésia continuam muito violentos, bem como na Prússia Oriental e Ocidental. Contudo, os soviéticos ainda não obtiveram grandes sucessos.

Naumann fez uma visita de dois dias a Tölz e Munique. Faz-me um relato do estado de espírito que reina por lá. Por toda parte se fazem as mesmas perguntas, isto é, quando finalmente o Führer realizará as mudanças de pessoal na camada liderante do Reich, exigidas por todo o povo. Como se sabe, a crítica se dirige especialmente a Göring e Ribbentrop. Como o Führer se nega constantemente a fazer quaisquer modificações, está evoluindo uma crise em relação não só aos líderes, mas também ao Führer. Em Augsburg, o Dr. Naumann soube que foram destruídos no solo, por bombardeios inimigos, 100 aviões do tipo M2 262, isto é, nossos mais valiosos, mais preciosos, mais novos aparelhos. Pode-se calcular o efeito disso sobre os operários que trabalham dia e noite para colaborar a fim de que os céus da Alemanha fiquem livres do inimigo. A Luftwaffe não está mais em situação de criar para isso as mínimas condições. Não se pode modificar isso reformando a organização toda, mas apenas reformando basicamente cabeça e membros.

Escrevi ao Führer uma longa carta sobre a reforma na Luftwaffe, do ponto de vista da organização. O Führer se declara de acordo com as dez propostas que faço e me dá os poderes competentes. Com esses poderes tenho possibilidade de simplificar tanto a Luftwaffe na sua organização geral, que conseguiremos realmente eliminar sua figuração hidrocefala. Tentarei cumprir essa tarefa com a máxima rapidez possível. Mas estou convencido de que só isso não basta. Não se trata apenas de como se cumpre uma tarefa, mas do espírito de que se está imbuído.

27 de março de 1945, terça-feira

Ontem:

Situação militar:

No território húngaro os soviéticos chegam à margem oeste da Floresta Bakony, na região entre Papa e Dewecser. Contra Komorn e contra o Danúbio realizaram-se ataques que foram repelidos. Também na fronteira eslovaca o inimigo atacou em Leva, e formou três cabeças-de-ponte sobre o Gran. Uma delas foi imediatamente destruída; a segunda, reduzida; mas os soviéticos conseguiram ampliar a terceira em direção do sul.

Na região Morávia-Ostrau o inimigo obteve, em Schrau, uma brecha com cerca de 4km de profundidade, que teve seu caminho fechado. Nos centros de gravidade do *front* de ofensiva entre Ratibor e Neisse, todos os ataques soviéticos foram rechaçados, em parte por contra-ataques que destruíram 101 (dos 201 atacantes) blindados soviéticos. Uma ofensiva local concentrada sobre Strehlen fez com que essa localidade caísse nas mãos do inimigo. Breslau rechaçou fortes ofensivas do nordeste e sudoeste, fechando o caminho de pequenas brechas.

Na região de Küstrin, a ofensiva inimiga cessou. Neste momento, a parte antiga de Küstrin está sob artilharia inimiga. Fortaleceu-se a atividade de reconhecimento contra nossas cabeças-de-ponte em Zehden e Pölitz.

No território da Prússia Ocidental o inimigo conseguiu entrar mais profundamente no cerco defensivo de Gotenhafen, debaixo de violentos combates. Ainda se luta em Oliva. En Praust, o inimigo ganhou algum terreno na direção de Dantzig. Os fortes combates na Prússia Oriental continuam. Também ontem conseguimos sucesso defensivo em Heiligenbeil. As tropas alemãs estacionadas ali serão agora transportadas para a região de Königsberg-Samland.

No *front* de Kurland obtivemos novamente pleno sucesso na defensiva, nos locais críticos mais conhecidos.

A batalha no baixo Reno, em cujo transcurso até agora foram lançadas em terra duas divisões de pára-quedistas inimigos, com centro em Bocholt e Dinslaken, não se tornou mais favorável a nós neste segundo dia. Com fortes contra-ataques alemães, as forças inimigas que haviam descido sobre Bocholt e ao sul, foram repelidas para o oeste e sudoeste, em direção do Reno. Os esforços do inimigo, de alargar suas cabeças-de-ponte de ambos os lados de Rees, em Xanten e Wesel, tiveram pequenos resultados ontem. De ambos os lados do Reno o inimigo foi repelido de [2 linhas ilegíveis] na região Dinslaken-

Kirchkapellen-Castrop uma divisão inimiga de pára-quedistas pode efetuar ligações com as forças que avançam de Dinslaken para o nordeste. Supõe-se que o inimigo, que até agora empregou duas das divisões de pára-quedistas de que dispõe, tenciona lançar mais pára-quedistas apenas em área próxima do *front*.

Em todo o *front* de Duisburg a Colônia nenhum incidente importante.

Na cabeça-de-ponte de Remagen, o adversário não conseguiu atravessar o Sieg para o norte. Tampouco pôde alargar sua cabeça-de-ponte mais para nordeste ou leste. Só no sul e sudeste obteve pequenos ganhos de terreno. De modo geral a situação na cabeça-de-ponte permanece inalterada.

Novas travessias do Reno efetuaram-se na região entre Braubach, Boppard e St. Goarshausen. Em Braubach o inimigo avançou até Oberlahnstein. Em Boppard teve seu caminho fechado na curva do Reno; em St. Goarshausen, num contra-ataque, foi rechaçado de volta sobre o Reno. Um alargamento da passagem forçada do inimigo sobre o rio para norte e leste ainda não foi conseguido.

O mais crítico de tudo é a situação em Darmstadt, onde o inimigo na véspera atravessara o Reno chegando a Gross-Gerau, a oeste de Darmstadt. Nos pontos de travessia, entretanto, foram passadas grandes forças blindadas sobre três pontilhões, tendo ontem saído da cabeça-de-ponte para atacarem, rompendo o nosso *front* defensivo bastante fraco. Repeliram nossas forças para norte e sul, onde organizamos *fronts* para lhes fechar o caminho. O inimigo avançou para o leste com pontas blindadas até Aschaffenburg, onde atravessou a ponte do Meno, que estava intacta. Outra ponta blindada atravessou o mesmo rio na ponte semidestruída de Hanau. Supõe-se que dali o inimigo avance para o norte.

Mais ao sul a situação foi marcada por violentos combates na cabeça-de-ponte diante de Karlsruhe.

Não há notícias especiais do *front* italiano.

A atividade aérea no *front* do leste foi muito movimentada ontem de ambos os lados. 45 aviões soviéticos foram derrubados em combates aéreos.

No oeste reduzida quantidade de caças alemães foi empregada para combate a vôos rasantes.

No território do Reich entraram ontem fortes unidades americanas e inglesas de quadrimotores, com proteção de caças, realizando ataques de oeste a sul sobre objetivos de indústria e transportes, bem como sobre as áreas das cidades da Hanover, Münster e Osnabrück. Do sul chegaram 650 [palavra ilegível] bombardeiros quadrimotores, atacando maciçamente indústrias e meios de transporte, bem como o aeroporto de [palavra ilegível]. Ainda não recebemos notícias definitivas sobre a situação aérea, especialmente sobre a quantidade de aparelhos derrubados.

A evolução mais crítica no oeste está, sem dúvida, na região do Meno e em Aschaffenburg. Ali os americanos conseguiram um avanço de surpresa, entrando profundamente no nosso *hinterland*, o que nos deixou em situação extraordinariamente precária. Estamos tentando dominá-la com todos os meios disponíveis; mas estes são tão limitados, que provavelmente, por enquanto, os americanos terão ampla liberdade de movimentos. Isso poderá levar a alarga-

mentos muito desagradáveis dos seus territórios, pois brechas tão profundas no interior em geral atingem de modo totalmente inesperado a população, bem como os poucos contingentes da Wehrmacht que ainda existem ali, com grandes conseqüências. Em contrapartida, a situação nas unidades inglesas e americanas aerotransportadas não é tão agradável para o inimigo. Em particular os ingleses tiveram perdas extraordinariamente grandes. Até agora nem eles nem os americanos conseguiram uma ligação com suas tropas em terra nas cabeças-de-ponte. Mas também nisso as condições são precárias, e é preciso esperar que, cedo ou tarde, consigam efetuar tais ligações. Nossas tropas nessa área lhes opõem forte resistência. Mas somos pobres e só podemos enfrentar o inimigo com meios limitados. Conseqüentemente, ao norte da região leste do Reno, bem como no sul, a situação é bastante instável, o que naturalmente vem expresso no relatório de hoje do Comando Supremo da Wehrmacht, com um choque correspondente para toda a população. Esse efeito de choque não se pode mais evitar, diante da fala absolutamente clara de nossos relatórios oficiais. Isso causa profundas brechas no moral de guerra das tropas e da população civil.

Slesina me fala nisso detalhadamente. Descreve-me a derrota no *front* do Saar, que foi realmente terrível. Sabidamente os americanos conseguiram atacar pelas costas esse nosso *front*. O exército que combatia na linha Siegfried foi retirado tarde demais e em grande parte caiu nas mãos do inimigo. O moral entre os soldados estava tão baixo quanto era de se esperar. Mas pior ainda foi com a população civil, que em grande parte se opôs aos soldados, impedindo-os de se defenderem. A maioria das linhas de defesa blindadas organizadas no interior foi tomada pelos inimigos sem qualquer combate. Censuro Slesina porque no oeste não se cristalizou um único sinal de resistência, como, por exemplo, no leste aconteceu em Breslau e Königsberg. Ele explica, dizendo que as populações do oeste estavam tão esgotadas pelos ataques aéreos de meses e anos a fio, que preferiram um fim terrível a um terror sem fim. Acho que isso se relaciona também com o fato de a população do oeste por natureza não ser tão resistente quanto a do leste. Estão mais perto da França, o país supercivilizado da Europa, enquanto a população do leste está mais próxima da Polônia e da Rússia, os países mais primitivos da Europa. Mesmo assim, é notável que a evolução da guerra no oeste transcorra de modo tão mais negativo do que no leste. Agora provavelmente ninguém mais me apresentará argumentos como há algumas semanas, segundo os quais nossa saída da Convenção de Genebra causou uma derrocada no moral das nossas tropas no oeste. Acho que, se tivéssemos sido mais radicais no tratamento dos prisioneiros de guerra, tantos soldados e oficiais alemães não se teriam entregado aos ingleses e americanos, como acontece. No presente, o inimigo tem jogo fácil no oeste. Nem soldados nem civis lhe oferecem uma resistência organizada e corajosa, de modo que especialmente os americanos podem andar à vontade pela região. Diante disso, é pura teoria o Führer continuar querendo manter suas ordens de evacuação. Essas providências se tornaram praticamente impossíveis. O povo simplesmente não quer sair; não dispomos de suficiente força nessa região para podermos obrigá-los a uma evacuação. Ao menos conseguimos, na maioria dos territórios ocupados, trazer de volta ao Reich os homens mobilizáveis, em particular a juventude, que é quem melhor se comporta nesse terrível dilema militar. Vejo nas ordens de evacuação do Führer a causa de uma queda bastante severa de

autoridade; pois ordens impossíveis de executar prejudicam mais o mandante do que lhe dão proveito. Mesmo assim, no fundo o Führer tem razão, pois qualquer potencial humano, material ou econômico, que deixamos cair nas mãos do inimigo, em breve se voltará contra nós.

Já sublinhei que é especialmente por causa do terror aéreo que a população do oeste dá uma impressão tão exausta. No oeste e sudoeste do país praticamente não há mais tréguas nos períodos de alarme antiaéreo; as pessoas passam dia e noite nos abrigos subterrâneos, que se tornam cada vez mais asilos de derrotistas. Não há mais momentos livres em que as pessoas possam andar pelas ruas. Grande parte da população encara a guerra aérea como uma espécie de catástrofe da natureza, cujo fim se aguarda sem saber como ele poderá ser obtido.

De modo geral pode-se dizer que a atitude da população civil é algo melhor do que a das tropas. Mas um moral baixo entre soldados sempre acaba contagiando os civis. Nossos Gauleiters no oeste provavelmente também não estão em sua melhor forma. São velhos demais, como, por exemplo, Murr ou Sprenger; há muito se resignaram. Há muito tempo deveriam ter sido efetuadas mudanças de pessoal, pois homens entre 60 e 70 anos não estão mais à altura das terríveis exigências agora feitas à liderança do nacional-socialismo.

Estou organizando em grande estilo a chamada Operação Wehrwolf. Essa Operação tem por objetivo organizar grupos terroristas nas regiões ocupadas pelo inimigo. Ainda não fizemos muitos preparativos para isso. O fato se deve a que a evolução militar no oeste foi tão vertiginosa, que não tivemos tempo para nada. Quase sempre, porém, nos territórios inimigos por nós ocupados, a atividade guerrilheira só se verificava depois de certo tempo, decorrendo então rapidamente. Quero colocar à disposição da nossa Wehrwolf uma emissora de rádio livre, e mandar imprimir um jornal, tudo isso abertamente. Não queremos manter-nos às escondidas, agir secretamente. Ao contrário, o inimigo deve saber exatamente o que planejamos e fazemos.

No lado inimigo todos estão no auge do triunfo por causa dos sucessos militares que os anglo-americanos obtêm no oeste. Mas os soviéticos pouco se importam e liquidam o assunto nos jornais com apenas algumas linhas.

No momento os americanos têm enormes preocupações com a produção de aço. Prepararam-se cedo demais para um fim da guerra e agora têm de renovar a produção de armamentos. Presumo que também a crise militar no oeste a longo prazo nos dará algumas vantagens, se, na medida em que o inimigo se prepara de novo para um final muito rápido da guerra, nós tentarmos prolongá-la por todos os meios. A crise política entretanto prosseguirá. Por exemplo, os soviéticos exigiram na Conferência de São Francisco cinco votos para a União Soviética; quer dizer que pretendem superar seus concorrentes da coalizão. As negociações em Moscou sobre a reforma do governo polonês marcham lentamente. Dizem que os soviéticos ameaçaram simplesmente liquidar a Conferência de São Francisco, caso os americanos exijam mudanças radicais no Comitê de Lublin. Na Finlândia, Mannerheim começa a ser paulatinamente ignorado. As notícias suecas dizem que, depois dos resultados da última eleição, ele deverá ser posto na geladeira. Paasikivi seria seu sucessor. Com este os soviéticos podem lidar melhor do que com Mannerheim. Paasikivi é o típico soviético de salão, um burguês covarde e inescrupuloso, sem outra ambição do que bancar o Kerenski finlandês.

Diante das agitações soviéticas em todos os países da Europa, parece quase anedótico que o *Pravda* proclame exatamente neste momento a definição do homem-modelo soviético. Esse russo modelar seria caracterizado por generosidade e simplicidade. Milhões de seres humanos torturados na Europa podem hoje contar belos casos sobre essa generosidade. Mas o papel é paciente, e absorve sem resistência até a mais repelente falação judaica.

Ao meio-dia recebo para uma longa visita o embaixador da Croácia. Esforço-me ao máximo para reanimá-lo um pouco. Naturalmente, está muito abalado pelos acontecimentos militares. Mas é uma personalidade revolucionária. Seria interessante saber como pensa atualmente o embaixador japonês Oshima, pois os relatórios que envia a Tóquio têm sido completamente desmentidos pelos últimos incidentes da guerra.

Nas últimas 24 horas os anglo-americanos atacaram especialmente Osna-brück e Fulda. Nessas cidades nem há mais muito o que destruir; praticamente já não passam de montes de escombros. O trabalho atual das forças aéreas inimigas dirige-se sobretudo contra indústrias e transportes, onde conseguem causar-nos imensos prejuízos.

O Gauleiter Sauckel dirige-me um protesto contra a ocupação da região da Turíngia com refugiados. Mas a Turíngia ainda não está tão ocupada como uma série de outros distritos. Temos de nos comprimir cada vez mais na parte do Reich que ainda é nossa, especialmente se as ordens de evacuação do Führer para o oeste ainda forem parcialmente cumpridas.

As provisões de carvão em Berlim são cada vez menores. Praticamente não nos chega mais carvão do Ruhr. Agora deveremos tentar obter algum na Alemanha Central, pois Berlim realiza hoje quase 80% do programa de armamentos de emergência. Já por isso é preciso que o provisionamento de carvão para Berlim seja mantido. Depois que praticamente não obtemos mais nada do Saar e do Ruhr, nossas entradas de carvão se tornaram extraordinariamente reduzidas. E não podemos fazer mais muita coisa contra isso, nem com medidas de emergência. É uma sorte que agora tenhamos um tempo mais quente e primavera, de modo que a população não sofra tanto com o frio.

De Berlim foram enviadas ao *front* uma série de unidades ainda em fase de instrução. Com isso, a capacidade defensiva da capital do Reich decaiu fortemente, pois tais unidades também levaram suas armas. Tentarei mandar trazer para Berlim novas unidades de reserva.

Tornou-se muito séria para nós a questão sobre o que faremos com a população na frente e atrás da linha principal de combate em Berlim, se o inimigo realmente um dia romper o *front* do Oder. Temos de imaginar um procedimento de evacuação para qualquer emergência e, em última instância, executá-lo de improviso. O Führer deu permissão para que o eixo leste-oeste seja ajeitado como campo de decolagem. Mas não se deverá destruir o Jardim Zoológico. O Führer opina que o próprio eixo deveria bastar como campo de pouso e decolagem. A Luftwaffe naturalmente preferiria arrasar todo o Jardim Zoológico. Eles sempre tornam tudo tão terrivelmente simples. O que mais me irrita, em conversa com oficiais da Luftwaffe, é ver a guerra aérea apresentada como se a Luftwaffe já não tivesse mais nada a ver com isso.

O dia está repleto das piores preocupações. Recebo relatórios cada um mais dramático do que o outro, todos apresentando-me montes de perguntas das mais irrespondíveis. Nessa atmosfera, o magnífico dia de primavera é

ainda mais irritante. Tem-se vontade é de fechar as venezianas e ficar encolhido entre as quatro paredes. À tardinha é apresentado o noticioso semanal. Mostra quadros chocantes do oeste, imagens que de modo nenhum podemos publicar. Por exemplo, a dinamitação das pontes do Reno em Colônia nos deixa de coração pesado. Ver nossas belas cidades da margem esquerda do Reno, agora atingidas pela nossa própria artilharia, nos causa os maiores tormentos.

À noite recebo um chamado de Müller, do quartel-general de Kesselring, com quem Müller teve durante o dia duas longas conversas. Kesselring preocupa-se gravemente com os fenômenos de dissolução no *front*, especialmente na região Hanau-Frankfurt. Ali a população vai com bandeiras brancas ao encontro dos americanos; algumas mulheres se rebaixam a ponto de abraçar e beijar os soldados americanos. Diante disso a tropa não quer mais combater; retira-se sem resistência ou entrega-se à prisão inimiga. Kesselring vê nisso a verdadeira causa da nossa falta de forças defensivas. Acha que está na hora de o Führer tomar a palavra. Também julgo isso necessário. Numa situação tão grave, não se pode deixar a nação sem um apelo vindo do seu mais alto chefe. Uma fala do Führer no rádio teria hoje o efeito de uma batalha vencida. Tarde da noite ainda me comunico com o General Burgdorf e peço-lhe que no decorrer da noite apresente essa minha sugestão ao Führer. Espero que Burgdorf consiga resultado positivo. Quando a Inglaterra vivia seu momento mais difícil, Churchill dirigiu-se à nação inglesa num discurso grandioso e levantou novamente o moral do povo. O mesmo aconteceu com os soviéticos, quando a senha "é melhor morrer de pé do que viver de joelhos" obteve o maior sucesso. Agora que estamos numa situação parecida, ou até pior, temos de conseguir o mesmo. Burgdorf não nega meus argumentos. Apresentará a questão ao Führer com a maior gravidade e insistência. Espero que obtenha resultado.

28 de março de 1945, quarta-feira

Ontem:

Situação militar:

No setor de combates da Hungria, as duras batalhas defensivas transferiram-se para o sul do Danúbio no Canal Marczal, a sudoeste de Papa, e no baixo Raab. Todos os ataques contra a região de Komorn e contra nossas cabeças-de-ponte no Danúbio foram repelidos. A norte da Foz do Gran o inimigo conseguiu formar duas pequenas cabeças-de-ponte. Sua cabeça-de-ponte no Leva ampliou-se para leste, sudeste e sul.

Em Neusohl os combates se transferiram mais para as montanhas a nordeste de Neusohl, depois que a cidade repeliu todos os ataques.

Na área de Morávia-Ostrau o inimigo está-se esforçando para entrar mais profundamente na região industrial de Sohrau e Leobschütz. Também ontem todos os ataques inimigos — parcialmente em linhas encurtadas — foram rechaçados; só em Joslau, que caiu em mãos inimigas, nosso adversário obteve uma pequena entrada. O centro dos combates esteve novamente na região a sul de Neisse, onde todos os ataques inimigos foram rechaçados. Também as fortíssimas ofensivas soviéticas do sul sobre Breslau fracassaram; entregamos quarteiros inteiramente destruídos. Em Forst e Guben constatarem-se concentrações de tropas soviéticas, que fazem presumir ataques locais. Küstrin esteve ontem sob violento fogo de artilharia; além disso, a cidade foi seis vezes bombardeada dos ares, e atacada simultaneamente do norte, leste e sul, com a maior intensidade, mas sem resultado. Também ataques inimigos contra nossas cabeças-de-ponte em Zehden e Pölitz fracassaram. Na região Dantzig-Gotenhafen os soviéticos também entraram do oeste e sudoeste até o cerco externo defensivo de Dantzig. A sudeste de Praust os soviéticos obtiveram uma pequena brecha na direção de Gottswalde. As instalações portuárias de Dantzig foram dinamitadas conforme nossas ordens. Na cabeça-de-ponte de Heiligenbeil, que está sob intenso fogo de artilharia, a tropa abre caminho até os navios, de armas na mão, a fim de ser transportada para Pillau.

Em todo o *front* de Kurland conseguimos defender-nos, parcialmente em contra-ataques.

Na batalha do baixo Reno a situação não mudou muito em relação ao dia anterior. Fortes ofensivas inimigas a norte de Rees foram rechaçadas na ferrovia Emerich-Wesel. Nova ampliação da cabeça-de-ponte a sul de Rees pôde

ser impedida. Unidades de tropas pára-quedistas, que haviam descido a leste de Rees, atacaram da região de Hamminkeln para o norte e noroeste. Forças defensivas alemãs estão a caminho. Em Wesel o inimigo conseguiu uma brecha mais funda de ambos os lados da ferrovia para Dorsten; desde a véspera o inimigo ganhou ali cerca de 8 a 9km de terreno. Entrementes, sua brecha foi trancada. A massa de tropas pára-quedistas, lançada nas regiões das florestas a norte e nordeste de Dinslaken, conseguiu reunir-se com as forças que atravessaram o Reno naquele local. Atacaram em direção leste, mas foram detidas e parcialmente repelidas a cerca de 12km a oeste de Dorsten, numa nova linha de barricadas que transcorre para o sul sobre Kirchhellen. Portanto, o inimigo conseguiu uma considerável ampliação das cabeças-de-ponte; mas pudemos impedir uma invasão. O ponto crítico está ainda a norte e nordeste de Dinslaken.

Na cabeça-de-ponte de Remagen efetuaram-se intensos combates o dia inteiro. No Sieg e nas cabeças-de-ponte alemãs no Sieg todos os ataques dos adversários fracassaram. O inimigo conseguiu ampliar sua cabeça-de-ponte mais para o leste. Pontas inimigas chegaram à região de Altenkirchen, onde foram detidas. Na direção sudeste, porém, chegaram até Höhr-Grenzhausen.

Entre Braubach e Kaub o adversário tentou ampliar suas cabeças-de-ponte e atravessar o Reno. Em Braubach, avançando em direção de Oberlahnstein, o inimigo teve seu caminho fechado. E continua trancado também na curva do Reno em Boppard. Em St. Goarshausen, ao norte dessa localidade e em Oberwesel, fracassaram tentativas de travessia do inimigo. Em contrapartida, conseguiu passar tropas sobre o Reno em Kaub.

Avançando de Darmstadt para o norte, forças blindadas inimigas conseguiram atravessar nossas posições de cobertura. Avançaram mais para o nordeste e entraram em Offenbach. Na margem sul de Frankfurt-no-Meno realizam-se duros combates. Em Hanau o inimigo avançou ao longo do Meno e tomou Gross-Steinheim. Na região de Seligenstadt a situação continua obscura. Em Aschaffenburg, avançando sobre o Meno, o inimigo foi repellido em Schweinheim. A norte de Worms foram impedidas em contra-ataques as tentativas inimigas de alargar a cabeça-de-ponte.

Não há notícias especiais do *front* italiano.

No *front* oriental efetuaram-se ontem intensas atividades aéreas inimigas. No setor central 885 aviões soviéticos atacaram. As fortalezas de Breslau e Glogau foram provisionadas por ar. No leste os caças alemães registraram novamente bons resultados.

Rechaçando um ataque aéreo inimigo sobre um comboio alemão em águas norueguesas, nossos caças derrubaram 7 aviões inimigos e dispersaram a unidade ofensiva.

No oeste a atividade aérea inimiga foi menor devido ao mau tempo. 450 bombardeiros quadrimotores americanos atacaram concentradamente Plauen; do sul entraram 800 bombardeiros quadrimotores com forte proteção de caças e realizaram ataques sobre o território alemão do sudoeste. 20 aviões soviéticos estiveram durante o dia na grande região de Berlim, lançando diversas bombas sobre a estação ferroviária de Fredersdorf. Além disso, efetuaram ataques com armas de bordo sobre Karlsdorf. 600 bombardeiros atacaram concentradamente Wiener Neustadt. Ao norte de Viena a maior parte das bombas lançadas caiu em campo aberto. À noite 70 Mosquitos realizaram seu ataque sobre Berlim.

Nossa artilharia antiaérea derrubou três aviões. À noite derrubou-se um Mosquito sobre Berlim.

Os ingleses e especialmente os americanos perseguem grandiosos planos no *front* do oeste, particularmente o General Patton, que desde o começo da ofensiva se fez notar por uma série de audaciosos avanços e agora está muito animado. Declara ele que praticamente não encontra mais defesas firmes em nenhum lugar e, conseqüentemente, pode andar à vontade pela região. E isso é verdade. Principalmente o avanço americano na região do Reno nos deixou na maior confusão. Já não dispomos de forças de reserva ali. Temos de apelar à escola de cadetes de Tölz, para ao menos precariamente reparar as brechas maiores. Mas Patton também não pode agir inteiramente como quer. Precisa aguardar reforços, porque tão grandes ganhos de terreno, como os que obteve na última semana, naturalmente desgastam, e isso parece já estar acontecendo. De qualquer modo, o avanço americano no sul do *front* do oeste e a travessia inglesa na região do baixo Reno causaram em Londres uma espécie de embriaguez de vitória. Todos os ingleses estão convencidos de que a guerra terminará em algumas semanas, talvez até em alguns dias. Quando muito, no fim de abril. Montgomery causou esse estado de ânimo com seus constantes ataques contra a opinião pública. Isso pode-se tornar muito vantajoso para nós nas próximas semanas. Mas também Eisenhower, que geralmente é muito reservado em seus julgamentos, deixa-se arrastar por essa hipnose generalizada, e acha que nada mais os fará parar até chegarem em Berlim. Mas ainda temos uma palavra decisiva a dizer nesse assunto.

Estou no momento tratando de efetuar, na imprensa escrita e falada alemãs, uma propaganda fortemente antiinglesa e antiamericana. Até agora tratamos delicadamente demais os anglo-americanos nesse terreno, apoiando-nos exclusivamente no material de notícias que eles mesmos forneciam. Conseqüentemente, o moral no oeste piorou. Com nossa campanha contra as atrocidades bolchevistas conseguimos firmar de novo nosso *front* no leste, bem como deixar a população civil decidida a defender-se. Não termos conseguido o mesmo efeito deve-se principalmente a grandes parcelas da população alemã e de nossas tropas pensarem que os anglo-americanos os tratarão com brandura. Isso pode parecer verdade; mas, na realidade, o inimigo ocidental nos é muito mais hostil do que o oriental. Temos de empregar novo sistema de propaganda, mais detalhado, descrevendo mais minúcias, atacando mais o inimigo. Nossa propaganda até agora falhou com o povo alemão, conforme demonstram os fatos.

Também os jornais ingleses se alegram porque o moral alemão decaí rapidamente. O *Daily Mail* admira-se muito com isso. Acreditavam que a postura alemã estivesse mais intacta.

Os ingleses afirmam que desde 1º de março os anglo-americanos fizeram cerca de 300.000 prisioneiros. Essa cifra me parece bastante exagerada; mas na verdade muitas das nossas tropas se entregaram à prisão, sem haver absolutamente necessidade disso. O correto teria sido termos saído da Convenção de Genebra depois do bombardeio sobre Dresden. Todos os espertalhões do governo declararam-se contra essa proposta. Hoje vê-se que meu ponto de vista era acertado.

Também as diversas travessias sobre o Reno parecem quase milagres aos anglo-americanos. Esperavam deparar-se com uma resistência muito mais forte. Mas as grandes perdas do lado esquerdo do Reno enfraqueceram em muito nossas divisões.

A tardinha Eisenhower declara que nossa principal linha defensiva foi rompida. Marcharão diretamente sobre Berlim. Mas não acredito que os anglo-americanos façam essa tentativa. Certamente atacam primeiro outros objetivos mais próximos. Isso também é dito diferentemente pelos adversários. Por exemplo, dizem alguns que seu objetivo é Leipzig ou Kassel. Em suma, a política de notícias do inimigo não mostra unidade e, para a nossa estratégia de guerra, pouco dela se aproveita.

Agora, porém, paulatinamente se mostram em maior quantidade as preocupações políticas dos anglo-americanos diante da derrocada alemã que desejam e esperam para breve. Temem que as conseqüências poderiam ser desastrosas não só para o Reich, mas para toda a Europa e para todo o lado inimigo ocidental; que a Europa se tenha tornado um campo de ruínas, na iminência de uma catástrofe total. E, apesar disso, o inimigo teima numa capitulação incondicional do Reich. Uma série de ingleses da camada liderante fizeram um triste balanço econômico e político desta guerra. Admitem francamente que a Inglaterra perdeu quase tudo, que não é mais uma grande potência, e que esta guerra pode ser designada como o mais infeliz acontecimento da história inglesa.

E Churchill é o responsável por isso. Ele é interrogado também na Câmara dos Comuns, sobre eventuais possibilidades de paz com o Reich. Dá respostas evasivas, reservadas.

Em Londres espalhou-se uma declarada disposição de vitória e paz. Acho que, se conseguirmos — e temos de conseguir — retomar uma linha firme de defesa, seja onde for, o barômetro inglês descenderá rapidamente para zero. Churchill já está tão imbuído do espírito de vitória, que trata operários e sindicatos com rude cinismo. Nem ao menos recebe seus representantes. Acha que não tem mais necessidade disso e joga fora desconsideradamente todas as promessas feitas aos operários durante esta guerra, especialmente nos períodos mais críticos da Inglaterra.

Lloyd George morreu aos 82 anos. Não desempenhava mais nenhum papel na política inglesa. Se Churchill sobreviver a esta guerra, terá um fim semelhante. Os ingleses não são muito gratos aos homens que dirigem suas guerras.

Na Turquia nota-se uma forte instabilidade. Em Ankara não se sabe o que afinal Moscou pretende com a ruptura do pacto turco-soviético. A imprensa soviética agora ataca a Turquia de modo muito violento. Círculos turcos supõem que esses ataques se dirijam na verdade mais contra a Inglaterra do que contra a Turquia. Aliás, toda a política soviética em relação à Turquia tem caráter predominantemente antibritânico. Também a decisão na questão dos Dardanelos deverá ser tratada em São Francisco. Quanta coisa não se pretende com esse encontro! E na verdade ainda nem é certo que essa conferência sequer se realize, ou se haverá ali algum representante soviético.

Recebo chocantes relatórios de Stuhlweissenburg sobre atrocidades cometidas por soviéticos. Deixam nas sombras aquelas cometidas nos distritos alemães orientais. Diários de soldados soviéticos mortos, encontrados na região de Stuhlweissenburg, mostram que as tropas russas estão extraordinariamente cansadas da guerra. Também elas prefeririam que o troar dos canhões cessasse hoje, e

não amanhã. De resto, os soldados soviéticos são de uma ingenuidade grotesca. Imaginam-se os grandes salvadores do mundo e nota-se que a propaganda bolchevista lhes imprimiu esse complexo de superioridade, produzindo os frutos mais absurdos. Cada soldado soviético foi treinado para vingar-se da Alemanha. É o que fazem mesmo, na maior intensidade. Nesses diários queixam-se muito sobre os guerrilheiros no *hinterland* soviético, que dão realmente muito trabalho ao Exército Vermelho.

Conti deu agora aos médicos alemães um decreto que lhes permite realizarem abortos em mulheres violentadas pelos bolchevistas. Esse problema será bastante grave no futuro, uma vez que uma enormidade de mulheres alemãs também foi contagiada com doenças venéreas por esses soldados inimigos.

Plauen sofreu severos ataques aéreos. O centro da cidade foi praticamente arrasado. Também nós sofremos muito, mais uma vez, com esses ataques. Os ingleses já não voam mais à noite, talvez por causa do luar tão claro.

Ao meio-dia faço uma reunião no ministério. Realiza-se na sala do teatro, que praticamente consta apenas das paredes externas. Faço aos meus colaboradores um insistente apelo para que exatamente nesta situação crítica se mostrem como exemplos de decisão e virilidade.

O Dr. Ley, que acaba de voltar da viagem a Viena e ao baixo Danúbio, vem visitar-me para me apresentar seu relatório. Ele está mais ou menos no-cautado. Os últimos acontecimentos, particularmente no oeste, deixaram-no desorientado. Pela primeira vez vejo-o desanimado. Ainda há quatro dias escrevia no *Ofensiva* que a crise no oeste era como um tratamento de saúde. Essa afirmação causou bastante sensação entre o público. Lembro-lhe isso, mas ele já não quer saber do assunto. Pretende dirigir-se ao Führer e pedir permissão para organizar um corpo de voluntários, com valentes companheiros de partido. Esse corpo de voluntários certamente seria um bando de selvagens, e sei de antemão que por isso mesmo o Führer negará sua permissão. De resto, as sugestões que Ley faz para melhoria da nossa situação de emergência são extraordinariamente ingênuas, embora mostrem boa vontade. Ley ficou um pouco histérico com os acontecimentos mais recentes. Nisso também se vê que não tem uma personalidade forte. É forte apenas quando há causas externas que o levam a isso. De resto, oscila como um caniço ao vento, quando aparecem as horas de crise.

O Führer permanece obstinadamente na ordem de total evacuação do território ocidental ameaçado pelo inimigo, e de inteira destruição da nossa indústria. Conforme afirmação unânime de todos os Gauleiters, essa ordem é impraticável. Como se faria por exemplo na região de Würzburg, em que os americanos entraram inesperada e repentinamente? Quem deveria retirar dali a população, como a retirariam, quem deveria destruir as indústrias, e de que maneira? Na nossa estratégia de guerra hoje em dia já nos movemos num vazio em muitos assuntos. Damos em Berlim ordens que já nem chegam aos nossos subordinados, e nem se fala em serem cumpridas ou não. Nisso vejo o perigo de uma imensa queda de autoridade.

Nosso sistema de racionamento pela primeira vez se torna elástico, isto é, a população recebe cartões de racionamento em que se mencionam os víveres a receber. Apenas alimentos essenciais como banha, carne e pão permanecem inalterados.

Krosigk terminou seu projeto sobre reforma fiscal. Seu trabalho me parece anti-social. Baseia-se principalmente em impostos de consumo; e os impostos de

arrecadação não foram considerados. Mas impostos de consumo atingem praticamente só as grandes massas, por isso lhes são muito desagradáveis. E são realmente uma grande injustiça, que não podemos cometer nos tempos atuais. Por isso estão sendo feitas fortes críticas ao trabalho de Krosigk.

Ao meio-dia o Führer manda-me chamar para a Chancelaria do Reich para um longo encontro. Pouco antes consigo falar com o General Burgdorf, que também está bastante deprimido. No momento, não vê possibilidade de fazer qualquer oposição aos anglo-americanos na região do Meno. De todos os lados agora se clama pela política como elemento salvador. Isso é uma desculpa esfarrapada, pois politicamente não podemos fazer nada quando a situação militar é tão desoladora. O fato de que os americanos conseguiram avançar até Würzburg é naturalmente uma grande porcaria, mas deve-se em grande parte ao fato de que as tropas não querem mais lutar, e de que a população civil não tomou as necessárias medidas de defesa. Ley, aliás, me disse isso claramente. Acha que, se em todos os distritos, o desejo de defesa fosse tão organizado como, por exemplo, em Berlim, não teria havido os acontecimentos na região do Meno.

Quanto a essa situação, tentaremos salvar-nos com os meios de que dispomos. Mas não é só ali; também no território húngaro a situação se agravou bastante. Corremos o perigo eventual de perdermos nossa importante região petrolífera. Nossas unidades da SS se portaram de modo miserável. Também a Leibstandarte já não é a mesma, pois seus líderes e homens tombaram. Essa organização agora só existe no nome. Apesar disso, o Führer decidiu que se daria uma lição exemplar às unidades da SS. Himmler voou para a Hungria, por ordem do Führer, a fim de lhes retirar as braçadeiras. Isso naturalmente será para Sepp Dietrich a maior desonra que se possa imaginar. Os generais sentem uma alegria maligna por verem seus concorrentes atingidos por um tal golpe. As unidades da SS não só não realizaram a ofensiva na Hungria, mas ainda bateram em retirada e em parte até fugiram. Nota-se, da maneira mais desagradável, o mau elemento humano com que contamos nessa região. Sepp Dietrich é até digno de pena, e também Himmler, que tem de levar a cabo essa medida tão dura, sem ao menos ser chefe da SS, enquanto Sepp Dietrich é quem usa os brilhantes. Mas o que é ainda bem pior, é que nossa região petrolífera está severamente ameaçada. Temos de fazer tudo para conservarmos ao menos essa base da nossa conduta de guerra.

O jardim da chancelaria apresenta um quadro de devastação. Escombros sobre escombros. No momento, estão sendo fortificadas as instalações do *bunker* do Führer. O Führer está firmemente decidido a permanecer em Berlim, mesmo que a situação se torne crítica. Os militares que rodeiam o Führer vivem numa espécie de sensação de fim de mundo, prova de que o Führer se cercou de personalidades fracas nas quais não pode confiar em horas de emergência. Os chefes da SS mostram boa postura. Günsche diz que é agora comandante da defesa do quartelão do governo. Acho que posso confiar nele.

Em Berlim estamos trabalhando febrilmente para aumentar nossa defesa. Mas tais esforços deparam-se com problemas cada vez mais duros de resolver. Não só porque retiraram de Berlim as unidades de reserva, mas porque agora também temos de entregar grandes partes da nossa artilharia antiaérea, ao todo 15 baterias pesadas, para o *front* do Oder. Quero tentar salvar ao menos parte delas para a capital do Reich.

Depois mantenho com o Führer a longa conversa que me solicitou. Conversamos passeando pelo jardim da Chancelaria. Graças a Deus o Führer ainda está em bom estado físico, o que sempre acontece quando a situação se torna muito grave. Mas percebo, com melancolia, que anda cada vez mais curvado; contudo, ainda mostra um rosto imperturbável, muito digno na situação atual. Percebo que vive uma extraordinária tensão. Os acontecimentos no *front* abalam-no muito. Andamos por uma hora pelo terraço diante do seu escritório e aproveito a ocasião para lhe apresentar minha concepção das coisas. Mostro-lhe que, diante da situação extraordinariamente crítica no *front*, o moral das tropas e dos civis na pátria decaiu de modo incrível. Devíamos conseguir oferecer resistência em algum lugar, senão há o perigo de que todo o *front* do oeste venha a cair. Acho que chegou a hora de o Führer fazer um discurso no rádio à nação, dirigindo-se tanto à pátria como ao *front*, não precisando falar mais de 10 ou 15 minutos. Mostro, como exemplo, Churchill na crise britânica e Stalin na soviética. Também eles encontraram as palavras certas para animar sua gente. Também antigamente agíamos assim no partido. O partido jamais passou por uma crise séria sem que o Führer se dirigisse a ele pessoalmente e lhe reerguesse os ânimos. Agora também chegou a hora de o Führer dar um sinal ao seu povo. Estou decidido a fazer disso uma grande campanha de propaganda. Mas a senha tem de ser dada pelo Führer. Esboço-lhe mais ou menos o conteúdo desse discurso, assim como o imagino. O decisivo em seus argumentos tem de ser que o povo encontre alguma palavra a que se agarrar. De resto, o Führer [meia linha ilegível] esperanças grandes [meia linha ilegível] mas ao menos [idem], que possam ser mencionados na presente [idem].

O Führer concorda basicamente com minhas sugestões. Acha que o moral na pátria não é tão mau, mas foi contagiado pelo baixo moral das tropas. Diz que a pátria suportou os piores golpes; mas que no momento em que entrou em contato com o *front*, seu estado de ânimo baixou. O Führer ainda acha que a má evolução no oeste é fruto de traição. Em Trier falhara o mesmo exército que falhou em Avranches. É verdade que sua chefia fora mudada, mas o velho espírito ainda estava ali. De outro modo não se podia explicar que um sistema de casamatas tão firme como o de Trier fosse entregue ao inimigo sem resistência. Esse campo de casamatas foi entregue com desculpas que hoje parecem infantis: preferiam lutar em campo aberto, porque ali se podiam espalhar melhor, e coisas do gênero. Essas razões foram apresentadas com seriedade. Hoje podemos constatar o quanto eram falsas. O Führer está furioso com essa traição. Mas no momento ainda não sabe quem a executou. Acha que foi o quartel-general do comandante supremo do oeste. Mais uma vez se vê como o Führer estava correto em suas intuições; só que raramente tira delas as conseqüências necessárias. É verdade que a situação crítica no oeste começou com a perda daquelas casamatas em Trier. Depois disso deu-se a travessia do Reno em Remagen. Mas esse fato foi também fruto de traição, ou de uma censurável omissão do dever. Só a cabeça-de-ponte sobre o baixo Reno mostrou a necessária combatividade, prova de que, onde nossas tropas oferecem resistência, os anglo-americanos não conseguem marchar como desejariam. As demais cabeças-de-ponte já não estão mais, em grande parte, sob nosso controle. Seja por falta de moral ou por real traição, já não é tempo de procurar motivos, mas de registrar fatos, pois a nação está em grande perigo e temos de agir de acordo com isso.

O fato de que o inimigo conseguiu avançar até Würzburg é absolutamente inexplicável para o Führer. Quer tentar agora lançar contra o local uma enormidade de unidades que ainda estão à nossa disposição nas casernas e empregar também tanto da Luftwaffe quanto for possível. Mas levará algum tempo até que essas medidas sejam postas em execução e surtam efeito. Enquanto isso, sofremos perdas cruéis na região, em pessoas e em potencial de guerra. É de se perguntar se ainda poderemos prosseguir com a guerra. Tenho a impressão de que, no momento, o Führer não está tomando o caso tão a sério quanto deveria. Ao menos, é assim que age diante de mim; no fundo certamente pensará de outra maneira.

A nomeação de Kesselring chegou tarde demais. Deveria ter sido posto em lugar de Rundstedt há alguns meses. Model é excelente chefe de tropas, mas um pouco intelectualizado demais. De qualquer modo, é um seguidor fanático do Führer e verdadeiro nacional-socialista.

Repito várias vezes ao Führer que temos de fixar nossa posição em alguma parte, se é que ainda queremos ganhar esta guerra. E estou cético quanto a conseguirmos isso nos próximos dias. O Führer tem razão ao declarar que o moral da tropa e o da pátria estão interligados. Também é verdade que a tropa contagiou grandemente a pátria com seu moral baixo, e essa tropa está com o moral baixo porque não teve uma educação nacional-socialista.

Muito me alegra que o Führer também me diga que fui o único a ter razão na questão da nossa saída da Convenção de Genebra. Todos os outros foram contra. Mas trata-se de burgueses decadentes, que nada entendem de uma guerra revolucionária; por isso mesmo não podem empenhar-se nela. É realmente trágico ver o Führer — um revolucionário da maior categoria — rodeado de gente tão medíocre. Escolheu colaboradores militares abaixo de toda a crítica. Ele próprio agora classifica Keitel e Jodl como velhotes demasiado cansados e desgastados, incapazes de tomarem grandes decisões na presente emergência. Os únicos chefes de tropas que correspondem à moderna guerra popular são Model e Schörner. Model, como eu já disse, é um tipo intelectual; Schörner é um homem de coração e sentimentos. Foi ele, sem dúvida, quem obteve os maiores sucessos nas operações. E com esses dois acaba a nossa série de grandes chefes militares. Nem a SS apresentou estrategistas notáveis. Também Himmler não conseguiu encontrar nenhum nas suas fileiras. São todos bons combatentes, mas lhes falta grandeza.

Relato detalhadamente ao Führer que, infelizmente, no ano de 1934 nos omitimos na reforma da Wehrmacht, quando ainda teríamos tido oportunidade. O que Röhm pretendia era correto, mas não podia ser executado por um homossexual, um anarquista. Se Röhm tivesse sido uma personalidade íntegra, de primeira linha, provavelmente em 30 de junho teriam sido fuziladas algumas centenas de generais em vez de algumas centenas de chefes da SS. Há uma profunda tragédia em toda essa história; só hoje sentimos seus efeitos. Naquela ocasião teria sido a hora de revolucionarmos a defesa do Reich. Mas, naquelas circunstâncias, o Führer não podia adivinhar isso. E hoje nos perguntamos se jamais poderemos recuperar o que então perdemos. Duvido muito. De qualquer modo, há que tentar. Não podemos tomar agora grandes medidas, mas fazer apenas o que se oferece, e entre essas coisas a mais urgente me parece o discurso que solicitamos ao Führer. Mas não está querendo muito, porque no mo-

mento não tem nada de positivo a apresentar. Insisto de tal maneira que por fim ele se declara de acordo com minha sugestão. Não posso relaxar nesse assunto. É meu dever para com a nação insistir em que o Führer dê agora ao povo uma senha para sua luta existencial. Menciono ao Führer que 15 minutos no rádio serão suficientes. Sei que esse discurso será difícil. Mas o Führer há de conseguir apresentar uma série de fatores positivos, em especial quanto à evolução da guerra aérea. É aí que o Führer coloca uma grande esperança, em relação aos nossos novos caças. Relata-me mais uma vez toda a situação da Luftwaffe, que já conheço porque ele já me apresentou várias vezes. A crise na Luftwaffe é declaradamente técnica, e Göring é o culpado. Mas hoje o Führer parece um pouco mais inclinado a tirar-lhe alguns poderes, pois, conforme diz, Göring não tem suficiente formação técnica para prever a tempo essa evolução da Luftwaffe. Também foi inteiramente enganado pelo seu estado-maior. E agora esse estado-maior da Luftwaffe quer mentir ao Führer, por exemplo, em relação à rapidez dos novos caças, assunto sobre o qual lhe forneceram dados totalmente falsos. Mas doravante o Führer pretende castigar do modo mais severo qualquer mentira que lhe apresentem nos assuntos militares mais importantes. Agirá de modo brutal na organização da Luftwaffe.

Kammler tomou nas suas mãos o transporte dos novos caças, da fábrica ao campo de decolagem, e também a construção de novos campos por ordens do Führer. Para tanto recebeu plenos poderes do Führer. Göring concordou, embora resmungando. Mas não lhe resta outra coisa a fazer. Campos de aviação, aparelhos e combustível, são agora nossos maiores problemas. Os sucessos até agora obtidos pelos novos caças são bastante satisfatórios. Se aparecerem em maior número no céu, talvez seja possível que o consigamos livrar do inimigo. Mas, como o Führer declarou expressamente, falta pouco para a hora final. No máximo poderíamos conseguir mudar mais uma vez a direção dos fatos no último segundo. Aí está a verdadeira decisão. A causa do nosso fracasso militar está no terror aéreo. Portanto, temos de começar as novas medidas militares com a Luftwaffe.

Conforme eu já disse, o Führer está agora mais inclinado a desculpar Göring. Julgo isso totalmente inoportuno. É simplesmente irrisório dar compreensão a um homem que levou o Reich a uma crise tão fatal. É ele o culpado do nosso fracasso, e já por razões históricas tem de arcar com as conseqüências. O fato de que não tenha tido consciência dos seus atos, não tem a menor importância. Era só o que faltava, que tivesse conduzido o Reich conscientemente a este perigo mortal.

Nos novos caças estão sendo colocados nossos pilotos de combate em lugar dos pilotos de caças. São mais valentes, mais decentes, e não tão delicados. O Führer agarra-se com todas as forças à esperança no emprego dos novos aviões a jato. O inimigo não tem nada de notável para opor a tais aparelhos, pois os aviões a jato não podem operar em território alemão por causa do problema de combustível. Além disso, o Führer está decidido a reformar a Luftwaffe desde os alicerces. Está inteiramente de acordo com meu programa de reformas. Não considera o moral da nossa Luftwaffe tão ruim a ponto de não poder mais ser consertada. Nossos pilotos de caças estão apenas desanimados, porque tinham de pilotar aviões em péssimas condições, com os quais ficavam enormemente inferiorizados diante do inimigo. Mas também Speer tem culpa, por termos con-

tinuado produzindo aparelhos antiquados e inúteis, tecnicamente inferiores aos do inimigo, sem que nos tivesse advindo qualquer vantagem. O Führer considera Speer em relação a Saur a personalidade mais fraca. Saur é um tipo duro, que cumpre uma missão, se preciso, com violência. Oferece uma espécie de contraste diante de Speer. Este é mais uma natureza de artista. Tem grande talento como organizador, mas é politicamente bastante inexperiente e despreparado, para que se pudesse confiar absolutamente nele, num período tão crítico. O Führer está muito descontente com os últimos relatórios que Speer lhe apresentou. Este deixou-se influenciar por seus industriais, e sempre fala em não querer dar a mão para cortar o fio da vida do povo alemão. Nossos inimigos que o fizessem. Ele não queria assumir tal responsabilidade. O Führer declara que de qualquer modo temos a responsabilidade; agora precisamos levar a bom termo a luta pela vida de nosso povo, e nisso as questões táticas têm papel secundário. O Führer tenciona mandar chamar Speer durante a tarde e colocá-lo diante de uma séria alternativa. Ou se submete aos princípios da nossa orientação da guerra, ou o Führer desistirá da sua colaboração. O Führer diz, muito amargurado, que prefere viver num asilo, ou refugiar-se debaixo da terra, a mandar construir palácios por um colaborador que falha no momento crítico. O Führer está sendo muito severo com Speer. Acho que nos próximos dias Speer não terá trato fácil com o Führer. Este quer terminar principalmente com as falas derrotistas de Speer. E foi ele um dos que se pronunciaram contra nossa saída da Convenção de Genebra. É verdade que Bormann também esteve entre eles. Bormann, no momento, também não está em sua melhor forma. Especialmente na questão da radicalização da guerra, não cumpriu o que eu esperava. Como já disse, todos são meio burgueses. Talvez pensem como revolucionários, mas não agem como tal. E agora são os revolucionários que têm de liderar. Insisto nisso com o Führer; mas ele responde que dispõe de poucos homens assim. Também nossos Gauleiters no oeste em grande parte se mostraram uns fracos. Estou deprimido com o fracasso dos combates no oeste. Por exemplo, o fato de Colônia ter capitulado no espaço de uma hora é simplesmente vergonhoso. O Führer põe a culpa na Wehrmacht, mas naturalmente também a liderança política tem boa parte da culpa. Ao contrário, como se destaca, diante disso, a atitude de Hanke em Breslau! O Führer o chama de o Nettelbeck* desta guerra, o que ele realmente merece. Também a decadência da Luftwaffe se deve aos seus elementos burgueses. Göring é muito mais burguês do que revolucionário.

Tudo isso, porém, são questões secundárias. Hoje tais problemas não podem mais ser considerados fundamentais; já nos basta se conseguirmos abrir caminho de um dia para o outro. Mas é certo que o Führer pretende, em qualquer circunstância, tirar Speer do contacto com os industriais pelos quais se deixa influenciar. Não deve mais ser joguete dos meios econômicos que o rodeiam. Também é certo que o Führer vai decidir que não deixemos nenhum potencial de guerra para o inimigo, pois seria logo empregado contra nós. É completa tolice afirmar que não nos devemos responsabilizar pela destruição do potencial bélico. A história nos absolverá, se ganharmos a guerra. E nos negará essa absolvição se a perdermos, não importa por que motivos aconteça uma coisa ou outra. Temos a responsabilidade, e precisamos mostrar-nos dignos dela.

* Nettelbeck, grande patriota prussiano do séc. XVIII-XIX, bravo defensor da fortaleza de Kolberg.

O Führer fala numa eventual substituição de Speer por Saur, o que na minha opinião é significativo. A situação está crítica para Speer. Mas quero chamar-lhe a atenção para isso. Seria bom se o Führer empregasse as severas medidas que pretende usar com Speer contra a SS ou contra a Luftwaffe.

É aí que tais medidas são mais necessárias. Seria de desejar que o Führer não só tivesse intuições corretas, e as apresentasse, mas que tirasse delas as conseqüências acertadas. Nisso é que, em minha opinião, ele se distingue grandemente de Frederico II, que agia tão brutalmente contra gente simples ou nobre, causando ódio e repulsa até entre sua tropa e seus generais. Com o Führer tem-se sempre vontade de dizer: "Sim, o senhor tem razão. Tudo o que diz está correto. Mas onde estão as ações?"

É realmente admirável como, nesse dilema do *front*, o Führer ainda e sempre confie na sua boa estrela. Às vezes tem-se a impressão de que ele vive nas nuvens. Mas tantas vezes já desceu dessas nuvens como um *deus ex machina*. Continua convencido de que a crise política no lado inimigo nos dá direito às maiores esperanças, embora não devamos falar muito nisso. Dói-me muito que no momento eu não consiga convencê-lo a fazer algo para que essa crise política do inimigo cresça. O Führer não faz nenhuma modificação em seu pessoal, nem no governo nem na diplomacia. Göring permanece, Ribbentrop permanece. Todos os incompetentes, exceto os de segunda categoria, são mantidos, e na minha opinião seria absolutamente necessário efetuar essas mudanças de pessoal, pois também seria de importância decisiva para o moral do nosso povo. Insisto e insisto; mas não consigo convencer o Führer da necessidade das medidas que sugiro. Assim, tenho de adiar meus propósitos até uma próxima ocasião.

Quanto ao leste, o Führer está satisfeito com a evolução, exceto pela Hungria. Schörner mantém-se bem. Conseguiu notáveis resultados defensivos, que dão direito a grandes esperanças. Mas a situação na Hungria de modo geral tornou-se apavorante. Entramos numa crise gravíssima, a qual, como eu já disse, é causada pelo perigo de perdermos o território petrolífero húngaro. O Führer está muito descontente porque Sepp Dietrich o iludiu. Deixou na pátria grandes unidades do seu 6º Exército, para usá-las como unidades de reforço quando retornasse; conseqüentemente seguiu com 40.000 homens, em vez de 70.000. Isso se tornou perceptível logo no início da sua ofensiva. O Führer quer responsabilizá-lo energeticamente. Segundo diz o Führer, Sepp Dietrich acostumou-se muito depressa ao hábito das cifras mentirosas da Wehrmacht. O Führer mandou Himmler para a Hungria, a fim de cuidar do caso e tomar as medidas punitivas necessárias. Uma coisa, porém, é certa: a ofensiva de nossas unidades armadas da SS desenvolveu-se no momento em que o inimigo lançava sua própria ofensiva, e se não tivéssemos atacado, há muito teríamos perdido a região do petróleo. Também na Hungria tudo está pendendo por um fio de seda. O Führer acha que devíamos parar nas posições atuais, se não quisermos perder totalmente o chão debaixo dos pés. Mas a evolução militar foi tal, que as esperanças de hoje se tornaram em grande parte as teorias de amanhã. Em princípio, como eu já disse, o Führer vê tudo segundo uma perspectiva correta; mas não vai às conseqüências. É uma verdadeira miséria que não tenha colaboradores que transformem suas idéias em fatos. Hoje também já é muito tarde para transformar

idéias em fatos, mas ainda se poderia realizar muita coisa se dispuséssemos dos homens certos nos lugares certos. Não quero reconhecer que é tarde demais, e estou mesmo firmemente convicto de que no momento crítico haveremos de encontrar uma saída. O Führer faz hoje tudo o que pode fazer. O destino é quem tem de decidir. É preciso acrescentar que os atos do Führer se dirigem mais para o material do que para o pessoal. Com isso, ele sempre acaba por entrar em conflito com seus colaboradores. Agora, por exemplo, também Himmler e Sepp Dietrich caíram fortemente no conceito do Führer. Aonde nos levará tudo isso? O que restará no fim? Se imagino que Himmler está tirando as braçadeiras das unidades da SS, chego a ficar tonto. Isso causará um grande choque na SS. Também me preocupo muito com Sepp Dietrich, que obviamente não aceitará tal desonra sem reação.

Insisto mais uma vez com o Führer para que faça um discurso à Nação. Não cedo diante de suas objeções. Relato sobre a minha reunião com o ministério, que causou em toda a casa um reflorescimento do estado de espírito, como nem eu esperava. Refiro-me, ainda uma vez, às atitudes de Churchill e Stalin nos momentos de emergência de seus países. O Führer reconhece tudo e decide-se firmemente a realizar o discurso o mais depressa possível. Peço aos seus colaboradores que insistam com ele para que efetivamente o faça. O Führer usa de rara franqueza comigo nesse encontro. Fico muito feliz por possuir sua inteira, ilimitada confiança. Gostaria tanto de ajudá-lo em todas as suas preocupações e aflições; mas também minhas possibilidades são limitadas. De qualquer modo, quero fazer tudo para, ao menos, da minha parte não lhe causar preocupações especiais. Agora devemos lutar, liderança e subordinados, para nos mantermos unidos e fixarmos posição. Precisamos pensar agora particularmente de modo revolucionário. Chegou a hora de repelirmos os últimos resquícios da burguesia. Meias medidas não nos servem mais para nada. Chegou a hora de homens inteiros e ações inteiras. Não importa que a situação seja terrível, se ainda puder ser dominada com o emprego de toda a nossa força.

Entrementes, a conferência militar aguarda o Führer. Guderian já espia pela janela. Dá uma impressão cansada e um tanto nervosa. As outras figuras desanimadas também não ajudarão muito o Führer a fortalecer-se na sua firmeza. Graças a Deus, porém, que por sua própria natureza, ele seja tão seguro, que não precisa de estímulo alheio.

Determino mais uma vez que Schaub e Albrecht continuem agindo junto ao Führer para que o seu discurso seja ditado ainda nas próximas 24 horas. Todos me prometem fazer o melhor possível, pois também estão convencidos de que um discurso do Führer seria como bálsamo sobre uma ferida. Quero esperar o melhor, isto é, que minha visita ao menos tenha surtido efeito. Naturalmente continuarei insistindo nas demais questões, conforme puder. No fim conseguirei sucesso.

Em casa encontro um monte de trabalho. Mas um monte de trabalho é hoje sempre um monte de preocupações. Praticamente não se recebem mais notícias agradáveis. E lá fora reina um dia de primavera, de penetrante beleza. Batalhões do Volkssturm passam cantando pela minha janela. Ao menos em Berlim continua-se a organizar a defesa; estou firmemente decidido a, se chegarmos às últimas instâncias, oferecer ao inimigo um combate único na história desta guerra.

Que fortes contrastes assaltam hoje diariamente um ânimo fraco! Às vezes se pensa ter superado as impressões do dia; mas às vezes se pergunta aonde tudo isto nos levará.

Magda viajou a Schwanenwerder para preparar a transferência de nossas crianças para lá. Infelizmente excedeu-se de novo e está doente de cama. Era só o que me faltava.

À noite, depois do ataque dos Mosquitos, folheio uma série de papéis particulares que sobraram nos cofres, dos tempos de luta. Essa leitura me desperta lembranças melancólicas. São quase uma saudação de belos tempos passados, que jamais voltarão.

29 de março de 1945, quinta-feira

Ontem:

Situação militar:

Na Hungria, atacando em amplo *front* para o oeste, os soviéticos conseguiram chegar até o setor do Raab. Mais a sul chegaram à ferrovia para o Plattensee. Todos os ataques sobre a cabeça-de-ponte de Komorn foram trancados, exceto por uma pequena brecha. Uma forte cabeça-de-ponte mais ao leste foi retomada na margem norte do Danúbio.

Muito violentos foram os combates na região de Morávia-Ostrau; mas o inimigo só conseguiu entrar em Joslau. Os ataques contra a região de Leobschütz e Neisse, sob fogo de artilharia de 85 blindados soviéticos, foram todos rechaçados. Também as ofensivas em Strehlen fracassaram.

No setor de Küstrin realiza-se um ataque nosso para abertura do acesso a essa localidade, com sucessos iniciais. Essa ofensiva prossegue. Fortes ataques inimigos contra nossa cabeça-de-ponte em Zehden falharam, exceto por uma insignificante brecha. Os ataques contra a cabeça-de-ponte de Pölitz foram todos repelidos.

Na região de Dantzig, o inimigo conseguiu, continuando seus ataques, entrar mais fundo no cerco defensivo da cidade. A leste de Dantzig inundamos as terras. Em Heiligenbeil, segundo notícias não confirmadas, as forças alemãs teriam sido transferidas da língua de terra de Belga para Pillau.

No *front* de Kurland a situação permanece inalterada.

Na batalha do baixo Reno os americanos não obtiveram notáveis ganhos de terreno em todo o setor de combates; em parte, a situação foi marcada por contra-ofensivas alemãs.

Alguns detalhes: o inimigo tomou Millingen e Brünen. A sudeste de Brünen o inimigo foi rechaçado de ambos os lados da Floresta de Wesel, em contra-ataques alemães. Entre Gahlen e Kirchenhellen o inimigo atravessou a estrada para Sterkrade; além disso, à noite, também a estrada a sul de Kirchenhellen. Em Dinslaken o inimigo avançou violentamente para sudeste, atingindo a auto-estrada do Reich em Hausterbruch. Do território holandês dirigem-se duas divisões blindadas que, se não forem muito prejudicadas pela força aérea inimiga, trarão grande reforço a nossas linhas. Se essa aproximação dos nossos blindados for impossibilitada por forte ataque aéreo inimigo, as linhas existentes não poderão ser mantidas.

No setor entre Sieg e Lahn o inimigo saiu de sua brecha de Limburg até Arnstein e, para o leste, em direção de Bad Nauheim e Hesselbach.

Das cabeças-de-ponte de St. Goar e Kaub, o inimigo chegou a Miehlen, Nastätten e Grebenroth.

A direção do avanço de Limburg para a auto-estrada do Reich para o sul, passando a leste de Wiesbaden, tem obviamente por objetivo formar uma ligação com a frente avançada que atravessou o Meno, com isso isolando Wiesbaden e parte do Taunus central.

Em Frankfurt-no-Meno luta-se na estação ferroviária principal; a oeste daí o inimigo atravessou o rio. Em Hanau realizam-se contra-ofensivas nossas.

Também em Krotzenburg o inimigo atravessou o Meno perto de Alzenau e Hörstein. Combates de resultados alternados efetuaram-se em Aschaffenburg e Schweinheim. Ali o inimigo não conseguiu avançar mais. Sobre Lohr avançou até Gemünden, virou para o norte e de lá atacou novamente em direção do leste. Nada de novo no *front* italiano.

Por volta do meio-dia, três unidades médias de combate voaram para o noroeste da Alemanha. Lançaram-se bombas sobre Bremen e Bremen-Farge. 300 aviões de combate entraram na Alemanha Ocidental. Bombardeios sobre Unna, Hamm, Münster e Kamen. À tarde 200 bombardeiros com proteção de caças lançaram bombas na região de Paderborn e Bielefeld. 60 Mosquitos efetuaram ao entardecer o ataque sobre Berlim.

Pela manhã recebemos um relatório de Würzburg, algo mais esperançoso. A direção do distrito informa que se dominou inteiramente a situação e que também Aschaffenburg foi novamente libertada do inimigo. Nosso diretor do serviço de propaganda, Dr. Fischer, trata com especial "cordialidade" aqueles que hastearam bandeiras brancas à aproximação do inimigo. Estão sendo submetidos a um tratamento terrível no distrito de Mainfranken e bem o mereceram. Agora temos de ser muito mais severos nesse ponto do que infelizmente fizemos na Renânia, onde essa espécie de derrotismo se espalha como uma epidemia.

Nos setores invadidos pelos americanos estamos empregando forças blindadas de extermínio, que já fizeram bom trabalho. Não puderam, no entanto, impedir que o inimigo também nas últimas 24 horas conquistasse novos e extraordinários ganhos de terreno. Logo, não se pode dizer em que o superotimismo que grassava na Inglaterra e nos Estados Unidos tenha diminuído. Muito ao contrário, agem como se já tivessem vencido a guerra, como se absolutamente não se deparassem mais com qualquer resistência em solo alemão, e como se nosso povo estivesse na iminência da derrocada final.

Pode ser correto o que as agências americanas de imprensa declaram, que a tomada das pontes do Meno foi fruto de traição. Na realidade, em nosso *front* ocidental há elementos liderantes que desejariam terminar tudo no oeste o mais rápido possível e, conseqüentemente, colaboram, direta ou indiretamente, com Eisenhower.

Neste momento fazem uma política de notícias muito hábil, que nos causa grandes dificuldades. Todos os dias mudam as declarações do seu quartel-general sobre o objetivo presumível do seu avanço, de modo que das notícias do campo inimigo não podemos aproveitar nada. Além disso, os americanos se interpuseram na nossa onda de Frankfurt, e tentam fazer com o povo alemão o mesmo

jogo que fizemos com os franceses na nossa ofensiva do oeste em 1940. Apresentam quase a cada hora notícias falsas sobre a tomada de cidades e aldeias; com isso deixam o povo alemão na maior confusão. Já ordenei que se coloque sobre essa onda de Frankfurt uma rádio militar que transmita notícias concretas e desminta as falsidades do inimigo. Espero um bom efeito. Também mando desmentir as notícias falsas dos americanos, com notícias oficiais da rádio alemã, emitidas juntamente com os relatórios sobre a situação aérea.

Eisenhower é um tanto mais cauteloso nos prognósticos do que seus noticielistas de guerra. Declara que a guerra no Ocidente em absoluto ainda não deve ser tida como terminada, que o inimigo ocidental teima numa capitulação incondicional e, conseqüentemente, deve contar com forte resistência alemã. Seus correspondentes de guerra lhe propõem como objetivo separar a Alemanha do Norte da Alemanha do Sul. Se conseguisse isso, dizem, teriam praticamente vencido a guerra. Mas ele objeta, diante da opinião pública anglo-americana, que tem extraordinárias dificuldades de provisionamento a vencer (o que deve ser verdade) e que seu avanço não se dirige diretamente a Berlim.

Até aqui os anglo-americanos fizeram na *front* do oeste 250.000 prisioneiros, conforme declara Eisenhower. Uma cifra vergonhosa, que nos faz corar de pejo. Se tivéssemos seguido minha proposta de outrora, saindo da Convenção de Genebra, as coisas teriam seguido outro caminho. Também a recepção que o povo dá aos anglo-americanos seria completamente diferente do que infelizmente é. Por exemplo, os inimigos noticiam que a população de Limburg recebeu os americanos com sinais de júbilo e flores. Acredito que tais notícias são bastante exageradas, como aliás todas as notícias — também as nossas — que chegam do oeste; mas não parece que esses limburgueses tenham recebido os americanos com pedras na mão. O combate contra as forças de ocupação só começa realmente quando o povo começa a voltar à razão.

Satisfatória é a notícia de que o prefeito que os americanos colocaram em Aachen, Oppenhoff, foi morto a tiros por três guerrilheiros alemães, na noite de terça para quarta-feira. Acho que o prefeito de Rheydt, Vogelsang, terá nos próximos dias o mesmo destino. Apesar disso, não estou satisfeito com o trabalho da nossa organização Wehrwolf. Ela age devagar, depois parece não ter a intensidade desejada. No próximo encontro com o Führer tratarei eventualmente de tomar conta eu mesmo dessa organização. Daria o impulso que ela até agora não possui.

As posições oficiais inglesas e americanas não vêem, no momento, motivo para abrandar seu otimismo. Não só participam da psicose de vitória, mas ainda a apóiam oficialmente. Assim, por exemplo, a Agência Reuters anuncia que o Ministério da Guerra britânico recebeu ordens de preparar-se para uma capitulação alemã na Páscoa, e não sair em férias. O mesmo se diz dos Estados Unidos. Roosevelt também teria prevenido seus ministros para um chamado urgente em caso de vitória. E o pontapé aparece logo a seguir, quando acrescenta que os preparativos para São Francisco devem ser iniciados. Este é o ponto delicado da questão. A 25 de abril a Conferência de São Francisco deve iniciar, e estará, em toda a sua linha, diante de perguntas irrespondíveis. Naturalmente os anglo-americanos gostariam de poder obter para essa conferência uma completa capitulação alemã, pois aí poderão exercer considerável pressão sobre o Kremlin. Teríamos de novo uma boa chance política. Mas temos de tentar tudo para neutralizar a propaganda de pânico do inimigo, que não se efetua apenas com rádios

inimigas, mas todos os meios de propaganda possíveis. Minhas contramedidas começam a ter efeito já durante o dia. Não se pode dizer, pelo menos, que as notícias de Frankfurt tenham muitos ouvintes. É quase assustador observar como o inimigo nos ataca com nossas próprias armas. Isso deve-se ao fato de terem maior potencial e de o empregarem com menos consideração do que nós.

A reconstrução de um novo *front* no oeste naturalmente se liga às maiores dificuldades, pois nossas tropas se reduziram fortemente pelas perdas de mortos, feridos e sobretudo prisioneiros. Tal como há algumas semanas no leste, temos de resolver o caso com forças de emergência.

Na Câmara dos Comuns inglesa, conforme já disse, realizou-se um debate sobre a paz. Um deputado do Partido Trabalhista, independente, exigiu que Churchill parasse o quanto antes com os tiroteios. Churchill apenas respondeu: "Isso soa muito bem, e me agrada muito." Uma fala sibilina, com efeito, com a qual ninguém pode fazer nada.

A imprensa católica na Inglaterra, em especial o *Catholic Herald*, usa uma linguagem bastante forte contra o bolchevismo. Esse jornal concorda de modo geral com nossas teses. Declara que o nacional-socialismo é melhor e mais suportável do que o bolchevismo e que, sem a guerra, teria sido possível curá-lo de sua doença infantil. Mas que deve ser encarado como um pequeno mal. Nessas expressões, percebe-se a mão do Vaticano.

Também a imprensa americana, tendo à frente inclusive o jornalista judeu Walter Lippman, diz que a Alemanha é praticamente indestrutível, e que se devia permitir ao povo alemão certo nível de vida mesmo depois da sua derrota, em resumo, que os planos Morgenthau* não são mais do que teoria nebulosa.

Os americanos no momento apresentam ao mundo sua situação extraordinariamente grave quanto aos alimentos. Com isso querem justificar o fato terrível de que deixam morrer de fome os povos por eles "libertados". Sua fala clínica acrescenta que, com a guerra, cem milhões de pessoas serão levadas à inanição. A corte marcial dos Aliados para a Europa seria a fome. Para nós, é apenas uma mísera consolação, escutarmos da boca do inimigo que a política de ocupação alemã nos países ocidentais foi muito melhor do que esta, hoje efetuada pelos Aliados ocidentais.

Os ingleses colocam à disposição dos soviéticos um encouraçado, e dos americanos, um cruzador. Tanto já decaíram as grandes potências marítimas, que se oferecem para suprir com suas próprias forças as necessidades de seu inimigo íntimo.

Nada há a relatar sobre a situação no leste, exceto que a crise na Hungria continua piorando enormemente. As divisões da SS que ali combatem, parecem não ter mais apoio. Agora — o que o Führer quis evitar a todo custo — a região petrolífera parece em perigo sério.

Roosevelt conseguiu arrastar também a Argentina para a guerra. A razão para a declaração de guerra argentina é mais do que fraca. Volta-se contra o Japão como inimigo principal da América do Sul, e acrescenta que também se precisa declarar guerra à Alemanha, pois os dois países estão ligados.

É interessante uma notícia que nos chega do quartel-general do Duce, dizendo que o Papa está muito desejoso de saber o quanto antes das condições

* Henry Morgenthau Jr., Secretário de Estado americano entre 1933-1945, desenvolveu um plano para reduzir a Alemanha a um país agrário. (N. da T.)

de paz alemãs para uma eventual negociação com os Aliados ocidentais. O Führer se nega a dar importância a essa notícia, designando-a como pura conversa fiada. No momento, com a atual situação no *front*, não se pode falar em negociações de paz. O Führer tem toda a razão. Por mais que eu sempre tenha sido a favor de não levar nada a ponta de faca, e tentar ver um modo de sair desta guerra, temos de fixar primeiro o *front* no oeste.

Nas últimas 24 horas, a guerra aérea não foi tão terrível como nos dias e semanas anteriores. Os ingleses bombardearam nosso estaleiro de submarinos Valentin em Bremen, atravessando com suas novas e pesadíssimas bombas até mesmo o teto de concreto de 4,5m. Obviamente o lado ocidental está impressionado com o reflorescimento da nossa guerra submarina. Bombardeiros americanos não decolaram nas últimas 24 horas; apenas os ingleses. Atacaram instalações de comunicação, o que no momento é essencial para as potências ocidentais. Ao meio-dia tivemos novo bombardeio sobre Berlim, mas apenas 600 bombardeiros americanos. Bombardearam especialmente instalações industriais na Siemens e Marienfelde. Ali nos mimoseiam com bombardeios em extensão, o que é terrível para a indústria. Daimler-Benz ficará parada por três ou quatro semanas, uma pesada perda para nós. Contudo, o ataque à capital do Reich não foi tão terrível como eu de início presumira. Registramos cerca de 80 mortos. O número de desabrigados é pequeno, pois poucos quarteirões residenciais foram atingidos.

É lamentável que Berlim esteja perdendo cada vez mais suas forças defensivas. Depois que nos tiraram unidades de reserva para mandá-las ao *front*, agora também retiram grandes unidades de baterias antiaéreas, desta vez 14 baterias pesadas, enviando-as ao *front*. Se isso continuar, todas as minhas medidas para melhorar a força defensiva da capital não adiantarão nada, pois só com o Volkssturm não se pode manter Berlim. Tentarei ao menos manter uma parte das nossas forças militares de defesa, pois continuo contando com uma ameaça mais séria à capital do Reich.

Na questão do novo programa de impostos, não se conseguiu chegar a um acordo, como era mesmo de se esperar. O Ministério das Finanças do Reich teima nos impostos de consumo. Esse imposto anti-social não deve nem pode ser aceito. Temos de aumentar os impostos de arrecadação; com isso certamente atingiremos o objetivo desejado. De qualquer modo não nos devemos deixar enganar pela pressão dos meios industriais e comerciais.

À tarde, recebo uma longa visita do Gauleiter Hildebrandt de Mecklenburg. Apresenta-me todas as tão conhecidas preocupações em relação ao *front*, à situação interna, ao estado de espírito, etc. Posso apenas dizer-lhe o mesmo que já disse a tantos Gauleiters nos últimos tempos. Mas consigo que volte ao seu trabalho nitidamente mais animado e mais forte. É satisfatória a notícia de que a situação alimentar de Mecklenburg é melhor do que imaginávamos. Mecklenburg dispõe de fortes reservas de provisões. Foram bastante atingidas pelas gigantescas caravanas de refugiados que passaram pelo distrito. Calculam-se em mais de 4.000.000 de pessoas. Mecklenburg, com seus 900.000 habitantes, tem agora 1.700.000 evacuados, quer dizer, uma superpopulação de quase cem por cento. Pode-se imaginar os efeitos disso numa região carente de habitações. Mas trata-se de preocupações ínfimas. Um distrito agrário como Mecklenburg saberá dar conta do recado. O que representa isso diante das preocupações que hoje nossos Gauleiters têm de enfrentar no oeste?

O Dr. Ley esteve com o Führer, apresentando-lhe a questão da fundação de um corpo de voluntários. Deverá chamar-se Corpo de Voluntários Adolf Hitler e reunir os ativistas em unidades de combate aos blindados, armados unicamente com bazucas, fuzis de assalto e bicicleta. A idéia em si é boa; mas não acredito muito que o Führer incumba o Dr. Ley da organização de um corpo de voluntários. O Dr. Ley perdeu seu crédito também diante da opinião pública, com o último artigo. Ainda fala no *front* e na guerra aérea com um cinismo tão desinibido que dá arrepios. Ley quer falar comigo sobre a questão da criação desse corpo de voluntários. Eu lhe direi minha opinião com a maior franqueza. De qualquer modo, a idéia tem de ter mais fundamentos diante da opinião pública do que apenas o da sua pessoa.

As notícias inimigas com finalidade de semear pânico aumentam no correr do dia. Insisto com o Führer para que faça o mais breve possível seu discurso no rádio. Agora é tão necessário quanto o pão de cada dia. Só uma fala do Führer poderá reanimar o povo. Acho que tal discurso conseguirá isso. A população está desorientada. Mas não é o pior dos males. Assim que tudo estiver de novo em ordem, a situação do *front* se firmará depressa.

À tardinha pego novamente velhos papéis e encontro uma enormidade de reminiscência dos tempos de luta pelo nosso movimento, que me deixam cheio de esperanças. Também naquele tempo às vezes estávamos diante da ruína; mas sempre conseguimos levar a bom termo as piores situações. E isso acontecerá outra vez agora.

30 de março de 1945, sexta-feira

Ontem:

Situação militar:

Na Hungria os bolchevistas prosseguiram sua ofensiva em direção oeste, com grandes forças. Atravessaram o Raab em diversos lugares e entraram na parte sul da cidade do mesmo nome. Pontas de ataque inimigas estão posicionadas em Corna e Sarvar. Entre o setor do Raab e o Plattensee os ataques inimigos foram detidos numa linha de barricadas, que corre para o sudeste até a ponta oeste do Plattensee. Em todo o setor do Gran, continuando seus ataques, o inimigo repeliu as tropas alemãs para uma linha que se estende a nordeste de Neuhäusel, para o norte. Novas ofensivas contra essa linha foram parcialmente rechaçadas, mas em parte levaram a brechas locais. Em nossa cabeça-de-ponte de Komorn o inimigo conseguiu penetrar algo mais profundamente. Além disso, alargou seu *front* de ataque no Gran, também para dentro do território eslovaco. No ataque a ambos os lados de Königsburg obtiveram duas pequenas brechas. Em Neusohl a situação permanece de modo geral inalterada. Novo é um ataque concentrado a norte de Hohen Tatra, onde o inimigo avançou com quatro a cinco divisões e conseguiu uma brecha funda. Ofensivas de batalhões soviéticos na região entre Bielitz e Ratibor foram rechaçadas. Também nos pontos mais cruciais do combate defensivo no território silesiano — em Ratibor, Leobschütz, Ziegenhals e Neisse — conseguimos ontem outro pleno sucesso defensivo. Breslau rechaçou ataques inimigos.

Küstrin foi ontem atacada com extraordinária violência no norte, leste e sul. O inimigo entrou na cidade velha. A guarnição perdeu setenta por cento de seus oficiais, grandes baixas em soldados, e perdeu também suas armas pesadas. O combate na cidade velha continua. Nossa ofensiva do oeste contra Küstrin resultou em novas melhorias de posição. Da cabeça-de-ponte de Zehden a Stettin recrudescer a atividade inimiga de reconhecimento. Fortes ofensivas soviéticas contra a cabeça-de-ponte de Pölitz forçaram a evacuação da usina local.

O inimigo conseguiu penetrar em Gotenhafen e Dantzig. Restos da guarnição mantêm-se ainda na parte leste das duas cidades. Os restos do 4º Exército, que permaneceram por semanas em duros combates em Heiligenbeil, foram transportados para Pillau com seus comandantes, depois de heróica resistência.

No *front* de Kurland nossas tropas obtiveram novamente total sucesso defensivo. Só diretamente a leste de Frauenburg o inimigo conseguiu uma brecha, que foi, contudo, detida no campo de batalha.

No *front* do oeste o inimigo tomou a aldeia de Mechelen, no setor holandês de combates. Ainda não se pode ver se já se trata do começo da ofensiva do 1º Exército canadense.

Na batalha junto ao baixo Reno o inimigo avançou a sul de Rees até Anholt. Da região de Dingden, avançando para o norte, pontas de ataque inimigas chegaram até a margem sul de Bocholt. Mais a leste o inimigo efetuou violentos combates tomando Raesfeld, ocupando depois Borken, num avanço para o norte. Também Dorsten passou para mãos inimigas. Da Floresta Munxer o inimigo aproximou-se de Gladbeck, em duras batalhas. Avançando para o sul, tomou Hamborn.

Entre Sieg e Lahn nossa posição de barricada foi transferida para norte até Betzdorf. A linha principal transcorre no Dill até Butzbach e Herborn. O ataque principal do inimigo realizou-se ontem entre Herborn e Wetzlar, para o leste. Daí avançou sobre Giessen, encontrando-se com uma unidade avançada para dirigir-se a Marburgo. Depois de tomar Giessen, o adversário tenta espalhar-se em forma de leque para norte, nordeste, leste, sudeste e sul.

No combate por Frankfurt-no-Meno, continuam os violentos embates de rua. Blindados inimigos avançaram de Hanau para o norte até Kilianstetten, obviamente com o objetivo de fazer uma ligação com as unidades que avançam de Giessen para o sul. A sul de Hanau o inimigo que avançava da cabeça-de-ponte Kahlwies-Alzenau foi rechaçado num contra-ataque. As unidades inimigas que avançavam sobre a região de Lohr foram exterminadas.

Da cabeça-de-ponte a norte de Mannheim o adversário prosseguiu contra a Bergstrasse e do norte alcançou Weinheim, bem como, a leste de Mannheim, Heddeshheim e Wallstadt. Na ferrovia Weinheim-Ladenburg estamos organizando nossa própria linha. De modo geral os ataques inimigos naquele setor de combate, na margem oeste da floresta Oden, foram detidos.

Não há novidades do *front* italiano.

No *front* leste realizou-se ontem intensa atividade aérea. Assim, no setor central, empregaram-se 1.300 aviões soviéticos. Nosso emprego de caças, especialmente no sul e no centro, teve novamente bons resultados no combate aos tanques blindados inimigos. Derrubaram-se 11 aviões soviéticos.

No *front* oeste a atividade aérea foi mais reduzida devido ao mau tempo.

No território do Reich entraram durante o dia 900 bombardeiros quadrimotores americanos com proteção de caças, atacando, em dois grupos, objetivos industriais, e a região urbana de Berlim e Hanover. Os dois ataques foram registrados como de intensidade média. Ainda não recebemos notícias de que nossos caças tenham derrubado aviões inimigos. A artilharia antiaérea derrubou quatro. Cerca de 40 aviões Fortress lançaram inúmeras bombas sobre Minden. Outros lançamentos dessas bombas deram-se sobre a base aérea de Stendal. À noite não se realizaram vôos inimigos sobre o território do Reich. Também a série de ataques de Mosquitos sobre Berlim foi suspensa ontem pela primeira vez.

A situação militar no oeste se caracteriza principalmente pela queda do moral de civis e das tropas. Essa queda representa grande perigo para nós, pois

um povo e uma tropa que já não estão dispostos a lutar não poderão ser salvos, por mais que se mandem soldados e armas. Em Siegburg, por exemplo, deu-se uma demonstração de mulheres diante do comando da cidade, pedindo deposição de armas e capitulação. Grohé, numa fala pelo rádio, nega que essa demonstração feminina tenha tido grande extensão e afirma que a imprensa ocidental aumentou-a artificialmente; mas tais incidentes, embora em medida menor do que se descreve, se realizaram mesmo. Também o relatório do Tenente-Coronel Balzer, que ele me apresenta ao retornar do oeste, corresponde a essa tendência geral. O relatório afirma que no oeste instaurou-se uma desmoralização intensa, que um imenso exército de soldados sem rumo se movimenta para o leste, que os trens para o leste estão abarrotados de soldados armados, que sequer se pode falar em coesão, e que apenas aqui e ali tropas do Volkssturm marcham para o oeste, enquanto as tropas regulares dirigem-se para o leste. Isso representa uma extraordinária ameaça e provoca as piores preocupações. Estou, porém, convencido de que conseguiremos fazer essa multidão desordenada reorganizar-se relativamente; mas depois que a guerra já penetrou tão fundo no território alemão, não podemos mais efetuar tarefas em extensão, que seriam necessárias com esse tipo de fenômeno. Os americanos até já afirmam que estão a 240km de Berlim. Embora isso não corresponda aos fatos, acho que com tais notícias tentam dirigir nossa atenção numa direção falsa. Também se percebe isso porque Montgomery, em sua fala, acentua que pretende avançar de qualquer modo até a capital do Reich. Na verdade, tenho a impressão de que o objetivo inimigo é Praga. Ainda lhe poderemos oferecer muita resistência até que chegue lá, mas parece-me óbvio que os anglo-americanos pretendem chegar naquele protetorado antes dos soviéticos.

Nossas tropas de pára-quedistas efetuam uma resistência particularmente forte no setor de combates do Wesel. Ali, sim, pode-se falar numa linha defensiva firme.

As exageradas notícias de vitórias no oeste causaram no inimigo um desvario de alegria. Pode-se, até, falar em caos nos Estados Unidos. Surgiu um movimento de alta dos títulos alemães na Bolsa. Os meios da Wall Street esperam negócios gigantescos com o continente europeu derrotado e devastado.

Os boatos de paz e capitulação são lançados no mundo especialmente através de Estocolmo. Não tenho muito que objetar a isso, pois se conseguirmos restabelecer uma linha defensiva firme, o despertar do inimigo será tanto mais cruel. E efeitos psicológicos desse tipo, conforme experimentei no próprio povo alemão, são bastante desagradáveis. Também é bom que o inimigo afirme obstinadamente que Eisenhower já assinou a capitulação com o Führer em Berchtesgaden. Pouco nos esforçamos por desmentir tais boatos, pois se desmentirão a si mesmos pela realidade.

Quanto ao setor de combates de Wesel nossos pára-quedistas se defendem como verdadeiros loucos, conforme diz a própria imprensa inimiga. As divisões de pára-quedistas têm excelente moral. São a única parcela aproveitável hoje em dia dentro da Luftwaffe.

Londres é um pouco mais cautelosa do que Washington na divulgação das notícias de seus sucessos militares, embora também os ingleses estejam abrindo muito a boca. Afirmam, por exemplo, que o inimigo já está em Nuremberg ou em Leipzig ou avançando diretamente sobre Dresden.

É simplesmente vergonhosa uma notícia de que o prefeito de Mannheim anunciou por telefone aos americanos a capitulação da sua cidade. Isso é um fenômeno ao qual não estávamos habituados em nossa guerra. O moral no oeste agora é pior do que outrora no leste. Acho que a causa principal é que nossos soldados e a população civil esperam da parte dos anglo-americanos um tratamento mais humano do que da parte dos bolchevistas. Se naquela oportunidade nos tivéssemos retirado a tempo da Convenção de Genebra, as coisas hoje estariam bem diferentes.

À tardinha recebo de Gerland a notícia de que 400 veículos inimigos, especialmente blindados, avançaram até Korbach. Também nesse setor de combate não se pode falar numa resistência ativa. Teremos de esperar ainda uns 8 ou 14 dias até que ela apareça efetivamente.

Agora chegou o tempo dos grandes incitadores da guerra no lado inimigo. Vansittart declara abertamente que a questão de criminosos de guerra é meramente uma questão de onde se coloca a força e qual o comprimento da corda. Esse louco varrido ainda poderá ter voz ativa na Inglaterra, sem que alguma pessoa sensata o chame à razão.

Entregaram-me um ensaio de Churchill sobre o Führer, escrito em 1935. Ensaio extraordinariamente característico de Churchill. Mostra uma grande admiração pela personalidade e realizações do Führer, mas prediz que dependerá de suas próximas medidas — transfira-se isso para 1935 — conservar ou não sua fama histórica.

Na Inglaterra o povo não está nadando num mar de felicidade. Ao contrário, nossos relatórios de política externa sublinham sempre que aos poucos o ceticismo sobre a evolução atual da guerra vai passando lentamente da nobreza, dos meios religiosos e das lideranças militares, para a classe média. Vêem o futuro do Império Britânico bastante ameaçado, embora se constate que Churchill ainda é senhor da situação. Já concordaram com ele em que primeiro será preciso eliminar o perigo alemão para depois pensar no perigo bolchevista. Isso me parece ser, no momento, também a tese das lideranças americanas. De qualquer modo, não podemos haurir muitas esperanças desses fenômenos de desagração no lado inimigo.

Os japoneses em Berlim tornaram-se derrotistas, também na embaixada. Apesar disso, animam-nos a continuar nossa defensiva, conforme a velha regra de que o inimigo que matarmos não precisará ser morto pelos japoneses.

A situação caótica nos demais lugares da Europa progride a passos de gigante. De toda parte chegam notícias de fome e pestilência; sim, os ingleses até predizem amavelmente a morte negra e a peste para o continente europeu, mais cedo ou mais tarde.

O deputado trabalhista inglês Greenwood traça um retrato extremamente sombrio dos futuros acontecimentos em cada país da Europa, que aliás já se esboçam claramente. Em Lyon, realizou-se uma demonstração contra a fome, com cerca de 100.000 pessoas, dirigindo-se contra De Gaulle. Este vem sendo maciçamente criticado por sua política em relação aos alimentos. Seu regime parece seriamente ameaçado. Já se fala no atual Ministro do Exterior, Bidault, como seu provável sucessor. Bidault é grande amigo dos ingleses; presumo que no quadro atual da França os ingleses exerçam influência decisiva.

Nos Estados Unidos fala-se mais duramente sobre a questão da Romênia. Os soviéticos ainda não mostram a mínima reação. Mas os americanos certa-

mente pensam que podem ousar um ataque contra os soviéticos, devido aos sucessos militares no oeste.

Mikolajczyk impõe condições para seu retorno à Polônia. São naturalmente inaceitáveis para o Kremlin. Mikolajczyk pede que as deportações cessem imediatamente, que o Commissariado Popular de Assuntos Internos (NKWD) seja retirado da Polônia, que se realizem eleições livres sob fiscalização das potências aliadas, em resumo, que seja desfeito tudo o que o Kremlin até agora fez ou planejou com a Polônia. Stalin certamente responderá apenas com um sorrisinho.

O Comitê Seydlitz agora trabalha também no exterior, por ordens do Kremlin, nos países neutros. Tenho diante de mim propaganda escrita que esse general traidor espalhou, por exemplo, na Suécia. A argumentação que emprega é simplesmente ingênua. Dá vontade de arrancar os cabelos diante da estupidez política que aparece nesse escrito. Mas acho que se trata mais de burrice do que de traição.

A bolchevização da Finlândia processa-se algo mais rapidamente, depois do resultado das últimas eleições. Mannerheim ainda ocupa seu posto; só que aparentemente não tem mais muita voz ativa, e sem dúvida os soviéticos em breve o tirarão do cargo.

O embaixador italiano em Berlim, Anfuso, foi nomeado Secretário de Estado para Assuntos Exteriores. Fascistas autênticos chamam-no de eminência parda de Badoglio. Mas não precisamos preocupar-nos com ele. O fascismo e a república social-fascista são tão impotentes, que é mais ou menos indiferente quem assume os ministérios no gabinete de Mussolini.

No dia de ontem, além de Berlim, foi atacada especialmente Hanover. Os dois ataques podem ser considerados como de intensidade média. À noite o território do Reich permaneceu livre de inimigos. Pela primeira vez depois de 35 dias não tivemos um ataque de Mosquitos. Isso causa na população berlinense uma espécie de decepção positiva. Todos, naturalmente, haviam esperado que os Mosquitos, que não chegaram à tardinha, viessem de noite. Provavelmente não vieram por causa do mau tempo.

Estou muito ocupado com a chamada Operação Wehrwolf. Ela deverá animar nossa atividade guerrilheira nos territórios ocupados pelo inimigo. Essa operação ainda não conheceu seu verdadeiro impulso. Só aqui e ali registram-se atos visíveis, como, por exemplo, o fuzilamento do prefeito que os americanos colocaram em Aachen; contudo, uma ação sistemática ainda não se fez notar. Gostaria de tomar nas mãos a liderança dessas operações guerrilheiras; pedirei ao Führer os necessários poderes. Fundarei um jornal para a Operação Wehrwolf, bem como colocarei à disposição uma emissora de rádio com ondas fortes, ambas com o mesmo nome. Em jornal e rádio mandarei usar uma linguagem declaradamente revolucionária, sem consideração para com política interna ou externa.

A Operação Wehrwolf deverá ser, para a guerra atual, o que o Angriff foi, em nossos tempos de luta, não só para Berlim, mas para todo o Reich, quer dizer, o ponto de reunião dos ativistas que não concordam com a linha engajada.

O Dr. Ley faz-me à tarde uma visita para apresentar detalhadamente os planos do Corpo de Voluntários Adolf Hitler. Tive com ele uma discussão violenta. O modo como o Dr. Ley imagina essa corporação é simplesmente inenxequível. Fez o Führer assinar um decreto segundo o qual todos os ativistas do partido e do Volkssturm deverão ingressar nesse corpo de voluntários. Se isso acontecesse, o Volkssturm perderia a espinha dorsal em Berlim e vários outros

distritos, e já não teria utilidade militar. Além disso, a organização do corpo de voluntários pretendido pelo Dr. Ley, parece-me ter os alicerces muito fracos. O Dr. Ley põe mãos à obra com grande entusiasmo; mas sabe-se com que rapidez seus entusiasmos murcham e somem. É uma natureza de fogo de palha; preciso cuidar para que essa reunião de ativistas por ele planejada se realize de forma séria e correta. Receio também que ele pessoalmente não tenha bastante fama para levar os ativistas a esse movimento. Apresento-lhe todas essas objeções com a maior franqueza. Também o Reichsleiter Bormann participa das minhas objeções. O Dr. Ley promete mudar os decretos que pretende emitir e à tardinha temos novo encontro. As ordens que me apresenta então correspondem mais ou menos ao que eu imagino como um corpo de voluntários. A conclusão para a sua formação não deverá ser feita pelo rádio, para o povo, mas eu a farei na minha emissão radiofônica diária a todos os Gauleiters. Eles estarão em condições de fornecer os 10.000 ativistas necessários para o corpo de voluntários no território do Reich.

Mando cerca de 30 dos melhores oradores do partido para o oeste, a fim de que reanimem o moral da população e das tropas. Antes da sua partida, eu os reúno para lhes dar orientações e instruções quanto à sua conduta oratória. É importante que aprendamos a improvisar. Os grandes recursos técnicos da propaganda que temos hoje, como rádio, teledifusão, imprensa escrita, etc., já não funcionam em boa parte no oeste. É preciso falar novamente de homem para homem, para obter resultados.

Discuto com o Secretário de Estado Tietjen, da Ópera de Berlim, sobre algumas personalidades do nosso teatro. Em sua maioria os artistas da Ópera de Berlim se volatilizaram na capital, e com seus altos salários levam uma vida parasitária na Alta Baviera ou no Tirol. Tomarei medidas adequadas quanto a isso. Aliás, estou muito insatisfeito com a atitude política de nossos artistas. Mas também não se pode esperar coragem deles. São artistas, isto é, completamente incapazes em assuntos políticos, para não dizer que são sem caráter.

Recebo uma profusão de material para iniciar uma propaganda com bases astrológicas ou espíritas, e também um chamado horóscopo da República Alemã, de 9 de novembro de 1918, bem como o horóscopo do Führer. Os dois horóscopos combinam de modo espantoso. Posso entender que o Führer tenha proibido atividades com coisas tão incontroláveis. Mas é interessante que tanto o horóscopo da república como o do Führer profetizem para a segunda metade de abril um alívio em nossa situação militar; em contrapartida, para maio, junho e julho, a evolução se tornará mais crítica, enquanto em meados de agosto as atividades bélicas deverão cessar. Deus permita que isso aconteça. Teríamos então ainda dois meses duros pela frente; mas, se tivéssemos certeza de que o período pior da guerra terminaria ainda este ano, os meses difíceis seriam mais suportáveis. Para mim, tais profecias astrológicas não têm o menor significado; tenciono utilizá-las numa propaganda para o povo, de modo anônimo e disfarçado, pois num tempo tão crítico a maioria das pessoas se agarra a qualquer tábuca de salvação, por fraca que seja.

À tardinha chegam de novo notícias alarmantes sobre o oeste. O inimigo avançou a norte de Marburgo até Winterberg; está agora em Fulda. Alargou notavelmente seu setor de invasão em Giessen. No momento não temos tropas regulares que lhe possamos opor. Trabalhamos quase exclusivamente com unidades de emergência. Mas já fizemos isso há algumas semanas no leste, e com o melhor

resultado. Nossas divisões de pára-quedistas no setor de combate de Wesel se mantêm bem. Lá realmente ainda se pode falar numa guerra dos dois lados.

No leste, a situação húngara é extraordinariamente desagradável, ruim mesmo. Em compensação, Schörner mais uma vez conseguiu rechaçar os piores ataques soviéticos no território da Alta Silésia. Em Küstrin nossa guarnição ainda luta na margem da cidade, bem como em Dantzig e Gotenhafen. Em Kurland nossas bravas divisões mais uma vez anularam todas as brechas inimigas. Mas de modo geral a situação é pavorosa; julgando apenas pelos mapas, do ponto de vista militar, poderemos perder o controle. Contudo, a guerra não é só um fenômeno militar, e sim também político, cuja evolução depende de demasiadas imponderabilidades para que se possam fazer previsões na fase crítica. Especialmente os ensinamentos da história, que são indubitáveis e justificam inteiramente nosso ponto de vista atual, dão-nos um ponto de apoio seguro nesta fase.

Disso tomo novamente consciência quando à tardinha recebo de repente um telefonema de Breslau. Hanke conseguiu uma ligação telefônica com Berlim, de um modo que ele não pode me descrever mais detalhadamente. Mostra-se esperançoso ao telefone, bem disposto, e acentua que ainda poderá manter Breslau por um tempo indeterminado. Hanke é, na verdade, tanto na atitude política quanto no caráter, nosso melhor Gauleiter. Se os nossos Gauleiters no oeste agissem como ele, certamente a situação ali seria melhor.

Os Mosquitos ingleses desta vez chegam no meio da noite e arrancam milhares de habitantes da capital dum descanso bastante merecido. Seria bem desagradável se os ingleses no futuro mantivessem esse procedimento de ataques noturnos; não haveria mais descanso noturno em Berlim.

31 de março de 1945, sábado

Ontem:

Situação militar:

No leste o centro de gravidade dos ataques esteve no território húngaro e na região Morávia-Ostrau.

Na Hungria os soviéticos atacaram nossas posições avançadas a oeste de Kaposvar e conseguiram algumas brechas. No canto noroeste do Lago Plattensee o inimigo foi detido em Keszthely. Entre essa localidade e Steinamanger os bolchevistas romperam nossas barricadas e avançaram até Zalaegerszeg. Os ataques combinados dirigiram-se contra a região petrolífera de Nagy Kanisza. Na fronteira húngaro-alemã o inimigo entrou em Steinamanger e Güns, alcançando, ao longo da ferrovia Raab-Wiener-Neustadt, a localidade de Kaposvar. Seus ataques a Raab falharam. A nordeste de Raab o inimigo atravessou o rio, avançando alguns quilômetros Danúbio acima. Contra nossas posições no Neutra entre Komorn, Neuhausel e Neutra, o inimigo também efetuou violentas ofensivas. A norte de Neuhausel conseguiu obter algumas brechas mais profundas. Nas montanhas eslovacas, entre Neutra e Neusohl, os bolchevistas também atacaram violentamente, abrindo brechas. Mas a ligação do nosso *front* se manteve intacta.

No combate por Morávia-Ostrau os bolchevistas mais uma vez prosseguiram com seus ataques ininterruptos, mas sem resultado. Só entre Ratibor e Jägendorf conseguiram algumas entradas, parcialmente anuladas por contra-ataques. Em algumas operações melhoramos nossas posições a sul de Breslau. A guarnição de Küstrin continua cada vez mais pressionada. A ligação radiofônica foi interrompida. No *front* do Oder, até Stettin, o inimigo não renovou suas tentativas de travessia. Em Dantzig alguns grupos de combate ainda oferecem resistência. Em Kurland os soviéticos continuam atacando violentamente e conseguiram brechas locais na estrada Mitau-Frauenburg. Com a perda dos portos do leste o provisionamento de Kurland ficou grandemente dificultado.

No baixo Reno as unidades anglo-canadenses obtiveram mais progressos, avançando sobre Bocholt em direção da fronteira holandesa e sobre Borken até o centro, entre Borken e Coesfeld. Ao longo da ferrovia Borsten-Coesfeld alcançaram Gross-Reken, a 15km a sudoeste de Coesfeld. A longo da estrada Wesel-Münster, pontas blindadas inimigas entraram em Dulmen e aproximaram-se de Lüdenhausen, avançando sobre Haltern para o leste. De Dorsten e Gladbeck forças inimigas conquistaram a região a noroeste e sudoeste de Recklinghausen. No *front* Reno-Sieg nenhuma alteração. O forte grupo de combate americano na

região Marburg-Biedenkopf apresenta-se constantemente reforçado, voltando-se especialmente para o norte. As pontas alcançaram Winterberg, Brilon e Audorf. Avançaram sobre Kornach em direção de Arolsen e sobre Sachsenhausen para o nordeste. De Frankenberg forças inimigas chegaram à região de Bad Wildungen. A ponte da auto-estrada sobre o Werra, em Hanoversch-Münden, foi dinamitada. Da região de Marburg o inimigo avançou até Kirchhain; da região de Giessen sobre Grünberg e Ulrichstein até Lauterbach. Esse avanço dirige-se contra Fulda. De Hanau, forças inimigas avançaram para o nordeste até a região de Nidda, e de leste até oeste de Gelnhausen. Avançando de Aschaffenburg para o sul, o inimigo chegou até a área de Klingenberg. Lá organizou-se uma barricada que se estende de Klingenberg a leste de Michelstadt, Oberbach, Neckarsteinach, Schriesheim, a norte de Heidelberg até Altrip no Reno. Entre Heidelberg e Mannheim, o inimigo rompeu nosso cerco defensivo e atravessou o Rio Neckar.

Não há notícias especiais do *front* italiano.

Provavelmente por causa do mau tempo a atividade aérea inimiga ontem foi menor no território do Reich. Cerca de 150 bombardeiros britânicos efetuaram ataques na região de Salzgitter. À noite, ataque sobre Berlim.

O inimigo ocidental agora acha que a reduzida revivescência da nossa resistência no oeste é a última tentativa de Kesselring de evitar a catástrofe alemã. Os progressos dos anglo-americanos ultrapassam as expectativas, pensam eles, de modo que os esforços de Kesselring não podem ter resultado. Não se constataria mais nenhuma resistência organizada; ao contrário, os blindados anglo-americanos podem andar pela região como bem entendem. De modo geral isso é mesmo verdade, com exceção do território do baixo Reno, onde nossos caças-pára-que-distas ainda oferecem uma resistência fanática, que até agora Montgomery não conseguiu dominar.

É claro que, diante dessa situação no oeste, a preocupação dos Estados Unidos e da Inglaterra com a guerra submarina começa a diminuir. Ultimamente haviam-se alterado muito com o recrudescimento das nossas atividades submarinas nos oceanos; mas agora pensam que esse perigo já não conta.

O Ministro do Exterior belga, Spaak, fala num congresso socialista do país e declara que a Bélgica não tem interesse num despedaçamento do Reich. Parece que Spaak está é com medo, pois acrescenta que, se, por exemplo, quisesse separar a Renânia do Reich, isso seria motivo de uma Terceira Guerra Mundial.

A briga entre nossos inimigos pela próxima Conferência de São Francisco já assumiu grandes proporções, em especial por causa do número de votos. O Kremlin exige três votos para a União Soviética, para diversas partes do "Reich" soviético. Obviamente pretendem colocar os anglo-americanos contra a parede. Não estão nem interessados na Conferência de São Francisco. Sabem que lá deverão ser tomadas decisões sobre as questões adiadas em Ialta. Moscou ainda não decidiu nada sobre a modificação no governo polonês. O Kremlin está prolongando muito essa história, e agora surge o problema de como o governo polonês será afinal representado em São Francisco. Seria o máximo do grotesco se a Polônia, que foi quem começou esta guerra, não tivesse lugar nem voz na Conferência de São Francisco. Obviamente Moscou tem o maior interesse em que a coisa se arraste sem chegar a um conflito aberto com Roosevelt e Churchill. Os americanos, porém, não se deixam enganar. Declaram que precisam

de clareza sobre o problema da Polônia até o início da conferência. Os poloneses teriam de ter de qualquer modo uma representação em São Francisco. Portanto, se até lá não se tiver encontrado uma solução, isso seria uma *cause célèbre* para a coalizão inimiga.

A imprensa católica inglesa continua atacando fortemente o bolchevismo, tendo à frente o *Catholic Herald*. Usa uma linguagem como nem a melhor imprensa alemã o faria. Presumo que essa crítica intensa é realizada sob ordens do Vaticano.

Esta é uma Sexta-Feira Santa sinistra, como nunca vivi antes. Não se percebe em parte alguma qualquer sinal de ser feriado. A única luz é que nas últimas 24 horas a atividade aérea inimiga se reduziu um pouco. Mas não devemos alimentar esperanças. Tudo se deve apenas ao mau tempo.

A evolução no oeste causa as maiores preocupações. Kesselring ainda não conseguiu nem sinal de uma linha de defesa. Contemplando o mapa, poder-se-ia ter a impressão de que no oeste está-se dando o fim da catástrofe; o mais triste é que nem os civis nem as tropas têm a coragem necessária para prosseguir na luta.

Também me preocupa a situação na Hungria. Lá em breve estaremos diante da grave questão de podermos ou não manter a região petrolífera. Os soviéticos já avançaram sobre a fronteira alemã. O 6º Exército, sob as ordens de Sepp Dietrich, se deixou derrotar totalmente.

Speer esteve duas vezes com o Führer, para debater a realização do programa de armamentos de emergência. Deram-se discussões muito dramáticas sobre a posição política de Speer. O Führer censurou-o seriamente, dizendo que se deixa influenciar demais pelos economistas e defende tendências que não podem concordar com uma concepção nacional-socialista da guerra. Speer se dobra, mas conseguiu do Führer o abrandamento do último decreto para destruição total das nossas bases econômicas nos territórios ocupados pelos anglo-americanos, de modo que será permitida uma paralisação, se isso levar ao objetivo desejado, e não haverá destruição nem paralisia de indústrias e instalações bélicas se a produção armamentista puder prosseguir, ainda que sob grandes riscos.

Ao meio-dia o Führer manda-me chamar para debater comigo mais uma vez a questão do seu discurso ao povo. Tenho a impressão de que, no momento, não está muito inclinado a fazê-lo. Declara que empregou medidas militares extraordinariamente generosas para o oeste. Mas elas teriam de produzir algum efeito antes que o Führer pudesse aparecer diante do povo. E ainda não se percebe nada disso. A tropa também não poderia ser incitada em seu moral de guerra, enquanto não recebesse apoio de novas unidades e novas armas. Ao todo o Führer teria mandado para o oeste 160 batalhões impecavelmente armados. Estão avançando, mas ainda levará alguns dias até que possam entrar em combate. O mapa prova, diz o Führer, que registramos uma série de furos no *front*, que terão de ser ao menos provisoriamente tapados. O Führer se esforça de modo titânico nesse trabalho, mas infelizmente encontra limitado apoio em seus colaboradores militares. Também tenho a impressão de que nos últimos dias o Führer trabalhou demais. Por exemplo, nas últimas 24 horas dormiu apenas 2. Isso acontece porque não tem ajudantes que lhe tomem boa parte do trabalho miúdo. Assim, teve de mandar também Guderian em férias, pois este estava totalmente histérico e nervoso, causando mais inquietação do que ordem.

O General Krebs assumiu a posição de Guderian, depois de ter sido por longo tempo chefe do estado-maior de Model. Krebs é uma personalidade extraordinária. Foi adido militar em Moscou, mas sua atividade política não o prejudicou. Um colaborador especialmente talentoso de Guderian é o General Wenck, que também veio falar comigo diversas vezes. Infelizmente, da última vez que viajou para o grupo de exército "Vístula" a fim de resolver as operações na Pomerânia, sofreu um grave ferimento num acidente de automóvel, de modo que ainda está no hospital. Model também é uma personalidade em quem se pode confiar; mas está diante de tarefas quase insolúveis, pois a tropa de que necessita para dominar os problemas no oeste não está à sua disposição. Por isso não se poderá manter para sempre, se não lhe forem mandadas reservas. Kesselring, repete o Führer, chegou tarde demais no oeste, e não pôde erguer lá um *front* como o da Itália.

O Führer repete-me mais uma vez que o moral da tropa e da população civil funcionam em círculo vicioso. Está firmemente convencido de que não é a civilização que contagia as tropas, mas o contrário. O desastre do oeste saiu das tropas, não do homem comum; saiu dos estados-maiores e dos oficiais. Apesar disso, temos de tentar com todas as forças reconstruir um *front*; para isso as medidas já foram tomadas, embora em caráter improvisador. São terríveis nossas perdas econômicas, especialmente de carvão e ferro. Primeiro, diz o Führer, perdemos a zona industrial da Alta Silésia; depois, o Saar e o Ruhr; já perdemos a metade do território do Ruhr.

Agora o Führer está tratando com Speer de uma reforma das nossas armas. Temos de organizar uma técnica que exija menos aço e, conseqüentemente, menos carvão. O Führer está desgostoso porque tem de fazer sozinho a maior parte desse trabalho. Nem no Ministério de Armamentos consegue o necessário apoio. Diz que Speer, afinal, não é aquela personalidade forte que antigamente parecia ser, e que Saur o supera em energia e na arte da improvisação.

Um obstáculo para a reabilitação do oeste reside agora mais uma vez nos generais da Wehrmacht. São todos caniços ao vento, especialmente aqueles que rodeiam o Führer. Este gasta todos os dias boa parte do seu tempo e forças para animá-los e apertar-lhes um pouco os parafusos. E me diz que isso é um verdadeiro trabalho de Hércules. Vejo o quanto sofreu com esse esforço. Sua mão nunca tremeu tanto como durante esse nosso encontro.

Depois, faço-lhe um relatório detalhado sobre as medidas de propaganda que iniciei para o oeste. Fica muito satisfeito com as notícias que publicamos em relação ao despotismo anglo-americano. Também com minhas exposições sobre as organizações Wehrwolf e de propaganda. É necessário usarmos, em relação aos anglo-americanos, de uma linguagem mais dura do que temos empregado até hoje. Por nos termos omitido tanto nesse ponto é que eles passaram a ser tidos pelo povo alemão como mais humanos do que os soviéticos.

Mas não posso esconder ao Führer que o Dr. Dietrich opõe a essa propaganda as mesmas grandes dificuldades que outrora opôs à propaganda contra as atrocidades bolchevistas. Apresento ao Führer alguns exemplos que o deixam muito indignado. Decide-se firmemente a demitir de imediato o Dr. Dietrich do seu cargo, confiando-o a Lorenz. Mas Lorenz não deverá assumir o posto de chefe da propaganda do Reich, e sim chefe de imprensa do Führer. Isso seria um grande alívio para mim. O Dr. Dietrich é um fraco declarado; não está à altura da crise atual. Nesta época só podemos contar com homens fortes, espe-

cialmente os que executem cegamente o que lhes pedimos. Não é o caso do Dr. Dietrich. Desgato-me tanto com ele no meu trabalho quanto o Führer com seus generais. Como é que poderia arranjar-me com homens do feitio do Dr. Dietrich, numa propaganda que, como, por exemplo, agora na Operação Wehrwolf, tem de ser extraordinariamente radicalizada?

O Führer recebeu uma carta de Streicher, dizendo que, na situação de emergência da sua pátria, deseja uma missão, pois não agüenta mais ficar inativo em sua propriedade rural. O Führer pergunta-me onde poderíamos empregá-lo. Eventualmente, poderei precisar dele na Wehrwolf; pois Streicher é homem de grande energia. Poderia realizar os "discursos de cinco minutos" que eu, naturalmente, teria de conferir antes. Vou entrar em contato com ele. O Führer ficaria contente se eu desse alguma ocupação a Streicher. Sente certo remorso em relação a ele, pois Streicher é um homem de caráter que certa vez escorregou no caminho. O Führer diz que os artigos dele certamente seriam melhores do que os do Dr. Ley.

Aproveito a ocasião para falar com bastante dureza sobre os artigos do Dr. Ley. Em particular, mostro ao Führer que ele sempre se refere ao fato de que o Führer aprecia seus artigos e os considera o máximo da força de convicção jornalística. O Führer, rindo, declara que jamais leu os artigos do Dr. Ley, muito menos lhe disse que os julgava bons. Descrevo ao Führer o conteúdo dos dois últimos artigos, aquele sobre Dresden e o outro sobre a situação no oeste, de efeitos catastróficos na opinião pública. O Führer me encarrega de no futuro censurar severamente tais artigos, e cuidar para que não se publiquem mais loucuras como as que têm aparecido com tanta frequência nos artigos de Ley. De resto, o Führer acha que ele é um fanático declarado e que, impondo-lhe certas limitações, conseguiremos empregá-lo em tarefas que exijam fanatismo. Por isso, o Führer lhe teria confiado a organização do novo Corpo de Voluntários Adolf Hitler. Nossas medidas conjuntas farão com que reabilitemos lentamente o oeste.

Quanto ao moral, estou firmemente convencido de que, se o Führer agora me retirar as algemas desse cargo de chefe da imprensa do Reich, poderei agir mais livremente. Limparei o setor de imprensa dos elementos renitentes e derrotistas; então, poderei realizar, em relação ao oeste, uma propaganda que não ficará atrás daquela do leste. A propaganda antianglo-americana é a mais necessária no momento. Só se conseguirmos esclarecer o nosso povo de que ingleses e americanos pretendem com ele o mesmo que os bolchevistas, assumirá outra atitude em relação ao inimigo no oeste. Se conseguimos que o povo alemão se endurecesse contra os bolchevistas e os odiasse, por que não o conseguiríamos em relação aos anglo-americanos? Infelizmente, contra a minha sugestão, cometemos o erro de não sair da Convenção de Genebra. Se o tivéssemos feito, com certeza não haveria agora tantos soldados alemães entregando-se nas mãos do inimigo anglo-americano. O Führer me dá toda a razão. Deixou-se enganar pelas conversas de Keitel, Bormann e Himmler, e não fez nem ordenou o que era mais necessário e adequado na hora. Fui o único que manteve a razão nesse ponto, e o Führer admite isso abertamente.

De resto, está convencido de que em cerca de 8 ou 10 dias conseguiria fechar ao menos precariamente os buracos no oeste. Então o Corpo de Voluntários Adolf Hitler poderia paulatinamente aparecer. Prometo-lhe que a atividade guerrilheira será sensivelmente melhorada nos territórios ocidentais ocupados, no menor espaço de tempo possível. Depois que o prefeito de Aachen foi assassina-

do, deverá ser a vez do chefe de polícia judeu de Colônia, e a do prefeito de Rheydt. Estou convencido de que conseguiremos, em tempo não muito distante, acabar com todos os traidores alemães no lado ocidental.

Quanto à Luftwaffe, o Führer deu extraordinários poderes ao Obergruppenführer Kammler. O Führer quer executar nas forças aéreas um programa bem restrito, mas com toda a violência. Pois esse programa terá de ser mantido a qualquer custo. Göring sente-se relegado com os poderes dados a Kammler; mas não se pode fazer nada. O Führer se defende da acusação de que Kammler deveria ter sido instalado mais cedo no cargo. Diz que só conheceu Kammler ao organizarem o emprego das nossas armas V. É o homem adequado para ativar a Luftwaffe numa escala menor. Agora, diz o Führer, devemos agir segundo o princípio que os soviéticos seguiram em sua grande crise da guerra, isto é, tornarmo-nos os mais primitivos possíveis e tentar fazer da miséria uma virtude. Se os generais da Luftwaffe se voltarem contra as instruções de Kammler, o Führer intervirá com corte marcial e fuzilamentos. Está mesmo decidido a pôr a Luftwaffe em ordem. Também acho que conseguirá seu intento, pois os generais da Luftwaffe, como os do Exército, são covardes; tão logo sentem uma autoridade, obedecem ligeiro.

O Führer promete fazer logo seu discurso à nação. Mas, como eu já disse, primeiro quer aguardar o sucesso das suas medidas no oeste. Sou um tanto cético quanto ao Führer realmente querer fazer esse discurso. Sente agora uma incompreensível aversão pelo microfone. E sabe que não é correto deixar seu povo sem uma palavra; mas infelizmente, depois do seu último discurso, o Serviço de Segurança lhe contou que o povo o criticara porque suas palavras não apresentavam nada de novo. Na verdade, não tem mesmo nada de novo a apresentar. O Führer afirma ter de ao menos poder apresentar algum fato num discurso; mas no momento não dispõe de nenhum. Respondo, contudo, que o povo espera uma palavra sua. E uma palavra sempre se pode dar, mesmo nesse período de aflição. Em suma, o duelo em torno desse discurso resulta nisso: não consigo fazer o Führer decidir-se a trabalhar nele de imediato. Mas promete fazê-lo nos próximos dias. Ao menos nessa conversa livre-me do Dr. Dietrich, o que representa notável alívio para o meu trabalho. O que mais desagradou ao Führer foi que o Dr. Dietrich corrigiu a notícia por mim formulada sobre o fuzilamento do prefeito de Aachen. Eu mencionara um tribunal nacional que condenara o prefeito à morte; o Dr. Dietrich riscou essa passagem por conta própria, objetando que não existe tal tribunal. Oh! *sancta simplicitas!*

O Führer alegra-se porque vou procurar uma possibilidade de trabalho para Streicher. Streicher goza do seu afeto e realmente merece algo de mais destaque na época atual. De qualquer maneira supera em inteligência a muitos dos que hoje atuam nos postos mais poderosos do partido.

A situação no leste também causa grandes preocupações ao Führer. Acha que as coisas foram em grande parte estragadas por Guderian. Diz que este não tem temperamento sólido. Logo perde o controle. E mostrou isso como chefe de tropas tanto no leste como no oeste. No leste, no inverno crítico de 1941-42, simplesmente bateu em retirada por conta própria, fazendo com isso oscilar todo o *front*. Só quando Guderian se retirou, também Küchler e Hoepner bateram em retirada. Conseqüentemente, a grande crise do leste, no inverno de 1941-42 seria culpa de Guderian. Os generais do exército então perderam totalmente os nervos. Deparavam-se pela primeira vez com uma crise de guerra, enquanto até então apenas tinham obtido vitórias, decidindo-se a retirar-se logo até a fronteira do Reich.

O Führer descreve-me mais uma vez o dramático encontro que na ocasião teve com Küchler. Este lhe propôs que se levassem as tropas para a retaguarda, sem deixarem o seu material, se preciso, até a fronteira do Reich. Se isso tivesse sido executado, provavelmente já naquele inverno a guerra teria chegado ao fim.

Na Hungria desenrola-se agora uma verdadeira tragédia. Sepp Dietrich, como já mencionei da última vez, empregou na Hungria apenas uma parte das suas tropas, mentindo abertamente ao Führer quanto às forças de que dispunha. Queria deixar reservas no Reich para sua próxima intervenção no *front* do Oder. Como resultado, faltou na Hungria a necessária reserva de homens. O Führer ficou profundamente magoado com o procedimento de Sepp Dietrich. Também fez as mais duras queixas sobre Himmler quanto ao caso. Como consequência, agora Himmler está tirando as braçadeiras das unidades da SS na Hungria. Mas isso não adianta muito. A desgraça causada não poderá ser ressarcida dessa maneira.

O Führer agora também acha que Himmler não tem capacidade operacional. É um sutil, sem dúvida, mas não um comandante. Falta-lhe a necessária grandeza. Mostrou isso nas operações na Pomerânia, totalmente estragadas pelo seu tão limitado pensamento operacional. O Führer acha, aliás, que não surgiu nenhum general de envergadura na SS. Nem Sepp Dietrich nem Hausser contam-se entre nossos grandes talentos operacionais. Os verdadeiros combatentes entre os generais teriam sido Hube e Dietl; mas infelizmente esses foram roubados ao Führer por acidentes aéreos. Que restou então? Schörner, que é um grande talento, e trabalha de modo excelente. Prepara cuidadosamente suas operações e, mesmo com os mais reduzidos meios, sempre consegue rechaçar o inimigo. É um sujeito e tanto, pode-se confiar nele cegamente. E, principalmente, sempre diz a verdade ao Führer. E o Führer ficou muito amargurado porque Sepp Dietrich não fez o mesmo em relação ao caso da Hungria. Fala até em culpa histórica, que Dietrich teria assumido com isso. Temos de contar eventualmente com a perda da região petrolífera. Ainda não chegamos a esse ponto, mas poderemos chegar. Se ainda acrescentarmos o fracasso na Pomerânia, a SS já foi culpada de bastante coisa nos últimos tempos. O crédito de Himmler caiu notavelmente junto ao Führer. Mas não se pode esquecer que no momento estamos sendo perseguidos por uma série de desgraças. Essas desgraças não se atribuem apenas à inépcia dos colaboradores do Führer, mas à precariedade dos meios de que dispomos.

Bem que o Führer gostaria de, segundo me diz, nomear melhores colaboradores, se os encontrasse. Mas também tenho de admitir que não existem. Ele me diz, por exemplo, que em 1922 teria gostado de me colocar como chefe de propaganda do partido, se me tivesse conhecido; mas nem sabia da minha existência. Por isso era fácil perguntar por que motivo em 1922 eu já não estava dirigindo a propaganda do partido. Só lidando com elas é que se conhecem as pessoas. Certamente ainda há entre os homens da Wehrmacht uma série de talentos operacionais; mas é difícil encontrá-los.

É verdadeiramente chocante ver o Führer em tão más condições físicas. Conta que mal consegue dormir, está constantemente tenso com seu trabalho e a longo prazo sente-se esmagado por ter de estar sempre reanimando seus colaboradores, fracos e sem caráter. Posso imaginar como esse trabalho é cansativo e que preocupações traz consigo. Sinto realmente pena do Führer vendo-o em tais condições físicas e espirituais. Apesar disso, não posso desistir de lhe pedir que fale ao povo o mais breve possível. Terá de adiar por um ou dois

dias algumas de suas conversações. O mais importante é que consiga deixar nosso povo novamente intacto; o resto farei eu. Depois de livre do Dr. Dietrich, acho que em pouco tempo conseguirei dar outra vez uma orientação firme à imprensa. Mas é imprescindível, para tanto, que o Führer dê uma palavra de ânimo a todo o nosso povo.

O Führer é extraordinariamente simpático e cordial comigo nesse encontro. Nota-se claramente como fica feliz por falar com um homem que não cai de costas diante de qualquer crise.

A alegria do Dr. Naumann com a deposição do Dr. Dietrich é indescritível. O Dr. Dietrich era um corpo estranho em nosso ministério. E este agora voltará a ter uma orientação unânime. O Dr. Naumann recebe de mim a incumbência de tratar das medidas necessárias.

Em casa trabalho feito um doido toda a Sexta-Feira Santa. Nem percebo que é feriado. O relatório de hoje do Comando Supremo da Wehrmacht tem um tom pavoroso. Pode-se calcular que aos poucos o povo perca a coragem com essas notícias fúnebres.

A tardinha a situação no oeste não muda muito. As pontas inimigas avançaram até a região de Brilon e Paderborn; provavelmente se dirigirão contra o Weser. Mas, de resto, o inimigo está tratando de conseguir reforços. Nossas contramedidas deverão começar nesta tarde. Não se pode, contudo, esperar muita coisa logo de saída. Quanto ao leste, a pressão sobre a fronteira alemã, no território húngaro, recrudescerá novamente. O inimigo atravessou a fronteira num ponto e tomou duas aldeias austríacas. A sul do Plattensee ainda nos mantemos, para conservar conforme possível a região petrolífera. Foram extraordinariamente violentos os ataques soviéticos na Alta Silésia. O inimigo obteve algumas brechas, que foram, porém, todas anuladas. A situação em Glogau tornou-se algo mais difícil por causa do emprego das forças aéreas inimigas. A guarnição de Küstrin, combatendo sob as ordens de Reinefarth, com 1.000 homens, levou nossas linhas mais para trás. É extremamente crítica a situação em Gotenhafen e Dantzig. Receio que ali tudo chegue rapidamente ao fim.

Fico até tarde da noite trabalhando nas premissas para uma reforma do nosso Departamento de Imprensa. Recebo do Reichsleiter Bormann a notícia de que o Führer teve um encontro de três minutos com o Dr. Dietrich, no qual este e Sündermann foram dispensados sumariamente. Enfim tenho liberdade de ação para meu trabalho. Aproveitarei a oportunidade para criar situações definitivas na imprensa, que mesmo mais tarde não poderão ser mais desfeitas.

1.º de abril de 1945, domingo

Ontem:

Situação militar:

No *front* do leste, o centro dos combates localizou-se no território húngaro. Entre Drau e a ponta oeste do Plattensee o inimigo atacou frontalmente em direção de Nagy Kanisza, conseguindo profunda brecha que o levou até a cerca de 20km da região petrolífera. Ao mesmo tempo os soviéticos avançaram de Zalaegerszeg para o sul e sudoeste, para tomarem a região petrolífera num cerco. De Steinamanger e Güns o inimigo dirigiu-se para noroeste, alcançando a fronteira alemã a oeste de Steinamanger, atravessando-a a noroeste de Güns. Pontas blindadas inimigas chegaram a Kirchschlag. Simultaneamente o inimigo avançou mais ao longo da ferrovia Raab-Ödenburg-Wiener-Neustadt; ali encontra-se mais ou menos a uns 20km a leste de Ödenburg. Passando por Raab, que caiu nas mãos do inimigo, os soviéticos ganharam cerca de 10km de terreno em direção de Pressburg. O inimigo conseguiu entrar em diversos lugares, na nossa posição de interceptação no Neutra, chegando até o Waag, onde formou cabeças-de-ponte na margem oeste.

Outro centro de gravidade dos combates localizou-se ontem na região Morávia-Ostrau, onde o inimigo atacou mais uma vez com poderosas forças e proteção de blindados, conseguindo brechas locais entre Freistadt, Ratibor e Katscher. Ratibor e Katscher caíram em mãos dos soviéticos. Ao sul das duas cidades o inimigo foi cercado.

No *front* próximo até a região de Neisse, foram repelidos todos os ataques inimigos. No setor de combates em torno de Breslau obtivemos melhoria nas nossas posições. Depois de violentos combates, o inimigo entrou no centro da cidade de Glogau. Em todo o *front* do Oder nenhuma atividade bélica especial. Também na região de Dantzig e Königsberg não se anunciaram incidentes notáveis. Em Kurland prosseguem os violentos ataques soviéticos, sem que a situação se modifique grandemente.

No *front* oeste nossas unidades estão em duras lutas com o inimigo que avança, no setor anglo-canadense do baixo Reno. Os ingleses entraram em Emmerich, vindos do norte e do leste, daí atacando em direção da fronteira holandesa. Na região de Bocholt não houve modificações importantes. O grupo de combate avançado sobre Borken continuou avançando em direção do norte até a região de Stadthoorn. Outro grupo de combate tomou Coesfeld; aí se realizam alguns contra-ataques nossos para reduzir o setor de brecha inimiga entre

Coesfeld e Dülmen. O inimigo avançou sobre Dülmen cerca de 5km a mais em direção de Münster; agora está a cerca de 25km a sudoeste dessa cidade. Entre Münster e Recklinghausen os ingleses entraram em Lüdinghausen, sobre o Canal Dortmund-Ems. Da região Dorsten-Gladbeck, o inimigo atacou em direção de Buer-Recklinghausen, e foi repellido; em contra-ataques reconquistamos algumas localidades. A linha defensiva alemã decorre da margem norte da região do Ruhr, ao longo do Reno até a região de Beuel, e depois dobra ao longo do Sieg até a região de Siegen.

Na área de invasão americana, que avança do Westerwald até as regiões de Wetzlar-Giesse-Marburg, destacam-se agora duas operações. Um avanço inimigo se dirige para o norte, a fim de se ligar com o grupo anglo-canadense na região entre Hamm e Paderborn; um segundo grupo dirige-se para leste avançando para Heersfeld-Fulda. As forças inimigas que avançam para o norte entraram com algumas unidades em Brilon para o oeste; outra parte continua avançando para o norte e nordeste. Entre Brilon e Kassel o inimigo está na região de Arolsen e Bad Wildungen. Avançando da região de Marburg para o leste, segundo notícias não oficializadas, o inimigo teria alcançado Hersfeld. Na auto-estrada em Alsfeld, foram constatadas fortes concentrações de tropas. O inimigo que avança sobre Lauterbach, em direção de Fulda, está bem próximo desse local, no oeste.

No setor de combates de Hanau não há grandes mudanças. Nota-se ali o recrudescimento da resistência alemã. No momento o inimigo está na região de Gelnhausen. Também em Aschaffenburg não obteve novos progressos. Em contra-ataques reconquistamos Schweinheim. Atravessando as margens leste da Floresta de Oden, organizamos uma linha defensiva que se estende de Kingenberg-no-Meno sobre Miltenberg, Amorbach e Oberbach até Neckarsteinach. Em Amorbach o inimigo conseguiu atravessar essa linha e chegar a Walldürn e Buchen. Atacando de norte para sul, entrou em Heidelberg. Entre Heidelberg e Mannheim, atravessou o Neckar e entrou em Schwetzingen.

Não há notícias especiais do *front* italiano.

No território do Reich entraram ontem 1.300 bombardeiros quadrimotores americanos, atacando instalações portuárias e de transportes em Hamburgo, Bremen e Wilhelmshaven. Vindos da Itália, cerca de 500 bombardeiros quadrimotores americanos atacaram Viena, Wiener Neustadt, Klagenfurt e Graz. Sturm-vögel conseguiu derrubar 8 inimigos. Na escuridão, 60 Mosquitos efetuaram novo ataque sobre Berlim. 20 Mosquitos estiveram sobre Erfurt. 4 Sturm-vögel derrubaram 4 Mosquitos, sem baixas da nossa parte. Durante toda a noite reinou viva atividade de caças-noturnos, a distância, sobre a metade oeste do Reich.

Em Londres continua a propaganda alarmista em relação ao povo alemão. São unânimes em afirmar que o Reich praticamente deixou de existir, que já nem se pode falar numa organização interna na Alemanha, e que o governo perdeu todo o poder. Essa tática é demasiado evidente para que possa ter sucesso por muito tempo. Ingleses e americanos estão inteiramente empenhados em dar fim à guerra de qualquer modo até 25 de abril, quando deverá começar a Conferência de São Francisco, pois tanto Londres quanto Washington sabem muito bem que os grandes problemas políticos começarão de ver-

dade em São Francisco, e não querem que tiremos proveito algum das suas brigas.

Na verdade, o quadro no oeste dá razão para o inimigo ter esperanças de logo nos derrotar militarmente. O Gauleiter Wagner, de Karlsruhe, faz-me relatório detalhado sobre a situação em seu distrito. Também se queixa amargamente de que o moral da população e das tropas esteja extraordinariamente baixo. Agora já se atrevem até a criticar acremente o próprio Führer. A Luftwaffe teria a culpa na derrota alemã; mas acusa-se o Führer de não ter efetuado a tempo as necessárias mudanças de pessoal. Seria verdade que o inimigo teme grandes perdas humanas; mas assim que percebe resistência, emprega um poder aéreo que simplesmente transforma o campo alemão num deserto. Dizem que os anglo-americanos, ao contrário dos soviéticos — o que já se sabe há muito tempo — não são temidos pelo nosso povo. Ao contrário, grandes parcelas do povo estariam contentes se pudessem assim proteger-se dos soviéticos. A população da margem esquerda do Reno, na verdade, mostrou péssima atitude política. Foi desmoralizada pelos constantes bombardeios inimigos, e agora se joga nos braços dos anglo-americanos, com entusiasmo, ou ao menos sem resistência interior. Parte da população, ao menos em locais isolados, até se tornou ativa contra nossas próprias tropas quando estas quiseram resistir, o que foi, como é óbvio, deprimente para os soldados. Mas na verdade hoje não se poderia mais falar em resistência na margem esquerda do Reno. É verdade que, aqui e ali, pequenos agrupos ainda se mantêm; mas não significam nada para um prosseguimento das operações militares.

Também Müller envia-me, por ordens do comandante supremo do oeste, um relatório sobre o moral dos civis, muito alarmante. Acredito que Müller se deixou influenciar demais pelos oficiais do estado-maior do comandante supremo do oeste. Atribui todos os desastres à população civil, o que mostra a tática dos generais de se absolverem a si e ao exército da culpa pelos fatos no oeste. Também no relatório de Müller fica evidente que a população recebe os anglo-americanos com bandeiras brancas, e que em parte se nota nas aldeias e cidades uma espécie de embriaguez de alegria pela sua chegada, de tal maneira os saúdam. O partido saiu a tempo das cidades e aldeias. A população então atirou-se ao saque. Ficou entregue indefesa ao terror dos blindados inimigos. No território do Meno até já se fala em “franceses do Meno” que agora assumiriam as posições alemães. Em suma, nota-se nesse relatório que o estado-maior do comando supremo do oeste está empenhando tudo para empurrar a culpa ao povo, limpando o exército e os generais. Dou ao relatório de Müller uma resposta fulminante, que ele deverá entregar ao General Kesselring. Nessa resposta acentuo que o moral do povo sempre foi de primeira linha, enquanto o inimigo não aparecera. Essa população suporta com a maior bravura todos os ataques aéreos. Mas não era de admirar que perdesse a coragem, vendo a toda hora desolados grupos do exército batendo em retirada, jogando fora as armas e não oferecendo mais nenhuma resistência. A pouca vontade das tropas em combater também se vê no fato de que o General Patton, já no começo da sua ofensiva, fez 140.000 prisioneiros, terrível acusação contra aqueles que, contra meu conselho, negaram nossa saída da Convenção de Genebra. Patton fala em 90.000 mortos. Essa cifra não é exata; é exagerada. Mas o número de prisioneiros pode ser real. Também não corresponde absolutamente aos fatos c que Patton diz sobre a maior façanha militar da história. Como se pode

falar numa façanha militar diante de tamanha superioridade material e depois de bombardeios tão terríveis, que transformam o campo de batalha num deserto e as cidades e aldeias, em montanhas de escombros!

Apesar disso, sou de opinião de que no oeste da Alemanha começará aos poucos a atividade guerrilheira. Há uma série de sinais disso. Também os ingleses têm grandes preocupações, porque agora estão sendo ameaçados no *hinterland*, pelos alemães que lutam por sua liberdade. De resto, apóiam-se na idéia de uma derrocada alemã. Estão até decididos a proclamar uma data fixa para a vitória, indiferentes a se ainda lhes opomos resistência ou não. Simplesmente querem declarar a guerra terminada por uma ordem sua. Mas as coisas não são assim tão simples, e os ingleses se enganarão muito se pensarem que tal ordem nos impressionaria. Dessa pretensão deles também se pode deduzir a pressa dos anglo-americanos em terminar a guerra. As notícias de que Londres se prepara para os festejos da vitória, dirigem-se exclusivamente contra o nosso moral.

Só de passagem merece ser registrado que em Londres sempre se acentua que em relação à Alemanha só poderá existir uma paz muito dura.

Volta e meia se declara em Londres o receio de que nossa retirada no oeste seja fruto de um plano superior, e que tenhamos intenção de unir nossas tropas do oeste com as do leste, para nos ligarmos com os bolchevistas contra os anglo-americanos. Daí poderiam surgir consideráveis conflitos, especialmente quando pensamos que agora as crises políticas na coalizão inimiga começam a assumir dimensões ameaçadoras. O *Manchester Guardian* já pela manhã constata que para a Conferência de São Francisco não existe o mínimo acordo. Stettinius, diante da pressão da opinião pública, é obrigado a admitir um acordo secreto de Ialta, segundo o qual Stalin obteria primeiro três votos para a União Soviética. Esse acordo secreto é severamente criticado pelo povo americano. Ao meio-dia chega então a sensacional notícia de que, em caso de necessidade, a Conferência de São Francisco seria adiada. Obviamente Stalin não tem vontade de entrar em longos debates com os anglo-americanos. Sua desculpa é que Molotov não pode ser enviado aos Estados Unidos porque no momento tem de participar das deliberações orçamentárias soviéticas. Uma declaração bastante cínica, que certamente causará efeito enorme em Londres e Washington. Londres procura resolver esse dilema afirmando que a Alemanha está às vésperas de uma capitulação e por isso não se poderia realizar a Conferência de São Francisco. Na verdade, as crises políticas no lado inimigo são a razão desse provável adiamento. Supõe-se que Stalin tencione pedir 16 votos para São Francisco, o que, é claro, derrubaria toda a conta anglo-americana. Além disso, registramos de Moscou uma notícia oficial dizendo que o Kremlin pede que o Comitê de Lublin, mesmo se não for remodelado, ao menos terá de ser convidado como governo polonês oficial para a Conferência de São Francisco. Esse comitê nem pode ser reformulado porque as negociações para isso arrastam-se em Moscou. Essa declaração do Kremlin causou verdadeiro choque na opinião pública anglo-americana. Vazada em linguagem fulminante, termina com a afirmação de que o Kremlin espera uma rápida solução desse problema. Em outras palavras, Stalin vê chegado o momento de usar uma linguagem mais áspera com os anglo-americanos e de aticar a crise na coalizão inimiga.

Bohle relata-me o fracasso que Hesse sofreu em Estocolmo. Diz que Hesse é um declarado homem de Ribbentrop, não gozando absolutamente de con-

fiança nos meios políticos ingleses. Se os ingleses quiserem negociar com os alemães, certamente não será através dele. Conseqüentemente, o envio de Hesse para Estocolmo foi um óbvio passo falso em política.

No leste a evolução na Hungria e na fronteira austro-húngara causa muitas preocupações. Cerff, que voltou recentemente do *front* húngaro, me dá um relato da situação. Explica que a ofensiva falhou porque o tempo esteve péssimo. As operações de ataque transcorreram num terreno completamente pantanoso; nossos tanques não podiam locomover-se. Sepp Dietrich fez todo o possível para manter a ofensiva; mas não é um comandante de exército. Quando muito, serve para comandar uma divisão. Nossas perdas foram imensas e o 6º Exército mal poderá ser incluído nas próximas ofensivas. Isso naturalmente é terrível para Sepp Dietrich. Pode-se calcular o quanto está sofrendo com esse fato.

Tivemos novamente pesados ataques aéreos a Graz, Hamburgo, Bremen e Wilhelmshaven. As esquadrilhas de bombardeiros inimigos estão praticamente sempre a caminho, causando-nos os maiores prejuízos. Agora empregaremos velhos aviões alemães, que se lançarão como projéteis contra essas esquadrilhas de bombardeiros. Têm a missão de se lançar com força total contra os bombardeiros inimigos, contando com 90% de prejuízo total certo. Começaremos a empregá-los dentro de 8 ou 10 dias. Esperamos sucesso extraordinário. Cinquenta a noventa por cento dos nossos pilotos de caças se ofereceram como voluntários para esse empreendimento, prova de que o moral desses pilotos ainda é extraordinário, embora, por razões evidentes, Göring continue a afirmar o contrário.

Gerhardt Hauptmann forneceu-nos uma extraordinária [palavra ilegível] explicação para os ataques [de terror] anglo-americanos sobre Dresden. Ele próprio suportou tais ataques e fala neles usando de uma linguagem que bem revela o maior escritor do Reich.

Estou agora organizando a rádio da Wehrwolf. Deve ficar sob as ordens de Slesina, que colheu muita experiência nesse terreno no combate do Saar. Prützmann ainda não está muito adiantado com seus preparativos para a Wehrwolf. Parece-me que o trabalho com ele se arrasta. Queixa-se de que a população nos territórios ocupados pelo inimigo se porta de modo passivo demais e está contra o partido. Mas isso não é motivo para que o trabalho prossiga tão devagar. Logo agora teríamos de agir com muita energia. Acho que nossa propaganda na emissora Wehrwolf, recém-organizada, lhe dará poderoso impulso.

Os relatórios dos escritórios do partido no Reich e as cartas que recebo, naturalmente usam uma linguagem desesperada. De modo geral acreditam que o povo está convicto de que a guerra está perdida. Que com a perda de tão extensos territórios não teríamos mais base armamentista, de modo que também não teríamos mais nenhuma chance. As pessoas já se perguntam qual o modo melhor e mais honroso de se livrarem desta vida terrível. Uns e outros ainda pedem medidas radicais, como, por exemplo — o que acentuam repetidas vezes —, a saída da Convenção de Genebra; mas também disso já não se espera grandes resultados. De modo geral, os bons elementos estão mais preocupados com a questão de como morrer decentemente.

Um relatório do chefe do escritório de propaganda do Reich em Hamburgo, Rodde, sobre críticas à Luftwaffe, descreve com muita correção a posição atual do povo alemão em relação a esta e a Göring. Nesse relatório expõe-se, numa série de cartas, a pergunta sobre a razão pela qual, no caso da não-

dinamitação da ponte de Remagen, entrevistamos com sentenças rigorosas e as executamos, e não fazemos o mesmo com os responsáveis pela catástrofe na guerra aérea. Pede-se, por exemplo, corte marcial e sentença de morte para Göring. Os autores dessas cartas já não se escondem, nem receiam colocar nelas seus nomes com endereço completo.

Quanto à evolução dos fatos no oeste, o povo acredita firmemente que alguma coisa andou errada. Presume-se que tenha havido traição. O Führer também acha que os incidentes na região de Trier, que foram o que levou à derrocada do *front* do oeste, não se podem explicar de outra maneira.

Os maus exemplos que o partido tem dado produziram grande repulsa na população. Com isso, o partido perdeu muito do seu crédito. Se o povo ainda tem alguma esperança, é no Führer. De modo geral a população ainda cumpriria seus deveres, mas critica muito a liderança do partido e do governo, julga sinistra a situação no oeste, tem algumas esperanças na nossa resistência no leste, mas afora isso ainda estaria disposta a fazer o que o governo lhe pedisse.

O problema da alimentação está realmente tornando-se muito difícil. As últimas reduções diminuíram tanto nossas rações, que mal servem para o mínimo necessário. Pode-se imaginar que com todos esses duros golpes, que se abatem sobre o povo, esteja-se instalando por toda parte uma espécie de fatalismo. As pessoas encaram a fatalidade iminente como uma inevitável catástrofe da Natureza.

O balanço semanal da defesa de Berlim desta vez foi muito positivo. É verdade que nos retiraram consideráveis contingentes de tropas, mas estamos muito bem quanto aos armamentos. Especialmente o número de armas pesadas subiu. Cresce uma séria ameaça quanto às provisões de carvão. Praticamente não obtemos mais nenhum da região do Ruhr. E não há outros pontos de fornecimento que possam ser levados em consideração, de modo que teremos de iniciar reduções radicais no gasto desse material. Os transportes sofrerão as maiores limitações. No futuro só deverão funcionar os meios de transporte para trabalhos importantes na guerra.

Estou reformando radicalmente o nosso rádio. Precisa tornar-se mais elástico, mais adequado à presente situação. Quero radicalizar especialmente os noticiosos. O mesmo será feito na imprensa escrita. Dou-me novamente conta da oportunidade de fazer um severo ataque contra os jornais burgueses de Berlim, especialmente o *DAZ*, que hoje usa uma linguagem mais adequada para um festival da cerveja.

O Dr. Dietrich avisou a seus colaboradores que por ordem do Führer tirará algumas semanas de férias. Não estou inclinado a me satisfazer com isso. Mandarei organizar novo estatuto para a direção da imprensa, em que o chefe de imprensa do Reich não terá mais lugar.

No decorrer do dia a situação do oeste continua cada vez mais dramática. Os debates militares com o Führer duraram mais de quatro horas. Ele está extraordinariamente irritado porque as medidas que ordenou ainda não trouxeram nenhum alívio. Faz longos telefonemas pessoais a cada um dos comandantes de exército no oeste, incitando-os a empregar tudo de que dispõem para chegar a retomar a resistência em algum ponto, e mostra o quanto está em jogo neste grande momento da guerra.

A decadência da nossa posição é enorme. O inimigo está perto de Rheine e de Ahlen, e a sudoeste entre Münster e Hamm. Com isso todo o nosso território renano-vestfaliano de indústrias está seriamente ameaçado, em parte perdido. A sul de Lippstadt o inimigo se dirige para Soest, além disso está a 4km de Kassel. Agora se esboça um avanço planejado sobre a região da Turíngia. O inimigo marcha em direção de Meiningen, e também aí encontra muito pouca resistência. Obtemos aqui e ali pequenos sucessos, que não chegam a pesar. Na próxima noite deverão decorrer fortes contra-ataques nossos; temos de aguardar para ver se nos trarão algum alívio.

No decorrer dos debates sobre o oeste o Führer teve outra dramática discussão com Göring. Este é novamente culpado de uma série de irregularidades irritantes. Não posso entender como o Führer tolera isso por tanto tempo.

Graças a Deus os resultados no emprego dos nossos Me 262 são bastante satisfatórios. É verdade que, por enquanto, podemos empregar apenas quantidades reduzidas dos novos caças; mas, onde operam, conseguem derrubar muitos inimigos.

No território húngaro o inimigo registra novo progresso, tendo também atravessado a fronteira do Reich. Agora a região do baixo Danúbio começa a ficar seriamente ameaçada. De resto, o *front* do leste permaneceu tranqüilo.

A retirada de nossas tropas de Küstrin não transcorreu conforme o Führer imaginava. O Gruppenführer Reinefarth, que tem o comando supremo ali, foi preso por Himmler, por ordem do Führer. Dizem que se retirou sem ordens para isso.

Sündermann esteve à tarde com o Dr. Naumann para pedir-lhe as boas graças. Enquanto o Dr. Dietrich está de férias ele quer dirigir a imprensa sob as minhas ordens. Não dou valor à sua ajuda. Preciso de homens de caráter e força, que se atenham exatamente às minhas instruções, e tenham resistência nas horas de crise. Sündermann não é absolutamente esse tipo de homem. Aliás, pretendo agora radicalizar particularmente nossa política de propaganda e notícias. Nessa fase da guerra, a melhor linguagem é a linguagem mais dura.

2 de abril de 1945, segunda-feira

Ontem:

Situação militar:

No *front* leste os soviéticos prosseguem seus pesados ataques partindo dos territórios eslovaco e húngaro. Entre o canto oeste do Plattensee, e do Drau para o sul, seguindo a fronteira alemã para o oeste, ergueu-se nova posição de defesa em torno da região petrolífera de Nagy Kanisza, contra a qual os bolchevistas se lançaram intensamente, mas em vão. No setor da brecha entre Güns e Odenburg os bolchevistas entraram até 10 a 20km a sul e sudeste de Wiener Neustadt. Ali foram detidos, em duros combates, por uma escola de cadetes. Entre Odenburg e Neusiedlersee o inimigo avançou na margem oeste do Neusiedlersee até Rust. Ao longo da fronteira húngaro-eslovaca, aprofundou mais sua entrada sobre o Neutra e o Waag, em direção de Pressburg; ali se encontra a cerca de 40km a leste de Pressburg. No combate por Morávia-Ostrau, os repetidos e intensos ataques soviéticos foram rechaçados, destruindo 72 tanques blindados. Conseguimos, em contra-ataques, melhorar nossa posição. Ataques contra Breslau, vindos do oeste, fracassaram. Na região de Bunzlau notaram-se concentrações de tropas soviéticas. Em Kurland o inimigo prossegue atacando sem modificação no quadro.

No baixo Reno a situação está tão tensa que, em ataques para norte e noroeste, o inimigo conquistou maior liberdade de movimentação e avançou até Dingden, bem como para a região a cerca de 20km a sul de Rheine. Pontas de ataque inimigas alcançaram a ferrovia entre Hamm e Münster. Na região a sul de Paderborn os americanos avançaram muito pouco. Foram parcialmente rechaçados por contra-ataques. Mais ao sul, forças inimigas chegaram à área a 4km de Kassel. Sobre Hersfeld, o inimigo entrou até o Werra, na região de Vacha. Entre Fulda e Hersfeld o inimigo foi repelido em contra-ataques, em Schlitz. O inimigo avançou da região de Gelnhausen até a ferrovia Hanau-Fulda, chegando à região de Bad Erb. Pontas blindadas inimigas saíram da região de Wertheim e do Odenwald entrando na zona de Würzburg, até Tauber em Tauberbischofsheim. No ataque para sudeste chegaram ao setor Jagstag e Mosbach. No setor do Neckar o inimigo ocupou Neckargemünd. Da área de Heidelberg tenta alargar o *front* do alto Reno em direção de Karlshuhe. Pontas inimigas chegaram à região de Wiesloch. Tentativas de atravessar em Speyer foram rechaçadas. Em Germersheim o inimigo conseguiu formar uma pequena cabeça-de-ponte na margem direita do Reno.

Não há notícias especiais do *front* italiano.

Grandes unidades de combate americanas atacaram Brandeburgo, Braunschweig, Halle e cidades da Turíngia. Uma unidade de combate inglesa atacou Hamburgo. Da Itália entraram cerca de 500 bombardeiros americanos, atacando Linz e Villach. Uma unidade menor de bimotores lançou bombas na região de Innsbruck. Até agora conseguimos com nossos Me 262 derrubar 42 aparelhos, geralmente bombardeiros quadrimotores. Ataque noturno de cerca de 80 bombardeiros quadrimotores a Graz.

O julgamento dos inimigos quanto ao moral de combate dos alemães diverge bastante. Em parte, dizem que nossos soldados ainda oferecem uma fanática resistência, o que parece acontecer particularmente na região do baixo Reno; em parte dizem que já não percebem resistência alguma.

Algumas cidades se portam magnificamente do ponto de vista da resistência moral e militar. O inimigo menciona especialmente Aschaffenburg e Heidelberg. Nesta última, a população encara os americanos com particular hostilidade.

A situação no oeste piorou extraordinariamente; no momento podemos considerá-la desoladora. O inimigo também se move livremente na região do baixo Reno, de modo que devemos aguardar ali novas e desagradáveis surpresas. É possível que até a tardinha o território do Ruhr seja cercado de ambos os lados.

Kesselring me telefona ao meio-dia, dizendo que temos de esperar presumivelmente ainda 3 a 4 dias até começarem nossas grandes contramedidas. Até lá não poderão ocorrer melhorias para o nosso lado. Apesar de tudo, Kesselring está de bom ânimo. Julga a situação com segurança e caráter, não se nota de sua parte nem sinal de derrotismo. Também me diz que a atitude dos civis melhorou um pouco com nossa propaganda. Müller está realizando muito bem sua tarefa. Confiei-lhe os maiores poderes, para que pudesse operar no território do oeste com todas as possibilidades e meios de propaganda que existem. Kesselring telefonará todos os dias ao meio-dia para me dar um breve relatório da situação. Parece-me que é senhor do seu estado-maior e que não se deixa fazer de bobo. Por sugestão de Müller, mandou distribuir panfletos às tropas e à população civil. Neles os civis exortam as tropas a se manterem firmes. Tais bilhetes são entregues aos soldados pela juventude. De resto, dirigiu um apelo à tropa combatente, explicando-lhe em poucas frases a situação do momento e por que terão de se manter a qualquer preço. Relato a Kesselring a situação política, que naturalmente interessa muito. Todos os nossos soldados em comando estão convencidos de que devemos empregar meios políticos para cortar a evolução militar, quase desesperadora. Mas é mais fácil falar do que fazer, em particular porque não temos do nosso lado diplomatas de categoria. E não se pode encarar Ribbentrop como tal.

Nossa Operação Wehrwolf causou bom susto no campo inimigo. Estão reaceando realmente uma Alemanha guerrilheira, o que, pensam os inimigos, poderá causar grande inquietação na Europa por anos a fio. Mas não dão nenhuma demonstração de quererem desistir dos seus planos malucos de aniquilamento da Alemanha. Anunciam ao povo alemão o período de um ano de fome. Os americanos, em especial, querem bancar os educadores da nossa gente, fe-

char as escolas alemãs e tomar nas mãos a formação do povo alemão. Além disso, querem executar o plano Morgenthau, segundo o qual a Alemanha deverá transformar-se num campo de plantação de batatas. Os alemães deverão deixar sua juventude aprisionada ser deportada para as terras inimigas, para trabalho escravo, e pagar indenizações. Em suma, todos podem escolher o modo pelo qual preferem ser assassinados. Vivemos num tempo tão enlouquecido, que o juízo humano parece ter cessado de existir. As cínicas ameaças que os inimigos nos fazem são indescritíveis. Não são leais, nem correspondem a um sadio julgamento humano. Mas que interessa isso a Roosevelt ou a Churchill? Eles se sentem no auge do triunfo militar e acham que não precisam mais levar em consideração o mínimo de sensatez.

Contudo, seu entusiasmo vai esfriar com a atitude do Kremlin. Ingleses e americanos recusaram o reconhecimento do Comitê de Lublin como governo polonês regular e sua participação na Conferência de São Francisco. Fundamentam sua posição dizendo que Stalin não manteve sua promessa feita em Ialta, de reformar o Comitê de Lublin, não permitindo além disso a entrada de representantes da imprensa americana ou inglesa ou da UNRRA* no território polonês. Stalin certamente dará uma resposta áspera. Já no dia anterior publicou uma declaração pela Agência Tass, numa linguagem tão forte que Inglaterra e Estados Unidos não podem deixar de ouvi-la. Os Estados Unidos reconhecem a inutilidade de uma Conferência de São Francisco e pedem um adiamento. Sabem muito bem que essa conferência levaria a uma grande confusão política, especialmente porque o número de três votos, concedido a Stalin em Ialta, causou na opinião pública americana uma onda de indignação. Roosevelt está numa posição política bastante difícil. Não o censuram tanto pelos três votos concedidos aos soviéticos, mas por ter agido secretamente nessa manobra tática. Os jornais americanos falam abertamente de um conflito com Stalin, que pairaria como uma sombra sinistra sobre a Conferência de São Francisco. Dizem que Stalin não pretende em absoluto intervir na guerra do Pacífico. Se ajuntarmos a isso os conflitos europeus, estará iminente a Terceira Guerra Mundial.

Esse debate é conduzido muito mais seriamente nos Estados Unidos do que na Inglaterra. Os ingleses se ocupam com a celebração da vitória. Churchill tem todo o interesse em desviar a atenção dos ingleses das tão graves crises políticas, e concentrá-la nos fatos militares. Mas a crise política inglesa chegou a ponto de nos fornecer razões para nos mantermos firmes na resistência, não cedendo nem um pouco às propostas inimigas que levam à covardia e à capitulação.

Agora também os soviéticos procuram criar fatos definitivos com seus sucessos militares. Assim como os anglo-americanos avançam no oeste, eles avançam no território húngaro. Já atravessaram considerável parte da fronteira austríaca e encontram-se em avanço sobre Graz. Stalin teria colocado como objetivo do Exército Vermelho a tomada de Viena, Praga e Berlim até 25 de abril. Logo, podemos esperar tempos duros nas próximas semanas. Não se pode nem falar em um abrandamento da crise militar.

Quanto a Praga, é objetivo tanto de americanos quanto de soviéticos. Mas estes já prepararam o terreno politicamente. Benesch esteve em Moscou re-

* UNRRA, sigla da Relief and Rehabilitation Administration, organização para ajuda a refugiados e deportados nos territórios ocupados pelos Aliados. (N. da T.)

centemente. Organiza seu novo governo e está na iminência de mudar-se para o território de Boêmia-Morávia. Já deixou Moscou. Esse *globetrotter* político senil, acredita estar de novo diante da realização de seus objetivos diabólicos.

Esta é a Páscoa mais triste da minha vida. Durante o dia todo chega o dilúvio de notícias que, de todos os cantos do Reich, só me causam preocupação.

Nas últimas 24 horas, uma longa série de ataques aéreos provocou mais terríveis devastações no território do Reich. Desta vez a cidade de Brandenburgo foi particularmente atingida.

Tive uma séria discussão com o Tenente-Coronel Balzer, que andou demonstrando uma atitude muito derrotista, dando-me não poucos aborrecimentos. Chamei-o à ordem e acho que, pelo menos nos próximos tempos, não terei de me queixar dele.

Finalmente conseguimos, com medidas apressadas, já à tardinha do primeiro dia de Páscoa escutar a Rádio Wehrwolf. A emissora transmite em todas as ondas da Alemanha, e é regularmente poderosa. O programa para a primeira emissão me foi apresentado em minúcias, e eu próprio acrescentei um apelo extraordinariamente revolucionário, no qual não tenho a menor consideração para com uma direção regular da guerra, nem com a política externa do Reich. Essa emissão é transmitida ao entardecer pela Rádio Wehrwolf e em parte pelas emissoras regulares do Reich. Essa emissão parece excelente. Está plena de espírito revolucionário e certamente terá muitos ouvintes. Eu mesmo realizarei essas transmissões Wehrwolf todas as tardinhas, e espero reunir os ativistas de todo o Reich numa comunidade firme. É realmente reconfortador escutar finalmente um tom que era costumeiro nos antigos tempos de luta. Tenciono atribuir o mesmo papel em prol da luta pela liberdade do povo alemão, tanto à emissora quanto ao jornal Wehrwolf, que outrora atribuí ao jornal *Der Angriff* quando lutávamos pelo poder. Acredito poder obter os mesmos sucessos. O movimento Wehrwolf dirige-se conscientemente à minoria política dos inabaláveis e tenazes que sempre constituem a ponta na lança de ferro do povo. A linguagem que usamos é inteiramente adequada ao tempo atual e também será, de modo correspondente [faltam aqui aparentemente 25 páginas das anotações de 2.4.1945)].

3 de abril de 1945, terça-feira

[faltam as páginas iniciais, de 1 a 20]

... finalmente levar à razão.

Pode-se ver o quanto o inimigo está atrevido pelo fato de que já hoje brincam com a idéia de organizarem um governo alemão provisório com os territórios alemães até agora conquistados. Se fosse o caso, teríamos enormes dificuldades, pois a queda da confiança da nossa população civil é muito acentuada; por isso a situação me parece favorável ao lado inimigo, para nos opor um governo contrário, que nos dará muito que fazer.

Sei que o movimento Wehrwolf até agora ainda não está muito ativo. Ainda assim continuo energeticamente com a propaganda. Também quero pegar nas mãos lentamente a organização desse movimento Wehrwolf. Não só porque me julgo capaz disso, mas porque acredito que essa operação deve ser dirigida com temperamento forte e entusiasmo. Não deve ser apenas uma questão de organização do Serviço de Segurança. Não se consegue muita coisa com organização atualmente. Tarde demais.

Os inimigos estão publicando novo programa cheio de ódio. Assim, querem entre outras coisas derrubar todas as florestas alemãs, para mandarem a madeira para a Inglaterra.

O cinismo dos americanos é insuperável. Nas ruínas da Catedral de Colônia celebraram uma ação de graças que terminou com todos os presentes cantando "Deus salve a América". Que humilhações ainda teremos de suportar até que chegue a nossa hora de salvação!

Mas os americanos também têm lá suas preocupações. A Conferência de São Francisco mostra-se bastante sombria quanto às possibilidades de sucesso e, até, quanto à fixação da sua data. O Senador Vanderberg, nomeado por Roosevelt como um de seus delegados nessa conferência, ataca severamente as exigências de Moscou. Teve um encontro com Roosevelt, no qual este finalmente confessou alguns acordos secretos de Ialta. Esses acordos secretos estão irritando ao máximo a opinião pública americana. Causaram grande confusão política nos Estados Unidos. Querem neutralizar as más previsões da Conferência de São Francisco, fazendo-a preceder por um encontro a cinco. Nesse encontro deverão encontrar-se os Ministros do Exterior das potências inimigas.

Mas Stalin também não concorda de modo algum com essa proposta. As coisas chegaram tão longe que o *Times*, sempre tão sério, fala em crise declarada. E acusa Stalin de não querer concordar com uma organização de segurança das potências ocidentais, de recusar uma nova Liga das Nações, de desejar acordos dúbios e de que com isso se vai aproximando a Terceira Guerra Mundial. Assim — declara o *Times* —, surgem imensos problemas, que dificilmente serão vencidos.

Em Moscou se declara cinicamente que os três votos pedidos pela União Soviética para a Conferência de São Francisco foram prometidos na Conferência de Ialta por Roosevelt e por Churchill. Portanto, na verdade, essa conferência decorreu de modo bem diverso do que nos tentaram dizer no comunicado oficial. A opinião pública americana está extraordinariamente decepcionada, atacando maciçamente a política do Kremlin, responsabilizando Stalin por todo o dilema.

Estou convencido de que o material político dessa crise pode incendiar-se facilmente, se não for superado pelos sucessos militares do inimigo. Mas como seria possível isso, se Roosevelt dia a dia consegue anunciar novas vitórias? Assim, por exemplo, os americanos chegaram à Ilha de Okinawa. Tiveram grandes baixas; mas isso pouco lhes interessa. Dispõem de um potencial tão rico que pode se dar o luxo de sangrias desse tipo.

Também o segundo dia de Páscoa é repleto de trabalho, da manhã à noite. Se não se olhasse pela janela, vendo as ruas vazias, nem se notaria que festejamos a Páscoa.

Graças a Deus não tivemos grandes prejuízos com a guerra aérea nas últimas 24 horas. Os anglo-americanos não decolaram do solo inglês devido ao mau tempo. Não importa que razões houve, o principal é que ao menos nessas 24 horas tivemos de novo alguma paz.

A tardinha se anuncia que o inimigo também ataca agora na região de Aachen e Nimwegen. Está pressionando com muita força, obviamente com o objetivo de romper nosso resto de posição na Holanda. No território vestfaliano avançou além de Münster; mas não conseguiu tomar a cidade, apenas cercou-a. Theine até o momento pôde defender-se do ataque inimigo. O *front* do Ruhr se manteve, de modo geral; mas Hamm caiu nas mãos do inimigo. Soest foi retomada por nós num contra-ataque. Mas em compensação o adversário tomou Siegen. Nosso *front* provisoriamente instalado na Floresta Teutoburg conseguiu manter-se. Em Kassel efetuam-se duros embates. Gerland terá de dar o melhor de si. Os americanos entraram de Eisenach para o norte, e lutam por obter maiores ganhos de terreno. O *front* do Neckar de modo geral se manteve. É satisfatório que a Wehrmach admita que os Gauleiters Hellmuth e Gerland se portam de maneira excelente. Organizam resistência após resistência; com isso conseguem em seus distritos uma situação muito melhor do que nos outros distritos do oeste. Eu esperava isso de Gerland; mas sobre Hellmuth pode-se dizer: o homem cresce na medida do crescimento de seus objetivos. Hellmuth sempre foi um Gauleiter reservado e modesto, de quem não se esperaria grande coisa; mas agora se vê que é muito melhor do que imaginávamos.

O General Patton, que dirigiu toda a ofensiva na região do Reno, constatada agora pela primeira vez que sua ofensiva-relâmpago teve uma parada. As tropas alemãs efetuam uma resistência louca; no momento os inimigos registram apenas pequenos ganhos de terreno.

De Kassel chega, como outrora de Mannheim, a notícia de que a cidade ofereceu sua capitulação por telefone ao inimigo. Não acredito que seja verdade. Deve ser uma notícia falsa com o propósito de nos alarmar. Obviamente os americanos querem dar exemplo, com essas capitulações telefônicas, para levar mais cidades a seguirem o caminho de Mannheim.

No leste a situação no território austro-húngaro tornou-se muito precária depois que o inimigo conseguiu tomar Wiener Neustadt. Fechamos seu caminho a sul de Viena. Mas é consolador que Schörner tenha mais uma vez podido rechaçar a forte ofensiva soviética. Seu *front* é no momento o mais intacto que temos. Também em Breslau os ataques inimigos foram repelidos. Hanke mereceu um extraordinário elogio da parte do Führer, na reunião costumeira para debates sobre a situação bélica. E merece. É entre nossos Gauleiters em combate a mais destacada natureza de líder. Também se empenha em combate de um modo que infelizmente não podemos constatar nos nossos outros Gauleiters. O fato de o inimigo estar concentrando grandes forças no setor de combate de Kottbus, é ameaçador para Berlim. Precisamos estar preparados para uma ofensiva partindo daquela zona.

Os fins de tarde são sempre muito cheios de trabalho e de preocupações. Durante dois dias os ingleses não haviam atacado Berlim com Mosquitos, de modo que podíamos esperar que suas recentes perdas causadas pelos nossos Me 262 os tivessem contido um pouco. Mas esta tarde voltaram na hora costumeira. Logo, não devemos alimentar a esperança de que os ataques à capital do Reich, que tanto nos dilaceram os nervos, tenham terminado.

4 de abril de 1945, quarta-feira

Ontem:

Situação militar:

No *front* leste o centro das operações esteve de novo no território húngaro, onde a pressão inimiga continua ininterrupta.

Em torno da região de Nagy Kanisza organizou-se uma posição defensiva que decorre da foz do Mur para o Drau na margem oeste de Nagy Kanisza, em direção do norte até a altura do Lago Plattensee, e dali dobra para o oeste. Contra essa linha o inimigo atacou especialmente no norte, e também entrou em locais isolados. Ao mesmo tempo procura rodear a barricada do norte.

Outra linha de barricadas foi erguida a sul de Steinamanger; decorre a grosso modo ao longo da fronteira húngaro-alemã até a região de Güns. Nessa região nota-se intensa atividade. Em diversos pontos o inimigo foi rechaçado, em São Gotardo na ferrovia de Steinamanger a Graz, e igualmente a norte de Steinamanger.

Uma linha de barricadas também existe na região de Semmering, onde ontem o inimigo não conseguiu avançar. Em contrapartida, pôde ganhar mais terreno a sul e sudoeste de Wiener Neustadt. Em Neunkirchen ele atravessou a ferrovia Viena-Bruck-Graz, mas foi detido. Wiener Neustadt caiu em mãos inimigas. Dali o inimigo avançou cerca de 10 a 15km para o norte. Suas pontas estão agora cerca de 15km a norte e sudoeste de Wiener Neustadt. O *front* defensivo em torno de Viena é considerado muito forte. Do Lago Neusiedler para o norte, o inimigo chegou quase até Mannersdorf; lá as pontas inimigas foram apanhadas e aniquiladas. Na margem norte do Neusiedler decorre uma posição de barricada até a margem leste de Pressburg, ao longo da margem leste dos Pequenos Cárpatos, em Tyrnau dobra para o leste, e liga-se então com o *front* eslovaco. Em Tyrnau os soviéticos conseguiram uma brecha local; todos os demais ataques contra essa nova linha foram repelidos.

O segundo centro desses combates esteve na região em torno de Morávia-Ostrau, onde o inimigo prossegue ininterruptamente suas pesadas ofensivas. Na região de Schwarwasser conseguiu uma brecha mais profunda; em Kreuzenort atravessou a ferrovia Oppel-Morávia-Ostrau, e foi detido em violentos contra-ataques. Os bolchevistas obtiveram uma brecha local a oeste de Ratibor. De resto, todos os ataques foram rechaçados, geralmente em intensos contra-ataques nossos. Como se anuncia, o inimigo até agora não empregou nessa região

blindados em massa, de modo que devemos contar com uma intensificação dos ataques. Violentas ofensivas russas em Ziegenhals e Neisse fracassaram. Em Breslau os soviéticos obtiveram pequenas entradas em quarteiros residenciais; mas de resto foram repelidos.

Em todo o *front* do Oder até Dievenov nenhuma atividade bélica especial.

A norte e leste de Dantzig o inimigo atacou as pequenas cabeças-de-ponte isoladas que ainda persistiam, sem que a situação se tenha alterado fundamentalmente. Das regiões de Königsberg e Samland não se anunciam combates especiais. Em Kurland prosseguem os violentos ataques soviéticos, sem modificação da situação.

No *front* oeste o inimigo atacou no baixo Reno para o norte, bem como para o leste. Da região de Enschede alcançou Nordhorn, a margem oeste do Rheine, Ibbenbüren e Lengerich. As unidades inimigas que avançam de ambos os lados de Bielefeld depararam-se com forte resistência alemã na margem oeste da Floresta Teutoburg, e não avançaram mais. Da mesma forma, forças inimigas que avançavam no norte em direção de Paderborn, foram detidas em violentos contra-ataques. Passando por Hamm, que caiu em suas mãos, o inimigo prosseguiu mais para perto de Soest; mas esta ainda está em nosso poder.

No setor do grupo de exército B, os combates foram particularmente ativos no *front* do Sieg, onde os americanos depararam-se com grande resistência alemã, em ataques na direção norte. Mas perdemos a cidade de Siegen. Em Sauerland desenvolvem-se intensos combates a nordeste de Winterberg. Esta foi tomada pelo inimigo. A sul de Kassel o adversário avançou em Melsungen sobre o Fulda e seguiu até Eschwege. Entre Eschwege e Eisenach, pontas inimigas avançaram em Kreuzburg sobre o Werra. Da região de Fulda, ocupada pelo inimigo, e saindo de Röhn, pontas inimigas avançaram até a zona de Meinnigen. Por toda parte nesse território ainda há fortes contingentes de tropas alemãs, que agora abrem caminho combatendo, em direção do leste. No setor de combates de Aschaffenburg o inimigo chegou até Lohr, virou-se então para a margem oeste do Meno e atravessou-o em direção de Würzburg. Da zona de combates de Bad Mergentheim pontas inimigas avançaram até a ferrovia Würzburg-Nuremberg, na região a sul de Kitzingen. Mergentheim caiu nas mãos do inimigo. No setor do Neckar, o inimigo atingiu a região norte de Heilbronn. Em Bruchsal efetuam-se violentos combates. Da cabeça-de-ponte de Germerheim o inimigo avançou um pouco mais para o sul.

No *front* italiano realizaram-se apenas combates locais.

Na região oeste da zona de combates nossa atividade aérea teve sucesso contra agrupamentos de blindados e colunas inimigas. Ao todo derrubamos ontem 11 aviões inimigos. Unidades vindas da Itália lançaram bombas sobre Graz, Krems e St. Pölten. À noite 60 Mosquitos sobrevoaram Berlim, 20 estiveram sobre Magdeburgo.

Entre nossos Gauleiters do oeste e leste surgiu o péssimo costume de, após haverem perdido seu distrito, se defenderem em longos memoriais, tentando provar que são totalmente inocentes. Tenho à minha frente um desses escritos, de Grohé. Absolutamente inconvincente. Apesar de pomposas exposições, Grohé não defendeu seu distrito. Abandonou-o antes que a população civil estivesse evacuada, e agora quer bancar o grande herói.

A atitude dos Kreisleiters e Gauleiters no oeste causou uma forte diminuição de confiança no nosso povo. A população pensava que nossos Gauleiters combateriam em seus respectivos distritos e, se necessário, tombariam neles. Mas isso jamais aconteceu. Conseqüentemente, o partido está praticamente liquidado no oeste.

Se Grohé se queixa de ordens extremamente confusas dentro da Wehrmacht, tinha bastantes poderes para intervir ele próprio. O fato de haver soldados de menos para defender a região contra as ofensivas inimigas, é certamente também culpa dele, pois deveria ter ajudado a limpar o *hinterland* desses covardões. Também dispunha de poderes suficientes para agarrar muitos dos desertores, como já se fez uma vez no Reno. Em suma, nem a Wehrmacht consegue provar a culpa do partido, nem vice-versa, em todo esse desastre. Ambos têm sua parcela de culpa.

De resto, o inimigo anda mais reservado quanto aos sucessos que obtém. Elogia muito os nossos chefes de exército em comando no oeste, por sempre conseguirem reconstituir uma defesa organizada. Londres noticia que uma ação nossa tentou agora libertar o território do Ruhr. Os americanos conseguiram repelir-nos, mas foi um ataque de extraordinária força.

Eisenhower faz mais uma conclamação à população das zonas ocupadas, mas não apresenta novidade. Eisenhower apenas quer se fazer de "Kaiser" da Alemanha.

Também não é verdade que todo o povo do oeste se submeta ao inimigo. Ao contrário, as potências ocidentais relatam que suas prisões estão cheias de elementos renitentes, que não puderam ser dominados pelas forças de ocupação. Mas a população de Frankfurt parece incrivelmente covarde e servil. As notícias publicadas pelo inimigo nos fazem morrer de vergonha. Dizem que os americanos foram recebidos com grandes demonstrações. A senha dos moradores de Frankfurt era: "Vamos nos beijar e ser amigos!" Com os beijos os americanos devem ter concordado logo, em especial com relação às mulheres da cidade; mas quanto a serem bons amigos, é outra história. De qualquer modo, no oeste o inimigo apenas pretende saquear-nos, submeter o povo alemão à fome, exterminá-lo biologicamente. Mesmo assim, dá náuseas ler tais relatórios. Mas tudo isso não é de admirar, se pensarmos que, antes de o inimigo sequer estar à vista, Sprenger já fugira de Frankfurt, deixando a cidade entregue a seu próprio destino. Contra isso só se pode empregar a Operação Wehrwolf. Por isso pretendo defender os pontos de vista de Wehrwolf não apenas na Rádio Wehrwolf, mas no novo jornal a ser fundado na Alemanha. Essa atitude Wehrwolf se dirige conscientemente a uma minoria de dez por cento de ativistas no povo alemão. Mas esses ativistas, quando retomarem a palavra, arrebatarão consigo a maior parte do nosso povo.

Do distrito de Weser-Ems recebo uma notícia que revela tendência semelhante à dos relatórios até agora chegados do oeste. Lá se esboça o mesmo quadro de desmoralização. Os soldados juntam-se em grupos soltos, parte deles joga fora suas armas. E nesse distrito, ainda resistente e capaz de se defender, eles estragam o estado de ânimo de toda a população. Pela primeira vez o povo ali está com o moral severamente atingido. Esses grupos da Wehrmacht em parte até se entregam a saques. A senha deles é: "Para casa, para junto das nossas mães!" Especialmente na Luftwaffe aparece esse quadro desolador. O Volkssturm e a Juventude Hitlerista ocuparam as posições de defesa; mas em

grande parte estão desarmados, de modo que não se pode esperar muita coisa deles. O chefe de propaganda do Reich, Seiffe, pede urgentemente que lhe coloquemos à disposição comandos de polícia militar para deterem os desolados bandos de soldados fujões.

Todos esses fenômenos dão aos ingleses a esperança de que o Reich se encontre em total dissolução. Acredita-se que desse modo chegarão a uma vitória rápida e cômoda. Julgam a população alemã madura para a capitulação. Embora o governo ainda proclame e prossiga na defesa, acham que diante dos atos espontâneos da população civil, ele se torna mera ilusão; que o povo alemão está na iminência de trocar as bandeiras com a cruz suástica pela bandeira branca, e que o inimigo ocidental teria jogo fácil. Isso deve-se aos órgãos do nosso partido e da Wehrmacht. Não se mostraram à altura da crise atual. Mas ainda espero conseguir, bem como há semanas no leste, também no oeste reorganizar o moral de guerra, embora com os maiores esforços. Para isso me serve a política de noticiosos, agora claramente orientada, que não se limita aos relatos militares da guerra, mas também entra fortemente na área política.

Quanto à crise política desta guerra, constata-se crescente insatisfação dos americanos em relação à política do Kremlin. A Conferência de São Francisco está sendo abandonada em quase toda parte. Espera-se poder substituí-la por um novo encontro dos Três Grandes, mas ainda não se sabe se Stalin estará disposto. Stalin trata Roosevelt e Churchill como rapazes idiotas, e esperamos que essa provocação cause bastante confusão no lado inimigo.

Quanto à Conferência de São Francisco, faz parte do passado. Também se supõe que Churchill pretenda voar mais uma vez numa visita a Moscou, a fim de tentar mover Stalin a concordar. A crise política no lado inimigo depende do que acontecerá nos próximos 14 dias. Um elemento decisivo é, para nós, conseguirmos reorganizar mais ou menos a resistência no oeste.

Os judeus já se apresentaram para a Conferência de São Francisco. Bem caracteristicamente, sua exigência é de proibir-se o anti-semitismo em todo o mundo. Viria bem ao encontro dos desejos dos judeus, os quais, cometeram os mais horrendos crimes, que agora se proibisse a humanidade de sequer refletir sobre eles.

Revejo o relatório de Königsberg sobre a situação naquela área. A unidade organizada pelo Kreisleiter Wagner entre partido e Wehrmacht foi bastante danificada pela intervenção de Koch. O Kreisleiter Wagner sofreu uma degradação, e está agora num posto mais baixo. Koch mais uma vez assumiu o comando com modos brutais, provavelmente por inveja do seu Kreisleiter. Agora usa em Königsberg os mesmos métodos com os quais outrora causou tão má impressão na Ucrânia.

No protetorado, no momento, ainda há paz. Os tchecos nem pensam em organizar-se num movimento guerrilheiro. Mas todo o povo tcheco espera a derrota alemã a cada momento. Os alemães nesse protetorado se indagam desesperados quando o governo alemão pensará em si próprio, quando aprenderá com seus próprios erros, e eliminará da liderança os declarados poltrões. Essa pergunta não é feita apenas entre os alemães do protetorado, mas em todo o Reich. Quase ficamos paralisados observando que aos poucos a falta de força decisiva nas questões pessoais no seio da liderança do Reich se espalha sobre o povo como uma doença insidiosa.

Na guerra aérea registramos apenas pesados ataques do sul. Na Inglaterra não se efetuaram ataques, porque reina mau tempo. Desta vez, portanto, apenas o território austríaco foi atingido.

Estou trabalhando incansavelmente no sentido de dirigir a nossa imprensa claramente para os objetivos da nossa atual guerra política. Depois que o Dr. Dietrich deixou o campo livre, Sündermann procura imiscuir-se na direção da imprensa. Mas vou inibi-lo mandando eliminar o seu cargo, para que ele fique à disposição do *front*. A imprensa alemã mostra agora um ar combativo. Não se cala mais sobre a seriedade da situação; mas também fornece ao leitor os argumentos necessários para enfrentar a situação espiritualmente. Eu próprio dito o programa para a imprensa alemã, que deverá fornecer o critério para os próximos tempos.

Trata-se do seguinte:

1) Toda a política alemã de propaganda e noticiosos tem de servir hoje exclusivamente à finalidade de elevar e aumentar a força de resistência, os esforços de guerra, o moral de combate do *front* e da pátria. Para alcançar esse objetivo, devem ser aproveitados todos os meios diretos e indiretos de influência no leitor e ouvinte. Tudo o que possa prejudicar esse objetivo, ou se porte em relação a ele de modo apenas passivo, não deverá encontrar lugar na imprensa e no rádio, nestes dias decisivos do nosso destino. Tudo quanto serve para atingirmos essa grande meta deve ser estimulado com veemência e deve estar a partir de agora no centro dos nossos noticiosos.

2) A principal tarefa da imprensa e do rádio é esclarecer ao povo alemão que o inimigo ocidental pretende realizar as mesmas metas infames e os mesmos diabólicos planos de extermínio contra os alemães que o inimigo oriental, e apenas aparentemente usa de métodos mais civilizados para enganar nosso povo e tapar o sol com a peneira. A brutal guerra aérea dos anglo-americanos prova suficientemente a bestialidade do inimigo ocidental, e deixa bem claro que todas as suas frases aparentemente conciliatórias servem como disfarces para paralisar o povo alemão na defesa tenaz de seus direitos. Nossa missão é mostrar sempre que Churchill e Roosevelt, assim como Stalin, realizariam impiedosamente seus planos de extermínio, se o povo alemão cedesse e se curvasse ao jugo inimigo.

3) Atos heróicos no *front* ou na pátria devem ser destacados com grande efeito, e providos de comentários. Não devem ser valorizados apenas como exemplos isolados, mas ser para todos um incitamento e um convite à toda a nação, para seguir esses modelos luminosos, no combate pela nossa liberdade.

4) A parte cultural de nossos jornais não é um lugarzinho de descanso burguês para camaradas esgotados de lutar. Também essa seção deve servir de todos os modos para a elevação da nossa resistência nacional e reforço do nosso moral de guerra. A tarefa especial do chefe das seções culturais é apresentar, em linguagem elevada, com variantes, sempre o mesmo tema que for dito na seção política sobre a luta política e militar do dia. Conversinhas macias e intelectuais, que parecem tão intocadas pela guerra como se esta se desenrolasse “lá longe na Turquia”, não têm mais direito de existir nessas semanas. Ao chefe das seções culturais oferece-se aqui uma série de tarefas e possibilidades múltiplas. Um tratamento dos escritos de Clausewitz, descrições de Segunda Guerra Púnica, observações sobre a história romana de Mommsen, estudos sobre cartas e escritos de Fredrico o Grande, biografias de grandes gênios

combativos da história da humanidade, são apenas umas poucas indicações das novas tarefas, que mais servirão aos novos objetivos do que as anedotas inofensivas sem qualquer efeito político ou moral.

5) Também a seção local dos nossos jornais deve submeter-se às novas exigências. Nenhuma medida de significação comunitária ou local, do setor do Partido, governo ou Wehrmacht, deve ser apresentado ao leitor sem ao mesmo tempo mostrar-lhe com toda a insistência que nossa luta pela existência exige a mobilização de todas as forças e o emprego de todas as reservas humanas e morais. Cada sacrifício que agora tiver de ser pedido, também no cotidiano da guerra, serve para a concentração de nossas forças e para o reerguimento da nossa capacidade de resistência; por isso esse sacrifício deve ser ressaltado diante do leitor.

6) A parte de anúncios exige grande cuidado por parte do editor. Dela devem ser eliminados todos os restos anacrônicos que possam contradizer o espírito do nosso tempo.

O Führer concorda plenamente com o conteúdo desse programa. Está convencido de que conseguirei levar para o caminho certo a política alemã de imprensa.

Despeço o até então diretor do Departamento de Imprensa alemã, Fischer, que também irá para a Wehrmacht. Ele está muito abalado com o fato; mas explico-lhe que não pude agir de outro modo.

O Mestre Hahne, primeiro agraciado com a Cruz de Cavaleiro além da Cruz de Ferro, mostra-me uma carreta de canhão tirada do inimigo, uma nova arma que ele conseguirá produzir com peças dos depósitos da Wehrmacht e das instalações de produção de armamentos, em cerca de 200 exemplares, para a defesa de Berlim. Hahne propõe-me mandar examinar cuidadosamente os arsenais da Wehrmacht; lá ainda se encontraria uma enormidade de peças de armas que se poderiam juntar formando armas novas. Agora temos de improvisar, para recuperar ao menos em parte a forte baixa da nossa produção de armamentos. Essa falta de armas é muito grave. Assim, por exemplo, a produção de Alkett caiu em 50%, e cairá ainda mais no próximo mês. Isso causa extraordinárias preocupações, e temos de apelar para novos meios de controle da crescente calamidade.

Bormann manda novamente uma imensidão de novos decretos e ordens. Bormann transformou a Chancelaria do Partido numa Chancelaria do Papel; todos os dias manda um monte de cartas e documentos que hoje um Gauleiter, metido em combates, nem tem tempo de ler. Parte disso tudo não passa de coisa inútil, que absolutamente não serve para a luta prática. Também no partido não temos uma liderança clara e que entenda o povo.

Quanto à nossa situação no oeste, no total planejamos três grandes ações, uma delas partindo do território holandês para Hamm. Essa será realizada pelo General Student. O General Bayerlein deverá tentar abrir caminho para fora da região do Ruhr. Tentaremos mandar um contra-ataque em seu socorro, de fora do Ruhr. Na Turíngia as novas unidades que saem daquela região se transformarão num novo exército sob comando do General Schulz. Tal exército deverá tentar atacar o inimigo pelos flancos, cortando suas grandes unidades. Entrementes, Hauser foi deposto do comando. Não estava à altura da sua missão. O Obergruppenführer Steiner foi mandado à região de Viena. Deve manter-se a qualquer preço. O Führer deu as ordens mais severas até hoje emitidas

nesta guerra, em relação à defesa de Viena. Soldados deverão manter-se ali, homem por homem, e quem deixar seu posto será fuzilado. Espera-se com isso dominar a situação crítica de Viena.

Schörner goza de grande crédito junto ao Führer. Repeliu com a maior bravura os ataques ao setor industrial de Morávia-Ostrau. Schörner é o mais destacado dos nossos chefes de tropas. Guderian está bastante desacreditado junto ao Führer. Tanto na região de Baranov quanto na Hungria, insistiu em ataques prematuros, colocando nossas operações em perigo, ou tornando-as impossíveis. Por isso o Führer o mandou tirar férias.

No oeste, agora também segundo opinião do Führer, é que está a decisão de tudo. O Führer incita incansavelmente seus generais a resistirem, não deixarem de lado nenhum meio para lançarem unidades de tropas em direção do oeste. Telefona quase diariamente a cada um dos chefes de exército e explica do que agora se trata, qual é seu dever e obrigação. Na minha opinião seria ainda melhor que o Führer se dirigisse diretamente ao povo, pois é daí que a resistência nasce em sua forma primitiva. E quando o povo for novamente capaz de resistir, todos os outros voltarão à sua velha forma. Hoje falta ao povo, bem como à Wehrmacht, uma palavra incendiária, que mais uma vez arrebate homens e mulheres. Essa palavra incendiária, na atual situação, só pode vir do Führer. Por isso é falso que os generais acreditem que eu deva falar em lugar do Führer.

A situação é tal que unicamente uma palavra do Führer pode melhorar a crise espiritual em que nosso povo agora vive. Considero uma grave falha o fato de que o Führer não fale. Mesmo se no momento não podemos apresentar sucessos, o Führer poderia tomar a palavra, pois não se deve falar só na hora do sucesso, mas também na do fracasso. Atualmente é muito difícil conseguir qualquer decisão do Führer. Ele se ocupa quase exclusivamente com a situação do oeste; mal tem tempo para outras questões. Contudo, se conseguir ordenar mais ou menos esses problemas do oeste, terá também realizado uma ação decisiva na guerra.

A Luftwaffe recebe as mais duras críticas na reunião diária com o Führer. Göring tem de escutar isso diariamente, sem poder fazer a menor objeção. O General Stumpff, por exemplo, negou-se a colocar-se às ordens de Kesselring para as recém-planejadas operações no oeste. O Führer chamou-o na ordem com palavras bruscas, dizendo que a comparação de grandeza entre Kesselring e Stumpff era a mesma que entre o Führer e Schaub.

No oeste naturalmente agora e nos próximos tempos tudo é sofrimento. Estamos no maior perigo da guerra; às vezes temos a impressão de que o povo alemão em luta sofre, no auge da crise, um ataque de suor que o leigo não sabe se é prenúncio de cura ou de morte.

O Führer teve longas conversações com o Obergruppenführer Kammler, que agora tem grande parte da responsabilidade pela reforma da Luftwaffe. Kammler trabalha de modo excelente; depositamos grandes esperanças nele.

Quanto à situação ao entardecer, no oeste as coisas pioraram apenas na região da Turíngia. O inimigo avançou até Gotha. No momento nada lhe temos a opor, pois ainda não queremos gastar nossas forças ofensivas. Sauckel está trabalhando febrilmente, preparando seu distrito para a defesa. Também na Floresta Teutoburg o inimigo obteve pequenos ganhos de terreno, mas não de

grande importância. De resto, cerra fileiras em todo o *front* oeste, de modo que certamente nas próximas semanas devemos contar com novas ofensivas.

No sudeste o inimigo aproximou-se mais de Viena. Ali estão decididos a manter-se custe o que custar. Schörner, em compensação, conseguiu mais uma vez repelir todos os ataques soviéticos contra o seu *front*. O Führer está extraordinariamente satisfeito com o método de combate de Schörner. Este será provavelmente o próximo marechal-de-campo; merece a promoção.

No debate desta terça-feira, o Führer já não censura tão acrimosamente seus generais. Faz tudo agora para estimular seus colaboradores, insuflar-lhes novo ânimo, enchê-los de confiança para com os próximos acontecimentos. Apregoa incansavelmente o espírito de luta e de resistência, assim como eu agora faço na minha propaganda Wehrwolf. Minhas ordens do dia à imprensa lhe dão mais uma vez motivo para mostrar aos generais como se deve realizar uma tarefa dessas. O Führer está também extraordinariamente satisfeito com meu trabalho na Wehrwolf. Diz que é assim que devemos agir para não deixarmos o povo cair em desespero.

À tardinha dito outro apelo ao movimento Wehrwolf, usando de uma linguagem como usava nos bons tempos de luta do partido, no *Angriff*.

À tardinha temos dois alarmes sobre Berlim. O inimigo não pretende poupar a capital. Ao contrário, fez uma pausa apenas por causa do mau tempo, e a série de alarmes noturnos em Berlim não chegou ao fim.

[Faltam as anotações de 5, 6 e 7 de abril de 1945.]

8 de abril de 1945, domingo

Faltam as primeiras páginas, de 1 a 8.

Ontem:

Situação militar:

De repente há uma mudança de curso na imprensa inglesa. Agora se mostra cheia de admiração pelo governo e resistência do povo alemão, por nossas façanhas militares e pelo alto moral que a nação alemã mantém nessa crise. Generais ingleses escrevem que é desleal querer negar-nos essa admiração. Especialmente a tenacidade do povo alemão é mais do que louvável, segundo tais notícias inglesas.

A atividade da Wehrwolf é agora levada bastante a sério nos meios anglo-americanos, tão a sério que Eisenhower estaria brincando com a idéia de empregar gás contra grupos da Wehrwolf. Isso se encaixaria bem na linha da orientação anglo-americana na guerra, mas não nos abalaria absolutamente, pois tomaríamos medidas correspondentes contra soldados anglo-americanos.

A Agência Reuters publica uma notícia político-militar muito interessante, na qual pela primeira vez se faz uma análise correta da nossa atual política de guerra. Em particular a atividade da Wehrwolf é destacada no meio da gritaria diária. O lado inglês reconhece que a Wehrwolf poderia ser um instrumento extraordinariamente perigoso da resistência alemã, não temendo nenhum sacrifício e agindo a longo prazo.

Londres não teme nada tanto quanto o esboçar-se de um caos alemão, que poderia fazer adiar-se *sine die* a pacificação européia. É em particular na Wehrwolf que vêem o começo de tal evolução dos fatos, que naturalmente estragaria todo o conceito anglo-americano de guerra.

O *Schwarze Korps* publica um artigo sensacional que certamente nos causará muito prejuízo. Nesse artigo fala-se abertamente de que não há mais, para nós, militarmente, possibilidade de nos mantermos, mas que a idéia deveria continuar vivendo a qualquer preço. Esse artigo causa grande sensação, em especial por estar no *Schwarze Korps*, expressando uma opinião do lado nacional-socialista mais radical. A redação do jornal afirma que esse artigo entrou por engano em suas páginas. Não acredito nisso. Muito antes acho que alguns superintelectuais ousaram um avanço sobre o Nirvana. Mas reagirei com métodos brutais.

O artigo de fundo do Dr. Ley tratou da questão Wehrwolf. Artigo totalmente inaproveitável, por isso tive de recusá-lo. O Dr. Ley manda seu colaborador Kiehl escrever de noite um novo artigo, pela primeira vez um que apa-

rece com seu nome e que faz algum sentido. Aliás, seria muito bom que no futuro o Dr. Ley mandasse seus auxiliares escreverem seus artigos, pois ao menos poderíamos evitar os absurdos maiores.

Em Aachen os americanos fundaram uma fábrica. Com isso querem agradar os operários alemães. Mas a reunião inaugural decorreu bastante friamente. Ao todo 40 homens e mulheres participaram dela. Não se pode afirmar que haja uma representação dos sindicatos operários nos territórios ocupados.

O Conde Krosigk escreve-me de novo uma carta insistente pedindo que eu influencie o Führer para que façamos uma política exterior mais intensa. Ele vê a situação militar tão ameaçadora que deduz que temos de agir imediatamente, se não quisermos que seja tarde demais.

Recebo notícias de Bohle sobre a atividade do Ministério do Exterior nos países neutros, relacionada com o mesmo assunto. O Ministério do Exterior agora tornou-se ativo tanto na Suécia como na Suíça e na Espanha. Os resultados são bastante arrasadores. No momento, não se pode fazer nada com a Inglaterra. A polícia britânica sob a liderança de Churchill mostra-se totalmente intransigente. Churchill está com a idéia fixa de destruir o Reich alemão e exterminar seu povo. Portanto, desse lado não se abre nenhuma saída. As indagações deram como resultado que seria mais fácil algum acordo com os Estados Unidos, contanto que se lhes concedam possibilidades econômicas na Europa. Dizem que Roosevelt não é tão inabordável como Churchill. Mas seria preciso toda uma série de outras premissas, para começar a dialogar com os Estados Unidos. Os mais generosos foram os soviéticos. A União Soviética, porém, pede a Prússia Oriental, o que naturalmente é uma exigência impossível de ser atendida.

O Ministério do Exterior agiu com muita falta de tato nessa operação. Usou seus velhos diplomatas de rotina, que obviamente não servem para explicar ao inimigo as posições nacional-socialistas. Mas que mais se poderia esperar desse ministério! Ribbentrop mandou publicar fotos que o mostram nas trincheiras do *front* do Oder. Todos quantos as virem, hão de pensar que certamente o Ministro do Exterior alemão deve ter coisa bem melhor a fazer do que passear pelo *front* do Oder.

O governo turco está mendigando as graças de Moscou. As declarações de Saracoglus são de uma devoção simplesmente canina. E Stalin lhes dará uma resposta adequada.

Aliás, o Kremlin sente-se senhor da situação. Rompendo o pacto de amizade com o Japão, os russos conseguiram uma boa nota com os americanos. Foi um jogo tático extraordinariamente inteligente de Stalin, que assim pretende enfraquecer a oposição a Roosevelt na política interna dos Estados Unidos. Além disso, tenciona intrometer-se no conflito da Ásia Oriental, para ali pescar em águas turvas, quando chegar a hora exata. Pode-se ver o quanto ele se atreve a ir longe, lendo um artigo no *Isvestia*, que dirige contra o Japão e sua política de rapinagem uma linguagem incrivelmente dura. As coisas chegaram a esse ponto, e em geral se sabe como terminarão. Roosevelt pode-se dar por muito satisfeito com essa ajuda que Stalin no momento lhe oferece.

Smuts pronunciou um discurso extremamente sombrio na Conferência do Império Britânico em Londres. Vê em São Francisco a última chance para a humanidade civilizada. Se São Francisco fracassar, aquilo que chamamos de civilização cultural estará destinada a sucumbir. Uma catástrofe humana de in-

calculável extensão seria o resultado. Uma Terceira Guerra Mundial, com armas ainda mais exterminadoras. O que então sobrasse da humanidade já não seria nem capaz nem digno de viver.

Na Polônia irrompeu novo conflito, porque os soviéticos prenderam e deportaram 15 políticos poloneses importantes. O Commissariado Popular Para Assuntos Internos (NKWD) os teria convidado para negociações, e os prendeu sumariamente. Londres e Washington estão perplexos. A Agência Reuters faz um relatório muito fraco do acontecimento.

Aliás, pode-se constatar que os meios liderantes londrinos e de Washington estão cada vez mais inquietos com a política imperial do Kremlin. Londres já declara que há previsões terríveis para o mundo futuro, se o Kremlin estiver decidido a continuar com essa política. Os sucessos militares ficariam totalmente ensombrados por essas previsões. Mas nos Estados Unidos essas reflexões ainda são tapadas, ao menos por enquanto, pelo esperto lance de xadrez que Stalin efetuou em relação a Tóquio. Os japoneses estão atônitos, Consolam-se com a idéia de que o acordo soviético-japonês ainda continua de pé até abril de 1946; mas trata-se de um consolo barato.

De resto, a imprensa soviética se volta contra os boatos de negociações especiais de paz entre Moscou e Berlim. Tais protestos, porém, são mais brandos do que se deve supor. Também nesse assunto Stalin quer todas as portas abertas.

A evolução no território austro-húngaro continua num rumo muito infeliz. A retirada das braçadeiras das gloriosas divisões da SS surtiu efeito arrasador. Uma série de chefes da SS se suicidou diante de Gran. Um ordenança do Führer, Kersten, que estava junto às divisões, recebeu de homens importantes desse meio a notícia de que agora estavam saturados de Berlim, que se deixariam partir em pedacinhos pela causa do Führer onde isso lhes fosse exigido, mas que o Führer nunca mais os veria. É trágico; dá vontade de chorar. Sou favorável a que nossa liderança de guerra seja dura e severa, mas então, por favor, igualmente em todas as direções. Os chefes de SS não querem nem podem entender que os mais incríveis faltosos da Luftwaffe, que praticamente levaram à destruição de todo o Reich, não são punidos; contudo, um único fracasso das divisões da SS, que de resto apenas conquistaram glórias para sua bandeira, tem de receber castigo tão cruel.

Mais uma vez a Luftwaffe pode constatar os fracassos de sua política de construção e de operação. O inimigo atacou com extrema intensidade Leipzig, Halle e Gera. Nos setores urbanos houve devastações sobre devastações. Agora já nem conseguimos registrar esses ataques aéreos. E praticamente não se pode nem mais dar uma vista de olhos em todas as notícias da guerra aérea.

Pela primeira vez serão empregados nossos aviões tipo aríete, já no decorrer do sábado, se o tempo for razoavelmente favorável. Esperam-se grandes resultados dessa medida. Aguardemos primeiro, porém.

A evacuação ainda está num ponto muito crítico. No oeste praticamente não é mais possível realizá-la. A ordem do Führer, conforme previ, é impraticável. Como se podem ainda esvaziar territórios de tal extensão e densidade populacional! Nem sabemos onde colocar tantas pessoas. Conseqüentemente, o problema da evacuação no oeste é arquivado em silêncio. Ao leste, contudo, a coisa é diferente. Ainda há grandes multidões no estreitado território da

Prússia Oriental. E agora surge a questão: evacuar Viena ou não. Acho que a população vienense não mostra a menor vontade de sair da sua cidade.

Em Berlim-Rahnsdorf, pela primeira vez desde o início da guerra, aconteceram pequenos motins populares. 200 homens e mulheres assaltaram duas padarias e pegaram pães. Decido imediatamente empregar medidas repressivas brutais, pois tais sintomas de fraqueza interna e de crescente derrotismo de modo algum devem ser tolerados. Mesmo se as provisões de alimentos atualmente não são as melhores, é impossível aceitar em silêncio tais incidentes; se servissem de precedente estaríamos perdidos. Por isso exijo que os chefetes desse motim sejam imediatamente submetidos a corte marcial em Berlim.

O Coronel Fett, do estado-maior do Marechal Keitel, relata-me sobre a organização de sete novas divisões, a serem empregadas em nossa ofensiva na região da Turíngia. Trata-se de três divisões organizadas pelo Serviço de Trabalho, especialmente divisões de granadeiros populares. Seus armamentos são relativamente bons, embora não disponham mais de tanques. Serão bastante móveis, dispondo principalmente de artilharia, armas de assalto, carabinas, metralhadoras, bazucas. Pode-se conseguir alguma coisa com isso, em especial porque se trata de excelente material humano. O principal dessas divisões é constituído por oficiais das escolas de cadetes. Levando em conta, portanto, a qualidade do material humano, podemos nos dar por satisfeitos com a dos armamentos. Mas é preciso ver se tais divisões se habituarão a conviver de tal modo nesse breve tempo, que realmente formem uma unidade de combate: Na atual situação, é duvidoso. Mas esperamos que a qualidade humana dos soldados reunidos nessas divisões compense muita coisa. São quase todos homens da classe de 1928, o que é excelente. É uma coisa provisória, será experimentada pela primeira vez, e obviamente encerra enormes riscos. Mais ou menos em 20 de abril as divisões estarão aptas para entrar em ação. Logo, não podemos contar com elas nos próximos dias, como o Führer achava. Temos de esperar ainda esses 14 dias, e há o perigo de que até lá o inimigo proteja de tal modo seus flancos que essas divisões encontrem uma resistência insuperável.

O balanço da defesa da capital do Reich nesta semana não caiu tanto quanto eu esperava. De modo geral vai-se mantendo, embora em alguns postos tenhamos de registrar grandes perdas, especialmente em gasolina e víveres, sem falar no carvão. Carvão entra na cidade apenas em quantidades mínimas. Conseqüentemente a limitação dos transportes que eu planejava e a baixa de pressão do gás para uso doméstico foi posta em execução. A publicação desses amargos fatos, naturalmente, causou muito desagrado no povo; não me resta outra coisa senão apelar para tais medidas, se quiser manter o que ainda pode ser mantido.

Passo um fim de semana cheio de preocupações, cargas espirituais e materiais e também dúvidas. O que mais me oprime é a atitude do Führer em relação às divisões da SS, que surtiu efeito deprimente para todos os seus oficiais e também sobre os meus auxiliares. Gostaria tanto de ajudá-los; mas, por outro lado, não sei o que possa fazer. Eventualmente ainda quero dirigir-me pessoalmente ao Führer para pedir que abrande um pouco tais medidas.

À tarde escrevo um artigo de fundo com o título "Resistência a Qualquer Preço". Nesse artigo uso uma linguagem radical, como em meu apelo à Wehrwolf. Pela primeira vez saio de minha costumeira reserva. Agora não há mais

sentido em fazer rodeios. Precisamos dar o verdadeiro nome às coisas, mesmo correndo o risco de que o exterior tire proveito disso.

O Bispo Galen, de Münster, foi entrevistado por jornalistas americanos. De repente dirige-se com severidade contra o inimigo anglo-americano e contra o terror aéreo que este pratica. Além disso, teme uma crescente bolchevização da Alemanha. Sobre essas coisas o senhor bispo deveria ter refletido bem antes. No tempo em que preveníamos contra essa bolchevização, ele estava do outro lado. É um camaleão, ou melhor, um cabeça-dura vestfaliano, que sempre diz o contrário do que a opinião pública pensa.

A situação ao entardecer é pouco confortadora. No oeste o inimigo continuou sem avanço. Está a 15km de Hildesheim, avançando diretamente sobre Hanover. Além disso, avançou sobre Bückeburg, encontrando-se na região de Minden. Com isso Berlim vai sendo ameaçada também do lado oeste. A sul de Verden o inimigo atacou em direção de Bremen. Quer, de qualquer modo, tomar uma grande cidade portuária. A sul do Harz a situação está mais ou menos inalterada. Em contrapartida, o inimigo avançou até Erfurt na Turíngia, tomando Suhl e Zella-Mehlis, o que é bastante prejudicial à nossa produção de armamentos. Está a oeste de Kitzingen, tendo avançado até Uffenheim e quase até Dinkelsbühl. Nessa região fez descender tropas aerotransportadas, mas esperamos dar conta delas. Na região de Heilbronn a situação é pouco mais favorável, assim como no Ruhr, onde o corpo de exército de Model luta de modo excelente. Também na Holanda estamos um pouquinho mais firmes.

No leste o ponto crítico é a região de Viena. O inimigo avançou a sudoeste até a zona urbana. Está diante de St. Pölten. A parte sudeste de Viena está parcialmente em seu poder. Pior, porém, é a evolução política, que se instaurou subsequente em Viena. Houve insurreições nos bairros outrora vermelhos, numa extensão que fez com que Schirach, em sua impotência, se colocasse sob proteção das tropas. Bem típico de Schirach. Primeiro deixa o barco correr, depois refugia-se junto aos soldados. Nunca esperei outra coisa dele. Também aí se revela a falta de decisão do Führer nos assuntos relacionados com seu pessoal. Schirach há muitos anos devia ter sido aposentado; mas o Führer não conseguia decidir-se a mandá-lo para o deserto. Agora deviam ser tomadas as mais duras medidas para ajeitar as coisas em Viena. O Führer continua decidido a manter a cidade a qualquer custo. Naturalmente não se deve dramatizar demais os fatos que se estão desenrolando em Viena. Naturalmente é uma ralé que realiza esses tumultos, e essa ralé deve ser fuzilada. Mas não deveria ter chegado a esse ponto. Em Berlim, isso é comprovado mais uma vez pelo caso Rahnsdorf. Os chefetes foram julgados já no decorrer da tarde pela corte marcial popular; três foram condenados à morte, um homem e duas mulheres. Quanto a uma das mulheres o caso apresenta atenuantes, de modo que me decido por uma absolvição. Quanto aos outros dois condenados, mando decapitá-los ainda na mesma noite. Ordeno que se informe a população de Rahnsdorf sobre esse fato através de cartazes, e também participá-lo-ei ao povo de Berlim pelo rádio com os devidos comentários. Acho que isso será salutar. De qualquer modo acho que na cidade de Berlim tão cedo não haverá assaltos a padarias. É assim que se tem de agir quando se precisa manter a ordem numa cidade com vários milhões de habitantes. E a ordem é a premissa da nossa resistência. De resto, o *front* do leste registra apenas uma evolução desfavorável na região de Königsberg. Ali o inimigo obteve profundas

brechas. Durante o dia empregaram-se pela primeira vez nossos caças suicidas contra os aviões inimigos. Ainda não contamos os resultados; mas parece que não são tão altos quanto esperávamos. Contudo, não devemos esquecer que é uma primeira experiência e que isso não é definitivo.

Magda veio, de visita, de Schwannenwerder a Berlim. Um entardecer bastante melancólico, com uma notícia má chegando após a outra. Às vezes nos perguntamos desesperados aonde isso nos levará. O Führer tem de usar de uma força emocional sem tamanho para manter a postura nessa situação tão crítica. Mas ainda tenho esperança de que ele saberá dominar essa situação. O Führer sempre soube esperar o momento certo com soberana calma. Quando esse momento chega, então ele costuma agir com toda a força.

9 de abril de 1945, segunda-feira

Ontem:

Situação militar:

No leste o centro dos combates inimigos mais intensos esteve na região de Viena e em Königsberg.

Na região de Viena a situação tornou-se bastante mais grave. Os soviéticos avançaram de Baden para noroeste e norte, e em Tulln alcançaram o Danúbio. Forças soviéticas maiores entraram nos subúrbios a oeste e norte de Viena. A estação do leste, o arsenal e a estação do sul foram perdidos. A estação ferroviária leste e o arsenal foram retomados em contra-ataques. Parte da população dos subúrbios do sul participou da luta contra nossas próprias tropas, ao lado dos soviéticos.

No combate por Königsberg os bolchevistas atacaram concentricamente com grandes forças, tendo avançado até a estação principal. Atingiram o Pregel na margem sul, perto da foz. Brechas na margem leste foram neutralizadas em contra-ataques.

No *front* do Oder foram destruídas duas pontes que estavam em mãos inimigas.

De resto, não houve incidentes especiais no *front* leste.

No *front* oeste o grupo inimigo do norte continuou ganhando terreno. Forças inimigas avançaram sobre Rheine até Schapen e Lengerich. No ataque em direção de Bremen o inimigo alcançou Twistringen, Vilsen e a região a oeste de Verden. Da sua cabeça-de-ponte na margem leste do Weser, a sul de Hameln, forças americanas avançaram até Elze e bem a sul de Hildesheim.

O inimigo formou novo centro de gravidade na margem sul da floresta turingiana, onde atacou com forças consideráveis em direção de Hildburghausen. Tomou Themar e Schleusingen. Da região de Würzburg os americanos avançaram para nordeste em direção de Schweinfurt e na estrada de Würzburg-Nuremberg até a zona de Iphofen. Com uma lacuna no *front* a sul de Mergentheim, pontas blindadas inimigas avançaram até Crailsheim e Jagstheim. Ataques pelos flancos estão em andamento. Na região Heilbronn-Karlsruhe a situação não mudou muito.

O inimigo realizou ataques particularmente violentos contra nossas forças em Sauerland e na região do Ruhr, entre Oberhausen e Gelsenkirchen, especialmente em Soest, mas não obteve mais do que alguns resultados locais.

Fortes unidades de bombardeiros americanos atacaram de dia o norte e o noroeste da Alemanha, entre outras, as cidades de Neumünster, Lüneburg, Uelzen, Schwerin e Güstrow. Até aqui anunciaram-se seis aviões inimigos derrubados. Ainda não temos notícias de outros sucessos. Forte atividade de caças-bombardeiros com centro em Weissenfelds, Gera e Weimar. Cerca de 500 bombardeiros quadrimotores americanos, entrando da Itália, atacaram Innsbruck e Klagenfurt. À noite cerca de 250 bombardeiros britânicos atacaram a região de Espenham. Derrubamos 11 aviões inimigos.

Em Londres ocorre certa queda no estado de ânimo, pois já não se fala num fim imediato da guerra, mas preparam-se para um prosseguimento das operações militares. Já despertaram da ilusão dos dias de Páscoa, em que aguardavam a capitulação alemã para qualquer momento. Agora dão novamente prazos de três meses, nos quais pretendem nocautear o Reich alemão. Acho que os ingleses estão insatisfeitos com essas eternas mudanças de prazo para o fim da guerra por parte da liderança britânica. Vê-se que uma propaganda de visão tão curta não surte efeito a longo prazo. Apenas deixa o povo nervoso.

Há declarações de jornalistas americanos e ingleses, trabalhando nos territórios ocupados, segundo as quais o povo alemão jamais capitulará. Só Hitler, Himmler ou Goebbels poderiam fazer paz com os inimigos da Alemanha. E estes de modo algum estariam dispostos, caso essa paz não servisse aos interesses do povo alemão.

Os correspondentes de guerra anglo-americanos aos poucos encontram na Alemanha uma atmosfera que identificam como a de um ódio sufocante, que os impressiona. Além disso, na Inglaterra as preocupações com o período após a guerra crescem. O inglês tornou-se um povo sem esperança. Foi levado a essa guerra sinistra por Churchill e, a longo prazo, não sairá ganhando, ainda que obtenha a vitória. E a Inglaterra lançou a Europa na maior desgraça, não apenas os países inimigos, mas também seus amigos. Na capital francesa, por exemplo, vemos nos jornais, em grandes manchetes, que Paris está na iminência de morrer de inanição. As condições de vida na França devem ser indescritíveis. E para provar isso nem precisamos de nossos relatórios, bastam os dos anglo-americanos.

Uma triste notícia chega pela UP de Mühlhausen, na Turíngia. Lá, em nossas salinas, todas as nossas reservas de ouro, cerca de 100t, e ainda imensos tesouros artísticos, como a Nefertiti, caíram nas mãos dos americanos. Sempre fui contra tirarem o ouro e as preciosidades artísticas de Berlim; mas Funk não quis dar ouvidos, apesar das minhas intervenções. Provavelmente deixou-se levar por seus colaboradores e conselheiros que preferiam mudar-se para uma província aparentemente mais segura como a Turíngia. E, numa culposa omissão, deixaram cair nas mãos inimigas os mais preciosos bens do povo alemão. Mandeí colher informações na ferrovia do Reich e fiquei sabendo que haviam sido planejadas algumas medidas, bastante frouxas, para trazer o ouro e os tesouros de volta a Berlim; foram os feriados da Páscoa que impediram a execução do plano. Dá para arrancar os cabelos de desespero; a ferrovia do Reich faz feriados de Páscoa, enquanto o inimigo saqueia toda a nossa reserva de ouro. Se eu fosse o Führer, saberia como agir nesse caso. Mas imagino que os responsáveis não serão absolutamente punidos. Na Alemanha cada um pode

fazer o que bem entende. Falta o pulso firme, que intervenha adequadamente diante de tais crimes de omissão no cumprimento do dever.

Tóquio, a capital japonesa, foi mais uma vez objeto de intensos bombardeios americanos. Parece que esses ataques aéreos surtem bastante efeito sobre o moral japonês, pois os japoneses de repente ficaram humildes em relação aos soviéticos e anglo-americanos. Uma declaração japonesa, por exemplo, afirma que os japoneses nunca fizeram mal algum aos russos, que estes teriam a missão de reorganizar a Europa, enquanto os japoneses teriam a mesma missão na Ásia Oriental. Naturalmente fomos esquecidos nessa hierarquia. Tenho a impressão de que os japoneses perderam um pouco da sua tradicional calma e segurança.

O novo governo japonês de Suzuki se constitui de homens bastante desconhecidos. Por enquanto Suzuki ainda assume pessoalmente o Ministério do Exterior; mas presume-se que em alguns dias a política externa será confiada ao ex-embaixador japonês em Berlim, Togo. Trata-se de uma natureza branda; nada devemos esperar dele. A embaixada japonesa em Berlim também admite que o novo governo seja um gabinete de reflexão, talvez até de experimentação. Logo, no que concerne à política de guerra japonesa, pode-se esperar qualquer coisa. Seria a mais sangrenta ironia da história desta guerra, se no fim perdêssemos também o Japão e ficássemos inteiramente sozinhos.

A primeira declaração do governo Suzuki é de modo geral firme. Mas já se conhece tudo isso. Também Badoglio começou com um discurso bético muito firme, e algumas semanas depois nos cravou o punhal nas costas. Por isso devemos desconfiar muito de tais declarações. Enquanto não forem conhecidas as atividades desse novo gabinete japonês, não quero ter esperanças. Parece que temos de vigiar para um dia não sermos vítimas de surpresas desagradáveis.

A desconfiança na coalizão inimiga continua crescendo. O Ministro do Exterior americano, Stettinius, faz o maior esforço em favor da abertura da já confusa Conferência de São Francisco, ou melhor, de São Fiasco. Num discurso em Nova York, dirige-se contra os boatos de pânico em torno da conferência e declara que as dificuldades entre os Aliados são grandes, mas têm de ser superadas. De resto, Stettinius proclama metas de paz muito vagas para a coalizão inimiga, das quais não se deduz coisa alguma. O conflito entre as potências inimigas desenvolveu-se especialmente por causa da questão em torno do desaparecimento dos 15 líderes *underground* poloneses. É praticamente impossível encontrar esses líderes clandestinos. Em Londres e Washington realizam-se especulações sobre o possível destino que os soviéticos possam ter dado a esses líderes. Expressa-se a suspeita de que Moscou os prendeu para tratar diretamente com eles, e não através dos americanos, e eventualmente conseguir um resultado aceitável para a reforma do Comitê de Lublin. Com isso americanos e poloneses estariam inteiramente fora de jogo na Polônia.

De todas essas notícias pode-se deduzir que, na coalizão inimiga, um tem medo e desconfiança do outro, e que o medo e a desconfiança mais fortes se dirigem contra os soviéticos.

Estes estão novamente na crista da onda com seus sucessos militares na região de Viena. Agora combatem nos subúrbios da cidade e lentamente avançam para o centro. Os subúrbios vienenses ergueram as armas a favor dos soviéticos, causando situações desoladoras. É isso que temos do chamado "humor vienense", que sempre foi louvado na imprensa e no rádio, muito contra a mi-

nha vontade. O Führer é que conhecia bem esses vienenses: gentalha repelente, mistura de tchecos, poloneses, judeus e alemães. Acho, contudo, que os vienenses se teriam portado melhor se lá se tivesse instaurado uma enérgica liderança política. Schirach não era o homem adequado. Quantas vezes repeti isso e quantas vezes não fui ouvido!

Os anglo-americanos atacaram nas últimas 24 horas especialmente campos de aviação, nas regiões de Mecklenburg, Hamburgo e Holstein. Além disso atacaram nossa fábrica de hidrogênio em Pöhlberg.

A primeira ação de nossos caças suicidas não teve o sucesso que esperávamos. Isso se atribuiu a que as unidades de bombardeiros inimigas não chegaram em grandes formações cerradas, de modo que tiveram de ser isoladamente combatidas. Além disso nossos caças suicidas foram recebidos com tão intenso fogo pelos caças inimigos, que tiveram poucas oportunidades de se lançarem contra os bombardeiros. Mas não devemos perder o ânimo. Trata-se de uma primeira tentativa, que nos próximos dias será repetida, espero que com maior sucesso.

A situação do *front* está pior do que nunca. Praticamente perdemos Viena. O inimigo conseguiu profundas brechas em Königsberg. Os anglo-americanos não estão longe de Braunschweig e Bremen. Em resumo, se hoje olharmos o mapa, veremos o Reich transformado numa estreita fita desde a Noruega até o Lago Comacchio. Perdemos os territórios mais importantes para nossa alimentação e potencial armamentista. O Führer precisa iniciar o quanto antes nossa ofensiva na Turíngia, para que possamos tomar fôlego novamente. De qualquer modo, com o potencial que nos resta agora, sequer poderemos respirar por muito tempo.

O Führer deu a Hanke a Cruz de Ouro da Ordem Germânica. Logo, depois de Hierl, é Hanke o segundo alemão que recebe essa condecoração, embora numa categoria inferior. Hanke me diz pelo telefone que está muito feliz. Considera a situação em Breslau extraordinariamente crítica. Não sabe se pode manter-se por muito tempo. Mas merece realmente essa honraria. Porta-se fabulosamente bem e só traz orgulho ao partido.

O caso de Rahnsdorf pode ser considerado inteiramente resolvido. O Kreis-leiter local realizou uma reunião a céu aberto, transmitindo as sentenças rigorosas, e as execuções contra os chefes do motim. Essas sentenças causaram alívio na população de Rahnsdorf. Como antes, estou convencido de que a população de Berlim sempre será favorável à manutenção da ordem pública e da paz. Os renitentes têm de ser chamados à razão. Com isso, conforme ensina a experiência, ganha-se a simpatia dos que amam a ordem e que constituem a grande maioria.

À tardinha, o relatório sobre a nossa situação mostra que os combates principais se realizam na Baixa Saxônia. O inimigo está agora a oeste e sul de Hanover; Hildesheim está em suas mãos. O inimigo pressiona fortemente em direção de Bremen e já está a oeste de Verden, no Aller. Temos de parar seu avanço vertiginoso através de unidades de emergência lançadas nessa região. A oeste e sul de Göttingen o inimigo atravessou o Weser. A situação na região turingiana está de modo geral inalterada. Só em Hildburghausen os americanos prosseguiram. Schweinfurt está ameaçada. O avanço americano sobre Würzburg ainda está sendo por enquanto combatido pelas nossas tropas. Conforme se vê por todas as notícias, os americanos sofreram enormes perdas; mas ainda

podem permitir-se isso. Também Pforzheim caiu na mão do inimigo. Mas a posição holandesa mantém-se bem. Nossos pára-quedistas realizam uma resistência extraordinariamente corajosa e encarniçada.

A situação no *front* do leste é marcada especialmente pelos duros combates pelo centro de Viena. Os soviéticos conseguiram a leste de Viena atravessar o Danúbio; de resto, estão indo na direção de St. Pölten. Os incidentes entre a população vienense continuam entristecedores e pioram a situação de nossas unidades de combate. Isso pode ser atribuído à culpa de Schirach. Ele é responsável pela atitude da população de Viena e não pode ser absolvido. Schörner realizou uma ofensiva própria em Oderberg, para destruir preparativos inimigos. Esse ataque teve bons progressos. O inimigo atacou novamente Breslau, com a maior ferocidade, de todos os lados, mas pôde ser detido. Ainda assim, lentamente temos de nos questionar sobre quanto tempo isso será possível. Também Königsberg sofreu ataques violentíssimos. Lá os soviéticos conseguiram fundas brechas.

Mais um entardecer cheio de preocupações, marcado pelo ataque dos Mosquitos a Berlim, depois da pausa dos últimos dias. Já nos acostumamos tanto, que contamos com eles no nosso programa do dia. Se alguma vez os ingleses não sobrevoam a capital do Reich, parece que falta algo à nossa população.

10 de abril de 1945, terça-feira

Ontem:

Situação militar:

O centro de gravidade dos combates no *front* do Oder esteve novamente na região de Viena e Königsberg.

Em Viena o inimigo tomou a Estação Férrea Francisco José e a região do Canal do Danúbio, passando por Kahlenberg e Grinzing. Também no oeste da cidade obteve algumas entradas. A leste de Mariabrunn, em St. Viet e Mauer, *front* sul e sudeste de Viena, realizam-se duros combates de casa a casa. No arsenal e no museu os bolchevistas ganharam pouco terreno. Em Nussdorf repelimos o inimigo que atravessara no local. De ambos os lados da ferrovia e da estrada de Viena a St. Pölten, forças soviéticas alcançaram a região a 20km a leste de St. Pölten. Entre o Drau e a zona de combates de Viena, o inimigo efetuou inúmeros ataques locais, em geral repelidos.

Também foram repelidos inúmeros ataques inimigos na fronteira do protetorado, contra o setor March. Na região oeste da Eslováquia, ataques soviéticos dirigidos para o norte chegaram à fronteira do protetorado, na região de Holic-Trentschin.

A sul de Ratibor uma cabeça-de-ponte inimiga foi reduzida num contra-ataque nosso e eliminada uma brecha local na margem oeste de Breslau.

No *front* do Neisse e do Oder, nenhum incidente importante.

A movimentação inimiga da região de Dantzig para oeste continua. Supõe-se que as forças soviéticas disponíveis serão transportadas ao *front* de Stettin e de Frankfurt. No combate por Königsberg, o inimigo obteve fundas brechas, tendo interrompido a ligação com Samland. A guarnição de Königsberg foi comprimida num pequeno espaço de terreno pelo inimigo, que avança do oeste, leste e norte.

Em Kurland nenhuma atividade bélica significativa.

No *front* oeste a pressão inimiga aumenta no leste da Holanda. Realizam-se violentos ataques a Deventer, onde se empregam especialmente unidades canadenses. Avançando para o norte, pontas inimigas atingiram a região de Almelo, Zwolle e Meppel. Não se anunciam incidentes especiais na região de Lingen-Rheine. Também na região a sul de Bremen as pontas inimigas avançaram pouco. De Twistringen chegaram ao longo da ferrovia até Bassum. Da

região entre Nienburg e Minden o inimigo avançou em direção do leste mais para perto de Hanover; suas pontas estão na região de Neustadt em Wunstorf, Stadthagen e Bückeburg. Virando-se de Hildesheim para o norte, forças inimigas conseguiram tomar a direção de Lehrte até o sul do Canal Wesel-Elba, de modo que se deve esperar um ataque de oeste e sul sobre Hanover. As pontas inimigas estão a 10 ou 20km a norte de Hildesheim, e 20 a 30km a sul de Hanover. Outro grupo de forças prosseguiu a sul de Hildesheim mais em direção do leste, e entre Hildesheim e Salzgitter atingiu a região de Bockenem. Outras forças inimigas entraram em Göttingen, onde se desencadearam violentos combates, especialmente no quartelão das casernas. Em Bad Sooden, no Werra, o inimigo lançou tropas de pára-quedistas e formou uma cabeça-de-ponte na margem leste. Violentos combates se efetuam ali. Na região de Mühlhausen e Langensalza-Gotha, nenhuma mudança de situação. Em Friedrichsroda o inimigo foi repellido por contra-ataques. Também em Tambach-Dietharz atacamos, com grandes prejuízos ao inimigo. De Hildburghausen o inimigo se espalhou em forma de leque; mas também aí só obteve pequenos ganhos de terreno. Na região a norte de Schweinfurt o inimigo avançou sobre Fränkische Saale até Königshofen. Em Schweinfurt a situação permaneceu a mesma. A leste de Würzburg forças inimigas atravessaram o Meno em Volkach. Nossos contra-ataques sobre as pontas inimigas que avançaram para Crailsheim estão progredindo bem. Tropas nossas entraram em Crailsheim e estão na estrada Crailsheim-Mergentheim, combatendo violentamente o inimigo. A sul de Bretten o inimigo entrou em Pforzheim, através de Mühlacker.

Contra o grupo de exército B (região do Ruhr, Montanhas de Sauerland-Rothaar os americanos efetuaram ataques concêntricos, com centro de gravidade na margem norte da região do Ruhr, no *front* do Sieg, e nas Montanhas de Rothaar. No Ruhr o inimigo chegou à margem norte de Oberhausen, até Castrop-Rauxel. Também na direção de Dortmund ganhou algum terreno. De ambos os lados de Werl, atingiu a ferrovia de Unna para Soest, onde foi detido por nossos contra-ataques. Em Hitdorf e entre Düsseldorf e Colônia, forças inimigas foram exterminadas em contra-ataques. No *front* do Sieg e nas Montanhas Rothaar, o inimigo só obteve poucos ganhos de terreno; em muitos locais foi detido em contra-ataques e derrubado. Anuncia-se, porém, que a munição do lado alemão tornou-se extremamente precária.

Não se anunciam quaisquer combates no *front* italiano.

A atividade aérea do leste foi especialmente intensa na região de Viena e Königsberg. Ao todo, ontem, derrubamos 18 aviões soviéticos. No território do Reich entraram cerca de 1.200 bombardeiros quadrim.* americanos para atacarem objetivos de indústria e transportes no sul, norte e centro da Alemanha. 350 bombardeiros quadrim. americanos operaram sobre o centro e o noroeste da Alemanha, e outros 350 sobre sul e o sudoeste. Atacadas foram, entre outras, as cidades de Schleiz, Sondershausen, Stadtroda, a região de Hanover-Hildesheim, Plauen, Halberstadt Stendal, Hof, Eger, bem como algumas bases aéreas. Lançadas bombas isoladas nas regiões de Burg, Thale no Harz e Rathenow. Forte atividade de caças inimigos com centro de gravidade em Nordhausen-Gera. Entrando da Itália, 500 bombardeiros quadrim. americanos ata-

* Abreviado também no original alemão. (N. da T.)

caram objetivos de transporte na região de Innsbruck-Bozen. Uma unidade soviética, de combate, fraca, realizou um ataque a Brünn. Nossa defesa de caças não entrou em atividade. A artilharia antiaérea derrubou dois aparelhos inimigos.

A noite, efetuou-se sobre todo o território do Reich uma viva atividade de caças noturnos para distância, com ataques de armas de bordo sobre objetivos de transporte. Entrada de duas fortes unidades de combate de bombardeiros quadrim. britânicos, com liderança de Mosquitos, atacaram Hamburgo, Lützendorf e a região de Bernburg. Ataques de Mosquitos contra Lübeck, Travemünde, Dessau, Berlim e Munique. Durante a noite, conforme notícias chegadas até agora, derrubamos 20 aparelhos inimigos.



APÊNDICE

DOCUMENTOS

(Apelo de Adolf Hitler à população de Berlim, em 22 de abril de 1945, publicado no primeiro número do jornal-panfleto *Der Pänzenbär* de 23 de abril de 1945):

Atenção! Grave aviso do Führer!

Qualquer pessoa que favoreça ou divulgue medidas que possam enfraquecer nossa resistência, é um traidor! Deve ser imediatamente fuzilado ou enforcado! Isso também vale se tais medidas forem dadas como ordem do Gauleiter e Ministro Dr. Goebbels ou até em nome do Führer.

Quartel-General do Führer, 22.4.1945.

Ass. ADOLF HITLER.

Carta do Dr. Joseph Goebbels a Harald Quandt, de 28 de abril de 1945

Iniciada no *Bunker* do Führer.

28/abril/1945

Meu querido Harald!

Estamos fechados no *Bunker* do Führer, na Chancelaria do Reich, lutando por nossa vida e nossa honra. Só Deus sabe como essa luta terminará. Mas eu sei que sairemos dela, vivos ou mortos, só com honra e glória. Receio que não nos vejamos nunca mais. Por isso provavelmente estas são as últimas linhas que você receberá de mim. Espero que, se você sobreviver a esta guerra, honre sua mãe e a mim. Não será preciso que estejamos presentes em vida para que influenciemos o futuro do nosso povo. Talvez você venha a ser o único a continuar a tradição da nossa família. Aja sempre de modo que não tenhamos de nos envergonhar disso. A Alemanha há de superar essa terrível guerra. Mas somente se nosso povo tiver diante dos olhos exemplos nos quais puder apoiar-se. E esse é o exemplo que queremos dar. Orgulhe-se por ter uma mãe como a sua. O Führer deu-lhe ontem o distintivo de ouro do partido, que usou anos

a fio em seu paletó; ela bem o mereceu. No futuro, você deverá ter uma única tarefa: mostrar que está à altura do mais árduo dos sacrifícios, que estamos prontos e decididos a fazer. Sei que você fará isso. Não se deixe enganar pelos comentários do mundo, que certamente acontecerão. As mentiras um dia desmoronarão, e a verdade voltará a triunfar sobre elas. Chegará então a hora em que estaremos acima de todos, limpos e intactos, assim como sempre o foram nossa fé e nossa luta.

Adeus, meu querido Harald! Depende de Deus vermo-nos de novo ou não. Se não nos reencontrarmos, orgulhe-se sempre de pertencer a uma família que permaneceu fiel ao Führer e à sua pura e santa causa, mesmo na desgraça, até o último momento.

Tudo de bom para você e as mais afetuosas saudações

seu pai

Carta de Magda Goebbels a Harald Quandt, de 28 de abril de 1945

Escrita no *Bunker* do Führer
28 de abril de 1945

Meu amado filho!

Agora estamos há 6 dias aqui no *Bunker* do Führer: papai, seus seis irmãos e eu, para darmos o único fim honroso possível a nossa vida nacional-socialista. Não sei se você receberá esta carta. Talvez ainda haja uma alma bondosa que torne possível mandar-lhe minhas últimas saudações. Quero que você saiba que permaneci junto de papai contra a vontade dele; que, ainda no domingo passado, o Führer quis ajudar-me a sair daqui. Mas você conhece sua mãe, temos o mesmo sangue, não hesitei. Nossa maravilhosa idéia está sucumbindo, com tudo aquilo que conheci de belo, admirável, nobre e bom na minha vida. O mundo que virá depois do Führer e do nacional-socialismo não será mais digno de vivermos nele; foi isso também que trouxe as crianças para cá. Elas são boas demais para essa vida futura, e um Deus bondoso há de entender que eu própria lhes dê a solução. Mas você viverá; tenho um único pedido a lhe fazer: jamais esqueça que você é um alemão, nunca faça nada contra a honra, e cuide para que, por sua vida, nossa morte não tenha sido em vão.

As crianças têm sido maravilhosas. Ajudam-se a si mesmas nestas condições primitivas de vida. Se dormem no chão, se se podem lavar ou não, se têm algo para comer e o que seja — nunca uma palavra de lamúria ou choro. Os bombardeios já começam a abalar o *Bunker*. As crianças maiores protegem as pequenas, e sua presença aqui é uma bênção, até mesmo porque de vez em quando conseguem arrancar um sorriso do Führer.

Ontem à noite o Führer ofereceu-me seu distintivo de ouro do partido e colocou-o em meu vestido. Estou orgulhosa e feliz. Deus permita que eu tenha forças de fazer a última coisa, a mais difícil de todas. Agora resta-nos um único objetivo: fidelidade ao Führer até a morte. E podermos terminar nossa vida com ele é uma graça do destino, que nunca tínhamos ousado esperar.

Harald, meu querido rapaz, dou-lhe o melhor que a vida me ensinou: seja fiel! Fiel a si mesmo, fiel à humanidade e à sua pátria. Em qualquer circunstância!

nova folha

É difícil iniciar uma nova folha. Quem sabe se poderei enchê-la, mas gostaria de lhe transmitir tanto amor, tanta força, e tirar de você qualquer sofrimento por nossa perda. Orgulhe-se de nós e tente conservar-nos numa lembrança feliz e orgulhosa. Todos temos de morrer um dia, e não é mais belo, mais honroso e corajoso ter uma vida breve do que viver muitos anos em situação indigna?

A carta tem de sair daqui, Hanna Reitsch a levará consigo. Ela partirá mais uma vez! Abraço-o com o mais profundo, carinhoso, maternal amor!

Meu amado filho,
viva pela Alemanha!

Sua mãe.

Testamento Político de Adolf Hitler, de 29 de abril de 1945

ADOLF HITLER

Meu testamento político.

Desde que em 1914 empreguei voluntariamente minhas modestas forças na guerra imposta ao Reich, decorreram mais de 30 anos.

Nesses três decênios moveram-se em todas as minhas ações, pensamentos e vida apenas o amor e a lealdade a meu povo. Deram-me eles a força de assumir as mais difíceis decisões, tão duras quais, até hoje, nenhum mortal as teve de enfrentar. Nessas três décadas consumi meu tempo, minhas forças e minha saúde.

Não é verdade que eu, ou qualquer outra pessoa, em 1939, tenha querido na Alemanha a guerra. Ela foi desejada e provocada tão-só por aqueles estadistas internacionais que ou eram de origem judia, ou trabalhavam em prol de interesses judeus. Fiz não poucas ofertas para cessação ou limitação da produção armamentista, ofertas que o mundo futuro não poderá negar eternamente, como se a responsabilidade por esta guerra pudesse pesar sobre meus ombros. Ademais, nunca desejei que, depois da infeliz Primeira Guerra Mundial se desencadeasse uma segunda, contra a Inglaterra, ou sequer contra a América. Os séculos passarão; dos escombros das nossas cidades e monumentos artísticos, porém, renovar-se-á incessantemente o ódio ao povo que em última instância é o culpado de tudo: os judeus internacionais e seus colaboradores!

Ainda três dias antes da irrupção da guerra alemã-polonesa, propus ao embaixador inglês em Berlim uma solução dos problemas alemães-poloneses — em tudo semelhante à empregada no caso do território do Saar, sob controle internacional. Também essa minha proposta não pode ser negada. Foi recusada tão-só porque os meios liderantes da política inglesa queriam a guerra, em parte devido aos esperados lucros, em parte devido a uma propaganda efetuada pelo judaísmo internacional.

Também não deixei margem alguma a dúvidas quanto a que — se os povos europeus forem novamente encarados apenas como pastas de documentos desses

traidores financeiros e econômicos internacionais — esse mesmo povo, verdadeiro culpado da atual luta sangrenta, será também responsabilizado: os judeus! Ademais, deixei claro a todo o mundo que desta vez não apenas milhões de crianças, europeus arianos, morreriam de fome, milhões de homens adultos sofreriam a morte, e centenas de milhares de mulheres e crianças seriam, nas cidades, mortas pelos incêndios ou bombardeios, sem que, ainda que só através de meios humanos, o verdadeiro culpado tivesse de pagar por sua culpa.

Depois de uma luta de seis anos, a qual, um dia, apesar de todas as derrotas, entrará na história como a mais gloriosa e corajosa manifestação do desejo de viver de todo um povo, não posso separar-me da cidade que é a capital deste Reich. Como são demasiado fracas as forças necessárias para afastar por mais tempo o ataque inimigo sobre esta cidade, e como a nossa própria resistência aos poucos perca seu valor por causa de obcecados indivíduos sem qualquer caráter, desejo partilhar meu destino com milhões de outros, que assim o aceitam, permanecendo nela. Ademais, não quero cair nas mãos do inimigo, que disso faria um espetáculo concertado pelos judeus, com o único fito de divertir as massas excitadas.

Assim é que decidi permanecer em Berlim e aqui livremente escolher a minha morte no momento em que julgasse que a posição de Führer e Chanceler não mais pudesse ser sustentada. Morro feliz diante das imensuráveis façanhas de nossos soldados no *front*, de nossas mulheres em seu lares, das realizações de nossos camponeses e nossos operários, e da intervenção de nossa juventude, que usa meu nome, num fato único dentro da História.

Que eu lhes agradeça do mais fundo de meu coração é tão natural quanto meu desejo de que, por isso mesmo, não desistam da luta em nenhuma circunstância: não importa onde, continuem combatendo o inimigo da pátria, fiéis à profissão de fé de um grande qual Clausewitz. Do sacrifício de nossos soldados, e de minha união com eles até a morte, renascerá, de um ou de outro modo, na história alemã, a semente de um luminoso retorno do movimento nacional-socialista e, com isso, a realização da verdadeira comunidade dos povos.

Muitos dos mais valentes homens e mulheres decidiram vincular as suas à minha vida até os últimos momentos. Pedi-lhes e finalmente lhes ordenei que não o fizessem, mas que continuassem na luta com o povo. Aos líderes do Exército, da Marinha e da Luftwaffe, peço que fortaleçam com todos os meios possíveis o espírito de resistência de nossos soldados num consenso nacional-socialista, especialmente tendo em mente que também eu, na qualidade de fundador e criador desse movimento, preferi a morte à renúncia covarde ou à capitulação.

Que possa fazer parte do sentimento de honra do oficial alemão — tal como já ocorre em nossa Marinha — a noção de que a entrega de um território ou de uma cidade é impossível, e sobretudo a de que os líderes têm de adiantar-se, como luminosos exemplos, no mais fiel cumprimento do dever até a morte.

Segunda Parte do Testamento Político

Antes de minha morte, expulso do partido o ex-Marechal do Reich Hermann Göring, retirando-lhe todos os direitos que possa ter obtido por decreto

de 29 de junho de 1941, bem como em minha declaração no dia do Reich, em 1º de setembro de 1939. Em seu lugar nomeio o Almirante Dönitz como Presidente do Reich e Comandante Supremo da Wehrmacht.

Antes de minha morte, expulso do partido o antigo líder da SS e Ministro do Interior Heinrich Himmler, bem como o retiro de todos os cargos governamentais. Em seu lugar nomeio o Gauleiter Karl Hanke como chefe da SS e da polícia alemã, e o Gauleiter Paul Giesler como Ministro do Interior.

Göring e Himmler causaram ao país e a todo o povo indiscutíveis prejuízos, sem falar na deslealdade para com minha pessoa, por haverem mantido acordos secretos com o inimigo, sem qualquer ciência minha e contra minha vontade, assim como por haverem tentado, contra a lei, tomar em suas mãos o poder estatal.

Para dar ao povo alemão um governo constituído de homens honrados, que cumpram o dever de prosseguir a guerra com todas as forças, nomeio como Führer da nação os seguintes membros do novo gabinete:

Presidente do Reich: Dönitz

Chanceler do Reich: Dr. Goebbels

Ministro do Partido: Bormann

Ministro do Exterior: Seyss-Inquart

Ministro do Interior: Gauleiter Giesler

Ministro da Guerra: Dönitz

Comandante Supremo do Exército: Schörner

Comandante Supremo da Marinha de Guerra: Dönitz

Comandante Supremo da Luftwaffe: Greim

Chefe da SS e chefe da polícia alemã: Gauleiter Hanke

Economia: Funk

Agricultura: Backe

Justiça: Thierack

Culto: Dr. Scheel

Propaganda: Dr. Naumann

Finanças: Schwerin-Crossigk

Trabalho: Dr. Hupfauer

Armamentos: Saur

Chefe do Serviço de *front* alemão e membro do gabinete do Reich: Ministro Dr. Ley.

Embora uma série desses homens, como Martin Bormann, o Dr. Goebbels e outro, se juntassem a mim voluntariamente com suas esposas, e de modo algum queiram deixar a capital do Reich, dispostos a sucumbir comigo, devo pedir-lhes que obedeçam às minhas ordens e que neste caso ponham o interesse da nação acima dos seus próprios sentimentos. Com seu trabalho e lealdade me estarão próximos, como companheiros, do mesmo modo como espero que meu espírito permaneça entre eles e os acompanhe sempre. Que sejam duros, jamais injustos, que especialmente nunca façam do medo o conselheiro de seus atos, e que coloquem a honra da nação acima de tudo neste mundo. Que, finalmente, possam ter plena consciência de que nossa missão, qual a de construirmos um Estado nacional-socialista, representa o trabalho dos próximos séculos, o que obriga a cada um servir sempre aos interesses comuns e colocar em segundo plano suas próprias vantagens. A todos os alemães, a todos os na-

cional-socialistas, homens e mulheres, e a todos os soldados da Wehrmacht, peço que sejam, para com o novo governo e o seu presidente, leais e obedientes até a morte.

De modo todo particular recomendo à liderança da nação e a seus colaboradores a rigorosa manutenção das leis raciais e a impiedosa oposição contra o envenenador mundial de todos os povos: o judaísmo internacional.

Berlim, em 29 de abril de 1945, 4 horas.

Adolf Hitler.

Testemunhas:

Dr. Joseph Goebbels
Martin Bormann

Wilhelm Burgdorf
Hans Krebs

Apêndice ao testamento de Adolf Hitler, pelo Dr. Joseph Goebbels, a 29 de abril de 1945

O Führer ordenou-me que, em caso de derrocada da defesa de Berlim, deixasse a capital e participasse como membro liderante de um governo por ele nomeado.

Pela primeira vez na vida tenho de opor-me categoricamente a cumprir uma ordem do Führer. Minha esposa e meus filhos partilham de minha posição. De outro modo — sem falar em que, por razões humanas e lealdade pessoal, jamais conseguiríamos deixar nosso Führer sozinho em sua hora mais difícil — eu me consideraria para sempre um covarde desonrado e um canalha ordinário, que, juntamente com o respeito por si mesmo, perderia o respeito do seu povo, respeito este que seria a condição primária para uma continuidade de meu serviço em prol do futuro da nação alemã e do Reich alemão.

No delírio de traições que rodeia o Führer nesses dias críticos da guerra, tem de haver ao menos algumas pessoas que se lhe mantenham fiéis, incondicionalmente e até a morte, embora contrariando uma ordem sua, formal, objetivamente fundamentada, expressa em seu testamento político.

Acredito que com isso estarei provando ao povo alemão a minha lealdade, pois para o árduo futuro que o espera os exemplos serão ainda mais necessários do que os homens. Homens sempre se encontrarão, para mostrarem à nação o caminho da liberdade. Mas seria impossível o renascimento de nossa vida nacional, se em seus fundamentos não se enraizassem modelos claros e compreensíveis a cada um. Por isso, juntamente com minha esposa, e em nome de meus filhos, jovens demais para darem sua própria opinião, mas que, se tivessem a idade necessária, partilhariam inteiramente da nossa decisão, quero expressar meu irrevogável propósito de não abandonar a capital do Reich, mesmo se ela tombar, mas findar ao lado do Führer uma vida que não terá mais valor pessoal para mim, se não puder ser colocada a serviço do Führer e transcorrer a seu lado.

Berlim, 29 de abril de 1945, 5h 30min.

Dr. Goebbels.

Participação Oficial sobre a Morte de Hitler, a 1º de maio de 1945
(emissão radiofônica)

Anuncia-se do quartel-general do Führer que nosso Führer Adolf Hitler tombou pela Alemanha esta tarde, em seu posto de comando na Chancelaria do Reich, lutando até o último alento contra o bolchevismo. A 30 de abril o Führer nomeou substituto seu o Almirante Dönitz.

Fala Radiofônica do Almirante Dönitz ao Povo Alemão, a 1º de maio de 1945

Homens e mulheres alemães, soldados da Wehrmacht alemã!

Nosso Führer, Adolf Hitler, tombou. Curva-se o povo alemão na mais profunda veneração e luto. O Führer reconheceu prematuramente o terrível perigo do bolchevismo e dedicou sua existência a esse combate. No fim dessa luta, e no da sua vida que seguiu uma trajetória reta e infalível, está sua morte heróica na capital do Reich alemão. Sua vida foi toda posta a serviço da Alemanha. Sua intervenção no combate contra a invasão bolchevista ultrapassou os limites do nosso país, atingindo a Europa e todo o mundo cultural.

O Führer nomeou-me seu sucessor. Consciente de tal e tamanha responsabilidade, assumo a liderança do povo alemão nesta hora tão difícil do nosso destino. Minha primeira tarefa é salvar os alemães da aniquilação pelo inimigo bolchevista que avança. Só por essa razão continua o combate militar. Enquanto britânicos e americanos nos impedirem de alcançar esse objetivo, haveremos de nos defender também contra eles, e teremos de continuar lutando. Os anglo-americanos já não prosseguem esta guerra para benefício de seus próprios povos, mas apenas para a divulgação do bolchevismo na Europa.

O que o povo alemão realizou nas lutas desta guerra, e o que suportou em sua pátria, é exemplo ímpar na História. Nos tempos de aflição que nos aguardam, lutarei por conseguir para nossas bravas mulheres, homens e crianças, condições suportáveis de vida, tanto quanto me venha a ser possível. Preciso especialmente da ajuda de todos. Dêem-me sua confiança, pois o caminho do povo alemão é o meu caminho. Mantenham-se a ordem e a disciplina na cidade e no interior. E que cada um cumpra o seu dever em seu posto. Só assim conseguiremos abrandar os sofrimentos que nos esperam e impedir a derrocada final. Se fizermos tudo o que estiver no alcance de nossas forças, Deus Todo-Poderoso não nos abandonará, após tanto sofrimento e tamanhos sacrifícios.

Apelo do Marechal de Campo Schörner aos Soldados do Grupo Central de Exércitos, a 5 de maio de 1945

Soldados do Grupo Central de Exércitos!

Depois de uma dura luta de seis anos, a superioridade do nosso inimigo conseguiu fazer ruir parte dos nossos *fronts*; só o *front* dos grupos de exército do sul no *front* leste ainda está intacto. E isso se deve à vossa bravura e tenacidade.

A guerra está chegando ao fim. Conforme a ordem do Chefe do Governo e Comandante Supremo da Wehrmacht alemã, nomeado pelo Führer, Almirante Dönitz, devemos lutar até que valiosas vidas alemãs estejam a salvo.

Depois do cumprimento dessa missão, tenciono levar-vos, meus soldados, reunidos e em postura ativa, de volta à pátria. Essa tarefa sublime de chefia só poderá ser realizada com uma tropa obediente e corajosa. Não devemos perder a calma nestes mais difíceis dias do nosso Reich, nem nos acovardarmos, sobretudo não devemos escutar as palavras que o inimigo dissemina de modo tão sutil. Temos de confiar na nossa liderança, confiar em que também nesta situação ela fará o que for acertado.

Por seis longos anos permanecemos unidos desafiando o inimigo. Nas últimas semanas, não devemos oferecer ao mundo uma imagem de dissolução, destruindo com isso as negociações já iniciadas. Qualquer afastamento não permitido, qualquer tentativa de voltar à pátria pelos próprios meios, é traição desonrosa aos camaradas, ao nosso povo, e terá de ser devidamente punida.

Nossa disciplina, e as armas na mão, formam a base para sairmos decente e bravamente desta guerra. Nossa honra e a morte heróica de tantos camaradas obrigam-nos a tanto. Só quem desiste está realmente perdido.

Soldados do meu Exército!

Vencemos tantas graves crises em muitos setores do *front do leste*. Podeis confiar em mim, que vos tirarei desta crise; e confio em vós, em que sereis leais ao povo, ao Estado e ao Governo.

Mas há que permanecer unido, e apesar de alguns traidores e covardes, empregar nossas últimas forças na hora derradeira desta guerra, para cumprir nossa missão. Somente uma férrea união, inabalável resistência, e um *front* cada vez mais cerrado, levar-nos-ão diretamente ao solo do nosso protetorado na pátria.

SCHÖRNER

Marechal de Campo

Texto do Anúncio da Capitulação, de 8 de maio de 1945

1. Nós, abaixo assinados, tomamos, em nome do Comando Supremo Alemão, a capitulação incondicional de todas as nossas forças de combate em terra, ar e mar, bem como todas as forças de combate que no momento se encontram sob comando alemão, diante do Comando Supremo do Exército Vermelho e ao mesmo tempo do Comando Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas.
2. O Comando Supremo Alemão ordena imediatamente a todos os comandantes alemães das forças de terra, mar e ar, e todas as forças de combate sob comando alemão, que todas as atividades bélicas sejam suspensas a 8 de maio de 1945, às 23h 1min, permanecendo nos lugares em que se encontrarem a essa hora, desarmando-se totalmente, entregando todas as armas e bens do Exército a comandantes aliados locais ou aos oficiais determinados pelo Comando Supremo Aliado, e não destruir nem prejudicar de modo algum os navios, vapores e aviões, seus motores, cascos e equipamentos, bem como máquinas, armas, aparelhos e todos os meios militares para conduzir uma guerra.

3. O Comando Supremo Alemão designa imediatamente comandantes responsáveis e assegura o cumprimento de todas as outras ordens que forem expedidas pelo Comando Supremo do Exército Vermelho ou o Comando Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas.
4. Este documento não será obstáculo contra outro aviso geral sobre a capitulação, que possa ser assentado pelas Nações Unidas ou em seu nome, e dirigido à Alemanha e às forças alemãs de combate.
5. Caso o Comando Supremo Alemão ou algumas das forças de combate sob suas ordens não venham a agir conforme este anúncio de capitulação, o Comando Supremo do Exército Vermelho, bem como o Comando Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas, empregarão as medidas punitivas ou outras atitudes que julgarem necessárias.
6. Este documento será publicado em russo, inglês e alemão. Só os textos russo e inglês são válidos.

Assinado a 8 de maio de 1945 em Berlim

ass. Keitel, Friedeburg, Stumpff.

Presentes estavam:

Por ordem do Comando Supremo do Exército Vermelho,
Marechal do Exército Soviético, G. Schukov.

Por ordem do Comando Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas,
Marechal do Ar Tedder.

Outras testemunhas dessa assinatura foram:

O Comandante das Forças Aéreas Estratégicas dos Estados Unidos da América, Spaatz.

O Comandante Supremo do Exército Francês General de Lattre-Tassigny.

CRONOLOGIA

- 1.º de janeiro: avanço alemão de Komorn sobre Budapeste
- 7 de janeiro: segundo avanço alemão para Budapeste partindo do Lago Plattensee
- 11 de janeiro: cessar-fogo na Grécia
- 12 de janeiro: o 1.º *front* soviético ucraniano (Konjev) avança da cabeça-de-ponte Baranov e atravessa as posições de defesa alemãs
- 13 de janeiro: o 3.º *front* soviético russo-branco (Tschernjachovski) passa à ofensiva em Pillkallen (Prússia Oriental)
- 14 de janeiro: o 1.º *front* soviético russo-branco (Schukov) atravessa na Polônia as forças defensivas alemãs. O 2.º *front* soviético russo-branco (Rokossovski) passa à ofensiva da cabeça-de-ponte Narev em direção de Elbing
- 15 de janeiro: outra ofensiva soviética se realiza em direção de Krakau
- 17 de janeiro: unidades soviéticas conquistam Tschentochau. Os alemães evacuam Varsóvia
- 18 de janeiro: Krakau evacuada pelos alemães. O 2.º *front* soviético russo-branco (Rokossovski) inicia a abertura da brecha. Terceiro avanço alemão no Lago Plattensee sobre Budapeste
- 19 de janeiro: o 1.º *front* soviético russo-branco (Schukov) conquista Lodz
- 21 de janeiro: o 1.º *front* soviético ucraniano (Konjev) entra na Silésia
- 22 de janeiro: tropas soviéticas conquistam Insterburg e Allenstein
- 23 de janeiro: começa a evacuação da Prússia Oriental e da Baía de Dantzig sobre o caminho do mar
- 24 de janeiro: retirada dos alemães da Eslováquia. O 1.º *front* soviético ucraniano (Konjev) conquista Oppeln e Gleiwitz. Himmler torna-se Comandante Supremo do Grupo de Exército Vístula. Avanços soviéticos em Libau (Kurland) são repelidos
- 26 de janeiro: unidades soviéticas cortam as ligações terrestres para a Prússia Oriental. Tropas soviéticas tomam Kattowitz
- 27 de janeiro: os alemães evacuam o setor industrial da Alta Silésia
- 30 de janeiro: unidades soviéticas formam cabeças-de-ponte em Küstrin
- 2 de fevereiro: o Equador declara guerra à Alemanha
- 3 de fevereiro: ataque aéreo americano a Berlim
- 4 de fevereiro: inicia a Conferência de Ialta, entre Stalin, Roosevelt e Churchill
- 7 de fevereiro: as forças de ocupação de Thorn abrem caminho até o *front* alemão

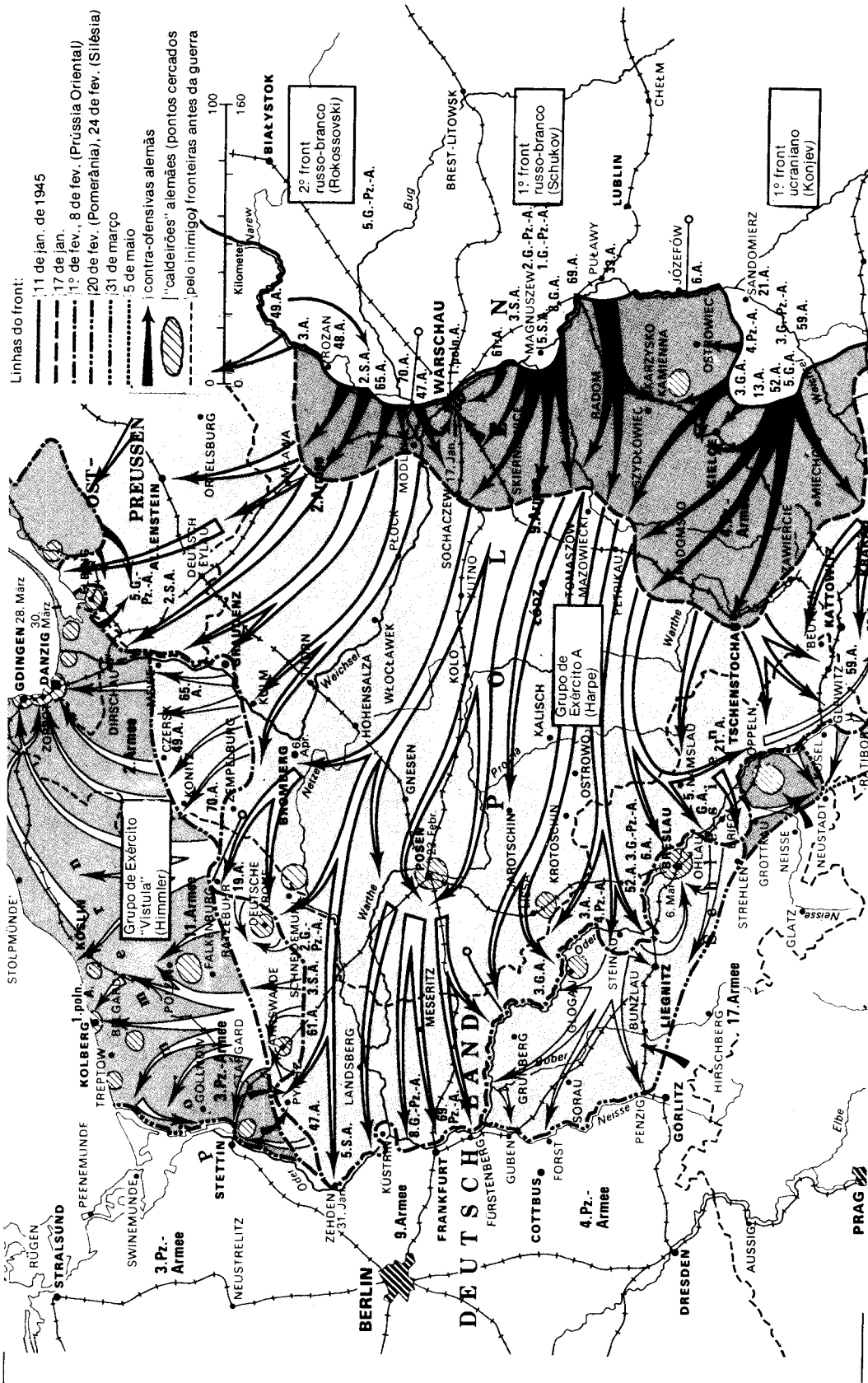
- 8 de fevereiro: o 1.º *front* soviético ucraniano (Konjev) avança do território de Steinau e Leubus no Oder contra as posições defensivas alemãs. O 1.º Exército canadense (Crerar) começa uma ofensiva partindo da região de Nimwegen. O Paraguai declara guerra à Alemanha.
- 10 de fevereiro: os avanços do 2.º *front* soviético russo-branco (Rokossovski) são detidos na Pomerânia. As forças de ocupação de Elbing abrem caminho até as linhas alemãs. Liegnitz é tomada por forças soviéticas. Os restos das forças de ocupação germano-húngaras em Budapeste capitulam
- 12 de fevereiro: termina a Conferência de Ialta: coordenação das operações militares, divisão da Alemanha em zonas de ocupação, formação de um conselho aliado de controle, marcação de uma conferência para fundação das Nações Unidas, acordo sobre um governo polonês e a fronteira soviético-polonesa
- 13 de fevereiro: ofensiva anglo-americana sobre Dresden (repetida a 14 de fevereiro); destruição do centro da cidade, cifra de mortos oficialmente avaliada em 60.000
- 15 de fevereiro: Breslau sitiada. O Uruguai declara guerra à Alemanha
- 16 de fevereiro: começa uma contra-ofensiva alemã em Stargard a Pomerânia (sustada a 18 de fevereiro). A Venezuela declara guerra à Alemanha
- 19 de fevereiro: tropas alemãs formam a ligação terrestre na Prússia Oriental entre Pillau e Königsberg. Himmler toma contatos com o Presidente da Cruz Vermelha Internacional, Conde Folke Bernardotte, para saber das possibilidades de uma paz em separado com as potências ocidentais
- 23 de fevereiro: unidades soviéticas conquistam Posen. O 9.º Exército americano (Simpson) abre uma ofensiva de suas cabeças-de-ponte no Roer. A Turquia declara guerra à Alemanha
- 24 de fevereiro: os soviéticos abrem uma brecha na Pomerânia. O Egito declara guerra à Alemanha
- 27 de fevereiro: o Rei romeno Michael I é obrigado a nomear em Bucareste um governo comunista sob a liderança de Petru Groza
- 1.º de março: começa a contra-ofensiva alemã na Baixa Silésia, levando à retomada de Lauban e Striegau
- 3 de março: o 3.º Exército americano (Patton) ocupa Trier. Tropas canadenses ocupam Xanten
- 5 de março: Graudenz capitula
- 6 de março: começa uma ofensiva alemã no Lago Plattensee na Hungria
- 7 de março: o 1.º Exército americano (Hodges) conquista Colônia e avança em Remagen sobre a margem leste do Reno
- 8 de março: começam as negociações secretas na Suíça, entre representantes dos Comandos Supremos Aliados e o Exército Alemão na Itália, sobre a capitulação das tropas alemãs na Itália
- 9 de março: pesada ofensiva aérea americana sobre Tóquio
- 10 de março: Marechal de Campo Kesselring assume o comando supremo no oeste (pelo Marechal de Campo Rundstedt). As tropas alemãs evacuam Wesel
- 13 de março: começa uma ofensiva soviética na região de Heiligenbeil (Prússia Oriental). Königsberg é isolada das comunicações terrestres
- 15 de março: o 1.º *front* soviético ucraniano (Konjev) começa uma ofensiva na região de Ratibor (Alta Silésia). Os avanços ofensivos alemães na Hungria são interrompidos

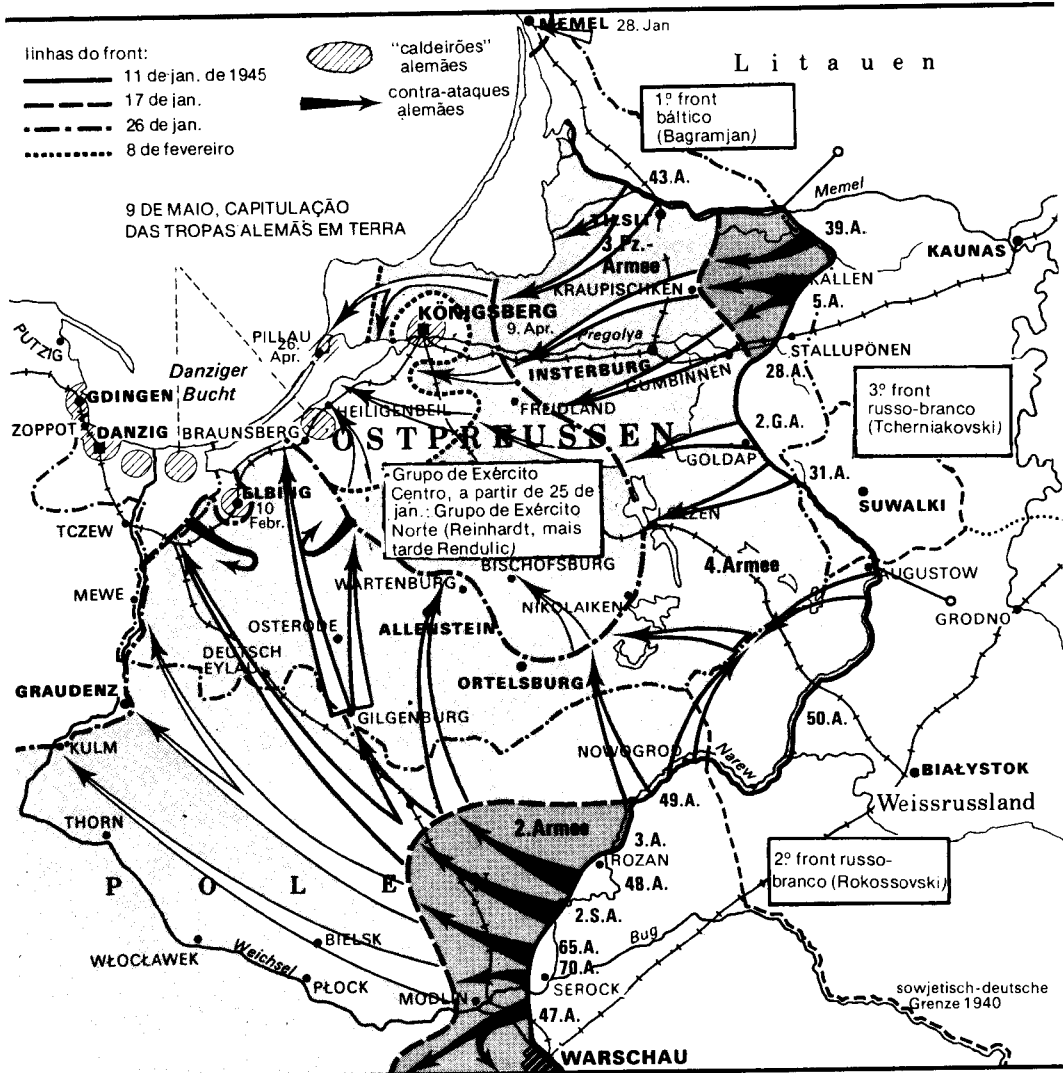
- 16 de março: o 2.º *front* soviético ucraniano e o 3.º *front* (Tolbuchin) iniciam a contra-ofensiva na Hungria
- 17 de março: Kolberg tomada por forças soviéticas. Começam ataques soviéticos em Kurland
- 19 de março: Hitler emite o decreto "Terra Queimada" mandando destruir todas as instalações industriais e de abastecimento no território do Reich
- 20 de março: começa uma ofensiva dos guerrilheiros de Tito na Dalmácia
- 22 de março: o 3.º Exército americano (Patton) atravessa o Reno em Oppenheim e avança para o leste. As tropas alemãs evacuam as últimas cabeças-de-ponte no Drau em Siklos
- 23 de março: tropas soviéticas atravessam as posições defensivas alemãs em Gote-nhafen (Gdingen) e Dantzig. Tropas americanas, britânicas e canadenses avan-çam de Venlo sobre o Reno, ocupando Wesel
- 25 de março: tropas americanas alcançam Germersheim, Ludwigshafen e Worms
- 26 de março: o 1.º Exército americano (Hodges) atravessa o Westerwald. O 3.º Exército americano (Patton) ocupa Darmstadt e alcança o Meno
- 27 de março: a Argentina declara guerra à Alemanha
- 28 de março: Gotenhafen (Gdingen) tomada por tropas soviéticas. O Coronel-General Guderian é "mandado em férias" por Hitler. O General Krebs é encar-regado de cuidar do Estado-Maior do Exército
- 29 de março: retirada das tropas alemãs no Frischen Nehrung. Tropas americanas ocupam Frankfurt
- 30 de março: Dantzig conquistada por tropas soviéticas. Unidades britânicas ocupam Emmerich e Bocholt
- 1.º de abril: começa a evacuação da Península de Hela por forças de combate da Marinha alemã. Tropas do 1.º Exército americano (Hodges) encontram-se com unidades do 9.º Exército americano (Simpson) na região de Lippstadt. A parte principal das forças de combate do Grupo de Exército alemão B (Model) é cer-cada no território do Ruhr. O 1.º Exército francês (de Lattre-Tassigny) atravessa o Reno em Philipsburg
- 2 de abril: tropas soviéticas ocupam a região petrolífera de Nagy Kanisza na Hungria
- 2 de abril: Münster ocupada por tropas anglo-americanas
- 4 de abril: tropas soviéticas ocupam Pressburg (Bratislava) na Eslováquia. As últi-mas tropas alemãs retiram-se da Hungria
- 5 de abril: o *front* soviético ucraniano (Tolbuchin) ataca Viena. Fim do ataque V2 no oeste
- 6 de abril: o 3.º *front* soviético russo-branco (Vassilevski) avança para o Frischen Haff. O 9.º Exército americano (Simpson) conquista Hamm. Guerrilheiros de Tito ocupam Sarajevo
- 9 de abril: as forças de ocupação de Königsberg capitulam. Começa uma grande ofensiva anglo-americana na parte superior da Itália
- 10 de abril: o 9.º Exército americano (Simpson) ocupa Essen e Hanover. O pesado cruzador Almirante Scheer é afundado por bombas britânicas em Kiel
- 12 de abril: o Presidente Roosevelt morre de ataque cerebral. O sucessor é Harry Truman
- 13 de abril: Viena conquistada por tropas soviéticas
- 14 de abril: ataques americanos dividem as forças alemãs de combate no território do Ruhr

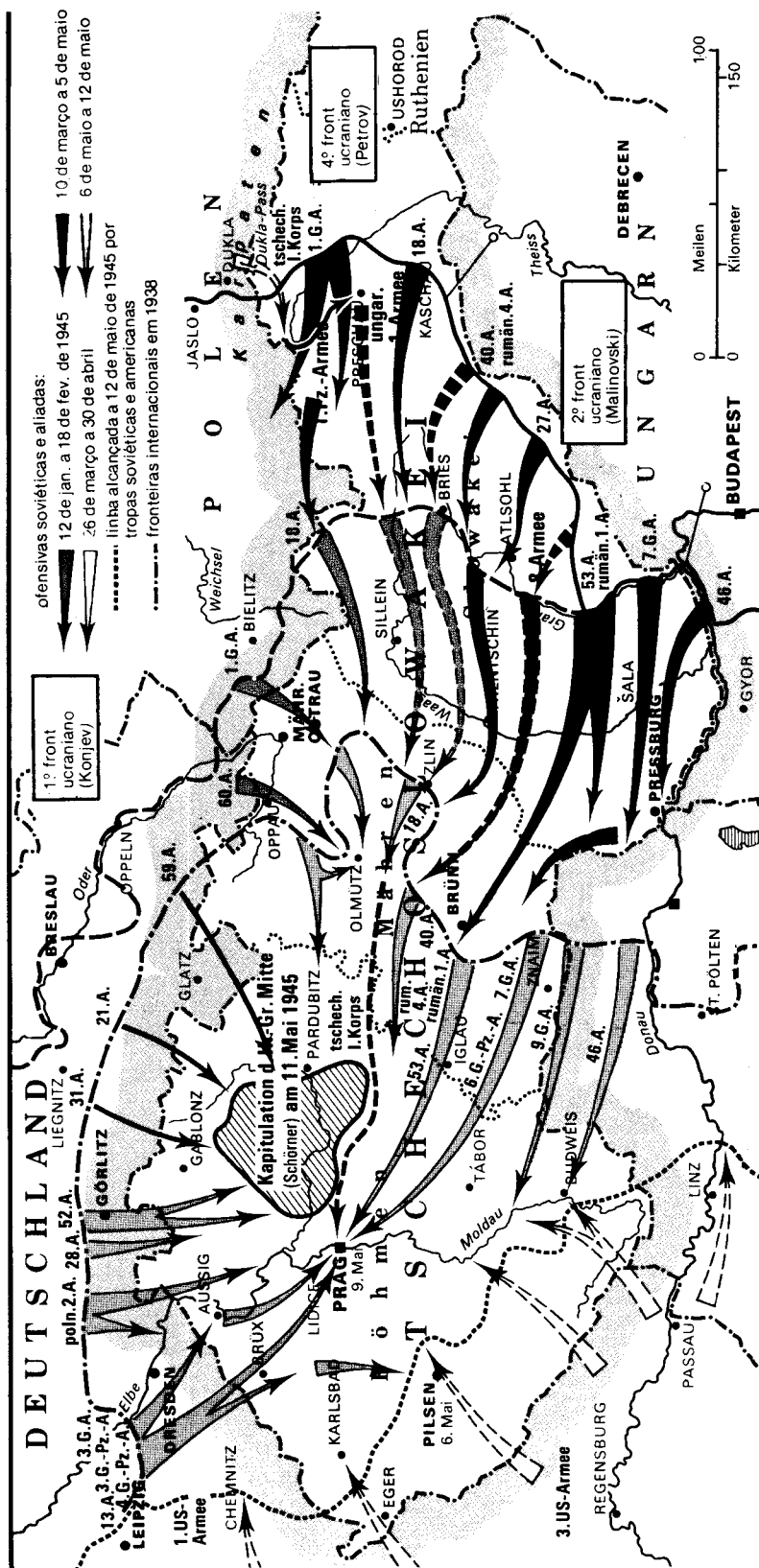
- 15 de abril: destruição de uma cabeça-de-ponte soviética em Magdeburgo. Começo de uma ofensiva soviética sobre a região industrial de Morávia-Ostrau. St. Pölten ocupada por tropas soviéticas
- 16 de abril: o 1.º *front* soviético ucraniano (Schukov) e o 1.º *front* russo-branco (Konjev) partem do Neisse e das cabeças-de-ponte do Oder para ataque a Berlim. As tropas alemãs cercadas na parte leste do Ruhr desistem de se defender. Bombardeiros britânicos afundam em Swinemünde o pesado cruzador Lützow
- 17 de abril: as últimas unidades alemãs no território do Ruhr capitulam (325.000 prisioneiros)
- 18 de abril: tropas americanas conquistam Magdeburgo e ocupam Düsseldorf. O 3.º Exército americano (Patton) entra na Boêmia Ocidental. Último ataque aéreo britânico a Berlim
- 19 de abril: os americanos ocupam Leipzig
- 20 de abril: o 2.º *front* soviético russo-branco (Rokossovski) inicia a conquista de Mrecklenburg e da parte fronteira da Pomerânia. Artilharia soviética começa a atacar Berlim
- 21 de abril: tropas soviéticas ocupam Bautzen e Cottbus
- 22 de abril: o 1.º Exército francês (de Lattre-Tassigny) ocupa Stuttgart
- 23 de abril: tropas britânicas avançam sobre Hamburgo-Harburgo. Tropas francesas ocupam Müllheim-Baden. Hitler dispensa Göring de todos os seus cargos
- 24 de abril: tropas alemãs em Frankfurt-no-Oder são cercadas. Outras unidades alemãs atravessam em Beelitz e retiram-se sobre o Elba
- Tropas americanas e francesas ocupam Ulm. Na Itália os britânicos conquistam Ferrara; os americanos, La Spezia. Himmler manda ao Conde Bernardotte em Lübeck uma oferta de capitulação às potências ocidentais
- 30 de abril: o sítio de Berlim se completa. Pillau na Prússia Oriental é conquistada por tropas soviéticas. Tropas americanas e soviéticas encontram-se em Thorgau no Elba. Tropas americanas e britânicas atravessam o Pó na Itália superior e ocupam Mântua, Reggio, Parma. Começa a Conferência de São Francisco para a redação da Carta das Nações Unidas
- 26 de abril: tropas soviéticas ocupam Brünn e Stettin. Unidades americanas ocupam Bremen
- 27 de abril: em Viena forma-se um governo austríaco provisório sob a liderança de Karl Renner. Unidades francesas ocupam Ventimiglia e Bordighera na fronteira franco-italiana. Tropas americanas ocupam Gênova
- 28 de abril: um avanço alemão (Wenck) sobre Berlim tem de ser interrompido. Os americanos conquistam Augsburg. Mussolini é aprisionado com alguns companheiros na fronteira suíça, por guerrilheiros, em Dongo, e assassinado a tiros no dia seguinte
- 29 de abril: o Exército alemão na Itália (v. Vietinghoff) capitula diante das forças de combate aliadas (Alexander). Tropas francesas ocupam Friedrichshafen no Bodensee. Hitler casa com Eva Braun, assina seu testamento político e o privado, nomeia o Almirante Dönitz Presidente do Reich e Goebbels Chanceler do Reich
- 30 de abril: Hitler suicida-se no *Bunker* da chancelaria. Os americanos ocupam Munique e Turim. Guerrilheiros de Tito entram em Trieste. Submarinos alemães afundaram, desde janeiro de 1945, ao todo, 90.000t brutas de embarcações inimigas.

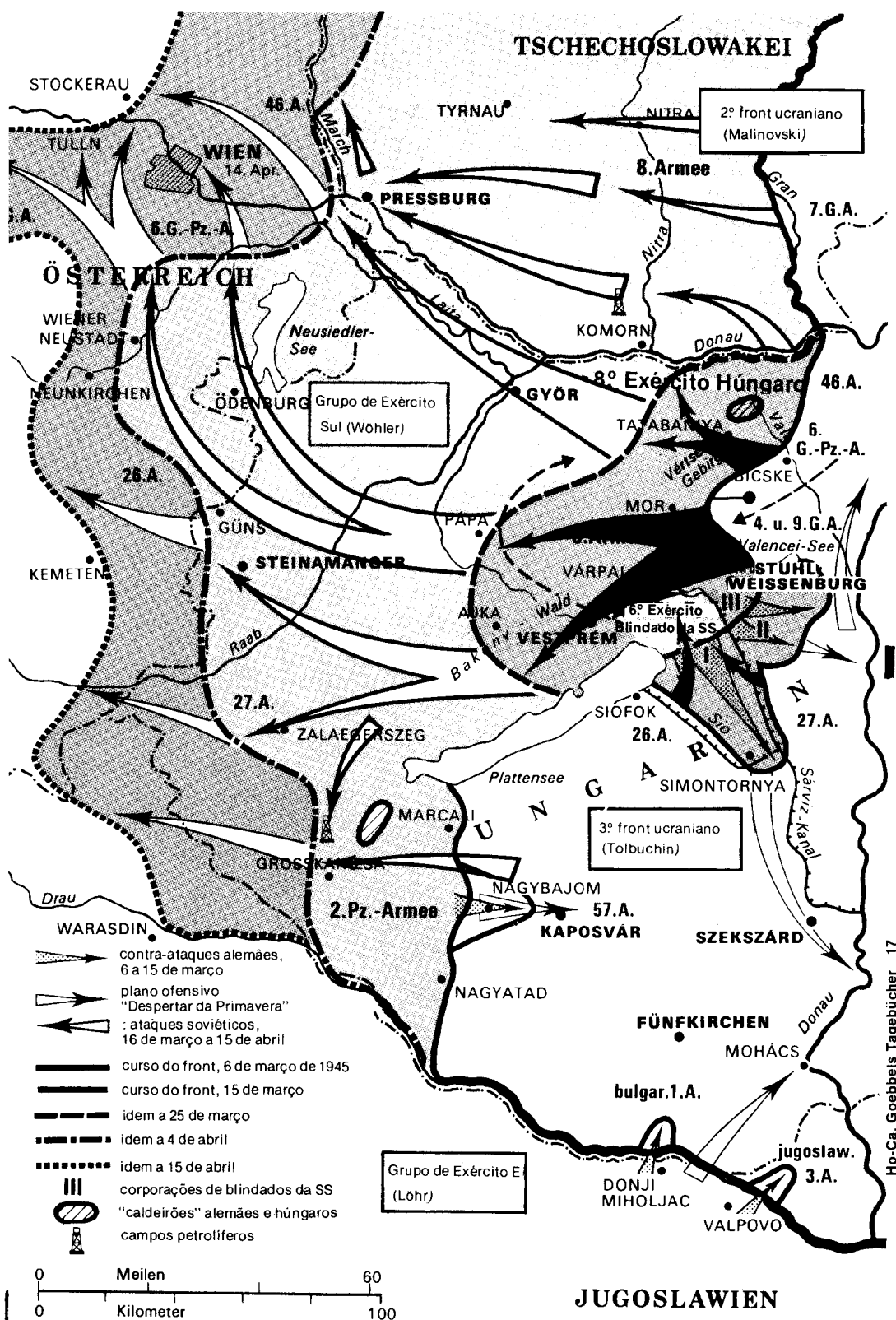
- 1.º de maio: o Almirante Dönitz assume, conforme testamento de Hitler, a chefia do governo alemão. Suicídio de Goebbels e sua esposa, depois de assassinarem seus seis filhos menores. Guerrilheiros de Tito ocupam a maior parte da região de Trieste, Görz e Istria
- 2 de maio: o restante das forças de ocupação de Berlim capitula. Os soviéticos ocupam Rostock. Unidades britânicas encontram-se com tropas soviéticas em Wismar
- 3 de maio: unidades britânicas entram em Hamburgo, e as americanas em Innsbruck
- 4 de maio: forças de combate alemãs na Holanda, noroeste da Alemanha e Dinamarca capitulam diante do Marechal de Campo Montgomery
- 5 de maio: o Ministro do Exterior Conde Schwerin, nomeado por Dönitz, forma em Flensburg um governo administrativo do Reich. Revolta de grupos de resistência tcheca em Praga
- 6 de maio: começa uma grande ofensiva soviética contra os restos do Exército Central Alemão (Schörner) na Boêmia. Os americanos conquistam Pilsen e continuam avançando. Capitulação de Breslau
- 7 de maio: os americanos evacuam a cabeça-de-ponte de Elba. Unidades britânicas ocupam Wilhelmshaven, Cuxhaven e Emden. O General Jodl assina a capitulação geral da Wehrmacht em Reims
- 8 de maio: unidades soviéticas ocupam Dresden
- 9 de maio: Marechal de Campo Keitel repete a assinatura da capitulação geral no quartel-general soviético Karlshorst em Berlim
- 10 de maio: unidades soviéticas ocupam Praga
- 11 de maio: o gabinete tcheco no exílio volta de Londres a Praga
- 14 de maio: a Helgolândia é ocupada por tropas britânicas
- 23 de maio: aprisionamento do governo de Dönitz e dos membros do Comando Supremo da Wehrmacht em Flensburg. Himmler comete suicídio. O gabinete holandês no exílio reúne-se no Haag
- 31 de maio: o governo militar americano ordena, conforme a lei, que se desfaga o Partido Trabalhista Alemão Nacional-Socialista
- 5 de junho: os comandantes supremos aliados (Schukov, Eisenhower, Montgomery e de Lattre-Tassigny) emitem em Berlim uma declaração na qual se anuncia a tomada do poder governamental na Alemanha pelo conselho de controle formado por co-governantes militares aliados
- 9 de junho: entre a Iugoslávia, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, faz-se um acordo sobre uma administração militar provisória na província italiana de Veneza Giulia. As unidades iugoslavas evacuam Trieste e Pola
- 10 de junho: na zona de ocupação soviética da Alemanha admitem-se novamente partidos
- 26 de junho: a Conferência de São Francisco é encerrada com a assinatura da Carta das Nações Unidas. O governo polonês anuncia a "emigração" dos alemães dos territórios a leste da linha Oder-Neisse
- 28 de junho: formação de um governo comunista de unidade nacional em Varsóvia
- 1.º de julho: começa a evacuação da zona de ocupação soviética por tropas britânicas e americanas. Os soviéticos ocupam as partes correspondentes de Brandemburgo, Saxônia, Turingia e Mecklenburg. Unidades americanas e inglesas entram nos setores ocidentais de Berlim

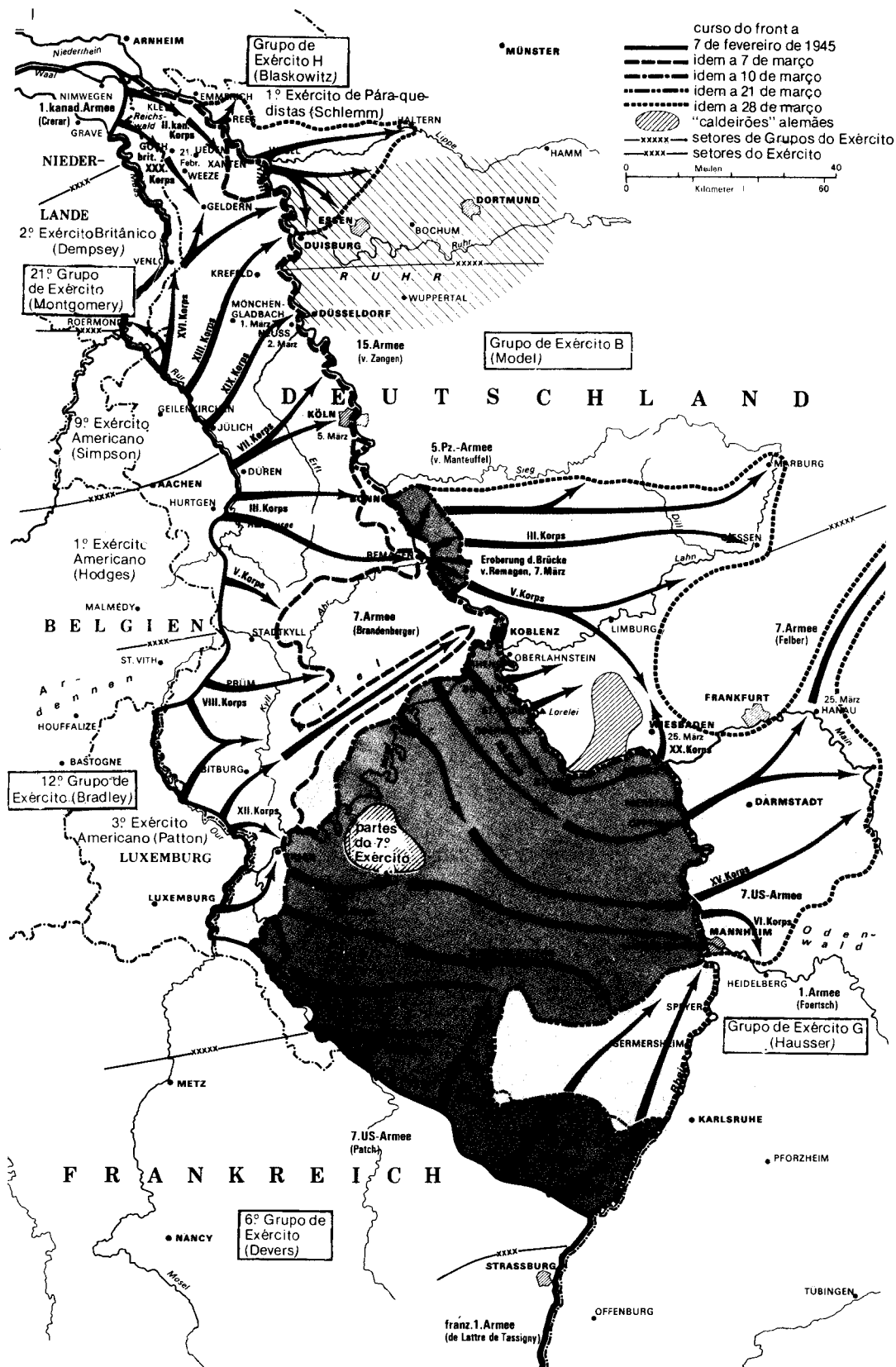
- 7 de julho: os Aliados assinam um acordo sobre a administração de Berlim pelas quatro potências. O território do Saar é entregue ao governo francês
- 11 de julho: realiza-se em Berlim a primeira reunião do Comando Aliado
- 17 de julho: começo da Conferência de Potsdam, entre Truman, Stalin e Churchill (mais tarde Attlee)
- 2 de agosto: fim da Conferência de Potsdam. Decidiram-se a instalação de um conselho de controle, a determinação de reparações e desmontagens, a entrega dos territórios alemães do oeste, até Oder-Neisse, para "administração" à Polônia. Adia-se até o momento da formação de um governo central o tratado de paz definitivo com a Alemanha.

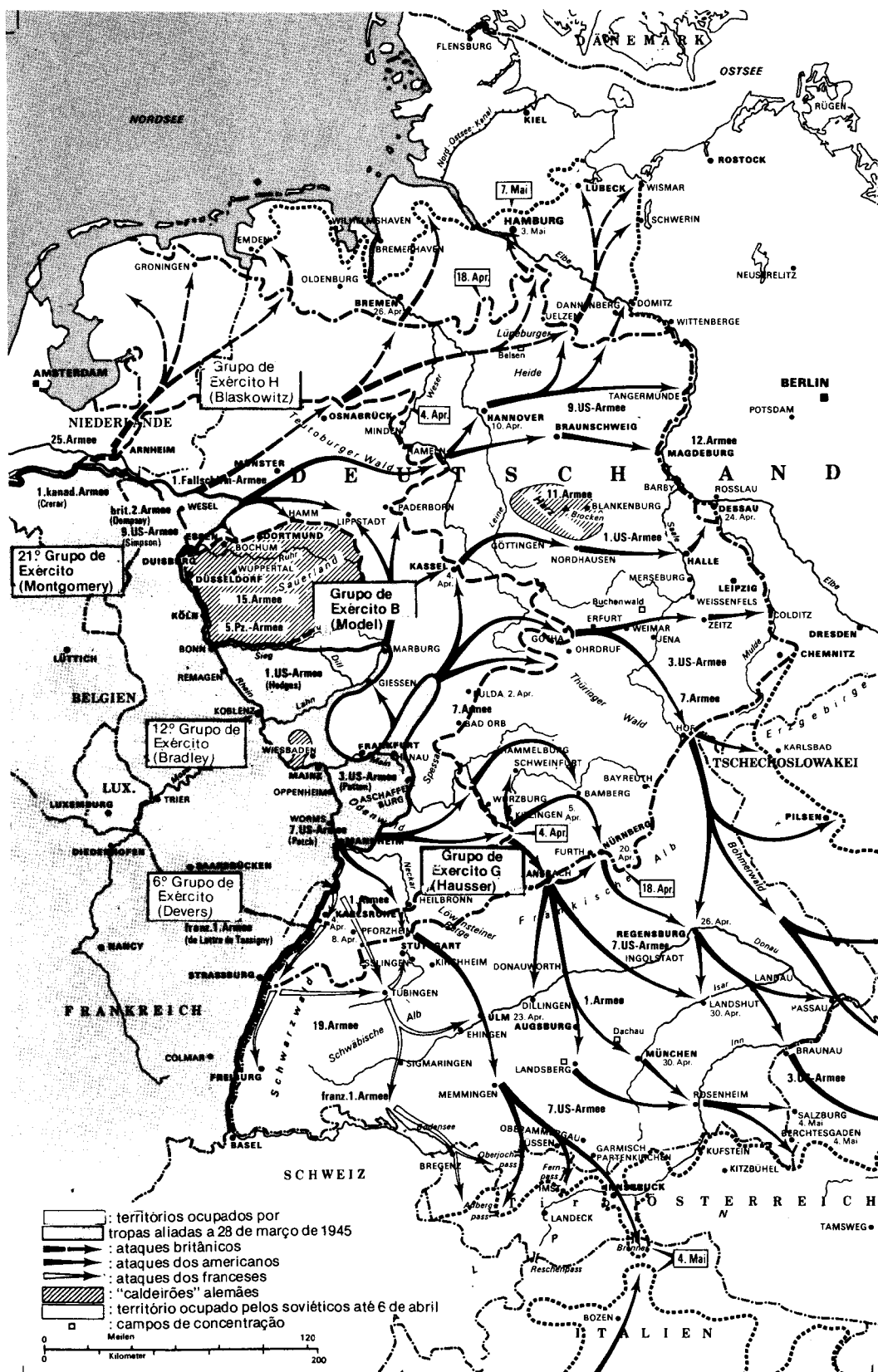


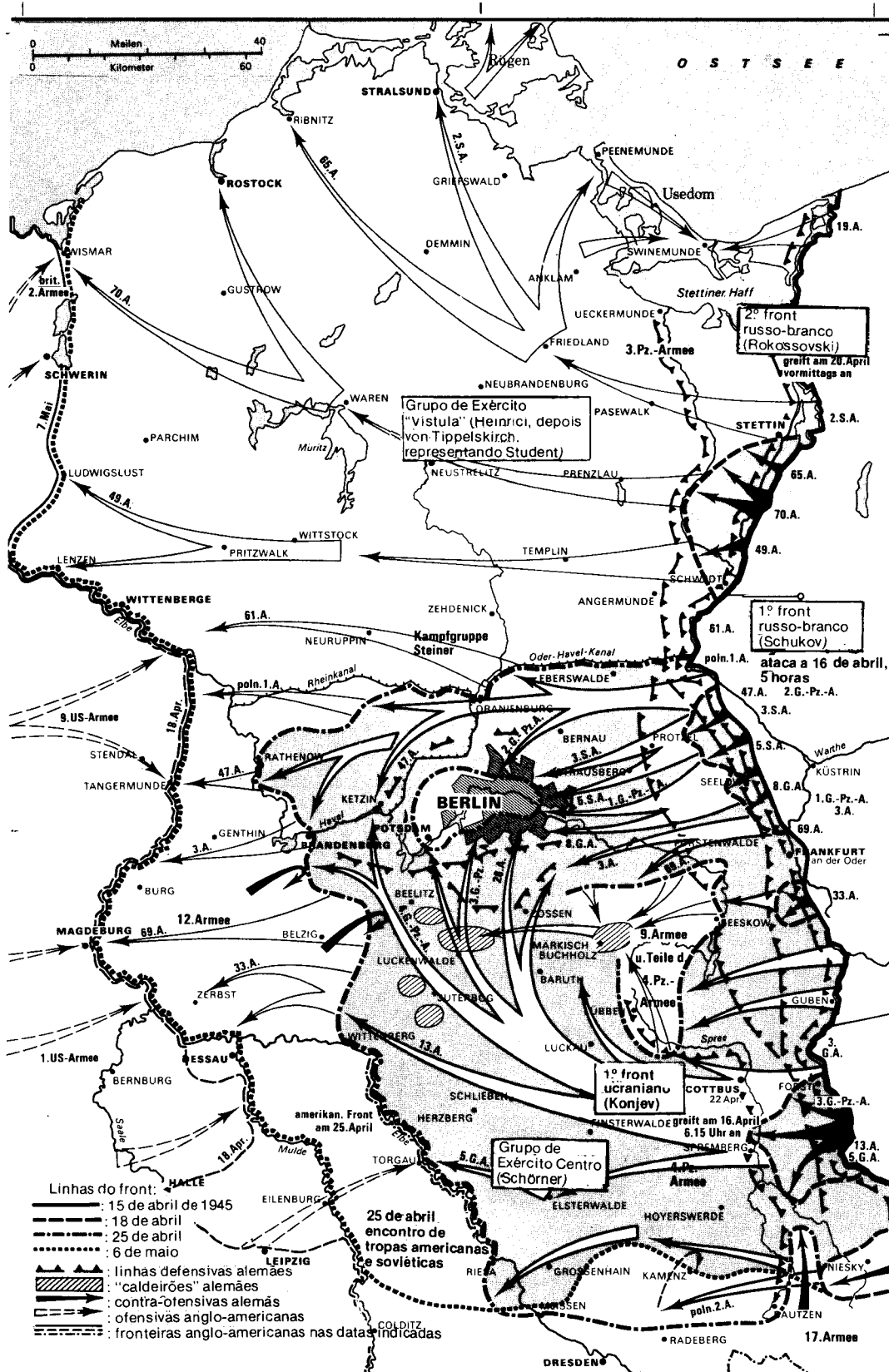














Zonas de Ocupação dos Aliados

	britânica
	americana
	Francesa
	soviética

controlado por comissão das quatro potências

fronteiras alemãs de 1937
 outras fronteiras antes da guerra

territórios alemães ocupados por soviéticos

	União Soviética
	idem por poloneses
	fronteiras polonesas e soviéticas de 1945

0 2
0 3
Meilen
Kilometer

ESTA OBRA FOI COMPOSTA
PELA COMPOSITORA HELVÉ-
TICA, IMPRESSA NA EDITORA
VOZES, PARA A EDITORA NOVA
FRONTEIRA S.A., EM DEZEMBRO
DE MIL NOVECENTOS E SETEN-
TA E OITO

*Não encontrando este livro nas livrarias, pedir pelo Reembolso Postal
à EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A. — Rua Maria Angélica, 168
Lagoa — CEP. 22.461 — Rio de Janeiro*